

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
ESTUDOS LINGUÍSTICOS

Marcelo Alessandro Limeira dos Anjos

MARCAS TOPONÍMICAS EM SOLO PIAUIENSE: SEGUINDO AS
TRILHAS DAS ÁGUAS

Belo Horizonte
Faculdade de Letras da UFMG
2012

Marcelo Alessandro Limeira dos Anjos

MARCAS TOPONÍMICAS EM SOLO PIAUIENSE: SEGUINDO AS
TRILHAS DAS ÁGUAS

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do grau de Doutor em Linguística Teórica e Descritiva.

Área de concentração: Linguística Teórica e Descritiva

Linha de Pesquisa: D

Orientadora: Maria Cândida Trindade Costa de Seabra

**Tese aprovada em 11/06/ 2012 pela Banca Examinadora constituída pelos
Professores Doutores:**

**Profa. Dra. Maria Cândida Trindade Costa de Seabra – UFMG
Orientadora**

Profa. Dra. Aparecida Negri Isquerdo -UFMS

Profa. Dra. Maria Antonieta Amarante de Mendonça Cohen - UFMG

Profa. Dra. Karylleila dos Santos Andrade - UFT

Profa. Dra. Márcia Cristina de Brito Rumeu - UFMG

Dedicatória Especial

À pequena Júlia, que, faz dois anos, chegou com um sorriso lindo (Matinal hábito, escuta minhas preces / Atravessa esse Rio de mim e me afaga fino por entre dois dentes /Esquenta meu humor por eles e me traga de volta) M. Anjos

Homenagem

Aos indígenas do Piauí, que aos *Domingos*
tiveram de calar-se.

Agradecimentos

À Professora Dra. Maria Cândida Trindade Costa de Seabra por me orientar, mesmo na incerteza da minha ida para Minas Gerais, e pelas valiosas indicações de leitura, sem as quais esta tese, dificilmente, teria sido concluída a contento.

À professora Dra. Aparecida Negri Isquerdo pelas indicações de leitura e pelas sugestões de acréscimo e revisão de alguns pontos da tese quando da qualificação.

À professora Dra. Maria Antonieta Amarante de Mendonça Cohen pelas contribuições, sugestões e críticas quando da qualificação.

À professora Dra. Karylleila dos Santos Andrade pela aceitação do convite para compor a banca e pelas críticas e sugestões vindouras.

À professora Dra. Márcia Cristina de Brito Rumeu pela aceitação do convite para compor a banca e pelas críticas e sugestões vindouras.

À Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, pela realização do projeto DINTER – UFPI/UFMG.

À Paula, companheira de todas as horas, pelas inúmeras ajudas, que foram desde a revisão desta tese, passando pela feitura da apresentação, até a tradução do resumo para o francês. A você meu muitíssimo obrigado.

Resumo

Nesta pesquisa, trabalhou-se com um *corpus* total de 2881 Hidrônimos, divididos em dois tipos de fontes, as pretéritas (a *Descrição* do Piauí, três cartas e um mapa antigos), com 176 Hidrônimos; e as contemporâneas, com 2705. Para a catalogação dos Hidrônimos constantes nas fontes atuais, foram selecionadas as mesorregiões Sudeste e Sudoeste do Estado do Piauí e suas respectivas microrregiões, haja vista a importância histórica delas para a colonização estadual. A classificação dos Hidrônimos, em taxas de Natureza Física e Antropocultural, foi feita com base na proposta taxionômica DICK (1992a). Com esta classificação, intentou-se estabelecer padrões motivacionais tanto para as fontes pretéritas quanto para as contemporâneas. Buscou-se ainda a correlação entre área fitogeográfica e toponímica, a partir da ocorrência do Topônimo Buriti nas duas mesorregiões. Foram listados também alguns exemplares linguísticos, mormente os constantes nas fontes antigas, para, em comparação com os das contemporâneas, evidenciar casos em que houve variação ortográfica, modificações fonéticas e desaparecimento parcial ou total do Topônimo. Como consequência da própria Análise do objeto desta pesquisa (os Hidrônimos), propôs-se ampliar a classificação da taxa dos hidrotopônimos. Do cômputo geral da proposta taxionômica de Dick (1992a), fez-se a revisão da taxa dos numerotopônimos e dos cronotopônimos. Dada a alta frequência de sintagmas toponímicos com preposição *DE*, nos dados contemporâneos, buscou-se discutir tais estruturas em correlação com a atribuição de papéis semânticos, o que, por sua vez, permitiu tanto alguns diálogos com a História Social local, quanto a proposição de quatro grupos em que figurem papéis semânticos encontrados na Análise. Foi possível constatar, no caso das fontes pretéritas, que as taxas de Natureza Física mais recorrentes foram a **Zoo** e **Hidro**, o que sugere um padrão zoológico e hidrológico para estas primeiras fontes. Na primeira e na segunda fonte do passado, mas já com decréscimo na segunda, foi possível constatar, no caso das taxas de Natureza Antropocultural, a frequência significativa da taxa **Hagio**. Nas fontes contemporâneas, predominou, no caso das taxas de Natureza Física, para todas as microrregiões das duas mesorregiões, a taxa **Fito**, donde já se vê uma mudança de um padrão zoológico e hidrológico das fontes pretéritas para um padrão fitológico das fontes atuais. Ainda sobre as fontes atuais, o comportamento quanto à ocorrência da taxa **Hidro**, por exemplo, deu-se de modo diverso nas duas mesorregiões e também entre microrregiões da mesma mesorregião (Sudoeste). Nesta, parece haver dois grupos que se diferem, principalmente quanto à ocorrência da taxa **Hidro**, ou seja, nas microrregiões mais austrais (Alto Médio Gurgueia, Alto Parnaíba e Chapadas do Extremo Sul), aquelas em que tanto a presença dos grandes cursos d'água é sentida de modo mais marcante, principalmente na primeira e na segunda, quanto o regime climático predominante é diverso daquele encontrado na mesorregião Sudeste, a ocorrência da taxa **Hidro** figura sempre como a segunda mais frequente. Já nas outras três microrregiões da mesorregião Sudoeste (Floriano, Bertolândia e São Raimundo Nonato), a ocorrência da taxa **Hidro** se assemelha muito mais ao que fora encontrado para as três microrregiões da mesorregião Sudeste (Picos, Pio IX e Alto Médio Canindé). Levando-se em conta essas considerações sobre os dados pretéritos e contemporâneos, cumpre reiterar a importância dos estudos toponímicos para a recuperação e manutenção do *modus vivendi* de povos que gravaram, nos acidentes físicos e humanos, sua peculiar mundividência/cosmovisão. Tal cosmovisão, resgatada pela Análise de cartas/mapa antigos e mapas contemporâneos, pode ser expressa pela distribuição das taxas de Natureza Física e Antropocultural, as quais podem configurar determinados padrões motivacionais de determinada época. Tais padrões podem, à luz da História Social, sobrelevar importantes aspectos históricos, ideológicos etc., quando da nomeação dos lugares. Reitera-se, por fim, a importância de estudos regionais como este para o futuro mapeamento onomástico-toponímico do território brasileiro, em suas diversas manifestações regionais e locais.

PALAVRAS-CHAVE: Hidronímia; padrão motivacional; área geográfica; área toponímica; fontes antigas; fontes contemporâneas.

Abstract

This research worked with a total *corpus* of 2881 Hydronyms, divided into two types of sources, preterite (the Description of Piauí, three old letters and one old map), with 176 Hydronyms; and contemporary, with 2705. In order to classify Hydronyms constraint in contemporary sources, the study selected the Southeast and Southwest mesoregions of the state of Piauí and their respective microregions, given their historical contribution to colonize the state. The classification of Hydronyms, in elements of Physical and Anthropocultural Nature, was done with basis on DICK's (1992a) taxonomic proposal. With this classification at hand, the study aimed to establish motivational patterns for both preterite and contemporary sources. It also tried to establish a correlation between phytogeographic and toponymical areas by analyzing the occurrence of the Toponym Buriti in both mesoregions. Some linguistic examples were also listed, especially those constant in older sources, so as to, in comparison with contemporary sources, point out cases in which there were orthographical variation, phonetic changes and partial or complete disuse of the Toponym. As a consequence of the very Analysis of the object of this research (Hydronyms), it was proposed to expand the classification of the elements of hydrotoponyms. The overall result of Dick's (1992a) taxonomic proposal allowed us to revise the element of numero-toponyms and chrono-toponyms. Given the high occurrence of toponymical syntagmas with the preposition *OF*, in contemporary data, the study tried to discuss such structures in correlation with the attribution of semantic roles, which, in its turn, allowed for both dialogue with the local Social History and the assumption of four groups which show semantic roles found in this Analysis. It was possible to observe, in the case of the preterite sources, that the most recurring elements of Physical Origins were **Zoo** and **Hidro**, which suggests a Zoological and Hydrological pattern for these first sources. In the first and the second preterite sources, but already with a decrease in the latter, it was possible to observe, in the case of elements with Anthropocultural Nature, the significant occurrence of the element **Hagio**. In the contemporary sources, in the case of elements of Physical Nature, for all microregions and both mesoregions, the element **Fito** was most common, where it is possible to see a change from the zoological and hydrological pattern of the preterite sources to a phytological pattern of current sources. Still on contemporary sources, the reaction to the frequency of the element **Hidro**, for instance, occurred in different ways in both mesoregions and also between microregions in the same mesoregion (Southwest). In this one, there seems to be to groups that differ, especially regarding the occurrence of the element **Hidro**, that is, in most southern regions (*Alto Média Gurgueia, Alto Parnaíba and Chapadas do Extremo Sul*), those in which the presence of large streams of water, especially in the first and the second regions aforementioned, and in those where the climate differs from what is found in the Southeast mesoregion, the occurrence of the element **Hidro** is the second most frequent. On the other hand, in the other three micro-regions of the Southwest mesoregion (*Floriano, Bertolândia and São Raimundo Nonato*), the occurrence of the element **Hidro** has many more similarities to what is found for the three microregions of the Southeast mesoregion (*Picos, Pio IX and Alto Médio Canindé*). Taking these considerations into account, it is worth to reaffirm the importance of toponymical studies for the recovery and maintenance of the *modus vivendi* of the peoples who have recorded, in physical and human events, their peculiar view of the world. Such view, retrieved by the Analysis of old as well as contemporary letters and maps, can be expressed by the distribution of elements with Physical and Anthropocultural Nature, which may set certain motivational patterns of a certain age. Such patterns, in the light of Social History, evidence different historical and ideological aspects concerning naming places. It is worth to point out, finally, the importance of regional studies like this for future onomastic and toponymical mapping of the Brazilian territory, in its various local and regional manifestations.

Key words: Hydronomy; Motivational Pattern; Geographical Area; Toponymical Area; Preterite Sources; Contemporary Sources.

Résumé

Dans cette recherche, nous avons travaillé avec un corpus total de 2881 hidronymes, ils sont divisés en deux types de sources, les passées (la *Descrição* du Piauí, trois lettres et une carte anciennes), avec 176 hidronymes; et les contemporaines, avec 2705. Pour le catalogage des hidronymes constants dans les sources actuelles, ils ont été sélectionnés les *mesorregiões* Sud-est et Sud-ouest de l'État du Piauí et les respectives *microrregiões*, à cause de l'importance historique de ces régions pour la colonisation de l'État. Le classement des hidronymes, en taxons de Nature Physique et Anthropoculturelle, a été fait à partir de la proposition taxinomique DICK (1992a). Avec ce classement, nous avons établi quelques normes motivables tantôt pour les sources passées tantôt pour les contemporaines. Dans un premier moment, nous avons recherché la corrélation entre la zone *fitogeográfica* et le toponymique, à partir de la présence du toponyme *Buriti* dans les deux *mesorregiões*. Nous avons énuméré aussi quelques exemplaires linguistiques, surtout les constantes dans les sources anciennes, pour, en comparaison avec celles contemporaines, montrer quelques cas dont il a y eu la variation orthographique, les modifications phonétiques et la disparition partielle ou totale du toponyme. Par conséquent, de la propre Analyse de l'objet de cette recherche (les hidronymes), nous avons proposé élargir le classement du taxon des hydrotoponymes. De l'activité toponymique élaborée dans l'abordage de Dick (1992a), nous avons fait la révision du taxon des numerotoponymes et des chronotoponymes. À cause de la fréquence de syntagmes toponymiques avec la préposition *DE*, dans les données contemporaines, nous avons recherché à discuter telles structures en corrélation avec l'attribution de rôles sémantiques, ce qui, en revanche, nous a permis de faire quelques dialogues avec l'Histoire Sociale du local, ainsi comme la proposition de quatre groupes où il y a des rôles sémantiques trouvés dans l'Analyse. Nous avons constaté, dans le cas des sources passées, que les taxons de Nature Physique plus récurrents ont été *Zoo* et *Hidro*, ce qui suggère une norme zoologique et une hydrologique pour les premières sources. Dans la première et dans la deuxième source du passé, mais déjà avec la diminution dans la deuxième, nous avons vérifié, dans le cas du taxon de Nature Anthropoculturelle, la fréquence significative du taxon *Hagio*. Dans les sources contemporaines, il a prédominé, dans le cas des taxons de Nature Physique, pour tous les *microrregiões* des deux *mesorregiões*, le taxon *Fito*, dont nous avons vu un changement d'une norme zoologique et aussi hydrologique des sources passées pour une norme phytologique des sources actuelles. Encore sur les sources actuelles, le comportement sur la présence du taxon *Hidro*, par exemple, il s'est donné de moyens différents dans les deux *mesorregiões* et aussi entre *microrregiões* de même *mesorregião* (Sud-ouest). Dans celle-ci, semble y avoir deux groupes qui se diffèrent, surtout par le fait de la présence du taxon *Hidro*, ainsi, dans les *microrregiões* plus du sud (*Alto Médio Gurgueia*, *Alto Parnaíba* et *Chapadas do Extremo Sul*), où tantôt la présence des grands cours d'eau est sentie de façon remarquable, surtout dans la première et dans la deuxième, tantôt comme le régime climatique prédominant est divers de celui trouvé dans la *mesorregião* Sud-est, la présence du taxon *Hidro* figure toujours comme la seconde la plus fréquente. Mais dans les autres trois *microrregiões* de la *mesorregião* Sud-ouest (*Floriano*, *Bertolândia* et *São Raimundo Nonato*), la présence du taxon *Hidro* se ressemble beaucoup plus avec à ce qui sont trouvés pour trois *microrregiões* de la *mesorregião* Sud-est (*Picos*, *Pio IX* et *Alto Médio Canindé*). A partir de ces considérations sur les données passées et contemporaines, nous réitérons l'importance des études toponymiques pour la récupération et le maintien du *modus vivendi* de peuples qui ont enregistré, dans les entités physiques et humaines, sa particulière conception de monde. Telle conception de monde, sauvée par l'Analyse de lettres/carte anciennes et cartes contemporaines, peut être exprimée par la distribution des taxons de Nature Physique et Anthropoculturelle, qui peuvent déterminer quelques normes motivables d'une époque. Telles normes peuvent montrer, à la lumière de l'Histoire Sociale, des importants aspects historiques idéologiques etc, au moment de la nomination des lieux.

Nous réitérons, finalement, l'importance d'études régionales comme celle-ci pour le *mapeamento onomástico-toponímico* du territoire brésilien, dans ses diverses manifestations régionales et locales.

MOTS-CLÉS: Hidronymie; norme motivable; zone géographique; zone toponymique; sources anciennes; sources contemporaines.

ABREVIATURAS GERAIS

A – Antroponímia

cf. – confira

DeHlp - *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

l. – linha

LA – Língua Africana

LAR – Língua Aruaque (Ver nota 52)

LC – Língua Caribe (Ver nota 52)

LE – Língua Espanhola

LIT – Língua Italiana

LJ – Língua Jê (Ver nota 52)

LP – Língua Portuguesa

LT – Língua Tupi

n/c – não classificado

n/e – não encontrado

p. – página

pp. - páginas

quant. – quantificação

qualif. – qualificação

T – Toponímia

ABREVIATURAS DAS TAXES

Astro - Astrotopônimo

Cardino - Cardinotopônimo

Cromo - Cromotopônimo

Dimensio- Dimensiotopônimo

Fito - Fitotopônimo

Geomorfo - Geomorfotopônimo

Hidro- Hidrotopônimo

Hidro-cromo - Hidro-cromo-topônimo

Hidro-hiper - Hidro-hiper-topônimo

Hidro-hipo - Hidro-hipo-topônimo
Hidro-termo - Hidro-termo-topônimo
Hidro-halo - Hidro-halo-topônimo
Hidro-aspecto - Hidro-aspecto-topônimo
Lito - Litotopônimo
Meteoro - Meteorotopônimo
Morfo - Morfotopônimo
Zoo - Zootopônimo
Animo - Animotopônimo
Antropo - Antropotopônimo
Axio - Axiotopônimo
Coro - Corotopônimo
Crono - Cronotopônimo
Eco - Ecotopônimo
Ergo - Ergotopônimo
Etno - Etnotopônimo
Dirremato - Dirrematotopônimo
Hiero - Hierotopônimo
Hagio - Hagiotopônimo
Mito - Mitotopônimo
Historio - Historiotopônimo
Hodo - Hodotopônimo
Numero - Numerotopônimo
Polio - Poliotopônimo
Socio - Sociotopônimo
Somato - Somatotopônimo

SÍMBOLOS

$x > y$	x se transforma em y
$x < y$	x provém de y
\approx	formas variantes ou variação ortográfica
\cap	intersecção
*	indica se tratar de uma reconstrução
[a] ¹	vogal aberta central não arredondada
[ẽ]	vogal semiaberta central não arredondada nasal
[b]	consoante oclusiva bilabial sonora
[i]	vogal fechada anterior não arredondada
[m]	consoante nasal bilabial sonora
[u]	vogal fechada posterior arredondada
[t]	consoante oclusiva dental surda
[v]	consoante fricativa labiodental sonora

¹ Os símbolos fonéticos utilizados nesta pesquisa seguem o *Alfabeto Fonético Internacional* (IPA).

LISTA DE QUADROS

Quadro	Página
1. Onomatologia	45
2. Tribos do Piauí e respectivas localizações	105
3. Percentuais de Ocupação de espaço físico, número de tribos e de habitantes.....	107
4. Percentuais de Ocupação de espaço físico, número de tribos e de habitantes.....	108
5. Nações Indígenas do Piauí.....	109
6. Taxes de Natureza Física.....	113
7. Taxes de Natureza Antropocultural	113
8. Ficha Toponímica	115
9. Língua de Origem dos Topônimos	118
10. Rios e riachos em a <i>Descrição</i> , de Miguel de Carvalho (1697).....	124
11. Percentual das taxes de a <i>Descrição</i> (1697)	127
12. Percentual das origens dos Hidrônimos de a <i>Descrição</i> (1697).....	127
13. Classificação taxionômica dos Hidrônimos da <i>Carta Geografica da capitania do Piauí</i> (...) (1760).....	128
14. Percentual das taxes da <i>Carta Geografica da capitania do Piauí</i> (...) (1760)	130
15. Percentual das origens dos Hidrônimos da <i>Carta Geografica da capitania do Piauí</i> (...) (1760).....	131
16. Classificação taxionômica dos Hidrônimos da <i>Carte Geographique de Piauí, province de l'Empire du Bresil</i> (...) (1828).....	132
17. Percentual das taxes da <i>Carte Geographique de Piauí, province de l'Empire du Bresil</i> (...) (1828)	133
18. Percentual das origens dos Hidrônimos da <i>Carte Geographique de Piauí, province de l'Empire du Bresil</i> (...) (1828).....	133
19. Classificação taxionômica dos Hidrônimos da <i>Carta Corográfica das Províncias do</i>	

<i>Maranhão e Piauí</i> (...) (1855).....	135
20. Percentual das taxas da <i>Carta Corográfica das Províncias do Maranhão e Piauí</i> (...) (1855).....	135
21. Percentual das origens dos Hidrônimos da <i>Carta Corográfica das Províncias do</i> <i>Maranhão e Piauí</i> (...) (1855).....	136
22. Classificação taxionômica dos Hidrônimos do mapa Estado do Piauí (1913).....	137
23. Percentual das taxas do mapa Estado do Piauí (1913)	138
24. Percentual das origens dos Hidrônimos do mapa Estado do Piauí (1913)	139
25. Classificação Taxionômica dos Hidrônimos da Microrregião de Picos.....	140
26. Percentual das taxas da Microrregião de Picos	148
27. Percentual das origens dos Hidrônimos da Microrregião de Picos	148
28. Classificação Taxionômica dos Hidrônimos da Microrregião de Pio IX.....	149
29. Percentual das taxas da Microrregião de Pio IX.....	154
30. Percentual das origens dos Hidrônimos da Microrregião de Pio IX	155
31. Classificação Taxionômica dos Hidrônimos da Microrregião do Alto Médio Canindé	156
32. Percentual das taxas da Microrregião do Alto Médio Canindé.....	168
33. Percentual das origens dos Hidrônimos da Microrregião do Alto Médio Canindé.....	169
34. Classificação Taxionômica dos Hidrônimos da Microrregião do Alto Médio Gurgueia	170
35. Percentual das taxas da Microrregião do Alto Médio Gurgueia	186
36. Percentual das origens dos Hidrônimos da Microrregião do Alto Médio Gurgueia	186
37. Classificação Taxionômica dos Hidrônimos da Microrregião do Alto Parnaíba	187
38. Percentual das taxas da Microrregião do Alto Parnaíba piauiense.....	198
39. Percentual das origens dos Hidrônimos da Microrregião do Alto Parnaíba piauiense ..	198
40. Classificação Taxionômica dos Hidrônimos da Microrregião de Bertolândia	199
41. Percentual das taxas da Microrregião de Bertolândia	205

42. Percentual das origens dos Hidrônimos da Microrregião de Bertolândia.....	205
43. Classificação Taxionômica dos Hidrônimos da Microrregião das Chapadas (...)	206
44. Percentual das taxas da Microrregião das Chapadas do extremo sul	219
45. Percentual das origens dos Hidrônimos da Microrregião das Chapadas do extremo sul	220
46. Classificação Taxionômica dos Hidrônimos da Microrregião de Floriano.....	221
47. Percentual das taxas da Microrregião de Floriano.....	227
48. Percentual das origens dos Hidrônimos da Microrregião de Floriano	228
49. Classificação Taxionômica dos Hidrônimos da Microrregião de São Raimundo.....	229
50. Percentual das taxas da Microrregião de São Raimundo Nonato.....	242
51. Percentual das origens dos Hidrônimos da Microrregião de São Raimundo Nonato	243

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico	Página
1. Percentuais das taxas de Natureza Física em a <i>Descrição</i> (1697).....	245
2. Percentuais das taxas de Natureza Antropocultural em a <i>Descrição</i> (1697).....	245
3. Percentuais da Origem dos Topônimos em a <i>Descrição</i> (1697)	246
4. Percentuais das taxas de Natureza Física em a <i>Carta Geografica da Capitania do Piauí, e partes adjacentes</i> (1760)	247
5. Percentuais das taxas de Natureza Antropocultural em a <i>Carta Geografica da Capitania do Piauí, e partes adjacentes</i> (1760)	248
6. Percentuais da Origem dos Topônimos em a <i>Carta Geografica da Capitania do Piauí, e partes adjacentes</i> (1760)	248
7. Percentuais das taxas de Natureza Física em <i>Carte Geographique de Piauí, province de l'Empire du Bresil</i> (1828)	249
8. Percentuais das taxas de Natureza Antropocultural em <i>Carte Geographique de Piauí, province de l'Empire du Bresil</i> (1828).....	250
9. Percentuais da Origem dos Topônimos em a <i>Carte Geographique de Piauí, province de l'Empire du Bresil</i> (1828)	250
10. Percentuais das taxas de Natureza Física em <i>Carta Corográfica das províncias do Maranhão e Piauí e partes das do Pará, Goyáz, Bahia, Pernambuco e Ceará</i> (1855).....	252
11. Percentuais das taxas de Natureza Antropocultural em <i>Carta Corográfica das províncias do Maranhão e Piauí e partes das do Pará, Goyáz, Bahia, Pernambuco e Ceará</i> (1855).....	252
12. Percentuais da Origem dos Topônimos em a <i>Carta Corográfica das províncias do Maranhão e Piauí e partes das do Pará, Goyáz, Bahia, Pernambuco e Ceará</i> (1855).....	253
13. Percentuais das taxas de Natureza Física em o mapa do <i>Estado do Piauí</i> (1913).....	255
14. Percentuais das taxas de Natureza Antropocultural em o mapa do <i>Estado do Piauí</i> (...)	255
15. Percentuais da Origem dos Topônimos em o mapa do <i>Estado do Piauí</i> (1913)	256
16. Percentuais das taxas de Natureza Física na microrregião de Picos.....	261

17. Percentuais das taxes de Natureza Antropocultural na microrregião de Picos.....	261
18. Percentuais da Origem dos Topônimos na microrregião de Picos	262
19. Percentuais das taxes de Natureza Física na microrregião de Pio IX.....	263
20. Percentuais das taxes de Natureza Antropocultural na microrregião de Pio IX.....	264
21. Percentuais da Origem dos Topônimos na microrregião de Pio IX	264
22. Percentuais das taxes de Natureza Física na microrregião do Alto Médio Canindé	265
23. Percentuais das taxes de Natureza Antropocultural na microrregião do Alto Médio Canindé.....	266
24. Percentuais da Origem dos Topônimos na microrregião do Alto Médio Canindé.....	267
25. Percentuais das taxes de Natureza Física na microrregião do Alto Médio Gurgueia.....	269
26. Percentuais das taxes de Natureza Antropocultural na microrregião do Alto Médio Gurgueia	270
27. Percentuais da Origem dos Topônimos na microrregião do Alto Médio Gurgueia	270
28. Percentuais das taxes de Natureza Física na microrregião do Alto Parnaíba Piauiense.	272
29. Percentuais das taxes de Natureza Antropocultural na microrregião do Alto Parnaíba Piauiense.....	272
30. Percentuais da Origem dos Topônimos na microrregião do Alto Parnaíba Piauiense ...	273
31. Percentuais das taxes de Natureza Física na microrregião de Bertolândia	274
32. Percentuais das taxes de Natureza Antropocultural na microrregião de Bertolândia	274
33. Percentuais da Origem dos Topônimos na microrregião de Bertolândia.....	275
34. Percentuais das taxes de Natureza Física na microrregião das Chapadas do Extremo Sul Piauiense.....	276
35. Percentuais das taxes de Natureza Antropocultural na microrregião das Chapadas do Extremo Sul Piauiense.....	277
36. Percentuais da Origem dos Topônimos na microrregião das Chapadas do Extremo Sul Piauiense.....	277
37. Percentuais das taxes de Natureza Física na microrregião de Floriano.....	279
38. Percentuais das taxes de Natureza Antropocultural na microrregião de Floriano.....	279

39. Percentuais da Origem dos Topônimos na microrregião de Floriano	280
40. Percentuais das taxes de Natureza Física na microrregião de São Raimundo Nonato... 281	
41. Percentuais das taxes de Natureza Antropocultural na microrregião de São Raimundo Nonato	282
42. Percentuais da Origem dos Topônimos na microrregião de São Raimundo Nonato	282

LISTA DE FIGURAS

Figura	Página
1. Onomástica	41
2. Transformação de um lexema em lexia e em Topônimo.....	42
3. Triângulo de Odgens e Richards	51
4. Modelo de percepção da realidade	53
5. Triângulo de Alinei.....	56
6. Termo genérico funcionando como Topônimo	60
7. Sintagma toponímico simples e composto	60

LISTA DE FOTOS

Foto	Página
1. Pinturas rupestres do Parque Nacional da Serra da Capivara.....	87
2. Pinturas rupestres do Parque Nacional da Serra da Capivara.....	88
3. Pinturas rupestres do Parque Nacional da Serra da Capivara.....	88
4. Formações rochosas no Alto da Pedra Furada	89
5. Parque Nacional Serra das Confusões	90
6. Rio Parnaíba	93
7. Poço Violetto	94

LISTA DE MAPAS E CARTAS

Mapa	Página
1. Regiões culturais do Brasil	76
2. Mesorregião Norte piauiense.....	80
3. Mesorregião Centro-Norte.....	80
4. Mesorregião Sudeste	80
5. Mesorregião Sudoeste	80
6. Tipos climáticos.....	83
7. Formações vegetais do Piauí	85
8. Principais rios, lagos e barragens do Piauí	95
9. Distribuição espacial das nações indígenas do Piauí.....	101
10. Línguas da América do Sul	110
11. Estado do Piauí	136
 Carta	
1. <i>Carta Geográfica da Capitania do Piauí, e partes das adjacentes</i>	128
2. <i>Carte Geographique de Piauí, province de l'Empire du Bresil</i>	131
3. <i>Carta Corográfica das Províncias do Maranhão e Piauí e (...)</i>	134

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	28
CAPÍTULO 1 – NOMEAÇÃO	33
1.1 A Onomástica	39
1.2 A Toponímia.....	43
1.3 O Signo Linguístico.....	48
1.4 O Nome Próprio	57
1.5 O Sintagma Toponímico.....	59
1.6 Adjetivos em função toponímica: proposta de ampliação taxionômica.....	61
1.7 Léxico e Sociedade.....	71
CAPÍTULO 2 – ASPECTOS GEOHISTÓRICOS DO ESTADO DO PIAUÍ	79
2.1 Aspectos geográficos do Piauí.....	81
2.2 Aspectos geológicos	82
2.3 Aspectos climáticos	82
2.4 Aspectos fitográficos	83
2.5 Aspectos orográficos	85
2.6 Aspectos hidrográficos	91
2.7 Colonização do Estado do Piauí	96
2.8 Indígenas no Piauí	101
CAPÍTULO 3 – PROCEDIMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS	112
3.1 A classificação taxionômica	112
3.1.1 Classificação taxionômica: taxes de Natureza Física.....	113

3.1.2 Classificação taxionômica: taxes de Natureza Antropocultural	113
3.2 Ficha Toponímica	115
3.3 Métodos e Procedimentos.....	119
CAPÍTULO 4: APRESENTAÇÃO DOS DADOS.....	122
4.1 <i>Descrição</i> e Cartas e mapas antigos	122
4.1.1 <i>Descrição</i>	124
4.1.2 Carta Geografica da Capitania do Piauí	128
4.1.3 <i>Carte Geographique de Piauhy</i>	131
4.1.4 Carta Corográfica das Províncias do Maranhão e Piauhy (...)	134
4.1.5 mapa do Estado do Piauhy	136
4.2 Hidrônimos da mesorregião Sudeste	139
4.2.1 Microrregião de Picos.....	139
4.2.1.1 Hidrônimos da microrregião de Picos	140
4.2.1.2 Dados da Ficha	148
4.2.2 Microrregião de Pio IX.....	148
4.2.2.1 Hidrônimos da microrregião de Pio IX	149
4.2.2.2 Dados da Ficha	154
4.2.3 Microrregião do Alto Médio Canindé	155
4.2.3.1 Hidrônimos da microrregião do Alto Médio Canindé.....	156
4.2.3.2 Dados da Ficha	168
4.3 Hidrônimos da mesorregião Sudoeste	169
4.3.1 Microrregião do Alto Médio Gurgueia.....	169
4.3.1.1 Hidrônimos da microrregião do Alto Médio Gurgueia	170
4.3.1.2 Dados da Ficha	186

4.3.2 Microrregião do Alto Parnaíba piauiense	186
4.3.2.1 Hidrônimos da microrregião do Alto Parnaíba piauiense	187
4.3.2.2 Dados da Ficha	198
4.3.3 Microrregião de Bertolândia	198
4.3.3.1 Hidrônimos da microrregião de Bertolândia	199
4.3.3.2 Dados da Ficha	205
4.3.4 Microrregião das Chapadas do extremo sul piauiense	206
4.3.4.1 Hidrônimos da microrregião das Chapadas do extremo sul piauiense	206
4.3.4.2 Dados da Ficha	219
4.3.5 Microrregião de Floriano	220
4.3.5.1 Hidrônimos da microrregião de Floriano	221
4.3.5.2 Dados da Ficha	227
4.3.6 Microrregião de São Raimundo Nonato	228
4.3.6.1 Hidrônimos da microrregião de São Raimundo Nonato	229
4.3.6.2 Dados da Ficha	242
CAPÍTULO 5 - ANÁLISE DOS DADOS	244
5.1 Cartas e mapa antigos	244
5.1.1 a <i>Descrição do Sertão do Piauí</i> , de Miguel de Carvalho (1697)	244
5.1.2 a <i>Carta Geografica da Capitania do Piaui, e partes adjacentes</i> , de Henrique Antonio Galúcio (1760)	247
5.1.3 a <i>Carte Geographique de Piauhy, province de l'Empire du Bresil</i> (1828)	249
5.1.4 <i>Carta Corográfica das províncias do Maranhão e Piauhy e partes das do Pará, Goyáz, Bahia, Pernambuco e Ceará</i> (1855)	251
5.1.5 mapa do <i>Estado do Piauhy</i> (1913)	254
5.1.6 Considerações sobre as fontes do passado	256

5.2 Mapas contemporâneos	260
5.2.1 Microrregião de Picos.....	260
5.2.2 Microrregião de Pio IX.....	262
5.2.3 Microrregião do Alto Médio Canindé	265
5.2.4 Considerações sobre as três microrregiões da mesorregião Sudeste.....	267
5.2.5 Microrregião do Alto Médio Gurgueia.....	268
5.2.6 Microrregião do Alto Parnaíba piauiense.....	271
5.2.7 Microrregião de Bertolândia	273
5.2.8 Microrregião das Chapadas do extremo sul piauiense	275
5.2.9 Microrregião de Floriano.....	278
5.2.10 Microrregião de São Raimundo Nonato.....	280
5.2.11 Considerações sobre as seis microrregiões da mesorregião Sudoeste.....	283
5.2.12 Considerações sobre as mesorregiões Sudeste e Sudoeste.....	285
5.3 Dados pretéritos e presentes: algumas comparações possíveis	287
5.3.1 O sintagma toponímico preposicionado (DE) e alguns papéis semânticos.....	288
5.4 Fontes Pretéritas	290
5.4.1 Em a <i>Descrição</i> , de Miguel de Carvalho (1697).....	290
5.4.2 Na <i>Carta Geografica da capitania do Piauí</i> (1760).....	290
5.4.3 Na <i>Carte Geographique de Piauí, province de l'Empire du Bresil</i> (...) (1828).....	290
5.4.4 Na <i>Carta Corográfica das Províncias do Maranhão e Piauí</i> (...) (1855)	291
5.4.5 No mapa <i>Estado do Piauí</i> (1913).....	291
5.5 Fontes Contemporâneas.....	291
5.5.1 Mesorregião Sudeste.....	291
5.5.1.1 Microrregião de Picos.....	291
5.5.1.2 Microrregião de Pio IX.....	293

5.5.1.3 Microrregião do Alto Médio Canindé	294
5.5.2 Mesorregião Sudoeste.....	296
5.5.2.1 Microrregião do Alto Médio Gurgueia.....	296
5.5.2.2 Microrregião do Alto Parnaíba Piauiense.....	299
5.5.2.3 Microrregião de Bertolândia	301
5.5.2.4 Microrregião das Chapadas do extremo sul piauiense	302
5.5.2.5 Microrregião de Floriano.....	304
5.5.2.6 Microrregião de São Raimundo Nonato	306
5.5.3 Considerações sobre o Sintagma preposicionado.....	308
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	312
REFERÊNCIAS.....	316
ÍNDICE DE NOMES.....	326

INTRODUÇÃO

As dificuldades postas à realização de um estudo toponímico de determinada área ou região são diversas, sobretudo porque se trabalha na intersecção de variados escopos que, nem sempre, são da formação básica do pesquisador, mas que, no campo de atuação de um toponimista, devem ser, primeiramente, invocados, e, posteriormente, bem utilizados para que se tencione, dentre outras possibilidades, compreender as possíveis motivações que subjazem à escolha de um signo toponímico em detrimento de outro no ato de batismo de um lugar.

Essa compreensão pode favorecer o resgate de uma parcela significativa da mundivência de determinado povo, aclarando aspectos socioculturais latentes nos nomes de lugares, os quais, não raro, opacificaram-se com o tempo, mormente quando se toma a lente dos usuários sincrônicos atuais.

Esta perspectiva de trabalho (toponímica) vem ganhando adeptos Brasil afora e, no caso específico desta pesquisa, pretende-se, a um só tempo, com a inserção desse campo de interesse no Estado do Piauí, tanto inaugurar essa vertente de estudos no meio acadêmico do referido Estado, quanto, principalmente, catalogar, classificar e analisar os Hidrônimos constantes em cinco fontes antigas (um documento; três cartas e um mapa) e também os constantes nos mapas contemporâneos das mesorregiões Sudeste e Sudoeste do Piauí, com base na proposta taxionômica de Dick (1992a) e na história social do período colonial piauiense e, conseqüentemente, pela própria natureza interdisciplinar da área, em informações de outros campos do saber.

Especificamente sobre a seleção das mesorregiões supracitadas, a razão da escolha deve-se ao fato de o Estado ter tido, salvo opiniões em contrário, sua efetiva colonização na direção Sul-Norte, dada a atividade econômica implantada nas glebas piauienses no período colonial (criação de gado), a qual requeria, por razões óbvias, a presença de pequenos e grandes cursos d'água, como o Rio Parnaíba, o Gurgueia, o Uruçui-Preto, o Itaeiras etc. Pode-se dizer, com base na nomenclatura atualmente utilizada pelo IBGE, que a colonização ocorrera, de modo mais significativo, a partir do que geograficamente fica compreendido pelas mesorregiões Sudoeste e Sudeste. A busca de uma trilha, a das águas, justifica-se, porquanto é, a partir dela, que se poderão vislumbrar o resgate de costumes, de visões de mundo, de comportamentos etc. e a manutenção de hábitos dos nomeadores desses elementos geográficos (os Hidrônimos).

Para a consecução dessa empreitada, alguns objetivos serão almejados:

1) Estabelecer, consoante proposta de classificação taxionômica de Dick (1992a), possíveis padrões motivacionais dos Hidrônimos constantes tanto em fontes pretéritas (tomadas isoladamente e entre si), quanto os constantes nos mapas das mesorregiões Sudeste e Sudoeste do Estado do Piauí (tomadas isoladamente, entre si, e entre as fontes do passado). Com isso, procura-se desvelar e recuperar, com o auxílio de informações extralinguísticas (geográficas, históricas, etnográficas, econômicas etc.), a mundividência dos nomeadores da hidronímia estadual;

2) Verificar possível correspondência entre áreas fitogeográficas e áreas toponímicas, a partir da ocorrência de alguns topônimos que possam evidenciar biomas e tipos climáticos específicos;

3) Levantar, com base na cartografia estadual do presente² (MAPAS MUNICIPAIS ESTATÍSTICOS, todos de 2007 e todos também em escala de 1:100.00) e do passado³ (GALÚCIO, 1760; SCHWARZMANN E DE MARTIUS, 1828; SEM AUTORIA, 1855; e MINISTÉRIO DA AVIAÇÃO, 1913); e também em um documento antigo⁴ (MIGUEL DE CARVALHO, 1697), as formas linguísticas constantes nestas fontes para, posteriormente, verificar os casos de variação ortográfica, de mudança fonética, de desaparecimento parcial ou total do Topônimo;

² A cartografia estadual do presente é composta de **mapas municipais estatísticos**, em escala de 1:100. Todos os mapas aqui utilizados foram produzidos pelo IBGE, DSG e outros, em formato raster e/ou vetorial e da Malha Municipal Digital do IBGE, com atualização proveniente de diversas fontes, sem tratamento pleno de integração e completude dos elementos cartográficos.

³ A carta mais antiga de que se tem notícia sobre o Piauí é do século XVIII (**Carta Geografica da Capitania do Piauí**, e partes adjacentes), precisamente de 1760, de autoria do engenheiro Henrique Antonio Galúcio. Esta Carta possui a seguinte descrição física: “1 mapa ms. : col., desenho a nanquim ; 58,5 x 85cm. em f. 61,5 x 88cm. Abrange o Estado do Piauí e a costa norte, desde a Baía do Quatipuru, Pará, até Jericoacoara, Ceará. Mostra parte das Capitânicas do Maranhão e Pernambuco e ao sul Terras Novas da Natividade. Contém cidades, vilas, fazendas, serras e povoados. Indica rios: Gurupi, Turiaçu, Pinaré [Pindaré], Mearim, Itapucuru [Itapecuru], Meny [Munim], Parnaíba etc. No canto superior esquerdo: S.Cl.1 nº1. Parece ser cópia de 1809 em: Dicionário histórico e documental dos arquitetos... / Sousa Viterbo”. A carta encontra-se disponível no site da Biblioteca Nacional, http://catcrd.bn.br/scripts/odwp032k.dll?T=gs&GPR=fbn_cartografia&PR=cartografia_pr&DB=cartografia&use=kw_livre&ss=new&disp=list&sort=off&ARG=galuci&button=pesquisar.

⁴ O documento mais antigo de que se tem notícia sobre o povoamento do Piauí e, que se utilizará nesta pesquisa, é a **Descrição do Sertão do Piauí**, de 1697, do Padre Miguel de Carvalho, sacerdote português que serviu na diocese de Pernambuco. Os dois exemplares de que dispomos são um de 1993 e outro de 2009, com notas e comentários de Pe. Melo. Este afirma na edição de 1993 (mantém na de 2009) que: “Tomei também de transcrevê-lo em **ortografia atualizada**, de retirar as abreviaturas dos nomes e dar um ordenamento das partes (...)”. Esta intervenção de Pe. Melo no texto de Miguel de Carvalho causa um óbice ao toponimista que tem em mente registrar e comparar formas pretéritas e atuais, a fim de verificar casos de variação ortográfica, de mudança fonética, de desaparecimento parcial ou total do Topônimo. A alternativa encontrada, já que não dispomos da obra Ennes (1938), que foi quem primeiro transcreveu o documento em seu **As guerras dos Palmares**, foi a de utilizar a lista de nomes e rios e riachos apresentada por Baptista (1986), historiador piauiense que recorreu diretamente a Ennes para manuseio com o documento, de modo a não alterar a grafia dos nomes de rios e riachos constantes no original de Miguel de Carvalho.

4) Propor a ampliação da classificação da taxa dos hidrotopônimos e a revisão das taxas dos numerotopônimos e dos cronotopônimos.

5) Discutir a estrutura sintagmática (elemento geográfico + Prep. (*DE*) + Topônimo), ressaltando a importância da preposição *DE* para a proposição de quatro grupos a partir dos valores semânticos (papéis semânticos) expressos por tal preposição.

Isto posto, parte-se, para o caso da análise dos dados contemporâneos, da hipótese de que as mesorregiões Sudeste e Sudoeste, por compreenderem biomas (caatinga e cerrado, respectiva e predominantemente) e tipos climáticos diferenciados (semiárido e tropical, respectiva e predominantemente), possam apresentar talvez um quadro onomástico-toponímico local diverso entre si.

Com outras palavras, a mesorregião Sudeste, por apresentar, clima do tipo semiárido e por estar compreendida, em grande medida, no bioma caatinga, pode tanto apresentar um painel diferenciado no que tange, por exemplo, à ocorrência da taxa Hidro⁵ (dada a escassez de água, típica desse tipo climático), quanto a possibilidade de evidenciar a correspondência entre zonas fitogeográficas e toponímicas, a partir da ocorrência de itens linguísticos concernentes à flora e à fauna desse bioma.

No que tange à mesorregião Sudoeste, na qual prevalece o bioma cerrado e que está, em grande medida, sob o regime climático do tipo tropical, o painel onomástico-toponímico tende a ser diverso daquele da mesorregião Sudeste, haja vista a interferência desses fatores vegetativos e climáticos. Espera-se, por exemplo, para a esta mesorregião, no que toca especificamente à taxa Hidro, uma ocorrência diferenciada, tanto pelo regime climático, quanto pela influência do rio Parnaíba (maior rio do Estado) e Gurgueia (maior afluente do Parnaíba). Afora isso, intenta-se, também, traçar paralelos entre a zona fitogeográfica em questão (cerrado/tropical) e a área toponímica, a partir da ocorrência de itens linguísticos que se refiram à flora e à fauna desse bioma.

Outra hipótese aventada, só que com base nos dados concernentes ao documento, às cartas e ao mapa antigos, é a de que talvez se tenha, nestas fontes, se comparadas com as contemporâneas, maior ocorrência de Topônimos de origem indígena, principalmente os de língua Tupi, a qual fora levada para as glebas do Piauí pelo desbravador bandeirante, vindo, principalmente, da Bahia e de São Paulo.

Esta tese está textualmente segmentada da seguinte maneira:

⁵ Esta hipótese poderá ser mais bem testada se for feita, efetivamente, uma comparação entre as duas mesorregiões, as quais, como se disse, experimentam regimes geoclimáticos diferenciados.

INTRODUÇÃO, na qual foram vislumbrados a interdisciplinaridade no labor toponímico; a importância de estudos toponímicos pioneiros no contexto nordestino; as hipóteses aventadas e os objetivos almejados.

CAPÍTULO 1, intitulado **NOMEAÇÃO**, no qual se procurou discutir o ato de nomear em si, além de rastrear, mesmo sem a pretensão de esgotar o tema, a história da Onomástica e da Toponímia, aclarando-lhes os conceitos. Foram discutidos também, neste capítulo, alguns aspectos teóricos do Signo Linguístico e do Sintagma Toponímico e da relação Léxico e Sociedade. Para a consecução dessa meta, foram expostas as contribuições teóricas de Dauzat, Duranti, Diegues Junior, Dick, Seabra, dentre outros.

CAPÍTULO 2, intitulado **ASPECTOS GEOHISTÓRICOS DO ESTADO DO PIAUÍ**, no qual foram contemplados alguns aspectos históricos e geográficos do Piauí. Discutiram-se também a ocupação do solo piauiense pelas nações indígenas, antes de seu total extermínio pelo bandeirante, e alguns pontos acerca de questões linguísticas concernentes a essas nações. Este capítulo é de assaz importância porquanto, com ele, poder-se-á estabelecer um diálogo profícuo entre a classificação taxionômica e a histórica social piauiense.

CAPÍTULO 3, intitulado **PROCEDIMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS**, no qual se buscou expor os procedimentos metodológicos que nortearam a pesquisa. Neste capítulo, constam, pois: **a)** As Taxionomias Toponímicas (seguindo o modelo das 27 taxes propostas por Dick, 1992a); **b)** As Fichas Toponímicas (conforme proposta de Dick, 2004, com adaptações), nas quais constam: 1) Acidente; 2) Topônimo; 3) Origem; 4) Taxionomia e 5) Estrutura Morfológica; e **c)** Métodos e procedimentos: a coleta de Hidrônimos em fontes antigas e em mapas contemporâneos.

CAPÍTULO 4, intitulado **APRESENTAÇÃO DOS DADOS**, no qual foram feitas a catalogação e a classificação de todos os Hidrônimos constantes nas fontes antigas e nos mapas das mesorregiões Sudeste e Sudoeste piauiense, em Fichas Toponímicas, baseadas em modelo de Dick (2004), com adaptações.

CAPÍTULO 5, intitulado **ANÁLISE DOS DADOS**, no qual se fez, com o auxílio da quantificação percentual, por meio de gráficos de coluna, a análise mesma dos dados, de modo a testar as hipóteses previamente aventadas. Neste capítulo, foram discutidos, ainda, os casos de variação ortográfica, de mudança fonética, de desaparecimento parcial ou total do Topônimo, com base na comparação entre as fontes antigas e as contemporâneas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS, nas quais se resumiram os resultados obtidos quando da Análise, enfatizou-se, à guisa de conclusão, a importância dos estudos toponímicos para a recuperação e manutenção do *modus vivendi* de povos que gravaram, nos acidentes físicos e

humanos, sua peculiar mundividência/cosmovisão. Além disso, ressaltou-se, mais uma vez, a importância de estudos regionais como este para o futuro mapeamento onomástico-toponímico do território brasileiro, em suas diversas manifestações regionais e locais.

REFERÊNCIAS, nas quais constam as obras basilares no escopo da Toponímia, em particular, e da Linguística, em geral, além, é claro, de referências pontuais sobre a colonização do Estado do Piauí e de referências outras (de áreas diversas, como a Botânica), que se fizeram necessárias, principalmente, para um produtivo diálogo no momento da Análise dos Dados.

ÍNDICE DE NOMES, no qual constam os nomes de todos os autores mencionados ou citados ao longo do corpo deste texto.

CAPÍTULO 1 – NOMEAÇÃO

Um rápido cotejo sobre a versão de certas culturas e sociedades, inclusive em suas expressões literárias, em momentos históricos diversos, no que diz respeito à faculdade de linguagem e à tradição acerca da relação nome/coisa, dá conta que se vislumbra tanto o caráter mítico e complexo de algumas dessas versões quanto a manutenção e a ruptura em relação às teses naturalista e convencionalista, que se referem, tradicionalmente, à relação nome e coisa.

Como é de praxe, inicia-se esse escorço com os gregos, os quais tiveram sua mitologia retratada, magistralmente, em versos de Homero e de Hesíodo. Este, provavelmente entre os séculos XVII e XVIII a.C., escreve *Teogonia*: a origem dos deuses, poema épico em 1022 versos, nos quais se podem ver deuses dotados da capacidade de linguagem, como se depreende dos versos a seguir, nos quais Terra (Gaia) conclama seus filhos a se rebelarem contra o pai deles, Céu (Urano), em razão de este “tão logo cada um deles (nascesse) a todos ocultava, à luz não os permitido, na cova da Terra” (HESÍODO⁶, 1981/1995, p. 92). Assim se pronunciou Terra:

“Filhos meus e do pai estólido, se quiserdes
ter-me fé, puniremos o maligno ultraje de vosso
pai, pois ele tramou antes obras indignas”.

(HESÍODO, 1981/1995, p. 93).

Crono tomou para si a tarefa da vingança, dizendo:

“Mãe, isto eu prometo e cumprirei
a obra, porque nefando não me importa o nosso
pai, pois ele tramou antes obras indignas”.

(HESÍODO, 1981/1995, p. 93).

⁶ No caso de obras antigas e reeditadas, citar-se-á primeiro a data da publicação original (ou a tradução portuguesa mais antiga), separada por barra da data da edição consultada. No site <http://greciantiga.org/arquivo.asp?num=0085>, acessado em 12 de junho de 2012, tem-se: “A primeira tradução completa da *Teogonia* para o português é a de JAA Torrano (1981), recentemente reeditada (Iluminuras, 1991). Mais recentemente ainda, o texto foi traduzido por Pinheiro e Ferreira (2005)”.

A versão bíblica, no *Gênesis*, por seu turno, apresenta um ser (Deus) dotado previamente da capacidade de linguagem, capaz de criar coisas e seres e a eles atribuir nomes:

No princípio, **criou Deus os céus e a terra.** (Gn, 1, 1).

E **Deus criou as grandes baleias**, e todo **réptil de alma vivente** que as águas abundantemente produziram conforme as suas espécies, e **toda ave de asas** conforme a sua espécie. E viu que Deus era bom. (Gn, 1, 21)

E **chamou Deus à expansão Céus** e fez separação entre as águas que estavam debaixo da expansão e as águas que estavam sobre a expansão. E assim foi. (Gn, 1, 8) (grifos nossos)

Deus cria, ainda, o primeiro ser humano (Adão), também previamente dotado da faculdade de linguagem, e a ele coube pôr “os nomes a todo gado, e às aves dos céus, e a todo animal do campo” (Gn, 2, 20).

A referência ao *Gênesis* tem tido lugar cativo quando se pretende discutir o ato de nomeação primevo. Afora o caráter mítico-alegórico que frequentemente se atribui ao texto bíblico, não se pode deixar de considerar que tais passagens, principalmente as que se referem a Adão como denominador, como bem salientou Eco (2002), já podem suscitar, guardadas as proporções, a controvérsia das teses naturalista e convencionalista, tributárias, respectivamente, de Platão e de Aristóteles, como se verá mais adiante. Eco (2002, p. 26), a esse respeito, indaga, pois:

(...) será que tal expressão (*nominibus suis* = pelos seus nomes) significa que Adão os designou com nomes que lhes cabiam por algum direito extralingüístico, ou com os nomes que nós (com base na convenção adâmica) agora lhes atribuímos? Cada nome dado ao animal por Adão seria talvez o nome que aquele animal *devia* ter por causa da sua natureza ou o nome que o Nomoteta decidiu arbitrariamente determinar-lhe, *ad placitum*, instaurando desse modo a convenção?

Em culturas como a africana e a brasileira, por exemplo, o caráter mítico-mágico também se faz marcante.

No contexto brasileiro, os Kuikuro, povo indígena do Alto Xingu, Mato Grosso, atestam ser a linguagem pré-existente. Não versão deles,

O mundo original era habitado por demiurgos, seres poderosos que podiam fazer tudo e se transformar constantemente. Foram eles que criaram e

nomearam as coisas importantes para a vida dos índios. Ao dar um nome, os demiurgos reduziam as dimensões excessivas, quase monstruosas, das coisas originais ao seu tamanho de hoje. (FRANCHETO e LEITE, 2004, p. 09) (grifos nossos)

Na África sudanesa, a linguagem verbal está revestida do poder mítico-mágico de criar, pois:

Uma das grandes escolas de iniciação da savana sudanesa, o Komo, diz que a Palavra (kuma) era um atributo reservado a Deus, que por ela criava as coisas: “o que Maa Ngala (Deus) diz é”. No começo, só havia um vazio vivo, vivendo do Ser. Um que se chama a si mesmo Maa Ngala. Então ele criou Fan, o ovo primordial, que nos seus nove compartimentos alojava nove estados fundamentais da existência. Quando esse ovo abriu, **as criaturas que daí saíram eram mudas**. Então para se dar um interlocutor, Maa Ngala tirou uma parcela de cada uma das criaturas, **misturou-as e por um sopro de fogo que emanava dele mesmo**, constituiu um ser à parte: o homem, ao qual deu uma parte de seu próprio nome, Maa (homem) (HAMPÂTE BÂ, 1986, *apud* PETER, 2006, p. 11) (grifos nossos)

Passando, de agora em diante, à discussão das teses naturalista e convencionalista, há que se mencionar Platão, o qual discorre sobre a justeza dos nomes em o *Crátilo*. Neste, há, como figuras centrais do diálogo, o próprio homônimo da obra, Crátilo; Sócrates, como uma espécie de mediador, e Hermógenes. Crátilo filia-se à seara dos naturalistas (*physis*), como o era também Heráclito, com sua *teoria do logos*, para a qual a palavra é uma imagem exata do mundo. Hermógenes, seguidor de Demócrito, alinha-se, por sua vez, aos convencionalistas, para os quais a relação nome e coisa dependeria de uma espécie de contrato (*nómos*).

Sucintamente, partindo-se das controvérsias sobre se Platão é só naturalista ou só convencionalista, ou se os dois, parece razoável o alerta de Mounin (1968, p. 99) quanto a isso: “A história do debate, a interpretação das soluções propostas são, com frequência, delicadas: não é seguro, por exemplo, que Platão, no *Crátilo*, sustente sem ironia a tese que expõe”⁷.

Veja-se, para corroborar a tese de Mounin, um caso de ironia ao método em um diálogo de Sócrates com Crátilo.

⁷ La historia del debate, la interpretación de las soluciones propuestas, son a menudo delicadas: no es seguro, por ejemplo, que Platón, en el *Crátilo*, sostenga sin ironia la tesis que expone. (Tradução nossa).

Sócrates – Talvez seja àquelas coisas que existem necessariamente em virtude de um número, ou não existem de todo, que acontece aquilo que falas, como por exemplo o dez, ou outro número qualquer que prefiras; se se lhe retirar ou acrescentar alguma coisa, tornam-se imediatamente outro. No entanto, relativamente a uma certa qualidade e, de uma maneira geral, às imagens, receiro que a correcção não seja a mesma, mas que, pelo contrário, não deva mostrar completamente aquilo de que é imagem, para poder ser imagem. Mas investiga o que quero dizer. Não é certo que haveria duas coisas, a saber, Crátilo e a imagem de Crátilo, se um deus não se limitasse a representar apenas a tua cor e a tua forma, como os pintores, mas produzisse também todas estas coisas que estão no teu interior, mostrando a mesma suavidade e o mesmo calor, introduzindo nelas o movimento e a alma e a razão, tal como estão em ti e, em suma, todas as coisas que tu és, as dispusesse todas elas ao teu lado? Isso seria Crátilo e uma imagem de Crátilo, ou seriam dois Crátilos?

Crátilo – Parece-me que seriam dois Crátilos, ó Sócrates.

(PLATÃO⁸, 1988/2001, p.113)

Discordando de Crátilo, Sócrates diz:

Sócrates – Na verdade, seria risível, ó Crátilo, o efeito que os nomes teriam sobre aquelas coisas de que são nomes, se fossem semelhantes a elas em todos os aspectos. Pois todas as coisas se tornariam duplas e ninguém poderia dizer, acerca de nenhuma delas, se era a própria coisa ou o seu nome.

(PLATÃO, 1988/2001, p.113)

Ao discordar, no trecho imediatamente acima, de Crátilo, Sócrates põe, em dúvida, a validade da argumentação naturalista. Fica inaugurada, assim, a tradição sobre se a relação nome e coisa é motivada ou não.

No tópico 1.3, O Signo Linguístico, voltar-se-á à discussão sobre a relação nome/coisa em sua vertente moderna (significante e significado), que tem, em Saussure, seu grande representante.

Coseriu (2004), no que tange à teoria da arbitrariedade do signo linguístico, afirma ser uma tradição, a de considerar o signo como arbitrário, tributária de Aristóteles, que, segundo o linguista, entendia que “o signo funciona não naturalmente, mas *πατά συνθήπην* “segundo uma instituição”, de acordo com as tradições estabelecidas socialmente”, como se pode ver em *De Interpretatione*. (COSERIU, 2004, p. 07).

A tradição fica, a partir das ideias de Platão e de Aristóteles, bifurcada entre os que

⁸ No caso de obras antigas e reeditadas, citar-se-á primeiro a data da publicação original (ou a tradução portuguesa mais antiga), separada por barra da data da edição consultada.

(...) criam que as palavras significam de modo necessário, por natureza (*physei*), isto é, refletem, já por sua origem expressiva, já por sua estrutura etimológica, a realidade que nomeiam (Platão, no *Crátilo*, é seu mais brilhante representante), e os que sustentavam que as palavras significam por convenção (*thései*), por acordo (*omologia*) ou por consenso (*syndiké*) entre os homens (Aristóteles é seu porta-voz) (MOUNIN, 1968, p. 99).⁹

Tanto Platão quanto Aristóteles, e também seus antecessores, discutiram questões de linguagem não como um fim em si mesmo, mas como meio para as especulações filosóficas, de modo que o fazer linguístico da época estava a estas subordinado. Somente com os estoicos é que “As questões lingüísticas passaram a ser tratadas em obras específicas e de maneira ordenada” (ROBINS, 1983, p. 12). Foram os estoicos, por exemplo, que

formalizaram a oposição que existe entre forma e sentido, distinguindo na linguagem o “significante” e o “significado” em termos que surpreendentemente lembram a dicotomia *signifiant* e *signifié* de Saussure. Os textos mais importantes são difíceis de interpretar; parece, porém, que o “significado” não é simplesmente a impressão mental, mas alguma coisa que um enunciado produz na mente do ouvinte em virtude do seu conhecimento da linguagem, algo parecido com a união saussuriana do som e do pensamento operada através da *langue*. (ROBINS, 1983, p. 12).

Os estoicos, especificamente sobre a relação nome e coisa, alinhavam-se à tese naturalista. Já Epicuro (341-270) sustentava que as formas das palavras teriam surgido naturalmente, mas que suas modificações se deram por convenção.

Bréal, criador do termo *Semântica*, acreditava que as palavras não diziam nada sobre o objeto designado, e, sim, que elas podiam revelar o modo de pensar de uma sociedade, evidenciando, porque um depósito de informações históricas, os erros, os preconceitos etc. dessa sociedade. Com as próprias palavras de Bréal (1992, p. 124), tem-se:

Ela (a linguagem) pode dar-nos apenas o eco de nosso próprio pensamento: registra, fielmente, nossos prejulgamentos e erros. Pode surpreender-nos algumas vezes, como uma criança, pela franqueza de suas respostas ou ingenuidade de suas representações; fornecer-nos **preciosas informações históricas de que é a depositária involuntária**; mas isso seria antes desconhecer seu caráter que querer tomá-la por instrutor e por mestre. (grifos nossos)

⁹ creiam que las palabras significan de modo necesario, por naturaleza (*physei*), es decir, reflejan, ya por su origen expresivo, ya por su estructura etimológica, la realidad que nombran (Platón, en el *Crátilo*, es su más brillante representante), y los que sostenían que las palabras significan por convención (*thései*), por acuerdo (*omologia*) o por consenso (*syndiké*) entre los hombres (Aristóteles es su portavoz) (Tradução nossa).

No escopo do labor filológico, por seu turno, faz-se uso, para apreensão motivacional de nomes, de um método denominado *Palavras e Coisas*, que, segundo Jordan (1982, p. 102), assim pode ser aplicado:

Suponhamos uma palavra de origem obscura, nome de planta ou de animal, cuja etimologia pretendemos descobrir. Embora conheçamos bem as leis fonéticas da língua e saibamos utilizar todos os instrumentos científicos necessários para essa pesquisa, não conseguiremos descobrir a origem da palavra em questão, sem recorrer às informações fornecidas pela botânica ou zoologia. Muitos nomes de plantas e animais baseiam-se no **aspecto exterior dos seres, no seu modo de vida ou nos seus hábitos**, de modo que, se nos documentarmos profundamente sobre estas particularidades, poderemos encontrar o ponto de partida da palavra que nos interesse. (grifos nossos)

Tal método coaduna-se, assim como o *Onomasiológico* mais à frente, a uma perspectiva toponímica, pois admite, *a priori*, ser necessário, para o conhecimento etimológico de determinada palavra, o auxílio de áreas outras (botânica e zoologia) e auxílio do mundo circundante ou do extracódigo.

Esse rápido escorço, dentre outras possibilidades, pode evidenciar a preocupação da humanidade em tentar compreender, desde há muito, o ato de nomear, condição *sine qua non* para o homem estar no mundo. Não é sem razão que, para os Katukina, povo indígena dividido em dois grupos locais, na área indígena do rio Gregório, e na área indígena do rio Campinas, no Estado do Acre,

(...) não ter nome algum deixa o corpo frágil, vulnerável às doenças, à feitiçaria e, conseqüentemente, à morte. Isto ajuda a explicar porque algumas crianças recém-nascidas são rapidamente nomeadas, enquanto outras permanecem até dois anos de idade sem que qualquer nome lhes seja atribuído. As últimas são filhos indesejáveis e atualmente, quando o infanticídio não é mais praticado, a não atribuição de um nome se torna uma forma de expô-los indiretamente à morte. Um garoto cego permaneceu mais de dois anos sem portar qualquer nome e várias pessoas me disseram que seria preferível que ele morresse, uma vez que precisaria por toda a vida de ajuda para se locomover, comer e jamais poderia trabalhar, exigindo assim completa dedicação de sua mãe. Por outro lado, as crianças desejadas e que nasceram de um parto difícil tinham imediatamente um nome escolhido.¹⁰

¹⁰ LIMA, Edilene Coffaci de. A onomástica katukina é pano?. *Rev. Antropol.* [online]. 1997, vol.40, n.2, pp. 07-30. ISSN 0034-7701. doi: 10.1590/S0034-77011997000200001.

Um estudo como este passa, pelo que já se pôde depreender, pela aproximação de diversas perspectivas, o que, *per se*, caracteriza a natureza interdisciplinar da área. Assim sendo, faz-se oportuna a incursão pelas disciplinas-núcleo (Onomástica e Toponímia), a fim de aclarar-lhes os conceitos e de rastrear-lhes, rapidamente, a história. Isto feito, o diálogo com as áreas fora do escopo da linguagem, crê-se, será mais produtivo e coerente.

1.1 A Onomástica

Feitas essas observações iniciais sobre o ato de nomear, passa-se, primeiramente, a apresentar a definição de Onomástica em algumas obras lexicográficas e em outras fontes especializadas que apresentem tal definição.

A palavra *onomástico*, segundo Cunha (2001, p. 561), provém de um étimo francês intermediário, *onomastique*, datado do começo século XIX, o qual, de acordo com o *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*, doravante *DeHlp*, vem do substantivo grego *onomastikós, ê, ón* e refere-se àquele que é ‘hábil em denominar’.

No *DeHlp*, há duas acepções, para o verbete Onomástica, que interessam a este estudo:

- 2** Rubrica: linguística.
estudo linguístico dos nomes próprios; onomástico, onomatologia
[Compreende várias subdivisões, como a antroponímia, a astronímia, a mitonímia, a toponímia etc.]
- 2.1** Rubrica: lexicologia.
parte da lexicologia que trata dos nomes próprios.

Em Seabra (2004, p. 36), têm-se as duas acepções encontradas no *DeHlp* mais bem explicitadas tanto quanto à filiação como à subdivisão. Veja-se, pois:

A Onomástica se integra à lexicologia, caracterizando-se como a ciência da linguagem que possui duas áreas de estudo: a Antroponímia e a Toponímia – ambas se constituem de elementos lingüísticos que conservam antigos estágios denominativos. A primeira tem como objeto de estudo os nomes próprios individuais, os nomes parentais ou sobrenomes e as alcunhas ou apelidos.

Adiante, ainda com Seabra (*op. cit*), tem-se a definição da segunda subdivisão, a Toponímia:

Já a *Toponímia* se integra à *Onomástica* como disciplina que investiga o léxico toponímico, através do estudo da motivação dos nomes próprios de lugares. Constitui-se de enunciados lingüísticos, formados por um universo transparente significante que reflete aspectos culturais de um núcleo humano existente ou preexistente.

No Dicionário de Linguística, de Dubois *et alii*, há um verbete para Onomástica, a qual é entendida como “o **ramo da lexicologia** que estuda a origem dos nomes próprios. Divide-se, às vezes, esse estudo em *antroponímia* (que diz respeito aos nomes próprios de pessoas) e *toponímia* (que diz respeito aos nomes de lugar)”. (DUBOIS *ET ALII*, 1998, p. 441). (grifos nossos)

Parece claro, então, a partir da análise das definições, que há duas subdivisões, no bojo da Onomástica, para o estudo dos Nomes Próprios: os de pessoa (Antroponímia) e os de lugar (Toponímia). Isso não deve significar, no entanto, que se trata de subáreas estanques entre si. O que há, na verdade, é uma relação de intersecção entre as duas, haja vista a palavra, quando em uso onomástico (*onoma*), passar por um processo que lhe reveste, ao fim, de caráter denominativo, ou ainda:

(...) a palavra se desloca do sistema lexical para o sistema onomástico, transcodificando-se, ou seja, do plano onomasiológico da língua (da designação) se integra ao plano semasiológico (da significação). Na construção do processo denominativo, a palavra incorpora o conceito dessa operação mental, cristalizando o *nome* e, assim, possibilitando a sua transmissão às gerações seguintes (SEABRA, 2004, p. 38).

A relação de intersecção, acima referida, pode ser ilustrada com a figura abaixo, extraída de Dick (1999, p. 145):

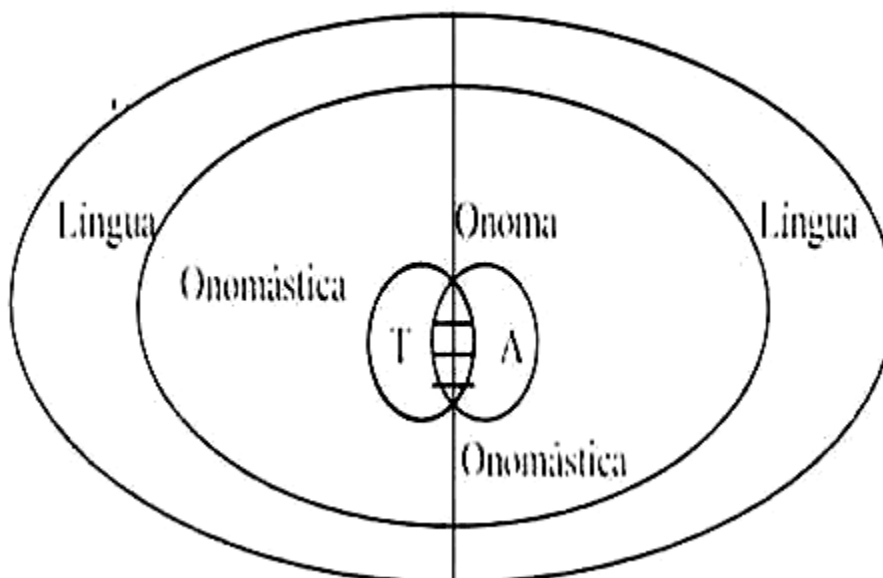


Figura 1: Onomástica

$T \cap A$

T= Toponímia

A= Antroponímia

$T \cap A$ = Intersecção

No escopo da Toponímia, há um percurso gerador do Topônimo e tal percurso compreende inicialmente, segundo Carvalhinhos (2002/2003), a lexia virtual, porque antes do momento da enunciação, e, em seguida, o lexema e o termo (Topônimo), este, o momento final da configuração do Sintagma Toponímico, o qual é composto por um termo genérico (o acidente físico ou humano) e o termo específico (o Topônimo em si). Partindo-se, no entanto, do entendimento de que *lexema* designa, consoante entendimento de Biderman (2001), uma unidade léxica abstrata, portanto, esta forma, sim, uma forma virtual, a qual é manifesta, como *lexia*, no discurso, pode-se invocar, mais adiante, uma alteração no emprego dos termos utilizados por Carvalhinhos. Antes, à guisa de ilustração, faz-se oportuno aclarar um pouco mais, ainda com Biderman, o que de fato se entende, aqui, por lexema e lexia: 1) lexema CANTAR (grafado em maiúscula pela autora, que segue Matthews e Lyons), haja vista ser uma unidade léxica abstrata/virtual e 2) lexias *cantei, cantavam, cantas, cantando* etc., porquanto são formas materializadas no discurso. Ao se discutir o esquema abaixo, far-se-á, segundo a definição de *lexema e lexia* aqui adotada, uma ligeira alteração nos termos empregados por Carvalhinhos.

Ainda sobre esse percurso, é interessante observar o seguinte esquema proposto por Carvalhinhos¹¹.

TRANSFORMAÇÃO DE UMA LEXIA NORMAL EM LEXEMA E TOPÔNIMO

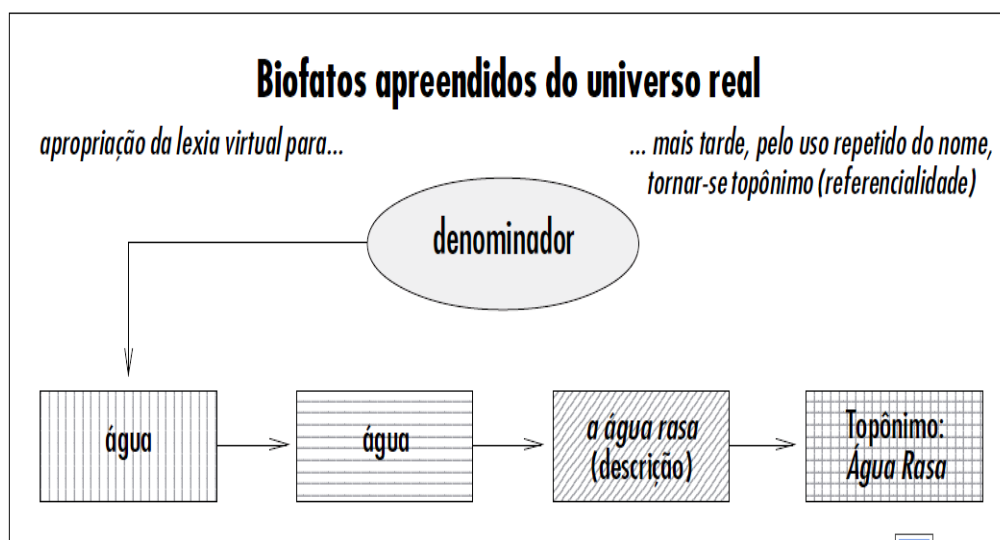


Figura 2: Transformação de um lexema em lexia e em Topônimo

Fonte: Carvalhinhos (2002/2003, p. 174)

Discutindo um pouco o esquema acima, pode-se dizer que inicialmente há um *lexema* (*água* em linhas paralelas) possível no eixo paradigmático (abstrato/virtual, portanto), o qual se atualiza, sintagmaticamente (linhas horizontais), em *lexia*, a qual, em uso descritivo-objetivo (os nomes espontâneos, por exemplo), passa, pela força da repetição, a um uso referencial-denominativo, ou seja, a Topônimo. Ressalte-se, no entanto, ainda, que tal esquema parece abarcar tão-somente os casos em que o denominador parte, para a nomeação, de um elemento de Natureza Física, porque mais descritivo (rio, lago, montanha, serra etc.), do que se comparado a acidentes humanos, para os quais, sobretudo para os casos de homenagem, não parece ser condição *sine qua non* a repetição.

Eis, nessa configuração toponímica, um dado importante: mesmo tendo desaparecido o fato social ou ambiental que motivara a nomeação, ou mesmo a própria língua, mesmo assim, é possível, por meio de um criterioso trabalho etimológico, resgatar

¹¹ CARVALHINHOS, Patrícia de Jesus. *Onomástica e lexicologia: o léxico toponímico como catalisador e fundo de memória. Estudo de caso: os Socios de Aveiro (Portugal)*. REVISTA USP, São Paulo, n. 56, p. 172-179, dezembro/fevereiro 2002-2003.

significados que se opacificaram com o tempo, mas que podem, mormente se cotejados juntamente com informações extralinguísticas, ser desnudados com relativa segurança.

Cumprido mencionar, por fim, o método onomasiológico, porque também afim à Ciência Onomástica e à prática toponímica. Para isso, recorre-se a Basseto (2001, p. 76) que, em seus *Elementos de Filologia Românica*, define-o como o estudo das denominações e que tem, como finalidade:

(...) investigar os vários **nomes atribuídos a um objeto, animal, planta, conceito etc., individualmente ou em grupo, dentro de um ou vários domínios linguísticos. Seus objetivos são, portanto, semânticos e lexicológicos, buscando descobrir os aspectos vivos e as forças criadoras da linguagem.** (grifos nossos)

A fim de evidenciar a pertinência de tal método, Basseto (2001, p. 77) segue afirmando que:

O método onomasiológico permite ver **a cultura do povo** cuja língua se estuda, **costumes, instrumental, crenças e credences, moradia, enfim, sua mundividência.** Permite sentir a **linguagem viva**, traduzindo a vivência cultural do povo. Assim, o lagarto, por exemplo, é considerado amigo do homem e seu vigia, despertando-o na eminência duma picada de cobra; essa crença, encontrada na Itália, Récia e França, transparece nas designações do lagarto: sic. guardal-omu, rét. warthaomu, eng. salvaón (vardá ou salva, “salvar”, + om, “homem”), lomb. salvacrisiàn (cristiàn, “homem”), fr. Dial. éveillete (“que acorda”). (grifos nossos)

Com essa rápida discussão, passa-se, de agora em diante, a discorrer, sucintamente, sobre o surgimento da Toponímia e sobre sua história, o que se fará no tópico seguinte.

1.2 A Toponímia

Da subdivisão da Onomástica, tem-se, como já se teve a oportunidade de mencionar, a subárea Toponímia. Cunha (2001, p. 776) entende que o vocábulo *Toponímia* também provém de um étimo francês intermediário, *toponymie*, já da segunda metade século XIX, oriundo, por sua vez, do grego *topo*, de *topos* ‘lugar’ e *onoma* ‘nome’.

Vê-se, pois, que a datação e a análise etimológica dos termos (étimo francês intermediário, *onomastique*, do começo século XIX, e étimo francês intermediário,

toponymie, da segunda metade século XIX) sugerem que tanto a Onomástica quanto a Toponímia tenham, de fato, florescido na França, haja vista a larga aplicação dos étimos intermediários, a partir dos Dezenove, no âmbito da linguagem erudita, no referido país.

Não sem motivo, os estudos pioneiros de Auguste Longnon começam, como disciplina, na École Pratique des Hautes-Études e, no colégio de França, a partir de 1878, culminando com a publicação póstuma, em 1912, de *Les noms de lieux de La France*. Aos seus estudos seguem-se os do também francês Albert Dauzat, a partir de 1922, que, em 1928, publica *Les noms de lieux*. Não se pode, mesmo nos dias atuais, ignorar as diretrizes estabelecidas por Dauzat para uma pesquisa toponímica. Sobre isso, Carvalhinhos¹² afirma que o estudioso francês

(...) legou-nos lições preciosas, assim como outros autores clássicos. Entre elas, deixa claro que não basta analisar uma forma sincronicamente, mas é importante sua análise diacrônica a fim de reconstituir toda a cadeia **etimológica, da forma atual até a forma histórica mais antiga – processo pelo qual, além dos elementos intra-código, são contemplados os extra-código**. (grifo nosso)

Ressaltando ainda mais a lição de Dauzat quanto à importância dos elementos extralinguísticos, tem-se que:

A toponímia, conjugada com a história, indica ou precisa os movimentos iniciais dos povos, as migrações, as áreas de colonização, as regiões nas quais um determinado grupo linguístico deixou suas marcas. (DAUZAT, 1939, p.07)¹³

Os estudos franceses, sem dúvida, impulsionaram, mais hodiernamente, o surgimento de abordagens toponímicas para além da Europa, chegando aos Estados Unidos, ao Canadá, e a outras partes do mundo¹⁴, onde se vê uma maciça produção científica na área.

Nos Estados Unidos, por exemplo, emerge, nos fins da década de 50 e início da de 60, a figura de George Stewart, o qual propõe a seguinte classificação toponímica: 1) *Descriptive*

¹² CARVALHINHOS, Patrícia de Jesus. *Estudos de onomástica em língua portuguesa no Brasil: perspectivas para inserção mundial*. Disponível em: <http://www.fflch.usp.br/dlc/lport/pdf/slp14/01.pdf>. Acesso em 20 de abril de 2011.

¹³ La toponymie, conjugée avec l'histoire, indique ou précise les mouvements anciens des peuples, les migrations, les aires de colonisation, les régions où tel groupe linguistique a laissé ses traces. (Tradução Nossa)

¹⁴ Para um histórico mais aprofundado da Toponímia no Mundo e no Brasil, ver DICK (1992a) e CARVALHINHOS (*op. cit.*).

names; 2) *Possessive names*; 3) *Incident names*; 4) *Commemorative names*; 5) *Euphemistic names*; 6) *Manufactured names*; 7) *Shirft names*; 8) *Folk etymologies* e 9) *Mistake names*.

No Canadá, Henri Dorion reúne, em *Les noms de lieux et Le contacte les langues* (1972), trabalhos da América, Hungria, Romênia, Polônia Rússia, dentre outros.

Na Espanha, cumpre citar Ramón Menéndez Pidal, com sua *Toponimia Prerromana Hispana*. Ainda sobre o caso espanhol, dá prova do adiantado estágio dos estudos toponímicos o lançamento recente (2007) do *Atlas Toponimico de España*, de Jairo Javier García Sánchez.

Em Portugal, merecem destaque, por um lado, José Leite de Vasconcelos e sua *Antroponímia Portuguesa*, de 1928; e Xavier Fernandes, com seu *Topónimos e Gentílicos*, de 1941. Interessante reproduzir, no caso deste último autor, o quadro da Onomatologia por ele apresentado. Antes de se fazer isso, faz-se oportuno mencionar a advertência de Fernandes (1941, p. 13):

Embora apenas com relativo valor didático e científico, neste quadro se apresentam **pela primeira vez agrupadas** as mais conhecidas e usadas designações, que semântica e sobretudo morfológicamente estão compreendidas na *Onomatologia*. Cada designação tem os seus domínios mais ou menos precisos e todas tem como principal valor paralelo, pelo menos, o que resulta do respectivo elemento comum. Assim, pois, **é alguma coisa mais do que uma simples lista alfabética de palavras terminadas da mesma forma.** (grifos nossos)

Ao quadro (o qual fora organizado pelo autor desta pesquisa), pois, vez que, no original, não se tem o que, de fato, se convencionou chamar modernamente de quadro:

Quadro 1: Onomatologia

ONOMATOLOGIA – NOMES EM GERAL	
<i>(«ónoma-onómatos», nome; «lógos», tratado; sufixo nominal «-ia»</i>	
Antonímia	(emprego ou qualidade de «antónimos» ← grego <i>anti</i> e <i>ónyma</i> , forma eólica por <i>ónoma</i> , nome).
Antroponímia	(idem, de «antropónimos» ← grego <i>ánthropos</i> , homem).
Astronímia	(idem, de «astrónimos» ← grego <i>ástron</i> , astro).
Axionímia	(idem, de «axiónimos» ← grego <i>axía</i> , dignidade).
Biblionímia	(idem, de «bibliónimos» ← grego <i>biblion</i> , livro).
Criptonímia	(idem, de «criptónimos» ← grego <i>kryptós</i> , oculto).
Crononímia	(idem, de «cronónimos» ← grego <i>khronos</i> , tempo).

ONOMATOLOGIA – NOMES EM GERAL	
(«ónoma-onómatos», nome; «lógos», tratado; sufixo nominal «-ia»)	
Eponímia	(idem, de «epónimos» ← grego <i>epónymos</i> , que dá seu nome a alguma coisa).
Etnonímia	(idem, de «etnónimos» ← grego <i>éthnos</i> , povo, raça).
Heortonímia	(idem, de «heortónimos» ← grego <i>heorté</i> , festa).
Heteronímia	(idem, de «heterónimos» - não confundir <i>heteronomia</i> , de <i>héteros</i> , outro, e <i>nómos</i> , lei ← grego <i>héteros</i> , outro).
Hieronímia	(idem, de «hierónimos» ← grego <i>hierós</i> , sagrado).
Homonímia	(idem, de «homónimos» ← latim <i>homonymu</i> ← grego <i>homónymos</i> , que tem o mesmo nome).
Metonímia	(idem, de «metónimos» ← latim <i>metonymia</i> ← grego <i>metonymia</i> , mudança de nome).
Metonímia	(idem, de «mitónimos» ← grego <i>mythos</i> , fábula, mito).
Panteonímia	(idem, de «panteónimos» - nomes de animais, astros, ventos, etc. ← grego <i>pant-</i> , raiz de <i>pas-pantos</i> , tudo).
Paronímia	(idem, de «parónimos» ← latim <i>paronyma</i> ← grego <i>parónymos</i> , nomes próximos de outros pelo som).
Patronímia	(idem, de «patrónimos», o mesmo que <i>patronimicos</i> ← grego <i>patronymikós</i> , do nome do pai).
Potamonímia	(idem, de «potamónimos» ← grego <i>potamós</i> , rio).
Prosonímia	(idem, de «prosónimos», agnomes, cognomes, sobrenomes, apelidos – com prefixo <i>pros-</i> , para diante, aqui com o sentido de adjunção).
Pseudonímia	(idem, de «pseudónimos» ← grego <i>pseudónymos</i> , nome falso).
Sinonímia	(idem, de «sinónimos» ← latim <i>synonymon</i> ← grego <i>synónymos</i>).
Teonímia	(idem, de «teónimos», nomes de seres sobrenaturais ← grego <i>théos</i> , deus).
Toponímia	(idem, de «topónimos», nomes de lugares, terras, regiões, etc. ← grego <i>tópos</i> , lugar).

Fonte: Fernandes (1941, p. 13)

A reprodução do quadro acima se faz pertinente, afora o fato de ser uma fonte pouco citada, e que talvez já tenha servido de base para outras propostas de classificação, também pelo fato de se poder, mais à frente, discutir termos como hidronímia, Hidrônimo e hidrotopônimo, os quais, no contexto brasileiro, substituíram, consoante o quadro, o termo potamonímia e seus possíveis derivados.

Na América do Sul, merecem destaque os estudos de Salazar Quijada, autor de *La toponimia em Venezuela*. No Chile, pode-se mencionar o livro de Mario Bernal Lillo, *En Busca de los Nombres: toponimia indígena e hispânica* (2002). Segundo Lillo (APRESENTAÇÃO, 2002, p. 07), o mérito de seu livro reside

na visão panorâmica que oferece ao leitor dos aspectos mais destacados relativos à criação dos topônimos, à sua classificação, à sua permanência, à sua substituição e desaparecimento, e ao enfoque linguístico assumido nesta oportunidade¹⁵.

No Brasil, parece fora de dúvida que a primeira referência, em termos de estudos toponímicos, é Teodoro Sampaio (1987), com seu clássico *O tupi na geografia nacional*.

Avulta ainda no caso brasileiro a figura de Armando Levy Cardoso, com sua *Toponímia Brasileira*, de 1961, na qual o autor, como o fará também Drumond (ver abaixo), deixa de se dedicar a Topônimos de origem Tupi para cotejar aqueles de origem não Tupi (bororó, caribe e aruaco), pois, assim, Cardoso (1961, p. 19) impõe a si a tarefa de

Estudar e reviver essa quase ignorada toponímia, **reminiscência das velhas tribos tapuias**, (...), a fim de que se não perdessem, como prevejo para futuro remoto, a denominação e o significado de um grande número de locativos brasileiros, que revelam, na sua tradução, a admirável lucidez de nosso sílvicola nas suas denominações geográficas. (grifo nosso)

Além dos dois acima mencionados, cumpre fazer referência a Carlos Drumond, com seu *Contribuição do bororo à toponímia brasileira*, no qual o autor analisa os nomes dados pelos Bororo a “morros, rios, ancoradouros etc”. A conclusão a que chegou Drumond sobre isso diz respeito ao gênero de vida dos indígenas Bororo (caçadores), pois o “(...) mundo animal, intimamente ligado à sociedade humana, através dos elementos ergológicos e animalógicos que compõem o patrimônio cultural deste grupo, está presente na maioria dos topônimos” (DRUMOND, 1965, p. 16).

Seguindo os passos de Drumond e avançando, sobretudo no estabelecimento de novas diretrizes teóricas e metodológicas, Dick tem sido, para os pesquisadores brasileiros contemporâneos, a grande referência teórica na área.

A importância de Dick (1992a) deve-se, entre outros aspectos, ao fato de ela ter estabelecido uma proposta semântica de classificação em taxés, com a qual:

¹⁵ (...) en la visión panorámica que ofrece al lector de los aspectos más destacados relativos a la creación de los topónimos, a su clasificación, a su vigencia, a su sustitución y desaparición, y al enfoque lingüístico asumido en esta oportunidad. (Tradução nossa)

Tentou-se, tanto quanto possível, (...), evitar as necessidades de um constante recuo ao passado histórico, para se atingir o alcance do significado do topônimo. Este seria fornecido pela **interpretação lingüística de seus elementos formadores**, tão somente. Por isso mesmo, todo o processo de pesquisa desenvolve-se em um nível sincrônico de averiguação dos fatos, reservando o levantamento diacrônico dos dados concorrentes para o estudo descritivo das taxes, isoladamente consideradas (DICK, 1992a, p. 26).

O cuidado discursivo de Dick, para asseverar a importância da análise linguística (semântica), sinaliza a possibilidade de a classificação taxionômica, por ela estabelecida, bastar-se a si mesma no que tange ao significado do Topônimo. Mesmo assim, pode-se invocar, como se tem feito nos trabalhos toponímicos recentes, recuos mais recorrentes aos dados extracódigo, o que, em si, não invalida a assertiva da autora, nem sua proposta classificatória. Dá prova da relevância acadêmica das propostas teóricas e metodológicas de Dick a menção a algumas produções científicas na área, sobretudo teses e dissertações, ou que por ela foram orientadas, ou que tributárias de suas ideias. Para os dois casos, citem-se apenas algumas: Seabra (2004, UFMG); Santos (2005, USP); Carneiro (2007, USP); Oliveira (2008, USP); Souza (2008, UFMG); Lopes (2008, USP); Fazzio (2008, USP); Mendes (2009, UFMG) e Zamariano (2010, UEL).

Feita essa apresentação panorâmica sobre a Onomástica e a Toponímia, passa-se, no tópico 1.3 e 1.5, respectivamente, a discutir o Signo Linguístico e o Sintagma Toponímico, e, entre estes, no tópico 1.4, faz-se um brevíssimo histórico dos Nomes Próprios, em uma perspectiva linguística em sentido *lato e stricto*.

1.3 O Signo Linguístico

Na primeira parte deste estudo, já se fez uma breve retrospectiva sobre como, principalmente na Antiguidade, se entendia a relação palavra e coisa. Nesta parte, dar-se-á maior atenção à época contemporânea, caudatária, em muitos aspectos, dos postulados saussurianos.

Parte-se, então, para isso, no que diz respeito à discussão acerca da arbitrariedade do signo linguístico, do *Curso de Linguística Geral*, doravante *Curso*, de Ferdinand de Saussure, obra compilada, a partir dos escritos de Saussure em sala de aula, por seus discípulos, Charles Bally e Albert Sechehaye, com colaboração de Albert Riedlinger.

Já na primeira parte do *Curso, Princípios Gerais*, especificamente no capítulo I, Saussure apresenta suas formulações sobre a natureza do signo linguístico, as quais estão sumarizadas abaixo.

Alerta o linguista genebrino para a natureza psíquica dos componentes do signo linguístico, bifaciado em um conceito e em uma imagem acústica. Correntemente, no entanto, signo designaria, segundo ele, tão somente a imagem acústica, razão pela qual propõe, para o desfazimento da ambiguidade, “conservar o termo *signo* para designar o total, e a substituir *conceito* e *imagem acústica*, respectivamente por *significado* e *significante*”. (SAUSSURE, 1972, p. 81). A partir dessa formulação, advêm dois princípios centrais para Saussure, a saber: 1) a arbitrariedade do signo e 2) caráter linear do significante. Saussure estabelece, pois, o princípio de que a relação significante e significado é arbitrária.

Houve e há, mesmo contemporaneamente, quem discordasse/discorde dos postulados de Saussure quanto à arbitrariedade do signo linguístico. Benveniste, por exemplo, dedica, em seus *Problemas de linguística geral I*, o capítulo 4 (Natureza do signo linguístico), na segunda parte do livro, à discussão sobre motivação/imotivação do signo. O linguista francês revisita o pensamento saussuriano e aponta as incongruências no raciocínio do linguista genebrino. Quanto ao signo linguístico, afirma Benveniste (2005, p. 55) que “Um dos componentes do signo, a imagem acústica, constitui o seu significante; a outra, o conceito, é o seu significado. Entre o significante e o significado, **o laço não é arbitrário; pelo contrário, é necessário**” (grifos nossos). Entende ele que o significado, por exemplo, da palavra “boi” é, na consciência do usuário da língua, idêntico ao significante boi, como que em uma simbiose em que o significado é a “alma” do significante. Ainda com ele, é possível pensar em arbitrariedade somente na relação de um signo com determinado elemento da realidade. Senão, veja-se: “O que é **arbitrário é que um signo**, mas não outro, **se aplica a determinado elemento da realidade**, mas não a outro”. (BENVENISTE, 2005, p. 56) (grifos nossos). Eis, nesta afirmação, a crítica a Saussure, pois, para Benveniste, o linguista suíço “pensa sempre, embora fale de “idéia”, na representação do *objeto real* e no **caráter evidentemente não necessário, imotivado, do elo que une o signo à coisa significada**” ((BENVENISTE, 2005, p. 58). (grifos nossos)

A Glossemática de Hjelmslev, por sua vez, que toma como mote a Teoria dos Signos de Saussure, por ser este, segundo o linguista dinamarquês, o “único teórico (que) merece ser citado como pioneiro indiscutível” (1975, p. 05), faz uma reformulação do modelo de signo proposto pelo linguista suíço ao incorporar explicitamente a noção de valor ao conceito de signo.

Para Hjelmslev, o signo uniria uma forma de expressão a uma forma de conteúdo. Forma corresponderia, na doutrina de Saussure, ao conceito de *valor*, entendido como um conjunto de diferenças, pelas quais, por exemplo, um fonema como /p/ se opõe, não na totalidade, mas por traços, ao fonema /b/, tendo os dois, em comum, a oclusividade e a bilabialidade, havendo, no entanto, entre eles, diferença quanto ao vozeamento e desvozeamento. A Linguística, para Hjelmslev, seria uma linguística da forma, no sentido de que deveria focar sua atenção tanto na forma da expressão quanto na do conteúdo.

Signo, na concepção de Hjelmslev, considerado isoladamente, não tem, pois, significação, ou ainda:

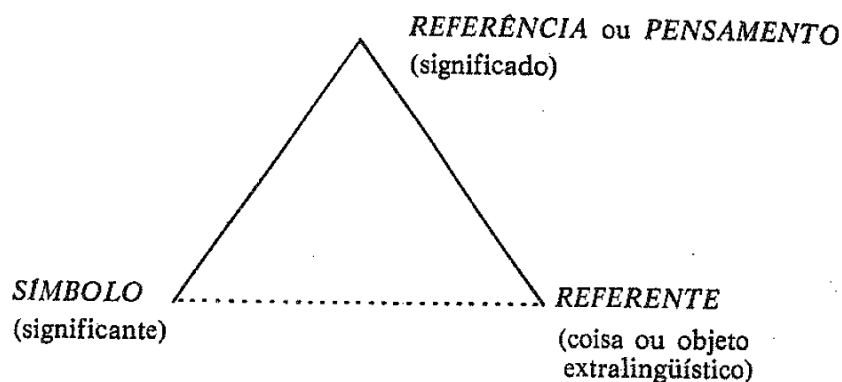
Toda significação de signo nasce de um contexto, quer entendamos por isso um contexto de situação ou um contexto explícito, (...). É necessário, assim abster-se de acreditar que um substantivo está mais carregado de sentido do que uma preposição, ou que uma palavra está mais carregada de significação do que um sufixo de derivação ou uma terminação flexional. (HJELMSLEV, 1975, p. 50)

Nessa perspectiva, então, o signo deve ser entendido como uma simbiose entre sons e conceitos, a qual é efetivada no ato de linguagem em si. Assim sendo, no ato mesmo de fala, produz-se significação não só a partir de frases e textos, mas também de signos mínimos (morfemas), de modo que se pode concluir que, para Hjelmslev, “qualquer produção humana dotada de sentido é um signo” (FIORIN, 2006, p. 60).

Guiraud, ao tratar especificamente dos signos de comunicação, afirma serem eles essencialmente convencionais, haja vista o sentido deles resultar de um acordo entre aqueles que os empregam. Esse caráter convencional não significa propriamente não ter existido associação natural, esta, ou não existiu, ou não é mais percebida. Ao tratar da relação imagem acústica e conceito, Guiraud (1972, p. 22) explica, a partir de processos físico-cognitivos, esse tipo de “*associação psíquica bipolar*”:

A visão ou a lembrança de uma ÁRVORE evoca no espírito do locutor a imagem visual ou conceito (arbor 1); esse conceito evoca por associação a imagem acústica da palavra (*árvore*); os sons (“árvore”) transportados no ar sob a forma de ondas sonoras vêm atingir o ouvido do ouvinte, e provocam em seu espírito a imagem acústica (*árvore*), que evoca por associação a imagem conceitual (arbor 2).

Mesmo sendo mais rica em detalhes e bem mais refinada, a explicação de Guiraud se alinha, em linhas gerais, a de Benveniste, mas já anuncia um ponto de contraste com a perspectiva de Saussure, o qual tentou, sem muito sucesso, de acordo com Benveniste, retirar o referente (a coisa denominada) de suas formulações. Para Guiraud, “(...) coisa denominada, que, extralingüística ou não, não pode ser ignorada pelo semanticista” (GUIRAUD, 1972, p. 24). A primeira referência que se faz quanto à tentativa de reintroduzir o referente na relação dicotômica de Saussure (significante e significado) é a Odgen e Richards (1923). Para estes, a relação sígnica seria triádica, como se vê infra:



Fonte: Blikstein (2003, p. 24)

Figura 3: Triângulo de Odgen e Richards

Um estudo toponímico não pode prescindir do referente em suas formulações sobre o ato de nomear. O triângulo de Odgen e Richards tem sido revisitado/adotado por linguistas, semiologistas, psicólogos etc. justamente por “reintroduzir” o referente nos estudos semânticos. Há que verificar, no entanto, em que medida essa reintrodução fora efetivamente posta em prática e de que forma os seguidores dessa proposta entenderam-na em suas elucubrações sobre a significação.

Blikstein (2003), em ensaio *Kaspar Hauser ou a Fabricação da Realidade*, tanto historia a tradição tributária de Odgen e Richards, apontando-lhe as incongruências, quanto apresenta, ao fim, seu próprio esquema de fabricação da realidade, construído a partir de um mosaico de contribuições teóricas, que vão de Odgen e Richards a Shaff. Nas linhas que se seguem, sumarizar-se-ão os principais pontos do ensaio de Blikstein.

Blikstein toma como mote, para a sua empreitada em busca de um modelo de percepção da realidade, a história verídica de Kaspar Hauser, jovem alemão privado do

convívio social até seus 18 anos. O cineasta Werner Herzog lança, em 1974, sobre a vida Kaspar Hauser um filme, cujo título original é *Jeder für sich und Gott gegen alle* (“Cada um por si e Deus contra todos”). A história desse jovem tem particular interesse para uma discussão sobre a percepção da realidade, ou construção do processo de significação, pois o fato de ele ter sido privado do convívio social e o fato de ter adquirido tardiamente uma língua podem explicar a incapacidade de ele distinguir, por exemplo, realidade de sonho. Isso leva Blikstein a discutir a relação entre língua, pensamento, conhecimento e realidade. Para tanto, ele historia uma tradição de filósofos, linguistas (semiologistas, lexicólogos), psicólogos etc.

Para o interesse desta pesquisa, que, como já disse, não desconsidera o referente de suas formulações, oportuna se faz a discussão de Blikstein sobre o legado de Ogden e Richards. Estes lançaram mão da figura do referente (a coisa extralingüística), de modo a se chegar à relação triádica representada no triângulo já mencionado, só que, mesmo com essa aparente inovação, que remete, por sua vez, aos estoicos, a Santo Agostinho e aos lógicos de Port Royal, mesmo assim, “a inclusão do referente não implicou a captura da realidade extralingüística” (BLIKSTEIN, 2003, p. 24). Para o linguista brasileiro, o efeito pretendido com a inserção da realidade extralingüística é justamente o contrário do que se poderia imaginar à primeira vista, pois o que se conseguiu, de fato, foi “descartá-la da lingüística e da semiologia, afrouxando ou rompendo eventuais e promissores laços entre estas e a psicologia, a antropologia e a teoria do conhecimento” (BLIKSTEIN, *op. cit.*). Analogamente à proposta triádica de Ogden e Richards, segundo Blikstein, Ullman (1964), Baldinger (1970) e Eco (1968) também descartaram o referente em suas abordagens semântico-semiológicas.

Ainda com Blikstein, tem-se que todas essas propostas triádicas cometem um equívoco fundamental:

(...) o fato de o referente ser extralingüístico não significa que deva ficar fora da lingüística; ele simplesmente está situado *atrás* ou *antes* da linguagem, como um evento cognitivo, produto de nossa percepção. Qualquer que seja o nome de tal “produto”, seja *referente, objeto mental ou unidade cultural, fica reconhecida a necessidade do recurso a uma dimensão anterior à própria experiência verbal para a detecção da gênese do significado.* (BLIKSTEIN, 2003, p. 39) (grifos nossos)

Para a compreensão mesma do referente como um evento cognitivo, Blikstein aproveita de todos os teóricos supracitados e de outros (Greimas, Coseriu, Saussure, Chomsky etc.) algumas formulações e ideias para a busca de um modelo de percepção da realidade, no

qual o referente seja de fato e de direito considerado nas discussões sobre a significação. Para a efetiva captura do referente, Blikstein, partindo de Odgen e Richards, elabora uma série de propostas parciais (gráficos), as quais culminam na seguinte:

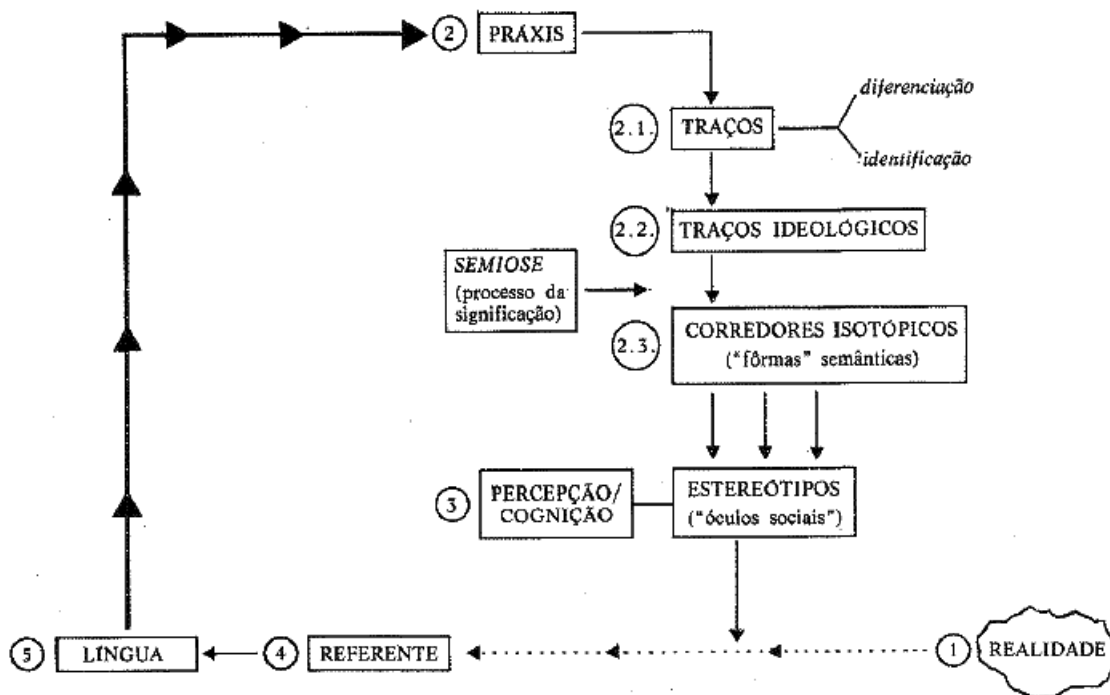


GRÁFICO n.º 19: A interação língua/práxis

Fonte: Blikstein (2003, p. 81)

Figura 4: Modelo de Percepção da realidade

Em linhas gerais, no esquema acima, Blikstein deixa claro que não é a realidade em si que é percebida, e sim, o referente, e entre este e aquela, há, assim como eles, uma série de elementos pré-verbais (práxis; traços de diferenciação e identificação; traços ideológicos; corredores isotópicos; percepção/cognição/estereótipos) a serem considerados na fabricação da realidade e todo esse percurso revela ao cabo a importância da semiose verbal, pois:

(...) embora a significação dos códigos verbais seja tributária, em primeira instância, da semiose não-verbal, é praticamente só por meio desses mesmos códigos verbais que podemos nos conscientizar da significação escondida na dimensão da práxis: anterior à língua, a semiose não-verbal só pode ser explicada pela língua. (BLIKSTEIN, 2003, p. 80)

A ideia de eterno retorno à língua, para a compreensão do extralinguístico, reitera, crê-se, a interdependência entre língua, cultura e sociedade, ou, dito de outro modo, afora a

primazia exclusivista da semiose língua nos estudos semânticos em geral, advoga-se, com Blikstein, o lugar do extralinguístico nas especulações sobre a significação, como o faz a Toponímia no estudo dos denominativos de lugares, guardadas as devidas proporções entre as formulações próprias à Toponímia e o aparelhamento cognitivo-perceptual de Blikstein.

Voltando a Guiraud, tem-se a oportuna distinção entre os termos *arbitrário*, *motivação* e *convenção*. Segundo ele, “*Arbitrário* se opõe a motivado, e tem, como corolário, *convencional*, visto que, na ausência de qualquer motivação apenas a convenção fundamenta a significação. Mas *convencional* não **exclui motivado**” (GUIRAUD, 1972, p. 28). (grifo nosso)

Em essência, pois, o signo linguístico é convencional, mas pode tender ao arbitrário. A ideia de tendência permite o vislumbre do caráter motivacional do signo, haja vista que “(...) todas as palavras são motivadas em **seu ponto de partida**, e muitas continuam a sê-lo por algum tempo. A motivação constitui portanto um dos caracteres fundamentais do signo linguístico” (GUIRAUD, 1972, p. 29). (grifo nosso)

O caráter motivacional prende-se, então, entre outras razões, à etimologia das palavras, a qual deve fornecer o sentido primeiro, logo motivado. Ocorre, no entanto, que a “motivação deve (...) apagar-se em proveito do sentido, porque, caso contrário, ela se arriscaria a restringi-lo, ou mesmo alterá-lo” (GUIRAUD, 1972, p. 33).

Ao atestar o caráter motivacional do signo na perspectiva etimológica, Guiraud abre um terreno fecundo para discussão do Signo Toponímico em uma perspectiva diacrônica, o que por seu turno, está em consonância com a diretriz estabelecida por Dauzat, que alertava para a necessidade de reconstituição de toda uma cadeia etimológica que vai da forma presente à pretérita, processo auxiliado pelo diálogo com as informações extralinguísticas.

Não só Guiraud menciona um sentido primeiro, o etimológico, que seria, segundo ele, motivado. Biderman (1998, p. 110) faz referência ao linguista italiano Mario Alinei, o qual, segundo ela, reconhece que:

(...) na gênese, a nomeação é motivada; porém, com o passar do tempo e a permanência do signo, a palavra pode tornar-se opaca em sua significação. A elucidação da motivação semântica original dos nomes levaria à descoberta da etimologia da palavra e da história de sua evolução semântica.

Cabe, pois, trazer à baila algumas considerações de Alinei (1984) sobre o que ele chama de as duas estruturas do significado. No texto *Le due strutture del significato*, constante em *Lingua e dialetti struttura, storia e geografia*, de 1984, o referido estudioso

empreende uma interessante abordagem que merece ser aqui recuperada em suas linhas gerais. Já o início do mencionado texto, ele aponta problemas correntes nas definições de significado, o que o faz decidir que

Dos três termos usados nas diversas variantes do «triângulo», manteremos então somente *signo* e *referente*. O primeiro, de fato, designa o simples veículo linguístico, oral ou escrito, e pode, então, ser verificado mediante a direta observação. O segundo designa «aquilo que vem comunicado», «aquilo a que se refere» e, como Eco corretamente observa, pode também ser ele objeto de observação imediata no ato comunicativo¹⁶. (ALINEI, 1984, p. 13)

Passando em revista especificamente a discussão de Alinei sobre a arbitrariedade do Signo Linguístico, faz-se oportuno reproduzir as próprias palavras do linguista italiano:

Com relação ao problema da arbitrariedade do signo, podemos também observar que arbitrária é somente a relação entre modelo e signo, enquanto aquela entre modelo e referente é, por definição, motivada. Como consequência, qualquer significado lexical é contemporaneamente arbitrário e motivado, a causa dessa dupla estrutura imanente ao significado, e por razões de todo independentes da opacidade e transparência do signo¹⁷.(ALINEI, 1984, p. 19)

A partir do estabelecimento dessas duas estruturas imanentes ao significado (arbitrário e motivado), como já anunciado no próprio título do artigo de Alinei, tem-se o seguinte triângulo por ele proposto:

¹⁶ Dei ter termini usati nelle diverse varianti de «triangolo» manterremo quindi soltanto segno e referente. Il primo infatti designa il semplice veicolo linguístico, orale o escrito, e può quindi essere verificado mediante la diretta osservazione. Il secondo designa «ciò che viene comunicato», «ciò a cui ci si riferisce» e, como Eco corretamente observa, può anch'esso essere oggetto di osservazione imediata nell'atto comunicativo. (Tradução nossa)

¹⁷ Nei riguardi de problema dell'arbitrarietà del segno, possiamo anche osservare che arbitraría è solo la relazione fra *campione* e *segno*, mentre quella fra *campione* e *referente* è, per definizione, motivata. Di conseguenza, qualunque significato lessicale è contemporaneamente arbitrário e motivado, a causa dela dúplice struttura immanente al significato, e per ragioni del tutto independenti dalla opacità e trasparenza del segno. (Tradução nossa)

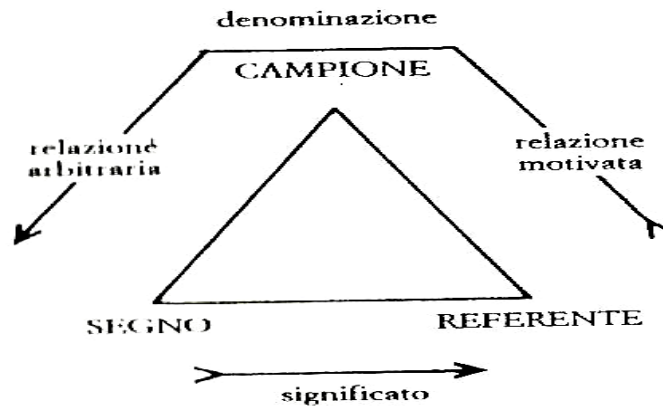


Figura 5: Triângulo de Alinei
Fonte: Alinei (1984, p. 19)

Sendo, pois, motivada, segundo Alinei, a relação entre modelo e referente, tem-se evidenciada a importância deste na discussão sobre o significado e, no caso particular desta pesquisa, aproveita-se tal entendimento como um corolário que deve ser aproveitado nos estudos toponímicos.

Invocando, então, esse caráter motivacional, como pedra de toque que diferencia o signo linguístico do toponímico, passa-se à discussão deste.

O signo em função onomástica apresentará, então, características que o tornarão peculiar se tomado em relação ao signo linguístico propriamente dito. A primeira delas, como já se anunciou, seria o caráter essencialmente motivado do toponímico, pois este se transforma “(...) no ato de batismo de um lugar, em essencialmente motivado, não sendo exagero afirmar ser essa uma das principais características do topônimo” (DICK, 1990a, p. 38). Esse ato de batismo implica reconhecer dois momentos, um que se refere à intencionalidade do denominador e um à origem semântica da denominação. O primeiro ensejará uma perspectiva diacrônica no labor de um toponimista e o segundo, uma sincrônica, e os dois “irão, realmente, influir na formalização das taxonomias (*sic*) dos nomes de lugares” (DICK, 1990a, p. 39).

Ao signo toponímico cabe identificar os lugares e indicar precisamente os aspectos físicos e antropoculturais contidos nele. A partir dessas duas funções, a de identificar e a de indicar, tem-se clara “(...) a aproximação do topônimo aos conceitos de ícone ou de símbolo, sugerida pela própria natureza do acidente nomeado” (DICK, 1990a, p. 40). Some-se a isso a significação impressa no Topônimo, a qual, mesmo se obscurecida pela passagem do tempo, pode ser aclarada com a proposta semântica de classificação de Dick. Por fim, pode-se também mencionar, como característica marcante do Topônimo, principalmente quando se

têm casos em que a causa motivadora já desaparecera, a fossilização toponímica, consequência da presença/permanência do nome.

Pode-se postular, para o interesse desta pesquisa, que, pelo fato de se admitir, em Toponímia, serem “os nomes de cursos d’água e de montanhas e serras (...) os mais primitivos ou as mais antigas denominações dadas pelo grupo” (DICK e SEABRA, 2002, p. 66), muitos desses nomes talvez possam ser, de fato, fósseis, o que só se confirmaria, se, no mínimo, tanto lhes fossem esmiuçadas as modificações fonéticas, quanto fosse feita a comprovação empírica de ainda existir ou não determinado acidente.

Mesmo nos casos de esvaziamento dos nomes, em que se considera haver certa distância entre o uso da forma e do local e a época do aparecimento ou de sua criação (do nome), é possível, em uma perspectiva que extrapola a perspectiva sincrônica, logo pancrônica, buscar recuperar uma origem qualquer, com base, como já se disse, em contribuições de diversas áreas, em informações e em dados históricos e culturais diversos.

Pela própria configuração do Sintagma Toponímico, faz-se mister discutir, antes e, sucintamente, o estatuto do Nome Próprio no escopo dos estudos de linguagem.

1.4 O Nome Próprio

A abordagem sobre os nomes próprios pode ser feita a partir de várias perspectivas, dentre elas, a filosófica, a mítica, a antropológica e a linguística. Interessa a esta pesquisa a última perspectiva em sentido *lato* e *stricto*¹⁸, haja vista o interesse particular deste estudo, a saber, o estudo dos Nomes Próprios de lugares, os Topônimos. Para um aprofundamento sobre a discussão acerca do Nome Próprio nas outras vertentes, remete-se a Zamariano (2010), que fez um estudo pormenorizado dessas várias abordagens.

Já no século II a.C., Dionísio, o Trácio, criador da primeira gramática do Ocidente, descreve o *ónoma*, o qual englobava denominações de seres individuais, de atividades humanas e de objetos. Dionísio reuniu, ao contrário do que fizeram os estoicos, os nomes próprios e comuns em uma única classe, a dos *ónoma*.

Pode-se mencionar também o gramático latino Prisciano, professor de latim em Constantinopla, na segunda metade do século V até o início do século VI. Ressalte-se, no entanto, que as considerações do gramático latino sobre a categoria dos nomes diz respeito a

¹⁸ Diz-se em sentido *lato*, mormente, para Dionísio e Prisciano, por exemplo, e, em sentido *stricto*, para Bréal e Ullmann, por exemplo.

que declinação determinado substantivo deve pertencer de acordo com a terminação do genitivo. Além disso, Prisciano

também informa que tipo de palavra pertence a que declinação, baseado no critério morfológico da terminação do nominativo singular aliado ao critério de gênero e ao de origem da palavra, grega ou latina. Além disso, são expostas as terminações dos casos oblíquos que compõem cada paradigma flexional. (GONÇALVES e CONTO, p. 92, 2010)

Na Gramática de Port Royal, de Arnauld e Lancelot, de 1660, há também o interesse pela categoria dos nomes, os quais compreenderiam tanto os substantivos quanto os adjetivos. Nesta obra, os autores distinguem os nomes próprios dos comuns, entendendo àqueles como os que “convêm às idéias singulares, como o nome *Sócrates*, que convém a um certo filósofo chamado *Sócrates*; o nome *Paris*, que convém a uma cidade chamada *Paris*”. (ARNAULD E LANCELOT, 2001, p. 36). Ainda sobre tais nomes, os autores mencionam o fato de um nome próprio poder se referir a várias pessoas, o que, segundo eles, ocorre acidentalmente

porque vários adotaram um mesmo nome; é preciso então acrescentar outros nomes que o determinem e lhe restituam a qualidade de nomes próprios, como o nome *Luís*, que convém a muitos, é próprio do rei que reina hoje, dizendo-se *Luís Catorze*. Muitas vezes nem é necessário acrescentar nada, porque as circunstâncias do discurso indicam claramente de quem se fala. (ARNAULD E LANCELOT, 2001, p. 36).

Já no século XIX, Bréal (1992, p. 126) também trata explicitamente dos nomes próprios, considerando-os, de um ponto de vista semântico, “os substantivos por excelência”, haja vista serem eles “os mais significativos de todos, sendo os mais individuais”. (BRÉAL, p. 126, 1992).

Ullmann (1964), por seu turno, estabelece que a diferença entre substantivos comuns e nomes próprios, com base na funcionalidade deles, é a de que estes têm função apenas de identificação e aqueles de significação.

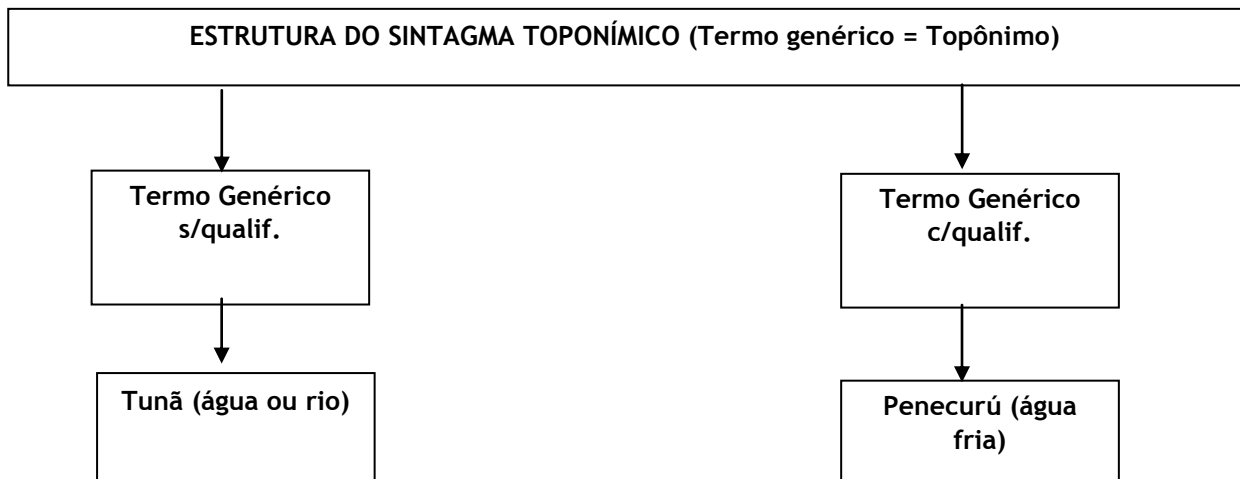
Zamariano (2010, p. 73), ao comentar a proposta de ordenação de Kleiber, afirma que este autor “concebe o *nome próprio* como um nome de objeto que não conota nada e que não implica qualquer atributo pertencente a esses indivíduos. E mais, o *nome próprio* possui uma determinada estabilidade enquanto outros nomes têm, geralmente, uma significação ocasional”.

No escopo da Onomástica, no entanto, a discussão sobre os Nomes Próprios de pessoas (Antropônimos) e os de lugares (Topônimos) deve, necessariamente, sobrelevar, sobretudo no caso dos nomes de lugares, o papel do referente, o qual é de assaz importância no ato de batismo dos Topônimos, haja vista que, principalmente nos casos em que a nomeação se pauta em um critério descritivo-objetivo, como quando se atribuem aos elementos geográficos características que ressaltem suas formas, cores, por exemplo, se configura um estatuto diferenciado ao Nome Próprio de lugar, qual seja, o de essencialmente motivado, como já se mencionou.

Adverte-se, por fim, que a discussão acerca dos Nomes Próprios de lugares deve requerer, mesmo no escopo da Toponímia, que se sistematizem e discutam os casos em que são alçadas à categoria de Topônimos categorias gramaticais como a dos adjetivos, por exemplo, mas não só. Algo nesse sentido foi buscado quando, no tópico 1.6, Adjetivos em função toponímica: proposta de ampliação taxionômica, se discutiu o estatuto dessa categoria com base na noção de toponimização. Outra possibilidade de entender os Nomes Próprios em suas nuances semânticas pode ser buscada a partir da correlação com papéis semânticos, que também se fez, neste estudo, quando da análise da estrutura do Sintagma Toponímico preposicionado (*DE*). Muito há, pois, que se fazer para que sejam assentadas as bases teóricas que possibilitem uma discussão científica, cada vez mais sólida, sobre os Nomes Próprios de lugares, objeto de estudo da Toponímia. No tópico seguinte deste capítulo, serão discutidas questões sobre o Sintagma Toponímico.

1.5 O Sintagma Toponímico

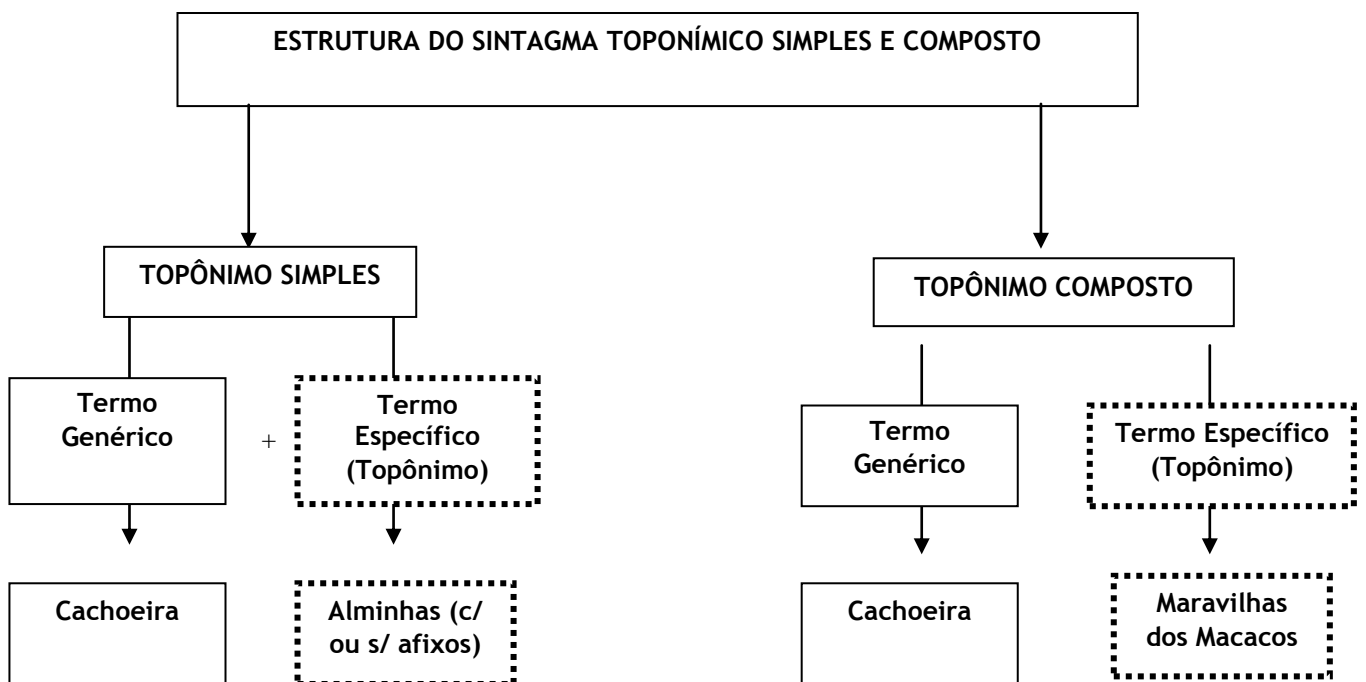
Tratando da estrutura do Sintagma Toponímico, pode-se mencionar, inicialmente, e, de forma esquemática, o funcionamento do termo genérico como Topônimo, como se vê a seguir:



Fonte: Dick (1992a, p. 11) (esquemático pelo autor desta pesquisa)

Figura 6: Termo genérico funcionando como Topônimo

Quanto à estrutura do Topônimo em particular (termo específico, linhas pontilhadas abaixo), podem-se destacar as seguintes formações, assim esquematizadas:



Fonte: Dick (1992a, p. 14) (esquemático pelo autor desta pesquisa)

Figura 7: Sintagma Toponímico Simples e Composto

Tomando como ponto de partida, ainda, a estrutura do Sintagma Toponímico, acima esquematizada, é possível, a partir de agora, proceder a considerações sobre o papel dos adjetivos em função toponímica. Além disso, e, com o intuito de contribuir com a proposta taxionômica de Dick, propor-se-ão tanto uma ampliação na classificação dos Hidrotopônimos quanto uma revisão da taxa dos Cronotopônimos e Numerotopônimos, o que se fará a seguir.

1.6 Adjetivos em função toponímica: proposta de ampliação taxionômica

Um ponto de peculiar interesse para a discussão do Sintagma Toponímico diz respeito ao papel desempenhado pelos adjetivos quando na função de Topônimo (termo específico).

Os adjetivos, como classe geral, “são usados para atribuir uma propriedade singular a uma categoria (que já é um conjunto de propriedades) denominada por um substantivo”. (NEVES, 2000, p. 173). As formas de atribuição, ainda com a mesma autora, se dão por qualificação ou subcategorização.

Na proposta de subclasses dos adjetivos, Neves (2000, pp. 184 e 185), ao tratar dos adjetivos qualificadores, refere que esses adjetivos “indicam, para o **substantivo** que acompanham, uma propriedade que não necessariamente compõe o feixe das propriedades que o definem. Diz-se que esses adjetivos qualificam o substantivo, o que pode implicar uma característica mais, ou menos, subjetiva, mas sempre revestida de certa vaguidade”. Outra subclasse é a dos classificadores e, neste caso, os adjetivos “colocam o substantivo que acompanham em uma subclasse, trazendo em si uma indicação objetiva sobre essa subclasse” (NEVES, 2000, p. 186).

Dick (1992a, p. 49), ao tratar da heterogeneidade dos motivos designativos, diz sobre eles que:

(...) uns surgem com maior insistência ou freqüência que outros e que alguns mecanismos de nomeação são bem mais comuns em determinados estágios ou períodos da vida coletiva, como é o caso dos nomes descritivos, que retratam o lugar em si, pelas próprias dimensões caracterizadoras. Por isso mesmo há um consenso unânime entre os toponimistas de pesquisar as origens da denominação em duas fontes principais, uma, reputada ou popular, sem uma autoria identificável à primeira vista, porque nascida no seio da população e não individualizada (...).

Tais nomes descritivos podem ser exemplificados justamente pela presença de adjetivos qualificadores, como no caso das denominações dos cursos d'água. A esse respeito, Dick (1992a, p. 50) diz que:

(...) o elemento mais freqüente nas denominações dos cursos d'água, em diversas línguas, tem, como denominador básico, a forma lingüística correspondente a rio, lago, córrego, ou água, simplesmente ou acompanhada de uma indicação atributiva de cor, volume, natureza da corrente etc.

Esse acompanhamento de indicação atributiva (adjetivos qualificadores, de Neves) de cor, volume, natureza da corrente etc., no caso específico dos cursos d'água, posto serem nomes descritivos, pode ser entendido como um significativo realce dessas características marcantes ao denominador quando do ato de batismo de determinado elemento geográfico.

Dauzat refere, abaixo, dentre outras coisas, o emprego de adjetivos em função substantivada, como no caso de 1 a 10 a seguir:

Os sistemas de designações dos nomes de rios não variam muito. O mais simples consiste em chamar “o rio”, muito curto, ou a água, a água corrente – cada um desses nomes era o rio por excelência para seus ribeirinhos, que não experimentam a necessidade de explicar. Estes nomes foram cristalizados mais facilmente que as mudanças na língua, pois estas foram mais numerosas sobre o território dado. O nome mais genérico pode ser acompanhado de um epíteto que o complementa. Enfim, o adjetivo, substantivado, é empregado isoladamente por formação metafórica. O apelativo evoca geralmente uma qualidade física (cor ou temperatura da água, rapidez da corrente, etc.); tinha frequentemente um valor místico, os rios eram divinizados. (DAUZAT, 1939, p. 195)¹⁹

Pela própria organização textual com que Dick apresenta os elementos atributivos de cor, de volume etc. (e porque não dizer de salinidade, da condição térmica etc., elementos recorrentes no *corpus* desta pesquisa) e também com base na citação de Dauzat, imediatamente acima, parece lícito afirmar que, para estes casos e afins, a atribuição mesma evidencia sobremaneira uma característica peculiar do elemento “água”, de modo que se advoga que a classificação mais pertinente seja a de enquadrar os Topônimos (Hidrônimos),

¹⁹Les systèmes de désignation de la rivière n'ont guère varié. Le plus simple consiste à l'appeler « la rivière » tout court, ou l'eau, l'eau courante, - chacune d'elles étant la rivière par excellence pour ses riverains, qui n'éprouvent pas souvent le besoin de préciser. Ces noms se sont autrefois cristallisés d'autant plus facilement que les changements de langues ont été plus nombreux sur un territoire donné. – Le nom générique peut être accompagné d'une épithète qui le précise. Enfin l'adjectif, substantivé, est employé isolément par formation métaphorique. L'appellatif évoque généralement une qualité physique (couleur ou température de l'eau, rapidité du courant, etc.) ; il avait souvent autrefois une valeur mystique, les rivières étant divinisées. (Tradução Nossa).

com essa estrutura sintagmática e com esses atributivos, na classe dos Hidrotopônimos, como se vê abaixo, com exemplos retirados do *corpus* desta pesquisa:

- 1) Lagoa Vermelha (cor)
- 2) Riacho Vermelho (cor)
- 3) Lagoa Seca (volume)
- 4) Riacho Seco (volume)
- 5) Riacho Salgado (salinidade da água)
- 6) Córrego Salobro (salinidade da água)
- 7) Riacho Fresco (condição térmica da água)
- 8) Riacho Frio (condição térmica da água)
- 9) Rio Corrente (natureza da corrente)
- 10) Lagoa Suja (aspecto da água)

Os sintagmas toponímicos de 1 a 10 serão, pois, aqui classificados, como Hidrotopônimos, haja vista cor, volume, salinidade, condição térmica, natureza da corrente e aspecto referirem-se propriamente ao elemento água.

Algo diferente, no entanto, parece ocorrer com os casos abaixo, os quais, mesmo apresentando um adjetivo qualificador, como termo específico, não parecem se referir a características específicas do elemento água, como nos exemplos supracitados:

- 11) Lagoa Feia
- 12) Lagoa Falsa

Observe-se que 11 e 12 não se referem propriamente, ou pelo menos não de modo evidente como nos exemplos de 1 a 10, a características peculiares da água. No caso de 11 e 12, parece mais evidente o *estado anímico* do denominador, motivado possivelmente por outras características do entorno, e não somente motivado por alguma característica peculiar à água da lagoa, riacho, córrego etc.. O que se quer dizer, então, é que, para os exemplos de 1 a 10, parece sobressaltar um caráter descritivo-objetivo mais marcante no ato de nomeação do que nos exemplos 11 e 12, nos quais que se acentua mais fortemente um caráter descritivo-subjetivo no ato de nomeação.

Dick (1992a, p. 27), quando da ampliação de sua proposta classificatória, adverte quanto às taxes primitivas propostas:

Realmente, era tarefa difícil abranger, de plano, nas taxes primitivas, todas as possibilidades contidas na nomenclatura geográfica. Muitas, seguramente, como foi dito, estariam fora do ordenamento, enquanto que outras necessitavam de uma melhor reformulação, no sentido de serem isoladas algumas partes do restante do item em apreço, desde que integravam o todo, indistintamente, muitas vezes sem uma pertinência adequada.

Com base na advertência de Dick, vislumbra-se a possibilidade de se propor reformulações outras à classificação em taxes da autora, e uma delas pode se referir especificamente ao papel dos adjetivos quando em função toponímica (termo específico), pois, há casos (1 a 10) que, não raro, causam impasse quando da classificação exata em determinada taxé ou mesmo ficam sem classificação.

A proposta ampliação da taxé dos hidrotopônimos feita neste estudo precisa, obviamente, ser posta em confronto com os casos em que figuram adjetivos com papéis análogos nas outras taxes. Não fora possível, no limite de tempo da pesquisa, estender o raciocínio aplicado à taxé dos hidrotopônimos para as demais. Além desta advertência, cumpre, rapidamente, mencionar algumas propostas de ampliação ou criação de taxes a partir do modelo de Dick (1992a). Tais propostas são de pesquisadores brasileiros²⁰ (não se ignoram as propostas de autores fora do Brasil, mas o intuito, aqui, não é o de sumarizar as várias propostas existentes, e, sim, o de mencionar algumas que, como a que aqui se propõe, são também propostas de ampliação, como a de Isquerdo (1996) e de Lima (1997)).

Isquerdo (1996), por exemplo, propõe a seguinte ampliação para a taxé dos animotopônimos:

Animotopônimos eufóricos (marca, *grosso modo*, uma impressão agradável);

Animotopônimos disfóricos (marca, *grosso modo*, uma impressão desagradável).

Lima (1997), por seu turno, propõe a seguinte ampliação para a taxé dos hagiotopônimos:

²⁰ Tais propostas não foram utilizadas nos quadros de classificação, uma vez que o conhecimento delas se deu posteriormente à efetiva classificação.

Hagiotopônimos autênticos (nomes de inspiração religiosa);

Hagiotopônimos aparentes (nomes de inspiração política).

Francisquini (1998), diferentemente dos dois acima citados, não propõe subdivisões e, sim, taxés outras, as quais são:

Acronimotopônimos (topônimos formados por siglas);

Estamatotopônimos (topônimos relacionados aos sentidos);

Grafematopônimos (topônimos formados por letras do alfabeto);

Higietopônimos (topônimos relativos à saúde, à higiene, ao estado de bem estar físico);

Necrotopônimos (topônimos relativos ao que é ou está morto, a restos mortais).

Voltando ao caso dos adjetivos, crê-se, pelo que se expôs, que casos idênticos ou análogos aos exemplos de 1 a 10 podem ser classificados na classe geral dos Hidrotopônimos e nas suas subtaxes, propostas a seguir, o que visa a uma tentativa de maior coerência interna de classificação. Dito de outro modo, os adjetivos, quando qualificadores de elemento geográfico (rio, lago, lago, córrego, brejo etc.), e, quando expressarem claramente os atributivos de cor, de volume, de natureza da corrente, de salinidade, da condição térmica, de escassez, aspecto da água etc., podem ser classificados como Hidrotopônimos e suas respectivas subtaxes, resultantes dos atributivos anteriormente mencionados. Assim sendo, segue abaixo uma proposta de subtaxes para a taxé geral dos Hidrotopônimos:

1. Hidro

A taxé geral dos Hidrotopônimos compreenderia os casos já arrolados por Dick (1990a, pp. 245 a 252)²¹:

²¹ A esta lista acrescenta-se, para os fins desta pesquisa, o termo Brejo, pelo que já se pode argumentar em momento oportuno. Nem todos estes termos arrolados por Dick deverão ser, obrigatoriamente, classificados como Hidrotopônimos, haja vista a significação regional de alguns deles.

Corridinha; Corredeira; Correnteza; Pararaca; Bariri; Cachoeira; Carreira; Corredeira; Corrente; Correnteza; Corrida; Caldeirão; Remanso; Cascata; Queda; Salto; Cabeceira; Nascente; Foz; Canal; Furado; Furo; Estirão; Corixas; Sangradouros; Sangas ;Fonte; Olho d'água; Lago; Lagoa; Laguna; Água.

1.1 **Hidro-cromo**²²-**topônimo** (doravante, **Hidro-cromo**)

Esta taxa compreenderia os casos em que se ressaltam características cromáticas da água.

Ex.: Riacho Vermelho (do *corpus* desta pesquisa)

1.2 **Hidro-hiper**²³-**topônimo** (doravante, **Hidro-hiper**)

Esta taxa compreenderia os casos em que se ressaltam ou o volume excessivo ou a força da correnteza das águas.

Ex.: não encontrado no *corpus* desta pesquisa (Um exemplo possível, e de próprio punho do autor desta pesquisa, seria Lagoa Cheia)

1.3 **Hidro-hipo**²⁴-**topônimo** (doravante, **Hidro-hipo**)

Esta taxa compreenderia os casos em que se ressaltam o volume insuficiente ou precário das águas.

Ex: Riacho Seco (do *corpus* desta pesquisa)

1.4 **Hidro-termo**²⁵-**topônimo** (doravante, **Hidro-termo**)

Esta taxa compreenderia os casos em que se ressaltam características térmicas da água.

Ex.: Riacho Frio (do *corpus* desta pesquisa)

1.5 **Hidro-halo**²⁶-**topônimo** (doravante, **Hidro-halo**)

Esta taxa compreenderia os casos em que se ressaltam características concernentes à salinidade da água. Os casos que aqui se enquadram seguem a estrutura (elemento geográfico + Adjetivo em função toponímica (Topônimo)). As estruturas (elemento

²² Partiu-se da forma grega *khroma*, atos 'cor' (DeHlp).

²³ Partiu-se do adv.prep.grego *hupér* 'acima; sobre; por cima, muito' (DeHlp).

²⁴ Partiu-se do adv.prep.grego *hupó* 'sob, abaixo de, embaixo' (DeHlp).

²⁵ Partiu-se do gr. *thermós, ê, ón* 'quente, ardente' (DeHlp).

²⁶ Partiu-se do grego *hal(i/o)*- 'sal' (DeHlp).

geográfico + Prep. **DE** + Topônimo) (Riacho do Salgado) não serão classificadas nesta categoria.

Ex.: Riacho Salgado (do *corpus* desta pesquisa)

1.6 **Hidro-aspecto**²⁷-topônimo (doravante, **Hidro-aspecto**)

Esta taxa compreenderia os casos em que se ressaltam características concernentes ao aspecto da água.

Ex.: Lagoa Suja (do *corpus* desta pesquisa)

Uma observação a ser feita, no que tange às subtaxes propostas para a taxa geral dos Hidrotopônimos, diz respeito ao conceito de Toponimização, que pode ser entendido, de acordo com Dick (2007, p. 463), como o “emprego do designativo do acidente em função denominativa, como se fosse um nome”. Ainda com a mesma autora, é possível perceber, em texto anterior, o uso da nomenclatura Toponimizados, quando da discussão sobre “os acidentes fluviais que surgem nos cursos de um rio” (DICK, 1990a, p. 245). Levando-se em conta a primeira citação deste parágrafo, mormente o trecho “como se fosse um nome”, sugere-se, especificamente para os casos dos adjetivos atributivos de cor, volume, salinidade e condição térmica da água etc., a seguinte leitura: tais adjetivos passariam a funcionar como se fossem nomes, ou ainda, estariam em um *continuum* que iria de nomes já definitivamente toponimizados e aqueles em estariam em vias de toponimizar-se, por isso mesmo, em toponimização. Pode-se argumentar a favor da ideia de *continuum* a partir da observação seguinte:

- a) Nomes já toponimizados ou os topônimos propriamente ditos em relação a nomes em toponimização parecem experimentar estatuto diferenciado quanto à autonomia no Sintagma Toponímico, senão, vejam-se os casos:

- a.1) Rio Negro (Dick (1990))

- a.2) Rio Parnaíba (do *corpus* desta pesquisa)

²⁷ Partiu-se da forma latina lat. *a(d)spectus,us* 'o olhar, aparência, forma'(DeHlp). A forma grega correspondente (*apopsi*) não foi selecionada simplesmente por não possibilitar paralelismo com a maioria das outras formas propostas (com tem em –o)

a.3) Rio Corrente (do *corpus* desta pesquisa)

Em a.1 e a.2, parece ser possível a autonomia do Topônimo, vez que, para estes casos, o Negro²⁸ e o Parnaíba seriam, respectivamente, respostas possíveis para perguntas como: qual um dos principais rios do Estado do Amazonas? e qual o principal rio do Estado do Piauí? para estas perguntas, não é forçoso imaginar as respostas apontadas. O mesmo talvez não se possa dizer de a.3, para o qual não se vislumbra, com a mesma propriedade, a possibilidade de funcionar como resposta às perguntas do tipo das acima mencionadas. Em igual situação, estariam: Riacho Vermelho, Lagoa Seca, Riacho Seco, Riacho Salgado e afins. A possibilidade de se ter o Parnaíba, como resposta, tem a ver com a própria natureza morfológica, ou seja, os substantivos apresentam maior autonomia, o que se pode corroborar, ainda com exemplos do Piauí, com os nomes dos seguintes rios: Poti, Uruçui e Gurgueia, todos com a mesma autonomia sintagmática. Naqueles em que se têm, por seu turno, adjetivos (em função toponímica, ou, em toponimização), a tendência parece ser a de menor autonomia. Em suma, a ideia de *continuum* de toponimização, mormente para os atributivos já mencionados, tanto corrobora o papel do adjetivo em função toponímica, ou, em toponimização em muitos casos, quanto possibilita, no caso dos Hidrônimos com os atributivos aqui elencados, classificá-los não como Cromotopônimos (Rio Negro, posto o adjetivo já está toponimizado) e sim como Hidro-cromo-topônimo (Lagoa Vermelha, donde o adjetivo está em toponimização).

Deve ficar claro, no entanto, que a presença de adjetivo qualificador não implicará tratar-se necessariamente de um Hidrotopônimo, haja vista ter de existir, além da presença do formal do adjetivo, os atributivos mencionados, que evidenciam algum traço próprio ao Hidrônimo.

Nos exemplos 13 a 16, mesmo com a presença de adjetivos qualificadores, pode-se perceber que a relação de atribuição é de outra ordem, pois, nestes casos, o que está em questão não é se a água da lagoa, do rio, do lago etc. é grande ou funda. O que estão em jogo

²⁸ Dick (1990a, p. 199) parece, com a seguinte passagem, confirmar a autonomia sintagmática de Rio Negro: “Idêntica função catalizadora é atribuída também a outros cursos como o **rio Tocantins**, o **Negro**, o **Tietê**, o **Paraná**, o **Prata**, os quais, a pouco e pouco, tornavam conhecidos os extremos do território, assegurando, dessa forma, os limites fronteiriços, dilatados à medida que prosperava a ação expansionista”. O fato de Dick listar o **Negro** como um elemento autônomo não significa, obviamente, que tal autonomia seja consensual.

são as *dimensões físicas* desses elementos geográficos, de modo que parece ser mais acertado e, de acordo com Dick (1992a), classificar os casos abaixo como Dimensiotopônimos.

- 13) Lagoa Funda (do *corpus* desta pesquisa)
- 14) Riacho Fundo (do *corpus* desta pesquisa)
- 15) Riacho Grande (do *corpus* desta pesquisa)
- 16) Rio Grande (do *corpus* desta pesquisa)

Afora a proposta de ampliação da taxa dos Hidrotopônimos, propõe-se, ainda, a rediscussão da taxa Numerotopônimos, vez que esta não parece seguir, levando-se em conta a proposta taxionômica de Dick, a mesma coerência teórica das outras taxas. Uma vez que tal proposta taxionômica se baseia na classificação do Topônimo propriamente dito, é de se esperar, então, que a base para tal classificação seja sempre o substantivo ou qualquer outra classe que funcione como tal, o que não ocorre, de fato, com a classe dos numerais, modificadores por excelência. Assim sendo, a classificação em Numerotopônimos não segue a coerência interna esperada, de modo que a sugestão que aqui se faz é a de que, nos casos em que houver a presença de determinado numeral, haja o acréscimo da expressão “por quantificação”. Feita essas observações, o caso abaixo (e análogos), por exemplo, consoante a proposta aqui aventada, deve ser reclassificado da seguinte forma:

Riacho Trê Riachos (do <i>corpus</i> desta pesquisa) (classificação de Dick: Numerotopônimo) (proposta de classificação deste estudo: Hidro por quantificação)
--

Em Dick (1992a, p. 33), há os seguintes exemplos de numerotopônimos:

Duas Barras (proposta de classificação deste estudo: Geomorfo por quantificação) Duas Pontes (proposta de classificação deste estudo: Ergo por quantificação) Três Coroas (proposta de classificação deste estudo: Ergo ou Geomorfo por quantificação, a depender de um possível significado regional para o Topônimo ‘Coroas’)

Cumprido, por fim, discutir também a taxa dos cronotopônimos, pois há se que diferenciar os casos abaixo, nos quais figura um adjetivo indicador de tempo:

- a) Riacho Brejo Velho (do *corpus* desta pesquisa)
- b) Lagoa do Boi Velho (do *corpus* desta pesquisa)
- c) Lagoa do Velho Raimundo (do *corpus* desta pesquisa)
- d) Lagoa da Velha (do *corpus* desta pesquisa)
- e) Lagoa Velha (do *corpus* desta pesquisa)

Assim como em Três Riachos, em **a**, **b** e **c**, o que se tem é tão somente um modificador (agora um adjetivo), de modo que não se deve partir deste para a classificação, e, sim, do Topônimo propriamente dito. Isto posto, em **a**, tem-se tão somente um Hidro; em **b**, um Zoo e, em **c**, um Antropo (a estes poderia ser acrescida a expressão ‘por qualificação’, o que lhes indicaria a presença do adjetivo). Em **d**, a simples presença da preposição naquele, tira-lhe a possibilidade de ser um cronotopônimo, pois parece clara a referência a uma pessoa ‘de idade’. Seriam, então, cronotopônimos os casos análogos a **e**, no qual o adjetivo indicador de tempo figure sozinho, ou seja, em toponimização, porque em função substantiva, ou seja, funcionando como Nome Próprio, mas não um de fato, como já o é o adjetivo em **d** (toponimizado).

Dick (1992a, p. 32) apresenta os seguintes exemplos de cronotopônimos:

Velha Boipeba (proposta de classificação deste estudo: Zoo por qualificação, pois se trata de nome de réptil)

Rio Novo Mundo (proposta de classificação deste estudo: Coro por qualificação)

Nova Viçosa (proposta de classificação deste estudo: Coro por qualificação)

Velha e Nova Emas (proposta de classificação deste estudo: Zoo por qualificação)

Feitas essas observações sobre o papel dos adjetivos em função toponímica, reitera-se, por fim que um estudo como este, interdisciplinar em essência, deve buscar, em outros escopos, ferramentas que auxiliem o trabalho de desvelamento do Sintagma Toponímico e, por essa razão, são importantes, por exemplo, definições de cultura como as que são propostas por Duranti (2000) e discussões sobre as regiões culturais brasileiras, como as de Diegues Júnior (1960), dentre outros. Casares (1969, p. 29), especificamente sobre os diversos ramos

da linguística, já alertara que “É tão íntima e essencial a interdependência dos vários ramos em que se divide hoje a lingüística, que não é possível cultivar uma delas sem chamar em sua ajuda às restantes”²⁹. Essa advertência, neste estudo, vale não somente para ramos da própria linguística, mas também para a linguística e áreas diversas e afins. Assim sendo, parte-se, no próximo tópico, à discussão sobre Léxico e Sociedade.

Antes, no entanto, vale recuperar a já conhecida concepção de Dick sobre o papel desempenhado pelo Topônimo, qual seja, o de uma verdadeira crônica, o que permite, aproveitando também a ideia de Matoré (1953) sobre palavras-testemunha, dizer que o signo toponímico é, sem dúvida, um tipo especial de signo, a partir do que se entende ser ele, pois, um *nome-memória*.

1.7 Léxico e Sociedade

Pode-se estabelecer, como um marco importante na história do saber lexical, a contribuição de Panini ao estudo do sânscrito, no século IV a.C., apesar de ele não ter-se dedicado exclusivamente à palavra. Este estudioso empreende, para a preservação do texto sagrado dos *Vedas*, tanto um trabalho prescritivo quanto descritivo, antecipando, com este último, um fazer linguístico pioneiro. Lopes (1975, p.26) atesta esse pioneirismo:

Os primeiros estudos lingüísticos sistematicamente conduzidos foram os dos hindus e as principais observações lingüísticas da Antiguidade são devidas a esses investigadores, notadamente a Panini (séc. IV a.C.). Inspirados na convicção de que os textos sagrados dos *Vedas* somente surtiriam o efeito desejado pelo fiel se eles fossem corretamente recitados, os hindus deram início à Prosódia e à Ortoépia, prestando um auxílio capital para a constituição, no século XIX, da gramática comparada. Desse modo eles se adiantaram aos gregos, cujas pesquisas lingüísticas – deixando de lado as especulações filosóficas dos pensadores do V séc. a.C., e entre outros Platão e Aristóteles -, só se organizam por volta do Iº séc., com Dionísio Trácio.

Como se disse, mesmo que o léxico não tenha sido objeto de estudo exclusivo de Panini, ele:

²⁹ Es tan íntima y esencial la interdependencia de las múltiples ramas en que hoy se divide la lingüística, que nos es posible cultivar una de ellas sin llamar en su ayuda a las restantes. (tradução nossa)

(...) deixou algumas reflexões a esse respeito, pois seu objetivo de estudo era distinguir as palavras dos elementos não-lexicais, as palavras simples das compostas, a palavra como forma da palavra como portadora de sentido. Com isso ele contribuiu com a distinção entre forma e conteúdo, com a língua objeto e a metalíngua, preocupando em classificar as unidades lingüísticas. (BEZERRA, 2009, p. 02)

Vê-se, pois, que discutir o léxico em perspectivas científicas modernas passa pela discussão do saber tradicional sobre a palavra.

É possível, ainda, rastrear, sumariamente, algumas outras etapas desse saber lexical, de modo a se ter uma visão panorâmica sobre como se deram alguns estudos referentes ao léxico.

A tradição grega iniciada por Dionísio, o Trácio, legou, para as gerações futuras, a concepção de palavra, tal como se conhece ainda hodiernamente, sobretudo em obras tradicionais, ainda em voga, por exemplo, no ensino de língua materna no Brasil, afeito às práticas de isolar, identificar e rotular palavras.

No contexto romano, por seu turno, Varrão dá aos estudos lexicais um encaminhamento morfológico ao estabelecer a distinção entre anomalia (irregularidade) e analogia (regularidade). Nessa perspectiva, o estudo do léxico se restringe à sua classificação e à sua formação, ou seja, a um viés predominantemente morfológico.

Procedendo a um salto histórico, tem-se que, no século XIX, século dos estudos de natureza inicialmente comparada e posteriormente histórica, a palavra era a unidade isolada de investigação. Na primeira perspectiva, por exemplo, comparavam-se palavras, com o amparo das leis fonéticas, para, ao fim, buscar-lhes o *terminus a quo*. Na segunda, a inovação estava tão somente no fato de se compararem estágios de língua diferentes ao longo do tempo. No escopo dos trabalhos histórico-comparativos, tinha-se, então, “a impressão, enquanto se utilizavam do *Método Histórico-Comparativo*, de que a palavra era só perfeitamente conhecida quando se tornava passível da aplicação de leis de evolução formal” (SEABRA, 2004, p. 29).

Outra forma de se vislumbrar a palavra é tomando-a em uma relação necessária com seu referente, ou em termos do século XIX, com a coisa. Daí, tem-se o método “Palavras coisas”, já mencionado no início deste estudo.

Nesse percurso, já no século XX, houve os que consideravam, como Martinet (1963), o conceito de palavra pré-científico, e houve os que propuseram, como Bloomfield (1961) e Camara Júnior, conceitos científicos operacionais, tais como morfema, forma livre mínima e formas (Bloomfield) e formas dependentes (Camara Júnior, 2005).

Saussure, nesse itinerário, com sua perspectiva estrutural, ensejou o aparecimento de abordagens sobre o léxico em que este passava a comportar subsistemas lexicais. Pode-se afirmar, sem prejuízo da assertiva, que a perspectiva sistêmica de Saussure tornou fecundo o terreno da linguagem, sobretudo no que tange ao estudo do léxico, para se vislumbrar uma abordagem lexical em que estivesse explícita a relação entre léxico, sociedade e cultura.

Admitida, neste estudo, como já se disse, a intrínseca relação entre língua (léxico), cultura e sociedade, faz-se oportuno mencionar, de agora em diante, a perspectiva de léxico que se passará a adotar neste estudo. Antes disso, no entanto, cumpre observar, inicialmente, as palavras de Biderman (2001, p. 114) sobre a dificuldade de se definir “palavra”:

(...) a nossa tese é a de que não é possível definir a palavra de maneira universal, isto é, de uma forma aplicável a toda e qualquer língua. A afirmação mais geral que se pode fazer é que essa unidade psicolinguística se materializa, no discurso, com uma inegável individualidade. Os seus contornos formais situam-na entre uma unidade mínima gramatical significativa – o morfema – e uma unidade sintagmática maior – o sintagma.

Biderman, para chegar a essa conclusão, apoia-se na tese whorfiniana de que “(...) cada língua recorta a realidade diferentemente e molda essa realidade em categorias lingüísticas e mentais que lhe são exclusivas (...)”. (BIDERMAN, 2001, p. 114)

Da abordagem de Whorf é possível extrair a importância do sistema linguístico, principalmente o léxico de uma língua, como uma forma de representação da realidade. Quanto a essa importância, não significa que se adota, em sua plenitude, a tese whorfiana do relativismo linguístico, pois, acredita-se, sim, na influência das palavras sobre a cognição humana, mas não como uma “pressão tirânica” delas no pensamento, como bem salientou Biderman (1998).

Sendo Whorf caudatário das ideias de Sapir, mister se faz uma primeira discussão sobre a relação língua e ambiente, empreendida em seu célebre texto *Língua e Ambiente*. A palavra ambiente, quando se fala de língua, deve ser entendida, segundo Sapir, como um termo que engloba, a um só tempo, tanto os fatores físicos quanto os sociais. Quanto a estes, explica Sapir (1969, p. 44):

Por fatores físicos se entendem aspectos geográficos, como a topografia da região (costa, vale, planície, chapada ou montanha), clima e regime de chuvas, bem como o que se pode chamar a base econômica da vida humana, expressão em que se incluem a fauna, a flora e os recursos minerais do solo. Por fatores sociais se entendem as várias forças da sociedade que modelam a

vida e o pensamento de cada indivíduo. Entre as mais importantes dessas forças sociais estão a religião, os padrões éticos, a forma de organização política e a arte.

Esses dois grupos de fatores ambientais só serão pertinentes, no sentido de se refletirem em uma língua, se eles forem socialmente relevantes. Sobre isso, Sapir (1969, p. 44) exemplifica que:

A mera existência, por exemplo, de uma espécie animal no ambiente físico de um povo não basta para fazer surgir um símbolo lingüístico correspondente. É preciso que o animal seja conhecido pelos membros do grupo em geral e que eles tenham nele algum interesse, por mínimo que seja, antes da língua da comunidade ser levada a reportar-se a esse elemento particular físico.

Tais influências são mais sobejamente percebidas no léxico de uma língua, haja vista se tratar de um sistema aberto em constante expansão.

O interesse pelo léxico torna-se evidente, pois, com sua análise, é possível perceber como os membros de uma sociedade expressam ou expressaram suas ideologias, suas crenças, seus valores, seus preconceitos, seus tabus, ou ainda, suas formas de interação com o meio físico e social.

É de peculiar interesse, para os fins deste estudo, tanto uma abordagem do léxico em que sejam relevantes os aspectos sociais quanto noções de cultura atreladas à linguagem. Para o primeiro fim, pode-se recorrer aos estudos de Matoré (1953), com os quais a palavra deixa de ser um objeto isolado, como fizera, em geral, a tradição acima referida, e passa a fazer parte de uma estrutura social. O léxico, na perspectiva de Matoré, segundo Biderman (1981, p. 132), seria “apenas uma testemunha de uma sociedade”, por isso, o uso pelo autor da expressão “mots-témoins”, “palavras-testemunha”. Não sem razão, no escopo da *Lexicologia Social* de Matoré, forma e conteúdo são indissociáveis, de modo que cabe a essa Ciência Lexicológica buscar compreender/explicar as imbricadas relações entre léxico e sociedade, o que, por sua vez, enseja uma abordagem na qual se vislumbre, a partir do estudo do léxico, a compreensão de aspectos biosociais de uma dada comunidade linguística.

Ainda com Biderman (1981, p. 138), o léxico, como um tesouro vocabular que é, pode ser transmitido de geração a geração e inclui:

(...) a nomenclatura de todos os conceitos lingüísticos e não-lingüísticos e de todos os referentes do mundo físico (M1) e do universo cultural (M3), criado por todas as culturas humanas atuais e do passado. Por isso, o léxico é o menos lingüístico de todos os domínios da linguagem. Na verdade, é uma parte do idioma que se situa entre o lingüístico e o extra-lingüístico.

Essa forma de caracterizar o léxico pode fornecer subsídios para entendê-lo como tributário de ciências afins, como o faz Matoré ao aproximar Léxico e Sociedade. Esta dimensão, no entanto, é só uma das dimensões possíveis quando se intenta o estudo do léxico de uma dada língua. Nessa linha de raciocínio, então, invoca-se a perspectiva cultural que subjaz a esta pesquisa.

A concepção de cultura, aqui adotada, basear-se-á sobejamente em Duranti (2000), porquanto esse antropólogo foge da tentação de uma definição globalizante de cultura, o que lhe permite apresentar, na verdade, teorias de cultura, para as quais a linguagem é entendida como um conjunto de práticas culturais, porque com ela se faz parte de uma tradição, e, com essas práticas se partilham histórias. Com a linguagem, então, permite estar-se efetivamente no mundo.

A primeira teoria de cultura por ele apresentada entende cultura como algo distinto da natureza, ou seja, sem base inatista, ou ainda, cultura como apreensão, herança e transmissão (construção), por meio da linguagem.

Para a segunda, cultura como conhecimento, há o compartilhamento, por assim dizer, de uma cosmovisão entre membros de uma cultura.

Para a terceira, cultura como comunicação, há a conexão entre os elementos do mundo biossocial.

Para a quarta, cultura como sistema de mediação, há a mediação, por meio da linguagem (ferramenta), por exemplo, entre o homem e seu entorno.

Para a quinta, cultura como sistema de práticas, há a repetição, no caso de uma língua, por exemplo, de hábitos de fala pelos integrantes de uma comunidade.

Para a sexta, a cultura é entendida como sistema de participação. Tal participação se refere a um sistema de práticas, do qual a língua é um representante, haja vista seu caráter social, coletivo e participativo.

Cabe mencionar, por fim, a noção de região cultural instaurada por Diegues Júnior, dada a importância para este do meio físico na configuração de uma região cultural.

Diéguas Júnior (1960), assim como outros historiadores, assevera que a penetração no interior do Nordeste dera-se em consequência das expansões da cultura canavieira no litoral.

Este percurso rumo ao interior foi favorecido pela transposição do rio São Francisco, que nasce em Minas Gerais e percorre diversos Estados nordestinos como Pernambuco, Sergipe e Alagoas. A atividade pecuarista é, de fato, a que vai conformar, no interior nordestino, a região cultural do *Mediterrâneo Pastoril*, no dizer de Diegues Júnior (1960) a qual pode ser vista no mapa (nº 2) abaixo:



Fonte: Diegues Júnior (1960, s/p)
Mapa 1: Regiões Culturais do Brasil

Algumas importantes famílias, como os Garcia D'Ávila e os Guedes de Brito, concentraram riqueza e poder, em razão da atividade econômica instaurada em solo piauiense. A região passou, então, a ser organizada em sesmarias e, quando os paulistas ocuparam o Alto São Francisco, já encontraram elementos nordestinos estabelecidos na área: “à proporção que subia em direção ao Norte mais topava com sesmarias baianas e pernambucanas” (DIEGUES JÚNIOR, 1960, p.144). O Alto, o Médio e o Baixo São Francisco receberam expedições exploradoras e funcionavam como ponto de irradiação da criação de gado.

O Piauí funcionava, pois, como um ponto de passagem onde as tropas pousavam e descansavam, favorecendo o relacionamento entre os povoados piauienses e baianos. À

medida que o gado se expandia, formavam-se redes sociais em torno da pecuária, o que fez surgir a figura do “coronel” (o proprietário dos rebanhos, bastante respeitado pela população local); do vaqueiro (elemento tipicamente nordestino e que representa todos aqueles que trabalham com gado); do místico e do cangaceiro (ambos impregnados de religiosidade), enfim, todo um *modus vivendi* influenciado tanto pela atividade econômica que marca essa região (a criação de gado), quanto pelo meio físico circundante, donde, pela própria atividade, o mundo das águas deve ter sido de assaz relevância no ato de nomeação das glebas piauienses.

Cumprir destacar, ainda, a simplicidade que envolve a atividade pecuarista, como os tipos primitivos de habitação. Interessante sobre isso é a referência de Diegues Júnior sobre o principal tipo de instalação nessa região cultural, a Casa de Telha, ainda de viva presença tanto no interior do Piauí, quanto em sua capital, obviamente com configurações diferentes de outrora:

(...) a casa de Telha é de construção modesta, sem ostentação de riqueza, como a Casa Grande dos engenhos de açúcar. A construção **é adequada ao meio**, ressentindo-se de maior conforto. Os vaqueiros, trabalhadores ou agregados, ocupam as Casas de Palha, às vezes chamadas ranchos, quase sempre perto dos currais. Através destes dois tipos de casa estabelecem-se as relações entre o senhor e os trabalhadores. O primeiro investido de poderes quase patriarcais (...) (DIEGUES JÚNIOR, 1960, p.153).

Ainda se podem sentir como herança, tanto da forma de ocupação do meio quanto desse tipo de relação social (senhor/trabalhadores), respectivamente, as oligarquias estaduais concentradas nas mãos de algumas poucas famílias e as relações sociais atuais entre homens e mulheres, que não raro, mesmo nos centros mais desenvolvidos do Estado, estão revestidas, ainda, de acentuado caráter patriarcal.

Diegues Júnior apresenta ainda uma divisão dos territórios povoados pela rota do gado ou dos bandeirantes: as sub-regiões nordestinas. São elas: o sertão árido propriamente dito, os babauçais e carnaubais; as serras úmidas e o agreste.

O autor situa o Piauí no agreste nordestino. Esta região caracteriza-se por ser uma área de transição entre o litoral úmido e o sertão. Nela, predomina a pequena propriedade, com famílias numerosas e heterogêneas. Nessa sub-região, agricultura e pecuária convivem, mas não coexistem e, em torno desta atividade, ainda persistem as tradicionais famílias.

“Não resta dúvida de que a mentalidade do homem do interior nordestino mudou” (DIEGUES JÚNIOR, 1960, p. 191), contudo é necessário ressaltar que muitos hábitos

relacionados aos primeiros tempos de colonização persistem, daí a importância de se conhecerem os costumes de um povo a partir de pesquisas que permitam o resgate da memória social de determinado local, como o faz a pesquisa toponímica.

As considerações sociais não podem, pelo que se expôs, ser desvinculadas dos estudos toponímicos, nem tampouco os fatores físicos, já que “continua de pé o ponto crucial de que uma influência ambiental, mesmo de caráter mais simples, é sempre consolidada ou mudada pelas forças sociais” (SAPIR, 1969, p. 1).

CAPÍTULO 2 – ASPECTOS GEOHISTÓRICOS DO ESTADO DO PIAUÍ

A palavra *Piauí*, em Silveira Bueno (1984, p. 250), grafada *Piauy*, significa “rio”, -y, dos Piaus, sendo *Piau*, originariamente, um adjetivo, que significa, ainda com o mesmo autor, “de pele suja, manchada, falando-se de peixes”. Assim como o nome do Estado, outros tantos Topônimos terão o Tupi como base formal e semântica.

A fim de percorrer as trilhas das águas, foram selecionadas, como já se mencionou, cinco fontes antigas e, como fontes contemporâneas, as mesorregiões Sudeste e Sudoeste, respectivamente com 29,6% e 27,8% do total dos municípios piauienses, e as duas juntas com 57,4%. Seguiu-se, pois, um percurso do interior para o litoral para, com o auxílio do estudo toponímico, dialogar, tanto quanto desejável, com a história da colonização do Estado.

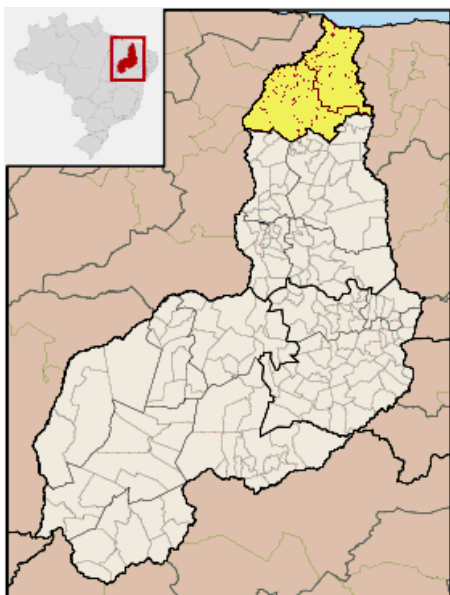
A área ocupada pelo Estado é de 251.529 Km², o que o torna o terceiro maior Estado nordestino em extensão territorial, ficando atrás da Bahia e do Maranhão e, em âmbito nacional, o décimo primeiro. Os limites fronteiriços do Estado são: a) Oeste: Maranhão e Tocantins; b) Norte: oceano Atlântico; c) Sul: Bahia e d) Leste: Ceará e Pernambuco.

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) vem, desde a década de 40, reformulando as divisões regionais brasileiras. Na década de 60, especificamente no caso piauiense, o referido órgão, utilizando-se de critérios de produção agrícola e industrial, divide o Estado em 11 microrregiões homogêneas. Em 70, as microrregiões passam a ser agrupadas em três mesorregiões e, em 80, com o processo de desenvolvimento e com o aumento do número de municípios no Brasil como um todo, houve a necessidade de atualização das divisões meso e microrregional do país. Em 1990, o IBGE, levando em conta tanto o quadro natural quanto o processo social e a articulação do espaço, divide o Piauí em 15 microrregiões, agrupadas em 4 mesorregiões.³⁰

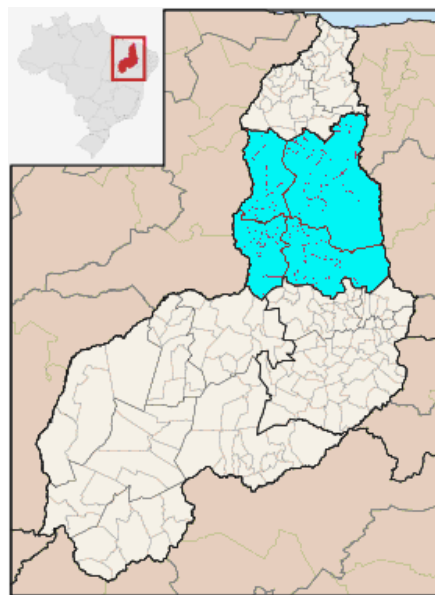
Na mesorregião NORTE PIAUIENSE, há duas microrregiões, a saber: 1) Litoral piauiense e 2) Baixo Parnaíba piauiense. Na mesorregião CENTRO-NORTE PIAUIENSE, há quatro microrregiões: 1) Teresina; 2) Campo Maior; 3) Médio Parnaíba piauiense e 4) Valença do Piauí. Na mesorregião SUDESTE PIAUIENSE, há três microrregiões: 1) Picos; 2) Pio IX e 3) Alto Médio Canindé. Na mesorregião SUDOESTE PIAUIENSE, por fim, há seis: 1) Alto Parnaíba piauiense; 2) Bertolínia; 3) Floriano; 4) Alto Médio Gurgueia; 5)

³⁰ DIVISÃO POLÍTICO-ADMINISTRATIVA – MESO E MICRORREGIÕES GEOGRÁFICAS 1990 (IBGE).

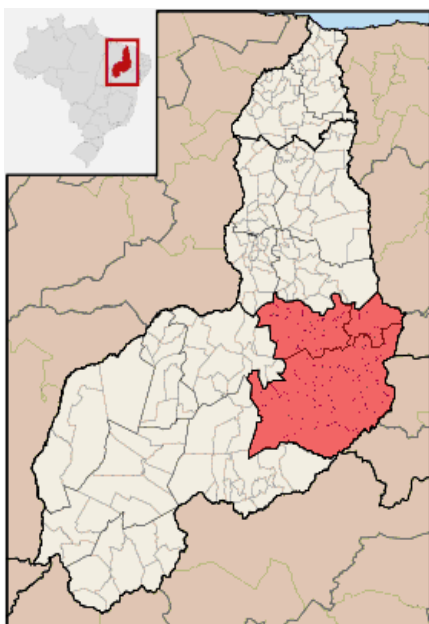
Chapadas do extremo sul piauiense e 6) São Raimundo Nonato. Seguem, abaixo, mapas³¹ de todas as mesorregiões do Piauí:



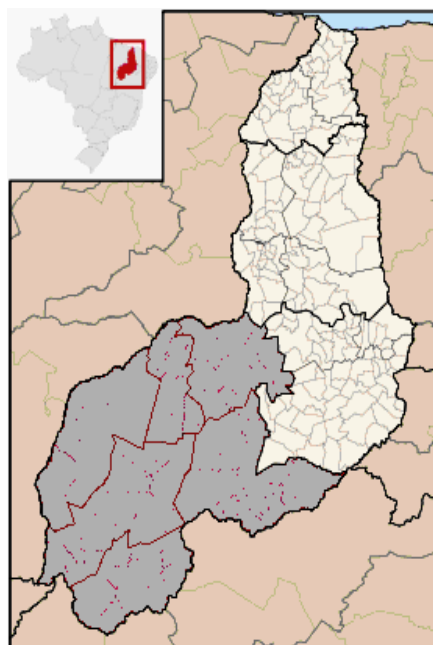
Mapa 2: Mesorregião Norte Piauiense



Mapa 3: Mesorregião Centro-Norte Piauiense



Mapa 4: Mesorregião Sudeste Piauiense



Mapa 5: Mesorregião Sudoeste Piauiense

³¹ Os **mapas 2 a 5** foram extraídos de <http://pt.wikipedia.org/wiki/Mesorregi%C3%A3o>.

Percentualmente, a mesorregião Norte piauiense, com 32 municípios, compreende 14,3% do total de 224 municípios, ficando as suas duas microrregiões com 8,0% e 6,3% desse total.

A mesorregião Centro-Norte piauiense, com 64 municípios, abarca um total de 28,7%, com a seguinte distribuição percentual para as suas quatro microrregiões: a) 5,8%; b) 9,0%; c) 7,6%, e d) 6,3%.

A mesorregião Sudoeste piauiense, com 62 municípios, fica com o total de 27,8%, percentual assim distribuído entre as seis microrregiões: a) 1,8; b) 4,03%; c) 5,4%; d) 4,9%; e) 7,6% e f) 4,03% .

Por fim, a mesorregião Sudeste piauiense, com 66 municípios, totaliza 29,6% do total de municípios, assim distribuídos: a) 9,0%; b) 3,1% e c) 17,5%.

2.1 Aspectos geográficos do Piauí

Justifica-se esta brevíssima discussão sobre geologia, clima, vegetação, relevo e hidrografia, pelo menos, porquanto se conjectura que tais elementos, ao passo que o desbravador colonizava os sertões do Piauí, exerceram significativa influência no ato de nomeação dos Topônimos locais.

Para uma descrição geral da paisagem piauiense, oportunas são as palavras de Chaves (1995, p. 15):

O Piauí é uma ponte bem definida ligando duas regiões distintas da América do Sul. Ocupa um lugar na extensa faixa de campos e florestas que se estendem de norte a sul, entre o Oceano e a beira oriental do grande planalto brasileiro. Nele demoram os campos mais setentrionais de toda América meridional.

Importante destacar, com esta citação, a ideia de que o Piauí funcionava como um corredor de migração, o que, de fato, vai marcar boa parte de sua trajetória de colonização, na qual o bandeirante, preador de indígenas e criador de gado, teve papel fundamental.

2.2 Aspectos geológicos

A geologia piauiense compreende quatro unidades estruturais, a saber: 1) Escudo Cristalino; 2) Bacia Sedimentar do Maranhão-Piauí; 3) Bacia Sedimentar do Araripe e 4) Depósitos sedimentares recentes.

Sucintamente, a primeira unidade é constituída pelas rochas mais antigas da superfície da Terra. Esta unidade corresponde aproximadamente a 15% do Estado do Piauí e está localizada quase que totalmente na porção Sul-Sudeste.

A segunda unidade é a maior do Piauí, equivalendo a 85% do território piauiense, e remonta a sua formação às eras Paleozoica e Mesozoica. Este tipo de unidade é de suma importância para a formação dos lençóis de água subterrânea.

A terceira unidade diz respeito às rochas sedimentares superpostas na horizontal, o que lhes confere um formato tabular. As rochas desta unidade se formaram na era Mesozoica em decorrência dos depósitos de calcário, de arenitos e de argilas.

A quarta e última unidade é da era Cenozoica e, por isso mesmo, a mais recente das quatro. Os sedimentos desta unidade formam, nas áreas litorâneas ou costeiras, as praias, as dunas, as restingas e as ilhas flúvio-marinhas.

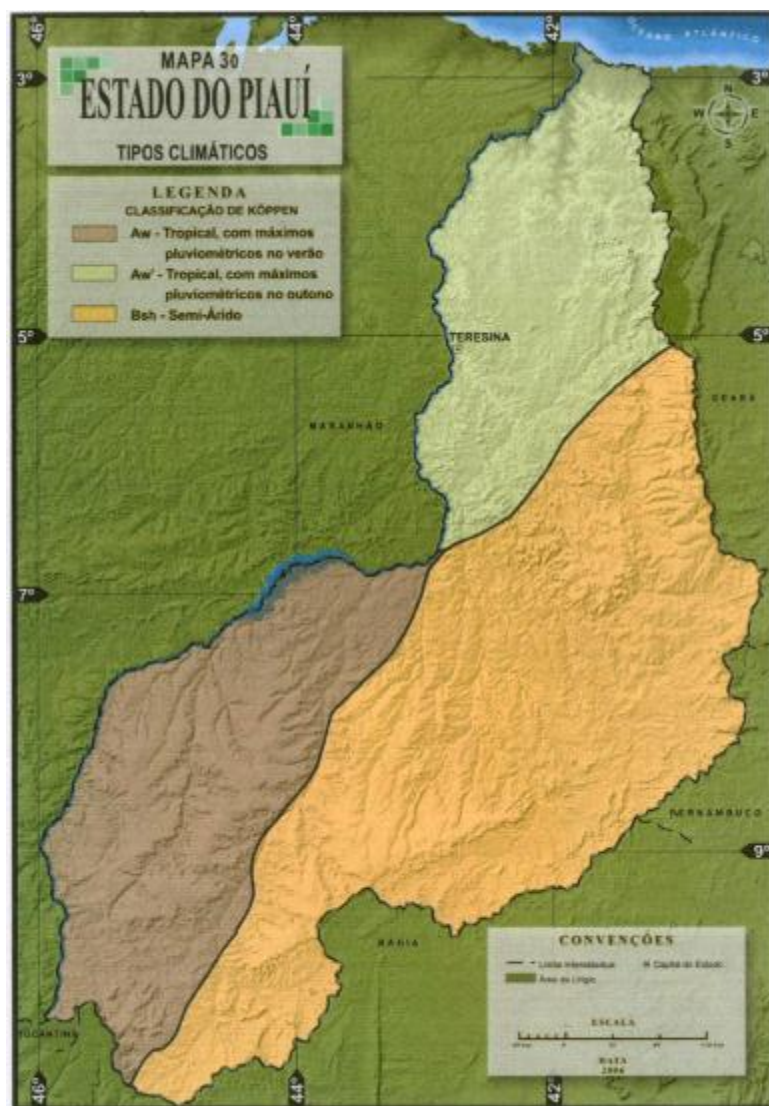
2.3 Aspectos climáticos

Os tipos climáticos estão diretamente relacionados aos índices de precipitação das chuvas e de temperatura. A classificação dos tipos climáticos costuma variar de autor para autor, ora com propostas mais abrangentes como a de Köppen, ora com propostas mais detalhistas como a Thornthwaite. A proposta de Köppen, ao que tudo indica, é a quem tem sido mais utilizada no caso piauiense, de modo que, sem entrar na pertinência de cada uma delas, recorrer-se-á, para apresentação dos tipos climáticos no Piauí, a ela.

O tipo de clima Tropical é caracterizado por apresentar estação chuvosa que se concentra no período de verão ou de outono, com índices de chuvas que variam de 800 ou 900 a 1.800 mm. As máximas e mínimas anuais para este tipo de clima ficam em torno de 30°C e 18° C, respectivamente.

O tipo de clima semiárido é assim caracterizado por apresentar índices pluviométricos anuais de 400mm até 800 ou 900mm, com distribuição de chuvas concentradas em 3 ou 4

meses. As máximas ficam, no período diurno, entre 30° e 36°C. À noite, as mínimas ficam entre 16°C e 19°C. Para melhor visualização desses tipos de clima, ver mapa abaixo:



Organização: Mainar Medeiros, 2004
Cartografia: Eng. Fernando José Câmara Caldas Lins

Fonte: Araújo *et alii* (2006, p. 51)

Mapa 6: Tipos Climáticos do Piauí

2.4 Aspectos fitográficos

Quanto à vegetação estadual, pode-se afirmar que três dos grandes biomas brasileiros são aqui encontrados: 1) costeiro; 2) cerrado e 3) caatinga.

O primeiro é composto de formações vegetais litorâneas ou costeiras. A vegetação costeira pode ser dividida em litoral rochoso, arenoso e de mangue. Na área de mangue, por exemplo, são encontradas as seguintes espécies: Mangue-vermelho³², Sapateiro³³, Mangue-preto³⁴, dentre outras.

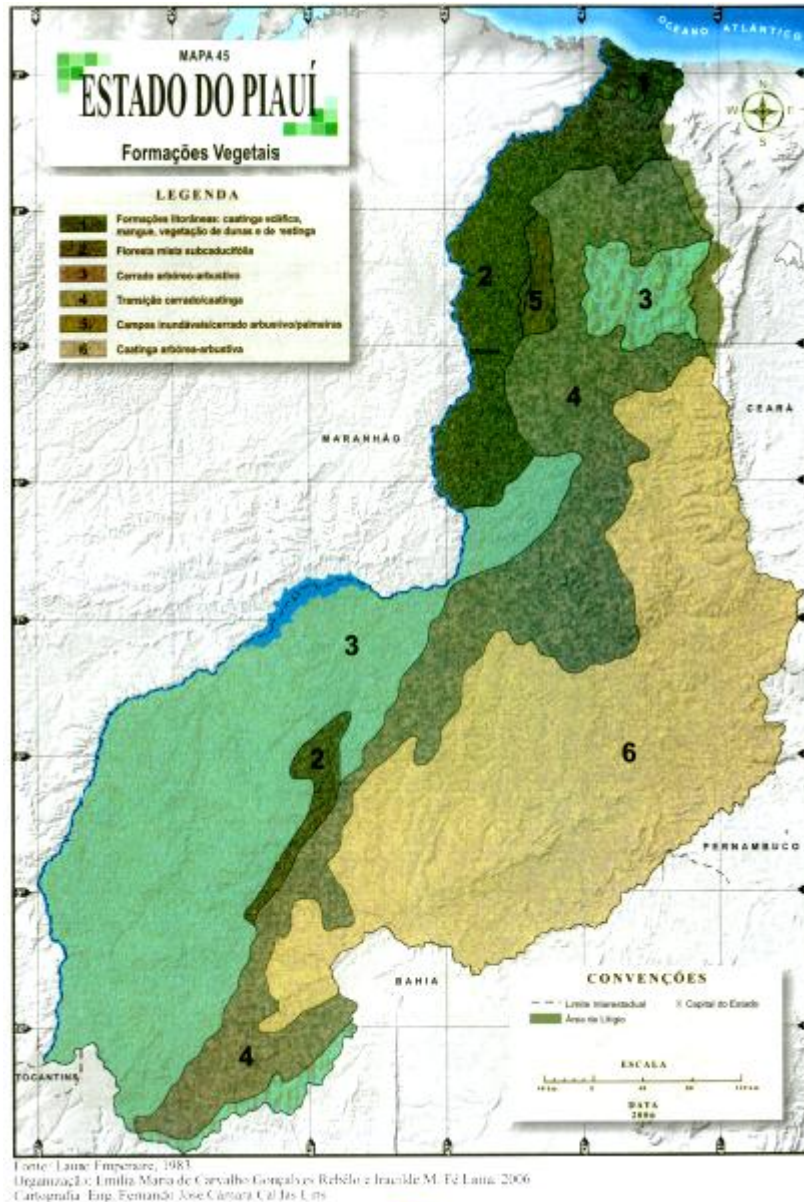
O segundo, que corresponde a 37,9% do território piauiense, é constituído por formações vegetais que, em geral, apresentam três estratos (herbáceo, arbustivo e arbóreo). Os cerrados têm, como característica marcante, “os seus troncos tortuosos, ramos retorcidos, cascas espessas e folhas grossas” (ARAÚJO *et alii*, 2006, p. 78). Tal fisionomia se dá em virtude da adaptação às condições do solo, que, mesmo dispondo de umidade suficiente, apresenta índices elevados de acidez em razão da presença de alumínio e de ferro. São espécies representativas do cerrado piauiense: faveira, fava-danta, jatobá, pau-terra, sambaíba, piqui, amargoso, pau-pombo, dentre outras.

O terceiro bioma, a caatinga, corresponde a aproximadamente 36,32% da área do Estado. Neste bioma, podem ser encontrados os seguintes ecossistemas: caatinga arbustiva aberta, arbustivo-arbórea e caatinga densa. Como se pode ver no mapa abaixo, o bioma da caatinga está mais sobejamente localizado no semiárido piauiense, razão pela qual muitas espécies desenvolveram mecanismos de adaptação às condições climáticas. Para melhor visualização desses biomas, ver mapa abaixo:

³² “Árvore de até 5 m (*Rhizophora mangle*) da fam. das rizoforáceas, com grossas raízes basais, casca adstringente, tanífera e de que se extrai tintura, madeira avermelhada, de qualidade, flores amarelas, axilares e frutos obcônicos, nativa de manguezais e áreas salobras de regiões tropicais das Américas, África e ilhas do Pacífico”. Fonte (*DeHlp*).

³³ “Árvore (*Pera obovata*) da fam. das euforbiáceas, nativa do Brasil (SP), de folhas obovadas, flores apétalas, reunidas em involúculos globosos, frutos capsulares e madeira branca, us. para obras de entalhe e para o fabrico de tamancos; laranjeira-do-cerrado, pau-de-tamanco”. Fonte (*DeHlp*).

³⁴ “A *Avicennia schaueriana* (também conhecida no Brasil por **mangue-preto**, **canoé** ou **siriúba**) é uma espécie de mangue típica dos manguezais brasileiros, maior parte no Litoral sudeste, e sul-americanos. Encontra-se também espalhada um pouco por todo o mundo”. Fonte (Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Avicennia_schaueriana. Acesso em 06 de junho de 2011).



Fonte: Araújo *et alii* (2006, p. 83)
Mapa 7: Formações Vegetais do Piauí

2.5 Aspectos orográficos

O entendimento satisfatório do relevo de uma dada região passa pela compreensão do clima e da formação geológica dessa região, pois tanto os agentes externos quanto os internos agiram e continuam agindo na conformação orográfica, donde resultam montanhas, planaltos etc. Além destes agentes, não se pode esquecer do agente antrópico, cada vez mais um modificador dos aspectos naturais como um todo.

Os conjuntos de formas e os tipos de formas locais são os seguintes: 1) Depressões Periféricas à Bacia Sedimentar; 2) Chapadões do Alto-Médio Parnaíba; 3) Planalto Oriental da Bacia Sedimentar do Maranhão Piauí; 4) Baixos Planaltos do Médio-Baixo Parnaíba; 5) Tabuleiros Pré-Litorâneos e 6) Planície Costeira.

As Depressões Periféricas à Bacia Sedimentar compreendem áreas do Sudeste e do Sul do Piauí. Estão compreendidas, nesta classificação, a Serra da Tabatinga, a Serra Dois Irmãos (as duas de maior expressão), Serra do Brejo, Serra das Pitombas etc. No limite com o Ceará e Pernambuco, há, em território piauiense, uma porção da Chapada do Araripe, a qual é formada por sedimentos da era Mesozoica, e cujo topo é de aproximadamente 600 metros.

Os Chapadões do Alto-Médio Parnaíba compreendem extensos Planaltos tabulares, os quais apresentam superfícies tabulares de estrutura horizontal, de topos planos e levemente inclinados. São exemplos desta classificação: a Chapada das Mangabeiras, a qual chega a 800 metros de altitude, a Serra do Bom Jesus do Gurgueia, a qual é seccionada em planaltos de menores dimensões, dentre eles, a Serra da Capivara, do Congo, das Confusões, das Guaribas e a Serra Vermelha. Nestas serras, podem ser encontrados vales estreitos e profundos, os quais recebem, localmente, o nome de *boqueirão*.

São famosas nacional e mundialmente a Serra da Capivara e a das Confusões. A primeira, declarada, em 1991, patrimônio cultural da humanidade pela UNESCO, está inserida em um Parque Nacional de mesmo nome, o qual

está localizado no sudeste do Estado do Piauí, ocupando áreas dos municípios de São Raimundo Nonato, João Costa, Brejo do Piauí e Coronel José Dias. A superfície do Parque é de 129.140 ha e seu perímetro é de 214 Km. A cidade mais próxima do Parque Nacional é Cel. José Dias, sendo a cidade de São Raimundo Nonato o maior centro urbano. A distância que o separa da capital do Estado, Teresina, é de 530 Km. (FUNDAÇÃO MUSEU DO HOMEM AMERICANO).³⁵

Ainda no site do Museu do Homem Americano, têm-se as razões pelas quais foi criado o Parque Nacional Serra da Capivara. Dentre elas, podem-se destacar: 1) as culturais, 2) as ambientais e 3) as turísticas, respectivamente:

³⁵ FUNDAÇÃO MUSEU DO HOMEM AMERICANO. Disponível em: <http://www.fumdam.org.br/parque.asp>. Acesso em: 05 de maio de 2011. Neste sítio, estão disponíveis também as **fotos 1, 2 e 3**.

1) na unidade acha-se uma **densa concentração de sítios arqueológicos, a maioria com pinturas e gravuras rupestres, nos quais se encontram vestígios extremamente antigos da presença do homem (100.000 anos antes do presente)**. Atualmente estão cadastrados 912 sítios, entre os quais, 657 apresentam pinturas rupestres, sendo os outros sítios ao ar livre (acampamentos ou aldeias) de caçadores-coletores, são aldeias de ceramistas-agricultores, são ocupações em grutas ou abrigos, sítios funerários e, sítios arqueopaleontológicos;

2) **área semiárida, fronteira entre duas grandes formações geológicas - a bacia sedimentar Maranhão-Piauí e a depressão periférica do rio São Francisco - com paisagens variadas nas serras, vales e planície, com vegetação de caatinga** (o Parque Nacional Serra da Capivara é o único Parque Nacional situado no domínio morfoclimático das caatingas), a unidade abriga fauna e flora específicas e pouco estudadas. **Trata-se, pois, de uma das últimas áreas do semiárido possuidoras de importante diversidade biológica;**

3) com paisagens de uma beleza natural surpreendente, com pontos de observação privilegiados. **Esta área possui importante potencial para o desenvolvimento de um turismo cultural e ecológico**, constituindo uma alternativa de desenvolvimento para a região³⁶ (grifos nossos)

Seguem abaixo algumas imagens do riquíssimo acervo rupestre e orográfico da Serra da Capivara:



Foto 1: Pinturas rupestres do Parque Nacional Serra da Capivara

³⁶ FUNDAÇÃO MUSEU DO HOMEM AMERICANO. Disponível em: <http://www.fumdam.org.br/parque.asp>. Acesso em: 05 de maio de 2011.



Foto 2: Pinturas rupestres do Parque Nacional Serra da Capivara



Foto 3: Pinturas rupestres do Parque Nacional Serra da Capivara



Foto 4: Formações rochosas no Alto da Pedra Furada / Baixão das Mulheres³⁷

A serra das Confusões também está inserida em um Parque Nacional, só que de criação mais recente (1998). O Parque Nacional Serra das Confusões:

Está localizado no estado do Piauí, nos municípios de Caracol, Guaribas, Santa Luz e Cristino Castro. O acesso mais fácil à unidade é pela BR-343 até Floriano. Outra opção é pela PI-140 até São Raimundo Nonato e PI-144 até Caracol, seguindo por mais 20 km chega-se ao Parque. A unidade está acerca de 620 km de distância da capital³⁸.

O nome do Parque Nacional se deu, segundo os moradores, em razão de “as serras brancas e vermelhas (ficarem) diferentes de acordo com a luminosidade do dia, deixando a pessoa com a vista confusa”³⁹. (ver imagem abaixo)

³⁷ FUNDAÇÃO MUSEU DO HOMEM AMERICANO. Disponível em: <http://www.fumdam.org.br/parque.asp>. Acesso em: 05 de maio de 2011.

³⁸ SERRA DAS CONFUSÕES. Disponível em: http://www.ufpi.br/ufpi2008/serra_confusoes.php. Acesso em 05 de maio de 2011.

³⁹ SERRA DAS CONFUSÕES. Disponível em: http://www.ufpi.br/ufpi2008/serra_confusoes.php. Acesso em 05 de maio de 2011.



Foto 5: Parque Nacional Serra das Confusões

O Planalto Oriental da Bacia Sedimentar do Maranhão-Piauí, em sua porção norte, é conhecido como Serra Ibiapaba e, em sua porção sul, como Serra Grande. Tais serras, seccionadas pelo rio Poti, formam um vale tipo *boqueirão* (*canyon*). As maiores altitudes deste planalto encontram-se no Estado vizinho do Ceará, onde pode alcançar 900 metros.

Os Baixos Planaltos do Médio-Baixo Parnaíba compreendem baixos planaltos dissecados, os quais podem atingir altitudes máximas que variam entre 200 e 300 metros.

Os Tabuleiros pré-litorâneos apresentam topografia plana. Em sua parte sul, podem ser encontradas as maiores altitudes pouco abaixo dos 100 metros.

A Planície costeira apresenta as seguintes formas locais: as praias, as ilhas do Delta do rio Parnaíba e a do Mota, os campos de dunas, as baías e as planícies flúvio-marinhas. As principais praias são a do Cajueiro da Praia, a de Barra Grande, a de Macapá, a do Coqueiro, a de Atalaia e a Pedra do Sal.

2.6 Aspectos hidrográficos

Antes de discutir especificamente algumas questões concernentes à hidrografia do Piauí, cumpre, em razão do próprio objeto de estudo desta pesquisa (Hidrônimos do presente (Mapas Estatísticos IBGE, 2007) e do passado (um documento antigo, três cartas e um mapa)), definir o que se entende, neste estudo, por Hidrônimo, hidronímia e hidrotopônimo.

Para tanto, recupera-se o termo utilizado por Fernandes (1941), em seu quadro Onomatológico, apresentado na seção 1.2, no qual aparece o termo *potamonímia*, que diz respeito aos nomes de rios.

Para o termo *potamonímia*, Cunha (2001, p. 626) apresenta o elemento de composição **–potam(o)-**, que vem do “gr. *potamós* ‘rio’, que se documenta **am alguns vocs.** introduzidos na linguagem científica internacional, a partir do séc. XIX”. O elemento composição **hidr(o)-**, do grego *hydro*, de *hydōr-atos* ‘água’, ainda com o mesmo autor (*op. cit.*, p. 409), é documentado “em vocs. formados no próprio grego, como *hidrofobia*, por exemplo, e em **vários outros introduzidos** na linguagem científica internacional, a partir do séc. XIX”. Atente-se para fato de que, mesmo tendo sido os dois elementos de composição introduzidos na linguagem científica a partir dos Dezenove, é possível perceber, com o grifos, que a frequência de uso no primeiro caso é bem menor do que no segundo, o que se confirma pela própria listagem de cognatos feita por Cunha para os dois casos. Para o elemento de composição **–potam(o)-**, há tão somente quatro subentradas no respectivo verbete. Já para **hidr(o)-**, há a listagem de quase noventa subentradas (e, em nenhuma delas, ocorrem os termos Hidrônimo, hidronímia e hidrotopônimo). Sendo os dois elementos de composição de origem grega e tendo **hidr(o)-** um largo uso já no século XIX, é possível evidenciar a preferência, tanto em Drumond (1965) quanto em Dick (1992a), por exemplo, pelo termo hidronímia em detrimento do termo *potamonímia*.

Assim sendo, hidronímia (termo ainda não dicionarizado), poderia ser definida como o conjunto de elementos hidrográficos (rios, riachos, lagos, lagoas etc.) de uma dada região; e hidrônimo (termo já dicionarizado), como um ente particular desse conjunto, ou ainda, como “nome próprio de cursos de água, oceanos, etc.” (FERREIRA, 2004). Ainda sobre este último, Dick (2004, pp. 126 e 127), entende, de modo mais generalizante, que se trata de “nomes dos acidentes hidrográficos em geral, não importando a natureza lingüística do objeto nomeado, e evidenciado pela denominação, se humano ou não humano, animado ou inanimado, nem a natureza dos campos semânticos envolvidos”.

No que toca à explicação do termo hidrotopônimo, entendido como nome motivado pelo elemento água, mister se faz observar os comentários de Isquierdo e Seabra (2010, p. 84):

Em se tratando da *toponímia*, ramo da Onomástica que se ocupa do estudo dos *topônimos* (nomes próprios de lugares), os *Hidrônimos* (nomes de acidentes relativos a cursos d'água em geral), em termos de categorias taxionômicas, pertencem à categoria dos *hidrotopônimos*, taxa pertencente às taxionomias de natureza física que, segundo o modelo de ordenamento da toponímia concebido por Dick (1990a; 1990b), reúne designativos de lugares formados por termos relacionados às diferentes correntes hídricas: “acidentes geográficos em que, na denominação toponímica, o elemento hidronímico está presente, seja o termo genérico água ou as designações de cursos d'água específicos como *córrego, rio, ribeirão, etc*” (...)

Com essas observações sobre os termos hidronímia, Hidrônimo e hidrotopônimo, pode-se, de agora em diante, discutir, com mais vagar, questões relativas à hidrografia estadual, de modo a pôr, de antemão, em evidência, o fato de o espaço piauiense possuir grandes reservas de águas superficiais (rios, riachos, lagoas, açudes e barragens) e de águas subterrâneas (lençóis freáticos e aquíferos).

Quanto ao primeiro tipo, destaca-se o rio Parnaíba, o maior do Estado, com 1.485 km de sua nascente até sua foz. Neste, desembocam, direta ou indiretamente, quase todos os rios do Piauí, de modo a pertencerem à sua rede hidrográfica. A bacia deste rio, por ser genuinamente nordestina, é considerada a principal do Nordeste, haja vista os critérios de perenidade do rio principal, de extensão e da área da bacia hidrográfica (342.988 km²). Com nascentes situadas no município de Barreiras do Piauí – PI, o rio Parnaíba possui importante relevância histórica ao abrir caminho para os colonizadores paulistas e nordestinos, o que, por sua vez, facilitou o reconhecimento de territórios interioranos e, posteriormente, serviu à economia do Estado, já que uma importante parcela do que era produzido na região escoava por suas águas, até então, navegáveis em quase toda sua extensão.

Interessante observar sobre o Parnaíba, o relato de Baptista (1981, pp. 136 e 137) sobre possíveis nomes atribuídos ao grande rio piauiense por diversos autores:

Em 1587 é identificado por Soares de Sousa, em seu “Tratado Descritivo do Brasil”, como rio Grande dos Tapuios [...] No mapa de Desceliers, em 1550, registrava-o como Abiunham [...] Bartolomeu Velho, em 1561, chamou-o de Abiunhão [...] Pará foi o nome que lhe deu Campos Moreno em 1614 [...] Os tremembés de Tutóia o chamavam de Paraó ou Paragu-açu [...] Os tabajaras se referiam a ele como Pará de Piaguí [...] Por Paraoaçu foi batizado por Maciel Parentes em 1626 [...] Na Carta Régia de Felipe III, de Portugal, de

1633, é chamado Paravassu [...] Em 1650 o padre Antônio Vieira chamou-o de Paraguaçu [...] Foi Frei Vicente de Salvador, em 1627, quem o chamou de Punaré [...] Em 1700, Guillaume de l'Isle deu-lhe o nome de Paraguas [...] Em 1748, aparece como Parna-iba, na carta de D'Anville [...] Em 1839, Lapie chamou-o, em seus mapas, de Paranaíba. Rio das Garças foi o topônimo que Cândido Mendes lhe deu em 1874 e, mais recentemente, poeta Da Costa e Silva acrescentou-lhe o epíteto delicioso de Velho Monge. O nome Parnaíba deve-se ao bandeirante Jorge Velho.

Além do rio Parnaíba, demais rios, riachos, lagos, lagoas, açudes, cachoeiras e brejos compõem a hidrografia do Estado do Piauí, a qual exerceu importante influência no processo de interiorização do solo piauiense, dada a dependência intrínseca da atividade econômica do período colonial a pequenos e grandes cursos d'água.

Abaixo, segue uma foto do Parnaíba, especificamente na altura da Ponte Metálica, que separa a capital do Piauí, Teresina, da vizinha cidade maranhense de Timon.

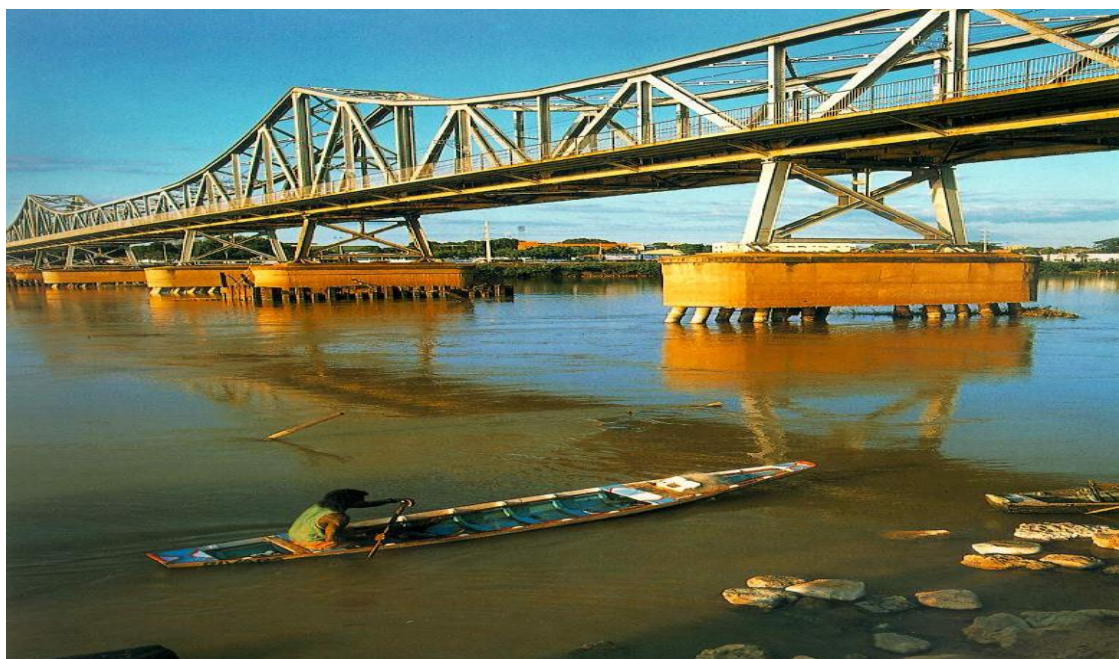


Foto 6: Rio Parnaíba⁴⁰

Essas águas superficiais, quando tomadas em conjunto, ou seja, seus rios e seus afluentes, formam uma rede de drenagem. A área que alimenta essa rede forma a sua bacia hidrográfica. No Piauí, há doze bacias hidrográficas, a saber: 1) Bacias Difusas do litoral; 2)

⁴⁰PONTEMETÁLICA. Disponível em: <http://www.google.com.br/imgres?imgurl=http://www.donodanoticia.com/aspectosdeteresina/wpcontent/uploads/2011/10/Teresinaponte.jpg&imgrefurl=http://www.donodanoticia.com/aspectosdeteresina/&u=-OcaZuc72mle7XMMJ-j7WnIPMsE=&h=374&w=500&sz=58&hl=pt>. Acesso em: 05 de maio de 2011.

Bacia do Piranji; 3) Bacias Difusas do Baixo Parnaíba; 4) Bacia do Longá; 5) Bacia do Poti; 6) Bacias Difusas do Médio Parnaíba; 7) Bacia do Canindé; 8) Bacia do Itaueira; 9) Bacia do Gurgueia; 10) Bacias Difusas da Barragem de Boa Esperança; 11) Bacia do Uruçui Preto e 12) Bacias Difusas do Alto Parnaíba.

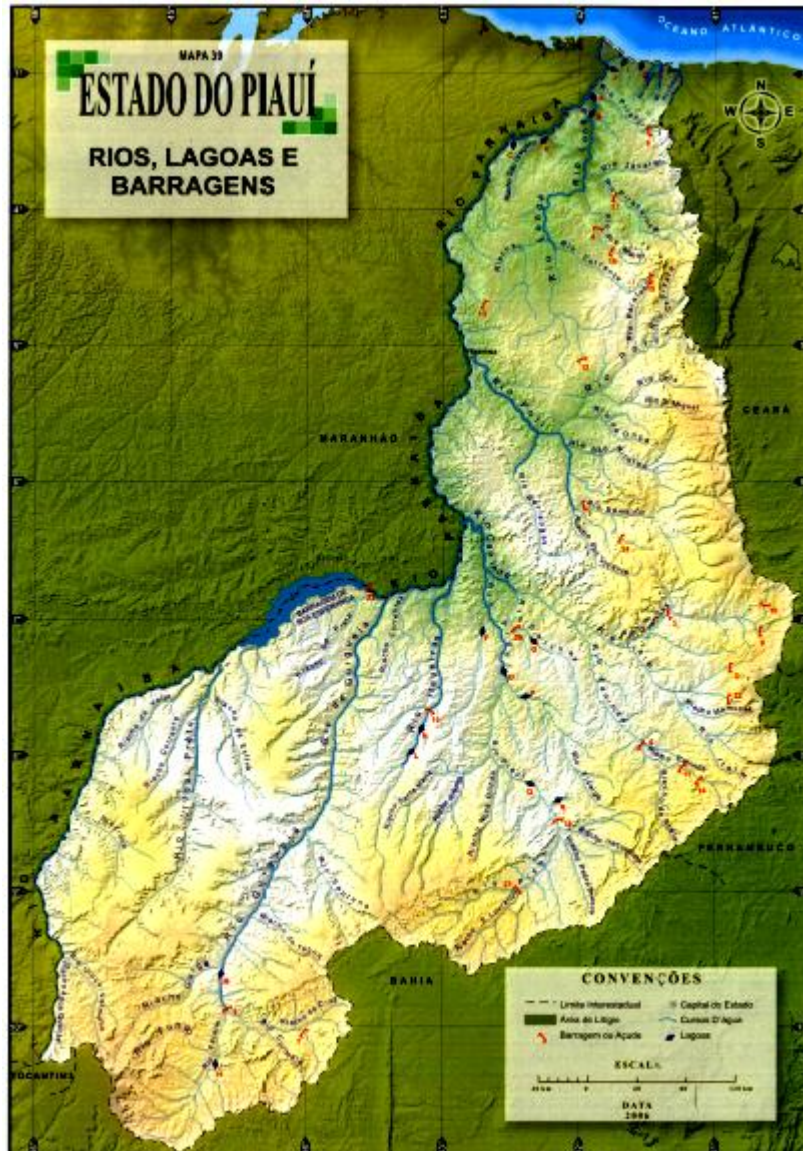
As águas subterrâneas no Piauí, por sua vez, são ainda um potencial pouco explorado, pois se estima que pode ser utilizado um volume de 10 bilhões de m³ por ano, sem o rebaixamento das águas dos aquíferos. Até 1999, era utilizado apenas 1% desse potencial. É possível encontrar poços jorrantes nas cidades de Cristino Castro, de Eliseu Martins, de Paes Landim. No município de Cristino Castro, há o poço Violetto, o qual jorra, há mais de 30 anos, água a uma altura superior a 60 metros. Abaixo, uma foto do poço Violetto:



Foto 7: Poço Violetto, em Cristino Castro - PI⁴¹

No que tange especificamente aos rios, lagoas e barragens do Piauí, segue abaixo um mapa organizado, em 2006, por Araújo *et alii*. Segundo estes autores, o mapa se baseia, por sua vez, em dados do IBGE, do Mapa do Brasil ao Milionésimo, da SEMAR (2004) e do DENOCS (2005):

⁴¹POÇO VIOLETO. Disponível em: http://www.google.com.br/imgres?imgurl=http://farm3.staticflickr.com/2802/4305114322_250c73c2e7_z.jpg%3Fz%3D1&imgrefurl=http://www.flickr.com/photos/pedrocampos/4305114322/&usq= axwtECdj4hhCuTz3VVIDeHQ9k2U=&h=640&w=428&sz=94&hl=pt-. Acesso em: 05 de maio de 2011.



Fonte: Adaptado de: IBGE. Mapa do Brasil ao Milionésimo, SEMAR (2004) e DNOC'S (2005).
 Organização: Iracilde M. de Moura FE Lima e José Luis Lopes Araújo, 2006.
 Cartografia: Eng. Fernando José Câmara Caldas Lins.

Fonte: Araújo *et alii* (2006, p. 65)

Mapa 8: Principais rios, lagoas e barragens do Piauí

Deve-se ressaltar, no caso específico dos nomes de cursos d'água, as lições de Dauzat (1939), para o caso francês, sobre tais nomes. Uma primeira constatação é a seguinte:

Ao curso da história, os lugares, habitados ou não, podem receber outros nomes, que terminam às vezes por suplantar o nome originário. Como as designações originárias, as mutações de nome podem ser espontâneas ou sistemáticas. No entanto, **o nome de rio resiste às substituições**, porque escapa em geral às mudanças de ordem oficial; de outra parte, o nome de rio tem uma individualidade mais nítida que o lugar dito, cujos limites são mais imprecisos. (DAUZAT, 1939, p.41)⁴² (grifos nossos)

⁴²Au cours de l'histoire, les lieux, habites au non, peuvent recevoir des surnoms qui finissent parfois par supplanter le nom originaire. Comme les désignations originaires, les mutations de nom peuvent être spontanées

Ainda sobre a perenidade dos nomes de cursos d'água, afirma Dauzat:

Os nomes de cursos d' água apresentam características particulares: contém, entre todas as categorias de topônimos, **a mais forte proposta dos nomes mais antigos**, [...] estando particularmente em oposição às substituições. São estes nomes que nos permitem mergulhar o mais distante possível no passado linguístico da Europa ocidental. (DAUZAT, 1939, p. 195)⁴³ (grifos nossos)

Essa perspectiva de Dauzat autoriza, no âmbito desta pesquisa, que, a partir da Análise de mapas contemporâneos, de três cartas antigas, de um mapa antigo e de um documento antigo, se mergulhe no passado linguístico dos denominadores primevos da hidroníma estadual.

Após as considerações de caráter geomorfoclimático, feitas acima, passa-se à discussão de aspectos relativos à colonização estadual.

2.7 Colonização do Estado do Piauí

O processo de ocupação do território brasileiro dá-se efetivamente com a empresa canavieira, mormente a da província de Pernambuco. Esta atividade econômica “teria necessariamente de acarretar conseqüências diretas e indiretas para as demais regiões” (FURTADO, 2004, p. 60).

Para o caso piauiense, em particular, uma dessas conseqüências advém do que está apregoado na Carta Régia de 1701, na qual D. Pedro II “determina que os criadores retirem os seus rebanhos, no prazo de um mês, para o interior, observada a distância de dez léguas” (BRANDÃO, 1998, p. 17).

Os termos da Carta logo favoreceram a retirada do gado para o *Sertão de Dentro* (expressão atribuída a Capistrano de Abreu), o que deu início à fase de penetração do interior

ou systématiques. C'est la rivière qui résiste le mieux aux substitutions, car elle échappe en général aux changements d'ordre officiel ; d'autre part, elle a une individualité plus nette que le lieu dit, dont les limites sont plus imprécises. (Tradução Nossa).

⁴³Les noms de cours d'eau présentent in intérêt très particulier: ils renferment, parmi toutes les catégories de toponymes, la plus forte proposition des noms les plus anciens, [...]étant particulièrement rebelle aux substitutions. Ce sont ces noms qui nous permettent de plonger le plus loin dans le passé linguistique d'Europe occidentale. (Tradução Nossa).

nordestino. Corroborando a assertiva, Nunes e Abreu (1998, p. 86) consideram que “dentre os fatores conjunturais que determinaram o povoamento e a exploração econômica do sertão piauiense, destacam-se a expansão dos engenhos no Nordeste e a apropriação de novas áreas para instalação de currais”.

Mott (2010, p. 172) vislumbra, por seu turno, os aspectos geomorfoclimáticos que favoreceram a criação de gado no Piauí:

Possuindo grande parte de seu território ocupado por caatingas e cerrados, dispondo de poucos rios perenes e baixa pluviosidade, o Piauí, se de um lado representava fracas possibilidades para o desenvolvimento de uma agricultura exportadora, veio a transformar-se na principal área pastoril do Nordeste, sendo considerado durante séculos como o curral e açougue das áreas canavieiras.

A propensão do Estado para a criação de gado favorece, obviamente, o ajuntamento de determinados grupos humanos. Sobre isso, Brandão (1995, p. 276) afirma que

predominavam as famílias originadas de casais portugueses radicados no Piauí, cujos maridos eram vaqueiros dos grandes senhores ou criadores em terras devolutas [...] os membros destas famílias passaram à condição de proprietários rurais, quando adquiriram títulos fundiários, por compra a particulares ou por concessão real.

Pode-se, além da presença portuguesa, mencionar, mesmo que em menor proporção do que em outros Estados brasileiros, a presença de escravos. Com a mão de obra destes, foi possível a expansão da atividade pecuarista no interior piauiense.

Outros grupos humanos, como o dos indígenas, que, particularmente no Piauí, eram quase na totalidade falantes de línguas da família linguística Jê, foram dizimados pelo Estado Colonial Brasileiro e sofreram inúmeras perseguições empreendidas em nome da limpeza da área e da comercialização de nativos durante alguns séculos.

Martins (2002, p. 26) afirma que o índio “figurou como elemento indispensável ao desenvolvimento da economia pecuária em seus primeiros séculos”.

Os três principais estratos étnicos e linguísticos, acima comentados, conformarão, de modo desigual, diga-se de passagem, a cosmovisão primeva piauiense, a qual se pretende recuperar, no que ainda for possível, por meio da análise onomástico-toponímica da hidronímia piauiense no *corpus* já referido.

O Estado do Piauí possui, pois, tradição econômica essencialmente pecuarista e disso não se pode escusar. Essa tradição favoreceu a constituição de uma sociedade essencialmente oligárquica, mesmo hodiernamente. A importância da atividade pecuarista pode ser sentida, como se tentará demonstrar na parte de Análise dos Dados, nas manifestações culturais locais e no painel onomástico em geral.

A inexistência de sociedades indígenas em território piauiense também reflete a avassaladora política de extermínio dos “desbravadores” contra os nativos, que resistiam aos trabalhos forçados nas fazendas e à perda de terras que utilizavam para subsistência.

Ainda sobre a ocupação do Piauí, pode-se mencionar que, ao final do século XVII, em cumprimento à Carta Régia de 06 de fevereiro de 1698, há o desdobramento da freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Cabrobó, da qual surge a nova freguesia de Nossa Senhora da Vitória, passando esta à denominação de Piauí. Para Santos Neto (1998), sobretudo a partir de 1660, a colonização deu-se “sob os impulsos da expansão do criatório de gado e pela vontade de muitos aventureiros de enriquecer *preando índios*” (SANTOS NETO, 1998, p. 58). Esses impulsos parecem ter como grandes motivadores tanto a necessidade de mão de obra indígena, rareada em virtude de maciço extermínio, quanto a incompatibilidade, mesmo paradoxal, entre as atividades da lavoura de cana-de-açúcar e o criatório de gado. Sobre essa incompatibilidade, Brandão (1998, p. 17) afirma que:

Os conflitos repetem-se. Em muitos deles, chega a haver mortes. Autoridades reais interferem, sem bons resultados. El Rei D. Pedro II chama a si a decisão da matéria. E determina que os criadores retirem os seus rebanhos, no prazo de um mês, para o interior, observada a distância de dez léguas, nos termos da Carta Régia de 1701.

Recuando um pouco mais, é possível afirmar que a principal atividade instaurada em terras piauienses, no período colonial, estabeleceu-se quando da implantação do primeiro governo geral, de Tomé de Souza, em 1549, na Bahia. Dessa época, a primeira grande leva de jesuítas é trazida ao Brasil, sob o comando do Pe Manoel da Nobrega e, além disso, e não menos importante, tem-se a vinda de um dos maiores latifundiários do período colonial, Garcia D'Ávila, pecuarista importante para a efetiva colonização do Piauí, que nasce sob os auspícios da criação de gado, vindo, certamente, de Cabo Verde, já com o primeiro governador.

A presença jesuíta e o criatório de gado são empresas cruciais para o estabelecimento da rota expansionista em solo piauiense em particular, haja vista que toda a configuração étnica, linguística e cultural é alterada e transformada por esses vetores.

O entendimento do que se processara no Piauí está, pois, intrinsecamente ligado tanto ao declínio das atividades de plantio da cana-de-açúcar quanto à necessidade de a coroa portuguesa ocupar o interior brasileiro, vez que eram constantes as presenças holandesas e francesas por essas terras. Sobre isso, cumpre lembrar a ocupação francesa no vizinho Estado do Maranhão.

Especificamente sobre a empreitada ocupacionista por meio da pecuária, podem-se mencionar, pelo menos, duas frentes a partir do Nordeste, uma saída de Pernambuco, em direção ao norte e ao oeste, abrangendo uma faixa que vai da Paraíba, passando pelo Rio Grande do Norte, ao Ceará; e outra saída da Bahia, seguindo o curso do rio São Francisco até chegar, pelos *Sertões de Dentro*, ao Piauí, na sua parte Sul.

O itinerário da colonização, se na direção Norte-Sul, ou na Sul-Norte, provocou e tem provocado ainda divergências entre aqueles que se debruçam sobre a história do Piauí, uma vez que, no geral, tem prevalecido a tese Norte-Sul, admitindo, assim, as primeiras incursões de baianos, e, posteriormente, de paulistas, todos vindos desta direção. Machado (2002, p.22) defende que os processos de extermínio e espoliação dos indígenas do Piauí iniciaram-se na parte Norte do Estado:

Os processos de extermínio e espoliação das sete nações indígenas foram iniciados no Norte do território que posteriormente seria a Capitania do Piauí, nas ilhas do delta, abrangendo, em seguida, a faixa litorânea e as encostas da Serra da Ibiapaba, alcançando os vales dos rios Longá, Piracuruca, Maratoã, Jenipapo, Poty, Berlenga Sambito, Tranqueira, Guaribas, Riachão e Itaim, regiões povoadas pelas nações Tremembé e Tabajara. Estenderam-se, posteriormente, em direção ao Centro-Leste, alcançando o vale do rio Canindé, região povoada pelas nações Jaicó, Acroá e Gueguê, de onde se trifurcaram, seguindo direcionamentos distintos: para o sul, alcançaram os vales dos rios Piauí e Itaeira, até chegar às nascentes dos rios Gurguéia e Paraim, regiões povoadas pelas nações Gueguê, Acroá e Pimenteira; para o Sudeste, atingiram os vales dos rios Piauí e Fidalgo, até às nascentes do Piauí, regiões povoadas pelas nações Gueguê, Acroá e Pimenteira; para o Sudoeste, deram nos vales dos rios Mucaítá, Itaeira, Gurguéia, Uruçuí Preto, até às nascentes do Uruçuí Vermelho, regiões povoadas pelas nações Timbira, Gueguê e Acroá. (MACHADO, 2002, p. 22)

O povoamento do espaço piauiense é, então, dada a principal atividade econômica aqui estabelecida, efetivado pela ocupação das margens dos principais rios, riachos, lagoas, brejos etc.

Este fato incidirá na Toponímia desses acidentes, de modo que, com eles, podem-se vislumbrar as primeiras impressões e modos de vida dos povoadores desses *Sertões de Dentro*.

Demograficamente, a Freguesia de Nossa Senhora da Vitória experimenta, já ao final do século XVII, baixíssimo índice populacional (605 habitantes, como admite verossímil BRANDÃO, 1998), em virtude da própria atividade econômica, a qual exigia, se comparada com a lavoura da cana-de-açúcar, reduzido número de pessoas que nessas terras habitassem. Alia-se a isso o fato de não se formarem, como em outras partes do território nacional, núcleos familiares, haja vista as tensas relações entre conquistadores e autóctones.

A incumbência da ocupação ficou, pois, a cargo, sobretudo, dos bandeirantes. A preocupação primeira deles, como já mencionado, era a de tomar as nascentes dos grandes afluentes e subafluentes do Parnaíba, dentre eles: Gurgueia, Uruçui, Canindé, Piauí, Poti, Longá etc., obviamente com o fim mesmo de, nesses lugares, terem condições favoráveis à atividade pecuarista.

No séc. XVIII, por volta da segunda década, segundo Santos Neto (1998, pp. 60 e 61):

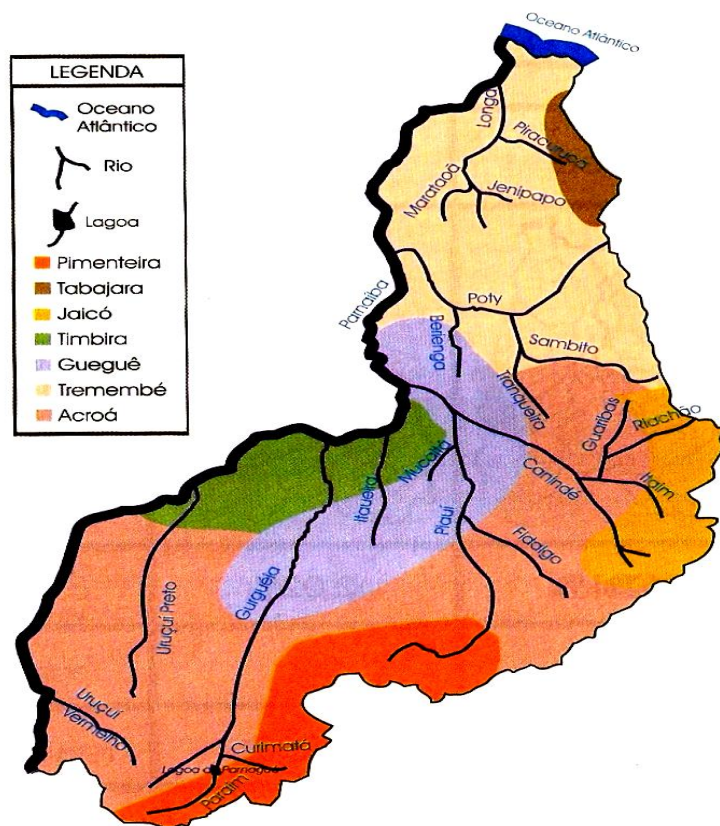
[...] toda a bacia do Parnaíba apossada/doadada (dada/data) sob a forma de sesmarias, e centenas de fazendas já haviam sido instaladas para a criação de gado (vacum e cavalar, especialmente), todas de fazendeiros residentes em Pernambuco e Bahia, afora as possessões dadas no vale centro-nortista do rio Poti ao não tão errante Domingos Jorge Velho, paulista de nascimento, em cuja possessão se incluía, segundo o historiador Cláudio Melo, a mesopotâmia onde está situada hoje a cidade de Teresina.

De um lado - o do explorador-, com o interesse pela terra para fins agropecuários e, de outro, o autóctone, distribuído em sete nações indígenas, as quais, como se depreende do mapa⁴⁴ abaixo, estão não só fortemente ligadas geograficamente, mas também culturalmente, aos “vales dos rios e ao derredor das lagoas formadoras da bacia hidrográfica parnaibana piauiense”⁴⁵.

⁴⁴ Mapa digitalizado de: MACHADO, Paulo Henrique Couto. *As trilhas da morte: extermínio e espoliação das nações indígenas na região da bacia Hidrográfica parnaibana piauiense*. Teresina: Corisco, 2002. p. 26.

⁴⁵ IDEM op. cit.

MAPA DAS DISTRIBUIÇÕES ESPACIAIS DAS NAÇÕES INDÍGENAS



Fonte 1: Arquivo Público do Piauí – Casa Anísio Brito. Livros de Transcrições das Cartas de Sesmarias e Livros de Registros Eclesiásticos.
 Fonte 2: BATISTA, João Gabriel - ETNOHISTÓRIA INDÍGENA PIAUIENSE, Teresina, Edufpi, 1994.

Fonte: Machado (2002, p. 26)

Mapa 9: Distribuição espacial das nações indígenas do Piauí

É lícito supor, com a observação do mapa, que a índole rivícola e lacustre tanto dos autóctones do Piauí quanto dos bandeirantes deve ter deixado marcas profundas nos Topônimos deste Estado.

Isto posto, cumpre sumarizar alguns aspectos gerais sobre os indígenas do Piauí, o que se fará no próximo tópico.

2.8 Indígenas no Piauí

Discorrer sobre a história das nações indígenas que habitavam o solo do Piauí passa, necessariamente, pela recuperação dos primeiros contatos interétnicos e linguísticos travados entre indígenas e portugueses na Costa brasileira em princípios do século XVI.

A saga portuguesa, iniciada em 09 de março de 1500, com a saída de 13 navios do porto de Lisboa, modificará para sempre e, negativamente, em grande medida, a história dos indígenas brasileiros em geral e, mais drasticamente, a do indígena piauiense, em particular.

Antes da chegada dos portugueses, cumpre mencionar, habitavam o litoral brasileiro indígenas Tupi e, antes destes, outros que ficaram conhecidos genericamente pela designação “Tapuio”. Em Silveira Bueno, (1984, p 311), tem-se o seguinte verbete para a palavra **Tapuia**:

Tapuia –s. De <i>tapyya</i> , o índio considerado bárbaro pelos demais.

Esses Tapuia, normalmente mencionados na literatura como indígenas de língua travada, porque não falantes de língua Tupi (os demais, de Silveira Bueno), eram os habitantes primevos da Costa do Brasil, a qual foi progressivamente tomada pelos Tupi, e na qual restaram poucos remanescentes Tapuia, conforme atesta Ribeiro (2009, p. 20):

Os Tupi da costa eram conhecidos pelo nome genérico de Tupinambá e se dividiam em vários grupos locais. Tupiniquim e Tupiná (ou Tapanases) viviam entre Porto Seguro na Bahia e Espírito Santo. Na mesma região viviam os Guaitacaz ou Goitacá, numa estreita faixa do litoral espírito-santense, povo “Tapuia”, espremido entre os Tupi.

Os Tupi, saídos provavelmente do sudoeste da Amazônia antes da era cristã, após assenhorearem-se da costa brasileira, são os que, no início do século XVI, travarão contato com o branco colonizador.

A língua Tupi será, pois, a língua de contato entre os indígenas da Costa e o Português Europeu, que terá, inclusive na figura das missões jesuíticas mais tarde, de dobrar-se à superioridade numérica de falantes da língua Tupi, os quais ditarão, sobretudo no século XVI, a hegemonia dessa língua indígena, posteriormente batizada de Língua Geral, após, segundo alguns (Camara Júnior é um deles), a intervenção dos missionários em sua gramática. Sem esta língua, não teria sido possível a empreitada pela busca de metais preciosos e por indígenas para escravização.

Obviamente, a permanência da Língua Geral não se deu de maneira regular por toda a colônia, de modo que, em Pernambuco, por exemplo, a Língua Geral logo desaparecera, haja vista a lavoura canavieira ter impulsionado a economia local, o que tanto atraiu mais portugueses quanto exigiu maior fluxo de escravos para cá, ou seja, estratos étnicos e

linguísticos que superaram, em número, o estrato indígena, afora, é claro, as moléstias e enfermidades que acometeram os silvícolas. Em outras localidades, onde o influxo de escravos e de portugueses foi menor, prevaleceu a Língua Geral, como no interior de São Paulo.

A prevalência ou não da Língua Geral, é bom que se diga, deve-se a fatores político-econômicos, ao desbravamento do interior do Brasil pelos bandeirantes, à intervenção jesuítica na tentativa de “manter” a língua do índio, e, principalmente, no caso do declínio das línguas indígenas em geral, ao vertiginoso desaparecimento de seus falantes.

Sampaio (1987, p. 69), em seu clássico *O Tupi na geografia Nacional*, admite que, até o começo do século XVIII:

(...) a proporção entre as duas línguas faladas na colônia era mais ou menos de três para um, do tupi para o português. Em algumas capitânicas, como São Paulo, Rio Grande do Sul, Amazonas e Pará, onde a catequese mais influenciou, o tupi prevaleceu por mais tempo ainda.

Ainda sobre a prevalência da Língua Geral, afora as controvérsias históricas, há os que se alinham, de certa forma, a Sampaio, como é o caso de Wehling e Wehling (1999, p. 284), os quais afirmam ser fora de dúvida “(...) que, à exceção da área canavieira pernambucana e baiana, onde se falava o português, a “a língua geral” – isto é, o Tupi – foi amplamente difundida nos séculos XVI e XVII”.

Holanda (1995a), em seu célebre “O semeador e o ladrilhador”, em *Raízes do Brasil*, dedica uma nota, a segunda, no capítulo quatro, à Língua Geral em São Paulo. O eminente historiador, ao compulsar obras, cartas, relatórios, inventários etc., elenca uma série de opiniões que parecem corroborar a tese de Sampaio. Holanda cria na permanência da Língua Geral, sobretudo no século XVII, avançando talvez até meados do século XVIII. Entre os testemunhos elencados, podem-se citar: 1) governador Antônio Pais de Sande (1692/93); 2) governador Artur de Sá e Meneses (1693); 3) padre Antônio Vieira (1694); 4) bispo de Pernambuco sobre Domingos Jorge Velho (1697). Some-se a isso, ainda com Holanda, o largo uso de alcunhas de origem indígena, frequentes também no século XVII, e mais raras no seguinte, no qual começam a abundar as de origem portuguesa.

Ainda sobre a utilização da Língua Geral, veja-se esta interessante afirmação de Wehling e Wehling (1999, pp. 284 e 285):

Em regiões de maior densidade populacional indígena, o tupi continuou sendo a língua mais falada no século XVIII. Mas a vinda para o Brasil, atraídos pelas minas, de cerca de 800 mil portugueses certamente contribuiu para consolidar a língua do colonizador. Também a expulsão dos jesuítas concorreu para isso, pois eles sempre respeitaram a língua nativa e a ensinaram em suas escolas. Mas o fator decisivo parece ter sido a firme determinação do governo pombalino de impor o português como língua falada no país, extinguindo o bilingüismo existente até então.

Sobre a assertiva de Wehling e Wehling, há que se pesarem dois pontos na argumentação suprarreferida.

O primeiro, que diz respeito ao respeito jesuítico à língua nativa, não parece ser válido em toda sua dimensão. Camara Júnior, por exemplo, é da opinião de que o Tupi da Costa fora alterado pelos padres jesuítas (Tupi jesuítico no dizer dele), tanto na morfologia e na sintaxe (para se coadunar ao paradigma latino), quanto no léxico, donde se tem a subversão, em Tupi, do significado de Tupã, que passa a atender a um ideal cristão, para fins de catequização. Mesmo que não se concorde plenamente com Camara Júnior sobre as possíveis intervenções morfossintáticas, há que se concordar, pelo menos, com as de natureza lexical.

O segundo diz respeito ao tal fator decisivo, as medidas pombalinas. Parece consensual que a extinção de uma língua natural se deve sempre a vários fatores, o que implica dizer que elencar, como mais relevante, as medidas políticas de proibição, no período pombalino, parece não dar conta da complexidade dos fatores envolvidos, os quais têm, em tais medidas, seu cume, haja vista a morte anunciada da maior parte das línguas indígenas, como consequência da morte de seus falantes.

Sobre essa abrupta baixa demográfica, Houaiss (1992, p. 49), mesmo sem explicitar suas fontes, apresenta os seguintes dados populacionais para os séculos XVI, XVII, XVIII e XIX, assim esquematizados:

XVI – (brancos, descendentes brancos ou mestiços: 30 mil); (população indígena: 1 milhão ou 2 milhões); e (negros: 20 a 30 mil);
XVII – (brancos e descendentes livres mestiços: 200 mil); (população indígena: 1,5 milhão); e (negros: 400 mil);
XVIII - (brancos e descendentes livres mestiços: 500 mil); (população indígena: 500 mil); (mestiços integrados - índio não bravio, mulatos, cafuzos, mazombos: 500 mil); e (negros: 1 milhão);

XIX - (brancos: 1,5 milhão); (população indígena: 200 a 300 mil); (mestiços: 1,8 milhão); e (negros: 1,5 milhão).

Mesmo admitindo que tais dados podem não representar fidedignamente, e, certamente não representam, a realidade demográfica do período colonial, é possível, mesmo assim, em linhas gerais, perceber que do século do achamento ao século XVIII (o das medidas pombalinas) o número de indígenas nativos decaiu, por baixo, mais de 50%, enquanto todos os outros grupos experimentam um vultoso aumento. Este fator é, sim, o mais relevante, e, juntamente com os outros arrolados por Wehling e Wehling, desembocou na progressiva extinção das línguas nativas, inclusive a geral, em grande parte do território brasileiro.

Para o interesse particular aqui aventado, o de apresentar, segundo alguns autores, grupos indígenas do Piauí e discutir, mesmo sem a pretensão de esgotar o tema, algumas questões sobre as línguas desses indígenas, oportuna é a referência de Holanda a Domingos Jorge Velho⁴⁶, bandeirante descendido de índios nos sertões piauienses e aniquilador do quilombo dos Palmares, pois, caso se admita verossímil, com Sampaio e com Holanda, a larga utilização pelos bandeirantes da Língua Geral, fica fácil entender, para o contexto piauiense, a abundância de étimos Tupi, como se demonstrará mais à frente.

No que concerne ao indígena do Piauí, Chaves (1995), valendo-se do testemunho de exploradores, sem, no entanto, nomeá-los, apresenta, segundo sua própria nomenclatura, as seguintes tribos⁴⁷ e suas respectivas localizações, conforme se vê no quadro⁴⁸ infra:

Quadro 2: Tribos do Piauí e respectivas localizações

TRIBOS	Localização aproximada
TREMEMBÉS	Baixo Parnaíba e seu Delta
AROQUIZES e CARAPOTANGAS	Chapada das Mangabeiras e no alto Parnaíba
AROQUANGUIRAS, COPEQUACAS, CUPICHERES, ARANHEZES, AITATUS e CORERÁS	Abaixo das localidades imediatamente acima citadas

⁴⁶ “Bandeirante Paulista, filho de Francisco Jorge Velho e Francisca Gonçalves, aniquilador dos índios do Piauí e dos escravos do Quilombo dos Palmares. Em 1697, casou-se com Jerônima Cardim Fróis, e, reza a tradição, que ele vivia em concubinato com várias índias, o que talvez ajude a explicar o fato relatado pelo Bispo de Pernambuco, que se referia a Jorge Velho como um homem rude que mal falava o português, ou ainda, que só falava a língua geral dos índios. Guerreou, no Piauí, contra os índios Pimenteiras e morreu entre 1703/04 em Piancó, na Paraíba”. (FRANCO, 1953, pp. 429 e 430)

⁴⁷ Mesmo a par da problemática que envolve, por exemplo, conceitos como o de raça, tribo e nação etc., optou-se, simplesmente, por relatar, sem a pretensão de criticar tais conceitos, os estudos de autores que versaram sobre os indígenas no Piauí, mesmo sabendo que tais autores utilizam, na maioria das vezes, esses termos em discordância com a prática antropológica hodierna.

⁴⁸ O quadro mencionado não consta na obra de Chaves. Criamo-lo para melhor visualizar os dados do autor.

ABETIRAS, BEIRTÁS, COARÁS e NONGAZES	Médio Parnaíba
ACOROÁS, RODELEIROS e BEIÇUDOS	Cabeceira do rio Gurgueia
BOCOREIMAS, CORSIÁS e LANCEIROS	Extensão do rio Gurgueia
ANASSUS e ALONGAZES	Serra da Ibiapaba
ARUAZES	Riacho Sambito
UBATÊS, MOATANS, JANDUINS, ICÓS e URIRÊS	Serra do Araripe
ARAIÊS e ACUMÊS	Cabeceiras do rio Piauí
COARATIZES e JAICÓS	Vale do Gurgueia
CUPINHARÓS	No Canindé
PRECATIZES	No Uruçui
PUTIS	Foz do Poti
ARANHINS e CRATEÚS	Cabeceiras do rio Piauí
PIMENTEIRAS	Limites com Pernambuco
GUEGUÊS	Região central do Estado

Fonte: Chaves (1995, pp. 20 a 22) (quadro organizado pelo autor desta pesquisa)

O referido padre apresenta, como representantes dos Tupi, os Amoipirás, descendentes dos Tupinambás da Bahia.

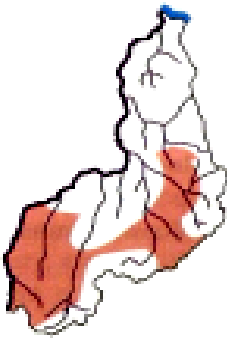
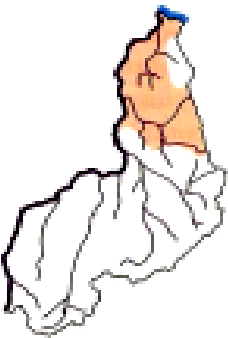
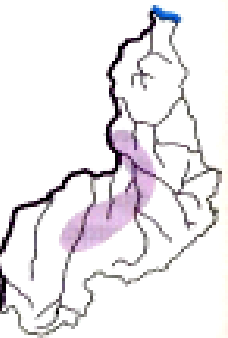
Chaves finaliza o tópico afirmando que “As demais tribos já mencionadas (as da tabela acima) eram de tapuias legítimos, isto é, de “línguas travadas”, bons cantores, hábeis frecheiros, destros corredores e valentes na guerra”. (CHAVES, 1995, p. 22). Quanto a esses indígenas de língua travada, esclarece Ribeiro (2009, p. 23) alguns aspectos linguísticos e culturais:

Eram chamados genericamente de Tapuia os grupos filiados à família linguística Jê e alguns de língua isolada. Dos Jê se pode dizer que representam a nação genuinamente brasileira, porque não há nenhum representante falando sua língua, fora de nossas fronteiras. São também povos de cultura material mais simples. A maneira como organizam a vida em sociedade, no entanto, é bem mais complexa e elaborada que a dos Tupi-guarani ou dos que pertencem ao tronco de línguas Aruak e Karib, isto é, dos povos da floresta tropical.

Machado (2002, pp. 24 e 25) apresenta, com base em fontes do Arquivo Público do Piauí e em Baptista (1994), uma proposta de distribuição espacial do que ele chama de nações⁴⁹ indígenas piauienses.

Eis, abaixo, a proposta de Machado, na qual constam, segundo ele, a nação, o espaço físico ocupado por elas (hachurado), o percentual do espaço físico ocupado, o número de tribos e o número de habitantes:

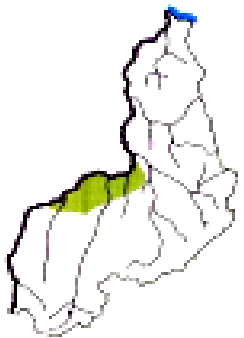
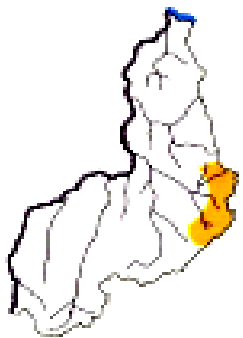
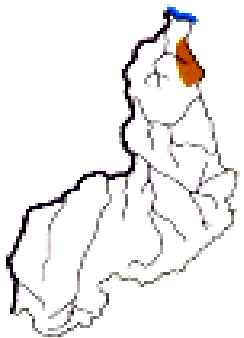
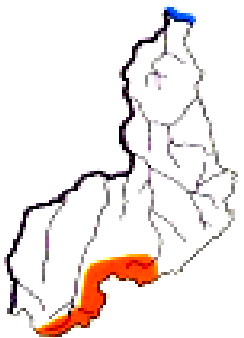
Quadro 3: Percentuais de ocupação de espaço físico, de número de tribos e de número de habitantes

NAÇÃO	Acioá	Tremembé	Gueguê
ESPAÇO FÍSICO OCUPADO POR NAÇÃO			
PERCENTUAL DO ESPAÇO FÍSICO OCUPADO POR NAÇÃO	38.30%	23.02%	15.12%
Nº DE TRIBOS	64	60	16
Nº DE HABITANTES	128.000	120.000	32.000

Fonte: Machado (2002, p. 24)

⁴⁹ Ver nota 47.

Quadro 4: Percentuais de ocupação de espaço físico, de número de tribos e de número de habitantes

Timbira	Jaicó	Tabajara	Pimenteira
			
6.47%	6.01%	2.02%	9.06%
11	4	2	1
22.000	8.000	4.000	2.000

Fonte: Machado (2002, p. 25)

Para uma primeira tentativa de especulação sobre as línguas dos autóctones piauienses, das sete nações de Machado, pode-se dizer que seis seriam de “língua travada” (família linguística Jê), e uma, a dos Tabajara, da família linguística Tupi-Guarani. Assim sendo, ter-se-iam 97,98% de indígenas de “língua travada”, ou, para usar uma nomenclatura linguística, falantes de línguas da família Jê.

Baptista (1994), por seu turno, menciona quatro etnias em solo piauiense, a saber: 1) Tupi-guarani; 2) Jê; 3) Caraíba (Caribe) e 4) Cariri.

O historiador patricio lista mais de 200 tribos⁵⁰, as quais, em geral, estão compreendidas nas quatro etnias suprarreferidas, diz-se, em geral, porquanto ele mesmo não consegue classificar determinadas tribos nessas etnias. O número em si parece demasiado exagerado e talvez não represente a verdade numérica, se se levam em conta, por exemplo, alguns equívocos do autor. Ora, sobre uma tribo (os Gueguês) pertencente ao que ele chama de nação Jê, afirma que ela era também chamada de Goguê, Gueguez, Guguê, Gurgua, Gurguê e Gurgueia. Quando passa a enumerar, em ordem alfabética, as mais de 200 tribos, o autor abre dois verbetes, uma para Guguê e outro para Gurgueia, sendo que ele mesmo admite, anteriormente, tratar-se de sinonímia, ou seja, da mesma tribo. No primeiro

⁵⁰ Ver nota 47.

documento sobre o Piauí de que se tem notícia, *Descrição do Sertão do Piauí*, de padre Miguel de Carvalho, datado de 1697, não há referência à tribo homônima, mas tão somente ao rio Gurgueia, o qual é “caudaloso sempre corrente. Caminha do sul para o norte. Acha-se nele variedade de peixe do mar, como arraias e outros peixes que comem gente, chamadas piranhas, em grande quantidade” (CARVALHO, 2009, p. 42). No primeiro mapa do Piauí, de 1760, do cartógrafo e engenheiro Henrique Antonio Galúcio, aparece a forma *Gorogueia*. Sendo assim, a forma primeira da palavra parece tanto ter um “r” medial quanto um ditongo final (“ia”), o que permite propor a seguinte cadeia de modificação fonética:

Gorogueia > Gurgueia > Gurguei* > Gurguê* > Guguê (Goguê) > Gueguê

Após sucessivas síncopes e apócopas, chega-se à forma *Gueguê*, a qual é uma forma epentética de *Guguê*, todas, por sua vez, formas variantes de *Gorogueia*. Interessante observar que, para o nome do rio, permanece, nos dias atuais, a forma aparentemente mais antiga. Assim, como este caso, tantos outros há, em Baptista, que merecem esclarecimento, o que ainda está por ser feito.

Em termos de língua, Baptista (1994) refere, segundo sua própria terminologia, as seguintes nações e suas respectivas línguas:

Quadro 5: Nações indígenas do Piauí

ETNIAS	JÊ	CARAÍBA	TUPI	CARIRI
N	Acroá (língua Jê)	Pimenteira (língua Caribe)	Tabajara (língua Tupi)	Tremembé (língua Cariri)
A	Gueguê (língua Jê)			
Ç	Jaicó (língua Jê)			
Õ	Timbira (língua Jê)			
E				
S				

Fonte: Baptista (1994, pp. 83 a 93) (quadro organizado pelo autor desta pesquisa)

No mapa abaixo, é possível visualizar as famílias linguísticas que compõem, hodiernamente, e malgrada a extinção de várias delas, o ainda diverso panorama de línguas da América do Sul:



Fonte: O Atlas das Línguas: a origem e a evolução das línguas no mundo (2002, p. 135)

Mapa 10: Línguas da América do Sul

A escassez de fonte e a falta de pesquisa sobre as línguas indígenas do Piauí, mormente em documentos históricos que a elas possam fazer referência, não permitem ainda que se tenha a esse respeito uma classificação conclusa sobre tais línguas, o que, no máximo, permite que se fale em família linguística (família Jê) para o caso piauiense. Dito de outro, parece que os autores mencionados, até pela própria formação (historiadores, geógrafos etc.), não diferenciam, como o faz Baptista (1994), língua de família linguística, como quando falam de língua Jê, quando, na verdade, trata-se de uma família linguística, a qual engloba várias línguas.

Voltando a Jorge Velho, concorda-se, como se disse acima, com Sampaio e com Holanda, quanto à difusão da Língua Geral em território nacional pelos bandeirantes. No

Piauí, o bandeirante paulista parece mesmo corroborar esta tese, pois abundam palavras de étimo Tupi, em detrimento das de étimo pertencente às línguas da família linguística Jê, sobretudo em fontes antigas, como se verá na parte de Análise.

Levando-se em conta as informações acima, pode-se afirmar que, no Piauí, dada a colonização relativamente tardia, houve um rápido e total etnocídio e glotocídio, de modo a não haver registro significativo, pelo menos até onde se sabe até o presente momento, de exemplares lexicais que pudessem ser objeto de estudo para recuperação e posterior manutenção da índole Tapuia/Jê. O que há, de fato, é a possibilidade de resgate e manutenção da índole Tupi, via bandeirante, o que, se não é desejável, é o pelo menos palpável em termos de representação onomástica.

No próximo capítulo, serão abordadas questões teórico-metodológicas.

CAPÍTULO 3 – PROCEDIMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

3.1 A classificação taxionômica

Como se havia mencionado, nos objetivos desta pesquisa, aproveitar-se-á a distribuição toponímica em categorias taxionômicas, propostas por Dick (1992a). Essas categorias representam os principais padrões motivacionais dos Topônimos no contexto brasileiro. Há, ainda a respeito dessas categorias, a seguinte subdivisão:

- 1) Taxionomias de *Natureza Física* e
- 2) Taxionomias de *Natureza Antropocultural*.

No que se refere à finalidade desse sistema, Dick (2008b, p. 142) entende que esses categoremas podem ser

Definidos à maneira dos hiperônimos (termos redutores dos significados compreendidos nas expressões denominativas) ou dos arquilexemas, constituem-se em indicativos ou marcadores semântico-terminológicos; têm a finalidade de, por meio de uma nomenclatura específica (termo genérico motivador, indicativo do campo semêmico determinativo, seguido da expressão topônimo), transmitir os vínculos causais que justificam a criação dos nomes de lugares⁵¹.

Tendo, pois, essas taxes a finalidade de transmitir as relações de causalidade na criação dos nomes de lugares, pode-se cotejar a possibilidade de, com esse sistema, refletir-se algum detalhe particular do local, o que, por sua vez, acarretaria uma melhor caracterização etnolinguística do meio analisado.

Quanto às taxionomias propostas por Dick (1992a), seguem-se, nos quadros abaixo, as taxes com suas respectivas aplicações e exemplos. Os quadros que ora se apresentam, como se disse, seguem as diretrizes gerais de Dick (*op. cit.*), mas com adaptações que visam, antes de tudo, a ilustrar, na coluna EXEMPLO, os Hidrônimos catalogados neste estudo, para os quais se usará a indicação (PI), para indicar ser o acidente encontrado no Estado, e, para os

⁵¹ DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. *Atlas toponímico do Brasil: teoria e prática II*. Paraná, 2007. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/trama/article/view/965>. Acesso em: 10 fev. 2008.

casos em que não há correspondente na catalogação, usar-se-ão os próprios exemplos de Dick (*op. cit.*).

3.1.1 Classificação Taxionômica: taxes de *Natureza Física*

Quadro 6: Taxes de Natureza Física

TAXE	APLICAÇÃO	EXEMPLO
1. Astrotopônimos	Referem-se aos corpos celestes em geral	Rio da <u>Estrela</u> (ES)
2. Cardinotopônimos	Referem-se às posições geográficas em geral	Lagoa de <u>Fora</u> (PI)
3. Cromotopônimos	Referem-se à escala cromática	Lagoa <u>Verde</u> (PI)
4. Dimensiotopônimos	Referem-se às dimensões dos acidentes geográficos	Lagoa <u>Cumprida</u> (PI)
5. Fitotopônimos	Referem-se aos vegetais em geral	Riacho <u>Aroeira</u> (PI)
6. Geomorfotopônimos	Referem-se às formas topográficas	Riacho da <u>Serra</u> (PI)
7. Hidrotopônimos	Referem-se a acidentes hidrográficos em geral	Riacho <u>Cachoeirinha</u> (PI)
8. Litotopônimos	Referem-se aos minerais e à constituição do solo	Riacho da <u>Areia</u> (PI)
9. Meteorotopônimos	Referem-se a fenômenos atmosféricos	Cachoeira da <u>Chuva</u> (RO)
10. Morfotopônimos	Referem-se às formas geométricas	Lagoa <u>Redonda</u> (PI)
11. Zootopônimos	Referem-se aos animais	Riacho da <u>Cabra</u> (PI)

Fonte: Dick (1992a) (quadro organizado pelo autor desta pesquisa)

3.1.2 Classificação Taxionômica: taxes de Natureza Antropocultural

Quadro 7: Taxes de Natureza Antropocultural

TAXE	APLICAÇÃO	EXEMPLO
1. Animotopônimos	Referem-se à vida psíquica, à cultura espiritual	Riacho <u>Bonito</u> (PI)
2. Antropotopônimos	Referem-se aos nomes próprios individuais	Riacho do <u>Damião</u> (PI)
3. Axiotopônimos	Referem-se aos títulos e	Doutor Pedrinho (AH SC)

TAXE	APLICAÇÃO	EXEMPLO
	dignidades que acompanham nomes próprios individuais	
4. Corotopônimos	Referem-se a nomes de cidades, países, estados, regiões e continentes	Riacho da <u>Palestina</u> (PI)
5. Cronotopônimos	Referem-se aos indicadores cronológicos representados pelos adjetivos novo(a), velho(a)	Lagoa <u>Velha</u> (PI)
6. Ecotopônimos	Referem-se às habitações em geral	Riacho da <u>Cabana</u> (PI)
7. Ergotopônimos	Referem-se aos elementos da cultura material	Lagoa da <u>Porta</u> (PI)
8. Etnotopônimos	Referem-se aos elementos étnicos isolados ou não (povos, tribos, castas)	Riacho do <u>Caboclo</u> (PI)
9. Dirrematotopônimos	Referem-se a frases ou enunciados linguísticos	Lagoa do <u>Cala-Boca</u> (PI)
10. Hierotopônimos	Referem-se a nomes sagrados de crenças diversas, a efemérides religiosas, às associações religiosas e aos locais de culto	Riacho da <u>Cruz</u> (PI)
10.1. Hagiopônimos	Referem-se a santos ou santas do hagiológico católico romano	Riacho <u>São João</u> (PI)
10.2. Mitotopônimos	entidades mitológicas	Riacho da <u>Caipora</u> (PI)
11. Historiotopônimos	Referem-se aos movimentos de cunho histórico, a seus membros e às datas comemorativas	Riacho do <u>Mandu</u> (PI)
12. Hodotopônimos	Referem-se às vias de comunicação urbana ou rural	Lagoa da <u>Estrada</u> (PI)
13. Numerotopônimos	Referem-se aos adjetivos numerais	Lagoa <u>Dois Irmãos</u> (PI)
14. Poliotopônimos	Referem-se aos vocábulos vila, aldeia, cidade, povoação, arraial	Riacho <u>Arraial</u> (PI)
15. Sociotopônimos	Referem-se às atividades profissionais, aos locais de trabalho e aos pontos de encontro da comunidade,	Riacho da <u>Lavadeira</u> (PI)

TAXE	APLICAÇÃO	EXEMPLO
	aglomerados humanos	
16. Somatotopônimos	Referem-se metaforicamente às partes do corpo humano ou do animal	Lagoa da <u>Língua</u> de Vaca (PI)

Fonte: Dick (1992a) (quadro organizado pelo autor desta pesquisa)

3.2 Ficha Toponímica

A Ficha Toponímica que se adota, nesta pesquisa, tem como base a proposta de Dick (2004), com adaptações. Na ficha (abaixo segue uma já devidamente preenchida com dados sobre os Hidrônimos do município de Geminiano, o qual fora escolhido aleatoriamente e que pertence à Microrregião de Picos, na Mesorregião Sudeste Piauiense), constarão as seguintes informações: a) Número do acidente; b) Elemento Geográfico; c) Topônimo; d) Origem; e) Taxionomia e f) Estrutura Morfológica.

1. Município: **Microrregião de Picos (município de Geminiano)**

Quadro 8: Ficha Toponímica

Nº	Elemento Geográfico	Topônimo	Origem	Taxionomia	Estr. Morf.
01	Riacho	São João	LP	Hagio	COMPOSTO
02	Lagoa	Pilões, dos	LP	Ergo	SIMPLES
03	Lagoa	Grande	LP	Dimensio	SIMPLES
04	Lagoa	Carnaíba	LT	Fito	SIMPLES
05	Lagoa	Carcará	LT	Zoo	SIMPLES
06	Lagoa	Veados, dos	LP	Zoo	SIMPLES
07	Lagoa	Mato, do	LP	Fito	SIMPLES
08	Lagoa	Tabuleiro, do	LP	Geomorfo	SIMPLES

Fonte: Dick (2004), com adaptações.

Para um melhor entendimento da estrutura da Ficha Toponímica acima exposta, passe-se, adiante, ao exame de seus elementos componentes:

1) COLUNA NUMÉRICA

Nesta coluna, indica-se a quantidade de acidentes por microrregião.

2) ELEMENTO GEOGRÁFICO

Indica se se trata de elemento geográfico físico ou humano. No caso desta pesquisa, foram catalogados somente os elementos geográficos físicos (rios, lagos, lagoas, córregos, brejos etc).

3) TOPÔNIMO

Indica o termo específico, o Topônimo propriamente dito, que servirá de base para a classificação taxionômica.

4) ORIGEM

Indica a possível língua de origem dos Topônimos classificados. Neste quesito, optou-se por assinalar, quando o caso permitir, a origem do Topônimo e, para os casos dos estratos indígena e africano, indicar-se-ão, também quando possível, em nota de rodapé, seus respectivos étimos.

Obviamente, não se pode negligenciar que as palavras de origem indígena e africana, em sua imensa maioria, já estão devidamente acomodadas ao sistema morfológico do português, de modo que autores como Cunha (1999) e Houaiss (1992) preferem, para o caso de palavras de origem Tupi, a expressão ‘palavras portuguesas de origem Tupi’, que, decerto, parece bastante adequada quando se leva em conta, principalmente, tal acomodação morfológica nos dois casos. Se a prática adotada, nesta pesquisa, fosse a de considerar os indigenismos e africanismos, como ‘palavras portuguesas de origem indígena ou africana’, não seria proveitoso haver, na Ficha Toponímica, uma coluna para a indicação de origem, haja vista que a quase totalidade dos Topônimos receberia a indicação LP (Língua Portuguesa), que, no máximo, poderia vir acompanhada do epíteto que lhes evidenciasse a origem primeva.

A questão se resumiria, pois, em assinalar a quase totalidade os Topônimos como de origem portuguesa ou lhes marcar, quando houvesse possibilidade, as origens indígenas e africana. A decisão, por mais que seja discutível, dada a dificuldade de se asseverar, por

exemplo, se itens lexicais como *macaco* e *banana* são, de fato, de origem africana, será a de assinalar os três principais estratos (português, indígena e africano) para a formação do Português Brasileiro, sobretudo em razão da incontestável importância histórica e linguística desses estratos na formação dessa variedade do português.

No caso das palavras indígenas, utilizar-se-ão as seguintes fontes para lhes determinar a origem: *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa* (2002); *Dicionário Histórico das Palavras Portuguesas de Origem Tupi* (1999), de Cunha; *Vocabulário Tupi-Guarani-Português* (1984), de Silveira Bueno; *O Tupi na Geografia Nacional* (1987), de Sampaio; *Influência do Tupi no Português* (1926), de Jacques Raimundo; *Contribuição do Bororó à Toponímia Brasileira* (1965), de Carlos Drummond; e *Toponímia Brasileira* (1961), de Levy Cardoso (neste último, há listas de itens lexicais de origem bororó, caribe e aruaco).

Certamente, a dificuldade de determinação da origem é bem maior no caso das palavras africanas, e, por isso mesmo, a decisão que aqui se tomará pode ser bem mais arbitrária e, por consequência, questionável, principalmente pela indecisão/incerteza de lexicógrafos e de outros autores que se debruçaram sobre o tema dos africanismos. Assim sendo, a partir, principalmente, da consulta do *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*; do *Dicionário etimológico nova fronteira da língua portuguesa*, de Cunha (2001); do *O Elemento Afro-Negro na Língua Portuguesa*, de Jacques Raimundo (1933) e do *Dicionário Yorubá-Português*, de Beniste (2011), decidir-se-á assinalar ou não determinado Topônimo, como de origem africana, se em uma das duas fontes ou em outras quaisquer, houver a menção, ainda que provável, a uma origem africana. Se isto ocorrer, será aceito tal ou qual Topônimo como de origem africana, sem deixar de reiterar, com isso, os problemas e consequências que se possam advir de tal escolha. Não se assinalará a origem, nestes casos, quando menção nenhuma houver, ou quando, em todas as fontes, houver a indicação de origem duvidosa ou controversa. Nestes casos, a origem do Topônimo será assinalada como não encontrada (n/e). Os casos citados (*macaco* e *banana*) serão, pois, considerados como de origem africana, haja vista uma das fontes (Jacques Raimundo (1933)) assinalar, na parte final de sua obra (Vocabulário), a presença desses dois itens lexicais como de tal origem e, no *DeHlp*, por exemplo, para o item lexical *macaco*, ser-lhe apontada uma provável origem africana, o que não ocorre para o caso de *banana*, para o qual só há a menção de origem controversa.

Se a prática geral será a de identificar os três estratos principais que entraram na formação do Português Brasileiro, o mesmo procedimento não será adotado para outros estratos possíveis. Por essa razão, por exemplo, o item lexical *açúcar*, de atestada origem

árabe, não será considerado como tal para fins de classificação quanto à origem, posto tal lexia já está devidamente acomodado ao sistema morfológico do Português Brasileiro, como no caso dos africanismos e indigenismos, mas também porque não se tem a pretensão de sobrelevar, como nos casos anteriores, a importância histórica e linguística desses outros estratos, que, decerto, foram e são importantes, mas que, na maioria dos casos, já perderam, talvez, mais que os elementos linguísticos africanos e indígenas, as reminiscências estrangeiras, muito talvez por serem palavras de há muito na língua e também porque os usuários comuns da língua dificilmente sentiriam que tais itens lexicais são provenientes de outra língua que não a portuguesa. Obviamente, esse sentimento de pertença de determinado item lexical ao português comporta gradações, de modo que, ainda sobre esses outros estratos, há casos como o de *Salamanca*, ocorrente no *corpus* desta pesquisa (com a mesma grafia do Espanhol), que, talvez não seja de todo sentido como palavra portuguesa, dada sua baixa frequência na língua. Para estes últimos casos, que são poucos, diga-se de passagem, a prática adotada será a de lhes assinalar a origem não portuguesa.

Com as ressalvas acima, segue abaixo o quadro com as origens que aqui serão consideradas para fins de classificação. Note-se que os três principais estratos estão assinalados, mas que há um detalhamento intencional no caso das línguas indígenas, muito em razão da possibilidade de recorrência a um número bem maior de fontes bibliográficas.

Quadro 9: Língua de origem dos Topônimos

Origem	
LA	Língua Africana
LAR	Língua Aruaque ⁵²
LC	Língua Caribe ⁵³
LE	Língua Espanhola
LIT	Língua Italiana
LJ	Língua Jê ⁵⁴
LP	Língua Portuguesa
LT	Língua Tupi
n/e	não encontrada

⁵² Sobre tal língua, esclarece Rodrigues (2002, p. 65): “Tal como aconteceu com o nome Karib. Também o nome Aruák veio a ser usado para designar o conjunto de línguas encontradas no interior do continente, aparentadas à língua Aruák”.

⁵³ Ver nota 52.

⁵⁴ Não se trata propriamente de Língua Jê e, sim, de família linguística Jê. Não se tem nenhum conhecimento acerca de quais línguas da família Jê foram faladas pelos indígenas do Piauí (a literatura só menciona, sem o devido rigor terminológico, que se trata de Língua Jê). Usa-se, pois, LJ tão somente para manter a uniformidade com o restante do **quadro 9** em que figuram as várias línguas.

5) TAXIONOMIA

Classifica os Topônimos de acordo com a proposta taxionômica de Dick (1992a), já explicitada anteriormente, nas seções **3.1.1 e 3.1.2**.

6) ESTRUTURA MORFOLÓGICA

Indica a estruturação morfológica dos Topônimos simples e compostos encontrados na pesquisa. As estruturas indicadas nesta pesquisa são as seguintes:

SIMPLES (com um só **morfema lexical**⁵⁵)

COMPOSTO: (com dois ou mais **morfemas lexicais** de mesma origem)

COMPOSTO HÍBRIDO: (com dois ou mais **morfemas lexicais** de origem distinta)

(Nesta classificação, para os casos em que há um **morfema lexical** de uma língua + um **morfema derivacional**⁵⁶ (sufixo) de outra, como em **Itaueira, Cajazeira** etc., estes termos, desnecessário dizer, são SIMPLES, e, para efeito de classificação quanto à origem, e, mesmo sendo de alta frequência no Português Brasileiro, dada a produtividade do sufixo **-eiro**, formador que é de “novas palavras”, serão considerados de origem indígena, dado o significado do morfema lexical).

3.3 Métodos e Procedimentos

A seleção de fontes antigas (três cartas, um mapa e um documento) fornece, num recorte temporal que vai do século XVII ao XX, os Hidrônimos em suas possíveis formas originais, nomeadas, principalmente, pelos primeiros colonizadores não autóctones. Tais formas, em muitos casos, podem ser de importância capital para o resgate da cosmovisão do denominador do período colonial.

A sistemática adotada foi a de, primeiramente, catalogar, o máximo possível, os Hidrônimos constantes em tais fontes. Diz-se o máximo possível em razão de não ter sido possível a decodificação de alguns nomes, ora pela resolução do material, ora pela própria

⁵⁵ Zanotto (2006, p. 29) conceitua: “São os portadores da significação básica do vocábulo. Martinet os denomina de *lexemas*, e Vendryes, de *semantemas*. São eles os responsáveis pela significação externa, não gramatical. Essa significação está contida na raiz (ou radical primário) do vocábulo”.

⁵⁶ Zanotto (2006, p. 30) explica-lhes a função: “servem para formar novas palavras; são os prefixos e os sufixos”.

disposição do nome na carta ou mapa. Em seguida a isso, os nomes catalogados foram dispostos em Fichas Toponímicas, acima descritas, para a efetiva classificação dos Hidrônimos em taxes. Realizada a classificação para todas as fontes antigas, foram feitas, em cada seção destinada a elas, ao fim de cada uma, considerações gerais mais de ordem quantitativa, apontando-lhes, percentualmente, e, com o auxílio de gráficos em coluna, as taxes mais prevalentes. Ao fim dessas considerações, foram feitas outras de ordem mais global, buscando o diálogo de todas as fontes antigas com a história social piauiense.

Quantitativamente, em a *Descrição do Sertão do Piauí* (1697), foram catalogados **35** Hidrônimos. Na *Carta Geográfica da capitania do Piauí* (1760), foram catalogados **39** Hidrônimos. Na *Carte Geographique de Piauí, province de l'Empire du Bresil* (1828), foram catalogados **34** Hidrônimos. Na *Carta corográfica das Províncias do Maranhão e Piauí e partes das do Pará, Goyáz, Bahia, Pernambuco, e Ceará* (1855), foram catalogados **21** Hidrônimos. Por fim, no mapa do *Estado do Piauí* (1913), foram catalogados **47** Hidrônimos. Somando-se todas as fontes antigas chega-se a um total de **176** Hidrônimos. Como se vê, o número de Hidrônimos por fonte é bastante reduzido e ressalta-se que o seria bem mais reduzido se fossem contemplados apenas os Hidrônimos correspondentes às atuais mesorregiões Sudeste e Sudoeste do Estado do Piauí. Por essa razão, o levantamento dos Hidrônimos nas fontes antigas abarcou, sobretudo no caso das cartas e do mapa, todo o território do Piauí.

Sobre a seleção dos Hidrônimos constantes nos mapas das mesorregiões Sudeste e Sudoeste, fornecedoras de um *corpus* representativo da hidronímia piauiense contemporânea, foram catalogados, na medida do possível, todos os Hidrônimos das três microrregiões da mesorregião Sudeste e todos das seis microrregiões da mesorregião Sudoeste. Em seguida a isso, os nomes catalogados foram dispostos em Fichas Toponímicas para a efetiva classificação dos Hidrônimos em taxes. Realizada a classificação para todas as fontes contemporâneas, foram feitas, em cada seção destinada a elas, ao fim de cada uma, considerações gerais mais de ordem quantitativa, apontando-lhes, percentualmente, e, com o auxílio de gráficos em coluna, as taxes mais prevalentes. Ao fim dessas considerações, foram feitas outras de ordem mais global, buscando o diálogo entre os resultados obtidos para a mesorregião Sudeste e a Sudoeste, buscando-lhes as diferenças advindas da inserção de cada uma delas em biomas e em tipos climáticos diferenciados. Após isso, esses resultados foram comparados com aqueles obtidos para as fontes antigas, de modo a se ter tanto considerações sobre as fontes contemporâneas entre si, quanto sobre estas e as fontes antigas.

Ainda sobre as fontes contemporâneas, optou-se por listar os Hidrônimos por microrregião e não por município, dada a dificuldade em se saber, com relativa margem de segurança, quais rios, lagos, lagoas etc. pertenciam a este ou aquele município em particular, sendo que, não raro, por questões limítrofes e, principalmente, pela falta de uniformidade e de clareza das convenções cartográficas dos mapas do IBGE, um mesmo Hidrônimo aparece em vários mapas de municípios contíguos. Esses Hidrônimos comuns a vários municípios dificultaram a catalogação deles por município individualmente, de modo que se fez um levantamento completo por mapa municipal, para, posteriormente, agrupá-los por microrregião.

Os Hidrônimos da mesorregião Sudeste do Estado do Piauí (com um total geral de **680** Hidrônimos) estão distribuídos entre 66 municípios (ou 29,6% do total dos municípios piauienses), os quais, por sua vez, estão agrupados em três microrregiões: 1) Microrregião de Picos (20 municípios, com **187** Hidrônimos); 2) Microrregião de Pio IX (07 municípios, com **137** Hidrônimos) e 3) Microrregião do Alto Médio Canindé (39 municípios, com **356** Hidrônimos).

Os Hidrônimos da região Sudoeste do Estado do Piauí (com um total geral de **2025** Hidrônimos) abarcam 62 municípios (ou 27,8% do total dos municípios do Estado), distribuídos, por sua vez, em seis microrregiões: 1) Alto Médio Gurgueia (11 municípios, com **442** Hidrônimos); 2) Alto Parnaíba piauiense (04 municípios, com **342** Hidrônimos); 3) Bertolândia (09 municípios, com **190** Hidrônimos); 4) Chapadas do extremo sul piauiense (09 municípios, com **418** Hidrônimos); 5) Floriano (12 municípios, com **236** Hidrônimos); e 6) São Raimundo Nonato (17 municípios, com **397** Hidrônimos). O número total de Hidrônimos constantes no *corpus* contemporâneo desta pesquisa é **2705**.

Somando-se a quantidade os Hidrônimos constantes nas fontes pretéritas (**176**) com o número obtido nos mapas contemporâneos do IBGE (**2705**), chega-se a um *corpus* final de **2881** Hidrônimos catalogados.

Feitas essas considerações de ordem teórico-metodológicas, passa-se, no próximo capítulo, à Apresentação dos Dados.

CAPÍTULO 4 - APRESENTAÇÃO DOS DADOS

Nas próximas seções, serão apresentados os dados referentes ao primeiro documento que se tem notícia sobre o Piauí (*Descrição do Sertão do Piauí*, doravante *Descrição*, de Miguel de Carvalho, redigido em 1697) e a cartas e a mapas antigos e contemporâneos. No capítulo que se segue a este, será feita a Análise dos dados em separado, para, em seguida, proceder a um comparativo tanto em relação aos dados pretéritos entre si, quanto em relação aos contemporâneos entre si e entre estes e as fontes pretéritas.

A utilização, nesta pesquisa, de cartas/mapa do passado e mapas do presente se reveste de cabal importância para a tentativa de estabelecimento de padrões motivacionais, sobretudo se se leva em conta a observação de Dick (1998d, p. 104):

Dependendo do conteúdo representado, o nome, no mapa, extrapola a própria representação e se insere no contexto geral da mentalidade dominante. A frequência de determinados modelos denominativos nas cartas é que **indicará o perfil denominativo do lugar**, o **padrão dos nomes** utilizados e a **ideologia da sociedade** (grifos nossos).

4.1 *Descrição* e cartas e mapa antigos

Nesta seção, serão apresentados os dados tanto da *Descrição* quanto de um mapa e três cartas antigos do Estado do Piauí. No total, serão analisados cinco fontes, que são representativas de um recorte temporal que vai do século XVII ao século XX, sendo a *Descrição*, de Miguel de Carvalho, representativa do século XVII (1697); a carta de Galúcio, representativa do século XVIII (Galúcio⁵⁷, 1760); duas cartas representativas do século XIX

⁵⁷ Trata-se da **Carta geográfica da Capitania do Piauí, e partes adjacentes**, levantada em 1760, pelo cartógrafo e engenheiro-mor do Estado do Grão-Pará e Maranhão, Henrique Antonio Galúcio. Esta Carta está disponível no site da Biblioteca Nacional, na seção de catálogos http://catcrd.bn.br/scripts/odwp032k.dll?t=nav&pr=cartografia_pr&db=cartografia&use=cs0&rn=1&disp=card&sort=off&ss=22432395&arg=Piauí. Neste link, constam as seguintes informações sobre a referida Carta: “**1) Descrição Física:** a) mapa ms. : col., desenho a nanquim ; 58,5 x 85cm. em f. 61,5 x 88cm; b) Abrange o Estado do Piauí e a costa norte, desde a Baía do Quatipuru, Pará, até Jericoacoara, Ceará. Mostra parte das Capitanias do Maranhão e Pernambuco e ao sul Terras Novas da Natividade. Contém cidades, vilas, fazendas, serras e povoados. Indica rios: Gurupi, Turiaçu, Pinaré [Pindaré], Mearim, Itapucuru [Itapecuru], Meny [Munim], Parnaíba etc. No canto superior esquerdo: S.Cl.1 nº1. Parece ser cópia de 1809 em: Dicionário histórico e documental dos arquitetos... / Sousa Viterbo. **2) Notas:** Relevo representado sob forma pictórica. Inclui uma rosa-dos-ventos. Escala gráfica em léguas [= 14,3cm.]. Desenhado a tinta nanquim e aquarelado. Marca d'água: brasão contendo letras D & C B, separadas por travessões e ao alto trevo de 4 folhas. Mapa: imagens da formação territorial do Brasil / Isa Adonias. p. 140. Mapas e planos manuscritos relativos ao Brasil Colonial... p.

(de Martius e Schwarzmann⁵⁸, 1828; e sem autoria⁵⁹, 1855); e um mapa para o século XX (1913)⁶⁰. Justifica-se a escolha dessas fontes tanto pela possibilidade de se ter um recorte de tempo significativo quanto pela disponibilidade de muitas delas (no caso de todas as cartas) no ambiente virtual, sobretudo no site da Biblioteca Nacional. Neste mesmo site, foram encontradas ainda:

- 1) **Mapa do Piauí, Maranhão e Ceará** (para o qual não se tem nem a autoria, nem a indicação precisa da data de confecção, 18--?);
- 2) **Mappa geographico da capitania do Piauhy, e parte das do Maranhão, e do Gram Pará** (para o qual também não se tem nem a autoria, nem a indicação precisa da data de confecção, 1816?).

Por essas imprecisões, e, por já haver, para o século XIX, duas cartas com indicação de data e de autoria, em um caso, e, de data, no outro, optou-se por não incluir mais estas duas outras retromencionadas.

Os Hidrônimos constantes na *Descrição* e nestas cartas e no mapa antigos foram catalogados, tanto quanto possível, em toda a extensão dos documentos, sobretudo porque, em todos eles, há um reduzido número de Hidrônimos, de modo que, se se procedesse como nos mapas contemporâneos, ou seja, nos quais só foram catalogados os Hidrônimos das

249. A catalogação, para esta carta, dado o reduzido número de Hidrônimos, foi feita, tanto quanto possível, haja vista a impossibilidade de decodificação de alguns nomes, levando-se em conta a extensão de toda a carta.

⁵⁸ Trata-se da **Carta Geográfica do Piauí**, de 1828, de Martius e Schwarzmann, (título original: **Carte Geographique de Piauhy, province de l'Empire du Bresil, redigge d'après les cartes manuscrites de Jozé Pedro Cezar de Menezes et Mathias Jozé da Silva Pereira, par M.^R JOS: SCHWARZMANN premier Lientenant d'Infanterie de l'Armée Bavarvise et M.^R LE C^{HEV} DE MARTIUS. MUNICH, 1828.**) Esta Carta está disponível em: http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_iconografia/icon1250074/icon1250074_48.htm.

⁵⁹ Trata-se da **Carta Corográfica das províncias do Maranhão e Piauhy e partes das do Pará, Goyáz, Bahia, Pernambuco e Ceará**, de 1855, sem autoria. Carta está disponível no site da Biblioteca Nacional, na seção de catálogos

http://bndigital.bn.br/scripts/odwp032k.dll?t=bs&pr=fbn_dig_pr&db=fbn_dig&ss=new&disp=card&use=sh&arg=Piauí. Neste link, constam as seguintes informações: **1) Descrição Física:** a) 1 mapa: col.: 56 x 50cm em f. ; 51,5 x 46,5cm; b) Abrange os atuais Estados do Maranhão, Piauí e partes do Pará, Tocantins, Bahia, Ceará e Pernambuco. Mostra os rios: São Francisco, Araguaia, Tocantins, Parnaíba. Indica as serras da Desordem, Penitente e Alpercatas, no Maranhão, Dois Irmãos no Piauí, Estrondo e Cordilheira Grande, em Goiás. Meridiano de origem: Rio de Janeiro. Contém as principais cidades e vilas. **2) Notas:** Litografado. Entelado. Coleção Pimenta Bueno. PIB Catálogo antigo. A catalogação, para esta carta, dado o reduzido número de Hidrônimos, foi feita, tanto quanto possível, haja vista a impossibilidade de decodificação de alguns nomes, levando-se em conta a extensão de toda a carta.

⁶⁰ Trata-se do mapa do **Estado do Piauí**, de 1913, do Ministério da Aviação e das Obras Públicas, sob o comando do ministro Dr. José Barbosa Gonçalves, tendo, ainda, como Inspetor Federal, o engenheiro José Estacio de Lima Brandão (interino). Tal mapa apresenta a escala de 1:1500000. A catalogação, dada a dificuldade de leitura do mapa, em virtude, por seu turno, da resolução ruim, contemplou apenas os Hidrônimos correspondentes às atuais mesorregiões Sudeste e Sudoeste e mesmo estes não puderam ser todos contemplados.

mesorregiões Sudeste e Sudoeste, muito pouco restaria em termos quantitativos para ser analisado. Em um primeiro momento, pois, far-se-á a comparação das taxas mais prevalentes em tais fontes, a fim de se buscar um quadro onomástico possível para este recorte temporal e, só posteriormente, proceder-se-á à comparação entre os dados do passado com os do presente. Abaixo, seguem as Fichas Toponímicas, as quais serão utilizadas para as cartas e o mapa antigos e para os contemporâneos.

Antes de se serem apresentados os quadros classificatórios das fontes pretéritas e das contemporâneas, faz-se oportuno reiterar que se fez a opção, no caso específico dos Topônimos de origem indígena ou africana (dois dos principais estratos na formação do Português Brasileiro), pela sistemática de assinalar-lhes, em nota de rodapé, o étimo, quando possível. No caso dos nomes portugueses com evidente significado regional, recorrer-se-á, a fim de aclarar-lhes o significado, também às notas de rodapé. Ressalte-se, no entanto, que tal sistemática, mormente para o caso de Topônimos que se repitam em várias fontes, será a de assinalar somente a primeira ocorrência, evitando, assim, a repetição desnecessária e a consequente sobrecarga com o uso dessas notas.

4.1.1 Descrição

Quadro 10: Rios e riachos em a *Descrição*, de Miguel de Carvalho (1697)

Nº	Elemento geográfico	Topônimo	Origem	Taxionomia	Estr. Morf.
01	Rio	Berlengas ⁶¹	n/e	Coro	SIMPLES
02	Rio	Bitorocara ⁶²	n/e	n/c	SIMPLES
03	Rio	Boqueirão ⁶³	LP	Geomorfo	SIMPLES
04	Rio	Boroty ⁶⁴	LT	Fito	SIMPLES

⁶¹ Baptista (1986) afirma ter-se conservado tal nome. A única referência que se encontrou sobre o topônimo Berlengas faz menção ao arquipélado de Berlenga, em Peniche, cidade portuguesa no distrito de Leiria. Sobre a ocorrência do nome, veja-se: “**Em 1513**, com o apoio da rainha D. Leonor, monges da Ordem de São Jerónimo aí se estabeleceram com o propósito de oferecer auxílio à navegação e às vítimas dos frequentes naufrágios naquela costa atlântica, assolada por corsários, fundando o Mosteiro da **Misericórdia da Berlenga**, no local onde, desde 1953, se ergue um restaurante. Entretanto, a escassez de alimentos, as doenças e os constantes assaltos de piratas e corsários Marroquinos, Argelinos, Ingleses e Franceses, tornaram impossível a vida de retiro dos frades, muitas vezes incomunicáveis devido à inclemência do mar”. Disponível em http://pt.wikipedia.org/wiki/Arquip%C3%A9lago_das_Berlengas. Acesso em 20 de janeiro de 2012. (grifos nossos)

⁶² Baptista (1986) admite tratar-se do atual rio Piracuruca.

⁶³ Baptista (1986) aventa a possibilidade de tratar-se do atual rio Itaquiara. Souza (2004, p. 45) diz ser “Termo que, no Nordeste do Brasil, nomeia a abertura ou a garganta nas serras por onde passam os rios”.

⁶⁴ Baptista (1986) julga ser, atualmente, o rio Serrinha. Sampaio (1987, p. 209) diz ser do Tupi “**Mbiriti**, árvore que emite líquido; a palmeira (*Mauritia Vinifera*, Mart.) Alt. **Murity, Murity, Mority**”. Oliveira (2004, p. 15), em estudo sobre a vegetação (cerrado) do Parque Nacional Sete Cidades, no Norte do Estado do Piauí, atesta a ocorrência abundante da espécie *Mauritia martiana* (Mart.) Bureau (Buriti), enquadrada na Fitofisionomia

Nº	Elemento geográfico	Topônimo	Origem	Taxionomia	Estr. Morf.
05	Rio	Cabeça do Tapuyo ⁶⁵	LP + LT	Somato	COMPOSTO HÍBRIDO
06	Rio	Caiz ⁶⁶	LP	Ergo	SIMPLES
07	Rio	Cana Brava ⁶⁷	LP	Fito	COMPOSTO
08	Rio	Caninde ⁶⁸	LT	Zoo	SIMPLES
09	Rio	Cobras ⁶⁹	LP	Zoo	SIMPLES
10	Rio	Corimataim ⁷⁰	LT	Zoo	SIMPLES
11	Rio	Corrente ⁷¹	LP	Hidro	SIMPLES
12	Rio	Frade ⁷²	LP	n/c	SIMPLES
13	Rio	Goribas ⁷³	LT	Zoo	SIMPLES
14	Rio	Goribas ⁷⁴	LT	Zoo	SIMPLES
15	Rio	Goroguca ⁷⁵	LJ	Etno	SIMPLES
16	Rio	Inhinhinga ⁷⁶	LT	Fito	SIMPLES

“Mata de Galeria Inundável”, incluída no domínio dos cerrados. Cunha (1999, p. 75) atesta a ocorrência durante todo o século XVII e lista, ainda, as seguintes formas variantes: “*morety, moritím, morutum, mority, muruty, marotím, muriti, murity, miriti, mirity, buriti, bruti, brutiz, burety, bority, burity*”. Levando-se em conta a assimilação, fenômeno fonético em que “sons distintos aproximam seus pontos articulatórios ou acabam por tornar-se idênticos” (VIARO, 2011, p. 179), é possível conjecturar a seguinte cadeia de modificação fonética: *buriti* > *bority* > *boroty*. Em outra linha de argumentação, a forma *boroty* pode tratar-se tão somente de uma variação ortográfica de *buriti*.

⁶⁵ Baptista (1986) diz poder ser o atual rio São Vicente. Em Gregório ((s/d, p.1154), **TAPUIA** significa: “escravo (Anchieta), gentio, bárbaro; índios que não falavam tupi”.

⁶⁶ Baptista (1986) afirma conservar o mesmo nome, apenas com mudança ortográfica (Cais).

⁶⁷ Baptista (1986) diz poder ser ou o rio Tabua ou o Onça. No *DeHlp*, tem-se: “**1** erva de até 3 m (*Erianthus saccharoides*), da fam. das gramíneas, nativa do Brasil (BA até RS, MG, MT), de folhas lineares, serreadas, ásperas e cortantes, e inflorescências dispostas em panículas alvas e vistosas; cana-do-brejo, macega-brava, penachinho [As folhas são us. para cobertura de casas e obras trançadas.]”.

⁶⁸ Baptista (1986) diz conservar o mesmo nome, só que com acento agudo. Em Sampaio (1987, p. 215), tem-se: “Arara de azul retinto e amarelo. É a mesma **Araúna**. (*Ara ararauna*, L.). Alt. **Calindé**”.

⁶⁹ Baptista (1986) julga ser o atual rio Jenipapo.

⁷⁰ Baptista (1986) afirma ser o atual rio Curimatá. Deve tratar-se de variação ortográfica de Curimatá, que, segundo Cunha (1999, p. 122), é “Nome comum a diversos peixes da família dos caracídeos”. Este autor traz as seguintes formas variantes para Curimatã: *curamata, curimata, corimatá, curumatans, crumatans, crumatã, curimatá, curumatã, curymatans*”.

⁷¹ Baptista (1986) diz conservar o mesmo nome.

⁷² Baptista (1986) diz ser conhecido hoje como Fradinho. No *DeHlp*, têm-se várias acepções, dentre elas: “**1** Rubrica: religião. indivíduo que pertence a uma ordem religiosa; monge; **3** Rubrica: entomologia. Regionalismo: Brasil. m.q. *grilo-toupeira* (‘designação comum’); **4** Rubrica: entomologia. Regionalismo: Brasil.; **7** Rubrica: ictiologia. Regionalismo: Brasil. m.q. *sargo-de-dente* (*Archosargus rhomboidalis*); **8** Rubrica: ictiologia. Regionalismo: Ceará, Bahia. m.q. *salema* (*Anisotremus virginicus*)”. Dada a possibilidade de vários significados regionais, como marcas de uso inclusive para Estados vizinhos ao Piauí (Bahia e Ceará), optou-se por não classificar o topônimo em questão.

⁷³ Baptista (1986) julga ser atualmente o rio Guaribas. Em Sampaio (1987, p. 239), “o indivíduo feio; a gente ruim. Designa uma casta de macacos (*Mycetes*). Alt. **Guariva, Guarí**”.

⁷⁴ Baptista (1986) julga dever ser atualmente, pela posição, o rio Itaueira.

⁷⁵ Baptista (1986) afirma ser corruptela do atual nome do Gurgueia. Sampaio (1987, p. 71) afirma que “no interior, porém, as denominações tapuias prevalecem, designando as aguadas e as feições mais salientes da região”. Para o Piauí, o referido autor lista os seguintes nomes que, segundo ele, são tapuias (Jê): **Jaicós, Gurgueia e Longa**. O nome Gurgueia, como se viu no capítulo sobre a Colonização do Piauí, refere-se a uma tribo tapuia. Tal nome apresenta muitas variações fonéticas e ortográficas, dentre elas, Gueguê.

⁷⁶ Baptista (1986) julga dever ser o atual rio São Lourenço. Aventam-se duas possibilidades para tal ocorrência: 1) pode ser que tanto *Inhinhinga* quanto *Ininga* (este um nome bastante comum na capital do Estado, que dá,

Nº	Elemento geográfico	Topônimo	Origem	Taxionomia	Estr. Morf.
17	Rio	Itagoera ⁷⁷	LT	Lito	SIMPLES
18	Rio	Itaim Asu ⁷⁸	LT	Lito	COMPOSTO
19	Rio	Itaim Merim ⁷⁹	LT	Lito	COMPOSTO
20	Rio	Maratanhaim ⁸⁰	n/e	n/c	SIMPLES
21	Rio	Mocaitã ⁸¹	LT	Lito	SIMPLES
22	Rio	Mocambo ⁸²	LA	Eco	SIMPLES
23	Riacho	Moicha ⁸³	LP	Zoo	SIMPLES
24	Rio	Negro ⁸⁴	LP	Hidro- cromo	SIMPLES
25	Rio	Peauhy ⁸⁵	LT	Hidro	SIMPLES
26	Lagoa	Pernagoa ⁸⁶	LT	Geomorfo	SIMPLES
27	Rio	Sam Nicullao ⁸⁷	LP	Hagio	COMPOSTO
28	Rio	Sam Vicente ⁸⁸	LP	Hagio	COMPOSTO
29	Rio	Sam Vitor ⁸⁹	LP	Hagio	COMPOSTO

inclusive, o nome do *campus* da Universidade Federal do Piauí, em Teresina) tenham sofrido redobro, a partir de *Ingá*, do tupi *i'na* (CUNHA, 2001, p. 436). Tal fenômeno, no *DeHlp*, refere-se ao “processo formal de repetir segmentos fônicos de uma palavra ou mesmo toda a sequência fônica de vocábulos, para indicar categorias gramaticais ou para obter efeitos expressivos”. Assim sendo, pode-se conjecturar que, a partir de *Ingá*, surgiram outras formas com um ou mais redobro(s). Eis, pois, uma cadeia possível: *Ininga* < *Inhinhinga* < *Ingá*; 2) Pode ser que seja uma alteração de *aninga*, que significa, no *DeHlp*: “planta de caule arborescente (*Philodendron speciosum*), da fam. das aráceas, nativa do Brasil (ES, MG, RJ), de sementes e raízes com propriedades anti-helmínticas, folhas lobadas, flores em espiga, protegidas por espata verde e de margens avermelhadas, e bagas amarelas; aningaíba, aringaíba”. Neste caso, pode-se conjecturar que ocorreu assimilação do primeiro /a/ pela proximidade da vogal /i/, donde: *aninga* > *ininga*.

⁷⁷ Baptista (1986) julga dever ser o atual rio Paracati. Pode tratar-se de uma palavra vinculada formalmente a *Itaueira*, pelo que se pode demonstrar: *Itagoera* > *Itaoera* > *Itauera* > *Itaueira*. Esta pode ser a junção do tupi *Itaú*, que, segundo Sampaio (1987, p. 260), significa “pedra preta, o ferro”, com o sufixo português *-eiro*, o qual apresenta variados matizes semânticos, podendo significar “lugar onde se têm pedras pretas ou ferro”.

⁷⁸ Baptista (1986) afirma ser, atualmente, o rio Poti. Em Silveira Bueno (1984, p. 157), tem-se: “**Itaim** – De *itá-im*: pedra, pedregulho. Nome de um bairro da capital paulista”. Em Sampaio (1987, p. 191), **AÇÚ** significa: “grande, considerável”.

⁷⁹ Baptista (1986) afirma ser o atual rio Itaim. Em Sampaio (1987, p. 283), **MIRÍM** significa: “pequeno, breve, pouco, miúdo”.

⁸⁰ Baptista (1986) afirma ser o antigo nome do atual rio Longá.

⁸¹ Baptista (1986) afirma conservar o mesmo nome, só que com acento agudo. Silveira Bueno (1984, p. 207) traz o seguinte étimo: “**Mocaë itá** – s.f. Pedra para assar, espécie de grelha”.

⁸² Baptista (1986) afirma conservar o mesmo nome. Para Jacques Raimundo (1933, p. 144), apresenta o seguinte étimo: “do amb. *mukambu*, cumieira, telheiro”.

⁸³ Baptista (1986) afirma ser o atual riacho da Mocha. Dada a atividade econômica do período colonial (criação de gado), não é forçoso conjecturar que **mocha** possa se referir aos animais (vacas, por exemplo) desprovidos de chifres, ou com os chifres aparados.

⁸⁴ Baptista (1986) afirma ser conhecido hoje pelo nome da fazenda Serra Negra.

⁸⁵ Baptista (1986) afirma ser o antigo nome do Piauí. Em Silveira Bueno (1984, p. 250), grafada *Piauy*, significa “rio”, -y, dos Piaus, sendo *Piau*, originariamente adjetivo, que significa “de pele suja, manchada, falando-se de peixes”.

⁸⁶ Baptista (1986) afirma tratar-se da lagoa Parnaguá. Em Sampaio, tem-se: **PARANAGUÁ** c. **Paranã-guá**, o seio de mar; o espriado nos grandes rios; a baía fluvial. Paraná, Piauí. *Alt. Parnaguá*.

⁸⁷ Baptista (1986) afirma conservar o mesmo nome com a grafia moderna.

⁸⁸ Baptista (1986) afirma ser o atual rio Tranqueira.

⁸⁹ Baptista (1986) afirma que, por corruptela, deu Sambito, nome atual. A hipótese de Baptista (1986), quanto a Sam Vitor ter-se transformado em Sambito, de um ponto de vista das transformações fonéticas, é plausível, pois, em Sam Vitor, em um mesmo contínuo sonoro, [sẽvitu], pode ter ocorrido a mudança *v > b* (*endurecimento*),

Nº	Elemento geográfico	Topônimo	Origem	Taxionomia	Estr. Morf.
30	Riacho	Santa Catherina ⁹⁰	LP	Hagio	COMPOSTO
31	Riacho	Santo Antonio ⁹¹	LP	Hagio	COMPOSTO
32	Riacho	Savauhy ⁹²	n/e	n/c	SIMPLES
33	Rio	Serra Talhada ⁹³	LP	Geomorfo	COMPOSTO
34	Riacho	Tranqueira ⁹⁴	LP	Fito	SIMPLES
35	Riacho	Victoria ⁹⁵	LP	Animo	SIMPLES

Dados da Ficha

Quadro 11: Percentual das taxes de a *Descrição* (1697)

Percentual das taxes								
Taxe	Nº	%	Taxe	Nº	%	Taxe	Nº	%
Animo	01	2,8	Eco	01	2,8	Lito	04	11,4
Antropo	00	00	Ergo	01	2,8	Meteoro	00	00
Astro	00	00	Etno	01	2,8	Mito	00	00
Axio	00	00	Fito	04	11,4	Morfo	00	00
Cardino	00	00	Geomorfo	03	8,6	Numero	00	00
Coro	01	2,8	Hagio	05	14,3	Polio	00	00
Cromo	00	00	Hidro	03	8,6	Socio	00	00
Crono	00	00	Hiero	00	00	Somato	01	2,8
Dimensio	00	00	Historio	00	00	Zoo	06	17,1
Dirremato	00	00	Hodo	00	00	n/c	04	11,4

Quadro 12: Percentual das origens dos Hidrônimos de a *Descrição* (1697)

Percentual das origens dos Hidrônimos		
Origem	Nº	%
LA	01	2,8
LAR	00	00
LC	00	00
LE	00	00
LIT	00	00

que, consoante Viaro (2011, p. 174), diz respeito às semivogais e fricativas que se tornam oclusivas, o que, segundo ele, é “muito raro nas línguas indo-europeias”. Ainda com o referido autor, “No português, algo parecido só ocorre entre $v > b$, em algumas poucas palavras, e é característico do norte de Portugal, do galego e do castelhano (em posição inicial)” (VIARO, 2011, p. 174). No contexto brasileiro, o mesmo autor (*op. cit.*) dá alguns exemplos, dentre eles: lat *verrēre* > *varrer* ≈ *barrer*; lat *verrucam* > *verruca* ≈ *berruga*.

⁹⁰ Baptista (1986) afirma poder ser, atualmente, o riacho São Vicente.

⁹¹ Baptista (1986) afirma ser o riachinho das Lajes, depois Natal.

⁹² Baptista (1986) afirma ser riacho de difícil localização.

⁹³ Baptista (1986) afirma conservar o mesmo nome.

⁹⁴ Baptista (1986) afirma conservar o mesmo nome. Em Souza (2004, p. 321), tem-se: “Sud Mennucci informa que o sentido certo é o de indicado por Calógeras e, por isso, a expressão emprega-se muito para os rios atravancados de galhos, ramos, troncos, que impedem o trânsito das canoas”.

⁹⁵ Baptista (1986) julga ser o riacho que banha Assunção, povoado de São Miguel do Tapuio.

LJ	01	2,8
LP	16	45,7
LP + LA	00	00
LP + LT	01	2,8
LT	12	34,3
LT+ LP	00	00
não encontrada	04	11,4

4.1.2 Carta Geográfica da Capitania do Piauí

Carta 1: Carta Geográfica da Capitania do Piauí, e parte das adjacentes (1760)



Quadro 13: Classificação taxionômica dos Hidrônimos da Carta Geográfica da capitania do Piauí (1760)

Nº	Elemento Geográfico	Topônimo	Origem	Taxionomia	Estr. Morf.
01	Rio	Berlengas	n/e	Coro	SIMPLES
02	Rio	Caninde	LT	Zoo	SIMPLES
03	Rio	Corrente	LP	Hidro	SIMPLES

Nº	Elemento Geográfico	Topônimo	Origem	Taxionomia	Estr. Morf.
04	Rio	Esfolado	LP	Animo	SIMPLES
05	Rio	Fasto ⁹⁶ , do	LP	Animo	SIMPLES
06	Rio	Fidalgo	LP	Axio	SIMPLES
07	Rio	Fundo	LP	Dimensio	SIMPLES
08	Rio	Gameleira ⁹⁷	LP	Fito	SIMPLES
09	Rio	Gentio ⁹⁸ , do	LP	Etno	SIMPLES
10	Rio	Gorogueia	LJ	Etno	SIMPLES
11	Rio	Grande de Flores	LP	Dimensio	COMPOSTO
12	Rio	Guaribas	LT	Zoo	SIMPLES
13	Rio	Itahim	LT	Lito	SIMPLES
14	Rio	Jacarihi ⁹⁹	LT	Hidro	SIMPLES
15	Rio	Longá ¹⁰⁰	LJ	Etno	SIMPLES
16	Rio	Maratavó ¹⁰¹	n/e	n/c	SIMPLES
17	Rio	Matuba	n/e	n/c	SIMPLES
18	Rio	Negro	LP	Hidro-cromo	SIMPLES
19	Rio	Onça, da	LP	Zoo	SIMPLES
20	Rio	Pacoty ¹⁰²	LT	Hidro	SIMPLES
21	Rio	Parahim ¹⁰³	LT	Hidro	SIMPLES
22	Rio	Parnaíba ¹⁰⁴	LT	Coro	SIMPLES
23	Rio	Passage	LP	Hodo	SIMPLES
24	Riacho	Pasto, do	LP	Fito	SIMPLES
25	Rio	Piauhi	LT	Hidro	SIMPLES
26	Rio	Piracuruça ¹⁰⁵	LT	Zoo	SIMPLES

⁹⁶ No *DeHlp*, é uma forma variante de *fausto*, que significa: “grande pompa, luxo, ostentação”.

⁹⁷ No *DeHlp*, tem-se: “design. comum a diversas árvores da fam. das moráceas, esp. do gên. *Ficus*, com madeira ger. us. para a confecção de gamelas e objetos domésticos”.

⁹⁸ Baptista (1986) julga ser o riacho que banha Assunção, povoado de São Miguel do Tapuio. Tomado, em geral, como sinônimo de índio tapuia.

⁹⁹ Pode tratar-se de uma variação ortográfica de **Jacarehy**, que, em Sampaio (1987, p. 263), significa “o rio do jacaré”.

¹⁰⁰ Trata-se de um dos povos nativos do Piauí (Longazes, Alongazes, Nongazes).

¹⁰¹ Deve tratar-se, pela similitude formal, do rio Maratoã.

¹⁰² Em Silveira Bueno (1984, p. 241), tem-se: “**Pacoty** – s. De *pacobaty*: o rio das bananas, das bananeiras”.

¹⁰³ Em Silveira Bueno (1984, p. 243), tem-se: “**Paraim** – s. Riozinho”.

¹⁰⁴ Se se admite o étimo proposto por Gregório (s/d, p.1012) para “Paranaíba, Parnaíba, Paraíba (rio acidentado, não navegável)”, não se faz oportuno reconhecer o nome do rio como um **Hidro**, haja vista a sua boa navegabilidade em seu curso baixo e médio, de modo que, assim como Baptista (1981), crê-se que tal nome seja uma homenagem do bandeirante Domingos Jorge Velho ao lugar onde nasceu (Vila de Santana do Parnaíba). Os rios, riachos etc. que tiverem, como referência o rio Parnaíba, e, por isso mesmo receberem dele o mesmo nome, não serão classificados como **Coro**, e, sim, como **Hidro**, haja vista o caráter de homenagem à Vila de Santana do Parnaíba não mais figurar. No caso de nomes de riachos, de lagos etc. (Riacho do Gurgueia) que façam referência a um grande rio (Rio Gurgueia), entende-se que, no caso dos pequenos cursos, mais oportuno será classificá-los como **Hidro**, pois a significação dada a estes não é da mesma natureza daquela dos grandes rios, os quais, em geral, mantêm, como já observara Dauzat, certa perenidade denominativa, ao contrário, em certa medida, dos pequenos cursos.

¹⁰⁵ Pode tratar-se de uma variação ortográfica de **Piracuruca**, que, em Sampaio (1987, p. 302), significa “a guelra do peixe; e ainda – o peixe roncante, ou ruidoso”.

Nº	Elemento Geográfico	Topônimo	Origem	Taxionomia	Estr. Morf.
27	Rio	Poçoens ¹⁰⁶	LP	Hidro	SIMPLES
28	Rio	Poty ¹⁰⁷	LT	Zoo	SIMPLES
29	Rio	Prata, da	LP	Lito	SIMPLES
30	-	Riachão	LP	Hidro	SIMPLES
31	Rio	Riachão	LP	Hidro	SIMPLES
32	Rio	Sambito	LP	Hagio	SIMPLES
33	Rio	São João, de	LP	Hagio	COMPOSTO
34	Rio	São José, de	LP	Hagio	COMPOSTO
35	Rio	Surubia ¹⁰⁸	LT	Zoo	SIMPLES
36	Rio	Trahim	n/e	n/c	SIMPLES
37	Rio	Urussuhi ¹⁰⁹	LT	Hidro	SIMPLES
38	Rio	Velho	LP	Crono	SIMPLES
39	Rio	Yatuba	n/e	n/c	SIMPLES

Dados da Ficha

Quadro 14: Percentual das taxes da *Carta Geografica da Capitania do Piauí (...)* (1760)

Percentual das taxes								
Taxe	Nº	%	Taxe	Nº	%	Taxe	Nº	%
Animo	02	5,1	Eco	00	00	Lito	02	5,1
Antropo	00	00	Ergo	00	00	Meteoro	00	00
Astro	00	00	Etno	03	7,7	Mito	00	00
Axio	01	2,6	Fito	02	5,1	Morfo	00	00
Cardino	00	00	Geomorfo	00	00	Numero	00	00
Coro	02	5,1	Hagio	03	7,7	Polio	00	00
Cromo	00	00	Hidro	10	25,6	Socio	00	00
Crono	01	2,6	Hiero	00	00	Somato	00	00
Dimensio	02	5,1	Historio	00	00	Zoo	06	15,4
Dirremato	00	00	Hodo	01	2,6	n/c	04	10,3

¹⁰⁶ Deve tratar-se do plural de *poço*, que, no *DeHlp*, tem-se: “grande buraco, ger. circular e murado, cavado na terra a fim de atingir um lençol aquífero”.

¹⁰⁷ Em Sampaio (1987, p. 307), tem-se: “**Po-tí**, as mãos pontiagudas: o camarão, o crustáceo. (*Penaeus setiferus*). *Alt. Potí*”.

¹⁰⁸ Pode tratar-se de uma variação ortográfica de SURUBIM, em Sampaio (1987, p. 317), significa: “o animal azulado, com laivos azuis. É o peixe do gênero *Platystoma*, dos maiores da fauna fluvial, chamado **Jahú**, no Sul do Brasil. 109. *Alt. Sorubi, Suruvi*”.

¹⁰⁹ Em Sampaio (1987, p. 341), tem-se: “URUÇUHY corr. **Urucú-y**, o rio das abelhas urucú, menor do que uma mosca e amarela”.

Quadro 15: Percentual das origens dos Hidrônimos da *Carta Geografica da capitania do Piauí* (...) (1760)

Percentual das origens dos Hidrônimos		
Origem	Nº	%
LA	00	00
LAR	00	00
LC	00	00
LE	00	00
LIT	00	00
LJ	02	5,1
LP	20	51,3
LP + LA	00	00
LP + LT	00	00
LT	12	30,8
LT+ LP	00	00
não encontrada	05	12,8

4.1.3 *Carte Geographique de Piauhy*

Carta 2: *Carte Geographique de Piauhy, province de l'Empire du Bresil* (...) (1828)



Quadro 16: Classificação taxionômica dos Hidrônimos da *Carte Geographique de Piauhy, province de l'Empire du Bresil (...)* (1828)

Nº	Elemento Geográfico	Topônimo	Origem	Taxionomia	Estr. Morf.
01	-	Brejinho ¹¹⁰	LP	Hidro	SIMPLES
02	Rio	Canindé	LT	Zoo	SIMPLES
03	Rio	Corrente	LP	Hidro	SIMPLES
04	Rio	Fidalgo	LP	Axio	SIMPLES
05	Rio	Fundo	LP	Dimensio	SIMPLES
06	Rio	Gorguea	LJ	Etno	SIMPLES
07	Brejo	Grande	LP	Dimensio	SIMPLES
08	Rio	Grande	LP	Dimensio	SIMPLES
09	Rio	Guaribas	LT	Zoo	SIMPLES
10	Rio	Itahim	LT	Lito	SIMPLES
11	Rio	Jatobá ¹¹¹	LT	Fito	SIMPLES
12	Rio	Longa	LJ	Etno	SIMPLES
13	Rio	Macambira ¹¹²	LT	Fito	SIMPLES
14	Rio	Marvão ¹¹³	LP	Coro	SIMPLES
15	Lagoa	Mijo, do	LP	n/c	SIMPLES
16	Rio	Murataham	n/e	n/c	SIMPLES
17	Rio	Onça	LP	Zoo	SIMPLES
18	Brejo	Onça, da	LP	Zoo	SIMPLES
19	Rio	Pacaré ¹¹⁴	LT	Fito	SIMPLES
20	Rio	Parahim	LT	Hidro	SIMPLES
21	Rio	Paranamirim ¹¹⁵	LT	Hidro	SIMPLES
22	Rio	Parnahyba	LT	Coro	SIMPLES

¹¹⁰ No *DeHlp*, há uma acepção para **Brejo** como regionalismo do Nordeste, a saber: “terreno plano, de extensão mais ou menos considerável, **alagadiço ou apaulado, que ocorre nas cabeceiras ou em áreas de transbordamento de rios**”. (grifos nossos). Souza (2004, p. 49) afirma o seguinte: “além da sua significação vernácula, nos Estados do Nordeste, esta palavra designa **terreno onde os rios se conservam mais ou menos permanentes**, geralmente fértil, devido aos transbordamentos anuais, por ocasião das chuvas”. Baptista (1981, p. 141), ao tratar da formação do rio Parnaíba, ressalta a importância dos brejos no surgimento dos nascedouros dos afluentes e coafluentes do rio piauiense: “Pelo lado do Maranhão, margem esquerda, despejam o Vereda Bonita, o Orelha (nasce a 443m de altitude, **formado pelos brejos** Currais, Orelhinha, Salto e Cajueiro), o Tucuns (com **três brejos**: Solta das Bestas, Negro e Porcos e um coafluente: o Tiririca)”. (grifos nossos). Não se ignora a possibilidade de a classificação poder ser a de um **Geomorfo**, mas, dadas as observações acima, sobretudo as de caráter regional, optou-se, nesta pesquisa, pela taxa **Hidro**, no caso dos brejos.

¹¹¹ No *DeHlp*, tem-se o étimo tupi (“*yeti'wa* 'id.’”), com a seguinte acepção: “design. comum às árvores do gên. *Hymenaea*, da fam. das leguminosas, subfam. cesalpinoídea, de frutos comestíveis e de que se extrai resina conhecida como copal; jataí, jati, jatibá, jetaica, jutaí”.

¹¹² No *DeHlp*, tem-se o étimo tupi (tupi “**maka'mbira*”), com a seguinte acepção: “planta terrestre ou epífita (*Bromelia laciniosa*), da fam. das bromeliáceas, nativa do Brasil, encontrada nas caatingas do Nordeste, de folhas verdes com linhas róseas, armadas de espinhos curvos, us. para extração de fibras ou como ração”.

¹¹³ Possivelmente uma referência a **Vila de Marvão**, localizada no Distrito de Portalegre, região Alentejo e sub-região do Alto Alentejo (Portugal).

¹¹⁴ Talvez seja uma variação ortográfica de PACARÁ, que, segundo Sampaio (1987, p. 292), trata-se do “fruto áspero ou cheio de picos; é uma espécie de anona”.

¹¹⁵ Como **Paraná**, consoante Sampaio (1987, p. 294), refere-se à “denominação dada aos grandes rios” e **Mirim** (op. cit., p. 283) significa “pequeno, breve, pouco”, parece mais acertado pensar que tal forma seja, na verdade, **Paramirim**, que significa “riozinho”, ainda com o referido autor.

Nº	Elemento Geográfico	Topônimo	Origem	Taxionomia	Estr. Morf.
23	Rio	Piauhy	LT	Hidro	SIMPLES
24	Rio	Poty	LT	Zoo	SIMPLES
25	Rio	Prata, da	LP	Lito	SIMPLES
26	Rio	Preto	LP	Hidro-cromo	SIMPLES
27	Rio	Riachão	LP	Hidro	SIMPLES
28	-	Riachão	LP	Hidro	SIMPLES
29	Rio	Sambito	LP	Hagio	SIMPLES
30	Rio	Sorubim	LT	Zoo	SIMPLES
31	Rio	Tranqueira	LP	Fito	SIMPLES
32	Rio	Urussuhyaçu de Farinha	LT + LP	Hidro	COMPOSTO HÍBRIDO
33	Rio	Urussuhymirim	LT	Hidro	SIMPLES
34	Rio	Velho	LP	Crono	SIMPLES

Dados da Ficha

Quadro 17: Percentual das taxes da *Carte Geographique de Piauhy, province de l'Empire du Bresil (...)* (1828)

Percentual das taxes								
Taxe	Nº	%	Taxe	Nº	%	Taxe	Nº	%
Animo	00	00	Eco	00	00	Lito	02	5,9
Antropo	00	00	Ergo	00	00	Meteoro	00	00
Astro	00	00	Etno	02	5,9	Mito	00	00
Axio	01	2,9	Fito	04	11,8	Morfo	00	00
Cardino	00	00	Geomorfo	00	00	Numero	00	00
Coro	02	5,9	Hagio	01	2,9	Polio	00	00
Cromo	00	00	Hidro	10	29,4	Socio	00	00
Crono	01	2,9	Hiero	00	00	Somato	00	00
Dimensio	03	8,8	Historio	00	00	Zoo	06	17,6
Dirremato	00	00	Hodo	00	00	n/c	02	5,9

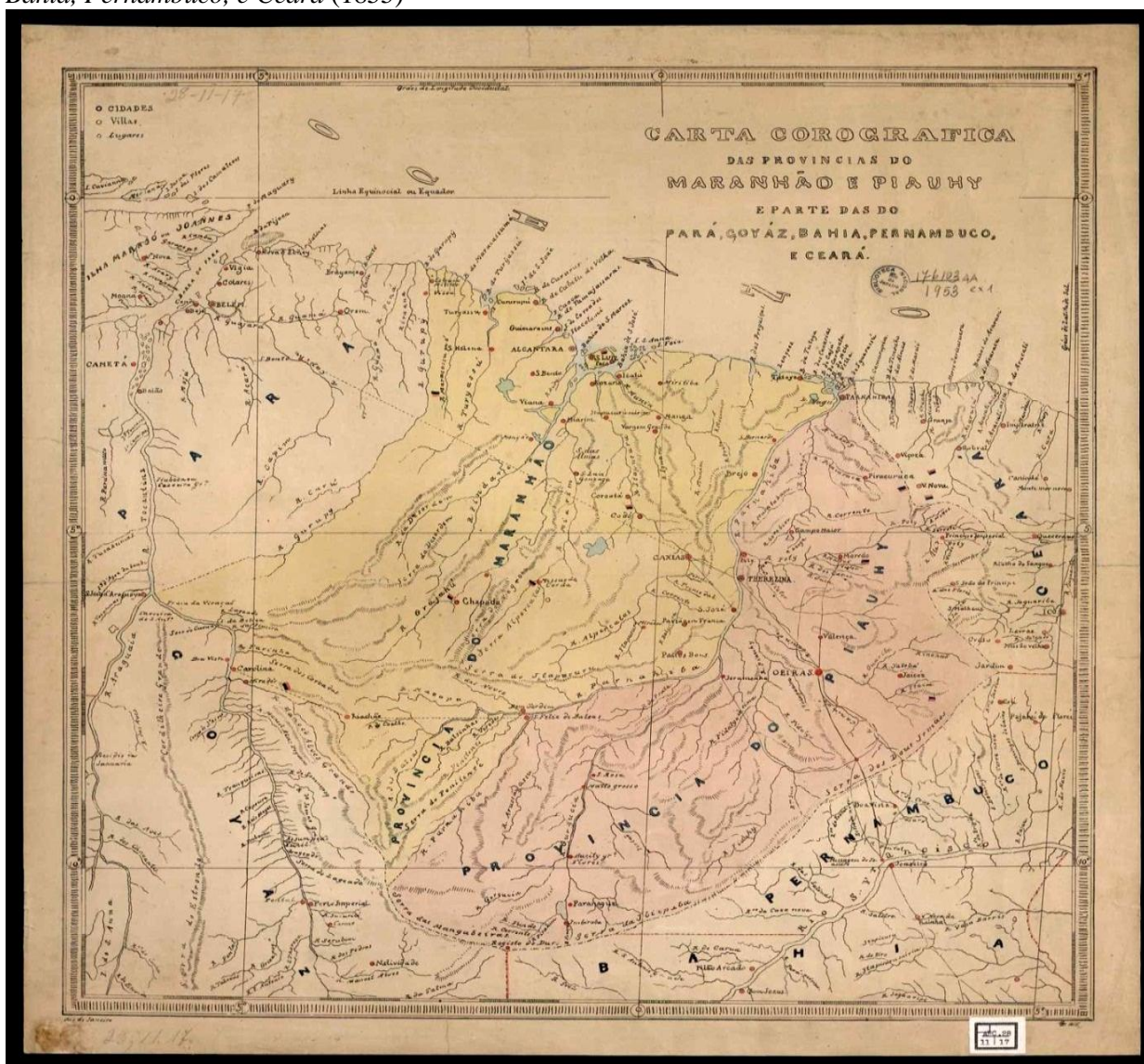
Quadro 18: Percentual das origens dos Hidrônimos da *Carte Geographique de Piauhy, province de l'Empire du Bresil (...)* (1828)

Percentual das origens dos Hidrônimos		
Origem	Nº	%
LA	00	00
LAR	00	00
LC	00	00
LE	00	00
LIT	00	00
LJ	02	5,9

LP	17	50
LP + LA	00	00
LP + LT	00	00
LT	13	38,2
LT+ LP	01	2,9
não encontrada	01	2,9

4.1.4 Carta Corográfica das Províncias do Maranhão e Piauí (...)

Carta 3: Carta Corográfica das Províncias do Maranhão e Piauí e partes das do Pará, Goyáz, Bahia, Pernambuco, e Ceará (1855)



Quadro 19: Classificação taxionômica dos Hidrônimos da *Carta Corográfica das Províncias do Maranhão e Piauí (...)* (1855)

Nº	Elemento Geográfico	Topônimo	Origem	Taxionomia	Estr. Morf.
01	Rio	Arussayassu	n/e	n/c	SIMPLES
02	Rio	Canindé	LT	Zoo	SIMPLES
03	Rio	Corrente	LP	Hidro	SIMPLES
04	Rio	Fidalgo	LP	Axio	SIMPLES
05	Rio	Fidalgo de Cima	LP	Axio	COMPOSTO
06	Rio	Fundo	LP	Dimensio	SIMPLES
07	Rio	Gurgueia ≈ Gorgueia	LJ	Etno	SIMPLES
08	Rio	Guariba	LT	Zoo	SIMPLES
09	Rio	Itaim	LT	Fito	SIMPLES
10	Rio	Jadory	n/e	n/c	SIMPLES
11	Rio	Jatobá	LT	Fito	SIMPLES
12	Rio	Longa	LJ	Etno	SIMPLES
13	Rio	Murataham	n/e	n/c	SIMPLES
14	Rio	Parnahiba	LT	Coro	SIMPLES
15	Rio	Piauí	LT	Hidro	SIMPLES
16	Rio	Piracuruca	LT	Zoo	SIMPLES
17	Rio	Poty	LT	Zoo	SIMPLES
18	Rio	Prata, da	LP	Lito	SIMPLES
19	-	Riachão	LP	Hidro	SIMPLES
20	Rio	Sorobim	LT	Zoo	SIMPLES
21	Rio	Tranqueira	LP	Fito	SIMPLES

Dados da Ficha

Quadro 20: Percentual das taxes da *Carta Corográfica das Províncias do Maranhão e Piauí (...)* (1855)

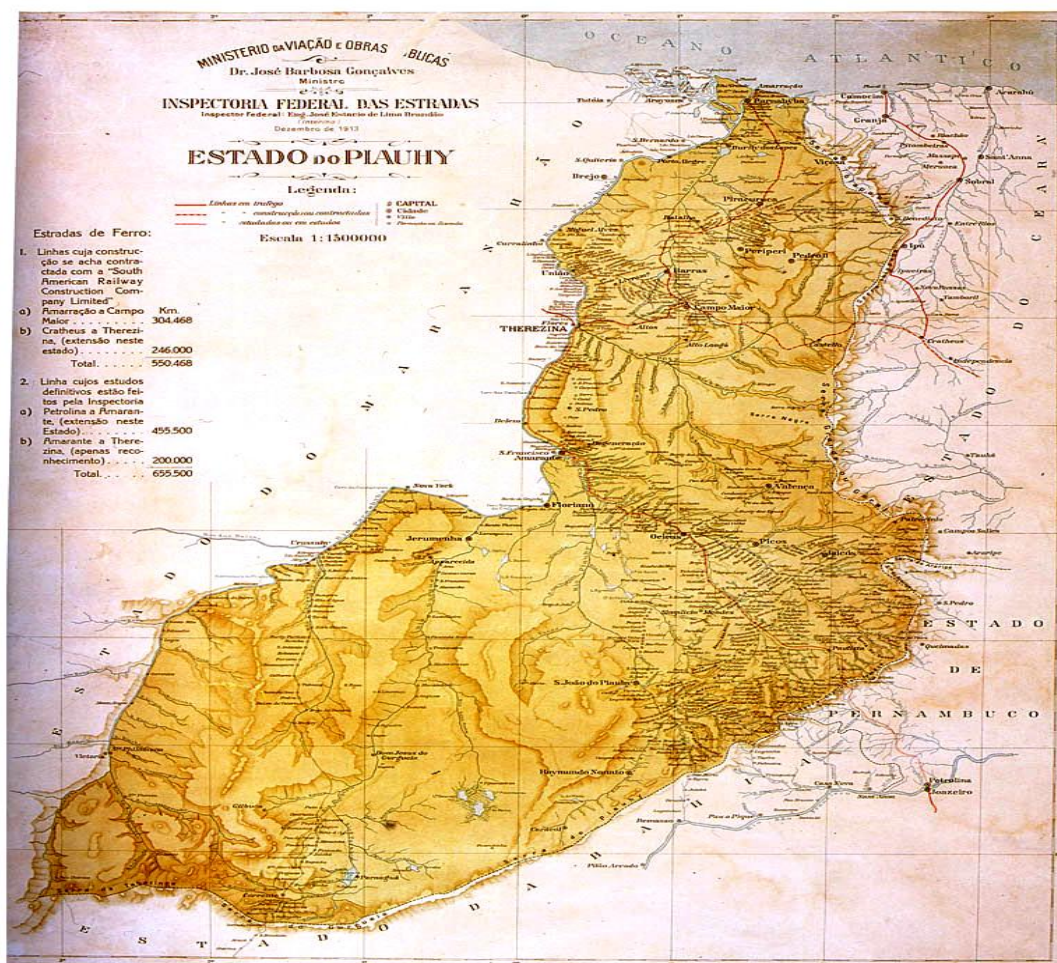
Percentual das taxes								
Taxe	Nº	%	Taxe	Nº	%	Taxe	Nº	%
Animo	00	00	Eco	00	00	Lito	01	4,8
Antropo	00	00	Ergo	00	00	Meteoro	00	00
Astro	00	00	Etno	02	9,5	Mito	00	00
Axio	02	9,5	Fito	03	14,3	Morfo	00	00
Cardino	00	00	Geomorfo	00	00	Numero	00	00
Coro	01	4,8	Hagio	00	00	Polio	00	00
Cromo	00	00	Hidro	03	14,3	Socio	00	00
Crono	00	00	Hiero	00	00	Somato	00	00
Dimensio	01	4,8	Historio	00	00	Zoo	05	23,8
Dirremato	00	00	Hodo	00	00	n/c	03	14,3

Quadro 21: Percentual das origens dos Hidrônimos da *Carta Corográfica das Províncias do Maranhão e Piauíhy (...)* (1855)

Percentual das origens dos Hidrônimos		
Origem	Nº	%
LA	00	00
LAR	00	00
LC	00	00
LE	00	00
LIT	00	00
LJ	02	9,5
LP	07	33,3
LP + LA	00	00
LP + LT	00	00
LT	09	42,8
LT+ LP	00	00
não encontrada	03	14,3

4.1.5 mapa *Estado do Piauíhy*

Mapa 11: Estado do Piauíhy (1913)



Quadro 22: Classificação taxionômica dos Hidrônimos do mapa *Estado do Piauí* (1913)

Nº	Elemento Geográfico	Topônimo	Origem	Taxionomia	Estr. Morf.
01	Lagoa	Agrestão ¹¹⁶	LP	Fito	SIMPLES
02	Rio	Berlenga	n/e	Coro	SIMPLES
03	Rio	Boi Pintado, do	LP	Zoo	COMPOSTO
04	Riacho	Capivara ¹¹⁷	LT	Zoo	SIMPLES
05	Rio	Contracto	LP	Animo	SIMPLES
06	Rio	Corrente	LP	Hidro	SIMPLES
07	Rio	Curimatan	LT	Zoo	SIMPLES
08	Lagoa	Dourada	LP	Hidro-cromo	SIMPLES
09	Rio	Estiva ¹¹⁸	LP	Ergo	SIMPLES
10	Rio	Fidalgo	LP	Axio	SIMPLES
11	Rio	Fundo	LP	Dimensio	SIMPLES
12	Riacho	Fundo	LP	Dimensio	SIMPLES
13	Lagoa	Genipapo ¹¹⁹	LT	Fito	SIMPLES
14	Riacho	Guaribas, das	LT	Zoo	SIMPLES
15	Rio	Gurgueia	LJ	Etno	SIMPLES
16	Rio	Inhuçú ¹²⁰	LT	Geomorfo	SIMPLES
17	Rio	Itaueira	LT	Lito	SIMPLES
18	Riacho	Jacaré	LT	Zoo	SIMPLES
19	Rio	Longá	LJ	Etno	SIMPLES
20	Riacho	Meio, do	LP	Cardino	SIMPLES
21	Riacho	Morro Baixo	LP	Geomorfo	COMPOSTO
22	Rio	Mucaita	n/e	n/c	SIMPLES
23	Lagoa	Onça, da	LP	Zoo	SIMPLES
24	Riacho	Onça, da	LP	Zoo	SIMPLES
25	Rio	Palmeira	LP	Fito	SIMPLES
26	Rio	Parahim	LT	Hidro	SIMPLES
27	Riacho	Parnaguá, de	LT	Geomorfo	SIMPLES
28	Rio	Parnahyba	LT	Coro	SIMPLES
29	Rio	Piauí	LT	Hidro	SIMPLES
30	Lagoa	Pimenteiras ¹²¹	LP	Etno	SIMPLES

¹¹⁶ No *DeHlp*, sob a rubrica da Fitogeografia, tem-se: “zona Fitogeográfica do Nordeste do Brasil, próxima ao Litoral, entre a mata e a caatinga, de solo pedregoso e vegetação xerófila”.

¹¹⁷ No *DeHlp*, do tupi “*kapii'gwara*, de *ka'pii* 'capim' + *'gwara* 'comedor”.

¹¹⁸ Em Souza (2004, p. 144), tem-se: “paus ou varas atravessados por sobre um riacho ou pequeno rio, formando uma ponte tosca e pouco segura não raras vezes”.

¹¹⁹ No *DeHlp*, tem-se o étimo tupi (“tupi *yandi'pawa* 'id.'”), com o significado, sob a rubrica das angiospermas: “fruto do jenipapeiro, ger. amarelo-pardacento, com polpa aromática e comestível, de que se fazem compotas, doces, xaropes, licor etc., e de que se extrai tinta preta, us. pelos indígenas”.

¹²⁰ Sampaio (1987, p. 250) não traz a palavra em questão, mas traz uma série de cognatos com o radical **INHU-**, de ‘campo’, donde se tem, por exemplo, **Inhumirim**, “o campinho”. Em assim sendo, **Inhuçu** pode significar, pois, ‘campo grande’, ‘campão’.

¹²¹ Possivelmente uma referência aos indígenas Pimenteira do Piauí.

Nº	Elemento Geográfico	Topônimo	Origem	Taxionomia	Estr. Morf.
31	Rio	Piracuruca	LT	Zoo	SIMPLES
32	Rio	Poty	LT	Zoo	SIMPLES
33	Rio	Rangel	LP	Antropo	SIMPLES
34	Rio	Riachão	LP	Hidro	SIMPLES
35	-	Riozinho	LP	Hidro	SIMPLES
36	Rio	Sambito	LP	Hagio	SIMPLES
37	Rio	Sant'Anna	LP	Antropo	SIMPLES
38	Lagoa	São Francisco	LP	Hagio	COMPOSTO
39	Rio	São Nicolau	LP	Hagio	COMPOSTO
40	Rio	Sucuriú ¹²²	LT	Zoo	SIMPLES
41	Rio	Tapuio	LT	Etno	SIMPLES
42	Rio	Taquarussú ¹²³	LT	Fito	SIMPLES
43	Rio	Urussuhizinho	LT	Hidro	SIMPLES
44	Rio	Urussuhy Assú	LT	Hidro	COMPOSTO
45	Rio	Vargem Grande	LP	Geomorfo	COMPOSTO
46	Lagoa	Velha	LP	Crono	SIMPLES
47	Lagoa	Victoria	LP	Animo	SIMPLES

Dados da Ficha

Quadro 23: Percentual das taxes do mapa *Estado do Piauí* (1913)

Percentual das taxes								
Taxe	Nº	%	Taxe	Nº	%	Taxe	Nº	%
Animo	02	4,3	Eco	00	00	Lito	01	2,1
Antropo	02	4,3	Ergo	01	2,1	Meteoro	00	00
Astro	00	00	Etno	04	8,5	Mito	00	00
Axio	01	2,1	Fito	04	8,5	Morfo	00	00
Cardino	01	2,1	Geomorfo	04	8,5	Numero	00	00
Coro	02	4,3	Hagio	03	6,4	Polio	00	00
Cromo	00	00	Hidro	08	17	Socio	00	00
Crono	01	2,1	Hiero	00	00	Somato	00	00
Dimensio	02	4,3	Historio	00	00	Zoo	10	21,3
Dirremato	00	00	Hodo	00	00	n/c	01	2,1

¹²² No *DeHlp*, tem-se o étimo tupi (“tupi *sukuri'yuwa* 'réptil ofidio da família dos boídeos’”), sob a rubrica da herpetologia, tem-se: “m.q. *sucuri* (*Eunectes murinus*)”.

¹²³ Em Silveira Bueno (1984, p. 312), tem-se: “**Taquarussu** – s. Taquara grossa, forte, bambu”.

Quadro 24: Percentual das origens dos Hidrônimos do mapa *Estado do Piauí* (1913)

Percentual das origens dos Hidrônimos		
Origem	Nº	%
LA	00	00
LAR	00	00
LC	00	00
LE	00	00
LIT	00	00
LJ	02	4,3
LP	25	53,2
LP + LA	00	00
LP + LT	00	00
LT	18	38,3
LT+ LP	00	00
não encontrada	02	4,3

Após a Apresentação dos dados referentes à *Descrição* e às cartas e ao mapa antigos, passa-se à Apresentação dos dados contemporâneos, o que se fará no próximo subtópico.

4.2 Hidrônimos da mesorregião Sudeste

Os Hidrônimos que ora se seguem pertencem à região Sudeste do Piauí, a qual engloba 66 municípios (ou 29,6% do total dos municípios piauienses), distribuídos, por sua vez, em três microrregiões: 1. Microrregião de Picos (20 municípios); 2. Microrregião de Pio IX (07 municípios) e 3. Microrregião do Alto Médio Canindé (39 municípios).

A seguir, seguem-se as Fichas Toponímicas utilizadas para classificar os Topônimos (Hidrônimos) listados na mesorregião Sudeste.

4.2.1 Microrregião de Picos (20 municípios)

Município 1: **Aroeiras do Itaim**
Município 2: **Bocaína**
Município 3: **Cajazeiras do Piauí**
Município 4: **Colônia do Piauí**
Município 5: **Dom Expedito Lopes**
Município 6: **Geminiano**
Município 7: **Ipiranga do Piauí**
Município 8: **Oeiras**

Município 9: **Paquetá**
Município 10: **Picos**
Município 11: **Santa Cruz do Piauí**
Município 12: **Santa Rosa do Piauí**
Município 13: **Santana do Piauí**
Município 14: **São João da Canabrava**
Município 15: **São João da Varjota**
Município 16: **São José do Piauí**

Município 17: São Luís do Piauí
Município 18: Sussuapara

Município 19: Tanque do Piauí
Município 20: Wall Ferraz

4.2.1.1 Hidrônimos da microrregião de Picos

Quadro 25: Classificação taxionômica dos Hidrônimos da Microrregião de Picos

Nº	Elemento Geográfico	Topônimo	Origem	Taxionomia	Estr. Morf.
01	Lagoa	Aceno, do	LP	Animo	SIMPLES
02	Riacho	Angico ¹²⁴ Branco, do	LP	Fito	COMPOSTO
03	Riacho	Areia, da	LP	Lito	SIMPLES
04	Riacho	Aroeira ¹²⁵	LP	Fito	SIMPLES
05	Arroio	Arraial, do	LP	Polio	SIMPLES
06	Riacho	Arraial	LP	Polio	SIMPLES
07	Riacho	Baixa ¹²⁶ , da	LP	Geomorfo	SIMPLES
08	Córrego	Baixa do Curral	LP	Geomorfo	COMPOSTO
09	Riacho	Baixa Funda	LP	Geomorfo	COMPOSTO
10	Riacho	Baixa Velha, da	LP	Geomorfo por qualif.	COMPOSTO
11	Riacho	Bananeira ¹²⁷ , da	LA	Fito	SIMPLES
12	Lagoa	Banguês ¹²⁸ , dos	LA	Ergo	SIMPLES

¹²⁴ No *DeHlp*, “design. comum a várias árvores da fam. das leguminosas, subfam. mimosoídea, esp. dos gêneros *Piptadenia*, *Parapiptadenia* e *Anadenanthera*, nativas da América tropical, a maioria do Brasil, freq. exploradas ou cultivadas pela boa madeira”.

¹²⁵ No *DeHlp*, “design. comum a algumas árvores da fam. das anacardiáceas; daro”.

¹²⁶ Souza (2004, p. 23) cita Raimundo Lopes e seu *d’O Torrao Maranhense*, no qual, à pagina 148, se lê que “baixas são entradas de campo inundáveis”. No *DeHlp*, há uma acepção com a marca de uso que indica tratar-se de um regionalismo do Pará, com o seguinte significado: “parte do campo submersa pelas chuvas de inverno”. Nos dois casos, parece claro o caráter temporário da presença de água nesses campos, razão pela qual, o termo “Baixa” foi classificado neste estudo como um Geomorfo.

¹²⁷ Em Jacques Raimundo (1933, p. 105), tem-se, para a entrada **Banana**: “sf. Fruto da bananeira. // Adj. Fig. Molenga, molengo, moleirão; palermar, pacóvio. // Etim.: são Numerosos os autores que atribuem ao vocábulo origem africana, uns vacilantes como Pichardo (*Dic. Prov.*), outros com convicção, como A. Rojas (*Ens. de un dic.*) e Wiener (*Africa and the Disc. of Am.*); Ortiz (*Afron.*) **aventa opiniões e factos, rematando pela africanidade do vocábulo**. Procede, sem dúvida, da região da Guiné e arredores: no ualofo, no fula e no mandinga (Serra-Leão e Gâmbia) *banana*; no sussu ou sosso *banani*; no vei e no limba ou iembê *bana*; no nsima *polen*, que é uma variante”. (grifo nosso)

¹²⁸ No *DeHlp*, há as seguintes acepções: “**1** Regionalismo: Brasil. padiola tosca para carregar terra e materiais de construção; **2** Regionalismo: Brasil.; padiola us. para transportar cadáveres; **3** Regionalismo: Brasil. nos engenhos, espécie de padiola em que se leva o bagaço da cana para a bagaceira após a moagem; **4** Regionalismo: Pará.couro de boi com varas atadas nas extremidades no qual se transporta terra para os aterros; **5** espécie de liteira com teto e cortinado de couro, para o transporte de mulheres, crianças e enfermos; **6** móvel antigo, grande e pesado, que lembra liteira; **7**Regionalismo: Brasil. engenho de açúcar primitivo, movido a força animal; **8** Derivação: por metonímia. nos engenhos de açúcar, o conjunto da fornalha e das tachas sobre ela assentadas; **9**

Nº	Elemento Geográfico	Topônimo	Origem	Taxionomia	Estr. Morf.
13	Riacho	Barrinha ¹²⁹ , da	LP	Geomorfo	SIMPLES
14	Lagoa	Barro, do	LP	Lito	SIMPLES
15	Rio	Berengas	n/e	Coro	SIMPLES
16	Riacho	Bica ¹³⁰ , da	LP	Hidro	SIMPLES
17	Riacho	Boa Vista, da	LP	Animo	COMPOSTO
18	Riacho	Bonito	LP	Animo	SIMPLES
19	Riacho	Boqueirão	LP	Geomorfo	SIMPLES
20	Riacho	Brejo, do	LP	Hidro	SIMPLES
21	Riacho	Brejo Grande	LP	Hidro	COMPOSTO
22	Riacho	Buriti do Meio, do	LT+ LP	Fito	COMPOSTO HÍBRIDO
23	Riacho	Buriti Grande, do	LT+ LP	Fito	COMPOSTO HÍBRIDO
24	Riacho	Buriti Redondo	LT+ LP	Fito	COMPOSTO HÍBRIDO
25	Riacho	Cabaças, das	LP	Fito	SIMPLES
26	Riacho	Cabra, da	LP	Zoo	SIMPLES
27	Riacho	Cachoeirinha	LP	Hidro	SIMPLES
28	Riacho	Cacunda, da	LA	Somato	SIMPLES
29	Riacho	Caiçara ¹³¹ ,	LT	Ergo	SIMPLES
30	Riacho	Cajazeira ¹³² , da	LT	Fito	SIMPLES
31	Riacho	Cajazeiras	LT	Fito	SIMPLES
32	Riacho	Caju ¹³³ , do	LT	Fito	SIMPLES
33	Lagoa	Cajueiro, do	LT	Fito	SIMPLES
34	Riacho	Cajueiro	LT	Fito	SIMPLES
35	Lagoa	Caldeirão ¹³⁴ , do	LP	Hidro	SIMPLES

canal ladrilhado por onde escorre a espuma que transborda das tachas de açúcar; **10** proteção de couro para barriga de rês doente”. Ainda no *DeHlp*: “segundo Nei Lopes, pal. banta de orig.contrv.”.

¹²⁹ Souza (2004, p. 33), sobre o vocábulo **Barra**, afirma que, no Brasil, o termo tem o seguinte significado: “(...) bancos ou coroas de areias e de outros sedimentos trazidos pelos rios e depositados nas suas bocas e nas dos estuários, resultantes da ação conjugada das correntes fluviais e das vagas e correntes marinhas”.

¹³⁰ No *DeHlp*, tem-se uma acepção, por derivação metonímica: “fonte ou veio de água corrente”.

¹³¹ No *DeHlp*, tem-se uma acepção, com a marca de uso Regionalismo: “qualquer proteção ou cerca feita com ramos de árvores, paus a pique, varas etc. (p.ex., em torno de plantação para impedir a entrada de gado)”.

¹³² No *DeHlp*, tem-se: “árvore de até 25 m (*Spondias mombin*) da fam. das anacardiáceas, de casca adstringente e emética, madeira branca, folhas imparipenadas, flores aromáticas, em grandes panículas, e drupas alaranjadas, de polpa resinosa, ácida, comestível e saudável; nativa dos trópicos, ocorre no Brasil (AMAZ a SP), e as raízes, folhas, flores, frutos e sementes têm inúmeros usos medicinais; cajá, cajá-mirim, cajazeiro, cajazinha, imbuzeiro, taperebá”. Do tupi *aka'ya* que, segundo Sampaio (1987, p. 191), significa 'fruto de caroço cheio, fruto que é todo caroço'.

¹³³ No *DeHlp*, tem-se: “design. comum aos frutos das árvores e arbustos do gên. *Anacardium*, da fam. das anacardiáceas, e tb. a outros frutos, de diferentes gên. e fam., por alguma semelhança àqueles, ger. pelo pedúnculo carnosos”. Do tupi *aka'yu*.

Nº	Elemento Geográfico	Topônimo	Origem	Taxionomia	Estr. Morf.
36	Riacho	Cana Brava	LP	Fito	COMPOSTO
37	Riacho	Canavieiras	LP	Fito	SIMPLES
38	Rio	Canindé	LT	Zoo	SIMPLES
39	Riacho	Cansado, do	LP	Animo	SIMPLES
40	Riacho	Canto, do	LP	Cardino	SIMPLES
41	Lagoa	Canto, do	LP	Cardino	SIMPLES
42	Riacho	Canto do Saco	LP	Cardino	COMPOSTO
43	Lagoa	Carcará ¹³⁵ , do	LT	Zoo	SIMPLES
44	Riacho	Carcará, do	LT	Zoo	SIMPLES
45	Lagoa	Carnaúba ¹³⁶ , da	LT	Fito	SIMPLES
46	Riacho	Carnaúba, do	LT	Fito	SIMPLES
47	Riacho	Carreiras ¹³⁷ , das	LP	Hodo	SIMPLES
48	Riacho	Casa Nova, da	LP	Eco por qualif.	COMPOSTO
49	Lagoa	Cercada	LP	n/c	SIMPLES
50	Lagoa	Cercado, do	LP	Ergo	SIMPLES
51	Riacho	Choupeiro ¹³⁸ , do	LP	Socio	SIMPLES
52	Riacho	Cocal, do	LP	Fito	SIMPLES
53	Riacho	Coco, do	LP	Fito	SIMPLES
54	Riacho	Consolo, do	LP	Animo	SIMPLES
55	Riacho	Contentamento	LP	Animo	SIMPLES
56	Riacho	Corrente, da	LP	n/c	SIMPLES
57	Riacho	Corrente	LP	Hidro	SIMPLES
58	Riacho	Corrente, do	LP	n/c	SIMPLES
59	Rio	Corrente	LP	Hidro	SIMPLES

¹³⁴ Souza (2004, p. 70), depois de dar a significação do termo na Amazônia, no Rio Grande do Sul, em São Paulo e na Bahia, afirma: “Em outras zonas, assim se nomeiam tanques naturais nos lajedos, onde se armazenam águas fluviais”.

¹³⁵ No *DeHlp*, “ave falconiforme, onívora, da fam. dos falconídeos (*Caracara plancus*), encontrada da Flórida até a Terra do Fogo e por todo o Brasil, com até 56 cm de comprimento, plumagem alvinegra, face e cera amarelas ou vermelhas, cabeça branca com penacho nugal negro, peito e cauda barrados de negro e asas com extremidades brancas; carancho, carcará [Ave freq. observada sobrevoando áreas de queimadas, à procura de alimentos.]”. Do tupi *karaka'ra* 'id.'

¹³⁶ Carnaúba ou Carnaúba. No *DeHlp*, “palmeira solitária de até 15 m (*Copernicia prunifera*), nativa do Nordeste do Brasil, de folhas palmadas e bagas ovoides; carandá, carnaúba, carnaubeira [Seu produto mais importante é a cera, obtida das folhas; a madeira é us. na construção; o fruto tem polpa comestível, us. em doces e farinha; da amêndoa extrai-se óleo; as raízes têm propriedades depurativas e, reduzidas a cinzas, substituem o sal de cozinha.]”. Do tupi *karana'iwa* 'id.'

¹³⁷ Souza (2004, p. 93) afirma que “A palavra *carreira* tem outro significado no interior do Brasil ou seja o de rua ou alameda que abre espaço regular entre duas fileiras de plantação de milho, café, etc.”

¹³⁸ Choupeiro, ao que tudo indica, é uma derivação de **Choupa**, que significa “ferro de dois gumes fixado em cabo curto, us. nos matadouros para abater os animais”. Em assim sendo, o sufixo -eiro, dentre seus vários matizes semânticos, pode indicar profissão, donde choupeiro ser o encarregado de abater, nos matadouros, o gado. No Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, disponível em <http://www.priberam.pt/dlpo/Default.aspx>, tem-se a seguinte aceção, no contexto brasileiro: “Magarefe que, no matadouro de Santa Cruz, abate o gado”.

Nº	Elemento Geográfico	Topônimo	Origem	Taxionomia	Estr. Morf.
60	Lagoa	Craíbas ¹³⁹ , das	LT	Fito	SIMPLES
61	Riacho	Croata ¹⁴⁰ , do	LT	Fito	SIMPLES
62	Lagoa	Cumprida	LP	Dimensio	SIMPLES
63	Lagoa	Currais, dos	LP	Socio	SIMPLES
64	Riacho	Damião, do	LP	Antropo	SIMPLES
65	Lagoa	Dentro, de	LP	Cardino	SIMPLES
66	Lagoa	Detrás do Cercado	LP	Cardino	COMPOSTO
67	Riacho	Engano, do	LP	Animo	SIMPLES
68	Lagoa	Estrada, da	LP	Hodo	SIMPLES
69	Riacho	Estreito ¹⁴¹ , do	LP	Hidro	SIMPLES
70	Lagoa	Feitoria, da	LP	Socio	SIMPLES
71	Lago	Flor, da	LP	Fito	SIMPLES
72	Lagoa	Flor, da	LP	Fito	SIMPLES
73	Lagoa	Fora, de	LP	Cardino	SIMPLES
74	Riacho	Formiga, da	LP	Zoo	SIMPLES
75	Lagoa	Forte, do	LP	Animo	SIMPLES
76	Riacho	Frade, do	LP	n/c	SIMPLES
77	Rio	Frade, do	LP	n/c	SIMPLES
78	Arroio	Fradinho	LP	n/c	SIMPLES
79	Riacho	Fundo	LP	Dimensio	SIMPLES
80	Riacho	Gado Bravo, do	LP	Zoo	COMPOSTO
81	Riacho	Gameleira, da	LP	Fito	SIMPLES
82	Riacho	Governo, do	LP	n/c	SIMPLES
83	Lagoa	Grande	LP	Dimensio	SIMPLES
84	Lago	Grande	LP	Dimensio	SIMPLES
85	Riacho	Grande, da	LP	Dimensio	SIMPLES
86	Riacho	Grotão ¹⁴²	LP	Geomorfo	SIMPLES
87	Riacho	Grotão, do	LP	Geomorfo	SIMPLES
88	Rio	Guaribas	LT	Zoo	SIMPLES
89	Riacho	Inferno, do	LP	Animo	SIMPLES
90	Riacho	Inhaúma ¹⁴³	LT	Zoo	SIMPLES

¹³⁹ Craíba ou Caraíba. No *DeHlp*, tem-se: “árvore pequena (*Tabebuia caraiba*), da fam. das bignoniáceas, nativa do Brasil (AMAZ, CE, MG, SP, C.-O.), de boa madeira, casca amarga, febrífuga, flores amarelas e frutos capsulares; caraúba, caraúba-do-campo, carobeira, paratudo”. Do tupi *kara'iwa* 'planta da família das boragináceas'

¹⁴⁰ No *DeHlp*, tem-se: “planta epífita e estolonífera (*Quesnelia liboniana*) da fam. das bromeliáceas, nativa do Brasil (RJ), com poucas folhas, dispostas em roseta estreita e afunilada, de bordos serreados, e flores de sépalas vermelhas e pétalas azuis; gravatá”. Do tupi *karagwa'ta* 'gravatá'.

¹⁴¹ Com Souza (2004, p. 145), tem-se: “assim se designa em quase todo o Brasil o trecho de um rio em que a sua largura normal se reduz de repente até a um décimo e menos”.

¹⁴² No *DeHlp*, tem-se: “depressão muito grande do solo, que aparece em encostas alcantiladas”.

Nº	Elemento Geográfico	Topônimo	Origem	Taxionomia	Estr. Morf.
91	Rio	Itaim	LT	Lito	SIMPLES
92	Riacho	Jabuti ¹⁴⁴	LT	Zoo	SIMPLES
93	Lagoa	Jacaré ¹⁴⁵ , do	LT	Zoo	SIMPLES
94	Lagoa	João Alves	LP	Antropo	COMPOSTO
95	Riacho	Juá ¹⁴⁶ , do	LT	Fito	SIMPLES
96	Lagoa	Junco, do	LP	Fito	SIMPLES
97	-	Lagoas	LP	Hidro	SIMPLES
98	-	Lagoinha	LP	Hidro	SIMPLES
99	Riacho	Lajes ¹⁴⁷ , das	LP	Lito	SIMPLES
100	Riacho	Macacos, dos	LA	Zoo	SIMPLES
101	Riacho	Macambira ¹⁴⁸	LT	Fito	SIMPLES
102	Riacho	Madeira Cortada	LP	Fito	COMPOSTO
103	Riacho	Mandacaru ¹⁴⁹	LT	Fito	SIMPLES
104	Lagoa	Marcelinos, dos	LP	Antropo	SIMPLES
105	Riacho	Margarida, da	LP	Antropo	SIMPLES
106	Lagoa	Marreca ¹⁵⁰ , da	LP	Fito	SIMPLES
107	Riacho	Marruá	LP	Zoo	SIMPLES
108	Lagoa	Massalina	LP	n/c	SIMPLES
109	Riacho	Matinado, do	LP	n/c	SIMPLES
110	Lagoa	Mato, do	LP	Fito	SIMPLES
111	Lagoa	Meio, do	LP	Cardino	SIMPLES
112	Riachão	Meio, do	LP	Cardino	SIMPLES

¹⁴³ Inhaúma/Anhuma/Inhuma. No *DeHlp*, tem-se: “ave anseriforme, paludícola, da fam. dos anhimídeos (*Anhuma cornuta*), de ampla distribuição amazônica, podendo atingir outras regiões do Brasil; com cerca de 61 cm de altura, plumagem alvinegra, característico apêndice frontal implantado no crânio, partes inferiores brancas e pernas negras [Ave símbolo de Goiás.]”. Do tupi *a'ñima* 'id.'”.

¹⁴⁴ No *DeHlp*, tem-se: “design. comum aos quelônios, terrestres e herbívoros, da fam. dos testudinídeos, de carapaça alta, em forma de domo, patas posteriores tubulares, semelhantes às dos elefantes, dedos curtos, com garras e movimentos lentos”. Do tupi *yawo'ti* herp 'id.'

¹⁴⁵ No *DeHlp*, tem-se: “design. comum aos répteis crocodilianos da fam. dos aligatorídeos, de focinho largo e chato, encontrados esp. nos rios e pântanos das Américas do Norte e do Sul”. Do tupi *yaka're* 'réptil crocodiliano'.

¹⁴⁶ No *DeHlp*, tem-se: “design. comum a algumas plantas da fam. das solanáceas, esp. dos gên. *Solanum* e *Physalis*”. Do tupi *yu'a* 'nome de diversas plantas da família das solanáceas'.

¹⁴⁷ Souza (2004, p. 185) registra a forma LAJEM, que, segundo ele, é um regionalismo do Norte do país e significa “trecho de um rio obstruído por grande quantidade de pedras”. No *DeHlp*, há a remissão de LAJEM para LAJE, indicando terem ambas o mesmo étimo.

¹⁴⁸ No *DeHlp*, tem-se: “planta terrestre (*Encholirium spectabile*) da mesma fam., nativa do Brasil (PI, BA), de folhas verdes e luzidias, armadas de acúleos, cujas fibras são us. no fabrico de redes; macambira-da-pedra, macambira-de-flecha”. Do tupi **maka'mbira* 'planta da fam. das bromeliáceas', prov. com el. final *i'mbira* 'fibra, filamento'.

¹⁴⁹ No *DeHlp*, tem-se: “design. comum a várias plantas do gên. *Cereus*, da fam. das cactáceas”. Do tupi *yamandaka'ru* ou *ñamandaka'ru* 'planta da família das cactáceas'.

¹⁵⁰ Em Baptista (1981, pp. 328 a 340), na “RELAÇÃO DAS PLANTAS NATIVAS DO PIAUÍ”, consta o nome de tal exemplar.

Nº	Elemento Geográfico	Topônimo	Origem	Taxionomia	Estr. Morf.
113	Riacho	Melancia, da	LP	Fito	SIMPLES
114	Riacho	Mimbó, do	n/e	n/c	SIMPLES
115	Lagoa	Mirrorós ¹⁵¹ , dos	LT	Fito	SIMPLES
116	Riacho	Mocambo, do	LA	Eco	SIMPLES
117	Lagoa	Mocambo, do	LA	Eco	SIMPLES
118	Riacho	Mocha, da	LP	Zoo	SIMPLES
119	Riacho	Mulato, do	LP	Etno	SIMPLES
120	Lagoa	Nazaré, de	LP	n/c	SIMPLES
121	Rio	Oiti ¹⁵²	LT	Fito	SIMPLES
122	Riacho	Palangado, do	n/e	n/c	SIMPLES
123	Riacho	Palheta	LP	Ergo	SIMPLES
124	Riacho	Patos, dos	LP	Zoo	SIMPLES
125	Lagoa	Pedras, das	LP	Lito	SIMPLES
126	Riacho	Pedras, das	LP	Lito	SIMPLES
127	Riachão	Pequeno do Venâncio	LP	Dimensio	COMPOSTO
128	Lagoa	Pereiras, dos	LP	Antropo	SIMPLES
129	Lagoa do	Periquito	LP	Zoo	SIMPLES
130	Rio	Piauí	LT	Hidro	SIMPLES
131	Riacho	Pilão Grande	LP	Ergo	COMPOSTO
132	Lagoa	Pilões, dos	LP	Ergo	SIMPLES
133	Riacho	Pinga, da	LP	Ergo	SIMPLES
134	Riacho	Pinga, do	LP	n/c	SIMPLES
135	Riacho	Pinicada	LP	Animo	SIMPLES
136	Riacho	Pinto, do	LP	Antropo	SIMPLES
137	Riacho	Pires, do	LP	Antropo	SIMPLES
138	Rio	Piteiro, do	LP	n/c	SIMPLES
139	Riacho	Pitombeira ¹⁵³	LT	Fito	SIMPLES
140	Riacho	Pobre, do	LP	Animo	SIMPLES
141	Riacho	Poço Dantas	LP	Hidro	COMPOSTO
142	Riacho	Poço Feio	LP	Hidro	COMPOSTO
143	Riacho	Porco, do	LP	Zoo	SIMPLES
144	Lagoa	Porta, da	LP	Ergo	SIMPLES
145	Riacho	Prado, do	LP	Antropo	SIMPLES

¹⁵¹ No *DeHlp*, tem-se: “m.q. *pata-de-vaca* ('designação comum)”. Do tupi *miroy'ro* 'designação de peixe'. Em Baptista (1981, pp. 328 a 340), na “RELAÇÃO DAS PLANTAS NATIVAS DO PIAUÍ”, consta o nome de tal exemplar.

¹⁵² No *DeHlp*, tem-se: “árvore de até 10 m (*Licania tomentosa*), nativa do Brasil (PI à BA), de folhas elípticas, flores brancas e frutos comestíveis, com amêndoas ricas em óleo; goiti, oiti-cagão, oiti-da-praia, oiti-mirim, oitizeiro”. Em Silveira Bueno (1984, p. 236), tem-se: “s.m. Var. *uiti*, árvore rosácea”. Em Baptista (1981, pp. 328 a 340), na “RELAÇÃO DAS PLANTAS NATIVAS DO PIAUÍ”, consta o nome de tal exemplar.

¹⁵³ No *DeHlp*, tem-se: “subarbusto (*Eugenia lutescens*) da fam. das mirtáceas, nativo do Brasil (MG), com os ramos, a página inferior das folhas, o pedúnculo das inflorescências e os botões foliares revestidos de tomento amarelado, folhas oblongas e frutos comestíveis”. Do tupi *pi'tomba* 'pitombeira'.

Nº	Elemento Geográfico	Topônimo	Origem	Taxionomia	Estr. Morf.
146	Riacho	Prata, da	LP	Lito	SIMPLES
147	Riacho	Quartel, do	LP	Eco	SIMPLES
148	Lagoa	Queimada, da	LP	n/c	SIMPLES
149	Lagoa	Queimadas, das	LP	n/c	SIMPLES
150	Riacho	Rancharia	LP	Eco	SIMPLES
151	Riacho	Raposo	LP	Antropo	SIMPLES
152	Lagoa	Redonda	LP	Morfo	SIMPLES
153	Riacho	Riachão, do	LP	Hidro	SIMPLES
154	Lagoa	Riacho de Baixo, do	LP	Hidro	COMPOSTO
155	Riacho	Rosilho ¹⁵⁴	LP	Zoo	SIMPLES
156	Riacho	Saco ¹⁵⁵ , do	LP	Geomorfo	SIMPLES
157	Riacho	Salinas, das	LP	Lito	SIMPLES
158	Rio	Salinas, das	LP	Lito	SIMPLES
159	Riacho	Salitre, do	LP	Lito	SIMPLES
160	Riacho	Salobro	LP	Hidro-halo	SIMPLES
161	Riacho	São João	LP	Hagio	COMPOSTO
162	Rio	São Vicente	LP	Hagio	COMPOSTO
163	Lagoa	Seca	LP	Hidro-hipo	SIMPLES
164	Riacho	Seco	LP	Hidro-hipo	SIMPLES
165	Riacho	Serra, da	LP	Geomorfo	SIMPLES
166	Lagoa	Sítio, do	LP	Eco	SIMPLES
167	Riacho	Sussuapara ¹⁵⁶	LT	Zoo	SIMPLES
168	Riacho	Tabocas ¹⁵⁷ , das	LT	Fito	SIMPLES
169	Lagoa	Tabuleiro ¹⁵⁸ , do	LP	Geomorfo	SIMPLES
170	Riacho	Tabuleiro	LP	Geomorfo	SIMPLES
171	Riacho	Talhado ¹⁵⁹	LP	Geomorfo	SIMPLES

¹⁵⁴ No *DeHlp*, tem-se: “diz-se de ou animal, esp. bovino ou equino, cujo pelo é entremeado de fios brancos”.

¹⁵⁵ Em Souza (2004, p. 284), tem-se: “vários sentidos tem este termo em diferentes regiões do país. Na Bahia e em Pernambuco é grande corte, em forma de meia lua ou grande circo, que se apresenta nos **paredões abruptos dos bordos escarpados das serras e maços dos terrenos montanhosos**” (grifos nossos).

¹⁵⁶ No *DeHlp*, palavra do tupi *siwasua'para* 'veado-galheiro', com três acepções:

1 m.q. **cervo-do-pantanal** (*Blastocerus dichotomus*);

2 m.q. **cariacu** (*Odocoileus virginianus*);

3 m.q. **veado-campeiro** (*Ozotocerus bezoarticus*)

¹⁵⁷ No *DeHlp*, palavra do tupi *ta'woka*, mesmo que **taquara**, “design. comum a diversas plantas da fam. das gramíneas, cujo caule é ger. oco; bambu, bambu-taquara, taboca”. Em Baptista (1981, pp. 328 a 340), na “RELAÇÃO DAS PLANTAS NATIVAS DO PIAUÍ”, consta o nome de tal exemplar.

¹⁵⁸ No *DeHlp*, sob a rubrica da geografia, e como regionalismo do Nordeste, tem-se: “terreno pouco elevado de solo arenoso e vegetação rarefeita”.

Nº	Elemento Geográfico	Topônimo	Origem	Taxionomia	Estr. Morf.
172	Riacho	Tamboril ¹⁶⁰	LT	Fito	SIMPLES
173	Riacho	Tanque ¹⁶¹ , do	LP	Hidro	SIMPLES
174	Riacho	Tapera, da	LT	Eco	SIMPLES
175	Riacho	Terra do Sal, da	LP	Coro	COMPOSTO
176	Ribeira	Tranqueira, da	LP	Fito	SIMPLES
177	Lagoa	Tranqueira, da	LP	Fito	SIMPLES
178	Riacho	Troncos	LP	Fito	SIMPLES
179	Brejo	Tucano, do	LP	Zoo	SIMPLES
180	Riacho	Umbuzeiro ¹⁶² , do	LT	Fito	SIMPLES
181	Riacho	Urucu ¹⁶³ , do	LT	Fito	SIMPLES
182	Lagoa	Vacaria ¹⁶⁴ , da	LP	Zoo	SIMPLES
183	Lagoa	Veados, dos	LP	Zoo	SIMPLES
184	Lagoa	Velha	LP	Crono	SIMPLES
185	Lagoa	Verde	LP	Hidro- cromo	SIMPLES
186	Riacho	Vereda ¹⁶⁵ , da	LP	Geomorfo	SIMPLES
187	Lagoa	Vigário, do	LP	Socio	SIMPLES

¹⁵⁹ Em Souza (2004, p. 307): “assim se designa, em certas partes do Brasil Norte e Centro, o mesmo acidente que a nomenclatura universal denomina *cañon*, isto é, garganta em meio da qual ocorre um rio, trecho de seu curso em que corre entre ribanceiras íngremes, alcantiladas, vezes a pique”.

¹⁶⁰ No *DeHlp*, há três acepções: “1 m.q. *timboúva* (*Enterolobium timbouva*); 2 m.q. *pau carrapato* (*Lonchocarpus sericeus*); 3 Regionalismo: Pernambuco. m.q. *canafístula* (*Peltophorum dubium*). Do tupi *ta mbo ri* ‘tronco que deita humor’. Em Baptista (1981, pp. 328 a 340), na “RELAÇÃO DAS PLANTAS NATIVAS DO PIAUÍ”, consta o nome de tal exemplar.

¹⁶¹ Em Souza (2004, p. 308), tem-se: “além de ser empregado no sentido comum português, este vocábulo designa no Nordeste, da Bahia ao Maranhão, açude, grande reservatório de águas nas fazendas ou nos campos, feitos pela mão do homem, para a quadra das secas”.

¹⁶² No *DeHlp*, tem-se: “árvore (*Phytolacca dioica*) da fam. das Fitolacáceas, nativa da América do Sul, que encerra oxalato de cal em todas as suas partes, com copa frondosa, folhas grandes, ovadas, flores apétalas, róseas, em racemos, e bagas roxas, doces, us. como ração para suínos; bela-sombra, ceboleiro, maria-mole”. Do tupi *i'mbu* ‘nome comum a diversas plantas das fam. das Fitolacáceas’, com *i-* inicial tupi tb. adp. *ambu*, *imbu* e *ombu* + o sufixo português –eiro.

¹⁶³ No *DeHlp*, o mesmo que **urucum**: “árvore pequena (*Bixa orellana*) da fam. das bixáceas, nativa de regiões tropicais das Américas, com folhas ger. trilobadas, flores róseas em panículas, e cápsulas grandes, rosadas ou roxas, quando secas pardo-escuras, com espinhos moles e várias sementes; açafroa, açafroeira-da-terra, achiote, bixa, iricuzeiro, urucueiro, urucuuba, urucuzeiro, ururu [É cultivada no Brasil como ornamental e pelas sementes e polpa medicinais e esp. us. no fabrico de corantes.]”. Do tupi *uru'ku* ‘id.’

¹⁶⁴ No *DeHlp*: “1 manada de vacas; vacada; 2 gado vacum”.

¹⁶⁵ O *DeHlp* dá a seguinte acepção como um regionalismo do Nordeste: “região na zona das caatingas com maior abundância de água e de vegetação, localizada entre montanhas”. Souza (2004, p. 338), por sua vez, afirma: “No Nordeste, o sentido é diferente: assinala-o Luetzelburg em seu livro citado, às págs. 32 e 94 do 3º vol., onde lemos: “regiões providas de maior abundância d’água na zona caatingal, entre as montanhas e os vales dos rios, nos quais a vegetação é uma mistura dos agrestes e da caatinga. As *veredas* estão localizadas num solo arenoso, aluvial, com relva dura, e gramináceas em touços: gozam de geral estima entre os sertanejos como pasto precioso para o gado. São característicos das regiões limítrofes dos Estados da Bahia e do Piauí, especialmente ao sul das lagoas lendárias, entre S. Raimundo Nonato, Bom Jesus do rio Gurgueia e rio São Francisco””.

4.2.1.2 Dados da Ficha

Quadro 26: Percentual das taxes da Microrregião de Picos

Percentual das taxes								
Taxe	Nº	%	Taxe	Nº	%	Taxe	Nº	%
Animo	11	5,9	Eco	7	3,8	Lito	10	5,3
Antropo	9	4,9	Ergo	8	4,3	Meteoro	0	0
Astro	0	0	Etno	1	0,5	Mito	0	0
Axio	0	0	Fito	41	22	Morfo	1	0,5
Cardino	8	4,3	Geomorfo	14	7,5	Numero	0	0
Coro	2	1,1	Hagio	2	1,1	Polio	2	1,1
Cromo	0	0	Hidro	19	10,2	Socio	4	2,2
Crono	1	0,5	Hiero	0	0	Somato	1	0,5
Dimensio	7	3,8	Historio	0	0	Zoo	21	11,2
Dirremato	0	0	Hodo	2	1,1	n/c	16	8,6

Quadro 27: Percentual das origens dos Hidrônimos da Microrregião de Picos

Percentual das origens dos Hidrônimos		
Origem	Nº	%
LA	6	3,2
LAR	0	0
LC	0	0
LE	0	0
LIT	0	0
LJ	0	0
LP	144	77
LP + LA	00	00
LP + LT	0	0
LT	31	16,6
LT+ LP	3	1,6
não encontrada	3	1,6

4.2.2 Microrregião de Pio IX (07 municípios)

Município 1: **Alagoinha do Piauí**

Município 2: **Alegrete do Piauí**

Município 3: **Francisco Santos**

Município 4: **Monsenhor Hipólito**

Município 5: **Pio IX**

Município 6: **Santo Antônio de Lisboa**

Município 7: **São Julião**

4.2.2.1 Hidrônimos da microrregião de Pio IX

Quadro 28: Classificação taxionômica dos Hidrônimos da Microrregião de Pio IX

Nº	Elemento Geográfico	Topônimo	Origem	Taxionomia	Estr. Morf.
01	Lagoa	Agostinhos, dos	LP	Antropo	SIMPLES
02	Riacho	Agreste ¹⁶⁶	LP	Fito	SIMPLES
03	Riacho	Água Branca, da	LP	Hidro	COMPOSTO
04	Lagoa	Alagadiço, do	LP	Hidro	SIMPLES
05	Riacho	Alegre, do	LP	Animo	SIMPLES
06	Riacho	Angico, do	LP	Fito	SIMPLES
07	Riacho	Araguaia ¹⁶⁷ , do	LT	Zoo	SIMPLES
08	Lagoa	Arroz, do	LP	Fito	SIMPLES
09	Riacho	Bandeira, do	LP	Antropo	SIMPLES
10	Riacho	Braúna ¹⁶⁸ , da	LT	Fito	SIMPLES
11	Riacho	Baraúna, da	LT	Fito	SIMPLES
12	Riacho	Barauninha, da	LT	Fito	SIMPLES
13	Lagoa	Boa Vista	LP	Animo	COMPOSTO
14	Lagoa	Boi, do	LP	Zoo	SIMPLES
15	Riacho	Boi, do	LP	Zoo	SIMPLES
16	Riacho	Cabana, da	LP	Eco	SIMPLES
17	Riacho	Cachoeira Grande, da	LP	Hidro	COMPOSTO
18	Lagoa	Cachorro, do	LP	Zoo	SIMPLES
19	Riacho	Caiçara, da	LT	Ergo	SIMPLES
20	Lagoa	Cajueiro, do	LT	Fito	SIMPLES
21	Riacho	Cana-Brava	LP	Fito	COMPOSTO
22	Lagoa	Canto, do	LP	Cardino	SIMPLES
23	Riacho	Caranjão, do	n/e	n/c	SIMPLES
24	Lagoa	Carnaúba, da	LT	Fito	SIMPLES
25	Riacho	Carrancudo, do	LP	Animo	SIMPLES

¹⁶⁶ Em Baptista (1981, pp. 328 a 340), na “RELAÇÃO DAS PLANTAS NATIVAS DO PIAUÍ”, consta o nome de tal exemplar.

¹⁶⁷ Em Sampaio (1987, p. 198), tem-se: “ARAGUAYA s.c. **Ará-guaya**, os papagaios mansos”.

¹⁶⁸ No *DeHlp*, tem-se: “árvore de até 17 m (*Melanoxylon brauna*) da fam. das leguminosas, subfam. cesalpinioídea, nativa do Brasil (N.E., S.E., PR e SC), com uma das mais duras e incorruptíveis madeiras de lei brasileiras, acastanhada, quase negra nos espécimes mais velhos, casca us. em curtume, para extração de tintura negra e, como a seiva, em medicina e na indústria, folhas imparipenadas, grandes flores amarelas, em panículas, e frutos cilíndricos, grossos e tomentosos; canela, canela-amarela, coração-de-negro, maria-preta, rabo-de-macaco”. Do tupi *imbira'uma*.

Nº	Elemento Geográfico	Topônimo	Origem	Taxionomia	Estr. Morf.
26	Lagoa	Castorina ¹⁶⁹	LP	Ergo	SIMPLES
27	Riacho	Catingueira ¹⁷⁰ , da	LT	Fito	SIMPLES
28	Riacho	Catolé ¹⁷¹ , do	LP	Fito	SIMPLES
29	Lagoa	Cedro, do	LP	Fito	SIMPLES
30	Lagoa	Cercada	LP	n/c	SIMPLES
31	Riacho	Chicaque, do	n/e	n/c	SIMPLES
32	Riacho	Choupeiro, do	LP	Socio	SIMPLES
33	Riacho	Coco, do	LP	Fito	SIMPLES
34	Riacho	Cocos, dos	LP	Fito	SIMPLES
35	Lagoa	Comprida	LP	Dimensio	SIMPLES
36	Riacho	Conceição	LP	Antropo	SIMPLES
37	Riacho	Condado ¹⁷² , do	LP	n/c	SIMPLES
38	Córrego	Contas ¹⁷³ , das	LP	Hiero	SIMPLES
39	Riacho	Cordão, do	LP	Ergo	SIMPLES
40	Lagoa	Corimã ¹⁷⁴ , da	LT	Zoo	SIMPLES
41	Lagoa	Coroa, da	LP	Ergo	SIMPLES
42	Riacho	Coronzó, do	n/e	n/c	SIMPLES
43	Riacho	Cruz, da	LP	Hiero	SIMPLES
44	Lagoa	Dentro, de	LP	Cardino	SIMPLES
45	Lagoa	Dois Irmãos	LP	n/c	COMPOSTO
46	Lagoa	Ema, da	LP	Zoo	SIMPLES
47	Riacho	Empregado, do	LP	Socio	SIMPLES
48	Lagoa	Encanto, do	LP	Animo	SIMPLES
49	Lagoa	Espírito Santo, do	LP	Hiero	COMPOSTO

¹⁶⁹ No *DeHlp*, tem-se: “tecido de lã leve e sedoso”.

¹⁷⁰ No *DeHlp*, tem-se: “árvore (*Caesalpinia gardneriana*) de folhas bipenadas e flores amarelas, nativa do Brasil (PI a AL) e cultivada pela casca, de que se extrai tintura amarela, e como ornamental; caatinga, catinga”. Do tupi *kaa'tinga*, de *ka'a* 'mato, vegetação' e *'tinga* 'branco, claro' + o sufixo *-eiro*. Em Baptista (1981, pp. 328 a 340), na “RELAÇÃO DAS PLANTAS NATIVAS DO PIAUÍ”, consta o nome de tal exemplar.

¹⁷¹ No *DeHlp*, têm-se as seguintes acepções: “**1** Rubrica: angiospermas. m.q. *anajá-mirim* (*Attalea humilis*); **2** Rubrica: angiospermas. m.q. *curuatinga* (*Attalea spectabilis*); **3** Rubrica: angiospermas. m.q. *indaiá-do-campo* (*Attalea geraensis*); **4** Rubrica: angiospermas. m.q. *indaiá-rasteiro* (*Attalea exigua*); **5** Rubrica: angiospermas. m.q. *guariroba* (*Syagrus oleracea*). Em Baptista (1981, pp. 328 a 340), na “RELAÇÃO DAS PLANTAS NATIVAS DO PIAUÍ”, consta o nome de tal exemplar.

¹⁷² No *DeHlp*, têm-se, sob a rubrica da história, as seguintes acepções: “substantivo masculino; **1** Rubrica: história. terra dada em feudo pelo rei a um conde, para que este exercesse a jurisdição civil, política e militar; **2** Rubrica: história. terra possuída por um conde; **3** Rubrica: história. senhorio (terra de extensão variável) que conferia ao seu possuidor o título de conde”.

¹⁷³ No *DeHlp*, tem-se, como substantivo plural, a seguinte acepção, sob a rubrica: religião, “m.q. *terço*”.

¹⁷⁴ No *DeHlp*, há o registro da forma *curimã*, que significa, como regionalismo do Nordeste: “m.q. *tainha* ('designação comum)”. Ainda do *DeHlp*, do “tupi *kuri'ma* 'peixe, variedade de tainha”.

Nº	Elemento Geográfico	Topônimo	Origem	Taxionomia	Estr. Morf.
50	Lagoa	Exu ¹⁷⁵ , do	LA	Hiero	SIMPLES
51	Riacho	Favelas ¹⁷⁶ , das	LP	Fito	SIMPLES
52	Lagoa	Gameleira, da	LP	Fito	SIMPLES
53	Riacho	Garapa ¹⁷⁷ , da	LP	Ergo	SIMPLES
54	Riacho	Garganta ¹⁷⁸ , da	LP	Geomorfo	SIMPLES
55	Lagoa	Gavião, do	LP	Zoo	SIMPLES
56	Lagoa	Grande	LP	Dimensio	SIMPLES
57	Riacho	Graúno ¹⁷⁹ , do	LT	Zoo	SIMPLES
58	Riacho	Grotão	LP	Geomorfo	SIMPLES
59	Rio	Guaribas	LT	Zoo	SIMPLES
60	Riacho	Gurgueia, do	LJ	Hidro	SIMPLES
61	Riacho	Ilha, da	LP	Geomorfo	SIMPLES
62	Riacho	Inharé ¹⁸⁰ , do	n/e	Fito	SIMPLES
63	Riacho	Jabuti	LT	Zoo	SIMPLES
64	Lagoa	Jiquitaia ¹⁸¹ , da	LT	Fito	SIMPLES
65	Riacho	Lagoa do Rocha, da	LP	Hidro	COMPOSTO
66	Riacho	Lambedor ¹⁸² , do	LP	Ergo	SIMPLES
67	Riacho	Latadas ¹⁸³ , das	LP	Ergo	SIMPLES
68	Lagoa	Macapá ¹⁸⁴ , do	LC	Fito	SIMPLES
69	Riacho	Madeira Cortada, da	LP	Fito	COMPOSTO
70	Riacho	Mandu ¹⁸⁵ , do	LT	Historio	SIMPLES

¹⁷⁵ No *DeHlp*, tem-se, “orixá do panteão nagô ou cada um dos entes espirituais que fazem de criados dos orixás e de intermediários entre estes e os homens, dados como de índole vaidosa e suscetível [Desde a África, assimilado pelos missionários cristãos ao diabo cristão, Exu faz tb. de entidade protetora e ligada aos ritos de divinação nas religiões afro-brasileiras.]”.

¹⁷⁶ No *DeHlp*, tem-se: “arbusto ou árvore (*Jatropha phyllacantha*) da fam. das euforbiáceas, que ocorre no Brasil (N.E. e S.E.), de ramos lenhosos, folhas repandas ou sinuosas e denteadas, flores brancas, em cimeiras, e cápsulas escuras, verrucosas, com sementes oleaginosas e de que se faz farinha rica em proteínas e sais minerais; faveleira, faveleiro, mandioca-brava”.

¹⁷⁷ No *DeHlp*, tem-se, “caldo extraído da cana-de-açúcar”.

¹⁷⁸ Em Souza (2004, p. 157), vê-se: “como acidente orográfico é o ponto mais baixo em que se pode transpor uma serra e donde partes vales opostos; como acidente potâmico, é sinônimo de *cañon, funil, brechão*”.

¹⁷⁹ Deve tratar-se de uma variação ortográfica de Graúna, que, no *DeHlp* é: “m.q. *iraúna-grande* (*Scaphidura oryzivora*)”. Do tupi *gwara'una* < *gwa'ra* 'ave, guará' + *'una* 'preto, negro' e de *gwi'ra* 'ave' + *'una* 'id.'.

¹⁸⁰ Em Baptista (1981, pp. 328 a 340), na “RELAÇÃO DAS PLANTAS NATIVAS DO PIAUÍ”, consta o nome de tal exemplar.

¹⁸¹ No *DeHlp*, tem-se: “pimenta-malagueta seca e reduzida a pó”.

¹⁸² No *DeHlp*, como regionalismo do Nordeste, tem-se: “xarope ou beberagem feita ger. com mel de abelha”.

¹⁸³ No *DeHlp*, como regionalismo do Nordeste, tem-se: “no sertão, alpendre de casa pobre”.

¹⁸⁴ Em Cardoso (1961, p. 360), tem-se: “étimo do galibí *macapá*, palmeira do mesmo nome”.

Nº	Elemento Geográfico	Topônimo	Origem	Taxionomia	Estr. Morf.
71	Lagoa	Manoel Rufino	LP	Antropo	COMPOSTO
72	Riacho	Maravilha	LP	Animo	SIMPLES
73	Rio	Marçal	LP	Antropo	SIMPLES
74	Riacho	Marruás ¹⁸⁶	LP	Zoo	SIMPLES
75	Lagoa	Mato, do	LP	Fito	SIMPLES
76	Riacho	Maurício, do	LP	Antropo	SIMPLES
77	Lagoa	Meio, do	LP	Cardino	SIMPLES
78	Riacho	Mercador, do	LP	Socio	SIMPLES
79	Riacho	Miroró, do	LT	Fito	SIMPLES
80	Lagoa	Mosele	LP	Antropo	SIMPLES
81	Riacho	Mosele, da	LP	Antropo	SIMPLES
82	Riacho	Mulungu ¹⁸⁷ , do	LA	Fito	SIMPLES
83	Riacho	Olho d'Água	LP	Hidro	COMPOSTO
84	Riacho	Pai João, do	LP	Antropo	COMPOSTO
85	Riacho	Pajeú ¹⁸⁸	LT	Ergo	SIMPLES
86	Lagoa	Pão Preto, do	LP	Ergo	COMPOSTO
87	Lagoa	Pau Ferro ¹⁸⁹ , do	LP	Fito	COMPOSTO
88	Lagoa	Pau-de-Ferro, do	LP	Fito	COMPOSTO
89	Lagoa	Pedra, da	LP	Lito	SIMPLES
90	Lagoa	Pedras, das	LP	Lito	SIMPLES
91	Lagoa	Pedros, dos	LP	Antropo	SIMPLES
92	Lagoa	Perdição, da	LP	Animo	SIMPLES

¹⁸⁵ Baptista (1994, p. 36), ao tratar da revolta de 1712, na qual os índios do Piauí investiram, pela primeira vez, numa “tentativa violenta e englobante” contra os dominadores, faz referência ao líder da revolta, na seguinte passagem: “Do norte, das matas do Iguara, no alto Parnaíba, a luta se inicia e as tribos atacam sem tréguas, reatacavam. Chefiadas por um índio domesticado (ou assim julgado), pernambucano, conhecido por MANDU-LADINO, se torna uma revolta poderosa que obriga o governo do Maranhão a mandar exercito organizado para tentar dominá-la”.

¹⁸⁶ No *DeHlp*, como regionalismo do Brasil, tem-se: “1 diz-se de ou touro bravo, violento; 2 diz-se de ou novilho domesticado; 3 diz-se de ou garrote castrado”.

¹⁸⁷ No *DeHlp*, tem-se: “design. comum a diversas árvores do gên *Erythrina*, da fam. das leguminosas, subfam. papilionoídea, de flores vermelhas ou cor de laranja, muito cultivadas como ornamentais e sombreiras; mulunguzeiro”. Ainda no *DeHlp*, provavelmente do umbundo. Em Baptista (1981, pp. 328 a 340), na “RELAÇÃO DAS PLANTAS NATIVAS DO PIAUÍ”, consta o nome de tal exemplar.

¹⁸⁸ No *DeHlp*, como regionalismo do Nordeste do Brasil, tem-se: “espécie de punhal com cabo de chifre que forma anéis pretos e brancos; pajeuzeira”. No *DeHlp*, “segundo Nascentes, tupi *pa'ye u*”.

¹⁸⁹ Em Lorenzi (2008, p. 127), tem-se: “Altura de 20-30m, com tronco pouco fenestrado, liso e marmorizado, de 50-80m cm de diâmetro, revestido por casca com ritidoma laminado; ramos novos lenticelados. Folhas compostas binadas, paripinadas, com 4-6 pares de pinas, cada pina com 6-12 pares de foliólulos elípticos a oblongo-elípticos até oblongos, de base arredondada e ápice retuso e submarginado. Flores em panículas terminais, amarelas, diclamídeas, zigomorfas, com ovário súpero. Frutos vagem lustrosa e indeiscente”. “**Ocorrência:** do Piauí até São Paulo na floresta pluvial da encosta atlântica”.

Nº	Elemento Geográfico	Topônimo	Origem	Taxionomia	Estr. Morf.
93	Riacho	Picada, da	LP	Hodo	SIMPLES
94	Riacho	Pitombeira, da	LT	Fito	SIMPLES
95	Riacho	Poço do Couro	LP	Hidro	COMPOSTO
96	Riacho	Poço Escuro, do	LP	Hidro	COMPOSTO
97	Lagoa	Pombas, das	LP	Zoo	SIMPLES
98	Lagoa	Pombo, do	LP	Zoo	SIMPLES
99	Riacho	Raposa, da	LP	Zoo	SIMPLES
100	Riacho	Recanto, do	LP	Animo	SIMPLES
101	Lagoa	Redonda	LP	Morfo	SIMPLES
102	Riacho	Retiro ¹⁹⁰ , do	LP	Eco	SIMPLES
103	-	Riachão	LP	Hidro	SIMPLES
104	Riacho	Riachão, do	LP	Hidro	SIMPLES
105	Riacho	Saco, do	LP	Geomorfo	SIMPLES
106	Riacho	Saco da Boa Vista	LP	Geomorfo	COMPOSTO
107	Riacho	Saco da Pedra Furada	LP	Geomorfo	COMPOSTO
108	Riacho	Saco do Catolé	LP	Geomorfo	COMPOSTO
109	Riacho	Saco do Cedro	LP	Geomorfo	COMPOSTO
110	Riacho	Saco Fechado	LP	Geomorfo	COMPOSTO
111	Riacho	Salamanca ¹⁹¹ , da	LE	Coro	SIMPLES
112	Riacho	Salgado, do	LP	Lito	SIMPLES
113	Riacho	Salina, da	LP	Lito	SIMPLES
114	Lagoa	Samambaia ¹⁹² , da	LT	Fito	SIMPLES
115	Rio	Sambito	LP	Hagio	SIMPLES
116	Riacho	São João, de	LP	Hagio	COMPOSTO
117	Riacho	São Julião	LP	Hagio	COMPOSTO
118	Riacho	São Luís	LP	Hagio	COMPOSTO
119	Riacho	São Vicente	LP	Hagio	COMPOSTO
120	Córrego	Saquinho	LP	Geomorfo	SIMPLES
121	Riacho	Saquinho	LP	Geomorfo	SIMPLES

¹⁹⁰ No *DeHlp*, como regionalismo brasileiro, significa: “fazenda em que se põe o gado durante certas épocas do ano; rancho para guarda do gado durante o inverno”.

¹⁹¹ Pode ser uma alusão à cidade espanhola de Salamanca.

¹⁹² No *DeHlp*, tem-se: “design. comum a inúmeras pteridófitas, ger. cultivadas como ornamentais; sambambaia”. Ainda no *DeHlp*: “tupi *çama-mbai* 'trançado de cordas', alusão à trama confusa dessas plantas invasoras, segundo Teodoro Sampaio”.

Nº	Elemento Geográfico	Topônimo	Origem	Taxionomia	Estr. Morf.
122	Lagoa	Seca	LP	Hidro-hipo	SIMPLES
123	Lagoa	Seriema ¹⁹³ , da	LT	Zoo	SIMPLES
124	Riacho	Serragem, da	LP	n/c	SIMPLES
125	Riacho	Silveira, do	LP	Antropo	SIMPLES
126	Riacho	Sobrado	LP	Eco	SIMPLES
127	Riacho	Socorro	LP	Animo	SIMPLES
128	Riacho	Soledade, da	LP	Antropo	SIMPLES
129	Riacho	Taboca, da	LT	Fito	SIMPLES
130	Riacho	Tanque, do	LP	Hidro	SIMPLES
131	Riacho	Tanque Novo, do	LP	Hidro por qualif.	COMPOSTO
132	Lagoa	Tapagem ¹⁹⁴ , da	LP	Hidro	SIMPLES
133	Lagoa	Tigre, do	LP	Zoo	SIMPLES
134	Riacho	Três Riachos	LP	Hidro por quant.	COMPOSTO
135	Lagoa	Umbuzeiro, do	LT	Fito	SIMPLES
136	Riacho	Varjota ¹⁹⁵	LP	Geomorfo	SIMPLES
137	Lagoa	Xiquexique ¹⁹⁶ , do	LJ	Fito	SIMPLES

4.2.2.2 Dados da Ficha

Quadro 29: Percentual das taxes da Microrregião de Pio IX

Percentual das taxes								
Taxe	Nº	%	Taxe	Nº	%	Taxe	Nº	%
Animo	08	5,8	Eco	03	2,2	Lito	04	2,9
Antropo	12	8,8	Ergo	09	6,6	Meteoro	00	00
Astro	00	00	Etno	00	00	Mito	00	00

¹⁹³ No *DeHlp*, tem-se: “ave gruiforme da fam. dos cariamídeos (*Cariama cristata*), encontrada em campos e cerrados da Argentina, Uruguai, Paraguai e da Bolívia ao Brasil central e oriental; atinge 90 cm de comprimento e possui plumagem cinzenta com tons pardos ou amarelados e um feixe de penas eriçadas na base do bico vermelho; sariema, seriema-de-pé-vermelho [Por alimentar-se, dentre vários pequenos animais, de gafanhotos, roedores e até de cobras, é considerada muito útil em fazendas.]”. Ainda no *DeHlp*, do “tupi *sari'ama*”.

¹⁹⁴ Em Souza (2004, p. 308), tem-se: “palavra que, em geral, se emprega no sentio de barragem de terra que com que se represam rios, riachos e *igarapés* para conservar o peixe, armazenar água para o gado, irrigar terras de em torno, etc.”.

¹⁹⁵ Em Souza (2004, p. 334), tem-se: “várzea ou vargem pequena. Muito usado na Bahia e Estados vizinhos”.

¹⁹⁶ No *DeHlp*, tem-se: “design. comum a vários subarbustos ou ervas lenhosas do gên. *Crotalaria*, da fam. das leguminosas, subfam. papilionoídea, que ocorrem, em sua maioria, no Brasil e são freq. us. como adubo verde”. Ainda no *DeHlp*, “orig. tapuia”.

Percentual das taxes								
Taxe	Nº	%	Taxe	Nº	%	Taxe	Nº	%
Axio	00	00	Fito	30	21,9	Morfo	01	0,7
Cardino	03	2,2	Geomorfo	12	8,8	Numero	00	00
Coro	01	0,7	Hagio	05	3,6	Polio	00	00
Cromo	00	00	Hidro	15	11	Socio	03	2,2
Crono	00	00	Hiero	04	2,9	Somato	00	00
Dimensio	02	1,5	Historio	01	0,7	Zoo	16	11,7
Dirremato	00	00	Hodo	01	0,7	n/c	07	5,1

Quadro 30: Percentual das origens dos Hidrônimos da Microrregião de Pio IX

Percentual das origens dos Hidrônimos		
Origem	Nº	%
LA	02	1,5
LAR	00	00
LC	01	0,7
LE	01	0,7
LIT	00	00
LJ	02	1,5
LP	106	77,4
LP + LA	00	00
LP + LT	00	00
LT	21	15,3
LT+ LP	00	00
não encontrada	04	2,9

4.2.3 Microrregião do Alto Médio Canindé (39 municípios)

Município 1: **Acauã**

Município 2: **Bela Vista do Piauí**

Município 3: **Belém do Piauí**

Município 4: **Betânia do Piauí**

Município 5: **Caldeirão Grande do Piauí**

Município 6: **Campinas do Piauí**

Município 7: **Campo Alegre do Fidalgo**

Município 8: **Campo Grande do Piauí**

Município 9: **Capitão Gervásio Oliveira**

Município 10: **Caridade do Piauí**

Município 11: **Conceição do Canindé**

Município 12: **Curral Novo do Piauí**

Município 13: **Floresta do Piauí**

Município 14: **Francisco Macedo**

Município 15: **Fronteiras**

Município 16: **Isaías Coelho**

Município 17: **Itainópolis**

Município 18: **Jacobina do Piauí**

Município 19: **Jaicós**

Município 20: **João Costa**

Município 21: **Lagoa do Barro do Piauí**

Município 22: **Marcolândia**

Município 23: **Massapê do Piauí**

Município 24: **Nova Santa Rita**

Município 25: **Padre Marcos**

Município 26: **Paes Landim**

Município 27: **Patos do Piauí**

Município 28: **Paulistana**

Município 29: **Pedro Laurentino**

Município 30: Queimada Nova
 Município 31: Ribeira do Piauí
 Município 32: Santo Inácio do Piauí
 Município 33: São Francisco de Assis do Piauí
 Município 34: São João do Piauí

Município 35: Simões
 Município 36: Simplício Mendes
 Município 37: Socorro do Piauí
 Município 38: Vera Mendes
 Município 39: Vila Nova do Piauí

4.2.3.1 Hidrônimos da microrregião do Alto Médio Canindé

Quadro 31: Classificação Taxionômica dos Hidrônimos da Microrregião do Alto Médio Canindé

Nº	Elemento Geográfico	Topônimo	Origem	Taxionomia	Estr. Morf.
01	Lagoa	Achada	LP	Animo	SIMPLES
02	Riacho	Agrestão	LP	Fito	SIMPLES
03	Riacho	Água Suja, da	LP	Hidro	COMPOSTO
04	Lagoa	Aguapé ¹⁹⁷ , do	LT	Fito	SIMPLES
05	Lagoa	Alagadiço	LP	Hidro	SIMPLES
06	Lagoa	Alagadiço, do	LP	Hidro	SIMPLES
07	Lagoa	Alagadiço Grande, do	LP	Hidro	COMPOSTO
08	Lagoa	Alagadiço Pequeno, do	LP	Hidro	COMPOSTO
09	Lagoa	Alexandre, do	LP	Antropo	SIMPLES
10	Riacho	Alívio	LP	Animo	SIMPLES
11	Riacho	Alto Alegre	LP	Geomorfo	COMPOSTO
12	Riacho	Amarante	LP	Antropo	SIMPLES
13	Riacho	Angico, do	LP	Fito	SIMPLES
14	Rio	Anselmo, do	LP	Antropo	SIMPLES
15	Riacho	Araçá ¹⁹⁸ , do	LT	Fito	SIMPLES
16	Riacho	Arara ¹⁹⁹ , da	LT	Zoo	SIMPLES
17	Lagoa	Areia, da	LP	Lito	SIMPLES
18	Lagoa	Arroz, do	LP	Fito	SIMPLES
19	Riacho	Azulão	LP	Hidro-cromo	SIMPLES
20	Lagoa	Baixa, da	LP	Geomorfo	SIMPLES
21	Riacho	Baixa, da	LP	Geomorfo	SIMPLES
22	Riacho	Baixa da Lima	LP	Geomorfo	COMPOSTO

¹⁹⁷ Segundo Sampaio (1987, p. 191), do Tupi “**Aguá-pe**, coisa redonda e chata; a planta vulgarmente chamada de **guapé, guapéba, guapéva**, que cobre a superfície dos lagos e das águas remansadas (*Nymphéa*)”.

¹⁹⁸ Segundo o *DeHlp*, do Tupi *ara'sa*, que designa “vários arbustos e árvores dos gên. *Psidium* e *Campomanesia* e a alguns do gên. *Myrcia*, da fam. das mirtáceas, com o tronco malhado e frutos bacáceos, semelhantes aos da goiabeira (*Psidium guajava*) e ger. comestíveis; araçareiro, araçazeiro, araçoeiro”.

¹⁹⁹ Segundo o *DeHlp*, do Tupi *a'rara*, que designa “algumas aves psitacíformes da fam. dos psitacídeos (*Anodorhynchus*, *Ara* e *Cyanopsitta*), que ocorrem na América Latina, possuem grande porte e são dotadas de bico alto, recurvado e de cauda longa”.

Nº	Elemento Geográfico	Topônimo	Origem	Taxionomia	Estr. Morf.
23	Riacho	Baixa do Girau	LP + LT	Geomorfo	COMPOSTO HÍBRIDO
24	Rio	Baixa Grande	LP	Geomorfo	COMPOSTO
25	Córrego	Baixão ²⁰⁰ do Salitre	LP	Geomorfo	COMPOSTO
26	Riacho	Baixio ²⁰¹ , do	LP	Hidro	SIMPLES
27	Lagoa	Baixo, de	LP	Cardino	SIMPLES
28	Lagoa	Bananeira, da	LA	Fito	SIMPLES
29	Riacho	Bandeira, do	LP	Antropo	SIMPLES
30	Riacho	Barranca ²⁰² do Padre	LP	Geomorfo	COMPOSTO
31	Riacho	Barreiro ²⁰³	LP	Lito	SIMPLES
32	Lagoa	Barrinha ²⁰⁴ , da	LP	Geomorfo	SIMPLES
33	Lagoa	Barro, do	LP	Lito	SIMPLES
34	Riacho	Barro, do	LP	Lito	SIMPLES
35	Lagoa	Barro Branco, do	LP	Lito	COMPOSTO
36	Lagoa	Barro do Piauí, do	LP + LT	Lito	COMPOSTO HÍBRIDO
37	Lagoa	Barro Duro, do	LP	Lito	COMPOSTO
38	Riacho	Batateira	LP	Fito	SIMPLES
39	Riacho	Boa Esperança	LP	Animo	COMPOSTO

²⁰⁰ Souza (2004, p. 23) diz ser o mesmo que baixadão, que, por seu turno, é uma baixada grande. Esta, sem o adjetivo grande, refere-se a “uma depressão de terreno entre lombadas mais ou menos elevadas, equivalente ao que no Sul do país, se chama *canhada*. Ainda no verbete para “Baixão”, continua o autor: “O termo é muito usado no oeste da Bahia e no Piauí. À pág. 33 do 4º vol. do livro *O Piauí no Centenário da Independência*, encontramos os seguintes passos: “Os imigrantes lá (em Miguel Alves, à margem do Parnaíba, 26 léguas, abaixo de Teresina) chegavam de todas as paragens, atraídos pelas notícias de fertilidade das terras, dos lugares circunvizinhos, com especialidade dos extensos *baixões* que lhe ficam ao sul e ao norte e que, durante o verão, se prestam admiravelmente para a cultura do fumo, do algodão, do milho, da abóbora, do melão, da melancia, da batata e de toda sorte de hortaliças, verduras e tubérculos”(…). Pelo que se expôs, os termos “Baixada”, “Baixadão” e “Baixão” foram classificados neste estudo como Geomorfotopônimo.

²⁰¹ Já sobre o termo “Baixio”, o entendimento passa a ser outro, pois, com Luetzelburg (*apud* Souza *op. cit.*), à página 32 do 3º vol. de seu *Estudo Botânico do Nordeste*, tem-se: “Enquanto as vazantes acompanham sempre os rios ou lagos, dos quais recebem água, os *baixios*, ao contrário, estão situados entre as cadeias das serras, formando ali bacias sem escoadouro, de forma que as águas, nos tempos das chuvas, correndo das serras, armazenando-se ali, formando açudes, na falta de sangradouro ficam represadas e infiltram-se no solo, originando maior viçosidade da vegetação existente”. Esta relação do termo “Baixio” com o mundo das águas parece se confirmar com Baptista (1981, p. 166), que, ao discorrer sobre o Baixo Parnaíba, afirma: “As cachoeiras desapareceram, com exceção de alguns baixios”. Por essa razão, o termo “Baixio” foi classificado como um Hidro.

²⁰² No *DeHlp*, o mesmo que barranco, que significa: “quebrada do terreno, alta e de forte vertente, ocasionada por chuva, deslizamento ou pela ação do homem; baianca”.

²⁰³ Em Souza (2004, p. 36), a palavra BARREIRO, em acepção comum em Pernambuco, estado limítrofe com o Piauí, designa, conforme Rodolfo Garcia, “fosso escavado em terreno argiloso para reter e conservar por algum tempo a água das chuvas, principalmente na região da catinga, onde ela escasseia – poço”.

²⁰⁴ Em Souza (2004, p. 42), tem-se: “No Brasil, (...), se emprega entre outras, a saber: na de bancos ou coroas de areia e de outros sedimentos trazidos pelos rios e depositados nas suas bocas e nas dos estuários, resultantes da ação conjugada das correntes fluviais e das vagas e correntes marinhas”.

Nº	Elemento Geográfico	Topônimo	Origem	Taxionomia	Estr. Morf.
40	Lagoa	Boa Vista	LP	Animo	COMPOSTO
41	Riacho	Boa Vista	LP	Animo	COMPOSTO
42	Riacho	Boa Vista, da	LP	Animo	COMPOSTO
43	Riacho	Bocaina ²⁰⁵	LP	Geomorfo	SIMPLES
44	Lagoa	Boi, do	LP	Zoo	SIMPLES
45	Lagoa	Boi Velho, do	LP	Zoo por qualif.	COMPOSTO
46	Lagoa	Boiada, da	LP	Zoo	SIMPLES
47	Riacho	Bom Jardim	LP	Fito	COMPOSTO
48	Riacho	Bom Jesus	LP	Hiero	COMPOSTO
49	Riacho	Bonito, do	LP	Animo	SIMPLES
50	Lagoa	Boqueirão, do	LP	Geomorfo	SIMPLES
51	Riacho	Boqueirão	LP	Geomorfo	SIMPLES
52	Riacho	Boqueirão, do	LP	Geomorfo	SIMPLES
53	Lagoa	Braúna	LT	Fito	SIMPLES
54	Riacho	Braúna	LT	Fito	SIMPLES
55	Riacho	Braúnas, das	LT	Fito	SIMPLES
56	Riacho	Brejo, do	LP	Hidro	SIMPLES
57	Riacho	Brejo da Salina	LP	Hidro	COMPOSTO
58	Lagoa	Buriti, do	LT	Fito	SIMPLES
59	Riacho	Cabaças	LP	Fito	SIMPLES
60	Riacho	Cabaceira	LP	Fito	SIMPLES
61	Riacho	Caboclo ²⁰⁶ , do	LT	Etno	SIMPLES
62	Riacho	Cachê, do	LP	n/c	SIMPLES
63	Riacho	Cachoeira, da	LP	Hidro	SIMPLES
64	Riacho	Cachoeira do Roberto	LP	Hidro	COMPOSTO
65	Riacho	Cachoeira Grande, da	LP	Hidro	COMPOSTO
66	Lagoa	Cachorro, do	LP	Zoo	SIMPLES
67	Riacho	Cacimbas ²⁰⁷ , das	LA	Hidro	SIMPLES
68	Lagoa	Caiçara	LT	Ergo	SIMPLES
69	Lagoa	Caiçara, da	LT	Ergo	SIMPLES
70	Riacho	Caipora ²⁰⁸ , da	LT	Mito	SIMPLES

²⁰⁵ Souza (2004, p. 42) entende como “depressão, colo, garganta, *boqueirão* das serras, termo mais usado no Sul do Brasil”.

²⁰⁶ No *DeHlp*: do “tupi *kara'íwa* 'homem branco' e tupi *'oka* 'casa”.

²⁰⁷ No Dicionário Etimológico de Cunha (2001, p. 134), do quimb. Ki'šima ‘poço’. No *DeHlp*, como regionalismo do Nordeste, há a seguinte acepção: “escavação, semelhante a um poço, em local baixo e úmido ou em leito seco de rio, onde a água do solo se acumula”.

²⁰⁸ No *DeHlp*, do Tupi: “*kaa'pora* formado de *ka'a* 'mato' e *'pora* 'habitante de', donde tb. *caapora*”.

Nº	Elemento Geográfico	Topônimo	Origem	Taxionomia	Estr. Morf.
71	Lagoa	Cajazeiro, do	LT	Fito	SIMPLES
72	Riacho	Caldeirãozinho	LP	Hidro	SIMPLES
73	Lagoa	Campo Largo, do	LP	Geomorfo	COMPOSTO
74	Lagoa	Canafístula ²⁰⁹ , da	LP	Fito	SIMPLES
75	Riacho	Canas, das	LP	Fito	SIMPLES
76	Rio	Canindé	LT	Zoo	SIMPLES
77	Riacho	Cantinho, do	LP	Cardino	SIMPLES
78	Riacho	Canto, do	LP	Cardino	SIMPLES
79	Lagoa	Canto da Volta	LP	Cardino	COMPOSTO
80	Lagoa	Canutos, dos	LP	n/c	SIMPLES
81	Riacho	Canutos, dos	LP	n/c	SIMPLES
82	Lagoa	Capim ²¹⁰ , do	LT	Fito	SIMPLES
83	Riacho	Capim Grosso	LT + LP	Fito	COMPOSTO HÍBRIDO
84	Riacho	Capivara, da	LT	Zoo	SIMPLES
85	Riacho	Caraíbas ²¹¹ , das	LT	Fito	SIMPLES
86	Riacho	Caranjão, do	n/e	n/c	SIMPLES
87	Riacho	Carcará ²¹²	LT	Zoo	SIMPLES
88	Lagoa	Carnaíba, da	LT	Fito	SIMPLES
89	Riacho	Carnaíba	LT	Fito	SIMPLES
90	Riacho	Carnaíba, do	LT	Fito	SIMPLES
91	Lagoa	Carnaúba, da	LT	Fito	SIMPLES
92	Riacho	Carreiras	LP	Hodo	SIMPLES
93	Lagoa	Castanheiro, do	LP	Fito	SIMPLES
94	Riacho	Castelo	LP	Eco	SIMPLES
95	Riacho	Catingueira, da	LT	Fito	SIMPLES

²⁰⁹ No *DeHlp*, tem-se: “design. comum a árvores e arbustos dos gên. *Cassia*, *Senna* e *Peltophorum*, da fam. das leguminosas, subfam. cesalpinioídea, ger. de boa madeira, com flores amarelas em inflorescências vistosas”.

²¹⁰ Para Sampaio (1987, p. 215), do Tupi “**Caapii**, a planta de folha fina; a erva miúda”.

²¹¹ Para Sampaio (1987, p.217), do Tupi “**CARAHYBA** *adj.* Forte, duro, valente, sábio; sagrado, santo. *Alt. caray, caryba, caríua, carahy*”. No *DeHlp*, tem-se a seguinte acepção: “árvore pequena (*Tabebuia caraíba*), da fam. das bignoniáceas, nativa do Brasil (AMAZ, CE, MG, SP, C.-O.), de boa madeira, casca amarga, febrífuga, flores amarelas e frutos capsulares; caraúba, caraúba-do-campo, carobeira, paratudo”. Lorenzi (2008, p. 75) apresenta como uma sinonímia botânica para *Tabebuia caraíba* a *Tabebuia aurea*, a qual ocorre: “Região Amazônica e Nordeste até São Paulo e Mato Grosso do Sul, no **cerrado**, na **caatinga** e no Pantanal matogrossense” (grifos nossos).

²¹² No *DeHlp*, do Tupi *karaka'ra*. No mesmo Dicionário, há a seguinte acepção: “ave falconiforme, onívora, da fam. dos falconídeos (*Caracara plancus*), encontrada da Flórida até a Terra do Fogo e por todo o Brasil, com até 56 cm de comprimento, plumagem alvinegra, face e cera amarelas ou vermelhas, cabeça branca com penacho nugal negro, peito e cauda barrados de negro e asas com extremidades brancas; carancho, carcará [Ave freq. observada sobrevoando áreas de queimadas, à procura de alimentos.]”.

Nº	Elemento Geográfico	Topônimo	Origem	Taxionomia	Estr. Morf.
96	Riacho	Catolé, do	LP	Fito	SIMPLES
97	Lagoa	Cavalos, dos	LP	Zoo	SIMPLES
98	Lagoa	Cercada	LP	n/c	SIMPLES
99	Lagoa	Chapada, da	LP	Geomorfo	SIMPLES
100	Riacho	Choupeiro	LP	Socio	SIMPLES
101	Riacho	Choupeiro, do	LP	Socio	SIMPLES
102	Riacho	Chupeiro ²¹³ , do	LP	Socio	SIMPLES
103	Lagoa	Cima, de	LP	Cardino	SIMPLES
104	Riacho	Cipoal ²¹⁴ , do	LT	Fito	SIMPLES
105	Lagoa	Colina, da	LP	Geomorfo	SIMPLES
106	Lagoa	Comprida	LP	Dimensio	SIMPLES
107	Riacho	Condado, do	LP	n/c	SIMPLES
108	Riacho	Corda, da	LP	Ergo	SIMPLES
109	Lagoa	Corimã, da	LT	Zoo	SIMPLES
110	Riacho	Cume ²¹⁵ , do	LP	Cardino	SIMPLES
111	Riacho	Curimatá	LT	Zoo	SIMPLES
112	Lagoa	Currais, dos	LP	Socio	SIMPLES
113	Lagoa	Curral Queimado, do	LP	Socio	COMPOSTO
114	Lagoa	Curral Velho, do	LP	Socio por qualif.	COMPOSTO
115	Lagoa	Curralinho, do	LP	Socio	SIMPLES
116	Lagoa	D'anta	LP	Zoo	SIMPLES
117	Lagoa	Dentro, de	LP	Cardino	SIMPLES
118	Riacho	Dois Irmãos	LP	n/c	COMPOSTO
119	Riacho	Dominguinhos	LP	Antropo	SIMPLES
120	Riacho	Emparedado	LP	n/c	SIMPLES
121	Lagoa	Encanto, do	LP	Animo	SIMPLES
122	Lagoa	Espadado, do	LP	n/c	SIMPLES
123	Lagoa	Espinheiro, do	LP	Fito	SIMPLES
124	Lagoa	Extremas ²¹⁶ , das	LP	Cardino	SIMPLES
125	Lagoa	Exu, do	LA	Hiero	SIMPLES
126	Riacho	Faustina	LP	Antropo	SIMPLES
127	Riacho	Favelas, das	LP	Fito	SIMPLES
128	Riacho	Fazenda Nova	LP	Eco por	COMPOSTO

²¹³ Deve tratar-se de uma variação ortográfica de *Choupeiro*.

²¹⁴ No *DeHlp*, tem-se: “mato emaranhado e denso de cipós, difícil de atravessar”. Ainda no *DeHlp*, do “tupi *ĩsĩ’po*”.

²¹⁵ No *DeHlp*, tem-se: “ponto ou parte mais alta (de monte, serra etc.); cimo, ápice; acume”.

²¹⁶ No *DeHlp*, tem-se: “o ponto mais distante que se pode alcançar com a vista”.

Nº	Elemento Geográfico	Topônimo	Origem	Taxionomia qualif.	Estr. Morf.
129	Lagoa	Feijão, do	LP	Fito	SIMPLES
130	Lagoa	Ferreira, do	LP	Antropo	SIMPLES
131	Rio	Fidalgo	LP	Axio	SIMPLES
132	Riacho	Fidalgo, do	LP	Axio	SIMPLES
133	Lagoa	Fogo, do	LP	n/c	SIMPLES
134	Lagoa	Fome, da	LP	Animo	SIMPLES
135	Riacho	Fome, da	LP	Animo	SIMPLES
136	Lagoa	Fora, de	LP	Cardino	SIMPLES
137	Riacho	Formosa	LP	n/c	SIMPLES
138	Riacho	Fraga, do	LP	Antropo	SIMPLES
139	Lagoa	Fraga, do	LP	Antropo	SIMPLES
140	Lagoa	Funda	LP	Dimensio	SIMPLES
141	Riacho	Fundo	LP	Dimensio	SIMPLES
142	Riacho	Gambá ²¹⁷ , da	LT	Zoo	SIMPLES
143	Riacho	Gameleira	LP	Fito	SIMPLES
144	Riacho	Gameleira, da	LP	Fito	SIMPLES
145	Riacho	Gangorra ²¹⁸	LP	Socio	SIMPLES
146	Riacho	Gangorra, da	LP	Socio	SIMPLES
147	Riacho	Garimpo	LP	Socio	SIMPLES
148	Riacho	Garrote, do	LP	Zoo	SIMPLES
149	Lagoa	Gavião, do	LP	Zoo	SIMPLES
150	Riacho	Gavião, do	LP	Zoo	SIMPLES
151	Lagoa	Gentil	LP	Animo	SIMPLES
152	Riacho	Grajaú ²¹⁹ , do	LP	Ergo	SIMPLES
153	Riacho	Grande	LP	Dimensio	SIMPLES
154	Lagoa	Grande	LP	Dimensio	SIMPLES
155	Lagoa	Grande do Boqueirão	LP	Dimensio	COMPOSTO
156	Riacho	Graúno, do	LT	Zoo	SIMPLES
157	Riacho	Gravata ²²⁰ , do	LT	Fito	SIMPLES
158	Riacho	Grotão	LP	Geomorfo	SIMPLES
159	Lagoa	Guarani ²²¹ , do	LT	n/c	SIMPLES

²¹⁷ No *DeHlp*, tem-se: “design. comum aos marsupiais do gên. *Didelphis*, os maiores da fam. dos didelfídeos, com três spp., encontrados do Sul do Canadá à Argentina, com até 50 cm de comprimento, cauda preênsil, longa e quase inteiramente nua, com a parte distal branca, pelagem cinza, preta ou avermelhada e fêmeas com marsúpio bem desenvolvido [sin.: cassaco, micurê, mucura, raposa, sariguê, sarigueia, saruê, tacaca, taibu, ticaca, timbu]”. Ainda no *DeHlp*: “orig. tupi, mas de étimo contrv.”

²¹⁸ Segundo Souza (p. 156), “No Nordeste, principalmente no Piauí e no Ceará, gangorra é uma espécie de curral, em geral junto a uma cacimba ou aguada, onde se prendem animais bravios”.

²¹⁹ No *DeHlp*, como regionalismo do Nordeste, tem-se: “aparelho em que se conduz louça de barro, a cavalo ou a pé”.

²²⁰ No *DeHlp* do “tupi *karagwa'ta* 'design. comum a diversas plantas da fam. das bromeliáceas”.

Nº	Elemento Geográfico	Topônimo	Origem	Taxionomia	Estr. Morf.
160	Lagoa	Horizonte	LP	Animo	SIMPLES
161	Riacho	Iguatu ²²² , do	LT	Hidro	SIMPLES
162	Lagoa	Imbuzeiro, do	LT	Fito	SIMPLES
163	Riacho	Inferno, do	LP	Animo	SIMPLES
164	Riacho	Ingazeiro	LP	Fito	SIMPLES
165	Lagoa	Ipueira ²²³ , da	LT	Hidro	SIMPLES
166	Riacho	Itacoatiara ²²⁴	LT	Lito	SIMPLES
167	Riacho	Itaquatiara	LT	Lito	SIMPLES
168	Rio	Itaim	LT	Lito	SIMPLES
169	Riacho	Itaim	LT	Lito	SIMPLES
170	Riacho	Intaim ²²⁵	LT	Lito	SIMPLES
171	Lagoa	Izídio, do	LP	Antropo	SIMPLES
172	Riacho	Jacobina	LT	Antropo	SIMPLES
173	Riacho	Jacu ²²⁶ , do	LT	Zoo	SIMPLES
174	Lagoa	Jaicós, de	LJ	Etno	SIMPLES
175	Riacho	Jardim	LP	Fito	SIMPLES
176	Lagoa	Jatobá, do	LT	Fito	SIMPLES
177	Riacho	Jatobá	LT	Fito	SIMPLES
178	Lagoa	Jiquitaia, da	LT	Fito	SIMPLES
179	Riacho	Jorge, do	LP	Antropo	SIMPLES
180	Lagoa	José	LP	Antropo	SIMPLES
181	Riacho	José	LP	Antropo	SIMPLES
182	Riacho	Juazeiro, do	LT	Fito	SIMPLES
183	Riacho	Junco ²²⁷ , do	LP	Fito	SIMPLES
184	Lagoa	Jurema	LT	Fito	SIMPLES
185	Lagoa	Lagoinha	LP	Hidro	SIMPLES
186	Riacho	Lajeiro	LP	Lito	SIMPLES
187	Riacho	Lajes, das	LP	Lito	SIMPLES
188	Riacho	Lambedor, do	LP	Ergo	SIMPLES

²²¹ Em Sampaio (1987, p. 238), tem-se “**GUARANÍ** *corr.* **Guaríní**, o guerreiro, o lutador”. Como este topônimo não figura nos documentos antigos, não se vislumbra a possibilidade de ser um **Etno**, de modo que, figurando em fonte contemporânea, a significação pode ser variada.

²²² Talvez se trate de uma forma variante de **ICATÚ**, que, em Sampaio (1987, p. 246), significa: “a água boa; o rio bom”.

²²³ Em Sampaio (1987, p. 252), tem-se **IPUÊRA**, que significa: “a água passada, curso d’água extinto, braço de rio que já não corre; saco ou baía fluvial”.

²²⁴ Em Sampaio (1987, p. 255), tem-se **ITACUATIARA**, que significa: “a pedra pintada, a pedra escrita; a inscrição em pedra”.

²²⁵ Deve tratar-se de uma variação ortográfica de *Itaim*.

²²⁶ No *DeHlp* “design. comum às aves galiformes da fam. dos cracídeos, gên. *Penelope*, arborícolas, que possuem garganta nua com barbela vivamente colorida, esp. nos machos durante o período reprodutivo; alimentam-se de frutas, folhas e brotos”. Ainda no *DeHlp*, do “tupi *ya'ku* 'id.’”.

²²⁷ No *DeHlp* “design. comum às ervas do gên. *Juncus*, da fam. das juncáceas, que reúne cerca de 300 spp., ger. com rizomas que produzem uma folha por ano, freq. acicular e rica em gordura, de distribuição cosmopolita, embora raras em regiões tropicais [Várias são cultivadas como ornamentais, poucas como medicinais e algumas esp. para trabalhos trançados.]”.

Nº	Elemento Geográfico	Topônimo	Origem	Taxionomia	Estr. Morf.
189	Lagoa	Laura, da	LP	Antropo	SIMPLES
190	Lagoa	Leite, do	LP	n/c	SIMPLES
191	Riacho	Lima, da	LP	Fito	SIMPLES
192	Lagoa	Língua de Vaca ²²⁸ , da	LP	Fito	COMPOSTO
193	Riacho	Luís Calado, do	LP	Antropo	COMPOSTO
194	Lagoa	Macacão, do	LP	Zoo	SIMPLES
195	Riacho	Macacos, dos	LA	Zoo	SIMPLES
196	Lagoa	Macapá, do	LC	Fito	SIMPLES
197	Riacho	Macário, do	LP	Antropo	SIMPLES
198	Lagoa	Madeira Cortada, da	LP	Fito	COMPOSTO
199	Riacho	Magrinho, do	LP	Animo	SIMPLES
200	Rio	Mamonas ²²⁹ , das	LA	Fito	SIMPLES
201	Riacho	Mancinho, do	LP	Animo	SIMPLES
202	Riacho	Manga, da	LP	Fito	SIMPLES
203	Riacho	Maninho	LP	Antropo	SIMPLES
204	Riacho	Mansinho	LP	Animo	SIMPLES
205	Rio	Marçal	LP	Antropo	SIMPLES
206	Lagoa	Maria Preta, da	LP	Antropo	COMPOSTO
207	Riacho	Marimba ²³⁰	LA	Ergo	SIMPLES
208	Riacho	Marinheiro	LP	Socio	SIMPLES
209	Lagoa	Marreca, da	LP	Fito	SIMPLES
210	Lagoa	Marrecas, das	LP	Fito	SIMPLES
211	Lagoa	Mato	LP	Fito	SIMPLES
212	Lagoa	Mato, do	LP	Fito	SIMPLES
213	Riacho	Maxixe ²³¹	LA	Fito	SIMPLES

²²⁸ No *DeHlp* “erva ereta (*Talinum patens*) da fam. das portulacáceas, nativa do Brasil, com raízes antiescorbútcas, folhas carnosas, comestíveis, e flores amarelas ou róseas, em panículas compostas; beldroega-miúda, bredo-major-gomes, bredo-manjangome, bunda-mole, cariru, João-gomes, manjangome, manjongome, mariagombe, maria-gomes, maria-gorda, mariangombe, ora-pro-nóbis”.

²²⁹ No *DeHlp*, tem-se: “fruto da mamoneira, uma cápsula tricoca com espinescências moles; бага”. Ainda no *DeHlp*: do “quimb. *mu'mono* 'nome do fruto, rícino', com infl. de ²*mamão* 'fruto' masc. e ¹*mamona* 'mamoá' fem.”.

²³⁰ No *DeHlp*, tem-se: “instrumento de percussão constituído por placas de madeira formando um teclado, percutidas por duas baquetas, tendo cabaças como ressoadores; marimbau”. No *DeHlp*: do “quimb. *marimba*, comp. de *ma* pref. de pl. + *rimba* 'tambor”.

²³¹ No *DeHlp*, há as seguintes acepções: “1 planta anual (*Cucumis anguria*) da fam. das cucurbitáceas, nativa da América Central, de caule rasteiro, folhas com cinco lobos, flores pequenas, bagas ovoides, amarelo-claras quando maduras, com numerosos apêndices, semelhantes a espinhos flexíveis, e pequenas sementes brancas; maxixeiro [É cultivada desde a Antiguidade pelos frutos comestíveis, ainda verdes, crus, em saladas, ou

Nº	Elemento Geográfico	Topônimo	Origem	Taxionomia	Estr. Morf.
214	Lagoa	Meio	LP	Cardino	SIMPLES
215	Lagoa	Meio, do	LP	Cardino	SIMPLES
216	Lagoa	Melancia, da	LP	Fito	SIMPLES
217	Riacho	Mercador, do	LP	Socio	SIMPLES
218	Riacho	Minador ²³² , do	LP	Hidro	SIMPLES
219	Riacho	Mineração, da	LP	Socio	SIMPLES
220	Lagoa	Mocambo, do	LA	Eco	SIMPLES
221	Riacho	Mocambo, do	LA	Eco	SIMPLES
222	Lagoa	Mondubi, do	n/e	n/c	SIMPLES
223	Lagoa	Morrinhos, dos	LP	Geomorfo	SIMPLES
224	Lagoa	Morro, do	LP	Geomorfo	SIMPLES
225	Lagoa	Morro do Chapéu, do	LP	Geomorfo	COMPOSTO
226	Riacho	Morro do Zamumba, do	LP	Geomorfo	COMPOSTO
227	Riacho	Morro Laranja, do	LP	Geomorfo	COMPOSTO
228	Riacho	Mulungu	LA	Fito	SIMPLES
229	Riacho	Mundico, do	LP	Antropo	SIMPLES
230	Lagoa	Muquém ²³³ , do	LT	Ergo	SIMPLES
231	Lagoa	Negros, dos	LP	Etno	SIMPLES
232	Lagoa	Nova	LP	Crono	SIMPLES
233	Riacho	Nova Olinda	LP	Coro por qualif.	COMPOSTO
234	Lagoa	Odoro, do	LP	Animo	SIMPLES
235	Riacho	Oiteiro ²³⁴ , do	LP	Geomorfo	SIMPLES
236	Lagoa	Olho d'Água	LP	Hidro	COMPOSTO
237	Riacho	Olho d'Água	LP	Hidro	COMPOSTO
238	Riacho	Olho d'Água, do	LP	Hidro	COMPOSTO
239	Riacho	Onça, da	LP	Zoo	SIMPLES
240	Riacho	Padre, do	LP	Socio	SIMPLES
241	Riacho	Pajeú	LT	Ergo	SIMPLES

refogados, com um cultivar prov. derivado da subespécie *longipes*, nativa da África.]; **2** fruto dessa planta; galinha-arrepiada; **3** m.q. **chuchu** (*Sechium edule*, 'fruto'). Ainda no *DeHlp*: “quimb. *Maxixe*”.

²³² No *DeHlp*, o mesmo que minadouro, que significa: “nascente de riacho ou ribeirão, ou olho-d'água dentro de grotta ('cavidade')”. Em Souza (2004, p. 213), tem-se **Minadouro**, que significa “*olho-d'água*, fonte natural, quase sempre nascente de um ribeirão ou córrego ou fundo de uma grotta”.

²³³ No *DeHlp*, tem-se o étimo tupi (“Nascentes registra o tupi *mboka'i*, em AGC encontra-se o tupi *moka'em* ou *moka'e* 'carne preparada segundo técnica indígena primitiva, grelha de varas us. para secar ou assar ligeiramente a carne”), com o seguinte significado: “grelha de paus sobre o lume, us. para colocar peixe ou carne para assar ou secar”.

²³⁴ No *DeHlp*, o mesmo que oiteiro, que significa “pequena elevação de terreno; monte”.

Nº	Elemento Geográfico	Topônimo	Origem	Taxionomia	Estr. Morf.
242	Lagoa	Panelas, das	LP	Ergo	SIMPLES
243	Riacho	Paredão	LP	Geomorfo	SIMPLES
244	Riacho	Pau Branco	LP	Fito	COMPOSTO
245	Riacho	Pau d'Arco	LP	Fito	COMPOSTO
246	Riacho	Pau Ferro	LP	Fito	COMPOSTO
247	Lagoa	Pedra, de	LP	Lito	SIMPLES
248	Lagoa	Pedra, da	LP	Lito	SIMPLES
249	Riacho	Pedra Branca	LP	Lito	COMPOSTO
250	Lagoa	Pedra d'Água	LP	Lito	COMPOSTO
251	Riacho	Pedra Pintada, da	LP	Lito	COMPOSTO
252	Lagoa	Pedras	LP	Lito	SIMPLES
253	Lagoa	Pedras, das	LP	Lito	SIMPLES
254	Lagoa	Pedrinha, da	LP	Lito	SIMPLES
255	Lagoa	Peixe	LP	Zoo	SIMPLES
256	Lagoa	Peixe, do	LP	Zoo	SIMPLES
257	Riacho	Peixe, do	LP	Zoo	SIMPLES
258	Riacho	Pequeno	LP	Dimensio	SIMPLES
259	Lagoa	Perdição, da	LP	Animo	SIMPLES
260	Riacho	Pereiros ²³⁵ , dos	LP	Fito	SIMPLES
261	Rio	Piauí	LT	Hidro	SIMPLES
262	Riacho	Pilão Grande	LP	Ergo	COMPOSTO
263	Rio	Pilões, dos	LP	Ergo	SIMPLES
264	Riacho	Pipocas, das	LT	n/c	SIMPLES
265	Riacho	Pitombeira, da	LT	Fito	SIMPLES
266	Riacho	Poção, do	LP	Hidro	SIMPLES
267	Riacho	Poço	LP	Hidro	SIMPLES
268	Lagoa	Poço Barreiro, do	LP	Hidro	COMPOSTO
269	Riacho	Poço do Angico	LP	Hidro	COMPOSTO
270	Riacho	Poço do Couro	LP	Hidro	COMPOSTO
271	Riacho	Poço dos Cavalos	LP	Hidro	COMPOSTO
272	Lagoa	Poço Negro, do	LP	Hidro	COMPOSTO
273	Riacho	Pombas, das	LP	Zoo	SIMPLES
274	Lagoa	Pombo, do	LP	Zoo	SIMPLES

²³⁵ No *DeHlp*, tem-se: “árvore (*Pera glabrata*) da fam. das euforbiáceas, nativa do Brasil, de folhas alternas e inteiras, flores amarelas e aromáticas e frutos capsulares; aleixo, tatacaá”. Em Baptista (1981, pp. 328 a 340), na “RELAÇÃO DAS PLANTAS NATIVAS DO PIAUÍ”, consta o nome de tal exemplar.

Nº	Elemento Geográfico	Topônimo	Origem	Taxionomia	Estr. Morf.
275	Riacho	Ponta da Serra, da	LP	Cardino	COMPOSTO
276	Riacho	Pontal ²³⁶ , do	LP	Geomorfo	SIMPLES
277	Lagoa	Porta, da	LP	Ergo	SIMPLES
278	Lagoa	Queimada	LP	n/c	SIMPLES
279	Lagoa	Queimadas, das	LP	n/c	SIMPLES
280	Riacho	Queimadas	LP	n/c	SIMPLES
281	Riacho	Rancharia, da	LP	Eco	SIMPLES
282	Riacho	Raposa, da	LP	Zoo	SIMPLES
283	Riacho	Raposo	LP	Antropo	SIMPLES
284	Riacho	Recanto, do	LP	Animo	SIMPLES
285	Riacho	Redenção	LP	Animo	SIMPLES
286	Lagoa	Redonda	LP	Morfo	SIMPLES
287	Riacho	Riachão, do	LP	Hidro	SIMPLES
288	Lagoa	Riacho de Baixo, do	LP	Hidro	COMPOSTO
289	Riacho	Roça Velha, da	LP	Geomorfo por qualif.	COMPOSTO
290	Lagoa	Russinha, da	LP	Antropo	SIMPLES
291	Lagoa	Sabino, do	LP	Antropo	SIMPLES
292	Riacho	Saco, do	LP	Geomorfo	SIMPLES
293	Riacho	Saco Fechado	LP	Geomorfo	COMPOSTO
294	Riacho	Saco Grande	LP	Geomorfo	COMPOSTO
295	Riacho	Salgadinha, da	LP	Lito	SIMPLES
296	Riacho	Salgadinho	LP	Hidro-halo	SIMPLES
297	Riacho	Salgado, do	LP	Lito	SIMPLES
298	Riacho	Salina	LP	Lito	SIMPLES
299	Lagoa	Samambaia, da	LT	Fito	SIMPLES
300	Riacho	Santa Maria	LP	Hagio	COMPOSTO
301	Riacho	Santa Rita, de	LP	Hagio	COMPOSTO
302	Riacho	Santana	LP	Antropo	SIMPLES
303	Riacho	São Domingos, de	LP	Hagio	COMPOSTO
304	Lagoa	São João	LP	Hagio	COMPOSTO
305	Riacho	São João	LP	Hagio	COMPOSTO
306	Riacho	São João, de	LP	Hagio	COMPOSTO
307	Riacho	São Romão	LP	Hagio	COMPOSTO
308	Riacho	Saquinho	LP	Geomorfo	SIMPLES
309	Lagoa	Seca	LP	Hidro-hipo	SIMPLES

²³⁶ No *DeHlp*, tem-se: “ponta de terra que penetra um pouco no mar ou no rio”.

Nº	Elemento Geográfico	Topônimo	Origem	Taxionomia	Estr. Morf.
310	Riacho	Seco	LP	Hidro-hipo	SIMPLES
311	Lagoa	Seriema, da	LT	Zoo	SIMPLES
312	Lagoa	Serra, da	LP	Geomorfo	SIMPLES
313	Riacho	Serra, da	LP	Geomorfo	SIMPLES
314	Riacho	Serrinha, da	LP	Geomorfo	SIMPLES
315	Lagoa	Serrote ²³⁷ , do	LP	Geomorfo	SIMPLES
316	Riacho	Simões	LP	Antropo	SIMPLES
317	Riacho	Sítio, do	LP	Eco	SIMPLES
318	Riacho	Sobradinho	LP	Eco	SIMPLES
319	Riacho	Sobradinho, do	LP	Eco	SIMPLES
320	Riacho	Sobrado, do	LP	Eco	SIMPLES
321	Riacho	Socorro	LP	Animo	SIMPLES
322	Riacho	Socorro, do	LP	Animo	SIMPLES
323	Riacho	Solta ²³⁸ , da	LP	Geomorfo	SIMPLES
324	Lagoa	Suja	LP	Hidro- aspecto	SIMPLES
325	Riacho	Sumidouro ²³⁹ , do	LP	Hidro	SIMPLES
326	Riacho	Tabocas, das	LT	Fito	SIMPLES
327	Lagoa	Talos, dos	LP	Fito	SIMPLES
328	Riacho	Tamboril	LT	Fito	SIMPLES
329	Riacho	Tanque, do	LP	Hidro	SIMPLES
330	Lagoa	Tanque Novo	LP	Hidro por qualif.	COMPOSTO
331	Riacho	Tanquinho	LP	Hidro	SIMPLES
332	Lagoa	Tapagem, da	LP	Hidro	SIMPLES
333	Riacho	Tapera ²⁴⁰	LT	Eco	SIMPLES
334	Lagoa	Tapuio, do	LT	Etno	SIMPLES
335	Riacho	Terra Nova	LP	Coro por qualif.	COMPOSTO
336	Riacho	Tigre, do	LP	Zoo	SIMPLES
337	Riacho	Toca da Onça	LP	n/c	COMPOSTO

²³⁷ Em Souza (2004, p. 297): “Cândido de Figueiredo registra-o como brasileirismo no sentido de serra pequena. Realmente é moente e corrente no linguajar do povo e nos escritos dos geógrafos e literatos o termo *serrote* para designar uma montanha pouco extensa e baixa. Também *serrota*.”

²³⁸ Em Souza (2004, p. 301): “termo usado nos Estados do Norte, para designar um terreno de pastagem ubertosa onde se deita o gado para engordar ou refazer-se. Observamos nos sertões da Bahia uma certa distinção entre solta *solta* e *solta*: *solta* se diz quando o pastio é cercado; *solta* quando a pastagem é aberta, sem cerca, às vezes muito afastada da moradia dos donos ou vaqueiros”.

²³⁹ Em Souza (2004, p. 302): “o mesmo que itararé, escondido, grunado, curso subterrâneo de um rio através de rochas calcárias”.

²⁴⁰ No *DeHlp*, tem-se: “1 aldeamento ou povoação abandonada; 2 residência ou fazenda em ruínas, tomada pelo mato”. Ainda no *DeHlp*: do “tupi *ta'pera* 'aldeia indígena abandonada, habitação em ruínas' (< 'tawa 'taba' + 'pwerá 'que foi')”.

Nº	Elemento Geográfico	Topônimo	Origem	Taxionomia	Estr. Morf.
338	Lagoa	Touro, do	LP	Zoo	SIMPLES
339	Ribeira	Tranqueira, da	LP	Fito	SIMPLES
340	Lagoa	Vargem ²⁴¹ , da	LP	Geomorfo	SIMPLES
341	Riacho	Vargem, da	LP	Geomorfo	SIMPLES
342	Riacho	Varjota	LP	Geomorfo	SIMPLES
343	Riacho	Várzea, da	LP	Geomorfo	SIMPLES
344	Lagoa	Várzea Grande, da	LP	Geomorfo	COMPOSTO
345	Riacho	Vazante ²⁴² , da	LP	Hidro	SIMPLES
346	Lagoa	Veados, dos	LP	Zoo	SIMPLES
347	Lagoa	Velha	LP	Crono	SIMPLES
348	Lagoa	Verde	LP	Hidro-cromo	SIMPLES
349	Lagoa	Vereda, da	LP	Geomorfo	SIMPLES
350	Riacho	Vereda da Lagoa	LP	Geomorfo	COMPOSTO
351	Riacho	Vereda Velha, da	LP	Geomorfo por qualif.	COMPOSTO
352	Riacho	Veredão	LP	Geomorfo	SIMPLES
353	Lagoa	Veredas, das	LP	Geomorfo	SIMPLES
354	Lagoa	Volta ²⁴³ , da	LP	Geomorfo	SIMPLES
355	Riacho	Volta, da	LP	Geomorfo	SIMPLES
356	Lagoa	Xiquexique	LJ	Fito	SIMPLES

4.2.3.2 Dados da Ficha

Quadro 32: Percentual das taxes da Microrregião do Alto Médio Canindé

Percentual das taxes								
Taxe	Nº	%	Taxe	Nº	%	Taxe	Nº	%
Animo	22	6,2	Eco	10	2,8	Lito	25	7
Antropo	26	7,3	Ergo	12	3,4	Meteoro	0	0
Astro	0	0	Etno	4	1,2	Mito	1	0,3
Axio	2	0,6	Fito	67	18,8	Morfo	1	0,3
Cardino	12	3,4	Geomorfo	47	13,2	Numero	0	0
Coro	2	0,6	Hagio	7	2	Polio	0	0
Cromo	0	0	Hidro	42	12	Socio	14	3,9

²⁴¹ No *DeHlp*, o mesmo que várzea, que significa: “grande extensão de terra plana; abarga, barga, planície, vale”.

²⁴² No *DeHlp*, tem-se: “período de águas baixas no leito de um rio”.

²⁴³ Em Souza (2004, p. 341), tem-se: “termo usado principalmente na Amazônia, mas também ouvido em outros Estados da República, para indicar as curvas, sinuosidades ou meandros dos rios”.

Percentual das taxes								
Taxe	Nº	%	Taxe	Nº	%	Taxe	Nº	%
Crono	2	0,6	Hiero	2	0,6	Somato	0	0
Dimensio	7	2	Historio	0	0	Zoo	31	8,7
Dirremato	0	0	Hodo	1	0,3	n/c	19	5,3

Quadro 33: Percentual das origens dos Hidrônimos da Microrregião do Alto Médio Canindé

Percentual das origens dos Hidrônimos		
Origem	Nº	%
LA	10	2,8
LAR	0	0
LC	1	0,3
LE	0	0
LIT	0	0
LJ	2	0,6
LP	283	79,5
LP + LA	00	00
LP + LT	2	0,6
LT	55	15,4
LT+ LP	1	0,3
não encontrada	2	0,6

4.3 Hidrônimos da mesorregião Sudoeste

Os Hidrônimos que ora se seguem pertencem à região Sudoeste do Piauí, a qual engloba 62 municípios (ou 27,8% do total dos municípios), distribuídos, por sua vez, em seis microrregiões: 1) Alto Médio Gurgueia; 2) Alto Parnaíba piauiense; 3) Bertolândia; 4) Chapadas do extremo sul piauiense; 5) Floriano; e 6) São Raimundo Nonato.

A seguir, seguem-se as Fichas Toponímicas por microrregiões:

4.3.1 Microrregião do Alto Médio Gurgueia (11 municípios)

Município 1: Alvorada do Gurgueia

Município 2: Barreiras do Piauí

Município 3: Bom Jesus

Município 4: Cristino Castro

Município 5: Currais
 Município 6: Gilbues
 Município 7: Monte Alegre do Piauí
 Município 8: Palmeira do Piauí
 Município 9: Redenção do Gurgueia
 Município 10: Santa Luz
 Município 11: São Gonçalo do Gurgueia

4.3.1.1 Hidrônimos da microrregião do Alto Médio Gurgueia

Quadro 34: Classificação Taxionômica dos Hidrônimos da Microrregião do Alto Médio Gurgueia

Nº	Elemento Geográfico	Topônimo	Origem	Taxionomia	Estr. Morf.
01	Brejo	Água Clara	LP	Hidro	COMPOSTO
02	Rio	Água Quente	LP	Hidro	COMPOSTO
03	Brejo	Aipins ²⁴⁴ , dos	LT	Fito	SIMPLES
04	Riacho	Aipins, dos	LT	Fito	SIMPLES
05	Lagoa	Alagadiço, do	LP	Hidro	SIMPLES
06	Lagoa	Alegre	LP	Animo	SIMPLES
07	Lagoa	Alegre, do	LP	Animo	SIMPLES
08	Lagoa	Altamira, da	LP	n/c	SIMPLES
09	Lagoa	Altino, do	LP	Antropo	SIMPLES
10	Riacho	Amolar, do	LP	n/c	SIMPLES
11	Riacho	Anda Só	LP	Dirremato	COMPOSTO
12	Brejo	Angelim ²⁴⁵ , do	LP	Fito	SIMPLES
13	Riacho	Angelim, do	LP	Fito	SIMPLES
14	Brejo	Angical ²⁴⁶ , do	LP	Fito	SIMPLES
15	Lagoa	Angical	LP	Fito	SIMPLES
16	Riacho	Angical	LP	Fito	SIMPLES
17	Riacho	Angical, do	LP	Fito	SIMPLES
18	Riacho	Apolinário, do	LP	Antropo	SIMPLES
19	Brejo	Arapuca ²⁴⁷ , da	LT	Ergo	SIMPLES

²⁴⁴ No *DeHlp*, tem-se: “arbusto de até 4 m (*Manihot palmata*), da fam. das euforbiáceas, de folhas partidas, pequenas flores amarelas ou violáceas e frutos capsulares; macaxeira, macaxera, mandioca, mandioca-doce, mandioca-mansa [Nativo do Brasil, é muito semelhante à mandioca (*Manihot esculenta*) e tb. cultivado, com inúmeras variedades, pelas raízes tuberosas, de elevado teor alimentício e ger. menos venenosas.].” Ainda no *DeHlp*: do “tupi *ai'pi'* o que nasce ou brota do fundo”.

²⁴⁵ No *DeHlp*, tem-se: “design. comum a várias árvores da fam. das leguminosas, esp. dos gên. *Andira* e *Hymenolobium*”.

²⁴⁶ No *DeHlp*, tem-se: “design. comum a várias árvores da fam. das leguminosas, subfam. mimosoídea, esp. dos gêneros *Piptadenia*, *Parapiptadenia* e *Anadenanthera*, nativas da América tropical, a maioria do Brasil, freq. exploradas ou cultivadas pela boa madeira”. Angical seria, pois, ainda no *DeHlp*, “extenso aglomerado de angicos em determinada área”.

²⁴⁷ No *DeHlp*, tem-se: “armadilha para caçar pequenos pássaros; ger. uma pirâmide feita com pauzinhos ou talas de bambu; urupuca”. Ainda no *DeHlp*: do “tupi *ara'puka*”.

Nº	Elemento Geográfico	Topônimo	Origem	Taxionomia	Estr. Morf.
20	Brejão	Araras, das	LT	Zoo	SIMPLES
21	Brejo	Arcanjo, do	LP	Hiero	SIMPLES
22	Lagoa	Areia, da	LP	Lito	SIMPLES
23	Riacho	Areia, da	LP	Lito	SIMPLES
24	Riacho	Areia, de	LP	Lito	SIMPLES
25	Riacho	Areia, do	LP	Lito	SIMPLES
26	Riacho	Areia Branca	LP	Lito	COMPOSTO
27	Lagoa	Arraial	LP	Polio	SIMPLES
28	Lagoa	Arraial, do	LP	Polio	SIMPLES
29	Brejo	Arroz, do	LP	Fito	SIMPLES
30	Lagoa	Arroz, do	LP	Fito	SIMPLES
31	Brejo	Atoleiro ²⁴⁸ , do	LP	Geomorfo	SIMPLES
32	Riacho	Azevedo	LP	Antropo	SIMPLES
33	Riacho	Azevedo, do	LP	Antropo	SIMPLES
34	Riacho	Baião, do	LP	n/c	SIMPLES
35	Riacho	Baixa Verde, da	LP	Geomorfo	COMPOSTO
36	Lagoa	Baixo, de	LP	Cardino	SIMPLES
37	Riacho	Bamburral, do	LP	Fito	SIMPLES
38	Brejo	Bandeira, do	LP	Antropo	SIMPLES
39	Lagoa	Bandeira, do	LP	Antropo	SIMPLES
40	Riacho	Bandeira	LP	Antropo	SIMPLES
41	Riacho	Barriguda ²⁴⁹ , da	LP	Fito	SIMPLES
42	Lagoa	Barro, do	LP	Lito	SIMPLES
43	Riacho	Barro Alto, do	LP	Lito	COMPOSTO
44	Riacho	Barro Preto, do	LP	Lito	COMPOSTO
45	Lagoa	Barro Preto, do	LP	Lito	COMPOSTO
46	Riacho	Barro Vermelho	LP	Lito	COMPOSTO
47	Riacho	Barrocão	LP	Lito	SIMPLES
48	Riacho	Barrocão, do	LP	Lito	SIMPLES
49	Brejo	Belmonte	LP	Animo	SIMPLES
50	Riacho	Belo Monte	LP	Animo	COMPOSTO
51	Riacho	Boa Vista, da	LP	Animo	COMPOSTO
52	Lagoa	Boi, do	LP	Zoo	SIMPLES
53	Riacho	Boi Morto	LP	Zoo	COMPOSTO
54	Brejo	Bois, dos	LP	Zoo	SIMPLES

²⁴⁸ No *DeHlp*, tem-se: “lugar de solo mole, pantanoso; atoladeiro, atoladoiro, atoladouro”.

²⁴⁹ Segundo o *DeHlp*, BARRIGUDA pode ter, dentre várias possibilidades significativas, a seguinte acepção: “árvore de até 20 m (*Cavanillesia arborea*), nativa do Brasil (PI à BA), onde ocorre na caatinga, de madeira leve, folhas ovadas, flores vermelhas com margem branca e grandes cápsulas roxas, com paina us. na confecção de barbante e em estofados; árvore-da-lã, castanha-do-ceará, embaré”. Em Baptista (1981, pp. 328 a 340), na “RELAÇÃO DAS PLANTAS NATIVAS DO PIAUÍ”, consta o nome de tal exemplar.

Nº	Elemento Geográfico	Topônimo	Origem	Taxionomia	Estr. Morf.
55	Riacho	Bois, dos	LP	Zoo	SIMPLES
56	Lagoa	Bom Princípio	LP	Animo	COMPOSTO
57	Lagoa	Boqueirão, do	LP	Geomorfo	SIMPLES
58	Riacho	Boqueirão, do	LP	Geomorfo	SIMPLES
59	Riacho	Boqueirão da Enseada, do	LP	Geomorfo	COMPOSTO
60	-	Brejão	LP	Hidro	SIMPLES
61	Riacho	Brejão, do	LP	Hidro	SIMPLES
62	Riacho	Brejão dos Aipins	LP + LT	Hidro	COMPOSTO HÍBRIDO
63	Riacho	Brejão dos Aipins, do	LP + LT	Hidro	COMPOSTO HÍBRIDO
64	-	Brejinho	LP	Hidro	SIMPLES
65	Lagoa	Brejo, do	LP	Hidro	SIMPLES
66	Riacho	Brejo	LP	Hidro	SIMPLES
67	Riacho	Brejo, do	LP	Hidro	SIMPLES
68	Riacho	Brejo das Flores	LP	Hidro	COMPOSTO
69	Riacho	Brejo Novo	LP	Hidro por qualif.	COMPOSTO
70	Brejo	Buriti	LT	Fito	SIMPLES
71	Lagoa	Buriti, do	LT	Fito	SIMPLES
72	Brejo	Buriti Bravo, do	LT + LP	Fito	COMPOSTO HÍBRIDO
73	Riacho	Buriti Bravo, do	LT + LP	Fito	COMPOSTO HÍBRIDO
74	Riacho	Buriti do Meio	LT + LP	Fito	COMPOSTO HÍBRIDO
75	Riacho	Buriti Escuro, do	LT + LP	Fito	COMPOSTO HÍBRIDO
76	Brejo	Buriti Grande	LT + LP	Fito	COMPOSTO HÍBRIDO
77	Riacho	Buriti Grande	LT + LP	Fito	COMPOSTO HÍBRIDO
78	Riacho	Buriti Grande, do	LT + LP	Fito	COMPOSTO HÍBRIDO
79	Riacho	Buritinho	LT	Fito	SIMPLES
80	Riacho	Buritinho, do	LT	Fito	SIMPLES
81	Riacho	Búzio ²⁵⁰ , do	LP	Zoo	SIMPLES

²⁵⁰ No *DeHlp*, há as seguintes acepções: “substantivo masculino. **1** Rubrica: malacologia. Regionalismo: Brasil. design. comum a diversos moluscos gastrópodes, providos de grandes conchas, us. como buzina; canailha; **1.1**

Nº	Elemento Geográfico	Topônimo	Origem	Taxionomia	Estr. Morf.
82	Riacho	Caatinga, da	LT	Fito	SIMPLES
83	Riacho	Cabelo de Cuia, do	LP + LT	Somato	COMPOSTO HÍBRIDO
84	Riacho	Caboclo de Dentro	LT + LP	Etno	COMPOSTO HÍBRIDO
85	Riacho	Caboclos, dos	LT	Etno	SIMPLES
86	Brejo	Cachoeira	LP	Hidro	SIMPLES
87	Riacho	Cachoeira	LP	Hidro	SIMPLES
88	Riacho	Cachorro, do	LP	Zoo	SIMPLES
89	Lagoa	Caçua ²⁵¹ , do	n/e	Ergo	SIMPLES
90	Riacho	Caititu ²⁵² , do	LT	Zoo	SIMPLES
91	Riacho	Cajazeira, da	LT	Fito	SIMPLES
92	Riacho	Cajueiro	LT	Fito	SIMPLES
93	Lagoa	Cala-Boca, do	LP	Dirremato	COMPOSTO
94	Riacho	Calhaus ²⁵³ , dos	LP	Lito	SIMPLES
95	Lagoa	Calumbi ²⁵⁴ , do	LT	Fito	SIMPLES
96	Riacho	Cana-brava	LP	Fito	COMPOSTO
97	Brejo	Canas, das	LP	Fito	SIMPLES
98	Riacho	Canto, do	LP	Cardino	SIMPLES
99	Riacho	Canto de Baixo, do	LP	Cardino	COMPOSTO
100	Riacho	Capitães, dos	LP	Axio	SIMPLES
101	Lagoa	Caraíbas, das	LT	Fito	SIMPLES
102	Riacho	Caraibinha	LT	Fito	SIMPLES
103	Riacho	Carioca	LT	n/c	SIMPLES
104	Brejo	Carrasquinho ²⁵⁵	LP	Fito	SIMPLES

Rubrica: malacologia. Regionalismo: Brasil. molusco gastrópode (*Cassis tuberosa*) da fam. dos cassidídeos, encontrado em águas rasas do litoral dos E.U.A. até São Paulo; de até 18 cm de comprimento e forma piramidal, mostrando na superfície uma trama de linhas em sentidos transversal e longitudinal; atapu, búzio-totó, guatapi, itapu, uatapu, vapuaçu, vatapu; **1.2** Rubrica: malacologia. Regionalismo: Portugal. molusco gastrópode (*Bolinus brandaris*) da fam. dos muricídeos, da Europa mediterrânea, com cerca de 7 cm de comprimento e coloração amarelada; **1.3** Rubrica: malacologia. Regionalismo: Portugal. molusco gastrópode (*Hexaplex trunculus*) da fam. dos muricídeos, da região mediterrânea da Europa, com cerca de 6 cm de comprimento e coloração branco-amarelada com listras espiraladas amarronzadas”.

²⁵¹ Segundo o *DeHlp*: “cesto grande e comprido de vime, cipó ou bambu, sem tampa e com alças para prender às cangalhas no transporte de gêneros diversos em animais de carga”.

²⁵² Segundo o *DeHlp*: “mamífero artiodátilo da fam. dos taiacuídeos (*Tayassu tajacu*), diurno e florestal, encontrado dos E.U.A. ao Norte da Argentina, com cerca de 90 cm de comprimento e pelagem cinza-escura com uma faixa branca no pescoço, em forma de colar; catete, cateto, pecari, porco-do-mato, taititu, tateto”. Ainda no *DeHlp*: do “tupi *taite'tu* 'porco do mato”.

²⁵³ Segundo o *DeHlp*: “pedaço, fragmento de rocha dura”.

²⁵⁴ Segundo Sampaio (1987, p. 213): “a folha azulada, arroxeadas; o anil”. Em Baptista (1981, pp. 328 a 340), na “RELAÇÃO DAS PLANTAS NATIVAS DO PIAUÍ”, consta o nome de tal exemplar.

²⁵⁵ Segundo o *DeHlp* o mesmo que Carrasco, que significa, como regionalismo do Nordeste: “formação vegetal muito densa, relacionada com a caatinga, que ocorre na fronteira entre o Ceará e o Piauí, constituída por arbustos entrelaçados e de ramos duros, difícil de varar; carrascal, carrascão, carrasqueiro, carrasquinho”.

Nº	Elemento Geográfico	Topônimo	Origem	Taxionomia	Estr. Morf.
105	Brejo	Casado	LP	Animo	SIMPLES
106	Brejo	Casado, do	LP	Animo	SIMPLES
107	Riacho	Cascavel	LP	Zoo	SIMPLES
108	Riacho	Castelo, do	LP	Eco	SIMPLES
109	Riachão	Castros, dos	LP	Antropo	SIMPLES
110	Riacho	Castros, dos	LP	Antropo	SIMPLES
111	Ribeirão	Castros, dos	LP	Antropo	SIMPLES
112	Riacho	Cativo, do	LP	Animo	SIMPLES
113	Brejo	Cavalos, dos	LP	Zoo	SIMPLES
114	Riacho	Cavalos, dos	LP	Zoo	SIMPLES
115	Riacho	Cedro, do	LP	Fito	SIMPLES
116	Riacho	Cerca, da	LP	Ergo	SIMPLES
117	Lagoa	Cercada	LP	n/c	SIMPLES
118	Riacho	Cercadinho, do	LP	Ergo	SIMPLES
119	Riacho	Cercado, do	LP	Ergo	SIMPLES
120	Lagoa	Cima, de	LP	Cardino	SIMPLES
121	Riacho	Cocal	LP	Fito	SIMPLES
122	Riacho	Cocho ²⁵⁶ , do	LP	Ergo	SIMPLES
123	Riacho	Cocos, dos	LP	Fito	SIMPLES
124	Riacho	Colher, da	LP	Ergo	SIMPLES
125	Riacho	Conceição, da	LP	Antropo	SIMPLES
126	Riacho	Contrato, do	LP	Animo	SIMPLES
127	Riacho	Cornichas ²⁵⁷ , das	LP	n/c	SIMPLES
128	Riacho	Correia	LP	Antropo	SIMPLES
129	Riacho	Correia, do	LP	Antropo	SIMPLES
130	Riacho	Correntão	LP	Hidro	SIMPLES
131	Riacho	Coruja, da	LP	Zoo	SIMPLES
132	Riacho	Couve, do	LP	Fito	SIMPLES
133	Riacho	Crotão ²⁵⁸	LP	Fito	SIMPLES
134	Riacho	Cruz, da	LP	Hiero	SIMPLES
135	Riacho	Cunhas ²⁵⁹ , das	LT	n/c	SIMPLES

²⁵⁶ No *DeHlp*, há as seguintes acepções a serem observadas: “**1** tabuleiro para transportar a cal amassada; cocha, coche, cocharro; **2** caixa, no aparelho dos amoladores, onde gira a mó de afiar; **3** bebedouro ou comedouro para o gado, de material vário e formato semelhante ao tronco escavado”.

²⁵⁷ No *DeHlp*, Cornicho significa: “**1** pequeno corno ('chifre'); **2** recipiente de cobre em forma de chifre, para a água benta”

²⁵⁸ No *DeHlp*, o mesmo que Cróton, que significa, como regionalismo do Norte e Nordeste: “design. comum às plantas do gên. *Croton*, da fam. das euforbiáceas, com cerca de 750 spp. de ervas, arbustos e árvores, nativas de regiões de clima tropical e subtropical, das quais várias podem causar dermatites, e algumas são cultivadas pela madeira, para chás e esp. como medicinais”.

²⁵⁹ No *DeHlp*, há as seguintes acepções para Cunhã: “substantivo feminino: Regionalismo: Amazônia. **1** mulher; **2** mulher jovem; cunhantã **3** a mulher do caboclo; substantivo masculino Rubrica: angiospermas. **4** m.q. *feijão-*

Nº	Elemento Geográfico	Topônimo	Origem	Taxionomia	Estr. Morf.
136	Brejo	Curicaca ²⁶⁰ , da	LT	Zoo	SIMPLES
137	Rio	Curicaca, da	LT	Zoo	SIMPLES
138	Riacho	Currais, dos	LP	Socio	SIMPLES
139	Brejo	Curral Queimado	LP	Socio	COMPOSTO
140	Rio	Curriola ²⁶¹	LP	Fito	SIMPLES
141	Brejo	Dantas	LP	Antropo	SIMPLES
142	Riacho	Dentro, de	LP	Cardino	SIMPLES
143	Riacho	Deserto, do	LP	Geomorfo	SIMPLES
144	Brejo	Ema, da	LP	Zoo	SIMPLES
145	Riacho	Ema, da	LP	Zoo	SIMPLES
146	Lagoa	Engano, do	LP	Animo	SIMPLES
147	Brejo	Escaramuça ²⁶² , da	LP	Hidro	SIMPLES
148	Riacho	Espaduada, da	LP	n/c	SIMPLES
149	Riacho	Estirinha	LP	n/c	SIMPLES
150	Riacho	Estirinho, do	LP	n/c	SIMPLES
151	Brejo	Estiva, da	LP	Ergo	SIMPLES
152	Riacho	Estiva, da	LP	Ergo	SIMPLES
153	Riacho	Estivado ²⁶³ , do	LP	Ergo	SIMPLES
154	Riacho	Estreito, do	LP	Hidro	SIMPLES
155	Brejo	Extrema, da	LP	Cardino	SIMPLES
156	Brejo	Faveira	LP	Fito	SIMPLES
157	Brejo	Fervente, do	LP	n/c	SIMPLES
158	Brejo	Flores, das	LP	Fito	SIMPLES
159	Riacho	Flores, das	LP	Fito	SIMPLES
160	Brejo	Forquilha ²⁶⁴ , da	LP	Fito	SIMPLES

bravo (*Centrosema brasilianum*)”. Em contexto nordestino, mormente nas glebas piauienses, o termo quando faz referência à mulher tem evidente conotação pejorativa.

²⁶⁰ No *DeHlp*, tem-se: “ave ciconiiforme da fam. dos tresquiornitídeos (*Theristicus caudatus*), que ocorre da Colômbia à Terra do Fogo e em grande parte do Brasil; tem cerca de 69 cm de comprimento e 43 cm de altura, bico longo e curvo, pescoço alaranjado, dorso cinza-esverdeado e partes inferiores negras; curicaca-comum, curicaca-de-pescoço-branco, curucaca, despertador”. Ainda no *DeHlp*, do “tupi *kuri'kaka* 'ave aquática, fam. dos tresquiornitídeos”.

²⁶¹ No *DeHlp*, o mesmo que *corriola*, que significa: “**1** Rubrica: angiospermas. planta vivaz (*Convolvulus arvensis*), da fam. das convolvuláceas, nativa da Europa, de caule lianoide e rastejante, folhas sagitadas, flores campanuladas brancas ou com faixas róseas e frutos capsulares; bons-dias, carriola; **2** Rubrica: angiospermas. m.q. *bons-dias* (*Calystegia sepium*); **3** Rubrica: angiospermas. m.q. *convólculo* (*Convolvulus althaeoides*)”.

²⁶² No *DeHlp*, tem-se a seguinte acepção, como Regionalismo do Brasil “trecho de rio em que as águas se desviam inesperadamente pela presença de obstáculos rochosos”.

²⁶³ Com Souza (2004, p. 144), tem-se: “(...) espécie de estiva, propriamente o revestimento feito por paus roliços ou varas sobre um terreno acidentado”.

²⁶⁴ No *DeHlp*, há as seguintes acepções: “**5** Rubrica: angiospermas. planta (*Paspalum multicaule*) da fam. das gramíneas, nativa do Brasil (AMAZ, MG, ES, C.-O.), de folhas lineares, cuja forragem é de boa qualidade, esp.

Nº	Elemento Geográfico	Topônimo	Origem	Taxionomia	Estr. Morf.
161	Brejo	Forquilha, de	LP	Fito	SIMPLES
162	Brejo	Forte, do	LP	Animo	SIMPLES
163	Riacho	Forte, do	LP	Animo	SIMPLES
164	Riacho	Frio	LP	Hidro-termo	SIMPLES
165	Brejo	Fundo	LP	Dimensio	SIMPLES
166	Riacho	Fundo	LP	Dimensio	SIMPLES
167	Riacho	Fundo, do	LP	Dimensio	SIMPLES
168	Rio	Fundo	LP	Dimensio	SIMPLES
169	Lagoa	Funil, do	LP	Geomorfo	SIMPLES
170	Lagoa	Furada ²⁶⁵	LP	Hidro	SIMPLES
171	Brejo	Gado, do	LP	Zoo	SIMPLES
172	Brejo	Gameleira, da	LP	Fito	SIMPLES
173	Riacho	Gameleira, da	LP	Fito	SIMPLES
174	Rio	Glória, da	LP	Antropo	SIMPLES
175	Brejo	Grande	LP	Dimensio	SIMPLES
176	Lagoa	Grande	LP	Dimensio	SIMPLES SIMPLES
177	Riacho	Grande	LP	Dimensio	SIMPLES
178	Rio	Grande	LP	Dimensio	SIMPLES
179	Riacho	Gregório, do	LP	Antropo	SIMPLES
180	Riacho	Grota do Corredor	LP	Geomorfo	COMPOSTO
181	Riacho	Grota do Sabão	LP	Geomorfo	COMPOSTO
182	Riacho	Grotão, do	LP	Geomorfo	SIMPLES
183	Brejo	Gruta, da	LP	Geomorfo	SIMPLES
184	Rio	Gurgueia	LJ	Etno	SIMPLES
185	Lagoa	Ilha, da	LP	Geomorfo	SIMPLES
186	Lagoa	Ilha, do	LP	Geomorfo	SIMPLES
187	Riacho	Ingazeira, da	LP	Fito	SIMPLES
188	Lagoa	Itans ²⁶⁶ , das	LT	Geomorfo	SIMPLES
189	Riacho	Jacu, do	LT	Zoo	SIMPLES
190	Riacho	Jatobá, do	LT	Fito	SIMPLES
191	Lagoa	Jenipapo, do	LT	Fito	SIMPLES
192	Riacho	João Ferreira	LP	Antropo	COMPOSTO

para o gado equino; capim-forquilha; **6** Rubrica: angiospermas. m.q. *grama-batatais* (*Paspalum notatum*); **7** Rubrica: angiospermas. m.q. *taiuiá-de-cipó* (*Wilbrandia hibiscoides*)”.

²⁶⁵ Em Souza (2004, p. 154), tem-se **Furo**, que significa “acidente Hidrográfico da Amazônia que apelida uma comunicação entre dois rios ou entre um rio e um lago. (...) Ao *furo* da Amazônia se chama na Bahia e em outros Estados – *furado*.”

²⁶⁶ Em Sampaio (1987, p. 257), tem-se: “ITAN *corr.* Ytã, a concha grande, lacustre”. Como Sampaio utiliza o adjetivo lacustre, talvez a denominação se refira ao elemento geográfico **concha**, que significa, sob a rubrica da Geomorfologia, consoante o *DeHlp*: “pequena baía ou angra regularmente arredondada”.

Nº	Elemento Geográfico	Topônimo	Origem	Taxionomia	Estr. Morf.
193	Brejo	João Pinto, do	LP	Antropo	COMPOSTO
194	Riacho	Lago, do	LP	Hidro	SIMPLES
195	Brejo	Lagoa, da	LP	Hidro	SIMPLES
196	Riacho	Lagoa, da	LP	Hidro	SIMPLES
197	Riacho	Lagoa Falsa, da	LP	Hidro	COMPOSTO
198	Riacho	Lagoa Grande, da	LP	Hidro	COMPOSTO
199	Brejo	Lagoinha	LP	Hidro	SIMPLES
200	-	Lagoinha	LP	Hidro	SIMPLES
201	Brejo	Laje, da	LP	Lito	SIMPLES
202	Riacho	Lapa ²⁶⁷ , da	LP	Lito	SIMPLES
203	Riacho	Lara, da	LP	Antropo	SIMPLES
204	Riacho	Laranjeiras, das	LP	Fito	SIMPLES
205	Brejo	Largo	LP	Dimensio	SIMPLES
206	Riacho	Largo, do	LP	Dimensio	SIMPLES
207	Riacho	Lavarinto, do	n/e	n/c	SIMPLES
208	Riacho	Lavra ²⁶⁸ , da	LP	Socio	SIMPLES
209	Riacho	Limoeiro, do	LP	Fito	SIMPLES
210	Brejo	Lontras, das	LP	Zoo	SIMPLES
211	Rio	Lontras, das	LP	Zoo	SIMPLES
212	Lagoa	Lúcios, dos	LP	Antropo	SIMPLES
213	Brejo	Macacos, dos	LA	Zoo	SIMPLES
214	Riacho	Macacos, dos	LA	Zoo	SIMPLES
215	Riacho	Madeira	LP	Fito	SIMPLES
216	Brejo	Madeiro, do	LP	Fito	SIMPLES
217	Riacho	Malhada ²⁶⁹ Alta, da	LP	Geomorfo	COMPOSTO
218	Riacho	Malhada Grande, da	LP	Geomorfo	COMPOSTO
219	Riacho	Mamoneira, da	LA	Fito	SIMPLES
220	Riacho	Marimbondo ²⁷⁰	LA	Zoo	SIMPLES

²⁶⁷ No *DeHlp*, tem-se: “1 grande pedra ou laje que, ressaltando de um rochedo, forma abrigo; 2 cavidade em rochedo; gruta”.

²⁶⁸ No *DeHlp*, há acepções como as que se seguem: “2.1 exploração econômica de uma jazida; 2.2 Derivação: por metonímia. Rubrica: mineralogia. Regionalismo: Brasil. local de onde se extrai metal ou pedras preciosas; terreno de mineração; 3 Derivação: sentido figurado. qualquer lugar onde se cria e/ou produz algo; fábrica, fabricação; Ex.: *um vinho da l. de um amigo*”.

²⁶⁹ No *DeHlp*, como regionalismo do Piauí, significa “baixa úmida onde cresce vegetação semelhante à dos agrestes e com predominância de palmeiras”.

²⁷⁰ No *DeHlp*, design. comum e imprecisa aos insetos himenópteros, esp. da fam. dos vespídeos e pompilídeos, sociais ou solitários, ger. maiores e dotados de ferrão, distinguindo-se das vespas por manterem as asas anteriores longitudinalmente dobradas quando estão pousados; caba”. Ainda no *DeHlp*: do “quimb. *mar'imbondo*, comp. de *ma* pref. de plural + *rimbondo* 'vespa', donde tb. *Maribondo*”.

Nº	Elemento Geográfico	Topônimo	Origem	Taxionomia	Estr. Morf.
221	Riacho	Marmelada ²⁷¹ , da	LP	Fito	SIMPLES
222	Riacho	Marmelada, do	LP	Fito	SIMPLES
223	Lagoa	Martim, do	LP	Antropo	SIMPLES
224	Lagoa	Mato, do	LP	Fito	SIMPLES
225	Riacho	Mato, do	LP	Fito	SIMPLES
226	Riacho	Mato Grosso	LP	Fito	COMPOSTO
227	Riacho	Matões, dos	LP	Fito	SIMPLES
228	Brejo	Meio, do	LP	Cardino	SIMPLES
229	Riacho	Meios, dos	LP	Cardino	SIMPLES
230	Riacho	Melado ²⁷² , do	LP	Ergo	SIMPLES
231	Riacho	Melancia	LP	Fito	SIMPLES
232	Lagoa	Mesquita, da	LP	Antropo	SIMPLES
233	Riacho	Mija Cachorro, do	LP	Dirremato	COMPOSTO
234	Riacho	Miroró	LT	Fito	SIMPLES
235	Lagoa	Mocambinho, do	LP	Eco	SIMPLES
236	Riacho	Mocambinho, do	LP	Eco	SIMPLES
237	Riacho	Monte Alegre	LP	Geomorfo	COMPOSTO
238	Riacho	Monte Alegre, do	LP	Geomorfo	COMPOSTO
239	Brejo	Morrinho	LP	Geomorfo	SIMPLES
240	Riacho	Morro d'água	LP	Geomorfo	COMPOSTO
241	Riacho	Morto	LP	Animo	SIMPLES
242	Riacho	Mucambinho	LP	Eco	SIMPLES
243	Brejo	Muito Longe	LP	Dirremato	COMPOSTO
244	Lagoa	Negra	LP	Hidro-cromo	SIMPLES
245	Riacho	Negros, dos	LP	Etno	SIMPLES
246	Riacho	Nova Olinda	LP	Coro por qualif.	COMPOSTO
247	Riacho	Nova Olinda, da	LP	Coro por qualif.	COMPOSTO
248	Brejo	Novo	LP	Crono	COMPOSTO

²⁷¹ No *DeHlp*, há as seguintes acepções: “**5** Rubrica: angiospermas. m.q. *tapaciriba-amarela* (*Andradea floribunda*); **6** Rubrica: angiospermas. m.q. *guarumbé* (*Centrosema plumieri*); **7** Rubrica: angiospermas.m.q. *marmelo-do-mato* (*Alibertia lanceolata*)”.

²⁷² No *DeHlp*, como regionalismo do Nordeste, tem-se: “calda espessa depositada na caldeira com a qual se faz rapadura; mel”.

Nº	Elemento Geográfico	Topônimo	Origem	Taxionomia	Estr. Morf.
249	Riacho	Oco, do	LP	n/c	SIMPLES
250	Riacho	Olho d'Água	LP	Hidro	COMPOSTO
251	Riacho	Olho d'Água, do	LP	Hidro	COMPOSTO
252	Riacho	Olho d'Água Grande, do	LP	Hidro	COMPOSTO
253	Brejo	Onça, da	LP	Zoo	SIMPLES
254	Brejo	Orelha, da	LP	Somato	SIMPLES
255	Brejo	Ouro, do	LP	Lito	SIMPLES
256	Riacho	Palestina, da	LP	Coro	SIMPLES
257	Riacho	Palmeira, da	LP	Fito	SIMPLES
258	Riacho	Palmeiras	LP	Fito	SIMPLES
259	Riacho	Pandeiro	LP	Ergo	SIMPLES
260	Riacho	Pandeiro, do	LP	Ergo	SIMPLES
261	Riacho	Papagaio, do	LP	Zoo	SIMPLES
262	Lagoa	Paquetá ²⁷³	LT	n/c	SIMPLES
263	Riacho	Paquetá	LT	n/c	SIMPLES
264	Riacho	Paquetá, do	LT	n/c	SIMPLES
265	Riacho	Pará, do	LT	Coro	SIMPLES
266	Rio	Paraim	LT	Hidro	SIMPLES
267	Riacho	Parida, da	LP	n/c	SIMPLES
268	Rio	Parnaíba	LT	Coro	SIMPLES
269	Riacho	Parteiras, das	LP	Socio	SIMPLES
270	Riacho	Passagem das Éguas	LP	Hodo	COMPOSTO
271	Riacho	Pastores, dos	LP	Socio	SIMPLES
272	Lagoa	Patos, dos	LP	Zoo	SIMPLES
273	Brejo	Pau d'Óleo	LP	Fito	COMPOSTO
274	Riacho	Pau do Velho	LP	Fito	COMPOSTO
275	Riacho	Paulino	LP	Antropo	SIMPLES
276	Riacho	Paulino, do	LP	Antropo	SIMPLES
277	Brejo	Paus, dos	LP	Fito	SIMPLES
278	Lagoa	Pé do Buriti, do	LP + LT	Fito	COMPOSTO HÍBRIDO
279	Brejo	Pé do Morro	LP	Cardino	COMPOSTO
280	Brejo	Pé do Morro, do	LP	Cardino	COMPOSTO
281	Riacho	Pedra Branca	LP	Lito	COMPOSTO

²⁷³ Em Sampaio (1987, p. 293), tem-se: “PAQUETÁ corr. Paca-etá, as pacas.25. Ilha dentro da baía de Guanabara”. Como pode ser tanto o animal (Zoo), quanto uma referência à ilha carioca (Coro), optou-se pela não classificação.

Nº	Elemento Geográfico	Topônimo	Origem	Taxionomia	Estr. Morf.
282	Riacho	Pedra Dura	LP	Lito	COMPOSTO
283	Brejo	Pedra Furada, da	LP	Lito	COMPOSTO
284	Lagoa	Pedra Furada, da	LP	Lito	COMPOSTO
285	Riacho	Pedra Furada, da	LP	Lito	COMPOSTO
286	Riacho	Pedras, das	LP	Lito	SIMPLES
287	Riacho	Pedrinhas, das	LP	Lito	SIMPLES
288	Lagoa	Peixe, do	LP	Zoo	SIMPLES
289	Rio	Peixe	LP	Zoo	SIMPLES
290	Rio	Peixe, do	LP	Zoo	SIMPLES
291	Brejo	Pendenga, da	LP	Animo	SIMPLES
292	Lagoa	Pequena	LP	Dimensio	SIMPLES
293	Riacho	Pequi ²⁷⁴ , do	LT	Fito	SIMPLES
294	Brejo	Pindaíba ²⁷⁵ , da	LT	Fito	SIMPLES
295	Riacho	Pindaíba, da	LT	Fito	SIMPLES
296	Riacho	Pindaíba, do	LT	Fito	SIMPLES
297	Riacho	Pintada, da	LP	n/c	SIMPLES
298	Riacho	Pirajá ²⁷⁶ , do	LT	Ergo	SIMPLES
299	Riacho	Pirajazinho, do	LT	Ergo	SIMPLES
300	Riacho	Piripiri ²⁷⁷	LT	Fito	SIMPLES
301	Riacho	Piripiri, do	LT	Fito	SIMPLES
302	Riacho	Piripiri, de	LT	Fito	SIMPLES
303	Riacho	Poço, do	LP	Hidro	SIMPLES
304	Lagoa	Poço Branco	LP	Hidro	COMPOSTO
305	Riacho	Poço Comprido, do	LP	Hidro	COMPOSTO
306	Riacho	Poço do Canto, do	LP	Hidro	COMPOSTO
307	Riacho	Poções	LP	Hidro	SIMPLES
308	Lagoa	Porcos, dos	LP	Zoo	SIMPLES
309	Lagoa	Porta, da	LP	Ergo	SIMPLES

²⁷⁴ No *DeHlp*, tem-se: “design. comum a árvores do gên. *Caryocar*, da fam. das cariocaráceas, de boa madeira, folhas trifolioladas e drupas ger. comestíveis; pequiá, piquiá”. Ainda no *DeHlp*: do tupi *pe'ki 'id.*”.

²⁷⁵ No *DeHlp*, tem-se: “design. comum a diversas árvores e arbustos da fam. das anonáceas.”. Ainda no *DeHlp*: do tupi: “tupi *pinda'íwa* 'planta anonácea’”. Em Baptista (1981, pp. 328 a 340), na “RELAÇÃO DAS PLANTAS NATIVAS DO PIAUÍ”, consta o nome de tal exemplar.

²⁷⁶ No *DeHlp*, tem-se: “chuva forte e rápida, tipicamente tropical, comum na região costeira entre os Abrolhos e o cabo de Santo Agostinho; parajá”. Em Sampaio (1987, p. 302), no entanto, tem-se: “**PIRAJÁ** *corr.* **Pirá-yá**, capaz de peixe, o viveiro de peixes”.

²⁷⁷ Em Sampaio (1987, p. 304), tem-se: “**PIRIPIRI S. Pirí-pirí**, o junco continuado; o juncal”.

Nº	Elemento Geográfico	Topônimo	Origem	Taxionomia	Estr. Morf.
310	Riacho	Porta, da	LP	Ergo	SIMPLES
311	Riacho	Porteira, da	LP	Ergo	SIMPLES
312	Riacho	Porteiras, das	LP	Ergo	SIMPLES
313	Brejo	Prata, da	LP	Lito	SIMPLES
314	Riacho	Prata, da	LP	Lito	SIMPLES
315	Riacho	Prazeres, dos	LP	Animo	SIMPLES
316	Riacho	Projeto, do	LP	Animo	SIMPLES
317	Brejo	Puçá ²⁷⁸ , do	LT	Fito	SIMPLES
318	Riacho	Quilombo ²⁷⁹ , do	LA	Eco	SIMPLES
319	Riacho	Rangel	LP	Antropo	SIMPLES
320	Riacho	Rangel, do	LP	Antropo	SIMPLES
321	Brejo	Raposa, da	LP	Zoo	SIMPLES
322	Lagoa	Raposa, da	LP	Zoo	SIMPLES
323	Riacho	Recantilhado, do	LP	n/c	SIMPLES
324	Lagoa	Redonda	LP	Morfo	SIMPLES
325	Riacho	Retiro, do	LP	Eco	SIMPLES
326	-	Riachão	LP	Hidro	SIMPLES
327	Riacho	Riachão	LP	Hidro	SIMPLES
328	Riacho	Riachinho	LP	Hidro	SIMPLES
329	Riacho	Riachinho, do	LP	Hidro	SIMPLES
330	-	Ribeirão	LP	Hidro	SIMPLES
331	Brejo	Ribeiro, do	LP	Antropo	SIMPLES
332	Riacho	Rodrigues, do	LP	Antropo	SIMPLES
333	Brejo	Rogério, do	LP	Antropo	SIMPLES
334	Brejo	Russinho, do	LP	Antropo	SIMPLES
335	Brejo	Saco, do	LP	Geomorfo	SIMPLES
336	Riacho	Saco, do	LP	Geomorfo	SIMPLES
337	Riacho	Saco do Buriti	LP + LT	Geomorfo	COMPOSTO HÍBRIDO
338	Riacho	Saco Grande	LP	Geomorfo	COMPOSTO
339	Riacho	Saco Grande,	LP	Geomorfo	COMPOSTO

²⁷⁸ No *DeHlp*, têm-se, como regionalismo do Piauí, duas acepções: “**5** Rubrica: angiospermas. Regionalismo: Piauí. m.q. *casca-de-anta-brava* (*Rauwolfia bahiensis*) **6** Rubrica: angiospermas. Regionalismo: Piauí. m.q. *mandapuçá* (*Mouriri chamissoana*, *M. pusa*)”. Ainda no *DeHlp*: do “tupi *pi'sa* 'pequena rede de pescar’”. Em Baptista (1981, pp. 328 a 340), na “RELAÇÃO DAS PLANTAS NATIVAS DO PIAUÍ”, consta o nome de tal exemplar.

²⁷⁹ No *DeHlp*, têm-se duas acepções: “**1** Rubrica: história. Regionalismo: Brasil. local escondido, ger. no mato, onde se abrigavam escravos fugidos; **2** Rubrica: história. Regionalismo: Brasil. povoação fortificada de negros fugidos do cativeiro, dotada de divisões e organização interna (onde tb. se acoitavam índios e eventualmente brancos socialmente desprivilegiados)”. Ainda no *DeHlp*: do “quimb. *kilombo* 'união; cabana, acampamento, arraial’”.

Nº	Elemento Geográfico	Topônimo	Origem	Taxionomia	Estr. Morf.
		do			
340	Riacho	Salgado	LP	Hidro-halo	SIMPLES
341	Riacho	Salina, da	LP	Lito	SIMPLES
342	Riacho	Salinas	LP	Lito	SIMPLES
343	Lagoa	Saltão ²⁸⁰ , do	LP	Hidro	SIMPLES
344	Riacho	Saltão, do	LP	Hidro	SIMPLES
345	Riacho	Salto ²⁸¹ , do	LP	Hidro	SIMPLES
346	Brejo	Sambaíba ²⁸² , da	LT	Fito	SIMPLES
347	Riacho	Sambaíba, da	LT	Fito	SIMPLES
348	Riacho	Santa Luz, de	LP	Hagio	COMPOSTO
349	Riacho	Santa Maria	LP	Hagio	COMPOSTO
350	Riacho	Santa Maria, da	LP	Hagio	COMPOSTO
351	Riacho	Santa Marta	LP	Hagio	COMPOSTO
352	Lagoa	Santa Rosa, da	LP	Hagio	COMPOSTO
353	Riacho	Santana, de	LP	Antropo	SIMPLES
354	Riacho	São Francisco	LP	Hagio	COMPOSTO
355	Riacho	São Francisco, do	LP	Hagio	COMPOSTO
356	Riacho	São Gonçalo, do	LP	Hagio	COMPOSTO
357	Riacho	São José	LP	Hagio	COMPOSTO
358	Riacho	São José, do	LP	Hagio	COMPOSTO
359	Lagoa	São Lourenço	LP	Hagio	COMPOSTO
360	Riacho	São Lourenço	LP	Hagio	COMPOSTO
361	Riacho	Saquinho, do	LP	Geomorfo	SIMPLES
362	Riacho	Saudade, da	LP	Animo	SIMPLES
363	Lagoa	Seca	LP	Hidro-hipo	SIMPLES
364	Brejo	Seco	LP	Hidro-hipo	SIMPLES
365	Riacho	Seco	LP	Hidro-hipo	SIMPLES
366	Riacho	Serra, da	LP	Geomorfo	SIMPLES
367	Riacho	Serrinha, da	LP	Geomorfo	SIMPLES
368	Riacho	Simbaíba, do	LT	Fito	SIMPLES
369	Riacho	Sítio, do	LP	Eco	SIMPLES
370	Riacho	Soares, do	LP	Antropo	SIMPLES
371	Riacho	Sobradinho	LP	Eco	SIMPLES
372	Riacho	Soledade	LP	n/c	SIMPLES

²⁸⁰ Ver Salto.

²⁸¹ No *DeHlp*, tem-se: “m.q. *queda-d'água*”.

²⁸² No *DeHlp*, tem-se: “arbusto sarmentoso (*Davilla latifolia*) da fam. das dilleniáceas, nativo do Brasil (MG, RJ, SP), com folhas elípticas, coriáceas, e flores em racemos compostos; sambaibinha, sambaúva”. Ainda no *DeHlp*: do “tupi *samba'íwa*”.

Nº	Elemento Geográfico	Topônimo	Origem	Taxionomia	Estr. Morf.
373	Riacho	Solta, da	LP	Geomorfo	SIMPLES
374	Riacho	Sossego, do	LP	Animo	SIMPLES
375	Brejo	Souza, do	LP	Antropo	SIMPLES
376	Lagoa	Suçupara ²⁸³	LT	Zoo	SIMPLES
377	Lagoa	Suçupara, da	LT	Zoo	SIMPLES
378	Rio	Suçupara	LT	Zoo	SIMPLES
379	Lagoa	Sucupira ²⁸⁴ , da	LT	Fito	SIMPLES
380	Riacho	Sucupira, da	LT	Fito	SIMPLES
381	Brejo	Sucuriú, do	LT	Zoo	SIMPLES
382	Riacho	Sucuriú, do	LT	Zoo	SIMPLES
383	Brejo	Sumidor	LP	Hidro	SIMPLES
384	Lagoa	Taboca, da	LP	Fito	SIMPLES
385	Cachoeira	Tabocas	LP	Fito	SIMPLES
386	Riacho	Tabocas, das	LP	Fito	SIMPLES
387	Riacho	Tabocas, do	LP	Fito	SIMPLES
388	Lagoa	Tabua ²⁸⁵ , da	LP	Fito	SIMPLES
389	Riacho	Tábua, da	LP	Ergo	SIMPLES
390	Lagoa	Tabuleiro, do	LP	Geomorfo	SIMPLES
391	Brejo	Tamboril, do	LT	Fito	SIMPLES
392	Riacho	Tamboril, do	LT	Fito	SIMPLES
393	Riacho	Tanque	LP	Hidro	SIMPLES
394	Riacho	Tapera, da	LT	Eco	SIMPLES
395	Brejo	Tapuio, do	LT	Etno	SIMPLES
396	Riacho	Tapuio, do	LT	Etno	SIMPLES
397	Brejo	Taquari ²⁸⁶	LT	Fito	SIMPLES
398	Riacho	Taquari	LT	Fito	SIMPLES

²⁸³ No *DeHlp*, há as seguintes acepções: “Rubrica: mastoZoologia. **1** m.q. *cervo-do-pantanal* (*Blastocerus dichotomus*); **2** m.q. *cariacu* (*Odocoileus virginianus*); **3** m.q. *veado-campeiro* (*Ozotocerus bezoarticus*)”. Ainda no *DeHlp*: do “tupi *siwasua'para* 'veado-galheiro”.

²⁸⁴ No *DeHlp*, tem-se: “design. comum a muitas árvores de diferentes gên. da subfam. papilionoídea, da fam. das leguminosas, esp. a várias do gên. *Diploptropis*, ger. cultivadas pelas madeiras nobres ou como ornamentais; sapupira, sepipira, sibipira, sicupira, sipipira”. Ainda no *DeHlp*: do “tupi *sewi'pira* 'id.”.

²⁸⁵ No *DeHlp*, tem-se: “design. comum a ervas do gên. *Typha*, da fam. das tifáceas, com flores em espigas cilíndricas, que vegetam em brejos e margens de rios”. Forma variante *Taboa*.

²⁸⁶ No *DeHlp*, têm-se as seguintes acepções sob a rubrica das Angiospermas: “**1** Rubrica: angiospermas. árvore de até 7 m (*Mabea paniculata*), da fam. das euforbiáceas, nativa do Brasil (PA), com ramos tomentosos, folhas de forma variável e inflorescência com muitas flores e brácteas ovadas; abiori; **2** Rubrica: angiospermas.planta de até 12 m (*Merostachys burchellii*), da fam. das gramíneas, nativa do Brasil (SP, PR), de colmo fistuloso, ramos verticilados e folhas com a margem áspera; taquara, taquara-fina, taquara-lisa, taquara-mansa; **3** Rubrica: angiospermas. planta de até 18 m (*Merostachys clauseni*), da mesma fam., de lâminas ovadolanceoladas e espigas subfalciformes; taquara-do-mato, taquarapoca, taquara-verdadeira, taquaricé, taquaruçu; **4** Rubrica: angiospermas. m.q. *bambu-trepador* (*Chusquea capituliflora*); **5** Rubrica: angiospermas. m.q. *caracá* (*Chusquea uruguayensis*) **6** Rubrica: angiospermas. m.q. *taboca-de-marajó* (*Guadua macrostachya*)”. Ainda no *DeHlp*: do” tupi *takwa'ri* < *ta'kwara* 'taquara' + *i* 'pequeno”.

Nº	Elemento Geográfico	Topônimo	Origem	Taxionomia	Estr. Morf.
399	Riacho	Telha, da	LP	Ergo	SIMPLES
400	Lagoa	Terçado, do	LP	Ergo	SIMPLES
401	Riacho	Terçado, do	LP	Ergo	SIMPLES
402	Lagoa	Tijuca ²⁸⁷ , da	LT	Zoo	SIMPLES
403	Brejo	Timbó ²⁸⁸ , do	LT	Fito	SIMPLES
404	Brejo	Tiririca ²⁸⁹ , da	LT	Fito	SIMPLES
405	Rio	Tiririca	LT	Fito	SIMPLES
406	Lagoa	Tomás	LP	Antropo	SIMPLES
407	Lagoa	Tomás, do	LP	Antropo	SIMPLES
408	Riacho	Tombador ²⁹⁰	LP	Geomorfo	SIMPLES
409	Brejo	Torre, da	LP	Ergo	SIMPLES
410	Riacho	Traíra ²⁹¹ , da	LT	Zoo	SIMPLES
411	Riacho	Trovoada, do	LP	Meteoro	SIMPLES
412	Rio	Tucum ²⁹²	LT	Fito	SIMPLES
413	Riacho	Umbuzeiro, do	LT	Fito	SIMPLES
414	Brejo	Ursa, da	LP	Zoo	SIMPLES
415	Rio	Uruçui	LT	Hidro	SIMPLES
416	Rio	Uruçui Vermelho	LT + LP	Hidro	COMPOSTO HÍBRIDO
417	Riacho	Uruçui-Preto	LT + LP	Hidro	COMPOSTO HÍBRIDO
418	Rio	Uruçuí-Preto	LT + LP	Hidro	COMPOSTO HÍBRIDO

²⁸⁷ No *DeHlp*, o mesmo que *assobiador*, que significa sob a rubrica da ornitologia: “m.q. *japacaním* (*Donacobius atricapillus*)”. Ainda no *DeHlp*: “segundo Nascentes, tupi *tí'yu* 'nariz, bico amarelo', com el. final do tupi *'yuwa* 'amarelo, de cor amarela”.

²⁸⁸ No *DeHlp*, tem-se: “design. comum a várias plantas das fam. das leguminosas e das sapindáceas, ger. com casca e/ou raízes us. para tinguir”. Ainda no *DeHlp*: do “tupi *tí'mbo* 'designação comum a várias plantas das famílias das leguminosas e das sapindáceas, cuja seiva é tóxica para peixes e, por isto, us. para pescar”. Em Baptista (1981, pp. 328 a 340), na “RELAÇÃO DAS PLANTAS NATIVAS DO PIAUÍ”, consta o nome de tal exemplar.

²⁸⁹ No *DeHlp*, tem-se: “design. comum a várias plantas de diferentes gên. da fam. das ciperáceas, muitas tidas como daninhas às plantações, embora algumas sejam úteis, esp. como medicinais”. Ainda no *DeHlp*: do “tupi *tiri'rika*, de *tiri'ri* 'arrastar-se', porque é planta rasteira que se alastra”. Em Baptista (1981, pp. 328 a 340), na “RELAÇÃO DAS PLANTAS NATIVAS DO PIAUÍ”, consta o nome de tal exemplar.

²⁹⁰ Em Souza (2004, p. 319), tem-se: “também *tombadouro*, segundo o registro de Macedo Soares; encosta íngreme de uma serra ou colina, até de uma chapada”.

²⁹¹ No *DeHlp*, tem-se: “peixe teleósteo, caraciforme, da fam. dos eritrinídeos (*Hoplias malabaricus*), encontrado em ambientes lênticos da América Central até a Argentina e de ampla distribuição no Brasil; com cerca de 60 cm de comprimento, coloração variando do negro ao pardo-escuro, ventre branco e manchas escuras espalhadas no corpo, dentes fortes com quatro incisivos muito afiados; cipó-de-viúva, dorme-dorme, jeju, maturaqué, peixe-preto, robafo, taraira, tararira, tarira”. Ainda no *DeHlp*: do “tupi *tare'ira* 'peixe”.

²⁹² No *DeHlp*, tem-se: “design. comum a várias palmeiras, ger. cespitosas, dos gên. *Astrocaryum* e *Bactris*, nativas do Brasil e de países vizinhos, com frutos freq. comestíveis e folhas das quais se extraem fibras, conhecidas como fibra de tucum; tucunzeiro”. Ainda no *DeHlp*: do “tupi *tu'ku* 'id.”.

Nº	Elemento Geográfico	Topônimo	Origem	Taxionomia	Estr. Morf.
419	Riacho	Uruçui-Vermelho	LT + LP	Hidro	COMPOSTO HÍBRIDO
420	Riacho	Urucuzal	LT	Fito	SIMPLES
421	Riacho	Urucuzal, do	LT	Fito	SIMPLES
422	Riacho	Vaca Morta, da	LP	Zoo	COMPOSTO
423	Lagoa	Vargem Grande, da	LP	Geomorfo	COMPOSTO
424	Riacho	Vargem Grande	LP	Geomorfo	COMPOSTO
425	Riacho	Vargem Grande, da	LP	Geomorfo	COMPOSTO
426	Brejo	Várzea Grande	LP	Geomorfo	COMPOSTO
427	Brejo	Vau ²⁹³ , do	LP	Hidro	SIMPLES
428	Lagoa	Velame ²⁹⁴ , do	LP	Fito	SIMPLES
429	Lagoa	Velha	LP	Crono	SIMPLES
430	Riacho	Veneza, da	LIT	Coro	SIMPLES
431	Brejo	Vereda Comprida	LP	Geomorfo	COMPOSTO
432	Riacho	Vereda Comprida, da	LP	Geomorfo	COMPOSTO
433	Brejo	Vereda Grande	LP	Geomorfo	COMPOSTO
434	Lagoa	Vereda Grande, da	LP	Geomorfo	COMPOSTO
435	Riacho	Vereda Grande	LP	Geomorfo	COMPOSTO
436	Riacho	Vermelho	LP	Hidro-cromo	SIMPLES
437	Riacho	Vida Comprida	LP	Animo	COMPOSTO
438	Brejo	Volta, da	LP	Geomorfo	SIMPLES
439	Riacho	Xingu	LT	Coro	SIMPLES
440	Riacho	Xingu, do	LT	Coro	SIMPLES
441	Riacho	Zé Magro, do	LP	Antropo	COMPOSTO
442	Riacho	Zumbi ²⁹⁵	LA	Mito	SIMPLES

²⁹³ Em Souza (2004, p. 335), tem-se: “é palavra portuguesa, que designa o lugar do rio onde a água é pouco funda, se sorte que se pode passar a pé ou a cavalo”.

²⁹⁴ No *DeHlp*, tem-se: “design. comum a várias plantas do gên. *Croton* da fam. das euforbiáceas, que se apresentam tomentosas, freq. nas folhas, a maioria muito cultivada como ornamental”.

²⁹⁵ Em Jacques Raimundo (1933, p. 162), tem-se: “Ente fantástico que, segundo a crença popular, vagueia dentro das casas a horas mortas da noite”.

4.3.1.2 Dados da Ficha

Quadro 35: Percentual das taxes da Microrregião do Alto Médio Gurgueia

Percentual das taxes								
Taxe	Nº	%	Taxe	Nº	%	Taxe	Nº	%
Animo	20	4,5	Eco	9	2	Lito	27	6,1
Antropo	36	8,1	Ergo	23	5,2	Meteoro	1	0,2
Astro	0	0	Etno	6	1,4	Mito	1	0,2
Axio	1	0,2	Fito	97	22	Morfo	1	0,2
Cardino	10	2,3	Geomorfo	41	9,3	Numero	0	0
Coro	8	1,8	Hagio	12	2,7	Polio	2	0,4
Cromo	0	0	Hidro	58	13,1	Socio	5	1,1
Crono	2	0,4	Hiero	2	0,4	Somato	2	0,4
Dimensio	11	2,5	Historio	0	0	Zoo	41	9,3
Dirremato	4	0,9	Hodo	1	0,2	n/c	21	4,7

Quadro 36: Percentual das origens dos Hidrônimos da Microrregião do Alto Médio Gurgueia

Percentual das origens dos Hidrônimos		
Origem	Nº	%
LA	6	1,4
LAR	0	0
LC	0	0
LE	0	0
LIT	1	0,2
LJ	1	0,2
LP	345	78
LP + LA	00	00
LP + LT	5	1,1
LT	70	16
LT+ LP	12	2,7
não encontrada	2	0,4

4.3.2 Microrregião do Alto Parnaíba piauiense (4 municípios)

Município 1: Baixa Grande do Ribeiro

Município 2: Ribeiro Gonçalves

Município 3: Santa Filomena

Município 4: Uruçui

4.3.2.1 Hidrônimos da microrregião do Alto Parnaíba piauiense

Quadro 37: Classificação Taxionômica dos Hidrônimos da Microrregião do Alto Parnaíba Piauiense

Nº	Elemento Geográfico	Topônimo	Origem	Taxionomia	Estr. Morf.
01	Brejo	Abóbora, da	LP	Fito	SIMPLES
02	Riacho	Água Boa, da	LP	Hidro	COMPOSTO
03	Riacho	Água Branca	LP	Hidro	COMPOSTO
04	Riacho	Águas Belas	LP	Hidro	COMPOSTO
05	Riacho	Aldeia, da	LP	Polio	SIMPLES
06	Riacho	Alegre, do	LP	Animo	SIMPLES
07	Riacho	Algodão, do	LP	Fito	SIMPLES
08	Riacho	Almécegas ²⁹⁶ , da	LP	Fito	SIMPLES
09	Riacho	Almescla ²⁹⁷ , da	LP	Fito	SIMPLES
10	Riacho	Altamira, da	LP	n/c	SIMPLES
11	Riacho	Ambrósio, do	LP	Antropo	SIMPLES
12	Riacho	Angelim, do	LP	Fito	SIMPLES
13	Riacho	Angical, do	LP	Fito	SIMPLES
14	Riacho	Angico, do	LP	Fito	SIMPLES
15	Cachoeira	Apertado da Hora	LP	Dirremato	COMPOSTO
16	Riacho	Arábia, da	LP	Coro	SIMPLES
17	Brejo	Arara, da	LT	Zoo	SIMPLES
18	Riacho	Areia, da	LP	Lito	SIMPLES
19	Brejo	Areia, da	LP	Lito	SIMPLES
20	Riacho	Aroeira	LP	Fito	SIMPLES
21	Riacho	Atoleiro	LP	Geomorfo	SIMPLES
22	Ribeirão	Babilônia ²⁹⁸ , da	LP	Ergo	SIMPLES
23	Riacho	Babiloninha, da	LP	Ergo	SIMPLES
24	Riacho	Bacaba ²⁹⁹	LT	Fito	SIMPLES
25	Riacho	Bacaba, da	LT	Fito	SIMPLES

²⁹⁶ No *DeHlp*, “m.q. *almecegueira* ('designação comum)’”. Almecegueira, por sua vez: “design. comum a muitas árvores de diversos gên. da fam. das bursérceas, esp. do gên. *Protium*, de boa madeira e que exsudam o breu; almécega, elemi, elemieira”. Em Baptista (1981, pp. 328 a 340), na “RELAÇÃO DAS PLANTAS NATIVAS DO PIAUÍ”, consta o nome de tal exemplar.

²⁹⁷ Ao que tudo indica, trata-se de uma forma variante de Almécega. Seabra (2004, p. 114), para o Topônimo **Armesca** propõe, no campo HISTÓRICO da ficha lexicográfica respectiva, a seguinte cadeia evolutiva: Almesca ~ Almesca < Almécega. Com a ocorrência encontrada neste estudo, é possível ampliar a cadeia para: Almesca ~ Almesca ~ Almescla < Almécega.

²⁹⁸ No *DeHlp*, como regionalismo do Nordeste, significa: “construção de grandes proporções”.

²⁹⁹ No *DeHlp*, “design. comum a várias plantas do gên. *Oenocarpus*, da fam. das palmas”. Ainda no *DeHlp*: do “tupi *ĩwa'kawa* (de *ĩ'wa* 'fruta' + *'kawa* 'gorda, graxa)’”.

Nº	Elemento Geográfico	Topônimo	Origem	Taxionomia	Estr. Morf.
26	Riacho	Bacabal, do	LT	Fito	SIMPLES
27	Brejo	Badejo ³⁰⁰ , do	LP	Zoo	SIMPLES
28	Riacho	Baixa do Boi	LP	Geomorfo	COMPOSTO
29	Riacho	Baixa Grande	LP	Geomorfo	COMPOSTO
30	Riacho	Baixão	LP	Geomorfo	SIMPLES
31	Riacho	Baixão, do	LP	Geomorfo	SIMPLES
32	Rio	Balsas, das	LP	Ergo	SIMPLES
33	Ribeirão	Balsinha Grande	LP	Ergo	COMPOSTO
34	Riacho	Bananeira, da	LA	Fito	SIMPLES
35	Brejo	Bandeira, da	LP	Ergo	SIMPLES
36	Riacho	Barro Alto, do	LP	Lito	COMPOSTO
37	Riacho	Batateiras	LP	Fito	SIMPLES
38	Riacho	Boa Esperança, da	LP	Animo	COMPOSTO
39	Riacho	Bobagem	LP	Animo	SIMPLES
40	Lagoa	Boi, do	LP	Zoo	SIMPLES
41	Riacho	Boi, do	LP	Zoo	SIMPLES
42	Brejo	Bois, dos	LP	Zoo	SIMPLES
43	Riacho	Bolota ³⁰¹ , da	LP	Fito	SIMPLES
44	Riacho	Bonfim, do	LP	Antropo	SIMPLES
45	Riacho	Boqueirão, do	LP	Geomorfo	SIMPLES
46	Brejo	Boqueirão, do	LP	Geomorfo	SIMPLES
47	Riacho	Bote, do	LP	Ergo	SIMPLES
48	Riacho	Bracinho	LP	Somato	SIMPLES
49	Riacho	Brejão	LP	Hidro	SIMPLES
50	Riacho	Brejão, do	LP	Hidro	SIMPLES
51	Brejo	Brejão	LP	Hidro	SIMPLES
52	Córrego	Brejão	LP	Hidro	SIMPLES
53	Riacho	Brejinho	LP	Hidro	SIMPLES
54	Riacho	Brejo, do	LP	Hidro	SIMPLES
55	Riacho	Brejo da Enxada	LP	Hidro	COMPOSTO
56	Riacho	Brejo da Onça	LP	Hidro	COMPOSTO

³⁰⁰ “Os badejos são peixes típicos dos costões **rochosos e recifes de corais**, mas também podem ser encontrados em estuários, em locais onde existem tocas. **Nunca são encontrados em águas com baixa salinidade**. Vivem sozinhos ou em pequenos grupos de 5 a 10 indivíduos. São peixes carnívoros, que se alimentam de peixes, moluscos, crustáceos e equinodermos”. Disponível em http://ambientes.ambientebrasil.com.br/agua/pesca_esportiva_em_agua_salgada/badejo_-_mycteroperca_spp..html. Acesso em 02 de setembro de 2011.

³⁰¹ No *DeHlp*, tem-se, como regionalismo do Nordeste: “matéria fecal de alguns animais, esp. Caprinos”. Em Baptista (1981, pp. 328 a 340), na “RELAÇÃO DAS PLANTAS NATIVAS DO PIAUÍ”, consta o nome de tal exemplar.

Nº	Elemento Geográfico	Topônimo	Origem	Taxionomia	Estr. Morf.
57	Riacho	Brejo da Roça, do	LP	Hidro	COMPOSTO
58	Riacho	Buriti	LT	Fito	SIMPLES
59	Riacho	Buriti Grande, do	LT + LP	Fito	COMPOSTO HÍBRIDO
60	Riacho	Buritirana ³⁰² , da	LT	Fito	SIMPLES
61	Riacho	Buritizinho, do	LT	Fito	SIMPLES
62	Riacho	Cascavel, da	LP	Zoo	SIMPLES
63	Riacho	Cachoeira, da	LP	Hidro	SIMPLES
64	Brejo	Cachorra, da	LP	Zoo	SIMPLES
65	Riacho	Cacimba, da	LA	Hidro	SIMPLES
66	Brejo	Caetano, do	LP	Antropo	SIMPLES
67	Brejo	Cágados, dos	LP	Zoo	SIMPLES
68	Riacho	Caititu, do	LT	Zoo	SIMPLES
69	Ribeirão	Caititu	LT	Zoo	SIMPLES
70	Brejo	Caititu, do	LT	Zoo	SIMPLES
71	Riacho	Caldeirão	LP	Hidro	SIMPLES
72	Brejo	Caldeirão, do	LP	Hidro	SIMPLES
73	Riacho	Cambaúba, da	n/e	n/c	SIMPLES
74	Brejo	Campeira ³⁰³ , da	LP	Fito	SIMPLES
75	Riacho	Cana Brava, da	LP	Fito	COMPOSTO
76	Riacho	Canafístula, da	LP	Fito	SIMPLES
77	Ribeirão	Cândido, do	LP	Antropo	SIMPLES
78	Lagoa	Canto, do	LP	Cardino	SIMPLES
79	Riacho	Canto	LP	Cardino	SIMPLES
80	Riacho	Capitães, dos	LP	Axio	SIMPLES
81	Riacho	Caraíbas, das	LP	Fito	SIMPLES
82	Riacho	Cardoso, do	LP	Antropo	SIMPLES
83	Riacho	Carniça, da	LP	n/c	SIMPLES
84	Riachão	Castros, dos	LP	Antropo	SIMPLES
85	Ribeirão	Castros, dos	LP	Antropo	SIMPLES
86	Riacho	Catapora ³⁰⁴	LT	n/c	SIMPLES

³⁰² No *DeHlp*, “buriti cespitoso (*Mauritiella martiana*) de até 10 m, nativo da Amazônia, de estipe revestido por acúleos, us. pelos indígenas como alfinetes, e de cujos frutos se faz suco refrigerante e tônico; buritizinho, caraná, caranaí, carandaizinho, cariná, ripa, uliia”.

³⁰³ No *DeHlp*, “variedade de mandioca”.

³⁰⁴ No *DeHlp*, do “tupi *tata'pora*, formado de *ta'ta* 'fogo' e *'pora* 'que salta, irrompe”.

Nº	Elemento Geográfico	Topônimo	Origem	Taxionomia	Estr. Morf.
87	Brejo	Cavalos, dos	LP	Zoo	SIMPLES
88	Riacho	Cedro, do	LP	Fito	SIMPLES
89	Riacho	Cercado, do	LP	Ergo	SIMPLES
90	Riacho	Certeza, da	LP	Animo	SIMPLES
91	Riacho	Chupé, do	n/e	n/c	SIMPLES
92	Riacho	Cipó, do	LT	Fito	SIMPLES
93	Riacho	Coco	LP	Fito	SIMPLES
94	Riacho	Cocos, dos	LP	Fito	SIMPLES
95	Riacho	Coité ³⁰⁵	LT	Fito	SIMPLES
96	Riacho	Coivara ³⁰⁶ , da	LT	Fito	SIMPLES
97	Riacho	Colher, da	LP	Ergo	SIMPLES
98	Lagoa	Comprida	LP	Dimensio	SIMPLES
99	Brejo	Comprido	LP	Dimensio	SIMPLES
100	Brejo	Consulta, da	LP	Animo	SIMPLES
101	Riacho	Coqueiro, do	LP	Fito	SIMPLES
102	Riacho	Correntão	LP	Hidro	SIMPLES
103	Ribeirão	Corrente, do	LP	n/c	SIMPLES
104	Riacho	Corrente	LP	Hidro	SIMPLES
105	Riacho	Correntinho	LP	Hidro	SIMPLES
106	Riacho	Corujas, das	LP	Zoo	SIMPLES
107	Riacho	Couro, do	LP	n/c	SIMPLES
108	Riacho	Cruz, da	LP	Hiero	SIMPLES
109	Riacho	Curimatá	LT	Zoo	SIMPLES
110	Brejo	Currais, dos	LP	Socio	SIMPLES
111	Brejo	d'Anta	LP	Zoo	SIMPLES
112	Brejo	Deserto, do	LP	Geomorfo	SIMPLES
113	Riacho	Desmazolo	n/e	n/c	SIMPLES
114	Brejo	Éguas, das	LP	Zoo	SIMPLES
115	Riacho	Engano, do	LP	Animo	SIMPLES
116	Riacho	Esfolado	LP	Animo	SIMPLES
117	Ribeirão	Espaduaado, do	LP	n/c	SIMPLES
118	Riacho	Estiva, da	LP	Ergo	SIMPLES
119	Riacho	Estivinha, da	LP	Ergo	SIMPLES
120	Riacho	Estreito, do	LP	Hidro	SIMPLES
121	Brejo	Euzébio, do	LP	Antropo	SIMPLES
122	Riacho	Extrema, da	LP	Cardino	SIMPLES

³⁰⁵ No *DeHlp*, sob a rubrica das angiospermas, há as seguintes acepções: “1 Rubrica: angiospermas. m.q. *cuieira* (*Crescentia cujete*); 2 Rubrica: angiospermas, artesanato. m.q. *cuia* ('fruto', 'recipiente)”. Ainda no *DeHlp*, do “tupi *cúí-etê* 'vasilha verdadeira', segundo Teodoro Sampaio”.

³⁰⁶ Em Sampaio (1987, p. 224), “**Cô-uara**, o jazente da roça, de referência ao mato cortado ou roçado que espera pela queimada, depois de seco”.

Nº	Elemento Geográfico	Topônimo	Origem	Taxionomia	Estr. Morf.
123	Brejo	Facão, do	LP	Ergo	SIMPLES
124	Brejo	Fadiga, da	LP	Animo	SIMPLES
125	Riacho	Farinha	LP	Ergo	SIMPLES
126	Riacho	Faveira, da	LP	Fito	SIMPLES
127	Lagoa	Feia	LP	Animo	SIMPLES
128	Brejo	Ferrugem, da	LP	n/c	SIMPLES
129	Riacho	Flecha, da	LP	Ergo	SIMPLES
130	Riacho	Fora, de	LP	Cardino	SIMPLES
131	Ribeirão	Fordão	LP	n/c	SIMPLES
132	Brejo	Forquilha, da	LP	Fito	SIMPLES
133	Riacho	Fundo	LP	Dimensio	SIMPLES
134	Riacho	Galeota ³⁰⁷ , da	LIT	Ergo	SIMPLES
135	Riacho	Galheiro ³⁰⁸ , do	LP	Zoo	SIMPLES
136	Riacho	Galheiros	LP	Zoo	SIMPLES
137	Riacho	Gameleira	LP	Fito	SIMPLES
138	Brejo	Garrafão, do	LP	Ergo	SIMPLES
139	Riacho	Garrote, do	LP	Zoo	SIMPLES
140	Lagoa	Grande	LP	Dimensio	SIMPLES
141	Riacho	Grande	LP	Dimensio	SIMPLES
142	Brejo	Grande	LP	Dimensio	SIMPLES
143	Riacho	Gravatá, do	LT	Fito	SIMPLES
144	Riacho	Grotão, do	LP	Geomorfo	SIMPLES
145	Riacho	Grotas	LP	Geomorfo	SIMPLES
146	Riacho	Guaribas	LT	Zoo	SIMPLES
147	Riacho	Guaribas, das	LT	Zoo	SIMPLES
148	Riacho	Ilha, da	LP	Geomorfo	SIMPLES
149	Riacho	Inferno, do	LP	Animo	SIMPLES
150	Riacho	Inhuma, da	LT	Zoo	SIMPLES
151	Riacho	Ipueira	LT	Hidro	SIMPLES
152	Riacho	Itans, das	LT	Geomorfo	SIMPLES
153	Riacho	Jacaré, do	LT	Zoo	SIMPLES
154	Riacho	Jacu, do	LT	Zoo	SIMPLES
155	Lagoa	Jenipapo, do	LT	Fito	SIMPLES
156	Riacho	Jenipapo	LT	Fito	SIMPLES
157	Riacho	Jenipapo, do	LT	Fito	SIMPLES

³⁰⁷ No *DeHlp*, há as seguintes acepções: **1** Rubrica: termo de marinha. Diacronismo: antigo. pequena galé de até 20 remos; galeote; **2** Rubrica: termo de marinha. barco comprido, movido a remo, us. para recreação; **3** Rubrica: termo de marinha. Regionalismo: Amazônia. canoa provida de toldo em que os regatões fazem o seu comércio itinerante; **4** Regionalismo: Brasil. carrinho de mão, com duas rodas, que possui uma caixa inclinável para carga e descarga e us. esp. em terraplenagem”.

³⁰⁸ No *DeHlp*, “diz-se de ou veado de galhada ('cornos') grandes”.

Nº	Elemento Geográfico	Topônimo	Origem	Taxionomia	Estr. Morf.
158	Riacho	Jibóia ³⁰⁹ , da	LT	Zoo	SIMPLES
159	Brejo	João Pinto, do	LT	Antropo	COMPOSTO
160	Riacho	Juá, do	LT	Fito	SIMPLES
161	Brejo	Lagoa, da	LP	Hidro	SIMPLES
162	Riacho	Lagoa, da	LP	Hidro	SIMPLES
163	Riacho	Lagoa Grande, da	LP	Hidro	COMPOSTO
164	Brejo	Lajedo, do	LP	Lito	SIMPLES
165	Ribeirão	Lajes, das	LP	Lito	SIMPLES
166	Brejo	Lavrinha, da	LP	Socio	SIMPLES
167	Riacho	Leandra, da	LP	Antropo	SIMPLES
168	Riacho	Limpeza, da	LP	Animo	SIMPLES
169	Riacho	Lorena	LP	Antropo	SIMPLES
170	Riacho	Macaúba ³¹⁰	LT	Fito	SIMPLES
171	Brejo	Malhada, da	LP	Geomorfo	SIMPLES
172	Ribeirão	Malhada, da	LP	Geomorfo	SIMPLES
173	Riacho	Mangueira, da	LP	Fito	SIMPLES
174	Riacho	Manoel, do	LP	Antropo	SIMPLES
175	Riacho	Manoel de Mato	LP	Antropo	COMPOSTO
176	Riacho	Marcelino	LP	Antropo	SIMPLES
177	Brejo	Marimbondó, do	LA	Zoo	SIMPLES
178	Riacho	Mata, da	LP	Fito	SIMPLES
179	Ribeirão	Mateiro, do	LP	Socio	SIMPLES
180	Riacho	Mato dos Porcos	LP	Fito	COMPOSTO
181	Riacho	Mato Verde, do	LP	Fito	COMPOSTO
182	Riacho	Matões, dos	LP	Fito	SIMPLES
183	Riacho	Maurício, do	LP	Antropo	SIMPLES
184	Rio	Medonho	LP	Animo	SIMPLES
185	Brejo	Meio, do	LP	Cardino	SIMPLES
186	Brejo	Meninas, das	LP	n/c	SIMPLES
187	Riacho	Miguel, do	LP	Antropo	SIMPLES
188	Riacho	Mimoso ³¹¹ , do	LP	Fito	SIMPLES

³⁰⁹ No *DeHlp*, “do tupi *yí'mboya herp 'id.*”.

³¹⁰ No *DeHlp*, “mesmo que 1 m.q. *coco-de-catarro* (*Acrocomia aculeata*, 'fruto'); 2 m.q. *palmeira-barriguda* (*Acrocomia intumescens*).” Aínda no *DeHlp*: do tupi *maka'íwa* 'nome de palmeira’”.

³¹¹ No *DeHlp*, como Regionalismo do Piauí, significa “pasto para gado vacum coberto de capim-mimoso”. Em Baptista (1981, pp. 328 a 340), na “RELAÇÃO DAS PLANTAS NATIVAS DO PIAUÍ”, consta o nome de tal exemplar.

Nº	Elemento Geográfico	Topônimo	Origem	Taxionomia	Estr. Morf.
189	Brejo	Miranda, do	LP	Antropo	SIMPLES
190	Riacho	Morrinhos, dos	LP	Geomorfo	SIMPLES
191	Riacho	Morro d'Água	LP	Geomorfo	COMPOSTO
192	Riacho	Morro Vermelho, do	LP	Geomorfo	COMPOSTO
193	Brejo	Morro Vermelho, do	LP	Geomorfo	COMPOSTO
194	Riacho	Morros, dos	LP	Geomorfo	SIMPLES
195	Riacho	Mosquito	LP	Zoo	SIMPLES
196	Brejo	Mosquito, do	LP	Zoo	SIMPLES
197	Riacho	Mucuri ³¹²	LT	Fito	SIMPLES
198	Riacho	Museu	LP	Socio	SIMPLES
199	Brejo	Negra, da	LP	Etno	SIMPLES
200	Brejo	Negro, do	LP	Etno	SIMPLES
201	Brejo	Nogueira, do	LP	Antropo	SIMPLES
202	Brejo	Novo	LP	Crono	SIMPLES
203	Riacho	Olho d'Água, do	LP	Hidro	COMPOSTO
204	Ribeirão	Olho d'Água	LP	Hidro	COMPOSTO
205	Brejo	Onça, da	LP	Zoo	SIMPLES
206	Riacho	Orelha Redonda	LP	Somato	COMPOSTO
207	Brejo	Orobó ³¹³ , do	LA	Fito	SIMPLES
208	Riacho	Ouro, do	LP	Lito	SIMPLES
209	Rio	Ouro, do	LP	Lito	SIMPLES
210	Riacho	Palmeira, da	LP	Fito	SIMPLES
211	Brejo	Pandeiro, do	LP	Ergo	SIMPLES
212	Riacho	Papagaio	LP	Zoo	SIMPLES
213	Riacho	Paracati	n/e	n/c	SIMPLES
214	Lagoa	Parnaíba, da	LT	Hidro	SIMPLES
215	Rio	Parnaíba	LT	Coro	SIMPLES
216	Rio	Parnaibinha	LT	Hidro	SIMPLES
217	Riacho	Pau Seco, do	LP	Fito	COMPOSTO
218	Riachão	Paulo, do	LP	Antropo	SIMPLES
219	Riachão	Paulos, dos	LP	Antropo	SIMPLES

³¹² No *DeHlp*, significa “árvore de até 40 m (*Astronium macrocalyx*), da fam. das anacardiáceas, nativa do Brasil (BA, MG, ES), de madeira dura, pesada e de grande durabilidade, folhas compostas, flores em panículas e frutos achatados; aderno-preto, aroeira-mucuri, gonçalo-alves, guarabu-marcineiro, guarabu-preto, guarabu-rajado, mirueira”. Ainda no *DeHlp*: do “tupi *muku'ri*”.

³¹³ No *DeHlp*, mesmo que Orobô, que significa, sob a rubrica das angiospermas: “**1** m.q. ²*coleira* (*Cola acuminata*); **2** m.q. *noz-de-cola*”. Ainda no *DeHlp*: do ior. *orogbo* 'id.', segundo Cacciatore”.

Nº	Elemento Geográfico	Topônimo	Origem	Taxionomia	Estr. Morf.
220	Riacho	Pedra de Fogo, da	LP	Lito	COMPOSTO
221	Riacho	Pedra Furada	LP	Lito	COMPOSTO
222	Riacho	Pedras, das	LP	Lito	SIMPLES
223	Riacho	Piaçava ³¹⁴ , da	LT	Fito	SIMPLES
224	Riacho	Picada ³¹⁵ , da	LP	Hodo	SIMPLES
225	Riacho	Pindaíba	LT	Fito	SIMPLES
226	Riacho	Pindaíba, da	LT	Fito	SIMPLES
227	Brejo	Pindaíba, da	LT	Fito	SIMPLES
228	Ribeirão	Pindaíba, da	LT	Fito	SIMPLES
229	Riacho	Pintada, da	LP	n/c	SIMPLES
230	Riacho	Pintadas, das	LP	n/c	SIMPLES
231	Lagoa	Piripiri	LT	Fito	SIMPLES
232	Riacho	Pistola, da	LP	Ergo	SIMPLES
233	Riacho	Poço, do	LP	Hidro	SIMPLES
234	Lagoa	Poço Branco	LP	Hidro	COMPOSTO
235	Riacho	Poço dos Cavalos	LP	Hidro	COMPOSTO
236	Riacho	Poços	LP	Hidro	SIMPLES
237	Riacho	Por Enquanto	LP	Dirremato	COMPOSTO
238	Riacho	Porcos, dos	LP	Zoo	SIMPLES
239	Brejo	Porcos, dos	LP	Zoo	SIMPLES
240	Brejo	Porta, da	LP	Ergo	SIMPLES
241	Riacho	Porta, da	LP	Ergo	SIMPLES
242	Brejo	Porteira, da	LP	Ergo	SIMPLES
243	Lagoa	Posse, da	LP	Animo	SIMPLES
244	Riacho	Prata, da	LP	Lito	SIMPLES
245	Brejo	Prata, da	LP	Lito	SIMPLES
246	Riacho	Pratinha, da	LP	Lito	SIMPLES
247	Ribeirão	Pureza	LP	Animo	SIMPLES
248	Riacho	Pureza	LP	Animo	SIMPLES
249	Riacho	Quati ³¹⁶ , do	LT	Zoo	SIMPLES
250	Riacho	Quilombo, do	LA	Eco	SIMPLES

³¹⁴ No *DeHlp*, mesmo que Piaçaba, que significa, sob a rubrica das angiospermas: “palmeira (*Attalea funifera*) nativa do Brasil (AL, SE, BA, ES), de estipe liso e cilíndrico, desde subterrâneo até 15 m, folhas eretas, verde-escuras, com pecíolo longo, e frutos comestíveis; japeraçaba [A fibra dura e flexível é extraída das margens dos pecíolos e us. na confecção de vassouras e escovas; as sementes fornecem marfim-vegetal.]”. Ainda no *DeHlp*: do “tupi *piã'sawa* 'id.'”.

³¹⁵ Em Souza (2004, p. 249), tem-se: “caminho estreito aberto nas matas e nos campos cerrados, trilho de penetração para o mais íntimo deles”.

³¹⁶ No *DeHlp*, significa: “mamífero diurno da fam. dos procionídeos (*Nasua nasua*), encontrado em grande parte da América do Sul, de focinho longo e cauda com anéis escuros, que ger. mantém levantada [Vive solitário ou em grupos de até 30 indivíduos e alimenta-se de frutos e pequenos animais.]”. Ainda no *DeHlp*: do tupi *kwa'ti* 'id.'

Nº	Elemento Geográfico	Topônimo	Origem	Taxionomia	Estr. Morf.
251	Brejo	Raiz, da	LP	Fito	SIMPLES
252	Brejo	Rapadura, da	LP	Ergo	SIMPLES
253	Riacho	Raposa, da	LP	Zoo	SIMPLES
254	Riacho	Remanso ³¹⁷ , do	LP	Hidro	SIMPLES
255	-	Riachão	LP	Hidro	SIMPLES
256	Riacho	Riachão	LP	Hidro	SIMPLES
257	Riacho	Riachuelo	LP	n/c	SIMPLES
258	-	Riozinho	LP	Hidro	SIMPLES
259	Brejo	Roça, da	LP	Fito	SIMPLES
260	Brejo	Ruim	LP	Animo	SIMPLES
261	Riacho	Saco, do	LP	Geomorfo	SIMPLES
262	Riacho	Salobro	LP	Hidro-halo	SIMPLES
263	Riacho	Salobro, do	LP	Lito	SIMPLES
264	Riacho	Salto, do	LP	Hidro	SIMPLES
265	Lagoa	Sambaíba, da	LT	Fito	SIMPLES
266	Riacho	Sambaíba, da	LT	Fito	SIMPLES
267	Riacho	Sangue, do	LP	n/c	SIMPLES
268	Riacho	Santa Isabel	LP	Hagio	COMPOSTO
269	Riacho	Santa Maria	LP	Hagio	COMPOSTO
270	Riacho	Santanja	n/e	n/c	SIMPLES
271	Riacho	Santo Antônio	LP	Hagio	COMPOSTO
272	Riacho	Santo Estêvão	LP	Hagio	COMPOSTO
273	Riacho	São Bento	LP	Hagio	COMPOSTO
274	Lagoa	São Domingos, de	LP	Hagio	COMPOSTO
275	Riacho	São Félix	LP	Hagio	COMPOSTO
276	Riacho	São Francisco	LP	Hagio	COMPOSTO
277	Riacho	São Jerônimo	LP	Hagio	COMPOSTO
278	Riacho	São José	LP	Hagio	COMPOSTO
279	Brejo	São José, de	LP	Hagio	COMPOSTO
280	Riacho	São Miguel	LP	Hagio	COMPOSTO
281	Riacho	São Paulo	LP	Hagio	COMPOSTO
282	Riacho	Sapé ³¹⁸ , do	LT	Fito	SIMPLES
283	Brejo	Sapé, do	LT	Fito	SIMPLES
284	Lagoa	Seca	LP	Hidro-hipo	SIMPLES

³¹⁷ No *DeHlp*, há, dentre outras, as seguintes acepções: “**1** porção mais ou menos considerável de água que, no mar ou num rio, penetra em recorte curvo do Litoral ou da margem e forma uma espécie de pequena enseada tranquila; **1.1** trecho mais largo de rio em que as águas, após movimentos de agitação intensa, ger. provocados por correnteza em leito estreito, se tornam mansas; **1.2** pequena porção de água parada, ou com movimento pouco significativo; água estagnada”.

³¹⁸ No *DeHlp*, mesmo que Sapê, e significa: “design. comum a algumas plantas da fam. das gramíneas, de que se usam os caules secos para cobrir casas”. Ainda no *DeHlp*: do “tupi *yasa'pe* 'id.’”.

Nº	Elemento Geográfico	Topônimo	Origem	Taxionomia	Estr. Morf.
285	Brejo	Seco	LP	Hidro-hipo	SIMPLES
286	Riacho	Seco	LP	Hidro-hipo	SIMPLES
287	Riacho	Serra, da	LP	Geomorfo	SIMPLES
288	Riacho	Sítio, do	LP	Eco	SIMPLES
289	Riacho	Soares, do	LP	Antropo	SIMPLES
290	Riacho	Sobradinho	LP	Eco	SIMPLES
291	Riacho	Solta, da	LP	Geomorfo	SIMPLES
292	Brejo	Solta, da	LP	Geomorfo	SIMPLES
293	Riacho	Sonhem	n/e	n/c	SIMPLES
294	Riacho	Sossego, do	LP	Animo	SIMPLES
295	Lagoa	Suçupara, da	LT	Zoo	SIMPLES
296	Brejo	Suçupara, da	LT	Zoo	SIMPLES
297	Riacho	Suçupara, da	LT	Zoo	SIMPLES
298	Riacho	Sucuriú	LT	Zoo	SIMPLES
299	Brejo	Sucuriú, do	LT	Zoo	SIMPLES
300	Riacho	Sumidouro	LP	Hidro	SIMPLES
301	Riacho	Sumidouro, do	LP	Hidro	SIMPLES
302	Brejo	Sumidouro	LP	Hidro	SIMPLES
303	Brejo	Sumidouro, do	LP	Hidro	SIMPLES
304	Riacho	Surubim, do	LT	Zoo	SIMPLES
305	Riacho	Taboquinha	LP	Fito	SIMPLES
306	Lagoa	Tabuleiro, do	LP	Geomorfo	SIMPLES
307	Brejo	Tamboril, do	LP	Fito	SIMPLES
308	Riacho	Tamboril	LP	Fito	SIMPLES
309	Ribeirão	Tapuio, do	LT	Etno	SIMPLES
310	Brejo	Tapuio, do	LT	Etno	SIMPLES
311	Rio	Taquara ³¹⁹	LT	Fito	SIMPLES
312	Riacho	Taquari	LT	Fito	SIMPLES
313	Riacho	Taquarimbó ³²⁰	LT	Fito	SIMPLES
314	Riacho	Terçado, do	LP	Ergo	SIMPLES
315	Lagoa	Terçado, do	LP	Ergo	SIMPLES
316	Riacho	Tinguis ³²¹ , dos	LT	Fito	SIMPLES
317	Brejo	Tinguizeiro,	LT	Fito	SIMPLES

³¹⁹ No *DeHlp*, o mesmo que Taquari.

³²⁰ No *DeHlp*, significa: “planta escandente (*Chusquea ramosissima*) da fam. das gramíneas, nativa do Brasil (MT até RS), de colmos verde-azulados, e cuja forragem é de qualidade regular; criciúma”. Ainda no *DeHlp*: “prov. tupi *taquarembó* 'o riacho das taquaras’”.

³²¹ No *DeHlp*, significa: “design. comum a diferentes plantas us. para tinguijar”. Ainda no *DeHlp*: “tupi *ti'ngui* 'planta leguminosa, cuja seiva tóxica é us. para envenenar peixes’”. Em Baptista (1981, pp. 328 a 340), na “RELAÇÃO DAS PLANTAS NATIVAS DO PIAUÍ”, consta o nome de tal exemplar.

Nº	Elemento Geográfico	Topônimo	Origem	Taxionomia	Estr. Morf.
		do			
318	Riacho	Tomazinho, do	LP	Antropo	SIMPLES
319	Riacho	Tranqueira	LP	Fito	SIMPLES
320	Riacho	Trindade, da	LP	Antropo	SIMPLES
321	Riacho	Tucuns	LT	Fito	SIMPLES
322	Riacho	Umbuzeiro, do	LT	Fito	SIMPLES
323	Riacho	Urucu, do	LT	Fito	SIMPLES
324	Riacho	Uruçuí	LT	Hidro	SIMPLES
325	Rio	Uruçui Vermelho	LT	Hidro	COMPOSTO HÍBRIDO
326	Rio	Uruçuí-Preto	LT	Hidro	COMPOSTO HÍBRIDO
327	Riacho	Vaca Morta	LP	Zoo	COMPOSTO
328	Riacho	Valas, das	LP	Geomorfo	SIMPLES
329	Riacho	Valente, do	LP	Animo	SIMPLES
330	Riacho	Vamos Vendo	LP	Dirremato	COMPOSTO
331	Riacho	Vão ³²² do Buraco	LP	Geomorfo	COMPOSTO
332	Riacho	Vargem, da	LP	Geomorfo	SIMPLES
333	Riacho	Vargem Grande	LP	Geomorfo	COMPOSTO
334	Brejo	Várzea, da	LP	Geomorfo	SIMPLES
335	Lagoa	Velha, da	LP	Antropo	SIMPLES
336	Brejo	Vereda Comprida, da	LP	Geomorfo	COMPOSTO
337	Riacho	Vereda Grande	LP	Geomorfo	COMPOSTO
338	Riachão	Veredão, do	LP	Geomorfo	SIMPLES
339	Lagoa	Veredão, do	LP	Geomorfo	SIMPLES
340	Riacho	Veredão, do	LP	Geomorfo	SIMPLES
341	Riacho	Volta, da	LP	Geomorfo	SIMPLES
342	Riacho	Xingu	LT	Coro	SIMPLES

³²² Em Souza (2004, p. 330), tem-se: “(...) parece que o sentido próprio da palavra *vão*, no sul do Piauí, é despenhadeiro em meio dos *tabuleiros* tão característicos da morfologia piauiense”.

4.3.2.2 Dados da Ficha

Quadro 38: Percentual das taxes da Microrregião do Alto Parnaíba piauiense

Percentual das taxes								
Taxe	Nº	%	Taxe	Nº	%	Taxe	Nº	%
Animo	18	5,3	Eco	3	0,9	Lito	14	4
Antropo	24	7	Ergo	23	6,7	Meteoro	0	0
Astro	0	0	Etno	4	1,2	Mito	0	0
Axio	1	0,3	Fito	72	21	Morfo	0	0
Cardino	5	1,5	Geomorfo	35	10,2	Numero	0	0
Coro	3	0,9	Hagio	13	3,8	Polio	1	0,3
Cromo	0	0	Hidro	48	14	Socio	4	1,2
Crono	1	0,3	Hiero	1	0,3	Somato	2	0,6
Dimensio	6	1,7	Historio	0	0	Zoo	41	12
Dirremato	3	0,9	Hodo	1	0,3	n/c	19	5,5

Quadro 39: Percentual das origens dos Hidrônimos da Microrregião do Alto Parnaíba piauiense

Percentual das origens dos Hidrônimos		
Origem	Nº	%
LA	5	1,5
LAR	0	0
LC	0	0
LE	0	0
LIT	1	0,3
LJ	0	0
LP	264	77,2
LP + LA	00	00
LP + LT	0	0
LT	65	19
LT+ LP	1	0,3
não encontrada	6	1,7

4.3.3 Microrregião de Bertolândia (9 municípios)

Município 1: Antônio Almeida

Município 2: Bertolândia

Município 3: Colônia do Gurgueia

Município 4: Elizeu Martins

Município 5: Landri Sales

Município 6: Manoel Emídio

Município 7: Marcos Parente
Município 8: Porto Alegre do Piauí
Município 9: Sebastião Leal

4.3.3.1 Hidrônimos da microrregião de Bertolândia

Quadro 40: Classificação Taxionômica dos Hidrônimos da Microrregião de Bertolândia

Nº	Elemento Geográfico	Topônimo	Origem	Taxionomia	Estr. Morf.
01	Riacho	Água Boa, da	LP	Hidro	COMPOSTO
02	Lagoa	Água Doce, da	LP	Hidro	COMPOSTO
03	Lagoa	Alagadiço, do	LP	Hidro	SIMPLES
04	Riacho	Ambrósio, do	LP	Antropo	SIMPLES
05	Riacho	Amolar, do	LP	n/c	SIMPLES
06	Riacho	Angico	LP	Fito	SIMPLES
07	Riacho	Angico, do	LP	Fito	SIMPLES
08	Lagoa	Aprazível, do	LP	Animo	SIMPLES
09	Riacho	Areia, da	LP	Lito	SIMPLES
10	Lagoa	Arroz, do	LP	Fito	SIMPLES
11	Riacho	Baixão, do	LP	Geomorfo	SIMPLES
12	Lagoa	Baixo, de	LP	Cardino	SIMPLES
13	Riacho	Bananeira, da	LA	Fito	SIMPLES
14	Riacho	Bargado ³²³	LP	Zoo	SIMPLES
15	Lagoa	Barra, da	LP	Geomorfo	SIMPLES
16	Riacho	Barroão	LP	Lito	SIMPLES
17	Lagoa	Bichinho, do	LP	Zoo	SIMPLES
18	Lagoa	Bicho, do	LP	Zoo	SIMPLES
19	Riacho	Boi, do	LP	Zoo	SIMPLES
20	Lagoa	Bois, dos	LP	Zoo	SIMPLES
21	Riacho	Bois, dos	LP	Zoo	SIMPLES
22	Lagoa	Bom Jardim, do	LP	Fito	COMPOSTO
23	Lagoa	Bonito, do	LP	Animo	SIMPLES
24	Riacho	Braço, do	LP	Somato	SIMPLES
25	Riacho	Brejinho, do	LP	Hidro	SIMPLES
26	Riacho	Brejo, do	LP	Hidro	SIMPLES
27	Riacho	Brejo das Flores	LP	Hidro	COMPOSTO

³²³ Segundo o *DeHlp*, BARGADO, como regionalismo cearense, significa “que não é apanhado facilmente (diz-se de gado matreiro)”.

Nº	Elemento Geográfico	Topônimo	Origem	Taxionomia	Estr. Morf.
28	Riacho	Buracos, dos	LP	Geomorfo	SIMPLES
29	Riacho	Buriti, do	LT	Fito	SIMPLES
30	Riacho	Buriti Grande	LT+ LP	Fito	COMPOSTO HÍBRIDO
31	Riacho	Buritizinho, do	LT	Fito	SIMPLES
32	Riacho	Cabeceira ³²⁴ , da	LP	Hidro	SIMPLES
33	Riacho	Cágado	LP	Zoo	SIMPLES
34	Riacho	Cagateira, da	n/e	n/c	SIMPLES
35	Riacho	Cajueiro	LT	Fito	SIMPLES
36	Riacho	Cajueiro, do	LT	Fito	SIMPLES
37	Riacho	Caldeirão, do	LP	Hidro	SIMPLES
38	Lagoa	Calumbi, do	LT	Fito	SIMPLES
39	Riacho	Camaliano	LP	n/c	SIMPLES
40	Riacho	Cana Brava, da	LP	Fito	COMPOSTO
41	Lagoa	Canabrava, da	LP	Fito	SIMPLES
42	Riacho	Canavieira	LP	Fito	SIMPLES
43	Riacho	Canavieira, da	LP	Fito	SIMPLES
44	Riacho	Canavieiras, das	LP	Fito	SIMPLES
45	Riacho	Capitão do Campo ³²⁵	LP	Fito	COMPOSTO
46	Lagoa	Capivara, da	LT	Zoo	SIMPLES
47	Riacho	Cardoso, do	LP	Antropo	SIMPLES
48	Riacho	Carnaíba	LT	Fito	SIMPLES
49	Riacho	Carnaibinha	LT	Fito	SIMPLES
50	Riacho	Carnaubal, do	LT	Fito	SIMPLES
51	Riacho	Caroá ³²⁶	LT	Fito	SIMPLES
52	Riacho	Cascavel	LP	Zoo	SIMPLES
53	Riacho	Cascavel, da	LP	Zoo	SIMPLES
54	Riacho	Castelo, do	LP	Eco	SIMPLES
55	Riacho	Catapora	LT	n/c	SIMPLES
56	Riacho	Catinga Branca, da	LT + LP	Fito	COMPOSTO HÍBRIDO
57	Riacho	Caxingó ³²⁷ , do	LP	Animo	SIMPLES

³²⁴ Segundo o *DeHlp*, significa “nascente de um rio, riacho (mais us. no pl.)”.

³²⁵ Segundo o *DeHlp*, como regionalismo do Piauí, tem-se: “Rubrica: angiospermas. Regionalismo: Piauí. m.q. *mirindiba* (*Terminalia brasiliensis*)”. Em Baptista (1981, pp. 328 a 340), na “RELAÇÃO DAS PLANTAS NATIVAS DO PIAUÍ”, consta o nome de tal exemplar.

³²⁶ Segundo o *DeHlp*, o mesmo que Gravatá/Croatá/Coroatá.

³²⁷ Segundo o *DeHlp*, significa “que ou aquele que coxeia, manca; coxo”.

Nº	Elemento Geográfico	Topônimo	Origem	Taxionomia	Estr. Morf.
58	Lagoa	Choro, do	LP	Animo	SIMPLES
59	Riacho	Cocal, do	LP	Fito	SIMPLES
60	Riacho	Comprido	LP	Dimensio	SIMPLES
61	Lagoa	Conceição, da	LP	Antropo	SIMPLES
62	Riacho	Coqueiro	LP	Fito	SIMPLES
63	Riacho	Coqueiro, do	LP	Fito	SIMPLES
64	Riacho	Coroatá	LT	Fito	SIMPLES
65	Riacho	Correia	LP	Antropo	SIMPLES
66	Riacho	Corrente, do	LP	n/c	SIMPLES
67	Riacho	Cumbé ³²⁸	LA	n/c	SIMPLES
68	Riacho	D'anta	LP	Zoo	SIMPLES
69	Riacho	Engano, do	LP	Animo	SIMPLES
70	Riacho	Escondido, do	LP	Animo	SIMPLES
71	Riacho	Esfolado	LP	Animo	SIMPLES
72	Riacho	Espingarda	LP	Ergo	SIMPLES
73	Riacho	Estiva, da	LP	Ergo	SIMPLES
74	Riacho	Expedição	LP	Animo	SIMPLES
75	Riacho	Extrema, da	LP	Cardino	SIMPLES
76	Riacho	Forquilha, da	LP	Fito	SIMPLES
77	Riacho	Fortes, do	LP	Antropo	SIMPLES
78	Riacho	Fundo	LP	Dimensio	SIMPLES
79	Riacho	Gamelas ³²⁹ , das	LP	Ergo	SIMPLES
80	Riacho	Gameleira	LP	Fito	SIMPLES
81	Riacho	Gameleira, da	LP	Fito	SIMPLES
82	Brejo	Grande	LP	Dimensio	SIMPLES
83	Lagoa	Grande	LP	Dimensio	SIMPLES
84	Riacho	Gravatá, do	LT	Fito	SIMPLES
85	Riacho	Grota Funda, da	LP	Geomorfo	COMPOSTO
86	Riacho	Grotão, do	LP	Geomorfo	SIMPLES
87	Riacho	Grotas	LP	Geomorfo	SIMPLES
88	Riacho	Guaribas	LT	Zoo	SIMPLES
89	Rio	Gurgueia	LJ	Etno	SIMPLES
90	Riacho	Imburuçu ³³⁰ , do	LT	Fito	SIMPLES
91	Riacho	Inferno, do	LP	Animo	SIMPLES

³²⁸ Segundo o *DeHlp*, significa “dança de origem africana”.

³²⁹ Segundo o *DeHlp*, significa “vasilha de madeira ou de barro, de vários tamanhos, em forma de alguidar ou quadrilonga, us. para dar de comer aos porcos, para banhos, lavagens e outros fins”.

³³⁰ Tanto Silveira Bueno (1984, p.150) quanto Sampaio (1987, p. 248) registram a forma IMBIRUSSU, que significa “embira grande, grossa”.

Nº	Elemento Geográfico	Topônimo	Origem	Taxionomia	Estr. Morf.
92	Riacho	Inhame ³³¹ , do	LA	Fito	SIMPLES
93	Lagoa	Inhuma, da	LT	Zoo	SIMPLES
94	Riacho	Inhuma	LT	Zoo	SIMPLES
95	Riacho	Inhuma, da	LT	Zoo	SIMPLES
96	Lagoa	Itans, das	LT	Geomorfo	SIMPLES
97	Riacho	Jibóia, da	LT	Zoo	SIMPLES
98	Riacho	Junco, do	LP	Fito	SIMPLES
99	Riacho	Lajes	LP	Lito	SIMPLES
100	Riacho	Lajes, das	LP	Lito	SIMPLES
101	Riacho	Lança, da	LP	Ergo	SIMPLES
102	Riacho	Lavadeira, da	LP	Socio	SIMPLES
103	Lagoa	Limão, do	LP	Fito	SIMPLES
104	Riacho	Macaúba	LT	Fito	SIMPLES
105	Riacho	Macaúba, da	LT	Fito	SIMPLES
106	Riacho	Malhada, da	LP	Geomorfo	SIMPLES
107	Lagoa	Malícia ³³² , da	LP	Fito	SIMPLES
108	Riacho	Mandacaru, do	LT	Fito	SIMPLES
109	Riacho	Mangabu, da	n/e	n/c	SIMPLES
110	Riacho	Matão, do	LP	Fito	SIMPLES
111	Riacho	Mato, do	LP	Fito	SIMPLES
112	Lagoa	Meio, do	LP	Cardino	SIMPLES
113	Riacho	Meio, do	LP	Cardino	SIMPLES
114	Riacho	Melancia, da	LP	Fito	SIMPLES
115	Riacho	Mendes, do	LP	Antropo	SIMPLES
116	Riacho	Miguel, do	LP	Antropo	SIMPLES
117	Lagoa	Mirindiba ³³³ , da	LT	Fito	SIMPLES
118	Riacho	Mirroró	LT	Fito	SIMPLES
119	Riacho	Mocó ³³⁴ , do	LT	Zoo	SIMPLES
120	Riacho	Morrinhos, dos	LP	Geomorfo	SIMPLES

³³¹ No *DeHlp*, tem-se: “design. comum a algumas plantas da fam. das aráceas e tb. da fam. das dioscoreáceas, com tubérculos e, por vezes, folhas comestíveis”. Ainda no *DeHlp*: “afr. de orig.contrv.”. Em Baptista (1981, pp. 328 a 340), na “RELAÇÃO DAS PLANTAS NATIVAS DO PIAUÍ”, consta o nome de tal exemplar

³³² Em Baptista (1981, pp. 328 a 340), na “RELAÇÃO DAS PLANTAS NATIVAS DO PIAUÍ”, consta o nome de tal exemplar.

³³³ No *DeHlp*, tem-se: “design. comum a algumas árvores de diferentes fam., esp. da fam. das litráceas e da fam. das combretáceas, ger. com madeira de lei; merendiba, merindiba”. Ainda no *DeHlp*: do “tupi *miri'ndiwa 'nome de planta”.

³³⁴ No *DeHlp*, tem-se: “roedor da fam. dos caviídeos (*Kerodon rupestris*), encontrado em áreas pedregosas do Leste do Brasil (do PI até MG), do tamanho aproximado de um preá (*Cavia*), ger. um pouco maior, cauda ausente ou vestigial, e pelagem cinzenta [É us. como alimento, esp. no Nordeste.]”. Ainda no *DeHlp*: do “tupi mo'ko 'roedor”.

Nº	Elemento Geográfico	Topônimo	Origem	Taxionomia	Estr. Morf.
121	Riacho	Morros, dos	LP	Geomorfo	SIMPLES
122	Riacho	Mosele	LP	Antropo	SIMPLES
123	Riacho	Olho d' Água	LP	Hidro	COMPOSTO
124	Riacho	Olho d' Água da Chapada	LP	Hidro	COMPOSTO
125	Riacho	Orelha Redonda	LP	Somato	COMPOSTO
126	Riacho	Paracati	n/e	n/c	SIMPLES
127	Riacho	Parnaibinha	LT	Hidro	SIMPLES
128	Lagos	Patos, dos	LP	Zoo	SIMPLES
129	Riacho	Pau Seco, do	LP	Fito	COMPOSTO
130	Lagoa	Pedras, das	LP	Lito	SIMPLES
131	Riacho	Pedras, das	LP	Lito	SIMPLES
132	Riacho	Pedrinhas, das	LP	Lito	SIMPLES
133	Riacho	Pinga	LP	Ergo	SIMPLES
134	Riacho	Pintada, da	LP	n/c	SIMPLES
135	Lagoa	Piripiri, do	LT	Fito	SIMPLES
136	Riacho	Pocinho, do	LP	Hidro	SIMPLES
137	Riacho	Poço Negro	LP	Hidro	COMPOSTO
138	Riacho	Pombos, dos	LP	Zoo	SIMPLES
139	Riacho	Ponta da Serra, da	LP	Cardino	COMPOSTO
140	Lagoa	Porcos, dos	LP	Zoo	SIMPLES
141	Riacho	Porcos, dos	LP	Zoo	SIMPLES
142	Riacho	Porta, da	LP	Ergo	SIMPLES
143	Riacho	Prata, da	LP	Lito	SIMPLES
144	Brejo	Queimado	LP	n/c	SIMPLES
145	Riacho	Raimundo	LP	Antropo	SIMPLES
146	Lagoa	Raposa, da	LP	Zoo	SIMPLES
147	Lagoa	Rasa	LP	Dimensio	SIMPLES
148	Riacho	Recanto, do	LP	Animo	SIMPLES
149	Riacho	Reis, dos	LP	Antropo	SIMPLES
150	Riacho	Renegado, do	LP	Animo	SIMPLES
151	Riacho	Riachão	LP	Hidro	SIMPLES
152	Riacho	Saco, do	LP	Geomorfo	SIMPLES
153	Lagoa	Salina, da	LP	Lito	SIMPLES
154	Riacho	Salinas	LP	Lito	SIMPLES
155	Riacho	Salobro	LP	Hidro-halo	SIMPLES
156	Riacho	Salobro, do	LP	Lito	SIMPLES
157	Lagoa	Sambaíba, da	LT	Fito	SIMPLES
158	Riacho	Sambaíba	LT	Fito	SIMPLES

Nº	Elemento Geográfico	Topônimo	Origem	Taxionomia	Estr. Morf.
159	Riacho	Sangue, do	LP	n/c	SIMPLES
160	Riacho	Santa Cruz	LP	Hagio	COMPOSTO
161	Lagoa	Santa Rosa, da	LP	Hagio	COMPOSTO
162	Riacho	Santana	LP	Antropo	SIMPLES
163	Riacho	São José	LP	Hagio	COMPOSTO
164	Riacho	São Mateus	LP	Hagio	COMPOSTO
165	Riacho	São Paulo	LP	Hagio	COMPOSTO
166	Riacho	Seco	LP	Hidro-hipo	SIMPLES
167	Brejo	Serapião, do	n/e	n/c	SIMPLES
168	Riacho	Solidão	LP	Animo	SIMPLES
169	Riacho	Sucuruí	LT	Zoo	SIMPLES
170	Riacho	Taboca, da	LT	Fito	SIMPLES
171	Riacho	Tabocal	LT	Fito	SIMPLES
172	Riacho	Taboquinha, da	LT	Fito	SIMPLES
173	Lagoa	Tabuleiro, do	LP	Geomorfo	SIMPLES
174	Riacho	Tamboril	LT	Fito	SIMPLES
175	Riacho	Tanque	LP	Hidro	SIMPLES
176	Riacho	Tapera	LT	Eco	SIMPLES
177	Riacho	Tapuio, do	LT	Etno	SIMPLES
178	Riacho	Tinguis, dos	LT	Fito	SIMPLES
179	Lagoa	Tocos, dos	LP	Fito	SIMPLES
180	Riacho	Tostado	LP	n/c	SIMPLES
181	Riacho	Urubu, do	LT	Zoo	SIMPLES
182	Riacho	Urucu, do	LT	Fito	SIMPLES
183	Riacho	Vacas, das	LP	Zoo	SIMPLES
184	Riacho	Vão do Caldeirão	LP	Geomorfo	COMPOSTO
185	Riacho	Vão do Tucum	LP + LT	Geomorfo	COMPOSTO HÍBRIDO
186	Riacho	Vaquejador ³³⁵ , do	LP	Hodo	SIMPLES
187	Riacho	Vargem Grande, da	LP	Geomorfo	COMPOSTO
188	Riacho	Vereda, da	LP	Geomorfo	SIMPLES
189	Riacho	Xavier	LP	Antropo	SIMPLES
190	Riacho	Zumbi	LA	Mito	SIMPLES

³³⁵ Em Souza (2004, p. 333), tem-se: “estrada, caminho, trilho aberto nos matos e catingas do Nordeste, por onde os vaqueiros conduzem o gado dos pastos nativos para os *currais*, *rodeadores*, ou de umas para outras fazendas”.

4.3.3.2 Dados da Ficha

Quadro 41: Percentual das taxes da Microrregião de Bertolândia

Percentual das taxes								
Taxe	Nº	%	Taxe	Nº	%	Taxe	Nº	%
Animo	12	6,3	Eco	02	1	Lito	11	5,8
Antropo	12	6,3	Ergo	06	3,2	Meteoro	00	00
Astro	00	00	Etno	02	1	Mito	01	0,5
Axio	00	00	Fito	54	28,4	Morfo	00	00
Cardino	05	2,6	Geomorfo	16	8,4	Numero	00	00
Coro	00	00	Hagio	05	2,6	Polio	00	00
Cromo	00	00	Hidro	17	8,9	Socio	01	0,5
Crono	00	00	Hiero	00	00	Somato	02	1
Dimensio	05	2,6	Historio	00	00	Zoo	25	13,2
Dirremato	00	00	Hodo	01	0,5	n/c	13	6,8

Quadro 42: Percentual das origens dos Hidrônimos da Microrregião de Bertolândia

Percentual das origens dos Hidrônimos		
Origem	Nº	%
LA	04	2,1
LAR	00	00
LC	00	00
LE	00	00
LIT	00	00
LJ	01	0,5
LP	138	72,6
LP + LA	00	00
LP + LT	01	0,5
LT	40	21
LT+ LP	02	1
não encontrada	04	2,1

4.3.4 Microrregião das Chapadas do extremo sul piauiense (9 municípios)

Município 1: **Avelino Lopes**

Município 2: **Corrente**

Município 3: **Cristalândia do Piauí**

Município 4: **Curimatá**

Município 5: **Júlio Borges**

Município 6: **Morro Cabeça no Tempo**

Município 7: **Parnaguá**

Município 8: **Riacho Frio**

Município 9: **Sebastião Barros**

4.3.4.1 Hidrônimos da microrregião das Chapadas do extremo sul

Quadro 43: Classificação Taxionômica dos Hidrônimos da Microrregião Chapadas do extremo Sul

Nº	Elemento Geográfico	Topônimo	Origem	Taxionomia	Estr. Morf.
01	Riacho	Abóbora, da	LP	Fito	SIMPLES
02	Córrego	Água Branca, da	LP	Hidro	COMPOSTO
03	Lagoa	Água Branca, da	LP	Hidro	COMPOSTO
04	Riacho	Água Suja	LP	Hidro	COMPOSTO
05	Lagoa	Alecrim, do	LP	Fito	SIMPLES
06	Lagoa	Alegre, do	LP	Animo	SIMPLES
07	Lagoa	Aleixo, do	LP	Antropo	SIMPLES
08	Lagoa	Ambição, da	LP	Animo	SIMPLES
09	Riacho	América Dourada, da	LP	Coro	COMPOSTO
10	Lagoa	Angical	LP	Fito	SIMPLES
11	Riacho	Angical, do	LP	Fito	SIMPLES
12	Lagoa	Angico, do	LP	Fito	SIMPLES
13	Riacho	Angico	LP	Fito	SIMPLES
14	Riacho	Araçá, do	LT	Fito	SIMPLES
15	Brejo	Araras, das	LT	Zoo	SIMPLES
16	Riacho	Araxá ³³⁶	LT	Geomorfo	SIMPLES
17	Riachinho	Areia, de	LP	Lito	SIMPLES
18	Riacho	Areia, da	LP	Lito	SIMPLES
19	Riacho	Areia Branca	LP	Lito	COMPOSTO

³³⁶ No *DeHlp*, tem-se: “1 local mais alto de uma região; 2 terreno plano e elevado; planalto, alto chapadão”.

Nº	Elemento Geográfico	Topônimo	Origem	Taxionomia	Estr. Morf.
20	Riacho	Aroeiras, das	LP	Fito	SIMPLES
21	Riacho	Arrodeado	LP	n/c	SIMPLES
22	Riacho	Bacupari ³³⁷	LT	Fito	SIMPLES
23	Riacho	Bacupari, do	LT	Fito	SIMPLES
24	Riacho	Baixão, do	LP	Geomorfo	SIMPLES
25	Lagoa	Baixão Velho, do	LP	Geomorfo por qualif.	COMPOSTO
26	Lagoa	Baixo, de	LP	Cardino	SIMPLES
27	Lagoa	Bamburral, do	LP	Fito	SIMPLES
28	Riacho	Bamburral, do	LP	Fito	SIMPLES
29	Riacho	Banguê, do	LA	Ergo	SIMPLES
30	Córrego	Barra da Lagoa	LP	Geomorfo	COMPOSTO
31	Riacho	Barreiro, do	LP	Lito	SIMPLES
32	Riacho	Barro Vermelho	LP	Lito	COMPOSTO
33	Córrego	Barrocão	LP	Lito	SIMPLES
34	Riacho	Barrocão	LP	Lito	SIMPLES
35	Riacho	Barrocão, do	LP	Lito	SIMPLES
36	Brejo	Batalhinha, da	LP	n/c	SIMPLES
37	Riacho	Bica das Pedras, das	LP	Hidro	COMPOSTO
38	Riacho	Boi Morto, do	LP	Zoo	COMPOSTO
39	Brejo	Bois, dos	LP	Zoo	SIMPLES
40	Lagoa	Bois, dos	LP	Zoo	SIMPLES
41	Riacho	Bois, dos	LP	Zoo	SIMPLES
42	Lagoa	Bom Jardim	LP	Fito	COMPOSTO
43	Lagoa	Bom Jesus, do	LP	Hiero	COMPOSTO
44	Lagoa	Bonita	LP	Animo	SIMPLES
45	Riacho	Boqueirão, do	LP	Geomorfo	SIMPLES
46	Riacho	Boqueirão da Esmeralda, do	LP	Geomorfo	COMPOSTO
47	Lagoa	Bravas, das	LP	n/c	SIMPLES
48	Riacho	Brejão, do	LP	Hidro	SIMPLES
49	Riacho	Brejão dos Aipins	LP + LT	Hidro	COMPOSTO HÍBRIDO
50	Riacho	Brejinho	LP	Hidro	SIMPLES
51	Riacho	Brejo, do	LP	Hidro	SIMPLES
52	Riacho	Brejo da Porta	LP	Hidro	COMPOSTO

³³⁷ No *DeHlp*, tem-se: “design. comum a árvores do gên. *Garcinia* (que inclui o gên. *Rheedia*), da fam. das clusiáceas, cujos frutos são ger. Comestíveis”. Ainda do *DeHlp*: do “tupi **iwakupa’ri*”.

Nº	Elemento Geográfico	Topônimo	Origem	Taxionomia	Estr. Morf.
53	Riacho	Brejo Seco	LP	Hidro	COMPOSTO
54	Riacho	Brejo Velho	LP	Hidro por qualif.	COMPOSTO
55	Lagoa	Buraco, do	LP	Geomorfo	SIMPLES
56	Lagoa	Buracos, dos	LP	Geomorfo	SIMPLES
57	Lagoa	Bureré ³³⁸ , do	n/e	Fito	SIMPLES
58	Brejo	Buriti	LT	Fito	SIMPLES
59	Córrego	Buriti, do	LT	Fito	SIMPLES
60	Brejo	Buriti do Meio	LT + LP	Fito	COMPOSTO HÍBRIDO
61	Riacho	Buriti do Meio	LT + LP	Fito	COMPOSTO HÍBRIDO
62	Riacho	Buriti Grande	LT + LP	Fito	COMPOSTO HÍBRIDO
63	Brejo	Buritizal Grande	LT + LP	Fito	COMPOSTO HÍBRIDO
64	Córrego	Buritizinho	LT	Fito	SIMPLES
65	Riacho	Buritizinho	LT	Fito	SIMPLES
66	Lagoa	Burra, da	LP	Zoo	SIMPLES
67	Lagoa	Cabaças, das	LP	Fito	SIMPLES
68	Córrego	Cabaceira	LP	Fito	SIMPLES
69	Riacho	Cabeceira do Camboeiro	LP	Hidro	COMPOSTO
70	Riacho	Cabeceira do Pindaíba	LP + LT	Hidro	COMPOSTO HÍBRIDO
71	Riacho	Cabeceira do Samambaia	LP + LT	Hidro	COMPOSTO HÍBRIDO
72	Lagoa	Cabeceiro, do	LP	n/c	SIMPLES
73	Brejo	Cachoeira	LP	Hidro	SIMPLES
74	Córrego	Cadoz ³³⁹ , do	LP	Eco	SIMPLES
75	Lagoa	Cadoz, do	LP	Eco	SIMPLES
76	Riacho	Cajueiro	LT	Fito	SIMPLES
77	Lagoa	Cala-Boca, do	LP	Dirremato	COMPOSTO
78	Córrego	Caldeirão	LP	Hidro	SIMPLES
79	Lagoa	Caminho	LP	Hodo	SIMPLES
80	Lagoa	Campestre	LP	n/c	SIMPLES
81	Lagoa	Campo	LP	Geomorfo	COMPOSTO

³³⁸ Em Baptista (1981, pp. 328 a 340), na “RELAÇÃO DAS PLANTAS NATIVAS DO PIAUÍ”, consta o nome de tal exemplar.

³³⁹ No *DeHlp*, tem-se: “1 casa velha e/ou rústica; casebre, barraco, pardieiro; 2 lugar de refúgio ou esconderijo; covil; 3 lugar escondido, de difícil acesso; 4 lugar onde algo fica isolado ou separado”.

Nº	Elemento Geográfico	Topônimo	Origem	Taxionomia	Estr. Morf.
		Formoso			
82	Lagoa	Canabrava, da	LP	Fito	SIMPLES
83	Riacho	Cana-brava	LP	Fito	COMPOSTO
84	Brejo	Canas, das	LP	Fito	SIMPLES
85	Lagoa	Candinho, do	LP	Antropo	SIMPLES
86	Córrego	Cantinho	LP	Cardino	SIMPLES
87	Lagoa	Canto, do	LP	Cardino	SIMPLES
88	Riacho	Canto, do	LP	Cardino	SIMPLES
89	Lagoa	Canto do Angico, do	LP	Cardino	COMPOSTO
90	Riacho	Capim-grosso	LT + LP	Fito	COMPOSTO HÍBRIDO
91	Lagoas	Capoeiras ³⁴⁰ , das	LT	Fito	SIMPLES
92	Riacho	Caracol, do	LP	Zoo	SIMPLES
93	Lagoa	Caraíba, da	LT	Fito	SIMPLES
94	Lagoa	Caraíbas, das	LT	Fito	SIMPLES
95	Rio	Carinhanha	n/e	n/c	SIMPLES
96	Lagoa	Carnaubal, do	LT	Fito	SIMPLES
97	Lagoa	Caroá, do	LT	Fito	SIMPLES
98	Brejo	Carrasquenho	LP	Fito	SIMPLES
99	Lagoa	Caruara ³⁴¹ , da	LT	Animo	SIMPLES
100	Lagoa	Casa Velha, da	LP	Eco por qualif.	COMPOSTO
101	Riacho	Casa Velha	LP	Eco por qualif.	COMPOSTO
102	Lagoa	Cavalo, do	LP	Zoo	SIMPLES
103	Riacho	Cavalos, dos	LP	Zoo	SIMPLES
104	Lagoa	Cercado, do	LP	Ergo	SIMPLES
105	Córrego	Ceroula	LP	Ergo	SIMPLES
106	Riacho	Certeza	LP	Animo	SIMPLES
107	Lagoa	Cesário, do	LP	Antropo	SIMPLES
108	Lagoa	Chapada, da	LP	Geomorfo	SIMPLES
109	Lagoa	Cima, de	LP	Cardino	SIMPLES
110	Córrego	Cipoal	LT	Fito	SIMPLES
111	Rio	Cochá	n/e	n/c	SIMPLES
112	Riacho	Cocos, dos	LP	Fito	SIMPLES
113	Lagoa	Comprida	LP	Dimensio	SIMPLES
114	Riacho	Conceição, da	LP	Antropo	SIMPLES
115	Lagoa	Contendas, das	LP	Animo	SIMPLES

³⁴⁰ No *DeHlp*, tem-se: “área de mato cuja vegetação foi roçada e/ou queimada para cultivo ou outros fins, e que se está renovando”. Ainda no *DeHlp*: do “tupi *ko'pwera*, de *ko* 'roça' + *pwera* 'que já foi’”.

³⁴¹ No *DeHlp*, do “tupi **karu'ara* 'corrimento que afeta as articulações; mau-olhado’”.

Nº	Elemento Geográfico	Topônimo	Origem	Taxionomia	Estr. Morf.
116	Riacho	Contrato, do	LP	Animo	SIMPLES
117	Riacho	Coqueiro, do	LP	Fito	SIMPLES
118	Riacho	Cordeiro, do	LP	Antropo	SIMPLES
119	Riacho	Cornichas, das	LP	n/c	SIMPLES
120	Riacho	Corredeira	LP	Hidro	SIMPLES
121	Rio	Corrente	LP	Hidro	SIMPLES
122	Riacho	Coruja, da	LP	Zoo	SIMPLES
123	Lagoa	Covas, das	LP	n/c	SIMPLES
124	Riacho	Croata	LT	Fito	SIMPLES
125	Lagoa	Cruz, da	LP	Hiero	SIMPLES
126	Riacho	Cruz, da	LP	Hiero	SIMPLES
127	Riacho	Curimatá	LT	Zoo	SIMPLES
128	Rio	Curimatá	LT	Zoo	SIMPLES
129	Lagoa	Curral, do	LP	Socio	SIMPLES
130	Brejo	Damáσιο, do	LP	Antropo	SIMPLES
131	Lagoa	Damáσιο, do	LP	Antropo	SIMPLES
132	Lagoa	Dé	LP	n/c	SIMPLES
133	Lagoa	Dentro, de	LP	Cardino	SIMPLES
134	Lagoa	Descoberta, da	LP	Animo	SIMPLES
135	Lagoa	Diolino, do	LP	Antropo	SIMPLES
136	Lagoa	Dionisinho, do	LP	Antropo	SIMPLES
137	Lagoa	Duas Passagens	LP	Hodo por quant.	COMPOSTO
138	Lagoa	Entrada, da	LP	Hodo	SIMPLES
139	Córrego	Entranha, da	LP	n/c	SIMPLES
140	Lagoa	Entroncamento, do	LP	Hodo	SIMPLES
141	Córrego	Escuro	LP	Hidro-cromo	SIMPLES
142	Riacho	Escuro	LP	Hidro-cromo	SIMPLES
143	Lagoa	Espinho, do	LP	Fito	SIMPLES
144	Riacho	Espinho	LP	Fito	SIMPLES
145	Riacho	Espinho, do	LP	Fito	SIMPLES
146	Córrego	Estrepe	LP	n/c	SIMPLES
147	Lagoa	Estribeira ³⁴² , da	LP	Ergo	SIMPLES
148	Lagoa	Estribeirinha, da	LP	Ergo	SIMPLES
149	Lagoa	Extrema, da	LP	Cardino	SIMPLES
150	Lagoa	Falsa	LP	Animo	SIMPLES
151	Brejo	Faveira	LP	Fito	SIMPLES
152	Lagoa	Feia	LP	Animo	SIMPLES

³⁴² No *DeHlp*, significa: “estribo us. quando se monta à gineta”.

Nº	Elemento Geográfico	Topônimo	Origem	Taxionomia	Estr. Morf.
153	Lagoa	Felipe, do	LP	Antropo	SIMPLES
154	Riacho	Fervedouro ³⁴³ , do	LP	Hidro	SIMPLES
155	Lagoa	Figueirão, do	LP	Antropo	SIMPLES
156	Lagoa	Flor de Seda, da	LP	Fito	COMPOSTO
157	Lagoa	Fora, de	LP	Cardino	SIMPLES
158	Lagoa	Formosa, da	LP	Animo	SIMPLES
159	Lagoinha	Formosa, da	LP	Animo	SIMPLES
160	Brejo	Forquilha, da	LP	Fito	SIMPLES
161	Riacho	Fresco	LP	Hidro-termo	SIMPLES
162	Riacho	Frio	LP	Hidro-termo	SIMPLES
163	Lagoa	Funda	LP	Dimensio	SIMPLES
164	Riacho	Fundo	LP	Dimensio	SIMPLES
165	Rio	Fundo	LP	Dimensio	SIMPLES
166	Lagoa	Fundo da Vargem, do	LP	Dimensio	COMPOSTO
167	Rio	Fundo de Cima	LP	Dimensio	COMPOSTO
168	Lagoa	Gabriel, do	LP	Antropo	SIMPLES
169	Lagoa	Gado Bravo, do	LP	Zoo	COMPOSTO
170	Riacho	Gameleira	LP	Fito	SIMPLES
171	Lagoa	Garça, da	LP	Zoo	SIMPLES
172	Lagoa	Gato, do	LP	Zoo	SIMPLES
173	Riacho	Gentil	LP	Animo	SIMPLES
174	Riacho	Gericó ³⁴⁴ , do	LP	Fito	SIMPLES
175	Lagoa	Germano, do	LP	Antropo	SIMPLES
176	Riacho	Golfos, dos	LP	n/c	SIMPLES
177	Lagoa	Grajaú, do	LT	Ergo	SIMPLES
178	Lagoa	Grande	LP	Dimensio	SIMPLES
179	Riacho	Grande	LP	Dimensio	SIMPLES
180	Rio	Grande	LP	Dimensio	SIMPLES
181	Riacho	Grota do Corredor	LP	Geomorfo	COMPOSTO
182	Riacho	Grota do Sabão	LP	Geomorfo	COMPOSTO
183	Rio	Gurgueia	LJ	Etno	SIMPLES

³⁴³ Em Souza (2004, p. 150), tem-se: “(...) Em Goiás, segundo informe do prof. Alcide Jubé, chamam *fervidor* a uma queda d’água no meio de um rio formando com algumas pedras um poço muito perigoso, mercê dos movimentos das águas”.

³⁴⁴ No *DeHlp*, tem-se *Jericó*, que significa: “1 Rubrica: pteridófitas. planta multicaule (*Selaginella convoluta*) da fam. das selaginéláceas, nativa do Brasil (PE, BA), de raiz fibrosa e folhas eretas e rígidas; é tida como diurética e afrodisíaca; pé-de-papagaio, ressurreição; 2 Rubrica: angiospermas. m.q. *caçaú* (*Aristolochia brasiliensis*); 3 Rubrica: angiospermas. m.q. *jarrinha-do-nordeste* (*Aristolochia papillaris*)”.

Nº	Elemento Geográfico	Topônimo	Origem	Taxionomia	Estr. Morf.
184	Lagoa	Ibiraba, da	n/e	n/c	SIMPLES
185	Lagoa	Ilha, da	LP	Geomorfo	SIMPLES
186	Lagoa	Imburana ³⁴⁵ , da	LT	Fito	SIMPLES
187	Lagoa	Inferno, do	LP	Animo	SIMPLES
188	Córrego	Inhuma	LT	Zoo	SIMPLES
189	Lagoa	Isidoro, do	LP	Antropo	SIMPLES
190	Lagoa	Jacaré, do	LT	Zoo	SIMPLES
191	Riacho	Jataí ³⁴⁶ de Cima	LT + LP	Fito	COMPOSTO HÍBRIDO
192	Lagoa	Jatobá, do	LT	Fito	SIMPLES
193	Lagoa	Jenipapeiro, do	LT	Fito	SIMPLES
194	Lagoa	João Canabrava, do	LP	Antropo	COMPOSTO
195	Riacho	João Ferreira	LP	Antropo	COMPOSTO
196	Lagoa	João Mãozinha, do	LP	Antropo	COMPOSTO
197	Lagoa	Joaquim Manoel, do	LP	Antropo	COMPOSTO
198	Lagoa	Juá, do	LT	Fito	SIMPLES
199	Lagoa	Junco, do	LP	Fito	SIMPLES
200	Lagoa	Jurema, da	LT	Fito	SIMPLES
201	Brejo	Lagoa	LP	Hidro	SIMPLES
202	Brejo	Lagoa, da	LP	Hidro	SIMPLES
203	Riacho	Lagoa, da	LP	Hidro	SIMPLES
204	Riacho	Lagoa do Mato, da	LP	Hidro	COMPOSTO
205	Brejo	Lagoinha	LP	Hidro	SIMPLES
206	-	Lagoinha	LP	Hidro	SIMPLES
207	Riacho	Lajeiro, do	LP	Lito	SIMPLES
208	Riacho	Lapa, da	LP	Lito	SIMPLES
209	Lagoa	Largo, do	LP	Dimensio	SIMPLES
210	Riacho	Lavra, da	LP	Socio	SIMPLES
211	Lagoa	Leandro, do	LP	Antropo	SIMPLES
212	Lagoa	Leite, do	LP	n/c	SIMPLES
213	Riacho	Limoeiro	LP	Fito	SIMPLES
214	Riacho	Limoeiro, do	LP	Fito	SIMPLES

³⁴⁵ No *DeHlp*, tem-se: “árvore de até 6 m (*Bursera leptophloeos*) da fam. das burseráceas, nativa da América do Sul, de madeira branca, rija, folhas compostas, flores em racemos axilares e frutos comestíveis, com sementes de que se extrai óleo medicinal; aroeira-do-sertão, emburana, imburana-vaqueira, jamburana, umburana”. Ainda no *DeHlp*: do “tupi *i'mbu* 'umbu' + tupi *'rana* 'semelhante a”.

³⁴⁶ No *DeHlp*, o mesmo que *Jatobá*.

Nº	Elemento Geográfico	Topônimo	Origem	Taxionomia	Estr. Morf.
215	Rio	Livramento, do	LP	Animo	SIMPLES
216	Córrego	Lourenço	LP	Antropo	SIMPLES
217	Lagoa	Machado, do	LP	Antropo	SIMPLES
218	Riacho	Malhada Grande, da	LP	Geomorfo	COMPOSTO
219	Riacho	Malícia, da	LP	Fito	SIMPLES
220	Lagoa	Maltês	LP	n/c	SIMPLES
221	Riacho	Mamoneira, da	LA	Fito	SIMPLES
222	Lagoa	Mandacaru, do	LT	Fito	SIMPLES
223	Lagoa	Manezinho, do	LP	Antropo	SIMPLES
224	Riacho	Manguari ³⁴⁷ , do	LT	Zoo	SIMPLES
225	Riacho	Marimbondó	LA	Zoo	SIMPLES
226	Lagoa	Marreca, da	LP	Fito	SIMPLES
227	Lagoa	Mata da Caraibinha, da	LP	Fito	COMPOSTO HÍBRIDO
228	Lagoa	Mato, do	LP	Fito	SIMPLES
229	Lagoa	Matões, dos	LP	Fito	SIMPLES
230	Lagoa	Mazombo ³⁴⁸ , do	LA	Etno	SIMPLES
231	Brejo	Meio, do	LP	Cardino	SIMPLES
232	Lagoa	Meio, do	LP	Cardino	SIMPLES
233	Riacho	Meio, do	LP	Cardino	SIMPLES
234	Lagoa	Mel, do	LP	n/c	SIMPLES
235	Riacho	Melado, do	LP	Ergo	SIMPLES
236	Riacho	Melancia	LP	Fito	SIMPLES
237	Lagoa	Milagres, dos	LP	Animo	SIMPLES
238	Riacho	Milagres, dos	LP	Animo	SIMPLES
239	Riacho	Mimoso	LP	Fito	SIMPLES
240	Brejo	Miroró, do	LT	Fito	SIMPLES
241	Lagoa	Missão, da	LP	Animo	SIMPLES
242	Riacho	Mocambinho	LA	Eco	SIMPLES
243	Riacho	Mocinhas, das	LP	n/c	SIMPLES
244	Riacho	Mondubim	n/e	n/c	SIMPLES
245	Lagoa	Monrovia	n/e	n/c	SIMPLES
246	Riacho	Morcego, do	LP	Zoo	SIMPLES
247	Lagoa	Morro Velho, do	LP	Geomorfo por qualif.	COMPOSTO
248	Lagoa	Morros, dos	LP	Geomorfo	SIMPLES

³⁴⁷ No *DeHlp*, tem-se o étimo tupi (“tupi *magwa'ri* 'ave branco-acinzentada de pescoço longo, ordem dos ciconiiformes”), com o significado comum de, sob a rubrica da ornitologia: “m.q. *socó-grande* (*Ardea cocoi*)”.

³⁴⁸ No *DeHlp*, tem-se: “filho de pais estrangeiros, sobretudo de portugueses, que nasce no Brasil”.

Nº	Elemento Geográfico	Topônimo	Origem	Taxionomia	Estr. Morf.
249	Riacho	Muquém, do	LT	Ergo	SIMPLES
250	Riacho	Negros, dos	LP	Etno	SIMPLES
251	Lagoa	Nova	LP	Crono	SIMPLES
252	Riacho	Novo Acordo	LP	Animo por qualif.	COMPOSTO
253	Córrego	Oco, do	LP	n/c	SIMPLES
254	Riacho	Oco, do	LP	n/c	SIMPLES
255	Riacho	Olaria, da	LP	Socio	SIMPLES
256	Riacho	Olho d'água	LP	Hidro	COMPOSTO
257	Riacho	Olho d'água, do	LP	Hidro	COMPOSTO
258	Riacho	Olho d'água da Onça	LP	Hidro	COMPOSTO
259	Lagoa	Onça, da	LP	Zoo	SIMPLES
260	Brejo	Ouro, do	LP	Lito	SIMPLES
261	Lagoa	Padre, do	LP	Socio	SIMPLES
262	Lagoa	Pajeú, do	LT	Ergo	SIMPLES
263	Rio	Palmeiras	LP	Fito	SIMPLES
264	Lagoa	Palmeirinha, da	LP	Fito	SIMPLES
265	Rio	Paraim	LT	Hidro	SIMPLES
266	Riacho	Parida, da	LP	n/c	SIMPLES
267	Lagoa	Parnaguá, do	LT	Geomorfo	SIMPLES
268	Lagoa	Pássaros, dos	LP	Zoo	SIMPLES
269	Riacho	Pastores, dos	LP	Socio	SIMPLES
270	Lagoa	Patos, dos	LP	Zoo	SIMPLES
271	Lagoa	Paturi ³⁴⁹ , do	LT	Zoo	SIMPLES
272	Lagoa	Pau d'arco, do	LP	Fito	COMPOSTO
273	Riacho	Pau d'arco ³⁵⁰	LP	Fito	COMPOSTO
274	Riacho	Pau-Ferro, do	LP	Fito	COMPOSTO
275	Lagoa	Paulinho, do	LP	Antropo	SIMPLES
276	Lagoa	Paulino, do	LP	Antropo	SIMPLES
277	Brejo	Paus, dos	LP	Fito	SIMPLES
278	Riacho	Pé da Chapada ³⁵¹	LP	Cardino	COMPOSTO

³⁴⁹ No *DeHlp*, tem-se: “1 Regionalismo: Brasil. m.q. **irerê** (*Dendrocygna viduata*); 2 Regionalismo: Brasil. m.q. **bico-roxo** (*Nomonyx dominicus*); 3 Regionalismo: Minas Gerais, Mato Grosso. m.q. **pato-de-crista** (*Sarkidiornis melanotos*)”. Ainda no *DeHlp*: do “tupi *poti'ri* 'ave, espécie de marreca', tb. adp. ao port. *poteri, potiri*”.

³⁵⁰ No *DeHlp*, tem-se: “design. comum a várias árvores e arbustos da fam. das bignoniáceas, esp. do gên. *Tabebuia*, muito cultivados como ornamentais e pelas madeiras de qualidade”.

³⁵¹ Observe-se que de 278 a 281, nos quais se têm lexias compostas, a opção por classificá-los como Somatotopônimo, na proposta de Dick, obscurecer-lhes-ia as significações possíveis, inerentes à estrutura composta.

Nº	Elemento Geográfico	Topônimo	Origem	Taxionomia	Estr. Morf.
279	Lagoa	Pé de Buriti, do	LP + LT	Fito	COMPOSTO HÍBRIDO
280	Lagoa	Pé-de-Ema ³⁵² , do	LP	Fito	COMPOSTO
281	Lagoa	Pé-de-Serra, do	LP	Cardino	COMPOSTO
282	Lagoa	Pedra, da	LP	Lito	SIMPLES
283	Lagoa	Pedra Bonita, da	LP	Lito	COMPOSTO
284	Lagoinha	Pedra Bonita, da	LP	Lito	COMPOSTO
285	Lagoa	Pedra Branca, da	LP	Lito	COMPOSTO
286	Riacho	Pedra Branca	LP	Lito	COMPOSTO
287	Rio	Pedra de Amolar	LP	Lito	COMPOSTO
288	Riacho	Pedra Furada, da	LP	Lito	COMPOSTO
289	Lagoa	Pedra Grande	LP	Lito	COMPOSTO
290	Lagoa	Pedras, das	LP	Lito	SIMPLES
291	Lagoa	Pedreiras, das	LP	Lito	SIMPLES
292	Lagoa	Pedrinhas, das	LP	Lito	SIMPLES
293	Lagoa	Peixe, do	LP	Zoo	SIMPLES
294	Riacho	Pequi, do	LT	Fito	SIMPLES
295	Riacho	Pequi Grande	LT + LP	Fito	COMPOSTO HÍBRIDO
296	Lagoa	Piaçava, da	LT	Fito	SIMPLES
297	Córrego	Pindaíba, da	LT	Fito	SIMPLES
298	Riacho	Pintada, da	LP	n/c	SIMPLES
299	Lagoa	Pintada, da	LP	n/c	SIMPLES
300	Riacho	Pinto	LP	Antropo	SIMPLES
301	Lagoa	Piripiri, do	LT	Fito	SIMPLES
302	Riacho	Poção	LP	Hidro	SIMPLES
303	Riacho	Poço Comprido, do	LP	Hidro	COMPOSTO
304	Riacho	Poções	LP	Hidro	SIMPLES
305	Lagoa	Podói ³⁵³ , do	LP	Fito	SIMPLES

³⁵² No site http://rodriguesia.jbrj.gov.br/Rodrig55_85/MILW-B.PDF, acessado em 26 de fevereiro de 2012, tem-se tal exemplar como pertencente à espécie *Passiflora tricuspidis* Mast. Quanto à distribuição geográfica, tem-se que “Apresenta ampla distribuição na América do Sul, ocorrendo no Peru, Bolívia, Brasil e Paraguai. No Brasil: Amazonas, Pará, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás, **Piauí**, Bahia, Minas Gerais, Espírito Santo, São Paulo, Santa Catarina e Rio Grande do Sul”. (grifo nosso). Ainda no mesmo site, há os seguintes nomes vulgares: “Maracujá-borboleta (ES), maracujá-do-mato (MG), pé-de-ema (MG), maracujá (Pio-Côrrea 1984).

Nº	Elemento Geográfico	Topônimo	Origem	Taxionomia	Estr. Morf.
306	Córrego	Pombas, das	LP	Zoo	SIMPLES
307	Lagoa	Porco, do	LP	Zoo	SIMPLES
308	Lagoa	Porcos, dos	LP	Zoo	SIMPLES
309	Lagoa	Porta, da	LP	Ergo	SIMPLES
310	Lagoa	Porta dos Golfos, da	LP	Ergo	COMPOSTO
311	Lagoa	Porteiras, das	LP	Ergo	SIMPLES
312	Riacho	Pote, do	LP	Ergo	SIMPLES
313	Brejo	Prata, da	LP	Lito	SIMPLES
314	Riacho	Prata, da	LP	Lito	SIMPLES
315	Lagoa	Preferência, da	LP	Animo	SIMPLES
316	Riacho	Projeto, do	LP	Animo	SIMPLES
317	Lagoa	Quixaba ³⁵⁴ , da	LT	Fito	SIMPLES
318	Riacho	Ramalho, do	LP	Antropo	SIMPLES
319	Riacho	Rancharia, da	LP	Eco	SIMPLES
320	Lagoa	Rancho, do	LP	Eco	SIMPLES
321	Riacho	Rangel	LP	Antropo	SIMPLES
322	Lagoa	Rapador ³⁵⁵ , do	LP	Geomorfo	SIMPLES
323	Riacho	Recantilhado, do	LP	n/c	SIMPLES
324	Lagoa	Recanto, do	LP	Animo	SIMPLES
325	Lagoa	Redonda	LP	Morfo	SIMPLES
326	Lagoa	Rego, do	LP	Antropo	SIMPLES
327	Riacho	Retiro, do	LP	Eco	SIMPLES
328	-	Riachão	LP	Hidro	SIMPLES
329	-	Riachinho	LP	Hidro	SIMPLES
330	Lagoa	Riacho do Meio, do	LP	Hidro	COMPOSTO
331	Riacho	Rodrigues, do	LP	Antropo	SIMPLES

³⁵³ Em Lorenzi (2008, p. 132), têm-se os seguintes nomes populares para a espécie *Copaifera langsdorffii* Desf.: “copaíba, óleo de copaíba, copaíba-vermelha, bálsamo, oleiro, copaíba-da-várzea (AM), copaibeira-de-minas, copaúba, cupiúva, óleo-vermelho, pau-de-óleo (MG), **podoi** (PI, CE) (grifo nosso). Castro (1994, p. 121), dentre as espécies florísticas amostradas e amostráveis encontradas na Fazenda Piloto Chapada Grande-PI, menciona, para as espécies *Copaifera coriacea* C. Martius e *Copaifera martii* Hayne, *Paudóia*, que, segundo hipótese aqui aventada, pode ter dado *Podói*, haja vista, em comum, todas serem espécies de copaíba, árvore bastante conhecida por seu óleo de uso medicinal. Admitindo que, dentre as designações possíveis, uma de largo uso talvez seja a que retrate essa característica da espécie (óleo de uso medicinal). A partir disso, pode-se admitir que de Pau-de-óleo se tenha chegado a Podói por sucessivas mudanças fonéticas. Eis a seguir uma proposta: Pau-de-óleo > Paudoleo > Paudoeo* > Paudóia > Paudói > Padói > Podói. Em Baptista (1981, pp. 328 a 340), na “RELAÇÃO DAS PLANTAS NATIVAS DO PIAUÍ”, consta o nome de tal exemplar.

³⁵⁴ No *DeHlp*, tem-se: “1 o fruto da quixabeira; 2 m.q. *quixabeira* (*Sideroxylon obtusifolium*)”. Em Sampaio (1987, p. 308), tem-se: “QUIÇABA *corr.* **Keçaba**. O ninho, o lugar de dormir. *Alt.* **Quixaba, Quixá**”.

³⁵⁵ Em Souza (2004, p. 271), tem-se a forma *Rapadouro*, que significa: “termo mais ou menos de uso em todo o país e que significa um campo sem pastagem para o gado, que está como que rapado”.

Nº	Elemento Geográfico	Topônimo	Origem	Taxionomia	Estr. Morf.
332	Riacho	Rução, do	LP	Antropo	SIMPLES
333	Brejo	Saco, do	LP	Geomorfo	SIMPLES
334	Lagoa	Saco, do	LP	Geomorfo	SIMPLES
335	Riacho	Saco, do	LP	Geomorfo	SIMPLES
336	Riacho	Saco do Buriti	LP + LT	Geomorfo	COMPOSTO HÍBRIDO
337	Riacho	Saco Grande	LP	Geomorfo	COMPOSTO
338	Riacho	Salgado	LP	Hidro-halo	SIMPLES
339	Riacho	Salgueiro ³⁵⁶ , Do	LP	Fito	SIMPLES
340	Lagoa	Salina, da	LP	Lito	SIMPLES
341	Riacho	Salina, da	LP	Lito	SIMPLES
342	Córrego	Salobro	LP	Hidro-halo	SIMPLES
343	Lagoa	Salobro, do	LP	Lito	SIMPLES
344	Brejo	Sambaíba, da	LT	Fito	SIMPLES
345	Córrego	Sant'Ana	LP	Antropo	SIMPLES
346	Riacho	Santa Marta	LP	Hagio	COMPOSTO
347	Brejo	Santa Rosa	LP	Hagio	COMPOSTO
348	Lagoa	Santana, de	LP	Antropo	SIMPLES
349	Riacho	Santo Antônio	LP	Hagio	COMPOSTO
350	Lagoa	São João, de	LP	Hagio	COMPOSTO
351	Riacho	São José	LP	Hagio	COMPOSTO
352	Rio	São José	LP	Hagio	COMPOSTO
353	Brejo	São Luís	LP	Hagio	COMPOSTO
354	Riacho	Saquinho, do	LP	Geomorfo	SIMPLES
355	Lagoa	Seca	LP	Hidro-hipo	SIMPLES
356	Lagoa	Seca do Curral	LP	Hidro-hipo	COMPOSTO
357	Lagoa	Seca do Rancho	LP	Hidro-hipo	COMPOSTO
358	Córrego	Seco	LP	Hidro-hipo	SIMPLES
359	Riacho	Seco	LP	Hidro-hipo	SIMPLES
360	Lagoa	Senhorinha, da	LP	Axio	SIMPLES
361	Riacho	Serra, da	LP	Geomorfo	SIMPLES
362	Lagoa	Simões, do	LP	Antropo	SIMPLES
363	Lago	Sítio, do	LP	Eco	SIMPLES
364	Riacho	Sítio, do	LP	Eco	SIMPLES
365	Riacho	Sítio do Mocambinho,	LP + LA	Eco	COMPOSTO HÍBRIDO

³⁵⁶ No *DeHlp*, tem-se: “design. comum às árvores e arbustos do gên. *Salix*, da fam. das salicáceas, ger. cultivadas como ornamentais ou pelas madeiras”.

Nº	Elemento Geográfico	Topônimo	Origem	Taxionomia	Estr. Morf.
		do			
366	Riacho	Socorro	LP	Animo	SIMPLES
367	Riacho	Sossego	LP	Animo	SIMPLES
368	Riacho	Sossego, do	LP	Animo	SIMPLES
369	Lagoa	Suçupara	LT	Zoo	SIMPLES
370	Riacho	Suçupara	LT	Zoo	SIMPLES
371	Córrego	Suçuarana	LT	Zoo	SIMPLES
372	Brejo	Sumidor	LP	Hidro	SIMPLES
373	Rio	Surucuju	LT	Zoo	SIMPLES
374	Lagoa	Taboca, da	LT	Fito	SIMPLES
375	Riacho	Taboca, da	LT	Fito	SIMPLES
376	Riacho	Tabocal, do	LT	Fito	SIMPLES
377	Riacho	Tabocas, das	LT	Fito	SIMPLES
378	Lagoa	Taboleiro Grande	LP	Geomorfo	COMPOSTO
379	Lagoa	Tábua, da	LP	Ergo	SIMPLES
380	Riacho	Tábua, da	LP	Ergo	SIMPLES
381	Lagoa	Tanque, do	LP	Hidro	SIMPLES
382	Lagoa	Tassiano, do	LP	Antropo	SIMPLES
383	Riacho	Tataíra ³⁵⁷ , da	LT	Zoo	SIMPLES
384	Lagoa	Teima, da	LP	Animo	SIMPLES
385	Lagoa	Teiú ³⁵⁸ , do	LT	Zoo	SIMPLES
386	Riacho	Teixeira, do	LP	Antropo	SIMPLES
387	Lagoa	Teófilo, do	LP	Antropo	SIMPLES
388	Riacho	Timbó, do	LT	Fito	SIMPLES
389	Brejo	Tomaz, do	LP	Antropo	SIMPLES
390	Lagoa	Torrões ³⁵⁹ , dos	LP	Geomorfo	SIMPLES
391	Riacho	Touro, do	LP	Zoo	SIMPLES
392	Lagoa	Trás-da-Serra, de	LP	Cardino	COMPOSTO
393	Riacho	Três Barras	LP	Geomorfo por quant.	COMPOSTO

³⁵⁷ No *DeHlp*, tem-se: “abelha social (*Oxytrigona tataira*), da subfam. dos meliponíneos, com cerca de 5,5 mm de comprimento, cabeça e abdome ferrugíneos e o restante do corpo preto; abelha-caga-fogo, abelha-de-fogo, barra-fogo, bota-fogo, caga-fogo, mija-fogo [É sp. agressiva; quando pica, segrega um líquido cáustico.]”. Ainda no *DeHlp*: do “tupi *tatae'ira* 'espécie de abelha da fam. dos meliponídeos', de *ta'ta* 'fogo' + *e'ira* 'mel'”.

³⁵⁸ No *DeHlp*, tem-se: “lagarto terrícola da fam. dos teiídeos (*Tupinambis teguixin*), encontrado do Norte do Brasil ao Norte da Argentina; apresenta coloração dorsal marmoreada de cinzento e preto, com faixas e manchas pretas ou brancas e ventre claro, com barras transversais pretas, e seu corpo atinge cerca de 50 cm de comprimento; lagarto, teiú-açu, tejo, teju, tejuacu, tejuguaçu, tiú [É onívoro e mora em tocas.]”. Ainda no *DeHlp*: do “tupi *te'yu* 'designação genérica do lagarto, entre os indígenas”.

³⁵⁹ No *DeHlp*, tem-se: “**1** pedaço de terra aglutinada, mais ou menos endurecida; **2** gleba, terreno, solo próprio para cultura; **3** território, extensão considerável de terra”.

Nº	Elemento Geográfico	Topônimo	Origem	Taxionomia	Estr. Morf.
394	Lagoa	Tuntum, do	n/e	n/c	SIMPLES
395	Lagoa	“U”, do	LP	n/c	SIMPLES
396	Lagoa	União, da	LP	Animo	SIMPLES
397	Brejo	Ursa, da	LP	Zoo	SIMPLES
398	Lagoa	Urubu, do	LT	Zoo	SIMPLES
399	Rio	Uruçui	LT	Hidro	SIMPLES
400	Lagoa	Vaca Preta, da	LP	Zoo	COMPOSTO
401	Lagoa	Valentim, do	LP	Antropo	SIMPLES
402	Lagoa	Vargem da Pedra, da	LP	Geomorfo	COMPOSTO
403	Riacho	Vargem Grande	LP	Geomorfo	COMPOSTO
404	Córrego	Varginha, da	LP	Geomorfo	SIMPLES
405	Riacho	Várzea da Cruz	LP	Geomorfo	COMPOSTO
406	Lagoa	Várzea Grande, da	LP	Geomorfo	COMPOSTO
407	Lagoa	Veados, dos	LP	Zoo	SIMPLES
408	Lagoa	Velha	LP	Crono	SIMPLES
409	Lagoa	Velhaca, da	LP	Animo	SIMPLES
410	Brejo	Vereda	LP	Geomorfo	SIMPLES
411	Riachão	Vereda	LP	Geomorfo	SIMPLES
412	Riacho	Vereda, da	LP	Geomorfo	SIMPLES
413	Brejo	Vereda Comprida	LP	Geomorfo	COMPOSTO
414	Riacho	Vereda Comprida	LP	Geomorfo	COMPOSTO
415	Lagoa	Vermelha	LP	Hidro-cromo	SIMPLES
416	Riacho	Vermelho	LP	Hidro-cromo	SIMPLES
417	Lagoa	Zé do Mel, do	LP	Antropo	COMPOSTO
418	Lagoa	Zuza, do	LP	Antropo	SIMPLES

4.3.4.2 Dados da Ficha

Quadro 44: Percentual das taxes da Microrregião das Chapadas do extremo sul

Percentual das taxes								
Taxe	Nº	%	Taxe	Nº	%	Taxe	Nº	%
Animo	28	6,7	Eco	11	2,6	Lito	27	6,4
Antropo	40	9,6	Ergo	14	3,3	Meteoro	0	0
Astro	0	0	Etno	3	0,7	Mito	0	0

Axio	1	0,2	Fito	88	21	Morfo	1	0,2
Cardino	15	3,6	Geomorfo	38	9	Numero	0	0
Coro	1	0,2	Hagio	7	1,7	Polio	0	0
Cromo	0	0	Hidro	51	12,2	Socio	5	1,2
Crono	2	0,5	Hiero	3	0,7	Somato	0	0
Dimensio	10	2,4	Historio	0	0	Zoo	39	9,3
Dirremato	1	0,2	Hodo	4	0,9	n/c	29	6,9

Quadro 45: Percentual das origens dos Hidrônimos da Microrregião das Chapadas do extremo sul

Percentual das origens dos Hidrônimos		
Origem	Nº	%
LA	5	1,2
LAR	0	0
LC	0	0
LE	0	0
LIT	0	0
LJ	1	0,2
LP	337	80,6
LP + LA	1	0,2
LP + LT	5	1,2
LT	55	13,1
LT+ LP	7	1,7
não encontrada	7	1,7

4.3.5 Microrregião de Floriano (12 municípios)

Município 1: **Canaveira**

Município 2: **Flores do Piauí**

Município 3: **Floriano**

Município 4: **Guadalupe**

Município 5: **Itaueira**

Município 6: **Jerumenha**

Município 7: **Nazaré do Piauí**

Município 8: **Pavussu**

Município 9: **Rio Grande do Piauí**

Município 10: **São Francisco do Piauí**

Município 11: **São José do Peixe**

Município 12: **São Miguel do Fidalgo**

4.3.5.1 Hidrônimos da Microrregião de Florianópolis

Quadro 46: Classificação Taxionômica dos Hidrônimos da Microrregião de Florianópolis

Nº	Elemento Geográfico	Topônimo	Origem	Taxionomia	Estr. Morf.
01	Riacho	Agrestão	LP	Fito	SIMPLES
02	Riacho	Água Boa	LP	Hidro	COMPOSTO
03	Lagoa	Água Doce, da	LP	Hidro	COMPOSTO
04	Riacho	Aldeia, da	LP	Polio	SIMPLES
05	Riacho	Alegre, do	LP	Animo	SIMPLES
06	Lagoa	Algodão, do	LP	Fito	SIMPLES
07	Riacho	Angelim	LP	Fito	SIMPLES
08	Riacho	Angical	LP	Fito	SIMPLES
09	Riacho	Angico, do	LP	Fito	SIMPLES
10	Lagoa	Aprazível, do	LP	Animo	SIMPLES
11	Riacho	Areia, da	LP	Lito	SIMPLES
12	Riacho	Aroeira	LP	Fito	SIMPLES
13	Riacho	Atalho, do	LP	Hodo	SIMPLES
14	Riacho	Baixa, da	LP	Geomorfo	SIMPLES
15	Lagoa	Bandeira, da	LP	Ergo	SIMPLES
16	Riacho	Barra do Rancho	LP	Geomorfo	COMPOSTO
18	Riacho	Barro Preto, do	LP	Lito	COMPOSTO
17	Lagoa	Barro, de	LP	Lito	SIMPLES
19	Riacho	Bebedouro ³⁶⁰	LP	Hidro	SIMPLES
20	Riacho	Bezerro	LP	Zoo	SIMPLES
21	Lagoa	Bichinho, do	LP	Zoo	SIMPLES
22	Lagoa	Bicho, do	LP	Zoo	SIMPLES
23	Riacho	Boa Vista, da	LP	Animo	COMPOSTO
24	Lagoa	Boa Vista, da	LP	Animo	COMPOSTO
25	Lagoa	Boi, do	LP	Zoo	SIMPLES
26	Riacho	Boi, do	LP	Zoo	SIMPLES
27	Riacho	Bois, dos	LP	Zoo	SIMPLES
28	Riacho	Boqueirão, do	LP	Geomorfo	SIMPLES
29	Riacho	Brejinho, do	LP	Hidro	SIMPLES
30	Riacho	Buriti	LT	Fito	SIMPLES
32	Riacho	Buriti Grande	LT + LP	Fito	COMPOSTO HÍBRIDO
31	Riacho	Buriti, do	LT	Fito	SIMPLES
33	Riacho	Buritinho	LT	Fito	SIMPLES

³⁶⁰ Segundo o *DeHlp*, BEBEDOURO é um regionalismo do Norte e Nordeste do Brasil e significa “aguada, na parte rasa de rios, açudes, lagoas, igarapés, em cacimbas abertas nos leitos dos rios secos ou onde o lençol de água é pouco profundo, na qual bebem os animais”.

Nº	Elemento Geográfico	Topônimo	Origem	Taxionomia	Estr. Morf.
34	Riacho	Buritizinho, do	LT	Fito	SIMPLES
35	Riacho	Cabeceira, da	LP	Hidro	SIMPLES
36	Brejo	Cágados, dos	LP	Zoo	SIMPLES
37	Lagoa	Cajazeiro, do	LT	Fito	SIMPLES
38	Riacho	Cajueiro, do	LT	Fito	SIMPLES
39	Riacho	Caldeirão, do	LP	Hidro	SIMPLES
40	Lagoa	Calumbi, do	LT	Fito	SIMPLES
41	Lagoa	Canabrava	LP	Fito	SIMPLES
42	Riacho	Canavieira, da	LP	Fito	SIMPLES
44	Lagoa	Canto da Volta	LP	Cardino	COMPOSTO
43	Lagoa	Canto, do	LP	Cardino	SIMPLES
45	Riacho	Capim Grosso	LT + LP	Fito	COMPOSTO HÍBRIDO
46	Riacho	Capim Grosso, do	LT + LP	Fito	COMPOSTO HÍBRIDO
47	Riacho	Capitão do Campo	LP	Fito	COMPOSTO
48	Lagoa	Capivara, da	LT	Zoo	SIMPLES
49	Riacho	Capivara, da	LT	Zoo	SIMPLES
50	Lagoa	Caraíbas, das	LT	Fito	SIMPLES
51	Riacho	Cardoso, do	LP	Antropo	SIMPLES
52	Lagoa	Carnaíba	LT	Fito	SIMPLES
53	Lagoa	Carnaíbas, das	LT	Fito	SIMPLES
54	Riacho	Caroá	LT	Fito	SIMPLES
55	Riacho	Carreiras, das	LP	Hodo	SIMPLES
56	Lagoa	Carro, do	LP	Ergo	SIMPLES
57	Lagoa	Castelo, do	LP	Eco	SIMPLES
58	Riacho	Catinga Branca	LT + LP	Fito	COMPOSTO HÍBRIDO
59	Lagoa	Cavalos, dos	LP	Zoo	SIMPLES
61	Riacho	Chapada Grande	LP	Geomorfo	COMPOSTO
60	Lagoa	Chapada, da	LP	Geomorfo	SIMPLES
62	Riacho	Cidreira	LP	Fito	SIMPLES
63	Lagoa	Cima, de	LP	Cardino	SIMPLES
64	Riacho	Cocal, do	LP	Fito	SIMPLES
65	Riacho	Côco, do	LP	Fito	SIMPLES
66	Riacho	Cocos, dos	LP	Fito	SIMPLES
67	Lagoa	Comprida	LP	Dimensio	SIMPLES
68	Riacho	Comprido	LP	Dimensio	SIMPLES
69	Lagoa	Conceição, da	LP	Antropo	SIMPLES
70	Riacho	Coqueiro	LP	Fito	SIMPLES

Nº	Elemento Geográfico	Topônimo	Origem	Taxionomia	Estr. Morf.
71	Riacho	Coqueiro, do	LP	Fito	SIMPLES
72	Riacho	Coroatá	LT	Fito	SIMPLES
73	Rio	Corrente	LP	Hidro	SIMPLES
75	Riacho	Corrente, da	LP	n/c	SIMPLES
74	Riacho	Corrente, do	LP	n/c	SIMPLES
76	Riacho	Croata, do	LT	Fito	SIMPLES
77	Riacho	Cruz, da	LP	Hiero	SIMPLES
78	Riacho	Curralinho, do	LP	Socio	SIMPLES
79	Lagoa	D'anta	LP	Zoo	SIMPLES
80	Riacho	Damião	LP	Antropo	SIMPLES
81	Riacho	Damião, do	LP	Antropo	SIMPLES
82	Lagoa	Dentro, de	LP	Cardino	SIMPLES
83	Lagoa	Detrás do Cercado	LP	Cardino	COMPOSTO
84	Riacho	Engano, do	LP	Animo	SIMPLES
85	Riacho	Engongo, do	n/e	n/c	SIMPLES
86	Riacho	Enseada ³⁶¹ , do	LP	Hidro	SIMPLES
87	Riacho	Escondido, do	LP	Animo	SIMPLES
88	Riacho	Escorrega	LP	Animo	SIMPLES
89	Riacho	Esfolado	LP	Animo	SIMPLES
90	Riacho	Espingarda	LP	Ergo	SIMPLES
91	Lagoa	Estropiado, do	LP	Animo	SIMPLES
92	Riacho	Expedição	LP	Animo	SIMPLES
93	Riacho	Extrema, da	LP	Cardino	SIMPLES
94	Lagoa	Exú, do	LA	Hiero	SIMPLES
95	Riacho	Facão, do	LP	Ergo	SIMPLES
96	Lagoa	Fazenda Velha	LP	Eco por qualif.	COMPOSTO
97	Lagoa	Feitoria, da	LP	Socio	SIMPLES
98	Rio	Fidalgo	LP	Axio	SIMPLES
99	Riacho	Fome, da	LP	Animo	SIMPLES
100	Riacho	Formosa	LP	Animo	SIMPLES
101	Riacho	Forquilha, da	LP	Fito	SIMPLES
102	Riacho	Fortes, dos	LP	Antropo	SIMPLES
103	Riacho	Fundo	LP	Dimensio	SIMPLES
104	Riacho	Galinhas, das	LP	Zoo	SIMPLES
105	Riacho	Gamelas, das	LP	Ergo	SIMPLES
106	Riacho	Gameleira	LP	Fito	SIMPLES
107	Lagoa	Gato, do	LP	Zoo	SIMPLES

³⁶¹ Segundo o *DeHlp*: “pequena baía ou recôncavo na costa de mar, lago ou rio, que serve de porto a embarcações; angra”.

Nº	Elemento Geográfico	Topônimo	Origem	Taxionomia	Estr. Morf.
108	Lagoa	Grande	LP	Dimensio	SIMPLES
109	Riacho	Grilo, do	LP	Zoo	SIMPLES
110	Riacho	Grota Funda, da	LP	Geomorfo	COMPOSTO
111	Riacho	Grotão, do	LP	Geomorfo	SIMPLES
112	Rio	Gurgueia	LJ	Etno	SIMPLES
115	Riacho	Inhame, do	LP	Fito	SIMPLES
116	Riacho	Inhuma	LT	Zoo	SIMPLES
117	Lagoa	Inhuma, do	LT	Zoo	SIMPLES
118	Rio	Itaueira	LT	Lito	SIMPLES
119	Riacho	Jacaré, do	LT	Zoo	SIMPLES
120	Lagoa	Jacaré, do	LT	Zoo	SIMPLES
121	Lagoa	Jordão, do	LP	Antropo	SIMPLES
122	Lagoa	Juá, do	LT	Fito	SIMPLES
123	Riacho	Junco, do	LP	Fito	SIMPLES
124	Lagoa	Junco, do	LP	Fito	SIMPLES
125	-	Lagoinha	LP	Hidro	SIMPLES
126	Riacho	Lajes, das	LP	Lito	SIMPLES
127	Riacho	Lança, da	LP	Ergo	SIMPLES
128	Riacho	Lavandeira, da	LP	Socio	SIMPLES
129	Lagoa	Limão, do	LP	Fito	SIMPLES
130	Riacho	Macacos, dos	LA	Zoo	SIMPLES
131	Lagoa	Macário, do	LP	Antropo	SIMPLES
132	Riacho	Macaúbas	LT	Fito	SIMPLES
133	Riacho	Malhada Grande	LP	Geomorfo	COMPOSTO
134	Riacho	Mandacaru	LT	Fito	SIMPLES
135	Riacho	Mandacaru, do	LT	Fito	SIMPLES
136	Lagoa	Maravilha, da	LP	Animo	SIMPLES
137	Riacho	Mato, do	LP	Fito	SIMPLES
138	Lagoa	Mato, do	LP	Fito	SIMPLES
139	Riacho	Meio, do	LP	Cardino	SIMPLES
140	Lagoa	Meio, do	LP	Cardino	SIMPLES
141	Riachão	Meio, do	LP	Cardino	SIMPLES
142	Riacho	Mel, do	LP	n/c	SIMPLES
143	Riacho	Melancia, da	LP	Fito	SIMPLES
144	Riacho	Melancias, das	LP	Fito	SIMPLES
145	Riacho	Mendes, do	LP	Antropo	SIMPLES
146	Riacho	Milagroso	LP	Animo	SIMPLES
147	Riacho	Mimoso	LP	Fito	SIMPLES
148	Lagoa	Mirindiba, da	LT	Fito	SIMPLES
149	Lagoa	Mocambo, do	LA	Eco	SIMPLES

Nº	Elemento Geográfico	Topônimo	Origem	Taxionomia	Estr. Morf.
150	Riacho	Moreira, do	LP	Antropo	SIMPLES
151	Riacho	Morrinhos, dos	LP	Geomorfo	SIMPLES
152	Lagoa	Morros, dos	LP	Geomorfo	SIMPLES
153	Riacho	Mosele	LP	Antropo	SIMPLES
154	Riacho	Mosquito, do	LP	Zoo	SIMPLES
156	Rio	Mucaitá	n/e	n/c	SIMPLES
155	Riacho	Mucaitá, do	n/e	n/c	SIMPLES
157	Lagoa	Muquém, do	LT	Ergo	SIMPLES
158	Lagoa	Mutuca ³⁶² , da	LT	Zoo	SIMPLES
159	Lagoa	Nazaré, de	LP	Antropo	SIMPLES
160	Riacho	Nega, da	LP	Etno	SIMPLES
161	Lagoa	Nova	LP	Crono	SIMPLES
162	Riacho	Papagaio	LP	Zoo	SIMPLES
163	Riacho	Paracati	n/e	n/c	SIMPLES
164	Rio	Parnaíba	LT	Coro	SIMPLES
165	Lagoa	Patos, dos	LP	Zoo	SIMPLES
166	Lagoa	Pedra, da	LP	Lito	SIMPLES
167	Lagoa	Peixe, do	LP	Zoo	SIMPLES
168	Riacho	Pequeno	LP	Dimensio	SIMPLES
169	Lagoa	Periquito, do	LP	Zoo	SIMPLES
170	Rio	Piauí	LT	Hidro	SIMPLES
171	Riacho	Pinto, do	LP	Antropo	SIMPLES
172	Lagoa	Pipirizinho, do	LT	Fito	SIMPLES
173	Riacho	Pires, do	LP	Antropo	SIMPLES
174	Lagoa	Piripiri, do	LT	Fito	SIMPLES
175	Riacho	Poço d'Água	LP	Hidro	COMPOSTO
176	Riacho	Poço do Negro	LP	Hidro	COMPOSTO
177	Riacho	Porcos, dos	LP	Zoo	SIMPLES
178	Lagoa	Porta, da	LP	Ergo	SIMPLES
179	Riacho	Prata, da	LP	Lito	SIMPLES
180	Riacho	Rancho, do	LP	Eco	SIMPLES
181	Riacho	Rapadura, da	LP	Ergo	SIMPLES
182	Lagoa	Rasa	LP	Dimensio	SIMPLES
183	Riacho	Recanto, do	LP	Animo	SIMPLES
184	Lagoa	Redonda	LP	Morfo	SIMPLES
185	-	Riachão	LP	Hidro	SIMPLES
186	Lagoa	Riacho, do	LP	Hidro	SIMPLES

³⁶² Segundo o *DeHlp*: “design. comum a todos os insetos dípteros da fam. dos tabanídeos, de corpo robusto e de tamanho médio a grande, sendo apenas as fêmeas hematófagas; butuca, moscardo, motuca, tavão [São incômodas ao gado e ao homem, devido às suas picadas dolorosas.]”. Ainda no *DeHlp*: do “tupi *mu'tuka* 'mosca da fam. dos tabanídeos’”.

Nº	Elemento Geográfico	Topônimo	Origem	Taxionomia	Estr. Morf.
187	Riacho	Roncador ³⁶³ , do	LP	Zoo	SIMPLES
188	Lagoa	Sal, do	LP	Lito	SIMPLES
189	Lagoa	Salina, da	LP	Lito	SIMPLES
190	Rio	Salinas	LP	Lito	SIMPLES
191	Riacho	Salobro	LP	Hidro-halo	SIMPLES
192	Riacho	Salto da Pedra	LP	Hidro	COMPOSTO
193	Lagoa	Sambaíba, da	LT	Fito	SIMPLES
194	Riacho	Santa Cruz	LP	Hagio	COMPOSTO
195	Riacho	Santo Antônio	LP	Hagio	COMPOSTO
196	Riacho	São Domingos	LP	Hagio	COMPOSTO
197	Lagoa	São Francisco	LP	Hagio	COMPOSTO
198	Riacho	São José	LP	Hagio	COMPOSTO
199	Riacho	São Lourenço	LP	Hagio	COMPOSTO
200	Riacho	São Paulo	LP	Hagio	COMPOSTO
201	Riacho	Sapê	LT	Fito	SIMPLES
202	Riacho	Saquinho, do	LP	Geomorfo	SIMPLES
203	Brejo	Seco	LP	Hidro-hipo	SIMPLES
204	Lagoa	Serra, da	LP	Geomorfo	SIMPLES
205	Riacho	Socorro, do	LP	Animo	SIMPLES
206	Riacho	Surdo, do	LP	n/c	SIMPLES
207	Riacho	Sussuapara	LT	Zoo	SIMPLES
208	Lagoa	Taboa	LP	Fito	SIMPLES
209	Riacho	Taboca, da	LT	Fito	SIMPLES
210	Riacho	Tabocado, do	LT	Fito	SIMPLES
211	Lagoa	Tabuleiro, do	LP	Geomorfo	SIMPLES
212	Lagoa	Talos, dos	LP	Fito	SIMPLES
213	Riacho	Tamboril, do	LT	Fito	SIMPLES
214	Lagoa	Tamboril, do	LT	Fito	SIMPLES
216	Lagoa	Tapera	LT	Eco	SIMPLES
215	Riacho	Tapera, da	LT	Eco	SIMPLES
217	Lagoa	Tapera, da	LT	Eco	SIMPLES
218	Riacho	Tapuio, do	LT	Etno	SIMPLES
113	Lagoa	Teiú, do	LT	Zoo	SIMPLES

³⁶³ Segundo o *DeHlp*: “**3** Rubrica: ictiologia. Regionalismo: Brasil. peixe teleósteo perciforme da fam. dos hemulídeos (*Conodon nobilis*), encontrado no Atlântico ocidental, do Texas ao Sul do Brasil; possui cerca de 30 cm de comprimento, é amarelado com oito faixas transversais escuras, apresenta dentes faríngeos, ligados à bexiga natatória, e emite roncos quando capturado; canarinho, coró, coroque, ferreiro, maria-luísa, pargo-branco [Espécie com pouco valor comercial.]; **4** Rubrica: ictiologia. Regionalismo: Brasil. m.q. *cangoá* (*Stellifer rastrifer*); **5** Rubrica: ictiologia. Regionalismo: Brasil. m.q. *corcoroca* (*Pomadasy corvinaeformis*); **6** Rubrica: ictiologia. Regionalismo: Brasil. m.q. *castanha* (*Umbrina coroides*); **7** Rubrica: ictiologia. Regionalismo: Brasil. m.q. *maria-luísa* (*Paralonchurus brasiliensis*); **8** Rubrica: ictiologia. Regionalismo: Brasil. m.q. *cangauá* (*Bairdiella ronchus*); **9** Rubrica: ictiologia. Regionalismo: Brasil (região do São Francisco). m.q. *cascudo-preto* (*Rhinelepis aspera*)”.

Nº	Elemento Geográfico	Topônimo	Origem	Taxionomia	Estr. Morf.
114	Riacho	Teiú, do	LT	Zoo	SIMPLES
219	Riacho	Terra Nova	LP	Coro por qualif.	COMPOSTO
220	Riacho	Tigre, do	LP	Zoo	SIMPLES
221	Riacho	Tinguis, dos	LT	Fito	SIMPLES
222	Riacho	Trovoada, da	LP	Meteoro	SIMPLES
223	Rio	Uíca	n/e	n/c	SIMPLES
224	Lagoa	Uíca, da	n/e	n/c	SIMPLES
225	Riacho	Vaquejador, do	LP	Hodo	SIMPLES
226	Lagoa	Várzea Grande, da	LP	Geomorfo	COMPOSTO
227	Lagoa	Vasco, do	LP	Antropo	SIMPLES
228	Lagoa	Veados, dos	LP	Zoo	SIMPLES
229	Lagoa	Velha, da	LP	Antropo	SIMPLES
230	Lagoa	Velho Raimundo, do	LP	Antropo por qualif.	COMPOSTO
231	Lagoa	Vento, do	LP	Meteoro	SIMPLES
233	Riacho	Vereda Grande	LP	Geomorfo	COMPOSTO
232	Riacho	Vereda, da	LP	Geomorfo	SIMPLES
234	Lagoa	Vermelha	LP	Hidro-Cromo	SIMPLES
235	Riacho	Volta, da	LP	Geomorfo	SIMPLES
236	Lagoa	Volta, da	LP	Geomorfo	SIMPLES

4.3.5.2 Dados da Ficha

Quadro 47: Percentual das taxes da Microrregião de Florianópolis

Percentual das taxes								
Taxe	Nº	%	Taxe	Nº	%	Taxe	Nº	%
Animo	16	6,8	Eco	07	3,0	Lito	10	4,2
Antropo	16	6,8	Ergo	09	3,8	Meteoro	02	0,8
Astro	00	00	Etno	03	1,3	Mito	00	00
Axio	01	0,4	Fito	59	25	Morfo	01	0,4
Cardino	09	3,8	Geomorfo	18	7,6	Numero	00	00
Coro	02	0,8	Hagio	07	3,0	Polio	01	0,4
Cromo	00	00	Hidro	18	7,6	Socio	03	1,3
Crono	01	0,4	Hiero	02	0,8	Somato	00	00
Dimensio	06	2,5	Historio	00	00	Zoo	32	13,5

Dirremato	00	00	Hodo	03	1,3	n/c	10	4,2
-----------	----	----	------	----	-----	-----	----	-----

Quadro 48: Percentual das origens dos Hidrônimos da Microrregião de Floriano

Percentual das origens dos Hidrônimos		
Origem	Nº	%
LA	03	1,3
LAR	00	00
LC	00	00
LE	00	00
LIT	00	00
LJ	01	0,4
LP	177	75
LP + LA	00	00
LP + LT	00	00
LT	45	19
LT+ LP	04	1,7
não encontrada	06	2,5

4.3.6 Microrregião de São Raimundo Nonato (17 municípios)

- Município 1: Anísio de Abreu
- Município 2: Bonfim do Piauí
- Município 3: Brejo do Piauí
- Município 4: Canto do Buriti
- Município 5: Caracol
- Município 6: Coronel José Dias
- Município 7: Dirceu Arcoverde
- Município 8: Dom Inocêncio
- Município 9: Fartura do Piauí
- Município 10: Guaribas
- Município 11: Jurema
- Município 12: Pajeu do Piauí
- Município 13: São Braz do Piauí
- Município 14: São Lourenço do Piauí
- Município 15: São Raimundo Nonato
- Município 16: Tamboril do Piauí
- Município 17: Várzea Branca

4.3.6.1 Hidrônimos da microrregião de São Raimundo Nonato

Quadro 49: Classificação Taxionômica dos Hidrônimos da Microrregião de São Raimundo Nonato

Nº	Elemento Geográfico	Topônimo	Origem	Taxionomia	Estr. Morf.
01	Lagoa	Alegre	LP	Animo	SIMPLES
02	Riacho	Alegre, do	LP	Animo	SIMPLES
03	Riacho	Algodão, do	LP	Fito	SIMPLES
04	Riacho	Almas, das	LP	Animo	SIMPLES
05	Lagoa	Alto, do	LP	Cardino	SIMPLES
06	Lagoa	Amaro, do	LP	Antropo	SIMPLES
07	Riacho	América	LP	Coro	SIMPLES
08	Riacho	Amolar, do	LP	n/c	SIMPLES
09	Lagoa	Anadia, da	LP	Antropo	SIMPLES
10	Riacho	Anda Só	LP	Dirremato	COMPOSTO
11	Riacho	Andreza	LP	Antropo	SIMPLES
12	Riacho	Antas, das	LP	Zoo	SIMPLES
13	Lagoa	Antoninho, do	LP	Antropo	SIMPLES
14	Riacho	Apolinário, do	LP	Antropo	SIMPLES
15	Riacho	Araçá, do	LT	Fito	SIMPLES
16	Riacho	Arara, da	LT	Zoo	SIMPLES
17	Riachinho	Areia, da	LP	Lito	SIMPLES
18	Riacho	Areia, da	LP	Lito	SIMPLES
19	Lagoa	Arroz, do	LP	Fito	SIMPLES
20	Lagoa	Artur, do	LP	Antropo	SIMPLES
21	Lagoa	Baixa, da	LP	Geomorfo	SIMPLES
22	Riacho	Baixa da Lima	LP	Geomorfo	COMPOSTO
23	Riacho	Baixa do Girau	LP + LT	Geomorfo	COMPOSTO HÍBRIDO
24	Riacho	Baixa Funda, da	LP	Geomorfo	COMPOSTO
25	Riacho	Baixa Verde, da	LP	Geomorfo	COMPOSTO
26	Lagoa	Baixão, do	LP	Geomorfo	SIMPLES
27	Riacho	Baixão, do	LP	Geomorfo	SIMPLES
28	Riacho	Baixão da Vereda	LP	Geomorfo	COMPOSTO
29	Riacho	Baixão dos Veados	LP	Geomorfo	COMPOSTO
30	Riacho	Baraúna, da	LT	Fito	SIMPLES

Nº	Elemento Geográfico	Topônimo	Origem	Taxionomia	Estr. Morf.
31	Lagoa	Barra, da	LP	Geomorfo	SIMPLES
32	Riacho	Barragem, da	LP	Hidro	SIMPLES
33	Riacho	Barranca do Padre	LP	Geomorfo	COMPOSTO
34	Lagoa	Barras, das	LP	Geomorfo	SIMPLES
35	Lagoa	Barreiro, do	LP	Lito	SIMPLES
36	Riacho	Barriguda, da	LP	Fito	SIMPLES
37	Lagoa	Barrinha, da	LP	Geomorfo	SIMPLES
38	Lagoa	Barro, do	LP	Lito	SIMPLES
39	Riacho	Barrocoão	LP	Lito	SIMPLES
40	Lagoa	Batista, do	LP	Antropo	SIMPLES
41	Lagoa	Bela	LP	Animo	SIMPLES
42	Riacho	Belmonte, do	LP	Animo	SIMPLES
43	Lagoa	Berto, do	LP	Antropo	SIMPLES
44	Lagoa	Besouro, do	LP	Zoo	SIMPLES
45	Lagoa	Bezerra, do	LP	Antropo	SIMPLES
46	Riacho	Boa Vista	LP	Animo	COMPOSTO
47	Riacho	Boa Vista, da	LP	Animo	COMPOSTO
48	Riacho	Bocaína	LP	Geomorfo	SIMPLES
49	Lagoa	Bode, do	LP	Zoo	SIMPLES
50	Lagoa	Boi, do	LP	Zoo	SIMPLES
51	Lagoa	Bois, dos	LP	Zoo	SIMPLES
52	Riacho	Bois, dos	LP	Zoo	SIMPLES
53	Riacho	Bom Jardim	LP	Fito	COMPOSTO
54	Riacho	Bom Jesus	LP	Hiero	COMPOSTO
55	Lagoa	Bonita	LP	Animo	SIMPLES
56	Lagoa	Bonita, da	LP	Animo	SIMPLES
57	Riacho	Bonito, do	LP	Animo	SIMPLES
58	Lagoa	Bonsucesso, do	LP	Animo	SIMPLES
59	Riacho	Boqueirão, do	LP	Geomorfo	SIMPLES
60	Lagoa	Brás, do	LP	Antropo	SIMPLES
61	Riacho	Brejinho, do	LP	Hidro	SIMPLES
62	Riacho	Brejo, do	LP	Hidro	SIMPLES
63	Lagoa	Brejo, do	LP	Hidro	SIMPLES
64	Riacho	Brejo da Salina	LP	Hidro	COMPOSTO
65	Lagoa	Buraco, do	LP	Geomorfo	SIMPLES
66	Riacho	Buriti, do	LT	Fito	SIMPLES
67	Riacho	Cabana, da	LP	Eco	SIMPLES

Nº	Elemento Geográfico	Topônimo	Origem	Taxionomia	Estr. Morf.
68	Riacho	Cabelo de Cuia, do	LP + LT	Somato	COMPOSTO HÍBRIDO
69	Lagoa	Caboclo, do	LT	Etno	SIMPLES
70	Riacho	Caboclo, do	LT	Etno	SIMPLES
71	Lagoa	Cabras, das	LP	Zoo	SIMPLES
72	Lagoa	Cabrita, da	LP	Zoo	SIMPLES
73	Lagoa	Cachorra, da	LP	Zoo	SIMPLES
74	Lagoa	Cachorro, do	LP	Zoo	SIMPLES
75	Riacho	Cacimbas	LA	Hidro	SIMPLES
76	Riacho	Cacimbas, das	LA	Hidro	SIMPLES
77	Lagoa	Caiçara, da	LT	Ergo	SIMPLES
78	Riacho	Caiçara	LT	Ergo	SIMPLES
79	Riacho	Cajazeira	LT	Fito	SIMPLES
80	Riacho	Cajazeiras	LT	Fito	SIMPLES
81	Lagoinha	Cajus, dos	LT	Fito	SIMPLES
82	Riacho	Calango ³⁶⁴ , do	LA	Zoo	SIMPLES
83	Lagoa	Caldeirão, do	LP	Hidro	SIMPLES
84	Lagoa	Caldeirões, dos	LP	Hidro	SIMPLES
85	Lagoa	Calumbi, do	LT	Fito	SIMPLES
86	Lagoa	Camaleãozinho, do	LP	Zoo	SIMPLES
87	Lagoa	Camarada	LP	Animo	SIMPLES
88	Lagoa	Caminho Salgado, do	LP	Hodo	COMPOSTO
89	Lagoa	Campo, do	LP	Geomorfo	SIMPLES
90	Lagoa	Campo Largo, do	LP	Geomorfo	COMPOSTO
91	Riacho	Canas, do	LP	Fito	SIMPLES
92	Lagoa	Canoa ³⁶⁵ , da	LAR	Ergo	SIMPLES
93	Riacho	Cantinho, do	LP	Cardino	SIMPLES
94	Lagoa	Canto, do	LP	Cardino	SIMPLES
95	Riacho	Canto Alegre, do	LP	Cardino	COMPOSTO
96	Lagoa	Canudos ³⁶⁶ , dos	LP	Fito	SIMPLES

³⁶⁴ No *DeHlp*, tem-se: “design. comum a diversos lagartos de pequeno porte, esp. da fam. dos teiúdeos”. Ainda no *DeHlp*: do “quimb. *kalanga* 'lagarto’”.

³⁶⁵ Para Cardoso (1961, p. 386), “do aruaco canauá, canoa”.

Nº	Elemento Geográfico	Topônimo	Origem	Taxionomia	Estr. Morf.
97	Lagoa	Capim, do	LT	Fito	SIMPLES
98	Lagoa	Capim Grosso	LT + LP	Fito	COMPOSTO HÍBRIDO
99	Riacho	Capitão do Campo	LP	Fito	COMPOSTO
100	Lagoa	Capivara, da	LT	Zoo	SIMPLES
101	Lagoa	Capoeiras, das	LT	Fito	SIMPLES
102	Lagoa	Capote ³⁶⁷ , do	LP	Zoo	SIMPLES
103	Lagoa	Caracol, do	LP	Coro	SIMPLES
104	Lagoa	Caraíba, da	LT	Fito	SIMPLES
105	Lagoa	Caraíba, do	LT	Fito	SIMPLES
106	Lagoa	Caraíbas, das	LT	Fito	SIMPLES
107	Riacho	Caraíbas, das	LT	Fito	SIMPLES
108	Riacho	Cardoso	LP	Antropo	SIMPLES
109	Lagoa	Carnaíba, da	LT	Fito	SIMPLES
110	Riacho	Carnaíba, da	LT	Fito	SIMPLES
111	Lagoa	Carnaúba, da	LT	Fito	SIMPLES
112	Lagoa	Carnaubeira	LT	Fito	SIMPLES
113	Lagoa	Caroá, do	LT	Fito	SIMPLES
114	Riacho	Carrapichos, dos	LP	Fito	SIMPLES
115	Lagoa	Casca, da	LP	Fito	SIMPLES
116	Lagoa	Cascas, das	LP	Fito	SIMPLES
117	Riacho	Castelo, do	LP	Eco	SIMPLES
118	Riacho	Cavaleiro	LP	Socio	SIMPLES
119	Lagoa	Cavalos, dos	LP	Zoo	SIMPLES
120	Lagoa	Cerca, da	LP	Ergo	SIMPLES
121	Lagoa	Cercada	LP	n/c	SIMPLES

³⁶⁶Para Souza (2004, p. 82), o termo liga-se ao contexto da mineração, o que inviabiliza, dada a baixa representatividade piauiense nesta seara, a aplicação desta acepção. No *DeHlp*, como um regionalismo do Nordeste brasileiro, pode significar o mesmo que iraxim, que, por sua vez, refere-se à “abelha social (*Lestrimelitta limao*) da subfam. dos meliponíneos, amplamente distribuída no Brasil, com cerca de 7 mm de comprimento, corpo ligeiramente alongado e coloração pardo-escuro; constrói um grande ninho de barro, preso entre os galhos e com entrada tubiforme; abelha-limão, arancim, aratim, **canudo**, iratim, limão, limão-canudo, sete-portas [Exala um notável cheiro de limão, produz mel suave, porém ger. tóxico.]”. Em Baptista (1981, pp. 328 a 340), no entanto, na “RELAÇÃO DAS PLANTAS NATIVAS DO PIAUÍ”, consta o nome de tal exemplar.

³⁶⁷No *DeHlp*, tem-se: “m.q. *galinha-d'angola* (*Numida meleagris*)”. Apesar de haver outras acepções para o lema *Capote*, no contexto piauiense, decerto, a acepção mais comum é a que se refere ao animal.

Nº	Elemento Geográfico	Topônimo	Origem	Taxionomia	Estr. Morf.
122	Riacho	Cercadinho, do	LP	Ergo	SIMPLES
123	Lagoa	Certo, do	LP	Animo	SIMPLES
124	Lagoa	Chapada, da	LP	Geomorfo	SIMPLES
125	Lagoa	Chapéu, do	LP	Ergo	SIMPLES
126	Lagoa	Chico Félix, do	LP	Antropo	COMPOSTO
127	Lagoa	Cima, de	LP	Cardino	SIMPLES
128	Lagoa	Cima da Serra, de	LP	Cardino	COMPOSTO
129	Lagoa	Cipó, do	LT	Fito	SIMPLES
130	Lagoa	Cobra, da	LP	Zoo	SIMPLES
131	Riacho	Cocos, dos	LP	Fito	SIMPLES
132	Lagoa	Comprida	LP	Dimensio	SIMPLES
133	Riacho	Conceição, da	LP	Antropo	SIMPLES
134	Riacho	Correia	LP	Antropo	SIMPLES
135	Riacho	Corrente, do	LP	n/c	SIMPLES
136	Lagoa	Cruz, da	LP	Hiero	SIMPLES
137	Lagoa	Cubículo, do	LP	n/c	SIMPLES
138	Lagoa	Cuias, das	LT	Fito	SIMPLES
139	Lagoa	Cumbe, do	LA	n/c	SIMPLES
140	Lagoa	Cupins ³⁶⁸ , dos	LT	Zoo	SIMPLES
141	Lagoa	Currais, dos	LP	Socio	SIMPLES
142	Lagoa	D'anta	LP	Zoo	SIMPLES
143	Lagoa	Dentro, de	LP	Cardino	SIMPLES
144	Riacho	Deserto, do	LP	Geomorfo	SIMPLES
145	Lagoa	Domingo, do	LP	n/c	SIMPLES
146	Lagoa	Ema, da	LP	Zoo	SIMPLES
147	Lagoa	Encanto, do	LP	Animo	SIMPLES
148	Riacho	Engongo, do	n/e	n/c	SIMPLES
149	Riacho	Espaduada, da	LP	n/c	SIMPLES
150	Lagoa	Espinheiro, do	LP	Fito	SIMPLES

³⁶⁸ No *DeHlp*, tem-se: “design. comum aos insetos da ordem dos isópteros, com cerca de 2.200 spp. reconhecidas, esp. abundantes nos trópicos; são sociais, construindo ninhos ger. bem visíveis e se alimentando de madeira ou outras matérias vegetais; cupi, itapecuim, itapicuim, punilha, tapuru, térmita, térmita”. Ainda no *DeHlp*: do tupi *kupi'i* 'id.'”.

Nº	Elemento Geográfico	Topônimo	Origem	Taxionomia	Estr. Morf.
151	Lagoa	Espírito Santo, do	LP	Hiero	COMPOSTO
152	Lagoa	Estrada, da	LP	Hodo	SIMPLES
153	Lagoa	Extremas, das	LP	Cardino	SIMPLES
154	Riacho	Feijão, do	LP	Fito	SIMPLES
155	Lagoa	Ferreira, do	LP	Antropo	SIMPLES
156	Lagoa	Firmeza, da	LP	Animo	SIMPLES
157	Lagoa	Flores, das	LP	Fito	SIMPLES
158	Riacho	Floresta, da	LP	Fito	SIMPLES
159	Lagoa	Fogo, do	LP	n/c	SIMPLES
160	Lagoa	Fora, de	LP	Cardino	SIMPLES
161	Lagoa	Formosa, da	LP	Animo	SIMPLES
162	Riacho	Forte	LP	Hidro-hiper	SIMPLES
163	Lagoa	Fria	LP	Hidro-termo	SIMPLES
164	Lagoa	Funda	LP	Dimensio	SIMPLES
165	Riacho	Fundo	LP	Dimensio	SIMPLES
166	Lagoa	Gambá, do	LT	Zoo	SIMPLES
167	Riacho	Gamelas, das	LP	Ergo	SIMPLES
168	Lagoa	Gameleira, da	LP	Fito	SIMPLES
169	Riacho	Gameleira	LP	Fito	SIMPLES
170	Riacho	Gameleira, da	LP	Fito	SIMPLES
171	Lagoa	Gangorra, da	LP	Socio	SIMPLES
172	Lagoas	Garapas, das	LP	n/c	SIMPLES
173	Lagoa	Gato, do	LP	Zoo	SIMPLES
174	Lagoa	Germano, do	LP	Antropo	SIMPLES
175	Riacho	Graça, da	LP	Antropo	SIMPLES
176	Lagoa	Grande	LP	Dimensio	SIMPLES
177	Riacho	Grande	LP	Dimensio	SIMPLES
178	Riacho	Grotão, do	LP	Geomorfo	SIMPLES
179	Lagoa	Guariba, do	LT	Zoo	SIMPLES
180	Rio	Gurgueia	LJ	Etno	SIMPLES
181	Lagoa	Inácio, do	LP	Antropo	SIMPLES
182	Riacho	Imburana, da	LP	Fito	SIMPLES
183	Lagoa	Ipueira, da	LT	Hidro	SIMPLES

Nº	Elemento Geográfico	Topônimo	Origem	Taxionomia	Estr. Morf.
184	Lagoa	Isabel, da	LP	Antropo	SIMPLES
185	Riacho	Itacoatiara	LT	Lito	SIMPLES
186	Rio	Itaueira	LT	Lito	SIMPLES
187	Riacho	Jatobá	LT	Fito	SIMPLES
188	Lagoa	Jerônimo, do	LP	Antropo	SIMPLES
189	Rio	Jibóia	LT	Zoo	SIMPLES
190	Riacho	Jirau ³⁶⁹ , do	LT	Ergo	SIMPLES
191	Lagoa	João, do	LP	Antropo	SIMPLES
192	Riacho	João Soares, do	LP	Antropo	COMPOSTO
193	Lagoa	Joãozinho, do	LP	Antropo	SIMPLES
194	Lagoa	Joaquim, do	LP	Antropo	SIMPLES
195	Lagoinha	Joaquim Gomes, do	LP	Antropo	COMPOSTO
196	Lagoa	Juá, do	LT	Fito	SIMPLES
197	Riacho	Juazeiro, do	LT	Fito	SIMPLES
198	Lagoa	Jurema, da	LT	Fito	SIMPLES
199	-	Lagoa	LP	Hidro	SIMPLES
200	Riacho	Lagoa Falsa, da	LP	Hidro	COMPOSTO
201	-	Lagoinha	LP	Hidro	SIMPLES
202	Riacho	Lagoinha, da	LP	Hidro	SIMPLES
203	Riacho	Lajeiro ³⁷⁰	LP	Lito	SIMPLES
204	Lagoa	Lajes, das	LP	Lito	SIMPLES
205	Riacho	Lajes, das	LP	Lito	SIMPLES
206	Lagoa	Lama, da	LP	Lito	SIMPLES
207	Lagoa	Lameirão	LP	Lito	SIMPLES
208	Lagoa	Laranjo ³⁷¹ , do	LP	Zoo	SIMPLES
209	Riacho	Lavarim	n/e	n/c	SIMPLES
210	Lagoa	Leandro, do	LP	Antropo	SIMPLES
211	Lagoa	Leite, do	LP	n/c	SIMPLES
212	Riacho	Lima, da	LP	Fito	SIMPLES
213	Riacho	Limoeiro, do	LP	Fito	SIMPLES
214	Lagoa	Lopes, dos	LP	Antropo	SIMPLES

³⁶⁹ No *DeHlp*, tem-se: “armação de madeira semelhante a estrado ou palanque, que pode ser us. como cama, depósito de utensílios domésticos, secador de frutas ou, quando posta em cima de um fogão, como fumeiro de carne, toucinho, peixe etc”. Ainda no *DeHlp*: do “tupi *yu'ra* 'espécie de plataforma”.

³⁷⁰ Souza (2004, p.185) diz ser um regionalismo de Pernambuco, que significa “vasto afloramento de rocha mais ou menos plano”.

³⁷¹ No *DeHlp*, tem-se: “que tem essa cor (diz-se de animal vacum)”.

Nº	Elemento Geográfico	Topônimo	Origem	Taxionomia	Estr. Morf.
215	Lagoa	Luís, do	LP	Antropo	SIMPLES
216	Riacho	Macacos, dos	LA	Zoo	SIMPLES
217	Lagoa	Macacos, dos	LA	Zoo	SIMPLES
218	Riacho	Macário, do	LP	Antropo	SIMPLES
219	Lagoinha	Macários, dos	LP	Antropo	SIMPLES
220	Lagoa	Magalhães, dos	LP	Antropo	SIMPLES
221	Riacho	Malhada, da	LP	Geomorfo	SIMPLES
222	Lagoa	Mandacaru, do	LT	Fito	SIMPLES
223	Lagoa	Manoel, do	LP	Antropo	SIMPLES
224	Lagoa	Manoelzinho, do	LP	Antropo	SIMPLES
225	Riacho	Mansinho	LP	Animo	SIMPLES
226	Riacho	Mansinho, do	LP	Animo	SIMPLES
227	Lagoa	Marmeleiro, do	LP	Fito	SIMPLES
228	Lagoa	Marrecas, das	LP	Fito	SIMPLES
229	Riacho	Marrecas, das	LP	Fito	SIMPLES
230	Lagoa	Martins, dos	LP	Antropo	SIMPLES
231	Lagoa	Mato, do	LP	Fito	SIMPLES
232	Lagoinha	Mato, do	LP	Fito	SIMPLES
233	Riacho	Meio, do	LP	Cardino	SIMPLES
234	Lagoa	Meio dos Balduínos, do	LP	Cardino	COMPOSTO
235	Lagoa	Meio dos Batistas, do	LP	Cardino	COMPOSTO
236	Lagoa	Mel, do	LP	n/c	SIMPLES
237	Lagoa	Melancias, das	LP	Fito	SIMPLES
238	Lagoa	Meninos, dos	LP	n/c	SIMPLES
239	Lagoa	Merela, da	n/e	n/c	SIMPLES
240	Riacho	Minador, do	LP	Hidro	SIMPLES
241	Lagoa	Mira, da	LP	n/c	SIMPLES
242	Lagoa	Mocambo, do	LA	Eco	SIMPLES
243	Lagoa	Mocó ³⁷² , do	LT	Zoo	SIMPLES
244	Lagoa	Mocós, dos	LT	Zoo	SIMPLES

³⁷² No *DeHlp*, tem-se: “roedor da fam. dos caviídeos (*Kerodon rupestris*), encontrado em áreas pedregosas do Leste do Brasil (do PI até MG), do tamanho aproximado de um preá (*Cavia*), ger. um pouco maior, cauda ausente ou vestigial, e pelagem cinzenta [É us. como alimento, esp. no Nordeste.]”. Ainda no *DeHlp*, do “tupi *mo'ko* 'roedor'”.

Nº	Elemento Geográfico	Topônimo	Origem	Taxionomia	Estr. Morf.
245	Lagoa	Monteiro, do	LP	Antropo	SIMPLES
246	Riacho	Moreira, do	LP	Antropo	SIMPLES
247	Riacho	Morrinhos	LP	Geomorfo	SIMPLES
248	Lagoa	Morro do Chapéu, do	LP	Geomorfo	COMPOSTO
249	Riacho	Morro do Zabumba, do	LP	Geomorfo	COMPOSTO
250	Riacho do	Mucaitá	n/e	n/c	SIMPLES
251	Lagoa do	Mulungu	LA	Fito	SIMPLES
252	Riacho	Mulungu, do	LA	Fito	SIMPLES
253	Riacho	Mundico, do	LP	Antropo	SIMPLES
254	Lagoa	Mundo Novo, do	LP	Coro por qualif.	COMPOSTO
255	Lagoa	Nambi ³⁷³ , do	LT	Somato	SIMPLES
256	Lagoa	Nascimento, do	LP	Antropo	SIMPLES
257	Lagoinha	Nascimento, do	LP	Antropo	SIMPLES
258	Lagoa	Ne, do	LP	n/c	SIMPLES
259	Lagoa	Neco, do	LP	Antropo	SIMPLES
260	Lagoa	Negros, dos	LP	Etno	SIMPLES
261	Lagoa	Nova	LP	Crono	SIMPLES
262	Riacho	Nova Olinda	LP	Coro por qualif.	COMPOSTO
263	Lagoa	Odoro, do	LP	Animo	SIMPLES
264	Riacho	Oiteiro, do	LP	Geomorfo	SIMPLES
265	Riacho	Olho d'Água	LP	Hidro	COMPOSTO
266	Riacho	Olho d'Água, do	LP	Hidro	COMPOSTO
267	Lagoa	Onça, da	LP	Zoo	SIMPLES
268	Riacho	Onça, da	LP	Zoo	SIMPLES
269	Riacho	Ouricuri ³⁷⁴ , do	LT	Fito	SIMPLES
270	Lagoa	Outra Banda, de	LP	Dirremato	COMPOSTO

³⁷³ Sampaio (1987, p. 288) traz: “NAMBYSS *corr.* Na-mbí, as orelhas”. No *DeHlp*, encontram-se as seguintes acepções: “substantivo masculino **1** orelha animal ou humana; adjetivo de dois gêneros **2** que não tem orelhas ou tem apenas uma; **3** que tem uma ou as duas orelhas caídas (diz-se de cavalo); **4** que não tem ou não usa brinco; **5** que não tem rabo”.

³⁷⁴ No *DeHlp*, tem-se: “palmeira de até 10 m (*Syagrus coronata*), nativa do Brasil (PI, PE a MG), de estipe com cicatrizes dos pecíolos em espiral e de cuja medula se produz farinha, folhas penatífidas, que servem como cobertura e para extração de fibras us. em chapéus, e frutos globosos, de tom ocre-escuro, comestíveis, us. como ração, para extrair cera e o óleo da semente, que cura feridas produzidas por arraias”. Ainda no *DeHlp*, do “tupi *uriku'ri* ou *uliku'ri* 'fruto da urucuriiba’”. Em Baptista (1981, pp. 328 a 340), na “RELAÇÃO DAS PLANTAS NATIVAS DO PIAUÍ”, consta o nome de tal exemplar.

Nº	Elemento Geográfico	Topônimo	Origem	Taxionomia	Estr. Morf.
271	Lagoa	Patola, da	LP	n/c	SIMPLES
272	Lagoa	Patos, dos	LP	Zoo	SIMPLES
273	Lagoa	Paturi ³⁷⁵ , do	LT	Zoo	SIMPLES
274	Riacho	Pau Seco, do	LP	Fito	COMPOSTO
275	Lagoa	Pavuçu	n/e	n/c	SIMPLES
276	Lagoa	Peba ³⁷⁶ , do	LT	Zoo	SIMPLES
277	Lagoa	Pedra, da	LP	Lito	SIMPLES
278	Riacho	Pedra Branca	LP	Lito	COMPOSTO
279	Lagoa	Pedra Vermelha, da	LP	Lito	COMPOSTO
280	Lagoa	Pedras, das	LP	Lito	SIMPLES
281	Lagoinha	Pedras, das	LP	Lito	SIMPLES
282	Riacho	Pedregulho, do	LP	Lito	SIMPLES
283	Lagoa	Pedrinha, da	LP	Lito	SIMPLES
284	Lagoa	Peixe, do	LP	Zoo	SIMPLES
285	Lagoa	Pelado, do	LP	Animo	SIMPLES
286	Rio	Piauí	LT	Hidro	SIMPLES
287	Riacho	Pilões, dos	LP	Ergo	SIMPLES
288	Lagoa	Pique, do	LP	n/c	SIMPLES
289	Riacho	Poção, do	LP	Hidro	SIMPLES
290	Riacho	Poço, do	LP	Hidro	SIMPLES
291	Riacho	Poço da Pedra, do	LP	Hidro	COMPOSTO
292	Riacho	Poço do Angico	LP	Hidro	COMPOSTO
293	Riacho	Poço do Canto, do	LP	Hidro	COMPOSTO
294	Riacho	Poço dos Cavalos	LP	Hidro	COMPOSTO
295	Lagoa	Pombas, das	LP	Zoo	SIMPLES
296	Lagoa	Pompílio, do	LP	Antropo	SIMPLES
297	Riacho	Ponta da Serra,	LP	Cardino	COMPOSTO

³⁷⁵ No *DeHlp*, há, sob a rubrica da ornitologia, as seguintes acepções: “Regionalismo: Brasil. m.q. *irerê* (*Dendrocygna viduata*); 2 Regionalismo: Brasil. m.q. *bico-roxo* (*Nomonyx dominicus*); 3 Regionalismo: Minas Gerais, Mato Grosso. m.q. *pato-de-crista* (*Sarkidiornis melanotos*)”. Ainda no *DeHlp*, do “tupi *poti'ri* 'ave, espécie de marreca', tb. adp. ao port. *poteri*, *potiri*”.

³⁷⁶ No *DeHlp*, redução de **Tatupeba**, que se trata de “tatu encontrado do Suriname ao Norte da Argentina (*Euphractus sexcinctus*), de coloração amarronzada, carapaça provida de pelos esparsos, com seis ou oito cintas de placas móveis e cabeça cônica e achatada”. Ainda no *DeHlp*, do “tupi *tatu'pewa*, formado de *ta'tu* 'tatu' + *'pewa* 'chato”.

Nº	Elemento Geográfico	Topônimo	Origem	Taxionomia	Estr. Morf.
		da			
298	Lagoa	Porco, do	LP	Zoo	SIMPLES
299	Lagoa	Porcos, dos	LP	Zoo	SIMPLES
300	Lagoa	Porroto, do	n/e	n/c	SIMPLES
301	Lagoa	Porta, da	LP	Ergo	SIMPLES
302	Lagoa	Porteira, da	LP	Ergo	SIMPLES
303	Riacho	Porteira, da	LP	Ergo	SIMPLES
304	Lagoa	Porteiras, das	LP	Ergo	SIMPLES
305	Lagoa	Prazeres, dos	LP	Animo	SIMPLES
306	Lagoa	Queimadas	LP	n/c	SIMPLES
307	Lagoa	Queimadas, das	LP	n/c	SIMPLES
308	Lagoa	Raimundo, do	LP	Antropo	SIMPLES
309	Lagoa	Rasa	LP	Dimensio	SIMPLES
310	Riacho	Redenção	LP	Animo	SIMPLES
311	Lagoa	Redonda	LP	Morfo	SIMPLES
312	Riacho	Retiro, do	LP	Eco	SIMPLES
313	-	Riachinho	LP	Hidro	SIMPLES
314	Lagoa	Riacho, do	LP	Hidro	SIMPLES
315	Riacho	Roça, da	LP	Geomorfo	SIMPLES
316	Lagoa	Roça Velha	LP	Geomorfo por qualif.	COMPOSTO
317	Riacho	Rodrigues, do	LP	Antropo	SIMPLES
318	Riacho	Roncador, do	LP	Zoo	SIMPLES
319	Lagoa	Ruim	LP	Animo	SIMPLES
320	Lagoa	Sabiá ³⁷⁷ , do	LT	Zoo	SIMPLES
321	Lagoa	Saçapara ³⁷⁸	LT	Zoo	SIMPLES
322	Lagoa	Sal, do	LP	Lito	SIMPLES
323	Riachinho	Salgada, da	LP	Lito	SIMPLES
324	Lagoa	Salina, da	LP	Lito	SIMPLES
325	Riacho	Salinas	LP	Lito	SIMPLES
326	Riacho	Santa Luzia	LP	Hagio	COMPOSTO
327	Riacho	Santa Maria	LP	Hagio	COMPOSTO
328	Riacho	Santa Tereza	LP	Hagio	COMPOSTO

³⁷⁷ No *DeHlp*, tem-se: “design. comum às aves passeriformes, da fam. dos muscipídeos, subfam. dos turdídeos, cosmopolitas, que possuem plumagem de colorido simples, ger. marrom, cinza ou preta, com as partes inferiores lisas ou manchadas; tordo [São muito apreciados pela beleza do canto.].” Ainda no *DeHlp*, do “tupi *sawi'a* 'sabiá, pássaro da fam. dos turdídeos”.

³⁷⁸ Talvez uma forma proveniente de Suçupara, donde: Suçupara > Suçapara* > Saçapara.

Nº	Elemento Geográfico	Topônimo	Origem	Taxionomia	Estr. Morf.
329	Riacho	Santana, de	LP	Antropo	SIMPLES
330	Lagoa	Santo Antônio, de	LP	Hagio	COMPOSTO
331	Riacho	Santo Antônio	LP	Hagio	COMPOSTO
332	Lagoa	São Bento, do	LP	Hagio	COMPOSTO
333	Riacho	São José	LP	Hagio	COMPOSTO
334	Riacho	São Lourenço	LP	Hagio	COMPOSTO
335	Riacho	São Paulo	LP	Hagio	COMPOSTO
336	Lagoa	São Romão	LP	Hagio	COMPOSTO
337	Riacho	Sariema, da	LT	Zoo	SIMPLES
338	Lagoa	Seca	LP	Hidro-hipo	SIMPLES
339	Riacho	Seco	LP	Hidro-hipo	SIMPLES
340	Lagoa	Serra, da	LP	Geomorfo	SIMPLES
341	Riacho	Serra, da	LP	Geomorfo	SIMPLES
342	Lagoa	Serrote, do	LP	Geomorfo	SIMPLES
343	Lagoa	Silvéria, da	LP	Antropo	SIMPLES
344	Lagoa	Silvério, do	LP	Antropo	SIMPLES
345	Lagoa	Sinhozinho, do	LP	Axio	SIMPLES
346	Riacho	Sítio, do	LP	Eco	SIMPLES
347	Lagoa	Soares, do	LP	Antropo	SIMPLES
348	Riacho	Sossego, do	LP	Animo	SIMPLES
349	Riacho	Sumidouro, do	LP	Hidro	SIMPLES
350	Lagoa	Sussuapara, da	LT	Zoo	SIMPLES
351	Riacho	Sussuarana, da	LT	Zoo	SIMPLES
352	Lagoa	Sussurana, da	LT	Zoo	SIMPLES
353	Lagoa	Tabão, do	LP	n/c	SIMPLES
354	Lagoa	Taboa, da	LP	Fito	SIMPLES
355	Riacho	Tabocas, das	LT	Fito	SIMPLES
356	Riacho	Tabua, da	LP	Fito	SIMPLES
357	Lagoa	Tabuleiro, do	LP	Geomorfo	SIMPLES

Nº	Elemento Geográfico	Topônimo	Origem	Taxionomia	Estr. Morf.
358	Lagoa	Tamanduá ³⁷⁹ , do	LT	Zoo	SIMPLES
359	Lagoa	Tamboril, do	LT	Fito	SIMPLES
360	Riacho	Tanque, do	LP	Hidro	SIMPLES
361	Riacho	Tanque Novo	LP	Hidro por qualif.	COMPOSTO
362	Riacho	Tanque Real	LP	Hidro	COMPOSTO
363	Lagoa	Tapagem, da	LP	Hidro	SIMPLES
364	Lagoa	Tapera	LT	Eco	SIMPLES
365	Lagoa	Tapuio, do	LT	Etno	SIMPLES
366	Lagoa	Tarde, da	LP	n/c	SIMPLES
367	Lagoa	Teodoro, do	LP	Antropo	SIMPLES
368	Lagoa	Tintinha, da	LP	Antropo	SIMPLES
369	Riacho	Toca da Onça	LP	n/c	COMPOSTO
370	Lagoa	Torrões, dos	LP	Geomorfo	SIMPLES
371	Riacho	Traíras, das	LT	Zoo	SIMPLES
372	Lagoa	Tranqueira, da	LP	Fito	SIMPLES
373	Riacho	Tranqueira, da	LP	Fito	SIMPLES
374	Lagoa	Travessão ³⁸⁰ , do	LP	Ergo	SIMPLES
375	Riacho	Três Tanques, dos	LP	Hidro por quant.	COMPOSTO
376	Riacho	Trindade, da	LP	Antropo	SIMPLES
377	Riacho	Umburana	LT	Fito	SIMPLES
378	Riacho	Umbuzeiro, do	LT	Fito	SIMPLES
379	Lagoa	Vaca, da	LP	Zoo	SIMPLES
380	Lagoa	Vacas, das	LP	Zoo	SIMPLES
381	Lagoa	Vacas dos Assis, das	LP	Zoo	COMPOSTO
382	Lagoa	Vaquejador, do	LP	Hodo	SIMPLES
383	Lagoa	Vargem, da	LP	Geomorfo	SIMPLES
384	Lagoa	Várzea, da	LP	Geomorfo	SIMPLES

³⁷⁹ No *DeHlp*, tem-se: “design. comum aos mamíferos xenartros, da fam. dos mirmecofagídeos, com quatro spp., encontradas do México à Argentina; têm focinho longo e tubular, dentes ausentes, língua longa e pegajosa, e grandes garras nas patas anteriores, us. principalmente para abrir formigueiros e cupinzeiros; papa-formigas, urso-formigueiro (*P*)”. Ainda no *DeHlp*, do “tupi *tamandu'a* 'tipo de mamífero desdentado’”.

³⁸⁰ Em Souza (2004, p 322), tem-se: “(...) Na Bahia, e Estados vizinhos, chama-se *travessão* a uma cerca que separa os terrenos de criação dos de lavoura, a fim de impedir a invasão do gado nas plantações”.

Nº	Elemento Geográfico	Topônimo	Origem	Taxionomia	Estr. Morf.
385	Riacho	Várzea, da	LP	Geomorfo	SIMPLES
386	Lagoa	Veados, dos	LP	Zoo	SIMPLES
387	Lagoa	Velha	LP	Crono	SIMPLES
388	Lagoa	Velho, do	LP	Antropo	SIMPLES
389	Lagoa	Venância, da	LP	Antropo	SIMPLES
390	Lagoa	Vento, do	LP	Meteoro	SIMPLES
391	Lagoa	Verde	LP	Hidro-cromo	SIMPLES
392	Riacho	Vereda, da	LP	Geomorfo	SIMPLES
393	Riacho	Veredão	LP	Geomorfo	SIMPLES
394	Lagoa	Volta, da	LP	Geomorfo	SIMPLES
395	Riacho	Volta, da	LP	Geomorfo	SIMPLES
396	Riacho	Volta do Boi	LP	Geomorfo	COMPOSTO
397	Lagoa	Zezinho, do	LP	Antropo	SIMPLES

4.3.6.2 Dados da Ficha

Quadro 50: Percentual das taxes da Microrregião de São Raimundo Nonato

Percentual das taxes								
Taxe	Nº	%	Taxe	Nº	%	Taxe	Nº	%
Animo	24	6	Eco	06	1,5	Lito	23	5,8
Antropo	53	13,4	Ergo	14	3,5	Meteoro	01	0,3
Astro	00	00	Etno	05	1,3	Mito	00	00
Axio	01	0,3	Fito	65	16,4	Morfo	01	0,3
Cardino	13	3,3	Geomorfo	41	10,3	Numero	00	00
Coro	04	1	Hagio	10	2,5	Polio	00	00
Cromo	00	00	Hidro	37	9,3	Socio	03	0,8
Crono	02	0,5	Hiero	03	0,8	Somato	02	0,5
Dimensio	06	1,5	Historio	00	00	Zoo	51	12,8
Dirremato	02	0,5	Hodo	03	0,8	n/c	27	6,8

Quadro 51: Percentual das origens dos Hidrônimos da Microrregião de São Raimundo Nonato

Percentual das origens dos Hidrônimos		
Origem	Nº	%
LA	09	2,3
LAR	01	0,3
LC	00	00
LE	00	00
LIT	00	00
LJ	01	0,3
LP	317	79,8
LP + LA	00	00
LP + LT	02	0,5
LT	60	15,1
LT+ LP	01	0,3
não encontrada	06	1,5

Após a Apresentação dos dados pretéritos e contemporâneos, passa-se, no capítulo a seguir, à Análise dos Dados.

CAPÍTULO 5 – ANÁLISE DOS DADOS

As Análises que ora se farão serão apresentadas nas três seções que se seguem e nas suas respectivas subseções, com o intuito de dar maior clareza e organicidade à discussão.

5.1 Cartas e mapa antigos

A Análise dos Dados consistirá, em um primeiro momento, na discussão dos dados referentes à *Descrição*, às três cartas e ao mapa antigos. O recorte temporal compreendido por tais fontes vai do século XVII (com a *Descrição do Sertão do Piauí*, de Miguel de Carvalho, **1697**); passando pelos séculos XVIII (com a *Carta Geografica da Capitania do Piaui, e partes adjacentes*, de Henrique Antonio Galúcio, de **1760**) e XIX (com a *Carte Geographique de Piauhy, province de l'Empire du Bresil*, de Martius e Schwarzmann, de **1828**; e com a *Carta Corográfica das províncias do Maranhão e Piauhy e partes das do Pará, Goyáz, Bahia, Pernambuco e Ceará*, sem autoria, de **1855**); chegando ao século XX (com o mapa *Estado do Piauhy*, de autoria do Ministério da Aviação e das Obras, de **1913**). O procedimento de Análise será o seguinte: inicialmente serão feitas considerações acerca de cada fonte em particular, procurando, assim, uma visão, por meio da predominância de determinadas taxes, do painel onomástico-toponímico para cada século, para, posteriormente, intentar-se uma visão mais geral, levando-se em conta, para isso, todas as fontes tomadas em conjunto, a fim de perceber um possível padrão motivacional, com base em todos os dados pretéritos.

5.1.1 a *Descrição do Sertão do Piauí*, de Miguel de Carvalho (1697)

Neste primeiro documento sobre o Piauí, há a relação de 35 elementos geográficos, distribuídos entre rios, riachos e lagoas. A classificação destes, em taxes, fora apresentada na seção 4.1. As taxes de Natureza Física encontradas foram as seguintes: Zoo (17,1%); Fito e Lito (11,4%, cada); Geomorfo e Hidro (8,6%, cada). As taxes de Natureza Antropocultural encontradas foram: Hagio com (14,3%) e Animo, Coro, Eco, Ergo, Etno e Somato, que apresentaram percentual de (2,8%, cada). As taxes não classificadas perfizeram um percentual de (11,4%).

Os percentuais das taxes de Natureza Física ocorrentes em a *Descrição* podem ser visualizados no gráfico abaixo:

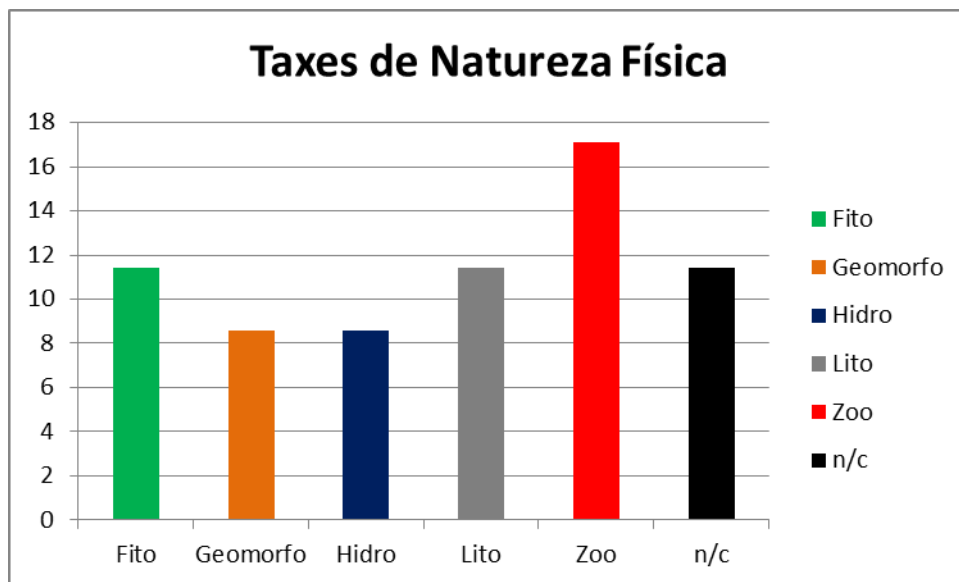


Gráfico 1: Percentuais das taxes de Natureza Física em a *Descrição* (1697)

Os percentuais das taxes de Natureza Antropocultural, por seu turno, constam no gráfico abaixo:

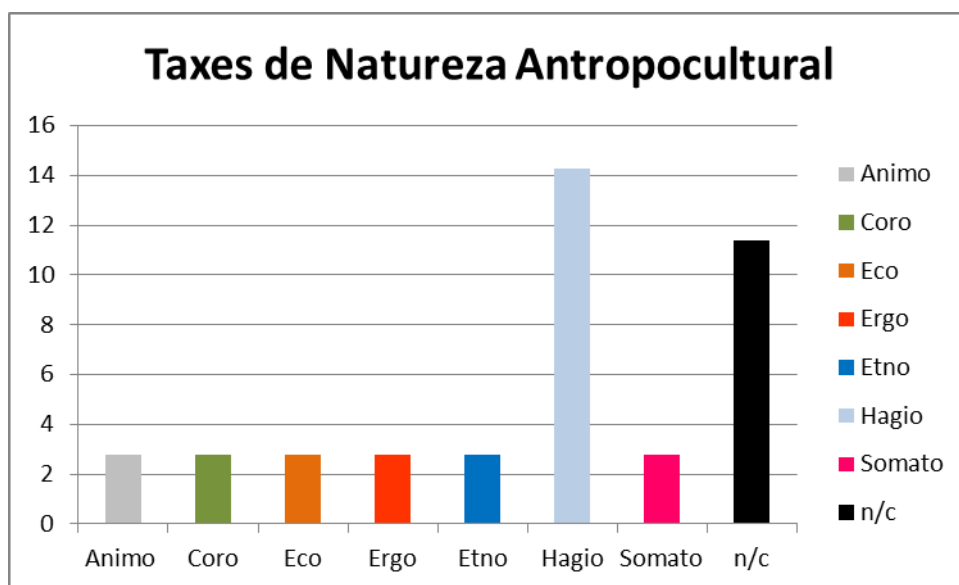


Gráfico 2: Percentuais das taxes de Natureza Antropocultural em a *Descrição* (1697)

Observe-se que as taxas de Natureza Física, quando somadas, alcançaram um percentual de 57,2%, enquanto que as de Natureza Antropocultural somaram, juntas, 31,2%. Não foram classificados 11,4% dos Hidrônimos constantes em tal documento.

No que toca à origem dos Topônimos analisados em a *Descrição*, veja-se o gráfico que se segue:

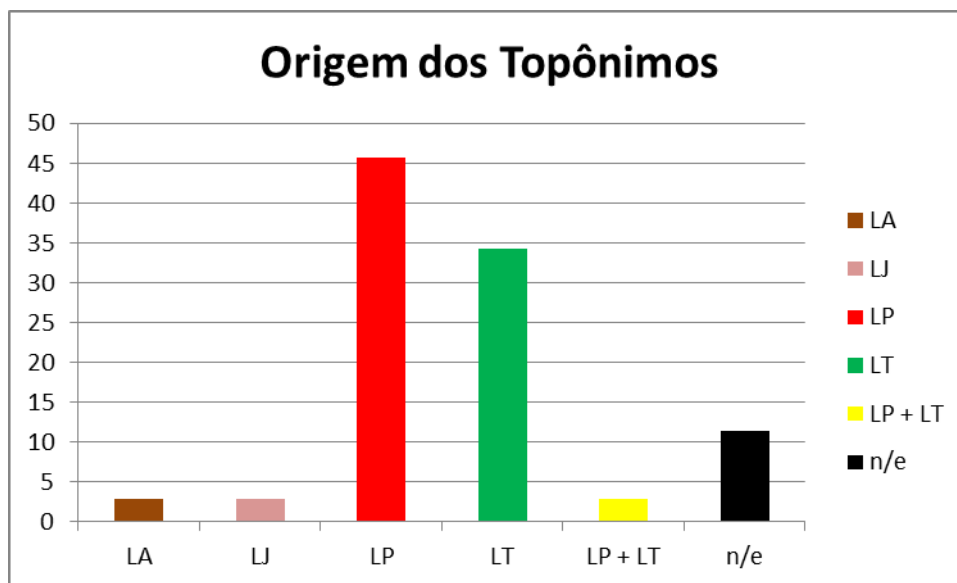


Gráfico 3: Percentuais da Origem dos Topônimos em a *Descrição* (1697)

No gráfico 3, o percentual de topônimos de origem portuguesa 45,7% foi superior ao de línguas indígenas. Ressalta-se, no entanto, que, mesmo havendo a predominância de Hidrônimos de origem portuguesa, os de origem indígena, quando somados, chegaram a um percentual de 37,1%, bastante significativo do ponto de vista quantitativo. Os percentuais foram os mesmos para os Topônimos de origem africana, jê e composta (LP +LT). Não foi encontrada a origem para 11,4% dos Topônimos.

Quanto à estrutura dos Topônimos constantes em a *Descrição*, teve-se a prevalência de nomes simples (25 ocorrências, o que equivale a 71,4%); seguidos de nomes compostos (09 ocorrências, o que equivale a 25,7%) e nomes compostos híbridos (01 ocorrência, o que equivale a 2,9%).

5.1.2 a *Carta Geografica da Capitania do Piauí, e partes adjacentes*, de Henrique Antonio Galúcio (1760)

Nesta segunda fonte antiga sobre o Piauí, há a relação de 39 elementos geográficos, distribuídos entre rios e riachos. A classificação destes, em taxes, fora apresentada na seção 4.1. As taxes de Natureza Física encontradas foram as que se seguem: Hidro (25,6%); Zoo (15,4%); Fito; Dimensio e Lito (5,1%, cada). As taxes de Natureza Antropocultural encontradas foram as seguintes: Axio, Crono e Hodo, que apresentaram percentual de (2,6%, cada); Animo e Coro, que apresentaram percentual de (5,1%, cada) e Hagio e Etno com (7,7%, cada). As taxes não classificadas perfizeram um percentual de 10,3%.

Os percentuais das taxes de Natureza Física ocorrentes em a *Carta Geografica da Capitania do Piauí, e partes adjacentes* podem ser visualizados no gráfico abaixo:

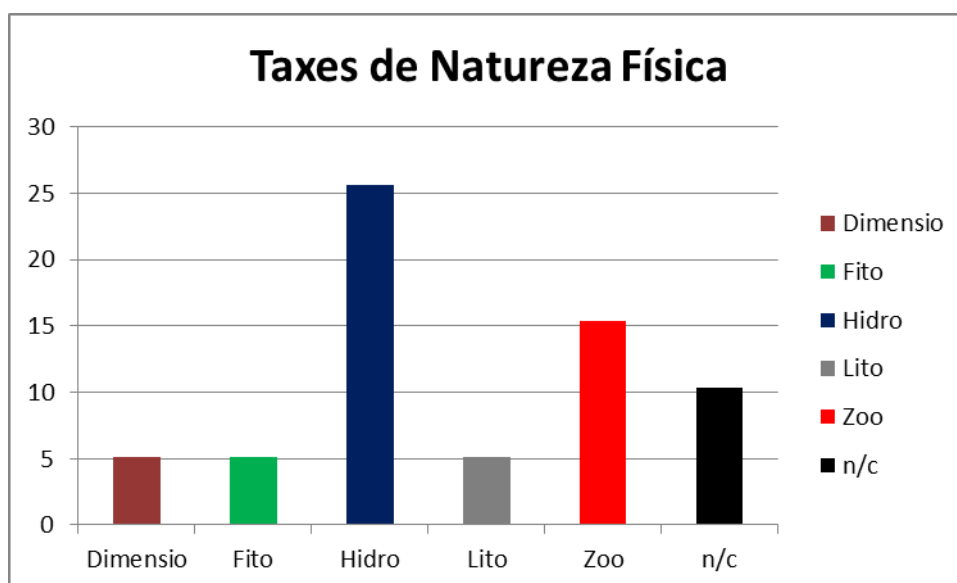


Gráfico 4: Percentuais das taxes de Natureza Física em a *Carta Geografica da Capitania do Piauí, e partes adjacentes* (1760)

Os percentuais das taxes de Natureza Antropocultural, por seu turno, constam no gráfico abaixo:

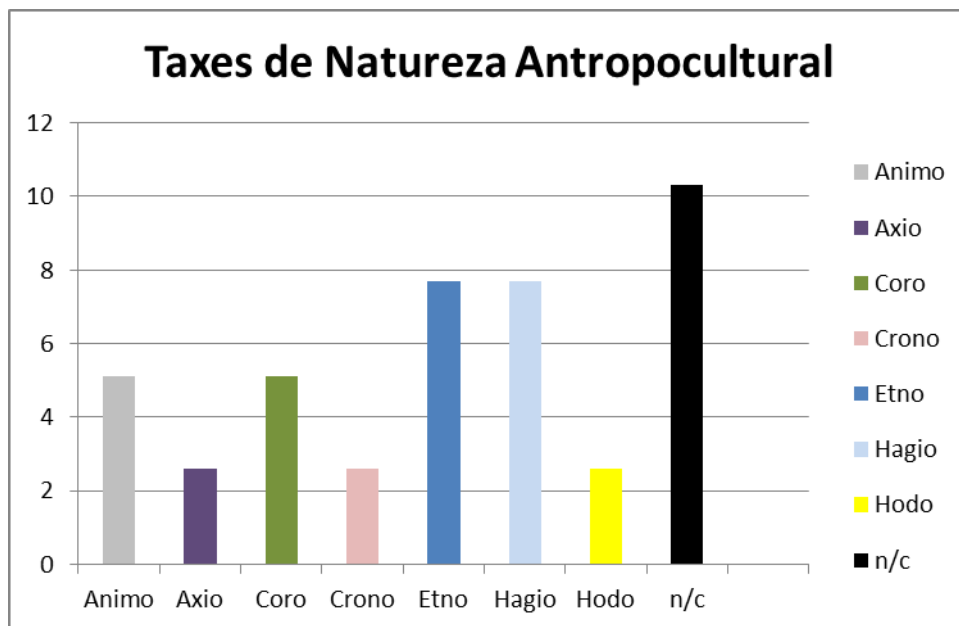


Gráfico 5: Percentuais das taxes de Natureza Antropocultural em a *Carta Geografica da Capitania do Piaui, e partes adjacentes* (1760)

Observe-se que as taxes de Natureza Física, quando somadas, perfizeram um total de 56,3%. As de Natureza Antropocultural, por sua vez, chegaram a 33,4%. As não classificadas perfizeram um total de 10,3%.

No que tange à origem dos Topônimos analisados em a *Carta Geografica da Capitania do Piaui, e partes adjacentes*, veja-se o gráfico que se segue:

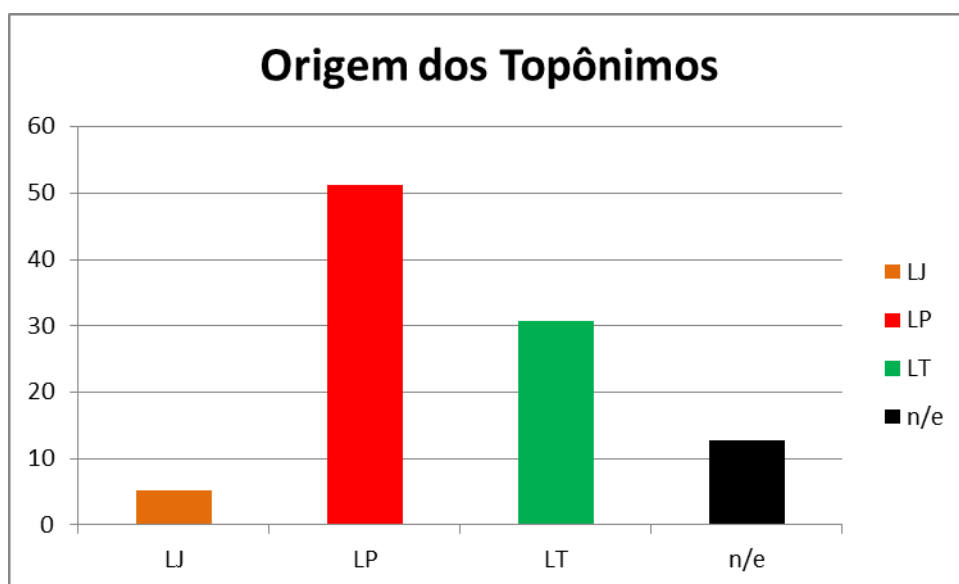


Gráfico 6: Percentuais da Origem dos Topônimos em a *Carta Geografica da Capitania do Piaui, e partes adjacentes* (1760)

Em a *Carta Geografica da Capitania do Piauí, e partes adjacentes*, os percentuais de Topônimos de origem indígena 35,9%, quando somados, mantiveram-se, assim como o percentual de Topônimos de origem portuguesa 51,3%, próximos daqueles encontrados em a *Descrição*. Não foi encontrada a origem para 12,8% dos Topônimos.

Quanto à estrutura dos Topônimos constantes em a *Carta Geografica da Capitania do Piauí, e partes adjacentes*, teve-se a prevalência de nomes simples (36 ocorrências, o que equivale a 92,3%); seguidos de nomes compostos (3 ocorrências, o que equivale a 7,7%).

5.1.3 a *Carte Geographique de Piauí, province de l'Empire du Bresil* (1828)

Na terceira fonte pretérita sobre o Estado do Piauí, a *Carte Geographique de Piauí, province de l'Empire du Bresil*, há a relação de 34 elementos geográficos, distribuídos entre rios, lagoas e brejos. A classificação destes, em taxes, fora apresentada na seção 4.1. As taxes de Natureza Física encontradas foram as seguintes: Hidro (29,4%); Zoo (17,6%); Fito (11,8%); Dimensio (8,8%); Lito (5,9%). As taxes de Natureza Antropocultural encontradas foram as seguintes: Axio, Crono e Hagio, que apresentaram percentual de (3%, cada) e Coro e Etno, que apresentaram percentual de (5,9%, cada). As taxes não classificadas perfizeram um percentual de (5,9%).

Os percentuais das taxes de Natureza Física ocorrentes em a *Carte Geographique de Piauí, province de l'Empire du Bresil* podem ser visualizados no gráfico abaixo:

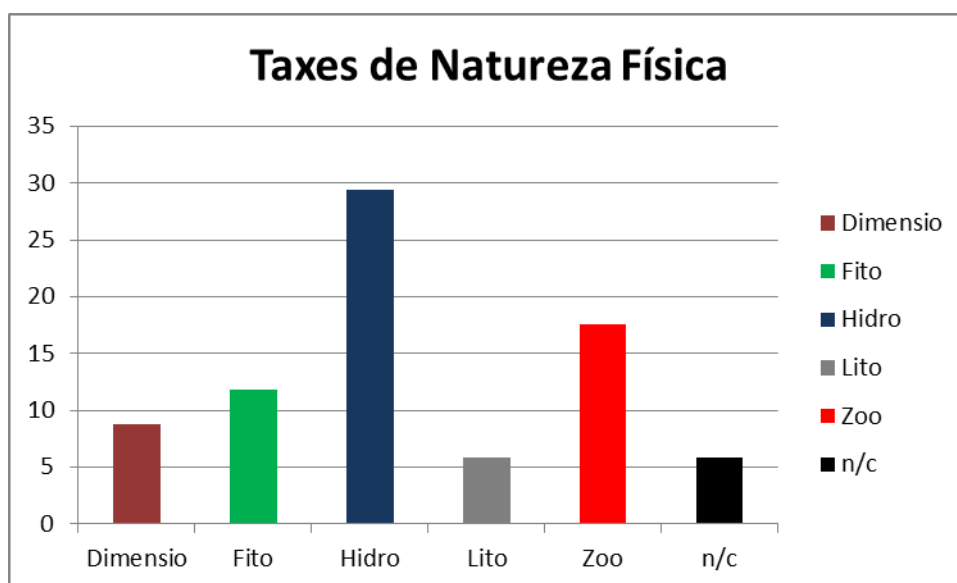


Gráfico 7: Percentuais das taxes de Natureza Física em *Carte Geographique de Piauí, province de l'Empire du Bresil* (1828)

Os percentuais das taxas de Natureza Antropocultural, por sua vez, constam no gráfico abaixo:

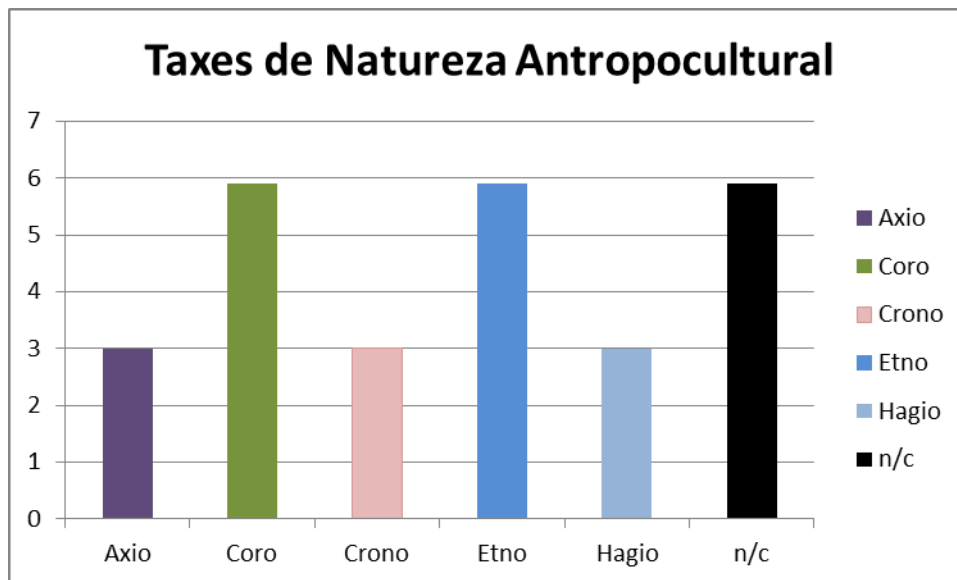


Gráfico 8: Percentuais das taxas de Natureza Antropocultural em *Carte Geographique de Piauhy, province de l'Empire du Bresil* (1828)

No que diz respeito à origem dos Topônimos analisados em a *Carte Geographique de Piauhy, province de l'Empire du Bresil*, veja-se o gráfico que se segue:

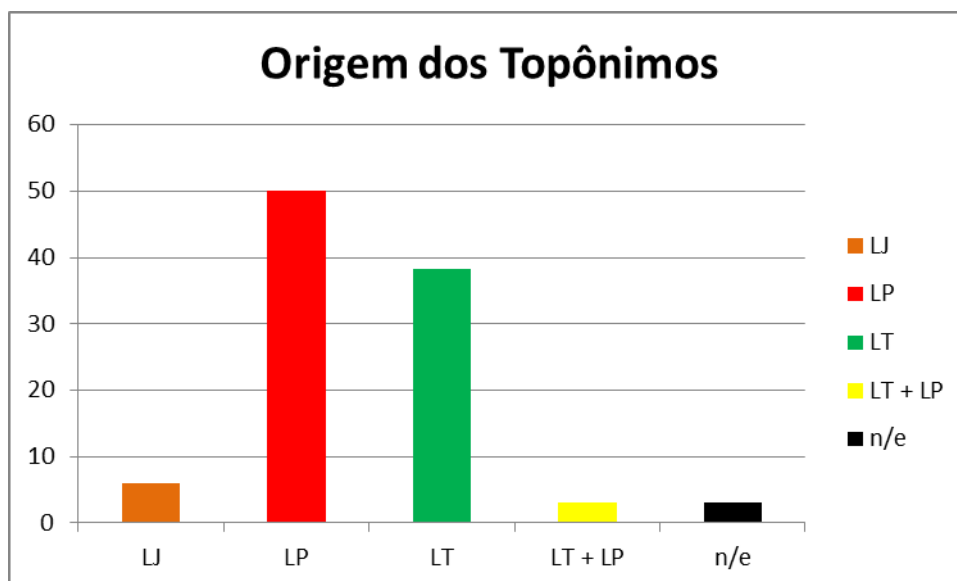


Gráfico 9: Percentuais da Origem dos Topônimos em a *Carte Geographique de Piauhy, province de l'Empire du Bresil* (1828)

Em a *Carte Geographique de Piauhy, province de l'Empire du Bresil*, os percentuais de Topônimos de origem indígena (44,1%), quando somados, tiveram um aumento significativo, ficando próximo do percentual de Topônimos de origem portuguesa (50%), e também maior do que os percentuais encontrados tanto em a *Descrição*, quanto na *Carta Geografica da Capitania do Piaui, e partes adjacentes*. Não foi encontrada a origem para 3% dos Topônimos.

Quanto à estrutura dos Topônimos constantes em a *Carte Geographique de Piauhy, province de l'Empire du Bresil*, teve-se a prevalência de nomes simples (33 ocorrências, o que equivale a 97%); seguidos de nomes compostos (01 ocorrência, o que equivale a 3%).

5.1.4 *Carta Corográfica das províncias do Maranhão e Piauhy e partes das do Pará, Goyáz, Bahia, Pernambuco e Ceará (1855)*

Na quarta fonte pretérita sobre o Estado do Piauí, a *Carta Corográfica das províncias do Maranhão e Piauhy e partes das do Pará, Goyáz, Bahia, Pernambuco e Ceará*, há a relação de 21 elementos geográficos, distribuídos entre rios. A classificação destes, em taxes, fora apresentada na seção 4.1. As taxes de Natureza Física encontradas foram as seguintes: Zoo (23,8%); Hidro (14,3%); Fito (14,3%); Dimensio (4,8%); Lito (4,8%). As taxes de Natureza Antropocultural foram as seguintes: Axio e Etno, que apresentaram percentual de (9,5%, cada) e, Coro, que apresentou percentual de (4,8%). As taxes não classificadas perfizeram um percentual de (14,3%).

Os percentuais das taxes de Natureza Física ocorrentes em a *Carta Corográfica das províncias do Maranhão e Piauhy e partes das do Pará, Goyáz, Bahia, Pernambuco e Ceará* podem ser visualizados no gráfico abaixo:

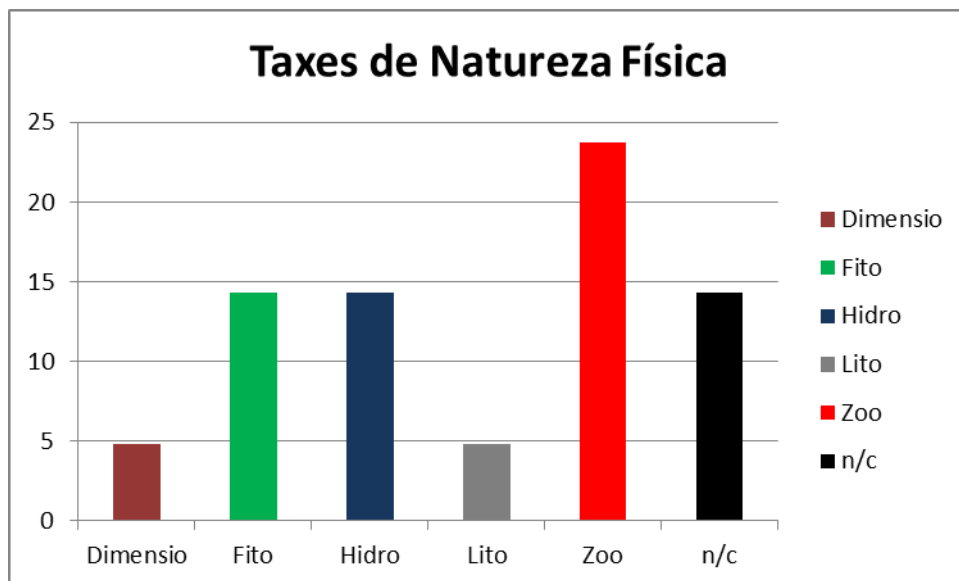


Gráfico 10: Percentuais das taxes de Natureza Física em *Carta Corográfica das províncias do Maranhão e Piauí e partes das do Pará, Goyás, Bahia, Pernambuco e Ceará* (1855)

Os percentuais das taxes de Natureza Antropocultural, por sua vez, constam no gráfico abaixo:

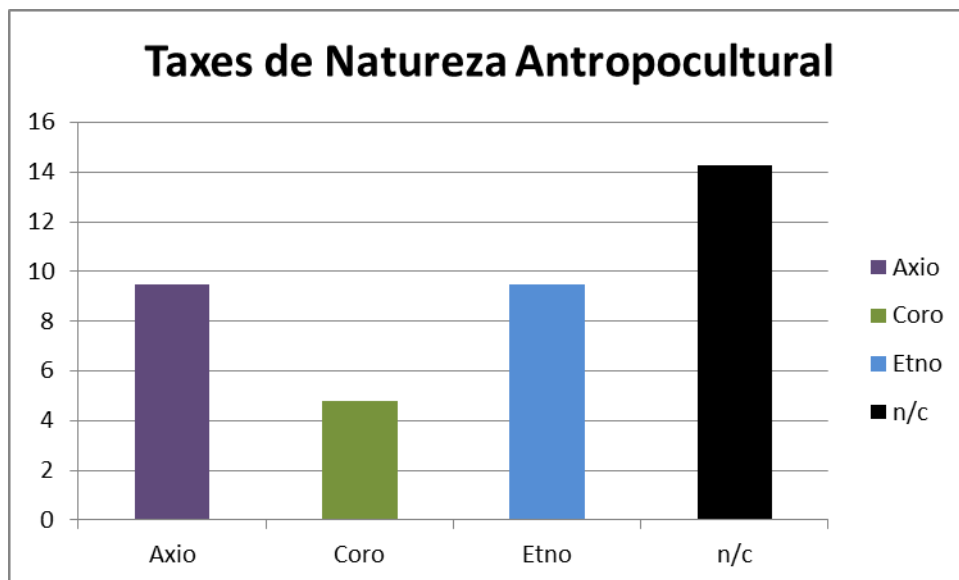


Gráfico 11: Percentuais das taxes de Natureza Antropocultural em *Carta Corográfica das províncias do Maranhão e Piauí e partes das do Pará, Goyás, Bahia, Pernambuco e Ceará* (1855)

No que diz respeito à origem dos Topônimos analisados em a *Carta Corográfica das províncias do Maranhão e Piauí e partes das do Pará, Goyás, Bahia, Pernambuco e Ceará*, veja-se o gráfico que se segue:

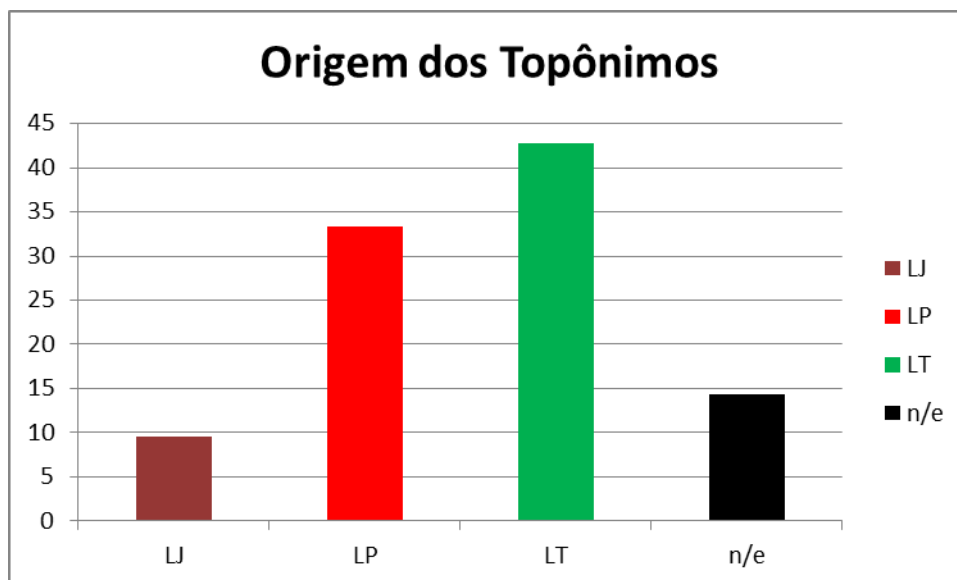


Gráfico 12: Percentuais da Origem dos Topônimos em a *Carta Corográfica das províncias do Maranhão e Piauí e partes das do Pará, Goyás, Bahia, Pernambuco e Ceará* (1855)

Em a *Carta Corográfica das províncias do Maranhão e Piauí e partes das do Pará, Goyás, Bahia, Pernambuco e Ceará*, o percentual de Topônimos de origem indígena (52,3%) superou bastante o percentual de Topônimos de origem portuguesa (33,3%), ao contrário do que havia ocorrido em: a *Descrição*; na *Carta Geográfica da Capitania do Piauí, e partes adjacentes*. Mister se faz observar que, na *Carte Geographique de Piauí, province de l'Empire du Bresil*, fonte também do século XIX, houve um significativo aumento na frequência de Hidrônimos de origem indígena, mas que não chegou a superar os de origem portuguesa. Não foi encontrada a origem para 14,3% dos Topônimos.

Levando-se em conta que, nos três primeiros documentos, o percentual de Topônimos de origem portuguesa foi sempre maior do que os de origem indígena (mesmo já havendo um acréscimo considerável de Topônimos de origem indígena no terceiro documento), é razoável conjecturar que, no caso da *Carta Corográfica das províncias do Maranhão e Piauí e partes das do Pará, Goyás, Bahia, Pernambuco e Ceará*, isso talvez tenha ocorrido pelo fato de que os autores de tal carta (anônimos, é bom que se diga) talvez tenham feito um levantamento pouco exaustivo dos elementos geográficos (rios, lagos, lagos etc.), o que se confirma tanto

pelo fato de eles terem elencado somente os rios³⁸¹ e, mesmo assim, em número inferior (21 elementos geográficos) àquele encontrado nas outras fontes. Mesmo com esta observação, há que se insistir, com base nas duas fontes consultadas para os Oitocentos (*Carte Geographique de Piauhy, province de l'Empire du Bresil* e *Carta Corográfica das províncias do Maranhão e Piauhy e partes das do Pará, Goyáz, Bahia, Pernambuco e Ceará*), que o percentual de Hidrônimos de origem indígena teve um substancial aumento, ultrapassando, inclusive, no caso desta segunda fonte, os de origem portuguesa.

Quanto à estrutura dos Topônimos constantes em a *Carta Corográfica das províncias do Maranhão e Piauhy e partes das do Pará, Goyáz, Bahia, Pernambuco e Ceará*, teve-se a prevalência de nomes simples (20 ocorrências, o que equivale a 95,2%); seguidos de nomes compostos (01 ocorrência, o que equivale a 4,8%).

5.1.5 mapa do *Estado do Piauhy* (1913)

Na quinta e última fonte pretérita sobre o Estado do Piauí, o mapa do *Estado do Piauhy*, há a relação de 47 elementos geográficos que foram possíveis de serem identificados, os quais estão distribuídos entre rios, riachos e lagoas. A classificação destes, em taxes, fora apresentada na seção 4.1. As taxes de Natureza Física encontradas foram as seguintes: Zoo (21,3%); Hidro (17%); Geomorfo (8,5%); Fito (8,5%); Dimensio (4,3%); Cardino e Lito (2,1%, cada). As taxes de Natureza Antropocultural foram as seguintes: Hagio com (6,4%); Etno com (8,5%); Animo, Antropo e Coro, que apresentaram percentual de (4,3%, cada); Crono, Axio e Ergo, que apresentaram percentual de (2,1%, cada). As taxes não classificadas perfizeram um percentual de 2,1%.

Os percentuais das taxes de Natureza Física ocorrentes no mapa do *Estado do Piauhy* podem ser visualizados no gráfico abaixo:

³⁸¹ Nesta fonte antiga só constam nomes de rios, o que pode indicar, ainda, a preferência, no caso desses grandes cursos d'água, por nomes de origem indígena.

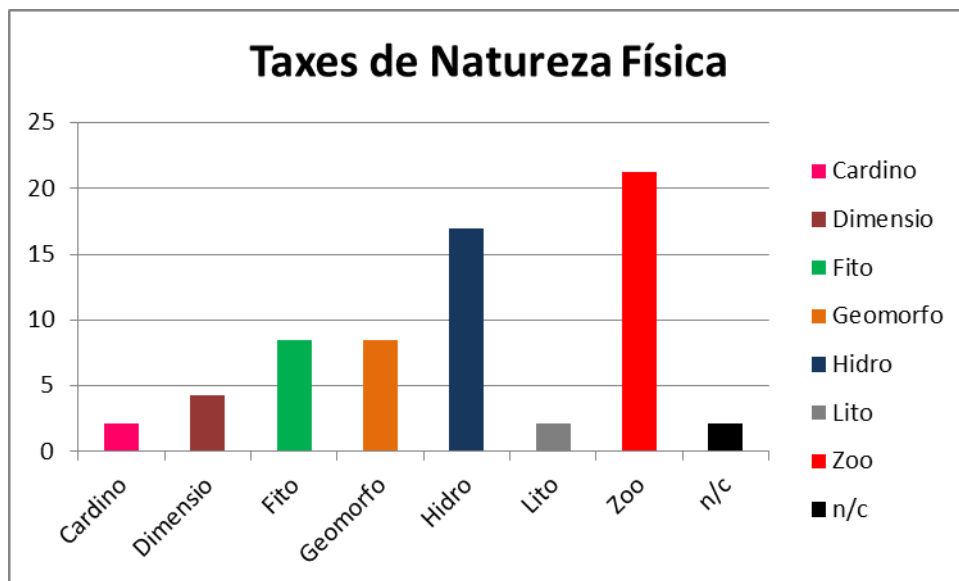


Gráfico 13: Percentuais das taxes de Natureza Física em o mapa do *Estado do Piauí* (1913)

Os percentuais das taxes de Natureza Antropocultural, por sua vez, constam no gráfico abaixo:

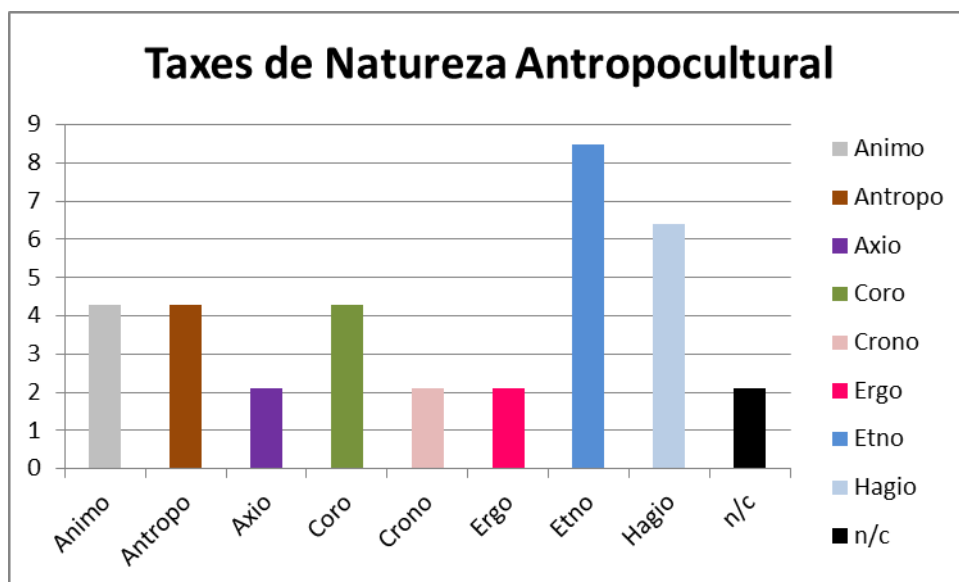


Gráfico 14: Percentuais das taxes de Natureza Antropocultural em o mapa do *Estado do Piauí* (1913)

No que diz respeito à origem dos Topônimos analisados em o mapa do *Estado do Piauí* (1913), veja-se o gráfico que se segue:

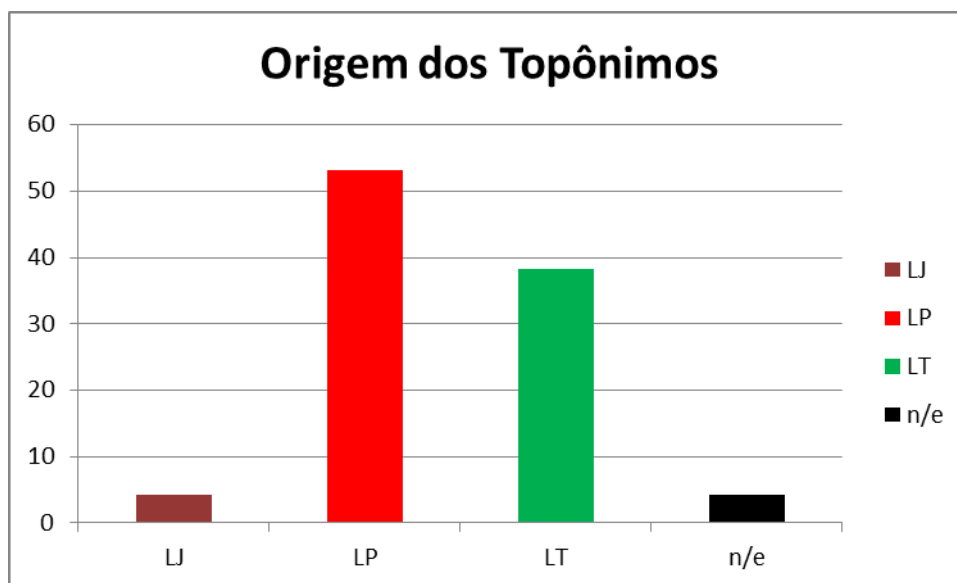


Gráfico 15: Percentuais da Origem dos Topônimos em o mapa do *Estado do Piauí* (1913)

Em o mapa do *Estado do Piauí*, o percentual de Topônimos de origem indígena (42,6%) manteve-se, assim como percentual de Topônimos de origem portuguesa (53,2%), relativamente próximo daqueles percentuais encontrados em a *Descrição* e na *Carta Geográfica da Capitania do Piauí, e partes adjacentes*; e mais próximo ainda dos percentuais encontrados na *Carte Geographique de Piauí, province de l'Empire du Bresil*. Não foi encontrada a origem para 4,3% dos Topônimos.

Quanto à estrutura dos topônimos constantes em o mapa do *Estado do Piauí*, teve-se a prevalência de nomes simples (41 ocorrências, o que equivale a 87,2%); seguidos de nomes compostos (06 ocorrências, o que equivale a 12,8%).

5.1.6 Considerações sobre as fontes do passado

Em a *Descrição* (1697), a grande diferença de percentual entre as taxas de Natureza Física e Antropocultural pode indicar que, no primeiro século de colonização do Estado do Piauí, a força do elemento natural (flora, fauna, relevo etc.) teve, de modo geral, e como era de se esperar, muito mais impacto no ânimo do denominador do que os elementos antrópicos.

Ao fim dos Seiscentos, pois, há uma prevalência significativa de taxas de Natureza Física, mas chama a atenção, de início (posto não seguir o padrão geral de maior ocorrência,

no caso das Taxes de Natureza Física, da taxe **Fito**³⁸², no Brasil como um todo), a maior ocorrência da taxe **Zoo**, o que talvez se explique pelo fato de o século XVII ser o século da efetiva colonização do Estado do Piauí, a qual se dera sob os auspícios da empresa de criação de gado, donde talvez se possa sentir a força do mundo zoológico e todas as suas possíveis repercussões na nomeação dos Hidrônimos constantes em tal fonte. Chama a atenção, no caso específico das taxes de Natureza Antropocultural, o significativo percentual da taxe **Hagio**. Para o esclarecimento desta, não se deve olvidar que, se de um lado, a colonização estadual é feita pelos bandeirantes, que adentram os sertões com o intuito de prear índios e de criar gado; de outro, e, paralelamente e a contra gosto daqueles, estão os padres, suas missões jesuíticas, e seus aldeamentos, com o fim mesmo de catequizar e obter mão de obra que pudesse ser usada em tais aldeamentos. Não se pode negligenciar que a predominância de determinada taxe possa ter a ver, de algum modo, com a origem mesma da fonte, de sorte que, como assinala Baptista (1994, p. 40):

Colonizadores, religiosos, aventureiros, predadores, todos queriam mostrar o que lhes desse vantagens – e esconder erros. Assim, as informações se tornaram imprecisas, precárias e confusas. Afirmavam terem aldeados tribos e mais tribos; **inventaram até seus nomes. Apareciam tribos diferentes com nomenclatura igual e a mesma era batizada de outra forma, conforme os interesses ocasionais.** (grifos nossos)

Feita essa ressalva, eis, pois, as duas grandes forças (a atividade econômica e a Igreja) que impulsionaram não só a colonização, como possivelmente, podem, de certa forma, justificar a prevalência das taxes **Zoo/Hidro** e **Hagio**. No caso destas duas primeiras, há alternância entre elas, em termos de prevalência, da segunda à última fonte antiga. A taxe dos **Hagio**, dentre as Taxes de Natureza Antropocultural, tem evidente destaque nas duas primeiras fontes, as mais antigas, mas já com decréscimo a partir da segunda fonte. Ainda sobre a influência da atividade econômica piauiense do período colonial nos nomes de lugares, cumpre observar Diegues Júnior (1960, p. 146), pois, para ele:

a pecuária foi o grande fator que possibilitou a penetração das correntes de ocupação humana para o interior, povoando o mediterrâneo do Nordeste, a chamada região sertaneja. **O seu papel ainda hoje repercute através das sobrevivências populares do culto ao boi, revelado em folguedos, danças**

³⁸² Estudos recentes, realizados em diversas regiões do Brasil, como os de (ANDRADE, 2006; MOREIRA, 2006; PEREIRA, 2009; MENDES, 2009; CARVALHO, 2010; só para citar alguns), têm evidenciado, no caso das Taxes de Natureza Física, a predominância da taxe **Fito**.

e cantos, que constituem a essência da mística do boi, e, também, no nome de rios, de localidades, de apelidos de pessoas ou dos simbolismos dos fatos. (grifos nossos)

Em a *Carta Geografica da Capitania do Piaui, e partes adjacentes* (1760), particularmente sobre as taxes de Natureza Física, percebe-se, assim como ocorrera em a *Descrição* (de uma fonte para a outra se passam mais de sessenta anos), que a taxe **Fito** continua não sendo a mais prevalente em termos quantitativos. No caso da primeira carta do Piauí, continua-se com um alto percentual da taxe dos **Zoo** e há um aumento substancial, tomando como parâmetro novamente o documento de Miguel de Carvalho, da taxe dos **Hidro**. Entende-se tal prevalência, sobretudo porque, nos Setecentos, uma vez que colonização está em curso, a atividade econômica do período colonial (criação de gado) é totalmente dependente dos pequenos e grandes cursos d'água, donde se extrai a importância destes. Eis, com a prevalência destas duas taxes (**Hidro** e **Zoo**), mais uma vez, a importância do mundo animal na cosmovisão do denominador, e, somado a este, o mundo das águas, ligados, ambos, à atividade econômica preponderante no Piauí colonial. Quanto às taxes de Natureza Antropocultural, vale registrar o decréscimo da classe dos **Hagio**, já a partir da segunda fonte antiga. Sobre isto, é importante destacar que, nos Setecentos, com as medidas pombalinas, efetivadas em meados da década de cinquenta do referido século, uma das consequências é a extinção do poder dos padres jesuítas. A tentativa de suplantar o poder da Igreja pode ter deixado rastros na onomástica local, o que pode justificar, de alguma forma, o decréscimo da taxe dos **Hagio**.

No sentido de tornar mais clara a correlação entre as fontes antigas, pode-se esquematizar da seguinte forma as taxes mais prevalentes, em ordem decrescente, em cada fonte:

Descrição (1697) (**Zoo** e **Hagio**);

Carta Geografica (1760) (**Hidro**; **Zoo** e **Hagio**);

Carte Geographique (1828) (**Hidro** e **Zoo**);

Carta Corográfica (1855) (**Zoo** e **Hidro**);

mapa do *Piauihy* (1913) (**Zoo** e **Hidro**).

Em suma, pois, o quadro geral para as fontes antigas parece mesmo sobrelevar a influência, em alternância, dos elementos zoológicos e hidrológicos no ato de batismo da

hidronímia piauiense e também dos elementos hagiológicos no caso das duas primeiras fontes. Cumpre, então, verificar, a seguir, o padrão motivacional das fontes contemporâneas para verificar se houve ou não mudança nesse painel geral.

Antes de passar às fontes contemporâneas, no entanto, cumpre discutir, ainda, alguns pontos acerca das origens dos Topônimos nas fontes pretéritas. Sobre as origens, pode destacar-se que, no caso do percentual Tupi, e, levando-se em conta as próprias formas linguísticas encontradas (*boroty, caninde, corimataim, goribas, inhinhinga, itagoera, itaim asu, itaim merim, mocaitã, peauhy, pernagoa* etc.), essa significativa ocorrência de Topônimos, mormente porque se trata de fonte pretérita, deve-se mesmo à Língua Geral de base Tupi dos bandeirantes que povoaram os sertões do Piauí, deixando, na Toponímia local, inegáveis marcas de sua presença, em detrimento dos topônimos da família linguística Jê, família original da maioria dos indígenas do Piauí. Neste caso, sobraram pouquíssimos testemunhos linguísticos sobre os quais pouco ou nada se pode dizer acerca da significação do Topônimo (Gurgueia, Longa, Jaicó), a não ser que se trata de nomes de povos do Piauí. Os exemplares linguísticos indígenas e outros não indígenas encontrados nas fontes antigas, além de atestar, no caso daqueles, a presença da Língua Geral, podem ser separados nos seguintes grupos: 1) aqueles em que parece haver tão somente variação ortográfica entre a forma atual e a do passado; 2) aqueles em que ocorrem modificações fonéticas de fato; 3) aqueles em que um dos vocábulos indígenas desaparece e 4) aqueles que já não ocorrem nas fontes contemporâneas.

- | |
|--|
| <ol style="list-style-type: none">1) Boroty; Corimataim; Goriba; Peauhy; Itahim; Parahim; Piauhi; Piracuruça; Urussuhi; Parnahyba; Sorobim;2) Itagoera; Inhinhinga; Maratanhaim; Murataham; Pernagoa; Gorogueia; Gorguea; Sambito;3) Itaim Asu; Itaim Merim; Urussuhymirim; Urussuhyacu de Farinha;4) Mocaitã; Jacarihi; Pacoty; Paranamirim; Inhuçú; Taquarussú. |
|--|

5.2 Mapas contemporâneos

No que concerne aos mapas contemporâneos, como já teve a oportunidade de mencionar, trata-se de Mapas Municipais Estatísticos, todos em escala de 1:100000, e todos de 2007, de autoria do IBGE. O procedimento de Análise, neste caso, será o seguinte: inicialmente, serão feitas considerações a respeito de cada microrregião das duas mesorregiões (Sudeste e Sudoeste), procurando, assim, uma visão, por meio da predominância de determinadas taxes, do painel onomástico-toponímico por microrregiões, para, posteriormente, intentar-se uma visão mais geral, levando-se em conta as duas mesorregiões contempladas neste estudo.

5.2.1 Microrregião de Picos (mesorregião Sudeste)

Na microrregião de Picos, há a relação de 187 elementos geográficos, distribuídos entre rios, arroios, córregos, ribeiras, brejo, lagoas e riachos (com predomínio quantitativo destes dois últimos). A classificação destes, em taxes, fora apresentada na seção 4.1. As taxes de Natureza Física encontradas foram as seguintes: Cardino 4,3%; Dimensio 3,8%; Fito 22%; Geomorfo 7,5%; Hidro 10,2%; Lito 5,3%; Morfo 0,5%; Zoo 11,2%. As taxes de Natureza Antropocultural encontradas foram as que se seguem: Animo 5,9%; Antropo 4,9%; Coro 1,1%; Crono 0,5%; Eco 3,8%; Ergo 4,3; Etno 0,5%; Hagio 1,1%; Hodo 1,1%; Polio 1,1%; Socio 2,2% e Somato 0,5%. As não classificadas perfizeram total de 8,6%.

Os percentuais das taxes de Natureza Física ocorrentes na microrregião de Picos podem ser visualizados no gráfico abaixo:

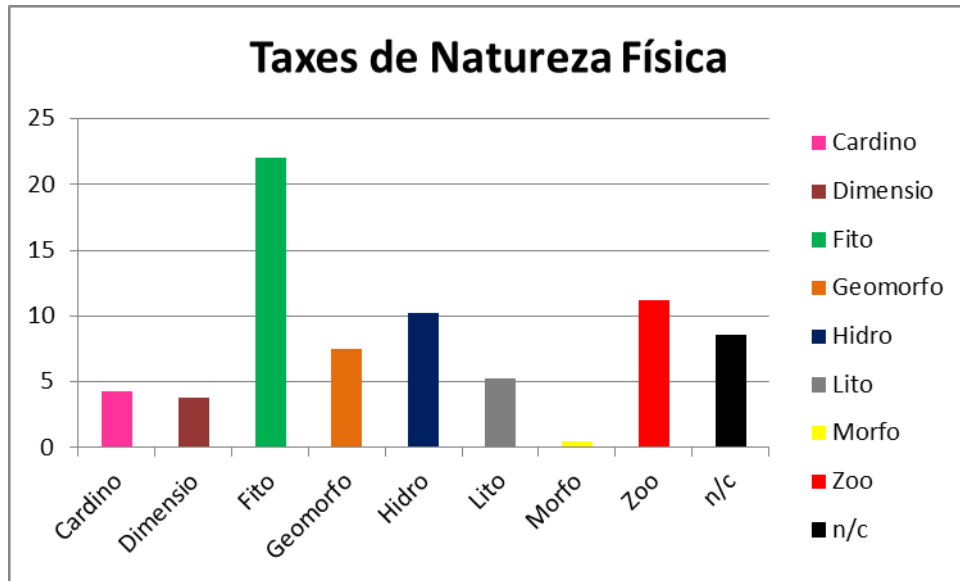


Gráfico 16: Percentuais das taxes de Natureza Física na microrregião de Picos

Os percentuais das taxes de Natureza Antropocultural, por seu turno, constam no gráfico abaixo:

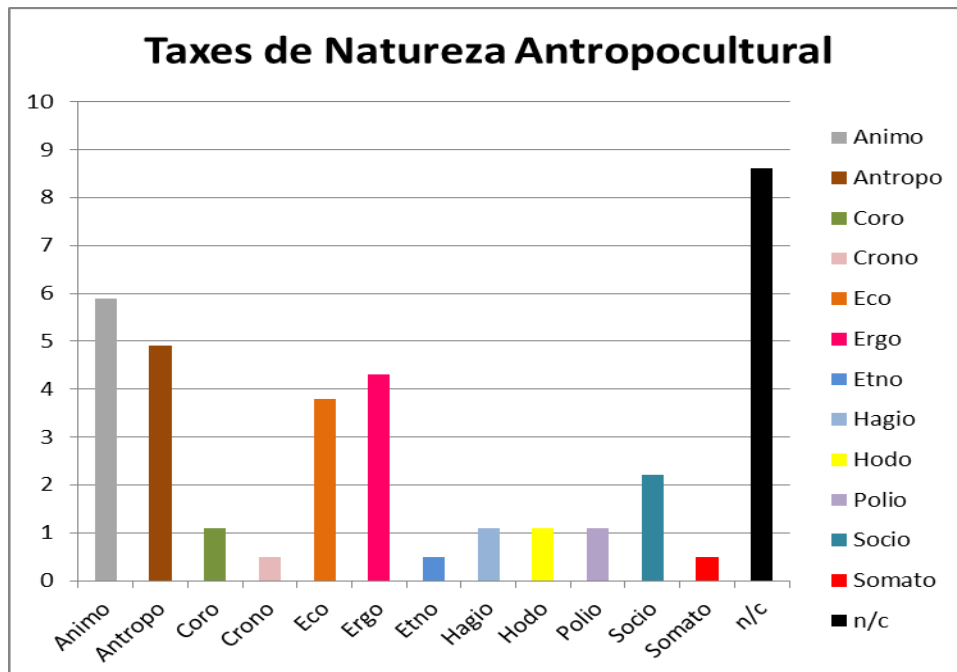


Gráfico 17: Percentuais das taxes de Natureza Antropocultural na microrregião de Picos

Observe-se que as taxas de Natureza Física, quando somadas, alcançaram um percentual de 64,6%, enquanto que as de Natureza Antropocultural somaram, juntas, 27%. Não foram classificados 8,4% dos Hidrônimos constantes nos mapas da microrregião de Picos.

No que toca à origem dos Topônimos analisados na microrregião de Picos, veja-se o gráfico que se segue:

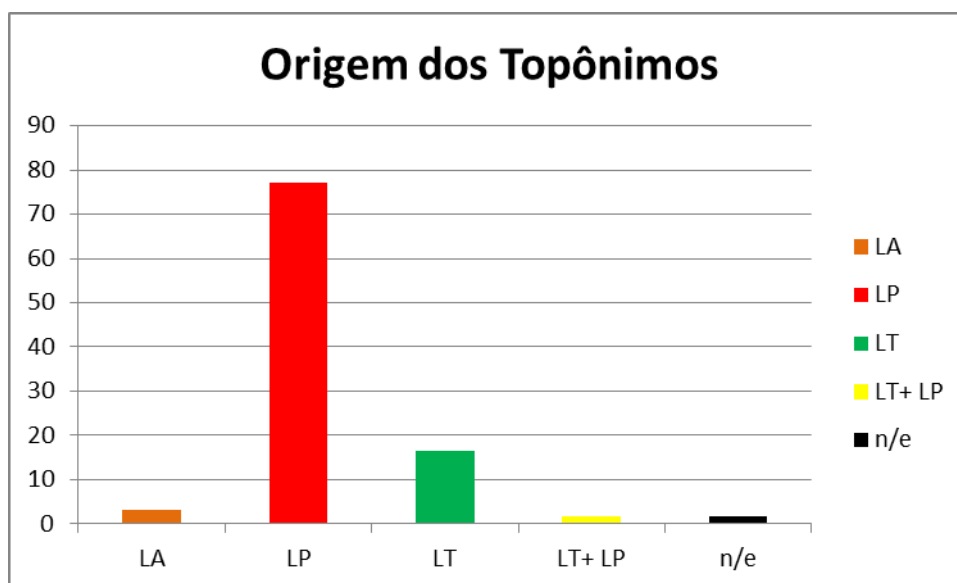


Gráfico 18: Percentuais da Origem dos Topônimos na microrregião de Picos

No gráfico 18, o percentual de Topônimos de origem portuguesa (77%) foi superior ao de língua Tupi (16,6%), único estrato indígena encontrado. O percentual de Topônimos de origem africana foi de 3,2%; o de compostos híbridos foi de 1,6% e o dos que não foram encontrados foi de 1,6%.

Quanto à estrutura dos Topônimos constantes na microrregião de Picos, teve-se a prevalência de nomes simples (163 ocorrências, o que equivale a 87,2%); seguidos de nomes compostos (23 ocorrências, o que equivale a 12,3%) e nomes compostos híbridos (01 ocorrência, o que equivale a 0,5%).

5.2.2 Microrregião de Pio IX (mesorregião Sudeste)

Na microrregião de Pio IX, há a relação de 137 elementos geográficos, distribuídos entre rios, córregos, lagoas e riachos (com predomínio quantitativo destes dois últimos). A classificação destes, em taxes, fora apresentada na seção 4.1 As taxes de Natureza Física encontradas foram as seguintes: Cardino 2,2%; Dimensio 1,5%; Fito 21,9%; Geomorfo 8,8%; Hidro 11%; Lito 2,9%; Morfo 0,7%; Zoo 11,7%. As taxes de Natureza Antropocultural encontradas foram as que se seguem: Animo 5,8%; Antropo 8,8%; Coro 0,7%; Eco 2,2%; Ergo 6,6; Hagio 3,6%; Hiero 2,9%; Historio 0,7%; Hodo 0,7% e Socio 2,2%. As não classificadas perfizeram total de 5,1%.

Os percentuais das taxes de Natureza Física ocorrentes na microrregião de Pio IX podem ser visualizados no gráfico abaixo:

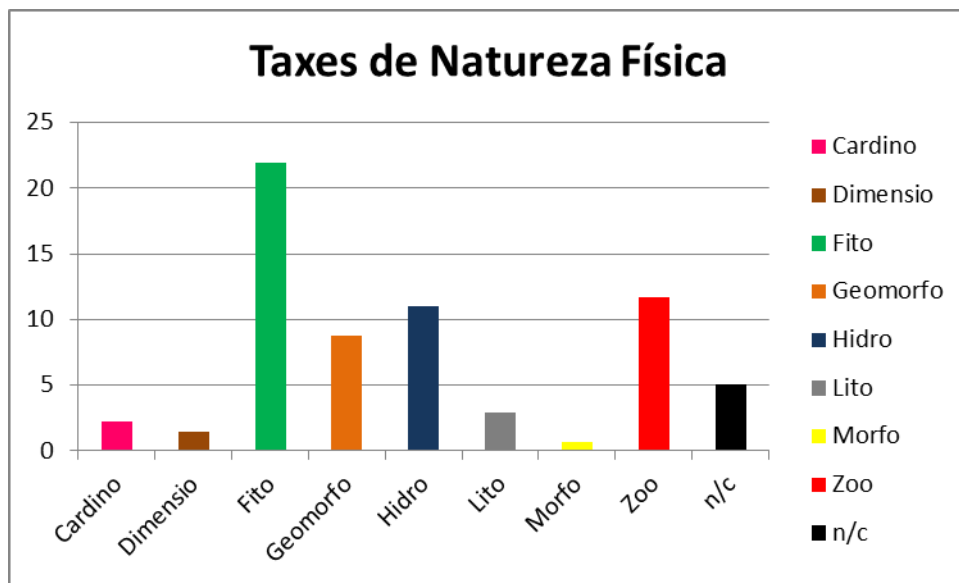


Gráfico 19: Percentuais das taxes de Natureza Física na microrregião de Pio IX

Os percentuais das taxes de Natureza Antropocultural, por seu turno, constam no gráfico abaixo:

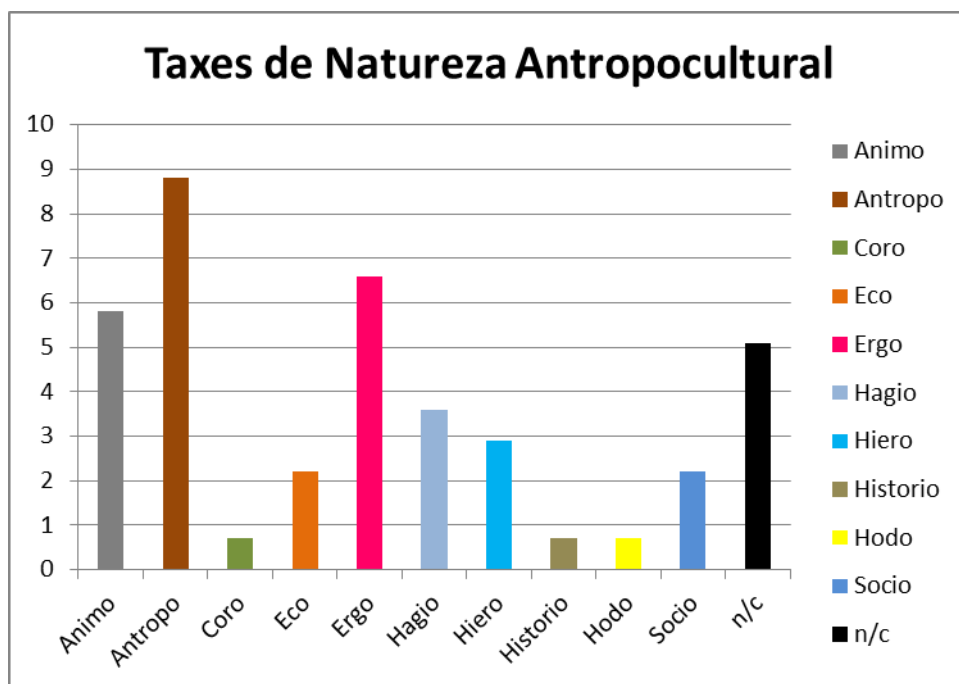


Gráfico 20: Percentuais das taxes de Natureza Antropocultural na microrregião de Pio IX

Observe-se que as taxes de Natureza Física, quando somadas, alcançaram um percentual de 60,7%, enquanto que as de Natureza Antropocultural somaram, juntas, 34,2%. Não foram classificados 5,1% dos Hidrônimos constantes em tal documento.

No que toca à origem dos Topônimos analisados na microrregião de Pio IX, veja-se o gráfico que se segue:

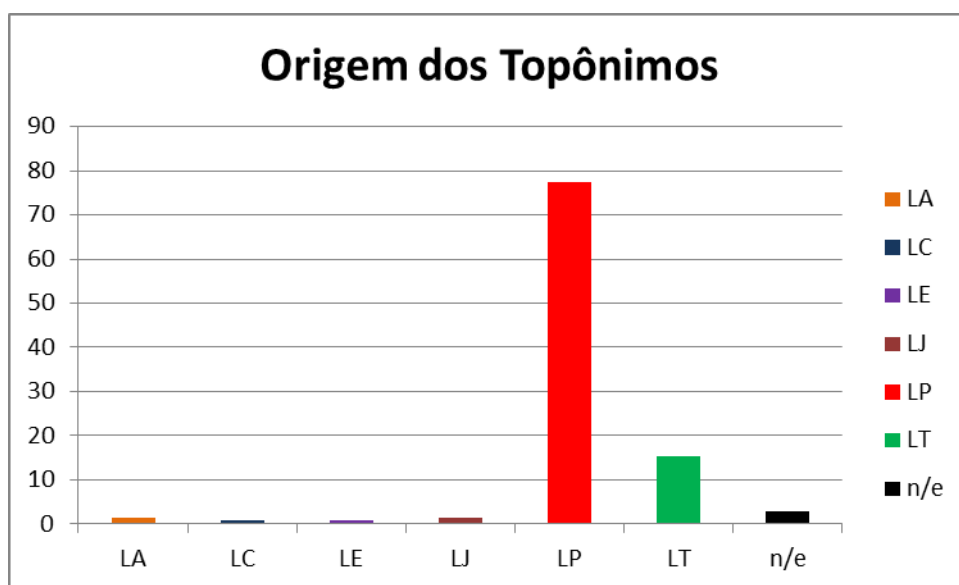


Gráfico 21: Percentuais da Origem dos Topônimos na microrregião de Pio IX

No gráfico 21, o percentual de Topônimos de origem portuguesa (77,4%) foi superior ao de línguas indígenas (LT e LJ), com 16,8%. Além destes, foram encontrados os seguintes percentuais: LA 1,5%; LC 0,7% e LE 0,7%. Não foi encontrada a origem de 2,9% dos Topônimos.

Quanto à estrutura dos Topônimos constantes na microrregião de Pio IX, teve-se a prevalência de nomes simples (110 ocorrências, o que equivale a 80, 3%) e nomes compostos (27 ocorrências, o que equivale a 19,7%).

5.2.3 Microrregião do Alto Médio Canindé (mesorregião Sudeste)

Na microrregião do Alto Médio Canindé, há a relação de 356 elementos geográficos, distribuídos entre rios, córregos, ribeiras, lagoas e riachos (com predomínio quantitativo destes dois últimos). A classificação destes, em taxes, fora apresentada na seção 4.1. As taxes de Natureza Física encontradas foram as seguintes: Cardino 3,4%; Dimensio 2%; Fito 18,8%; Geomorfo 13,2%; Hidro 12%; Lito 7%; Morfo 0,3% e Zoo 8,7%. As taxes de Natureza Antropocultural encontradas foram as que se seguem: Animo 6,2%; Antropo 7,3% Axio 0,6%; Coro 0,6%; Crono 0,6%; Eco 2,8%; Ergo 3,4%; Etno 1,2%; Hagio 2%; Hiero 0,6%; Hodo 0,3%; Mito 0,3% e Socio 3,9%. As taxes não classificadas perfizeram um percentual de (5,2%).

Os percentuais das taxes de Natureza Física ocorrentes na microrregião do Alto Médio Canindé podem ser visualizados no gráfico abaixo:

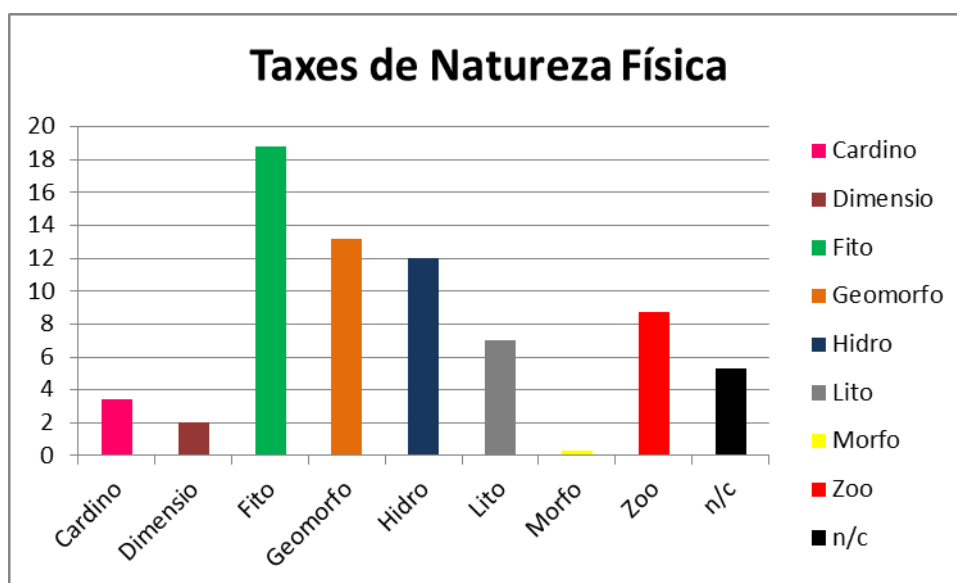


Gráfico 22: Percentuais das taxes de Natureza Física na microrregião do Alto Médio Canindé

Os percentuais das taxas de Natureza Antropocultural, por seu turno, constam no gráfico abaixo:

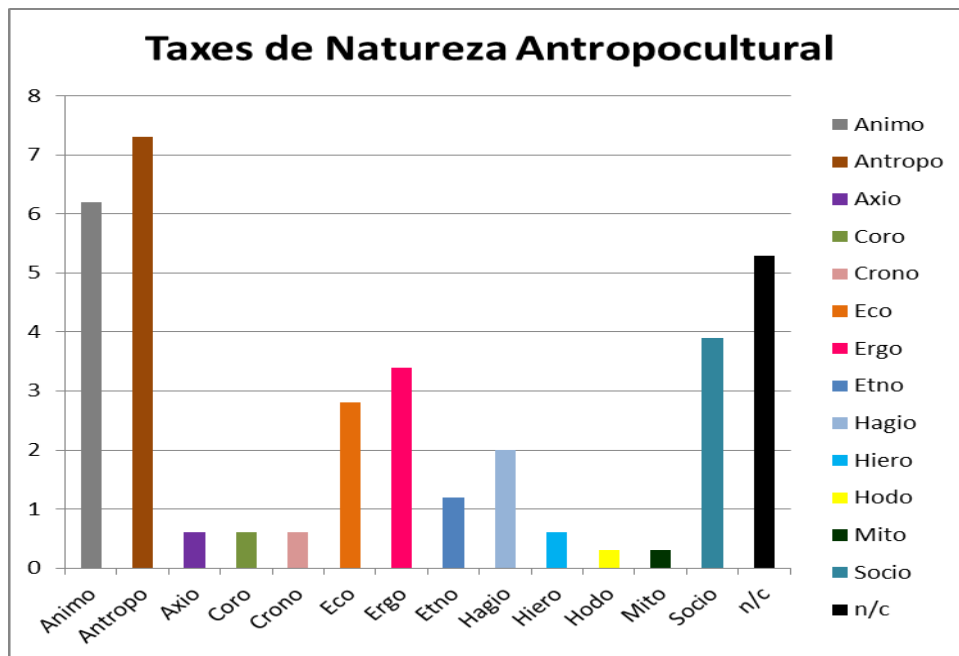


Gráfico 23: Percentuais das taxas de Natureza Antropocultural na microrregião do Alto Médio Canindé

Observe-se que as taxas de Natureza Física, quando somadas, alcançaram um percentual de 65,3%, enquanto que as de Natureza Antropocultural somaram, juntas, 29,7%. Não foram classificados 5,2% dos Hidrônimos constantes em tal documento.

No que toca à origem dos Topônimos analisados na microrregião do Alto Médio Canindé, veja-se o gráfico que se segue:

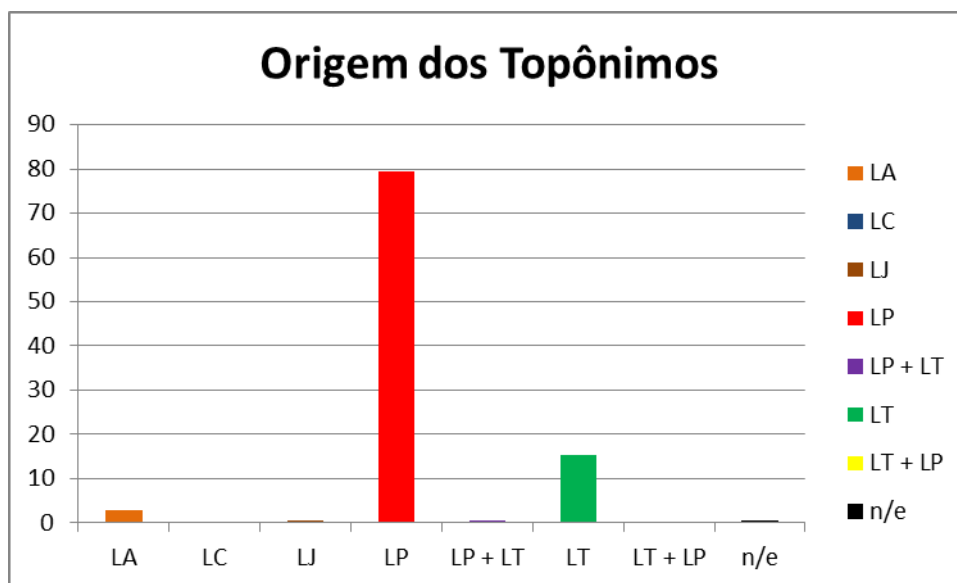


Gráfico 24: Percentuais da Origem dos Topônimos na microrregião do Alto Médio Canindé

No gráfico 24, o percentual de Topônimos de origem portuguesa (79,5%) foi superior ao de línguas indígenas (LT e LJ), com 16%. Além destes, foram encontrados os seguintes percentuais: LA 2,8%; LC 0,3%; LP + LT 0,6% e LT + LP 0,3%. Não foi encontrada a origem de 0,6 % dos Topônimos.

Quanto à estrutura dos Topônimos constantes na microrregião do Alto Médio Canindé, teve-se a prevalência de nomes simples (285 ocorrências, o que equivale a 80,5%); seguidos de nomes compostos (69 ocorrências, o que equivale a 19%) e nomes compostos híbridos (02 ocorrências, o que equivale a 0,5%).

5.2.4 Considerações sobre as três microrregiões da mesorregião Sudeste

Sobre as três microrregiões da mesorregião Sudeste do Piauí, pode-se mencionar, de início, o fato de, em todas elas, predominar a ocorrência da taxa **Fito**, que apresentou, na mesma sequência das microrregiões acima, os seguintes percentuais: 22%; 21,9% e 18,8%. Outras taxas de Natureza Física de considerável percentual foram **Zoo**, **Hidro** e **Geomorfo**. Nas microrregiões de Picos e Pio IX, a ordem da maior para a menor ocorrência é justamente esta: **Zoo**, **Hidro** e **Geomorfo**. Na microrregião do Alto Médio Canindé, a taxa dos **Geomorfo** passa a ser a segunda em termos quantitativos e a **Zoo**, a quarta. Há que se tentar entender essa maior frequência da taxa dos **Geomorfo** (13,2%), na microrregião do Alto Médio Canindé, haja vista ser bem maior do que o percentual das outras duas (Picos, 7,5% e

Pio IX, **8,8%**), a partir da observação de que, entre as três microrregiões da mesorregião Sudeste, a do Médio Canindé é a que, geograficamente, está na porção mais austral, o que não se pode ignorar, pois “Na porção Sul do Estado, o relevo é cortado por amplos vales de fundo chato e vertentes íngremes, como, por exemplo, os vales dos rios Parnaíba, Uruçui Preto e Gurguéia”. (CEPRO, 1992, p. 15).

Quanto às taxas de Natureza Antropocultural mais prevalentes nas três microrregiões da mesorregião Sudeste, pode-se mencionar que, na microrregião de Picos, sobressaíram-se, da maior para a menor, as taxas **Animo** (5,9%); **Antropo** (4,9%); **Ergo** (4,3%) e **Eco** (3,8%). Na microrregião de Pio IX, por sua vez, sobressaíram-se, as taxas **Antropo** (8,8%); **Ergo** (6,6%); **Animo** (5,8%) e **Hagio** (3,6%). Na microrregião do Alto Médio Canindé, sobressaíram-se as taxas **Antropo** (7,3%); **Animo** (6,2%); **Socio** (3,9%) e **Ergo** (3,4%). Observe-se que, mesmo variando a prevalência de uma para outra microrregião, há, dentre as quatro mais frequentes, três taxas em comum, a saber: **Animo**; **Antropo** e **Ergo**.

Por fim, sobre os percentuais quanto às origens e quanto às estruturas morfológicas, pode-se destacar, no primeiro caso, que os percentuais mais significativos foram dos de língua portuguesa e os de línguas indígenas (LT; LJ e LC), invariavelmente, nesta ordem, e no segundo caso, que os percentuais mais significativos foram os de nomes SIMPLES, seguidos, invariavelmente, de nomes COMPOSTOS. Na microrregião de Picos, prevaleceram, quanto à origem, os seguintes percentuais: LP (77%); LT (16,6%); e quanto à estrutura morfológica, prevaleceram os seguintes percentuais: SIMPLES (87,2%) COMPOSTO (12,3%). Na microrregião de Pio IX, prevaleceram, quanto à origem, os seguintes percentuais: LP (77,4%); LT (15,3%); LJ (1,5%) e LC (0,7%); e quanto à estrutura morfológica, prevaleceram os seguintes percentuais: SIMPLES (80,3%) COMPOSTO (19,3%). Na microrregião do Alto Médio Canindé, prevaleceram, quanto à origem, os seguintes percentuais: LP (79,5%); LT (15,4%); LJ (0,6%) e LC (0,3%); e quanto à estrutura morfológica, prevaleceram os seguintes percentuais: SIMPLES (80,5%) COMPOSTO (19%).

Uma vez feitos os comentários sobre os dados das três microrregiões da mesorregião Sudeste, passe-se ao comentário dos dados concernentes às seis microrregiões da mesorregião Sudoeste, o que fará no próximo tópico.

5.2.5 Microrregião do Alto Médio Gurgueia (mesorregião Sudoeste)

Na microrregião do Alto Médio Gurgueia, há a relação de 442 elementos geográficos, distribuídos entre rios, córregos, ribeiras, lagoas e riachos (com predomínio quantitativo destes dois últimos). A classificação destes, em taxes, fora apresentada na seção 4.1. As taxes de Natureza Física encontradas foram as seguintes: Cardino 2,3%; Dimensio 2,5%; Fito 22%; Geomorfo 9,3%; Hidro 13,1%; Lito 6,1%; Meteoro 0,2%; Morfo 0,2% e Zoo 9,3%. As taxes de Natureza Antropocultural encontradas foram as que se seguem: Animo 4,5%; Antropo 8,1%; Axio 0,2%; Coro 1,8%; Crono 0,4%; Dirremato 0,9%; Eco 2%; Ergo 5,2%; Etno 1,4%; Hagio 2,7%; Hiero 0,4%; Hodo 0,2%; Mito 0,2%; Polio 0,4%; Socio 1,1% e Somato 0,4%. As taxes não classificadas perfizeram um percentual de (4,7%).

Os percentuais das taxes de Natureza Física ocorrentes na microrregião do Alto Médio Gurgueia podem ser visualizados no gráfico abaixo:

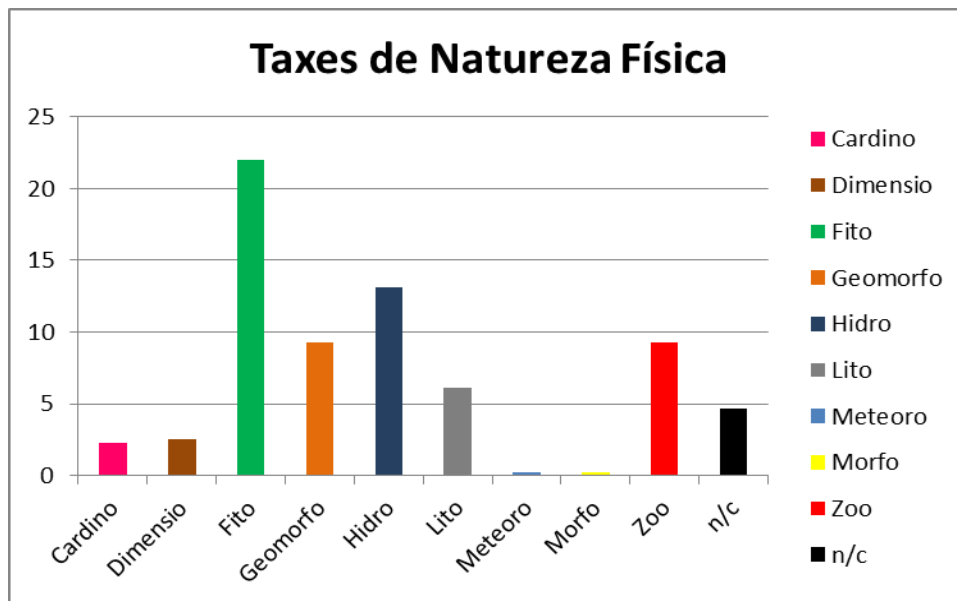


Gráfico 25: Percentuais das taxes de Natureza Física na microrregião do Alto Médio Gurgueia

Os percentuais das taxes de Natureza Antropocultural, por seu turno, constam no gráfico abaixo:

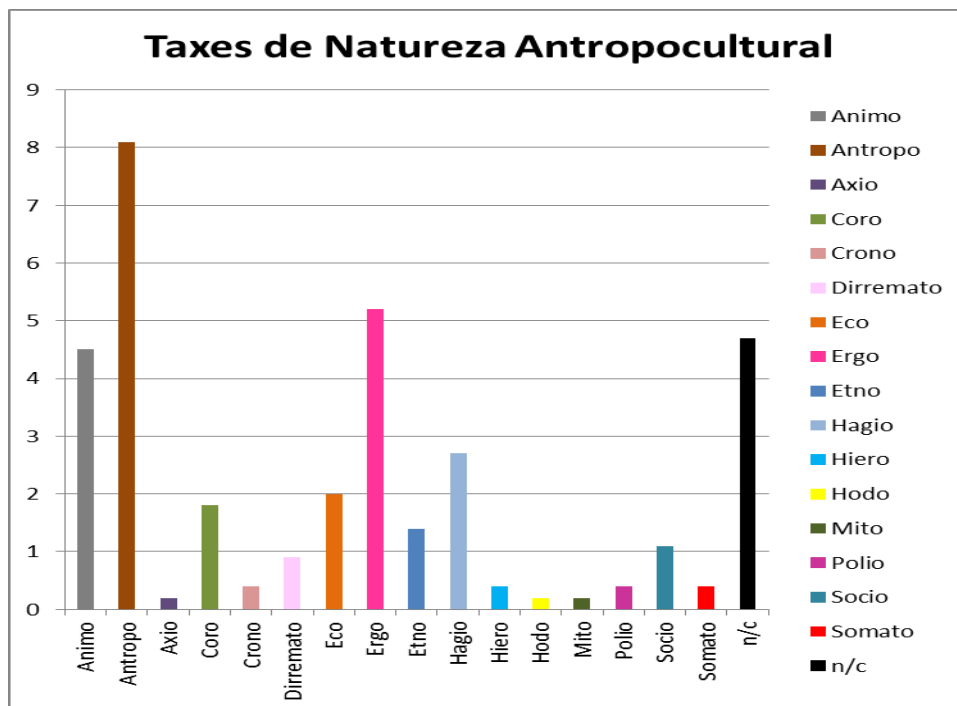


Gráfico 26: Percentuais das taxas de Natureza Antropocultural na microrregião do Alto Médio Gurgueia

Observe-se que as taxas de Natureza Física, quando somadas, alcançaram um percentual de 65,3%, enquanto que as de Natureza Antropocultural somam, juntas, 30%. Não foram classificados 4,7% dos Hidrônimos constantes em tal documento.

No que toca à origem dos Topônimos analisados na microrregião do Alto Médio Gurgueia, veja-se o gráfico que se segue:

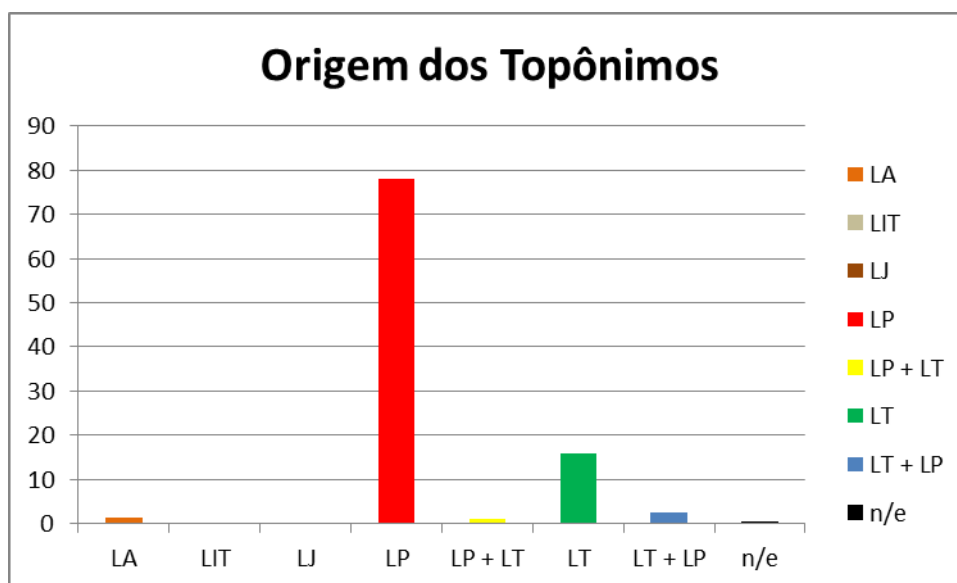


Gráfico 27: Percentuais da Origem dos Topônimos na microrregião do Alto Médio Gurgueia

No gráfico 27, o percentual de Topônimos de origem portuguesa (78%) foi superior ao de línguas indígenas (LT e LJ), com 16,2%. Além destes, foram encontrados os seguintes percentuais: LA 1,4%; LIT 0,2%; LP + LT 1,1% e LT + LP 2,7%. Não foi encontrada a origem de 0,4 % dos Topônimos.

Quanto à estrutura dos Topônimos constantes na microrregião do Alto Médio Gurgueia, teve-se a prevalência de nomes simples (346 ocorrências, o que equivale a 78,2%); seguidos de nomes compostos (79 ocorrências, o que equivale a 17,9%) e nomes compostos híbridos (17 ocorrências, o que equivale a 3,8%).

5.2.6 Microrregião do Alto Parnaíba Piauiense (mesorregião Sudoeste)

Na microrregião do Alto Parnaíba Piauiense, há a relação de 342 elementos geográficos, distribuídos entre rios, córregos, ribeiras, lagoas e riachos (com predomínio quantitativo destes dois últimos). A classificação destes, em taxes, fora apresentada na seção 4.1. As taxes de Natureza Física encontradas foram as seguintes: Cardino 1,5%; Dimensio 1,7%; Fito 21%; Geomorfo 10,2%; Hidro 14%; Lito 4% e Zoo 12%. As taxes de Natureza Antropocultural encontradas foram as que se seguem: Animo 5,3%; Antropo 7%; Axio 0,3%; Coro 0,9%; Crono 0,3%; Dirremato 0,9%; Eco 0,9%; Ergo 6,7%; Etno 1,2%; Hagio 3,8%; Hiero 0,3%; Hodo 0,3%; Polio 0,3%; Socio 1,2% e Somato 0,6%. As taxes não classificadas perfizeram um percentual de (5,5%).

Os percentuais das taxes de Natureza Física ocorrentes na microrregião do Alto Parnaíba Piauiense podem ser visualizados no gráfico abaixo:

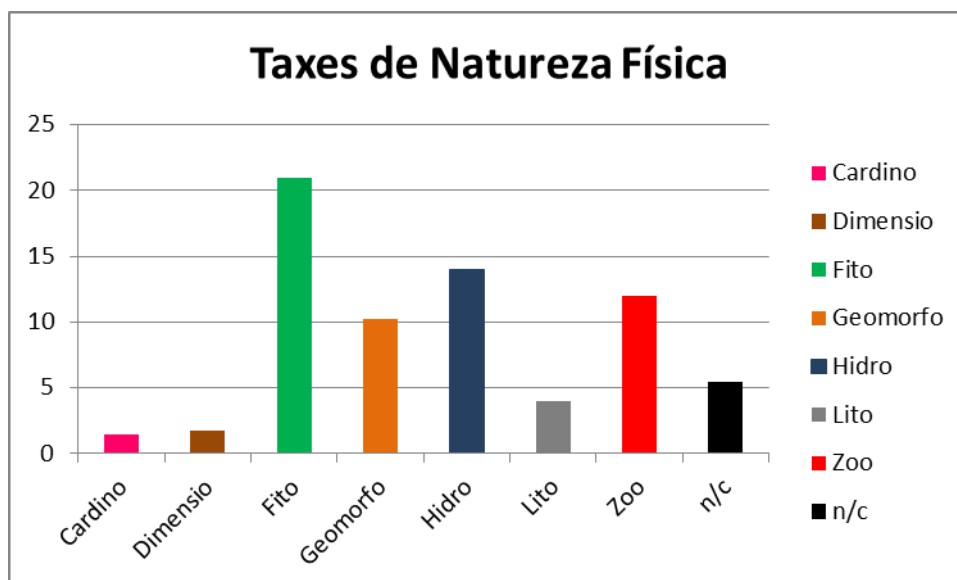


Gráfico 28: Percentuais das taxas de Natureza Física na microrregião do Alto Parnaíba Piauiense

Os percentuais das taxas de Natureza Antropocultural, por seu turno, constam no gráfico abaixo:

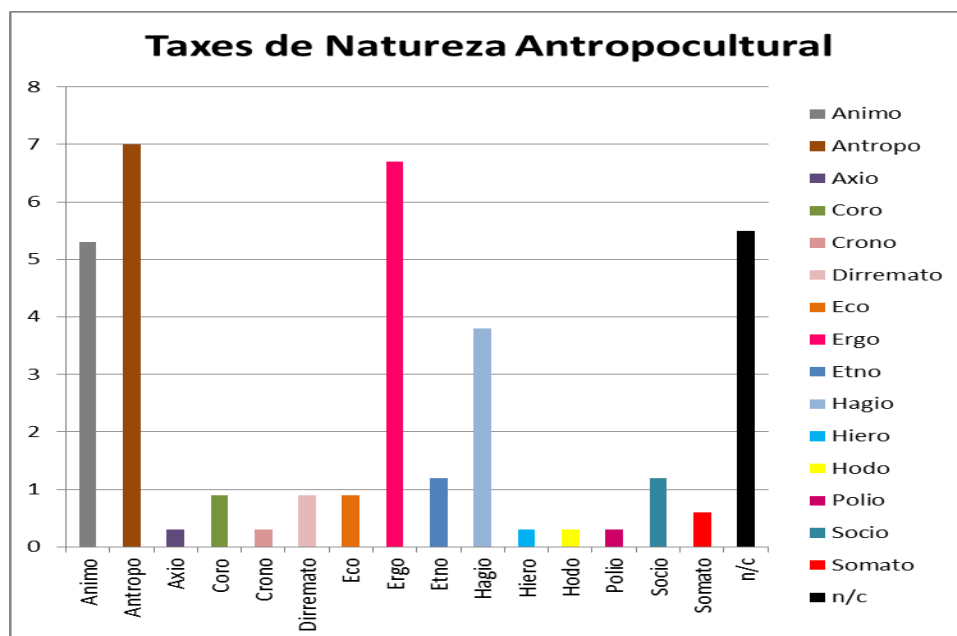


Gráfico 29: Percentuais das taxas de Natureza Antropocultural na microrregião do Alto Parnaíba Piauiense

Observe-se que as taxas de Natureza Física, quando somadas, alcançaram um percentual de 64,5%, enquanto que as de Natureza Antropocultural somam, juntas, 30%. Não foram classificados 5,5% dos Hidrônimos constantes em tal documento.

No que toca à origem dos Topônimos analisados na microrregião do Alto Parnaíba Piauiense, veja-se o gráfico que se segue:

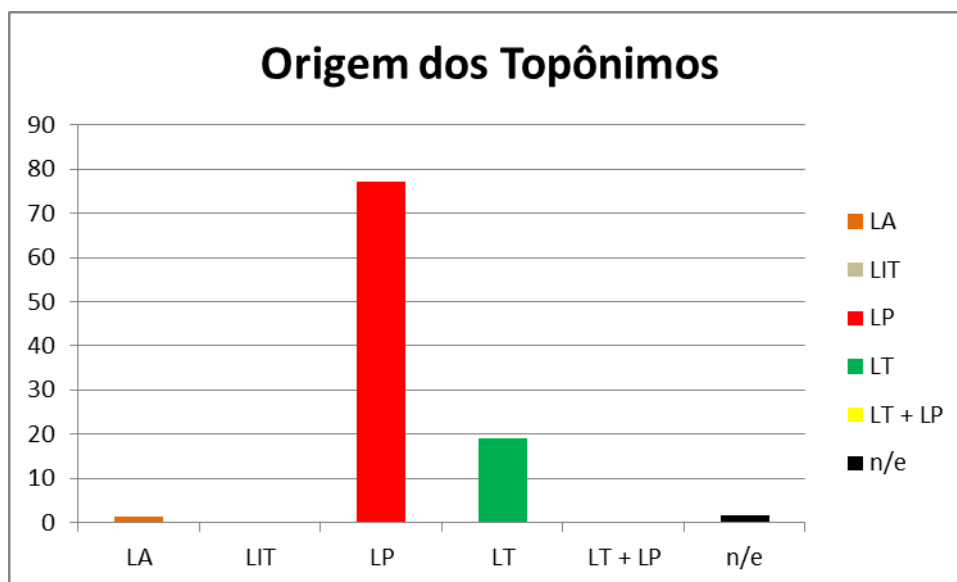


Gráfico 30: Percentuais da Origem dos Topônimos na microrregião do Alto Parnaíba Piauiense

No gráfico 30, o percentual de Topônimos de origem portuguesa (77,2%) foi superior ao de línguas indígenas (LT), com 19%. Além destes, foram encontrados os seguintes percentuais: LA 1,5%; LIT 0,3%; e LT + LP 0,3%. Não foi encontrada a origem de 1,7 % dos Topônimos.

Quanto à estrutura dos Topônimos constantes na microrregião do Alto Parnaíba Piauiense, tem-se a prevalência de nomes simples (290 ocorrências, o que equivale a 84,8%); seguidos de nomes compostos (49 ocorrências, o que equivale a 14,3%) e nomes compostos híbridos (03 ocorrências, o que equivale a 0,9%).

5.2.7 Microrregião de Bertolândia (mesorregião Sudoeste)

Na microrregião de Bertolândia, há a relação de 190 elementos geográficos, distribuídos entre rios, córregos, ribeiras, lagoas e riachos (com predomínio quantitativo destes dois últimos). A classificação destes, em taxes, fora apresentada na seção 4.1. As taxes de Natureza Física encontradas foram as seguintes: Cardino 2,6%; Dimensio 2,6%; Fito 28,4%; Geomorfo 8,4%; Hidro 8,9%; Lito 5,8% e Zoo 13,2%. As taxes de Natureza Antropocultural encontradas foram as que se seguem: Animo 6,3%; Antropo 6,3%; Eco 1%; Ergo 3,2%; Etno

1%; Hagio 2,6%; Hodo 0,5%; Mito 0,5%; Socio 0,5% e Somato 1%. As taxas não classificadas perfizeram um percentual de (6,8%).

Os percentuais das taxas de Natureza Física ocorrentes na microrregião de Bertolândia podem ser visualizados no gráfico abaixo:

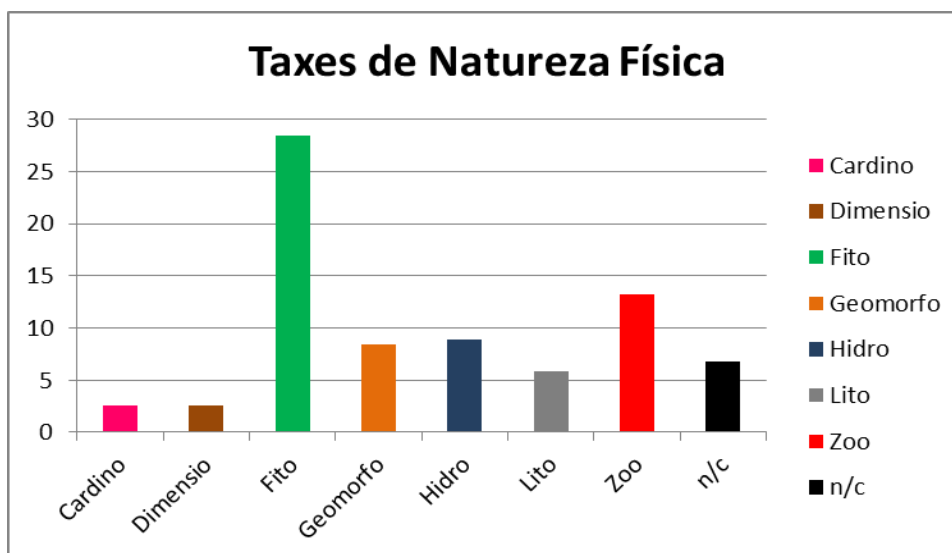


Gráfico 31: Percentuais das taxas de Natureza Física na microrregião de Bertolândia

Os percentuais das taxas de Natureza Antropocultural, por seu turno, constam no gráfico abaixo:

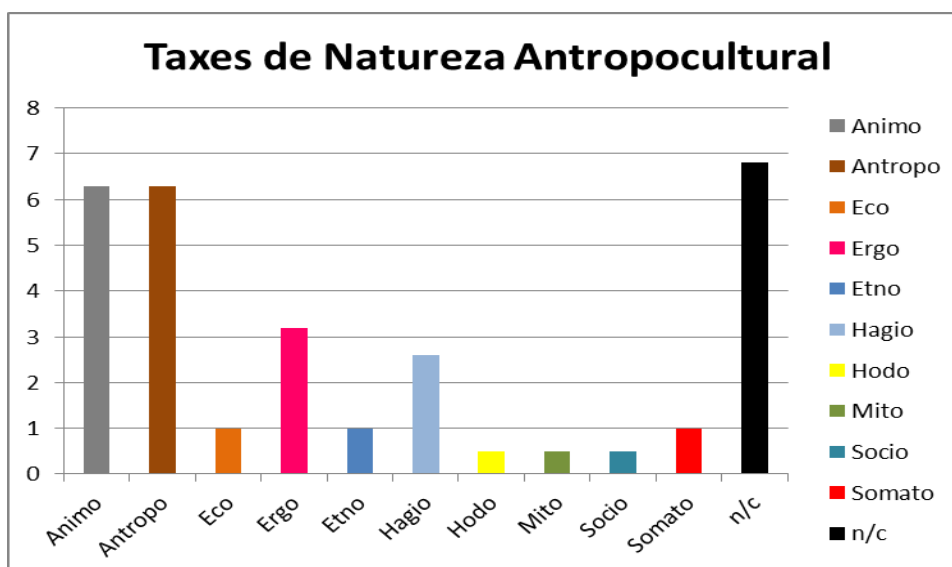


Gráfico 32: Percentuais das taxas de Natureza Antropocultural na microrregião de Bertolândia

Observe-se que as taxas de Natureza Física, quando somadas, alcançaram um percentual de 70%, enquanto que as de Natureza Antropocultural somam, juntas, 23%. Não foram classificados 6,8% dos Hidrônimos constantes em tal documento.

No que toca à origem dos Topônimos analisados na microrregião de Bertolândia, veja-se o gráfico que se segue:

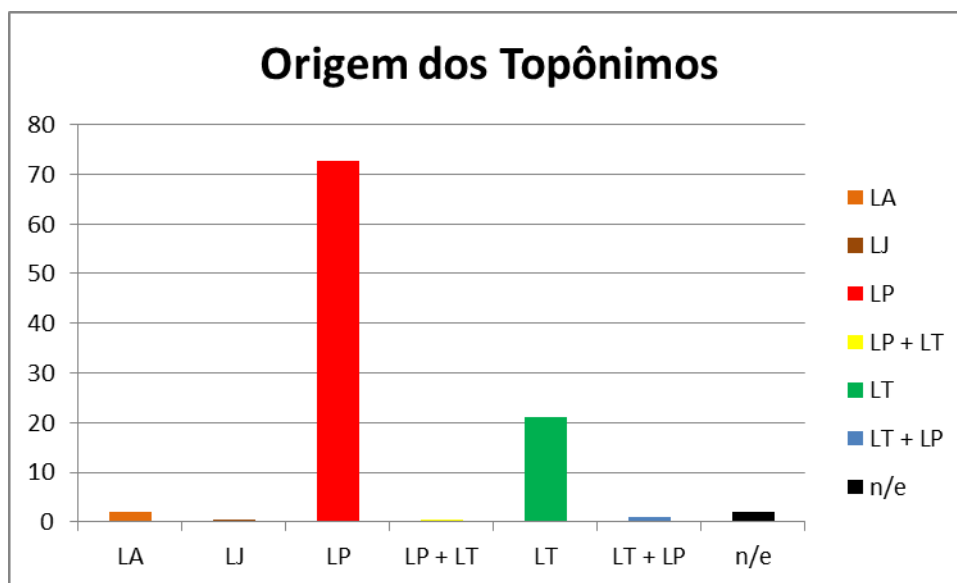


Gráfico 33: Percentuais da Origem dos Topônimos na microrregião de Bertolândia

No gráfico 33, o percentual de Topônimos de origem portuguesa (72,6%) foi superior ao de línguas indígenas (LT e LJ), com 21,5%. Além destes, foram encontrados os seguintes percentuais: LA 2,1%; LP + LT 0,5% e LT + LP 1%. Não foi encontrada a origem de 2,1% dos Topônimos.

Quanto à estrutura dos Topônimos constantes na microrregião de Bertolândia, tem-se a prevalência de nomes simples (167 ocorrências, o que equivale a 87,9%); seguidos de nomes compostos (20 ocorrências, o que equivale a 10,5%) e nomes compostos híbridos (03 ocorrências, o que equivale a 1,6%).

5.2.8 Microrregião das Chapadas do Extremo Sul Piauiense (mesorregião Sudoeste)

Na microrregião das Chapadas do Extremo Sul Piauiense, há a relação de 418 elementos geográficos, distribuídos entre rios, córregos, ribeiras, lagoas e riachos (com

predomínio quantitativo destes dois últimos). A classificação destes, em taxes, fora apresentada na seção 4.1. As taxes de Natureza Física encontradas foram as seguintes: Cardino 3,6%; Dimensio 2,4%; Fito 21%; Geomorfo 9%; Hidro 12,2%; Lito 6,4%; Morfo 0,2% e Zoo 9,3%. As taxes de Natureza Antropocultural encontradas foram as que se seguem: Animo 6,7%; Antropo 9,6% Axio 0,2%; Coro 0,2%; Crono 0,5%; Dirremato 0,2%; Eco 2,6%; Ergo 3,3%; Etno 0,7%; Hagio 1,7%; Hiero 0,7%; Hodo 0,9% e Socio 1,2. As taxes não classificadas perfizeram um percentual de (7%).

Os percentuais das taxes de Natureza Física ocorrentes na microrregião das Chapadas do Extremo Sul Piauiense podem ser visualizados no gráfico abaixo:

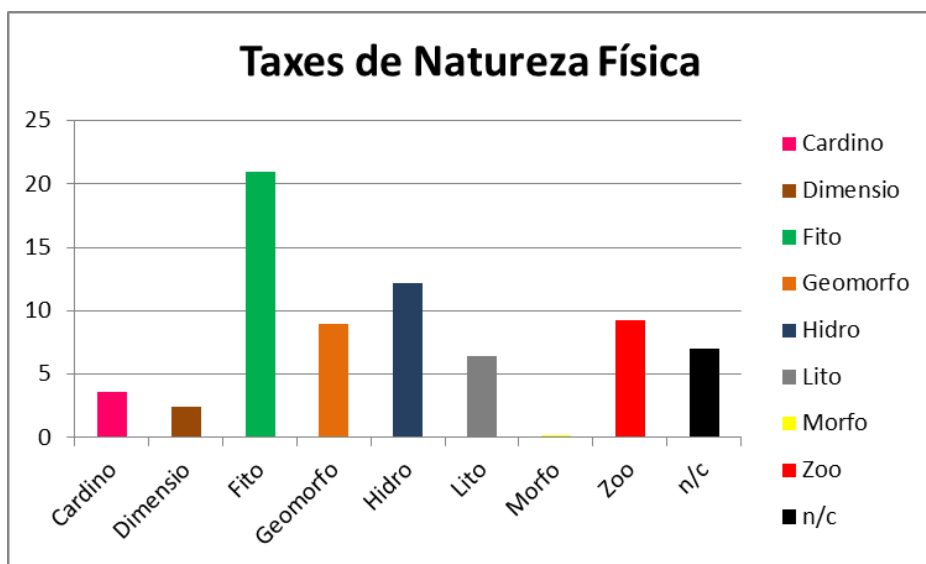


Gráfico 34: Percentuais das taxes de Natureza Física na microrregião das Chapadas do Extremo Sul Piauiense

Os percentuais das taxes de Natureza Antropocultural, por seu turno, constam no gráfico abaixo:

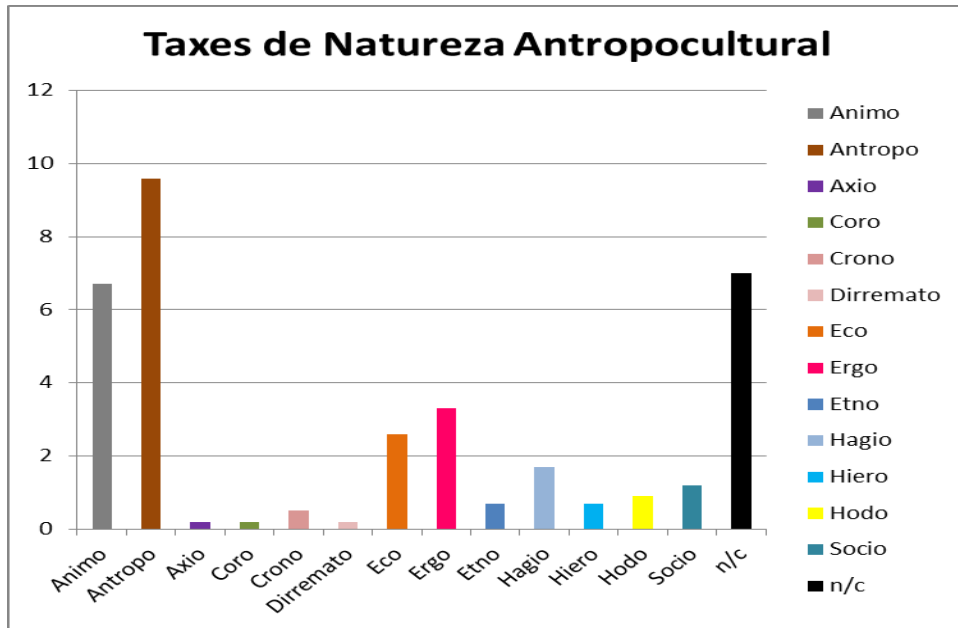


Gráfico 35: Percentuais das taxas de Natureza Antropocultural na microrregião das Chapadas do Extremo Sul Piauiense

Observe-se que as taxas de Natureza Física, quando somadas, alcançaram um percentual de 64,3%, enquanto que as de Natureza Antropocultural somam, juntas, 28,3%. Não foram classificados 7% dos Hidrônimos constantes em tal documento.

No que toca à origem dos Topônimos analisados na microrregião das Chapadas do Extremo Sul Piauiense, veja-se o gráfico que se segue:

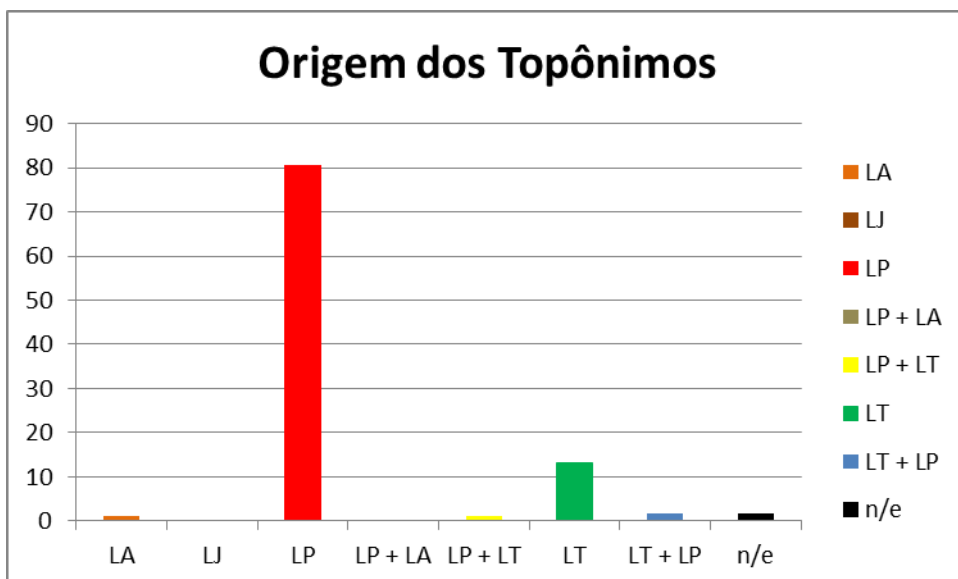


Gráfico 36: Percentuais da Origem dos Topônimos na microrregião das Chapadas do Extremo Sul Piauiense

No gráfico 36, o percentual de Topônimos de origem portuguesa (80,6%) foi superior ao de línguas indígenas (LT e LJ), com 13,3%. Além destes, foram encontrados os seguintes percentuais: LA 1,2%; LP + LA 0,2%; LP + LT 1,2% e LT + LP 1,7%. Não foi encontrada a origem de 1,7 % dos Topônimos.

Quanto à estrutura dos Topônimos constantes na microrregião do Alto Médio Gurgueia, teve-se a prevalência de nomes simples (326 ocorrências, o que equivale a 78%); seguidos de nomes compostos (78 ocorrências, o que equivale a 18,6%) e nomes compostos híbridos (14 ocorrências, o que equivale a 3,4%).

5.2.9 Microrregião de Florianópolis (mesorregião Sudoeste)

Na microrregião de Florianópolis, há a relação de 236 elementos geográficos, distribuídos entre rios, córregos, ribeiras, lagoas e riachos (com predomínio quantitativo destes dois últimos). A classificação destes, em taxes, fora apresentada na seção 4.1. As taxes de Natureza Física encontradas foram as seguintes: Cardino 3,8%; Dimensio 2,5%; Fito 25%; Geomorfo 7,6%; Hidro 7,6%; Lito 4,2%; Meteoro 0,8%; Morfo 0,4%; e Zoo 13,5%. As taxes de Natureza Antropocultural encontradas foram as que se seguem: Animo 6,8%; Antropo 6,8%; Axio 0,4%; Coro 0,8%; Crono 0,4%; Eco 3,0%; Ergo 3,8%; Etno 1,3%; Hagio 3,0%; Hiero 0,8%; Hodo 1,3%; Polio 0,4% e Socio 1,3%. As taxes não classificadas perfizeram um percentual de (4,2%).

Os percentuais das taxes de Natureza Física ocorrentes na microrregião de Florianópolis podem ser visualizados no gráfico abaixo:

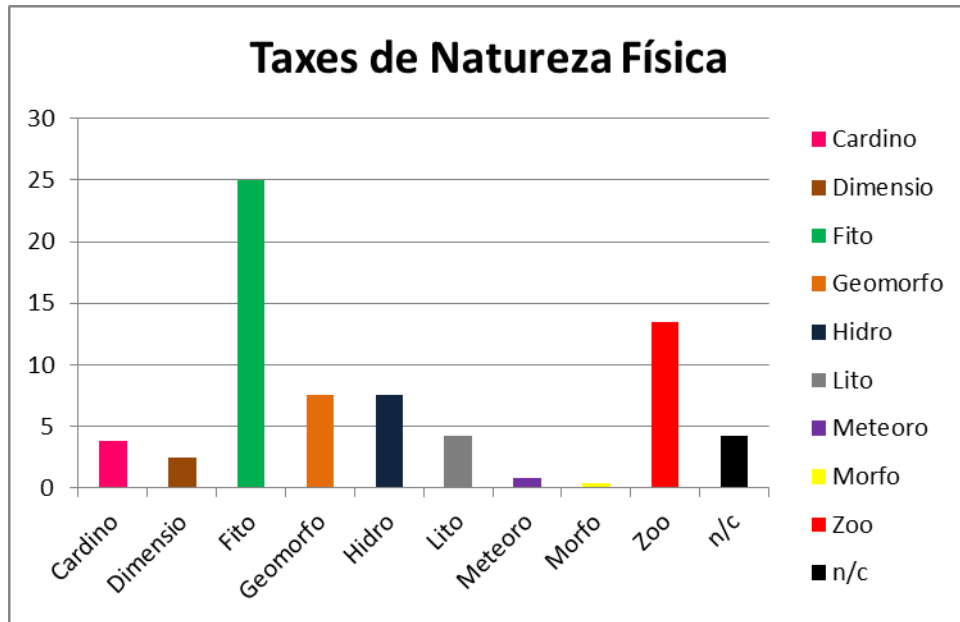


Gráfico 37: Percentuais das taxes de Natureza Física na microrregião de Florianópolis

Os percentuais das taxes de Natureza Antropocultural, por seu turno, constam no gráfico abaixo:

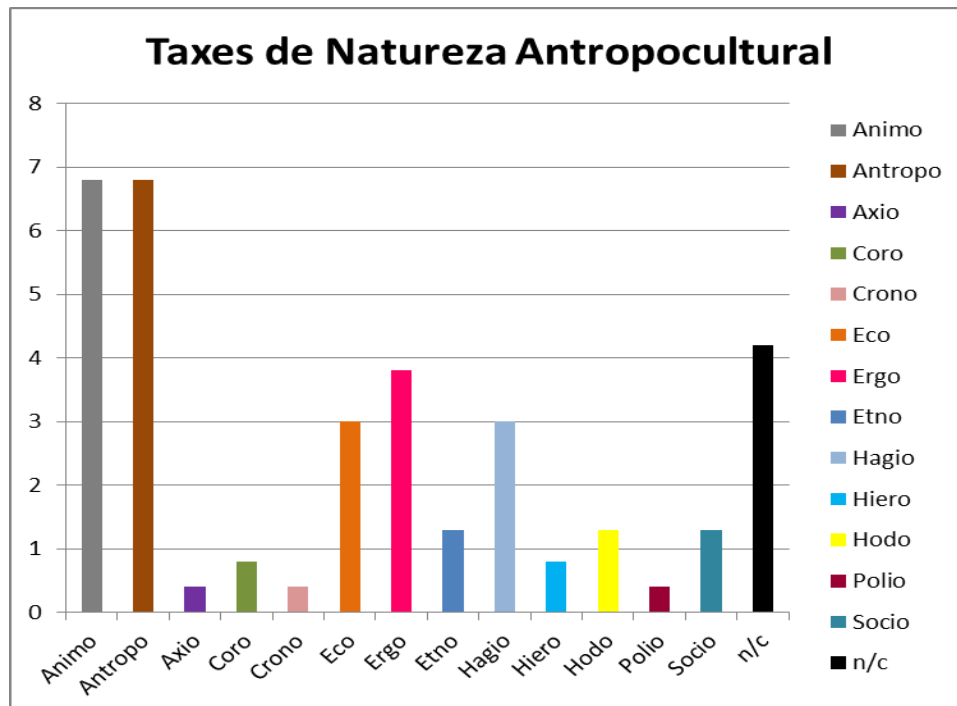


Gráfico 38: Percentuais das taxes de Natureza Antropocultural na microrregião de Florianópolis

Observe-se que as taxas de Natureza Física, quando somadas, alcançaram um percentual de 65,4%, enquanto que as de Natureza Antropocultural somam, juntas, 30,1%. Não foram classificados 4,2% dos Hidrônimos constantes em tal documento.

No que toca à origem dos Topônimos analisados na microrregião de Florianópolis, veja-se o gráfico que se segue:

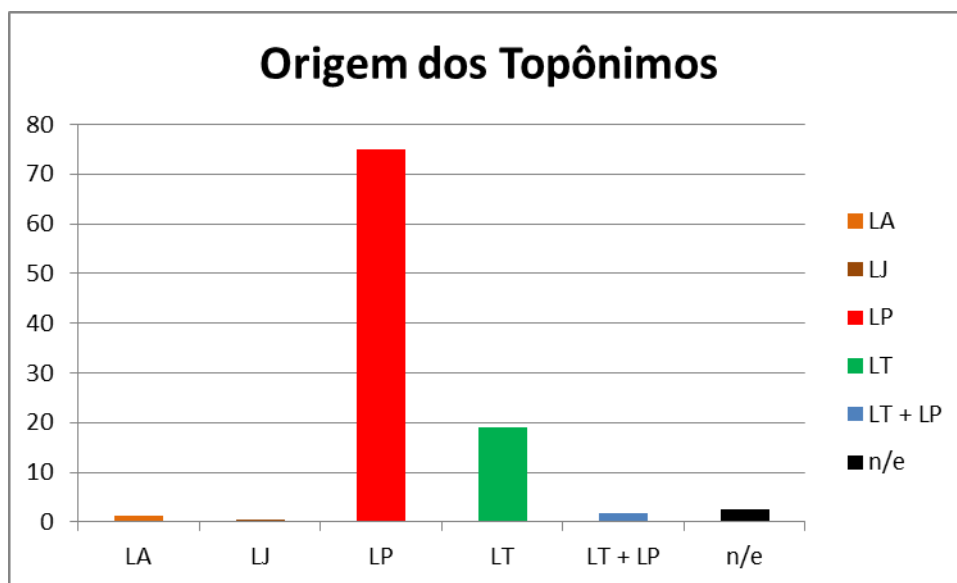


Gráfico 39: Percentuais da Origem dos Topônimos na microrregião de Florianópolis

No gráfico 39, o percentual de Topônimos de origem portuguesa (75%) foi superior ao de línguas indígenas (LT e LJ), com 19,4%. Além destes, foram encontrados os seguintes percentuais: LA 1,3% e LT + LP 1,7%. Não foi encontrada a origem de 2,5% dos Topônimos.

Quanto à estrutura dos Topônimos constantes na microrregião do Alto Médio Gurgueia, teve-se a prevalência de nomes simples (205 ocorrências, o que equivale a 86,8%); seguidos de nomes compostos (27 ocorrências, o que equivale a 11,4 %) e nomes compostos híbridos (04 ocorrências, o que equivale a 1,7%).

5.2.10 Microrregião de São Raimundo Nonato (mesorregião Sudoeste)

Na microrregião de São Raimundo Nonato, há a relação de 397 elementos geográficos, distribuídos entre rios, córregos, ribeiras, lagoas e riachos (com predomínio quantitativo destes dois últimos). A classificação destes, em taxas, fora apresentada na seção 4.1. As taxas

de Natureza Física encontradas foram as seguintes: Cardino 3,3%; Dimensio 1,5%; Fito 16,4%; Geomorfo 10,3%; Hidro 9,3%; Lito 5,8%; Meteoro 0,3%; Morfo 0,3% e Zoo 12,8%. As taxes de Natureza Antropocultural encontradas foram as que se seguem: Animo 6%;Antropo 13,4%; Axio 0,3%; Coro 1%; Crono 0,5%; Dirremato 0,5%; Eco 1,5%; Ergo 3,5%; Etno 1,3%; Hagio 2,5%; Hiero 0,8%; Hodo 0,8%; Socio 0,8% e Somato 0,5%. As taxes não classificadas perfizeram um percentual de (6,8%).

Os percentuais das taxes de Natureza Física ocorrentes na microrregião de São Raimundo Nonato podem ser visualizados no gráfico abaixo:

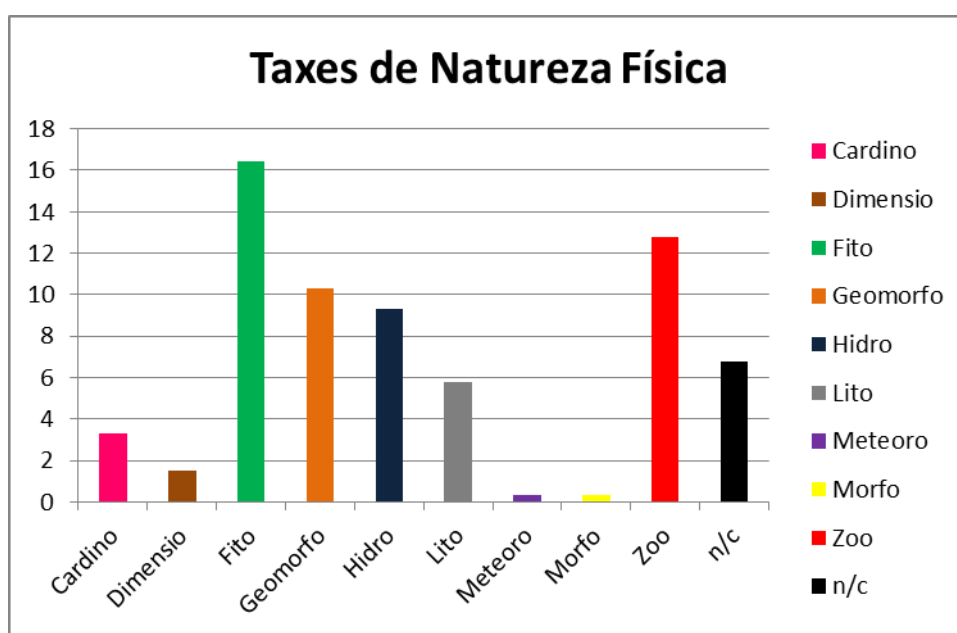


Gráfico 40: Percentuais das taxes de Natureza Física na microrregião de São Raimundo Nonato

Os percentuais das taxes de Natureza Antropocultural, por seu turno, constam no gráfico abaixo:

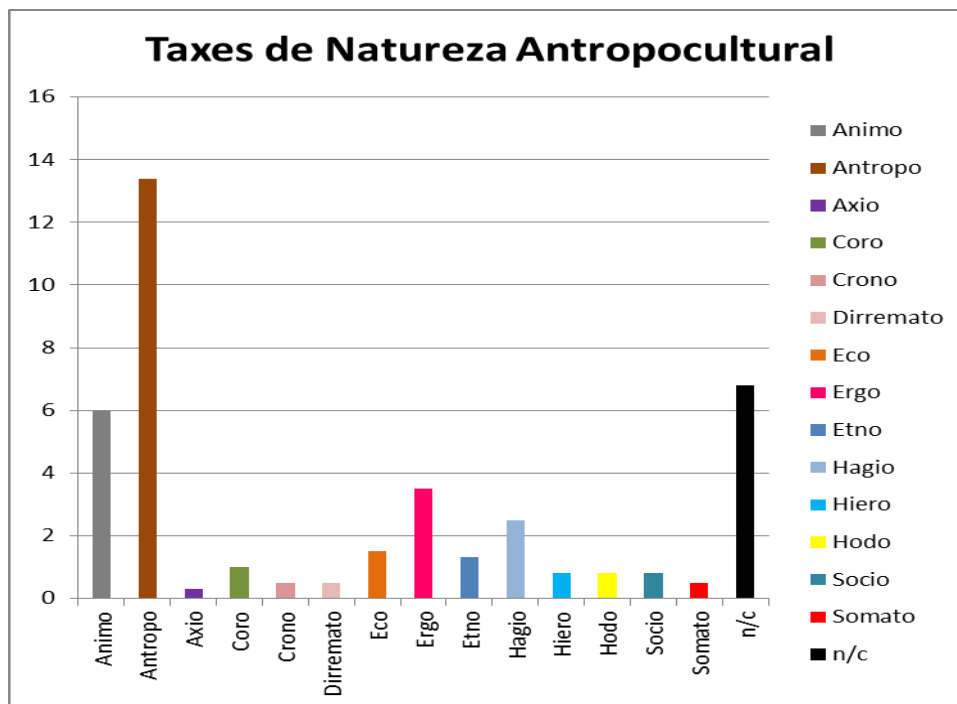


Gráfico 41: Percentuais das taxas de Natureza Antropocultural na microrregião de São Raimundo Nonato

Observe-se que as taxas de Natureza Física, quando somadas, alcançaram um percentual de 60%, enquanto que as de Natureza Antropocultural somam, juntas, 33,2%. Não foram classificados 6,8% dos Hidrônimos constantes em tal documento.

No que toca à origem dos Topônimos analisados na microrregião de São Raimundo Nonato, veja-se o gráfico que se segue:

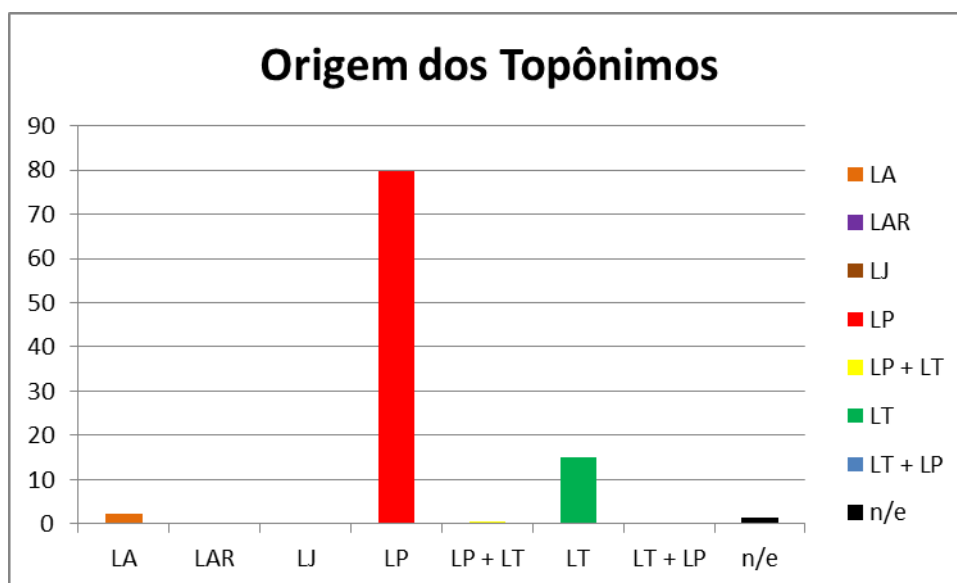


Gráfico 42: Percentuais da Origem dos Topônimos na microrregião de São Raimundo Nonato

No gráfico 42, o percentual de Topônimos de origem portuguesa (79,8%) foi superior ao de línguas indígenas (LAR, LT e LJ), com 15,7%. Além destes, foram encontrados os seguintes percentuais: LA 2,3%; LP + LT 0,5 % e LT + LP 0,3%. Não foi encontrada a origem de 1,5% dos Topônimos.

Quanto à estrutura dos Topônimos constantes na microrregião do Alto Médio Gurgueia, teve-se a prevalência de nomes simples (338 ocorrências, o que equivale a 85,1%); seguidos de nomes compostos (56 ocorrências, o que equivale a 14,1%) e nomes compostos híbridos (03 ocorrências, o que equivale a 0,8%).

5.2.11 Considerações sobre as seis microrregiões da mesorregião Sudoeste

No que diz respeito à mesorregião Sudoeste, é possível tecer alguns comentários quanto às maiores ocorrências de algumas taxes, tanto as de Natureza Física quanto as de Natureza Antropocultural.

Em todas as seis microrregiões da mesorregião Sudoeste, a taxa de Natureza Física mais prevalente é, invariavelmente, a taxa **Fito**, com percentuais que variam de 16,4% a 25%. As outras taxes de Natureza Física mais frequentes, e que são comuns a todas as seis microrregiões, só que com diferenças quanto à prevalência, são: **Zoo**; **Hidro** e **Geomorfo**.

A Taxe **Zoo**, por exemplo, figura como a segunda mais representativa, nas microrregiões de Bertolândia, Floriano e São Raimundo Nonato. Nestas três microrregiões, as taxes **Hidro** e **Geomorfo** apresentam percentuais muito próximos e às vezes até iguais. Quanto às taxes de Natureza Antropocultural, é possível perceber a recorrência das taxes **Animo** e **Antropo**, com os maiores percentuais nas três microrregiões citadas. Além destas taxes, são recorrentes ainda: **Ergo**, **Eco** e **Hagio**. Chama a atenção o alto percentual, na microrregião de São Raimundo Nonato, da taxa **Antropo** (13,4%). Este alto percentual da taxa **Antropo** passa a fazer mais sentido se se leva em conta o que será discutido no tópico **5.5.3**, a seguir, pois, é justamente a microrregião de São Raimundo Nonato a que apresenta, dentre todas as outras, o maior percentual (18%) de sintagmas toponímicos preposicionados em que há a indicação de ‘posse’, o que, via de regra, ocorre quando o Topônimo propriamente dito é um nome próprio de pessoa. A observação de natureza histórica (conflitos agrários), feita à frente, tem a finalidade justificar esse alto percentual.

As microrregiões de Bertolândia, Floriano e São Raimundo Nonato apresentam, pois, comportamento parecido no que tange à ocorrência das taxes mais prevalentes, tanto as de Natureza Física quanto as de natureza Antropocultural. Geograficamente, estas três

microrregiões são aquelas que se localizam na porção mais setentrional da mesorregião Sudoeste. Quanto às origens, os percentuais de Topônimos de origem portuguesa, para as três microrregiões retromencionadas, são: 72,6% (Bertolândia); 75% (Floriano) e 79,8% (São Raimundo Nonato); os de origem indígena são: 21,5% (Bertolândia); 19,4% (Floriano) e 15,7% (São Raimundo Nonato). Quanto à estrutura morfológica, prevalecem os nomes simples, seguidos dos compostos e compostos híbridos: a) Floriano (SIMPLES: 86,8%; COMPOSTO: 11,4% e COMPOSTO HÍBRIDO: 1,7%); b) Bertolândia (SIMPLES: 87,9%; COMPOSTO: 10,5% e COMPOSTO HÍBRIDO: 1,6%) e São Raimundo Nonato (SIMPLES: 85,1%; COMPOSTO: 14,1% e COMPOSTO HÍBRIDO: 0,8%).

As microrregiões das Chapadas do Extremo Sul, do Alto Parnaíba e do Médio Gurgueia, por sua vez, apresentam em comum com as outras três microrregiões, no caso das taxes de Natureza, as mesmas taxes (**Fito**, **Hidro**, **Geomorfo** e **Zoo**), só que em ordem de prevalência diferente, principalmente para a taxe **Hidro**. Esta passa, no caso destas três microrregiões, à segunda em frequência. Quanto às taxes de Natureza Antropocultural, a mais prevalente, nos três casos, é a taxe **Antropo**. Quanto às origens, os percentuais de Topônimos de origem portuguesa, para as três microrregiões retromencionadas, são: 78% (Alto Médio Gurgueia); 77,2% (Alto Parnaíba) e 80,6% (Chapadas do Extremo Sul); os de origem indígena são: 16,2% (Alto Médio Gurgueia); 19% (Alto Parnaíba) e 13,3% (Chapadas do Extremo Sul). Quanto à estrutura morfológica, prevalecem os nomes simples, seguidos dos compostos e compostos híbridos: a) Alto Médio Gurgueia (SIMPLES: 78,2%; COMPOSTO: 17,9% e COMPOSTO HÍBRIDO: 3,8%); b) Alto Parnaíba (SIMPLES: 84,8%; COMPOSTO: 14,3% e COMPOSTO HÍBRIDO: 0,9%) e Chapadas do Extremo Sul (SIMPLES: 78%; COMPOSTO: 18,6% e COMPOSTO HÍBRIDO: 3,4%).

Com o exposto, fica claro que, mesmo entre as seis microrregiões da mesorregião Sudoeste, há algumas diferenças que merecem ser comentadas e explicadas. Sobre as microrregiões de Bertolândia, Floriano e São Raimundo Nonato, já se mencionou a contiguidade geográfica entre elas, o que talvez explique o padrão de ocorrência das taxes, que se mostra, se comparado com o das microrregiões das Chapadas do Extremo Sul, do Alto Parnaíba e do Alto Médio Gurgueia, diferente, principalmente no que toca à maior frequência da taxe **Hidro**, a qual, nestas três últimas, figura sempre como a de segundo maior percentual. A razão para essa maior ocorrência deve-se mesmo à influência dos dois maiores cursos d'água (Gurgueia e Parnaíba) e seus afluentes no quadro onomástico destas três microrregiões. Observe-se, ainda, agora no caso da taxe **Antropo**, a de maior percentual nas microrregiões Chapadas do Extremo Sul, do Alto Parnaíba e do Alto Médio Gurgueia, que é

ela também que figura isoladamente como a de maior frequência em São Raimundo Nonato, que é a microrregião mais ao sul das três mais setentrionais, o que talvez possa sugerir um *continuum* entre a mesorregião Sudeste e Sudoeste, em que a microrregião de São Raimundo Nonato talvez figure como que numa transição entre as microrregiões das duas mesorregiões. Essa ideia de *continuum* será revisitada no tópico de comparação entre as mesorregiões Sudeste e Sudoeste.

Uma vez feitos os comentários sobre os dados das seis microrregiões da mesorregião Sudoeste, passe-se ao comentário de aspectos relevantes quando da comparação entre as duas mesorregiões.

5.2.12 Considerações sobre as mesorregiões Sudeste e Sudoeste

As três microrregiões da mesorregião Sudeste do Piauí apresentam, como taxas mais prevalentes, as **Zoo**, **Hidro** e **Geomorfo**. Observe-se que este padrão é bastante semelhante àquele encontrado para as microrregiões de Bertolândia, Floriano e São Raimundo Nonato (Sudoeste), ou seja, as três microrregiões da mesorregião Sudeste tem, quanto à ocorrência destas taxas, inclusive quanto à ordem de prevalência, comportamento análogo ao das três microrregiões da mesorregião Sudoeste citadas, o que permite ensejar a ideia de *continuum*, que vai das três microrregiões da mesorregião Sudeste, na qual a taxa **Hidro** não figura como a segunda mais frequente, passando pelas microrregiões de Bertolândia, Floriano e São Raimundo Nonato, nas quais a taxa **Hidro** também não figura como a segunda mais frequente, chegando às microrregiões do Alto Médio Parnaíba, das Chapadas do Extremo Sul e Alto Médio Gurgueia, nas quais a taxa **Hidro** passa a ser a segunda mais frequente, em razão do que já se explicou oportunamente. Aceita esta assertiva, parece evidente a influência do meio (presença e influência dos grandes cursos d'água no caso das microrregiões do Alto Médio Parnaíba, das Chapadas do Extremo Sul e do Alto Médio Gurgueia) no painel onomástico diferenciado das duas mesorregiões no tange à ocorrência da taxa **Hidro**.

Não se deve olvidar que tem papel preponderante na ocorrência diferenciada da taxa **Hidro** na mesorregião Sudeste e parte da Sudoeste (Bertolândia, Floriano e São Raimundo Nonato) o fato de elas estarem sob o regime climático do tipo semiárido em sua quase totalidade. Sobre isto, deve acrescentar que é possível, ainda, traçar um outro paralelo entre as duas mesorregiões com base, então, no tipo climático e no bioma predominante em cada uma

delas. Este outro paralelo pode permitir que se trace uma correlação entre área toponímica e área geográfica, uma vez que a mesorregião Sudeste está, predominantemente, sob o regime climático semiárido e inserida no bioma caatinga, e a mesorregião Sudoeste está, mais sobejamente, sob a influência do regime climático tropical e inserida no bioma cerrado. A fim de buscar tal correlação, e, a partir do que se constatou como representativo no *corpus*, elegeu-se o item florístico Buriti, que é exemplar para diferenciação das duas mesorregiões, haja vista que essa palmeira é mais facilmente encontrada em ambientes com abundante presença de água, donde, pelo que já se expôs, se pode imaginar que a frequência de ocorrência talvez seja maior na mesorregião Sudoeste, tanto pelo regime climático, quanto pela presença dos maiores cursos d'água e pela predominância do bioma cerrado.

Na mesorregião Sudeste, pois, foram encontradas as seguintes ocorrências para Buriti: a) Microrregião de Picos: Riacho do Buriti do Meio; Riacho do Buriti Grande; Riacho Buriti Redondo; b) Microrregião de Pio IX: nenhuma ocorrência; b) Microrregião do Alto Médio Canindé: Lagoa do Buriti.

Na mesorregião Sudoeste, por seu turno, foram encontradas as seguintes ocorrências para Buriti: a) Microrregião de Bertolândia: Riacho do Buriti; Riacho do Buriti Grande; Riacho do Buritizinho; b) Microrregião de Floriano: Riacho Buriti; Riacho Buriti Grande; Riacho do Buriti; Riacho Buritizinho; Riacho do Buritizinho e c) Microrregião de São Raimundo Nonato: Riacho do Buriti.

Nas três últimas microrregiões da mesorregião Sudoeste, foram encontradas as seguintes ocorrências para Buriti: a) Microrregião do Alto Médio Gurgueia: Brejo Buriti; Lagoa do Buriti; Brejo do Buriti Bravo; Riacho do Buriti Bravo; Riacho Buriti do Meio; Riacho do Buriti Escuro; Brejo Buriti Grande; Riacho Buriti Grande; Riacho do Buriti Grande; Riacho Buritizinho; Riacho do Buritizinho; b) Microrregião do Alto Parnaíba: Riacho Buriti; Riacho do Buriti Grande; Riacho da Buritirana; Riacho do Buritizinho e c) Microrregião das Chapadas do Extremo Sul: Brejo Buriti; Córrego do Buriti; Brejo Buriti do Meio; Riacho Buriti do Meio; Riacho Buriti Grande; Brejo Buritizal Grande; Córrego Buritizinho; Riacho Buritizinho.

A simples listagem que se fez permite visualizar a maior ocorrência do Topônimo Buriti, à medida que se avança em direção ao sul do Estado, ou dito de outro modo, na parte em que o regime climático é predominantemente do tipo semiárido e o bioma é a caatinga (mesorregião Sudeste), a frequência com que o ocorre o Topônimo é bem reduzida, chegando, inclusive, a não ocorrer. Observe-se que ocorrência na mesorregião Sudoeste se dá de modo diferenciado, ou seja, para as microrregiões de Bertolândia, Floriano e São Raimundo Nonato a

ocorrência de Buriti é bem menos sentida do que nas microrregiões do Alto Médio Gurgueia, das Chapadas do Extremo Sul e do Alto Parnaíba. Essa diferença, mesmo entre as microrregiões da mesorregião Sudoeste, corrobora a tese do *continuum*, já aventada para a ocorrência da taxa **Hidro**. Nas microrregiões de Bertolândia, de Floriano e de São Raimundo Nonato, pois, parece estar em uma faixa de transição entre as microrregiões da mesorregião Sudeste e as outras três da mesorregião Sudoeste.

Após os comentários sobre dos dados de todas as microrregiões das mesorregiões Sudeste e Sudoeste do Piauí, busca-se, no próximo tópico, estabelecer possíveis comparações entre dados pretéritos e contemporâneos.

5.3 Dados pretéritos e presentes: algumas comparações possíveis

Nesta seção, serão comparados os resultados das seções anteriores, de modo a se estabelecer possíveis relações e diálogos entre os dados como um todo.

O painel geral para as fontes antigas, como já se teve a oportunidade de discutir, é, por assim, de caráter zoológico e hidrológico, o que se dá por meio da prevalência das taxas dos Zootopônimos e dos Hidrotopônimos, respectivamente.

No caso das fontes contemporâneas, prevalece a índole vegetal, por meio da alta frequência da taxa dos Fitotopônimos. Outra observação geral diz respeito à distribuição das taxas, que se dá de modo mais irregular porque concentrada em poucas taxas, nas fontes antigas, e mais regular, porque mais distribuída entre várias taxas, no caso das fontes contemporâneas.

Para além dessas constatações gerais, chamou a atenção, como dado novo, no caso dos dados contemporâneos, se comparados com os dados pretéritos, a alta frequência, nesta pesquisa, da estrutura sintagmática do tipo: *elemento Geográfico + prep. DE + Topônimo*. Essa alta frequência, por si só, motivou a discussão destes casos. Por essa razão, passa-se, de agora em diante, a tecer algumas considerações sobre este tipo de estrutura em particular, buscando correlacioná-la a papéis semânticos depreendidos da Análise, uma vez que tais papéis parecem ter uma importante função na configuração de grupos semânticos nos quais se tenha a preposição em tela.

5.3.1 O Sintagma Toponímico Preposicionado (*DE*) e alguns papéis semânticos

Da análise do *corpus*, mormente ao se comparar os dados pretéritos com os contemporâneos, como já se disse, chamou a atenção, no caso destes últimos, a frequência significativa de sintagmas toponímicos com a seguinte: *estrutura elemento geográfico + prep. DE + Topônimo* (Lagoa do Gavião; Riacho da Gameleira; Riacho do Maurício, só para citar alguns). Tal fato motivou a discussão destes casos, o que, por sua vez, leva à breve discussão de alguns valores semânticos expressos pela preposição ‘de’. Sobre isso, Neves (2000, p. 653) afirma que “O sintagma formado pela **preposição DE + sintagma nominal** é um dos argumentos do nome **valencial** (predicador) e, assim, pode exercer **vários papéis semânticos** em relação ao nome predicador” (grifos nossos). Sobre esses papéis semânticos, tornou-se consensual que os estudos linguísticos interessados no tema ainda não esgotaram as possibilidades de ocorrência e denominação de tais papéis. Esta ressalva autorizará, a seguir, a proposição, nesta pesquisa, de um papel semântico em particular.

Neves (2000, pp. 660 a 665) apresenta, para o caso do sintagma formado pela preposição ‘de’, uma subclassificação (“A **preposição DE** estabelece relações semânticas no **sintagma nominal (adjunto adnominal): nome avalente + DE + sintagma nominal**”) que interessa a esta pesquisa. Dos casos arrolados, podem-se mencionar os seguintes, com exemplos da própria autora:

- 1) Relação de posse (ex.: “E o **gado DO senhor**, bem ‘empastado’ como é. (BS)”).

Para esta pesquisa, aos casos análogos ao do exemplo acima será atribuído o papel semântico de ‘posse’, conjuntamente ao papel semântico ‘denominação’, abaixo discutido. Note-se que a relação de posse, ainda com Neves, é de outra ordem da relação de pertença. Sobre esta, veja-se:

- 2) Relação de pertença (ex.: “Olha dentro dos **olhos DE Hans**. (P)”).

Outro papel semântico que interessa a esta pesquisa, e no qual se enquadra a totalidade Topônimos, pela própria função destes, é o de ‘denominação’, exemplificado, abaixo:

- 3) Denominação (ex.: “Há cinqüenta e seis anos penso bem do excelente velho, cada vez que passo à porta do consultório: era no **Largo DA Carioca**. (CF)”).

Um último papel semântico que se pode mencionar, para os fins desta pesquisa, ainda com Neves, é:

4) Localização espacial (ex.: José sentava-se à **mesa DO fundo** (CE))

A partir de 1, 3 e 4, serão propostos os grupos A, C e D. O grupo B, além do papel semântico geral de ‘denominação’, receberá outro, a saber: o de ‘presencialidade’/ ‘existencialidade’.

O **grupo A** é o grupo em que só é possível cotejar o papel semântico geral de ‘denominação’.

No **grupo B**, enquadram-se os casos em que se têm tanto o papel comum de ‘denominação’ quanto o de ‘presencialidade’/ ‘existencialidade’ (este papel, se assim pode ser chamado, não encontra guarita na proposta de Neves, de modo a ser uma proposição do autor desta pesquisa), mas, entende-se, aqui, que os casos dispostos nesta categoria, satisfazem à fórmula: Lugar (Rio, Riacho, Lagoa etc.) onde está ou pode estar ‘presente’ (ou ter estado presente) ou onde ‘existe’ ou pode existir (ou pode ter existido) algo ou alguma coisa.

No **grupo C**, estão os casos de sintagmas toponímicos que indicam tanto ‘denominação’ quanto ‘espacialidade’.

No **grupo D**, estão os casos de sintagmas toponímicos que indicam tanto ‘denominação’ quanto ‘posse’. A fórmula para estes casos é: Lugar (Rio, Riacho, Lagoa etc.) que é da ‘posse’ de alguém.

O agrupamento que se propõe não se pretende conclusivo, haja vista, sobretudo, não haver ainda, nos estudos toponímicos, uma tentativa mais sistematizada de correlacionar as estruturas sintagmáticas com papéis semânticos, de modo que o que se segue é tão somente uma primeira tentativa de correlação e, por isso mesmo, mais propensa a críticas e reformulações.

Pela própria função denominativa de um Topônimo, adianta-se que todos os Topônimos, com estrutura preposicionada ou não, receberam, de antemão, a atribuição do papel semântico ‘denominação’ e, cumulativamente, outro papel semântico qualquer que se possa depreender da análise, como os acima descritos.

Nas fontes pretéritas a estrutura sintagmática com preposição **DE**, assim se distribui:

5.4 Fontes Pretéritas

5.4.1 Em a *Descrição*, de Miguel de Carvalho (1697)

Nos 35 (trinta e cinco) elementos geográficos catalogados, não há uma ocorrência sequer com a estrutura preposicionada mencionada.

5.4.2 Na *Carta Geografica da capitania do Piauí* (1760)

Nos 39 (trinta e nove) elementos geográficos catalogados, há 07 (sete) ocorrências, distribuídas, conforme a proposta acima, nos seguintes grupos:

- A) Rio de São João; Rio de São José³⁸³. Rio do Fasto³⁸⁴
- B) Rio da Onça; Riacho do Pasto; Rio da Prata.
- C) Rio do Gentio.

Percentualmente, as ocorrências em que figura a preposição **DE** perfizeram um total de **17,9%**, distribuídas nos três grupos acima.

5.4.3 Na *Carte Geographique de Piauí, province de l'Empire du Bresil* (...) (1828)

Nos 34 (trinta e quatro) elementos geográficos catalogados, há 03 (três) ocorrências, distribuídas, conforme a proposta acima, nos seguintes grupos:

- A) Rio do Mijo
- B) Rio da Onça; Rio da Prata

Percentualmente, as ocorrências em que figura a preposição **DE** perfizeram um total de **8,8%**.

³⁸³ Os nomes de santos serão classificados no grupo A, no qual figura tão somente o papel semântico de ‘denominação’, em razão de não se vislumbrar, nestes casos, tanto a atribuição de ‘presencialidade’ quanto a de ‘posse’.

³⁸⁴ Uma variante de *fausto*, que no *DeHlp*, significa: “grande pompa, luxo, ostentação”.

5.4.4 Na *Carta Corográfica das Províncias do Maranhão e Piauí* (...) (1855)

Nos 21 (vinte e um) elementos geográficos catalogados, há 01 (uma) ocorrência, distribuída, conforme a proposta acima, no seguinte grupo:

B) Rio da Prata

Percentualmente, as ocorrências em que figura a preposição **DE** perfizeram um total de **4,8%**.

5.4.5 No mapa *Estado do Piauí* (1913)

Nos 47 (quarenta e sete) elementos geográficos catalogados, há 05 (cinco) ocorrências, distribuídas, conforme a proposta acima, nos seguintes grupos:

B) Rio do Boi Pintado; Riacho das Guaribas; Lagoa da Onça; Riacho de Parnaguá

C) Riacho do Meio

Percentualmente, as ocorrências em que figura a preposição **DE** perfizeram um total de **10,6%**.

Com relação aos dados contemporâneos, segue a lista, por microrregião, de sintagmas toponímicos com a estrutura supracitada, separados nos quatro grupos propostos.

5.5 Fontes Contemporâneas

5.5.1 Mesorregião Sudeste

5.5.1.1 Microrregião de Picos

Do total geral de 187 (cento e oitenta e sete) elementos geográficos catalogados, seguem-se as ocorrências dos sintagmas toponímicos com preposição **DE**, as quais estão separadas de acordo com os quatro grupos propostos:

- A) Riacho do Aceno; Riacho da Boa Vista; Riacho da Cacunda; Riacho do Cansado; Riacho do Consolo; Riacho do Corrente; Riacho da Corrente; Riacho do Engano; Lagoa do Forte; Riacho do Governo; Riacho do Inferno; Riacho do Matinado; Riacho do Pobre.
- B) Riacho do Angico Branco; Riacho da Areia; Riacho do Arraial; Riacho da Baixa; Riacho da Baixa Velha; Riacho da Bananeira; Lagoa dos Banguês; Riacho da Barrinha; Lagoa do Barro; Riacho da Bica; Riacho do Brejo; Riacho do Buriti do Meio; Riacho do Buriti Grande; Riacho das Cabaças, Riacho da Cabra; Riacho da Cajazeira; Riacho do Caju; Lagoa do Cajueiro; Lagoa do Caldeirão; Lagoa do Carcará; Riacho do Carcará; Lagoa da Carnaíba; Riacho do Carnaúba; Riacho das Carreiras; Riacho da Casa Nova; Riacho do Cercado; Riacho do Cocal; Riacho do Coco; Lagoa das Craíbas; Riacho do Croata; Lagoa do Currais; Lagoa da Estrada; Riacho do Estreito; Lagoa da Feitoria; Lago da Flor; Lagoa da Flor; Riacho da Formiga; Riacho do Gado Bravo; Riacho da Gameleira; Riacho do Grotão; Lagoa do Jacaré; Riacho do Juá; Lagoa do Junco; Riacho das Lajes; Riacho dos Macacos; Lagoa da Marreca; Lagoa do Mato; Riacho da Melancia; Lagoa dos Mirorós; Riacho do Mocambo; Lagoa do Mocambo; Riacho da Mocha; Riacho dos Patos; Riacho das Pedras; Lagoa das Pedras; Lagoa do Pilões; Riacho da Pinga; Riacho do Porco; Lagoa da Porta; Riacho da Prata; Riacho do Quartel; Riacho da Queimada; Riacho do Riachão; Riacho do Saco; Riacho das Salinas; Riacho do Salitre; Riacho da Serra; Lagoa do Sítio; Riacho das Tabocas; Lagoa do Tabuleiro; Riacho do Tanque; Riacho da Tapera; Ribeira da Tranqueira; Lagoa da Tranqueira; Brejo do Tucano; Riacho do Umbuzeiro; Riacho do Urucu; Lagoa da Vacaria; Lagoa dos Veados; Riacho da Vereda.
- C) Lagoa do Canto; Riacho do Canto; Lagoa de Dentro; Lagoa de Fora; Lagoa do Meio; Riachão do Meio.
- D) Lagoa do Damião; Lagoas dos Marcelinos; Riacho da Margarida; Lagoa dos Pereiras; Riacho do Pinto; Riacho do Pires; Riacho do Prado; Riacho do Choupeiro³⁸⁵; Riacho do Mulato; Lagoa do Vigário.

³⁸⁵ A indicação de posse parece mais evidente no caso em que o topônimo é um nome próprio de pessoa (traço semântico + *agentivo*). Por essa razão, preferir-se-á atribuir papel semântico de ‘posse’ principalmente para os casos em que se tenham nomes próprios de pessoa, alcunhas, apelidos etc. ou para outros casos em que os nomes podem apresentar traço semântico + *agentivo*.

Dos 187 elementos geográficos catalogados, 109, ou **58,3%**, apresentam estrutura sintagmática com preposição **DE**. A distribuição percentual por grupo é a seguinte: grupo **A** (13 ocorrências, ou, **11,9%**); grupo **B** (80 ocorrências, ou, **73,4%**); grupo **C** (06 ocorrências, ou, **5,5%**) e grupo **D** (10 ocorrências, ou, **9,2%**).

5.5.1.2 Microrregião de Pio IX

Do total geral de 137 (cento e trinta e sete) elementos geográficos catalogados, seguem-se as ocorrências dos sintagmas toponímicos com preposição **DE**, as quais estão separadas de acordo com os quatro grupos propostos:

- A) Riacho do Alegre; Riacho do Carrancudo; Lagoa do Encanto; Lagoa do Espírito Santo; Riacho do Exu; Riacho do Gurgueia; Lagoa do Macapá; Lagoa do Pão Preto; Lagoa da Perdição; Riacho da Salamanca; Riacho de São João.
- B) Riacho da Água Branca; Lagoa do Alagadiço; Riacho do Angico; Lagoa do Arroz; Riacho da Braúna; Riacho da Baraúna; Riacho da Barauninha; Lagoa do Boi; Riacho do Boi; Riacho da Cabana; Riacho da Cachoeira Grande; Lagoa do Cachorro; Riacho da Caiçara; Lagoa do Cajueiro; Lagoa da Carnaúba; Riacho da Catingueira; Riacho do Catolé; Lagoa do Cedro; Riacho do Coco; Riacho dos Cocos; Riacho das Contas; Riacho do Cordão; Lagoa da Coroa; Riacho da Cruz; Lagoa da Ema; Riacho das Favelas; Lagoa da Gameleira; Riacho da Garapa; Riacho da Garganta; Lagoa do Gavião; Riacho do Graúno; Riacho da Ilha; Riacho do Inharé; Lagoa da Jiquitaia; Riacho da Lagoa do Rocha; Riacho do Lambedor; Riacho das Latadas; Riacho da Madeira Cortada; Lagoa do Mato; Riacho do Miroró; Riacho do Mulungu; Lagoa do Pau Ferro; Lagoa do Pau-de-Ferro; Lagoa da Pedra; Lagoa das Pedras; Riacho da Picada; Riacho da Pitombeira; Riacho do Poço Escuro; Lagoa das Pombas; Lagoa do Pombo; Riacho da Raposa; Riacho do Recanto; Riacho do Retiro; Riacho do Riachão; Riacho do Saco; Riacho da Samambaia; Riacho do Salgado; Riacho da Salina; Lagoa da Seriema; Riacho da Serragem; Riacho da Taboca; Riacho do Tanque; Riacho do Tanque Novo; Riacho da Tapagem; Riacho do Tigre; Riacho do Umbuzeiro; Lagoa do Xique-Xique.
- C) Lagoa do Canto; Lagoa de Dentro; Lagoa do Meio.

D) Lagoa dos Agostinhos; Riacho do Bandeira; Riacho do Choupeiro; Riacho do Empregado; Riacho do Mandu; Riacho do Maurício; Riacho do Mercador; Riacho do Pai João; Lagoa dos Pedros; Riacho do Silveira; Riacho da Soledade.

Dos 137 elementos geográficos catalogados, 92, ou **67,1%**, apresentam estrutura sintagmática com preposição **DE**. A distribuição percentual por grupo é a seguinte: grupo **A** (11 ocorrências, ou, **12%**); grupo **B** (67 ocorrências, ou, **73,6%**); grupo **C** (03 ocorrências, ou, **3,3%**) e grupo **D** (11 ocorrências, ou, **12%**).

5.5.1.3 Microrregião do Alto Médio Canindé

Do total geral de 356 (trezentos e cinquenta e seis) elementos geográficos catalogados, seguem-se as ocorrências dos sintagmas toponímicos com preposição **DE**, as quais estão separadas de acordo com os quatro grupos propostos:

A) Riacho da Boa Vista; Riacho do Bonito; Riacho do Cachê; Riacho da Caipora; Riacho dos Canutos; Lagoa dos Canutos; Riacho do Condado; Riacho da Corimã; Lagoa do Encanto; Lagoa do Espadado; Lagoa do Exu; Lagoa da Fome; Riacho da Fome; Lagoa do Guarani; Riacho do Inferno; Lagoa de Jaicós; Lagoa do Macapá; Riacho do Mancinho; Riacho da Mineração; Lagoa do Odro; Lagoa da Perdição; Riacho da Salgadinha; Riacho do Salgado; Riacho de Santa Rita; Riacho de São Domingos; Riacho de São João; Riacho do Socorro.

B) Riacho da Água Suja; Lagoa do Aguapé; Lagoa do Alagadiço; Lagoa do Alagadiço Grande; Lagoa do Alagadiço Pequeno; Riacho do Angico; Riacho do Araçá; Riacho da Arara; Lagoa da Areia; Lagoa do Arroz; Lagoa da Baixa; Riacho da Baixa; Riacho do Baixio; Lagoa da Bananeira; Riacho da Barranca do Padre; Lagoa da Barrinha; Lagoa do Barro; Riacho do Barro; Lagoa do Barro Branco; Lagoa do Barro do Piauí; Lagoa do Barro Duro; Lagoa do Boi; Lagoa do Boi Velho; Lagoa da Boiada; Lagoa do Boqueirão; Riacho do Boqueirão; Riacho das Braúnas; Riacho do Brejo; Lagoa do Buriti; Riacho da Cachoeira; Riacho da Cachoeira Grande; Lagoa do Cachorro; Riacho das Cacimbas; Lagoa da Caiçara; Lagoa do Cajazeiro; Lagoa do Campo Largo; Lagoa da Canafístula; Riacho das Canas; Lagoa do Capim; Riacho

da Capivara; Riacho das Caraíbas; Lagoa da Carnaíba; Riacho do Carnaíba; Lagoa da Carnaúba; Lagoa do Castanheiro; Riacho da Catingueira; Riacho do Catolé; Lagoa dos Cavalos; Lagoa da Chapada; Lagoa da Colina; Riacho do Cipoal; Riacho da Corda; Lagoa do Currais; Lagoa do Curral Queimado; Lagoa do Curral Velho; Lagoa do Curralinho; Lagoa do Espinheiro; Riacho das Favelas; Lagoa do Feijão; Lagoa do Fogo; Riacho da Gambá; Riacho da Gameleira; Riacho da Gangorra; Riacho do Garrote; Lagoa do Gavião; Riacho do Gavião; Riacho do Grajaú; Riacho do Graúno; Riacho do Gravatá; Riacho do Iguatu; Riacho do Imbuzeiro; Lagoa da Ipueira; Riacho do Jacu; Lagoa do Jatobá; Lagoa da Jiquitaia; Riacho do Juazeiro; Riacho do Junco; Riacho das Lajes; Lagoa do Leite; Riacho do Lambedor; Riacho da Lima; Lagoa da Língua de Vaca; Lagoas do Macacão; Riacho dos Macacos; Lagoa da Madeira Cortada; Riacho da Manga; Lagoa da Marreca; Lagoa das Marrecas; Lagoa do Mato; Lagoa da Melancia; Riacho do Minador; Lagoa do Mocambo; Riacho do Mocambo; Lagoa dos Morrinhos; Lagoa do Morro; Lagoa do Morro do Chapéu; Lagoa do Morro do Zamumba; Riacho do Morro Laranja; Riacho do Oiteiro; Riacho do Olho d'Água; Riacho da Onça; Riacho das Panelas; Lagoa de Pedra; Lagoa da Pedra; Riacho da Pedra Pintada; Lagoa das Pedras; Lagoa da Pedrinha; Lagoa do Peixe; Riacho do Peixe; Riacho dos Pereiros; Rio dos Pilões; Riacho das Pipocas; Riacho da Pitombeira; Riacho do Poção; Riacho do Poço Barreiro; Riacho do Poço Negro; Riacho das Pombas; Lagoa do Pombo; Riacho do Pontal; Lagoa da Porta; Lagoa das Queimadas; Riacho da Rancharia; Riacho da Raposa; Riacho do Riachão; Riacho do Recanto; Lagoa do Riacho de Baixo; Riacho da Roça Velha; Riacho do Saco; Lagoa da Samambaia; Lagoa da Seriema; Lagoa da Serra; Riacho da Serra; Riacho da Serrinha; Lagoa do Serrote; Riacho do Sítio; Riacho do Sobradinho; Riacho do Sobrado; Riacho da Solta; Riacho do Sumidouro; Riacho das Tabocas; Lagoa dos Talos; Riacho do Tanque; Lagoa da Tapagem; Riacho do Tigre; Lagoa do Touro; Ribeira da Tranqueira; Lagoa da Vargem; Riacho da Vargem; Riacho da Várzea; Lagoa da Várzea Grande; Riacho da Vazante; Lagoa dos Veados; Lagoa da Vereda; Riacho da Vereda Velha; Lagoa das Veredas; Lagoa da Volta; Riacho da Volta

C) Lagoa de Baixo; Riacho do Cantinho; Riacho do Canto; Lagoa de Cima; Riacho do Cume; Lagoa de Dentro; Lagoa das Extremas; Lagoa de Fora; Lagoa do Meio; Riacho da Ponta da Serra.

D) Lagoa do Alexandre; Rio do Anselmo; Riacho do Bandeira; Riacho do Caboclo; Riacho do Choupeiro; Lagoa do Ferreira; Riacho do Fidalgo; Riacho do Fraga; Lagoa do Fraga; Lagoa do Izídio; Riacho do Jorge; Lagoa da Laura; Riacho do Luís Calado; Riacho do Macário; Riacho do Magrinho; Lagoa da Maria Preta; Riacho do Mercador; Riacho do Mundico; Lagoa dos Negros; Riacho do Padre; Lagoa da Russinha; Lagoa do Sabino; Lagoa do Tapuio.

Dos 356 elementos geográficos catalogados, 216, ou **60,7%**, apresentam estrutura sintagmática com preposição **DE**. A distribuição percentual por grupo é a seguinte: grupo **A** (27 ocorrências, ou **12,5%**); grupo **B** (156 ocorrências, ou **72,2%**); grupo **C** (10 ocorrências, ou **4,6%**) e grupo **D** (23 ocorrências, ou **10,6%**).

5.5.2 Mesorregião Sudoeste

5.5.2.1 Microrregião do Alto Médio Gurgueia

Do total geral de 442 (quatrocentos e quarenta e dois) elementos geográficos catalogados, seguem-se as ocorrências dos sintagmas toponímicos com preposição **DE**, as quais estão separadas de acordo com os quatro grupos propostos:

A) Riacho do Lavarinto; Riacho da Marmelada; Riacho do Marmelada; Lagoa do Alegre; Lagoa da Altamira; Riacho do Amolar; Brejo do Arcanjo; Riacho do Baião; Riacho Boa da Vista; Riacho do Búzio; Riacho do Cabelo de Cuia; Lagoa do Cala-Boca; Riacho do Cocho; Riacho das Cornichas; Riacho do Contrato; Lagoa do Engano; Brejo da Escaramuça; Riacho da Espaduada; Riacho do Estirinho; Brejo do Forte; Riacho do Forte; Riacho do Melado; Riacho do Mija Cachorro; Riacho da Nova Olinda; Riacho do Oco; Riacho da Palestina; Riacho do Paquetá, Riacho do Pará; Riacho da Parida; Brejo da Pendenga; Riacho da Pintada; Riacho dos Prazeres; Riacho do Quilombo; Riacho do Projeto; Riacho do Recantilhado; Riacho do Sossego; Riacho da Saudade; Riacho de Santa Luz; Riacho da Santa Maria; Lagoa da Santa Rosa; Riacho do São Francisco; Riacho do São Gonçalo; Riacho do São José; Riacho do Trovoadá; Riacho da Veneza; Riacho do Xingu.

B) Brejão dos Aipins; Riacho dos Aipins; Lagoa do Alagadiço; Brejo do Angelim; Riacho do Angelim; Brejo do Angical; Brejo da Arapuca; Brejão das Araras; Lagoa da Areia; Riacho da Areia; Riacho de Areia; Riacho do Areia; Lagoa do Arraial; Brejo do Arroz; Lagoa do Arroz; Brejo do Atoleiro; Riacho da Baixa Verde; Riacho do Bamburral; Riacho da Barriguda; Lagoa do Barro; Riacho do Barro Alto; Riacho do Barro Preto; Lagoa do Barro Preto; Riacho do Barrocoão; Lagoa do Boi; Brejo dos Bois; Riacho dos Bois; Lagoa do Boqueirão; Riacho do Boqueirão; Riacho do Boqueirão da Enseada; Riacho do Brejão; Riacho do Brejão dos Aipins; Lagoa do Brejo; Riacho do Brejo; Lagoa do Buriti; Brejo do Buriti Bravo; Riacho do Buriti Bravo; Riacho do Buriti Escuro; Riacho do Buriti Grande; Riacho do Buritizinho; Riacho da Caatinga; Riacho do Cachorro; Lagoa do Caçuá; Riacho do Caititu; Riacho da Cajazeira; Riacho dos Calhaus; Lagoa do Calumbi; Brejo das Canas; Lagoa das Caraíbas; Riacho do Castelo; Brejo dos Cavalos; Riacho dos Cavalos; Riacho do Cedro; Riacho da Cerca; Riacho do Cercadinho; Riacho do Cercado; Riacho dos Cocos; Riacho da Colher; Riacho da Coruja, Riacho do Couve; Riacho da Cruz; Brejo da Curicaca; Rio da Curicaca; Riacho dos Currais; Riacho do Deserto; Brejo da Ema; Riacho da Ema; Brejo da Estiva; Riacho da Estiva; Riacho do Estivado; Riacho do Estreito; Brejo do Fervente; Brejo das Flores; Riacho das Flores; Brejo da Forquilha; Brejo de Forquilha; Lagoa do Funil; Brejo do Gado; Brejo da Gameleira; Riacho da Gameleira; Riacho do Grotão; Brejo da Gruta; Lagoa da Ilha; Lagoa do Ilha; Riacho da Ingazeira; Lagoa das Itans; Riacho do Jacu; Riacho do Jatobá; Lagoa do Jenipapo; Riacho do Lago; Brejo da Lago; Riacho da Lagoa; Riacho da Lagoa Falsa; Riacho da Lagoa Grande; Brejo da Laje; Riacho da Lapa; Riacho das Laranjeiras; Riacho do Largo; Riacho da Lavra; Riacho do Limoeiro; Brejo das Lontras; Rio das Lontras; Brejo dos Macacos; Riacho dos Macacos; Brejo do Madeiro; Riacho da Malhada Alta; Riacho da Malhada Grande; Riacho da Mamoneira; Lagoa do Mato; Riacho do Mato; Riacho dos Matões; Riacho do Mocambinho; Lagoa do Mocambinho; Riacho do Monte Alegre; Brejo da Onça; Riacho do Olho d'Água; Riacho do Olho d'Água Grande; Brejo da Orelha; Brejo do Ouro; Riacho da Palmeira; Riacho do Pandeiro; Riacho do Papagaio; Lagoa dos Patos; Brejo da Pedra Furada; Lagoa do Pé do Buriti; Brejo dos Paus; Lagoa da Pedra Furada; Riacho da Pedra Furada; Riacho das Pedras; Riacho das Pedrinhas; Lagoa do Peixe; Rio do Peixe; Riacho do Pequi; Brejo da Pindaíba; Riacho da Pindaíba; Riacho do Pindaíba; Riacho do Pirajá; Riacho do Pirajazinho; Riacho do Piripiri; Riacho do Poço; Riacho de Piripiri; Riacho do Poço

Comprido; Riacho do Poço do Canto; Lagoa dos Porcos; Lagoa da Porta; Riacho da Porta; Riacho da Porteira; Riacho das Porteiras; Brejo da Prata; Riacho da Prata; Brejo do Puçá; Riacho do Riachinho; Brejo da Raposa; Lagoa da Raposa; Riacho do Retiro; Brejo do Sucuriú; Riacho do Sucuriú; Riacho do Tabocas; Lagoa da Suçuapara; Lagoa da Sucupira; Riacho da Sucupira; Riacho da Solta; Riacho do Sítio; Riacho da Serra; Riacho da Serrinha; Riacho do Simbaíba; Riacho do Salto; Brejo da Sambaíba; Riacho da Sambaíba; Riacho do Saquinho; Riacho do Salto; Brejo do Saco; Riacho do Saco; Riacho do Saco Grande; Riacho da Salina; Lagoa do Saltão; Riacho do Saltão; Riacho da Traíra; Brejo da Torre; Brejo do Timbó; Brejo da Tiririca; Lagoa da Tijuca; Riacho do Terçado; Riacho da Telha; Lagoa do Terçado; Riacho da Tapera; Lagoa do Tabuleiro; Brejo do Tamboril; Riacho do Tamboril; Lagoa da Tabua; Riacho da Tábua; Lagoa da Taboca; Riacho das Tabocas; Riacho do Urucuzal; Riacho do Umbuzeiro; Brejo da Ursa; Brejo da Volta; Lagoa da Vereda Grande; Riacho da Vereda Comprida; Lagoa do Velame; Brejo do Vau; Riacho da Vargem Grande; Riacho da Vaca Morta.

C) Brejo do Meio; Riacho dos Meios; Lagoa de Baixo; Riacho do Canto; Riacho do Canto de Baixo; Lagoa de Cima; Riacho de Dentro; Brejo da Extrema; Riacho do Fundo; Brejo do Pé do Morro.

D) Rio da Glória; Riacho do Gregório; Brejo do João Pinto; Riacho da Lara; Lagoa dos Lúcius; Lagoa do Martim; Lagoa do Altino; Riacho do Apolinário; Riacho do Azevedo; Brejo do Bandeira; Lagoa do Bandeira; Riacho dos Caboclos; Riacho dos Capitães; Brejo do Casado; Ribeirão dos Castros; Riacho do Cativo; Riacho da Conceição; Riacho do Correia; Riacho das Cunhas; Riacho do Zé Magro; Riacho dos Negros; Lagoa do Tomás; Brejo do Souza; Riacho do Soares; Riacho de Santana; Brejo do Ribeiro; Riacho do Rodrigues; Brejo do Rogério; Riacho do Rangel; Brejo do Russinho; Lagoa da Mesquita; Riacho do Paulino; Riacho das Parteiras; Riacho dos Pastores; Brejo do Tapuio; Riacho do Tapuio.

Dos 442 elementos geográficos catalogados, 249, ou **56,3%**, apresentam estrutura sintagmática com preposição *DE*. A distribuição percentual por grupo é a seguinte: grupo **A** (47 ocorrências, ou **18,9%**); grupo **B** (156 ocorrências, ou **63%**); grupo **C** (10 ocorrências, ou **4%**) e grupo **D** (36 ocorrências, ou **14,5%**).

5.5.2.2 Microrregião do Alto Parnaíba Piauiense

Do total geral de 342 (trezentos e quarenta e dois) elementos geográficos catalogados, seguem-se as ocorrências dos sintagmas toponímicos com preposição *DE*, as quais estão separadas de acordo com os quatro grupos propostos:

- A)** Riacho do Alegre; Riacho da Altamira; Riacho da Arábia; Riacho da Boa Esperança; Riacho da Carniça; Riacho da Certeza; Brejo da Consulta; Riacho do Chupé; Ribeirão do Corrente; Riacho do Engano; Ribeirão do Espadado; Brejo da Fadiga; Riacho do Inferno; Riacho da Limpeza; Lagoa da Parnaíba; Riacho da Pintada; Riacho das Pintadas; Lagoa da Posse; Riacho do Quilombo; Riacho do Sangue; Lagoa de São Domingos; Brejo de São José; Riacho do Sossego.
- B)** Brejo da Abóbora; Riacho da Água Boa; Riacho da Aldeia; Riacho do Algodão; Riacho das Almécegas; Riacho da Almescla; Riacho do Angelim; Riacho do Angical; Riacho do Angico; Brejo da Arara; Riacho da Areia; Brejo da Areia; Ribeirão da Babilônia; Riacho da Babiloninha; Riacho da Bacaba; Riacho do Bacabal; Brejo do Badejo; Riacho do Baixão; Rio das Balsas; Riacho da Bananeira; Brejo da Bandeira; Riacho do Barro Alto; Lagoa do Boi; Riacho do Boi; Brejo dos Bois; Riacho da Bolota; Riacho do Boqueirão; Brejo do Boqueirão; Riacho do Bote; Riacho do Brejão; Riacho do Brejo; Riacho do Brejo da Roça; Riacho do Buriti Grande; Riacho da Buritirana; Riacho do Buritizinho; Riacho da Cascavel; Riacho da Cachoeira; Brejo da Cachorra; Riacho da Cacimba; Brejo dos Cágados; Riacho do Caititu; Brejo do Caititu; Brejo do Caldeirão; Riacho da Cambaúba; Brejo da Campeira; Riacho da Cana Brava; Riacho da Canafístula; Riacho das Caraíbas; Brejo dos Cavalos; Riacho do Cedro; Riacho do Cercado; Riacho do Cipó; Riacho dos Cocos; Riacho da Coivara; Riacho da Colher; Riacho do Coqueiro; Riacho das Corujas; Riacho do Couro; Riacho da Cruz; Brejo dos Currais; Brejo do Deserto; Brejo das Éguas; Riacho da Estiva; Riacho da Estivinha; Riacho do Estreito; Brejo do Facão; Riacho da Faveira; Brejo da Ferrugem; Riacho da Flecha; Brejo da Forquilha; Riacho da Galeota; Riacho do Galheiro; Brejo do Garrafão; Riacho do Garrote; Riacho do Gravatá; Riacho do Grotão; Riacho das Guaribas; Riacho da Ilha; Riacho da Inhuma; Riacho das Itans; Riacho do Jacaré; Riacho do Jacu; Lagoa do Jenipapo; Riacho da Jibóia; Riacho do

Jenipapo; Riacho do Juá; Brejo da Lagoa; Riacho da Lagoa; Riacho da Lagoa Grande; Brejo do Lajedo; Ribeirão das Lajes; Brejo da Lavrinha; Brejo da Malhada; Ribeirão da Malhada; Riacho da Mangueira; Brejo do Marimbondo; Riacho da Mata; Ribeirão do Mateiro; Riacho do Mato Verde; Riacho dos Matões; Riacho do Mimoso; Riacho dos Morrinhos; Riacho do Morro Vermelho; Brejo do Morro Vermelho; Riacho dos Morros; Brejo do Mosquito; Riacho do Olho d'Água; Brejo da Onça; Brejo do Orobó; Riacho do Ouro; Rio do Ouro; Riacho da Palmeira; Brejo do Pandeiro; Riacho do Pau Seco; Riacho da Pedra de Fogo; Riacho das Pedras; Riacho da Piaçava; Riacho da Picada; Riacho da Pindaíba; Brejo da Pindaíba; Ribeirão da Pindaíba; Riacho do Poço; Brejo da Porteira; Riacho da Pistola; Riacho dos Porcos; Brejo dos Porcos; Brejo da Porta; Riacho da Porta; Riacho da Prata Brejo da Prata; Riacho da Pratinha; Riacho do Quati; Brejo da Raiz; Brejo da Rapadura; Riacho da Raposa; Brejo da Roça; Riacho do Remanso; Riacho do Saco; Riacho do Salobro; Riacho do Salto; Lagoa da Sambaíba; Riacho da Sambaíba; Riacho do Sapé; Brejo do Sapé; Riacho da Serra; Riacho do Sítio; Riacho da Solta; Brejo da Solta; Lagoa da Suçupara; Brejo da Suçupara; Brejo do Sucuriú; Riacho da Suçupara; Riacho do Surubim; Riacho do Sumidouro; Brejo do Sumidouro; Lagoa do Tabuleiro; Brejo do Tamboril; Riacho do Terçado; Lagoa do Terçado; Riacho dos Tinguís; Brejo do Tinguizeiro; Riacho do Umbuzeiro; Riacho do Urucu; Riacho das Valas; Riacho da Vargem; Brejo da Várzea; Brejo da Vereda Comprida; Riachão do Veredão; Lagoa do Veredão; Riacho do Veredão; Riacho da Volta.

C) Lagoa do Canto; Lagoa Riacho da Extrema; Riacho de Fora; Brejo do Meio.

D) Riacho do Ambrósio; Ribeirão do Cândido; Riacho do Bonfim; Brejo do Caetano; Riacho do Cardoso; Riachão dos Castros; Ribeirão dos Castros; Brejo do Euzébio; Brejo do João Pinto; Riacho da Leandra; Riacho do Manoel; Riacho do Maurício; Brejo das Meninas; Riacho do Miguel; Brejo do Miranda; Brejo do Nogueira; Brejo da Negra; Brejo do Negro; Riachão do Paulo; Riachão dos Paulos; Riacho do Soares; Ribeirão do Tapuio; Brejo do Tapuio; Riacho do Valente; Riacho do Tomazinho; Riacho da Trindade; Lagoa da Velha.

Dos 342 elementos geográficos catalogados, 225, ou **65,8%**, apresentam estrutura sintagmática com preposição **DE**. A distribuição percentual por grupo é a seguinte: grupo **A** (23 ocorrências, ou **10,2%**); grupo **B** (171 ocorrências, ou **76%**); grupo **C** (04 ocorrências, ou **1,7%**) e grupo **D** (27 ocorrências, ou **12%**).

5.5.2.3 Microrregião de Bertolândia

Do total geral de 190 (cento e noventa) elementos geográficos catalogados, seguem-se as ocorrências dos sintagmas toponímicos com preposição **DE**, as quais estão separadas de acordo com os quatro grupos propostos:

- A)** Riacho do Amolar; Lagoa do Aprazível; Lagoa do Bonito; Riacho da Cagateira; Riacho do Caxingó; Lagoa do Choro; Riacho do Corrente; Riacho do Engano; Riacho do Escondido; Riacho do Inferno; Riacho da Mangabu; Riacho da Pintada; Riacho do Renegado; Riacho do Sangue; Lagoa da Santa Rosa; Brejo do Serapião.
- B)** Riacho da Água Boa; Lagoa da Água Doce; Lagoa do Alagadiço; Riacho do Angico; Riacho da Areia; Lagoa do Arroz; Riacho do Baixão; Riacho da Bananeira; Lagoa da Barra; Lagoa do Bichinho; Lagoa do Bicho; Riacho do Boi; Lagoa dos Bois; Riacho dos Bois; Lagoa do Bom Jardim; Riacho do Braço; Riacho do Brejinho; Riacho do Brejo; Riacho dos Buracos; Riacho do Buriti; Riacho do Buritizinho; Riacho da Cabeceira; Riacho do Cajueiro; Riacho do Caldeirão; Lagoa do Calumbi; Riacho da Cana Brava; Lagoa da Canabrava; Riacho da Canavieira; Riacho das Canavieiras; Lagoa da Capivara; Riacho do Carnaubal; Riacho da Cascavel; Riacho do Castelo; Riacho da Catinga Branca; Riacho do Cocal; Riacho do Coqueiro; Riacho da Estiva; Riacho da Forquilha; Riacho das Gamelas; Riacho da Gameleira; Riacho do Gravatá; Riacho da Grota Funda; Riacho do Grotão; Riacho do Imburuçu; Riacho do Inhamé; Lagoa da Inhuma; Riacho da Inhuma; Lagoa das Itans; Riacho da Jibóia; Riacho do Junco; Riacho das Lajes; Riacho da Lança; Lagoa do Limão; Riacho da Macaúba; Riacho da Malhada; Lagoa da Malícia; Riacho do Mandacaru; Riacho do Matão; Riacho do Mato; Riacho da Melancia; Lagoa da Mirindiba; Riacho do Mocó; Riacho dos Morrinhos; Riacho dos Morros; Lagos dos Patos; Riacho do Pau Seco; Lagoa das Pedras; Riacho das Pedras; Riacho das Pedrinhas; Lagoa do Piripiri; Riacho do Pocinho; Riacho dos Pombos; Lagoa dos Porcos; Riacho dos Porcos; Riacho da Porta; Riacho da Prata; Lagoa da Raposa; Riacho do Recanto; Riacho do Saco; Lagoa da Salina; Riacho do Salobro; Lagoa da Sambaíba; Riacho da Taboca; Riacho da Taboquinha; Lagoa do Tabuleiro; Riacho dos Tinguís; Lagoa dos Tocos; Riacho do Urubu; Riacho do Urucu; Riacho das Vacas; Riacho do Vaquejador; Riacho da Vargem Grande; Riacho da Vereda.

C) Lagoa de Baixo; Riacho da Extrema; Lagoa do Meio; Riacho do Meio; Riacho da Ponta da Serra; Lagoa de Dentro.

D) Riacho do Ambrósio; Riacho do Cardoso; Lagoa da Conceição; Riacho do Fortes; Riacho da Lavadeira; Riacho do Mendes; Riacho do Miguel; Riacho dos Reis; Riacho do Tapuio.

Dos 190 elementos geográficos catalogados, 124, ou **65,3%**, apresentam estrutura sintagmática com preposição *DE*. A distribuição percentual por grupo é a seguinte: grupo **A** (16 ocorrências, ou **12,9%**); grupo **B** (93 ocorrências, ou **75%**); grupo **C** (06 ocorrências, ou **4,8%**) e grupo **D** (09 ocorrências, ou **7,3%**).

5.5.2.4 Microrregião das Chapadas do extremo sul piauiense

Do total geral de 418 (quatrocentos e dezoito) elementos geográficos catalogados, seguem-se as ocorrências dos sintagmas toponímicos com preposição *DE*, as quais estão separadas de acordo com os quatro grupos propostos:

A) Riacho Lagoa do Alegre; Lagoa da Ambição; Riacho da América Dourada; Brejo da Batalhinha; Lagoa do Bom Jesus; Lagoa das Bravas; Lagoa do Cala-Boca; Lagoa da Caruara; Riacho do Contrato; Lagoa da Descoberta; Córrego da Entranha; Lagoa da Formosa; Lagoinha da Formosa; Riacho das Cornichas; Lagoa do Inferno; Lagoa do Leite; Rio do Livramento; Lagoa do Mazombo; Riacho dos Milagres; Lagoa dos Milagres; Lagoa da Missão; Córrego do Oco; Riacho do Oco; Riacho da Parida; Lagoa da Preferência; Riacho do Projeto; Lagoa de São João; Riacho do Sossego; Lagoa do U; Lagoa das Contendas; Riacho do Recantilhado; Lagoa da Teima; Lagoa do Tuntum; Lagoa da União.

B) Riacho da Abóbora; Córrego da Água Branca; Lagoa da Água Branca; Lagoa do Alecrim; Riacho do Angical; Lagoa do Angico; Riacho do Araçá; Brejo das Araras; Riachinho de Areia; Riacho da Areia; Riacho das Aroeiras; Riacho do Bacupari; Riacho do Baixão; Lagoa do Baixão Velho; Lagoa do Bambural; Riacho do Bambural; Riacho do Banguê; Riacho do Barreiro; Riacho do Barroão; Riacho da Bica das Pedras; Riacho do Boi Morto; Brejo dos Bois; Lagoa dos Bois; Riacho dos Bois; Riacho do Boqueirão; Riacho do Boqueirão da Esmeralda; Riacho do Brejão; Riacho do Brejo; Lagoa do Buraco; Lagoa dos Buracos; Lagoa do Bureré; Córrego do

Buriti; Lagoa da Burra; Lagoa das Cabaças; Lagoa do Cabeceiro; Córrego do Cadoz; Lagoa do Cadoz; Lagoa da Canabrava; Lagoas das Capoeiras; Riacho do Caracol; Lagoa da Caraíba; Lagoa das Caraíbas; Lagoa do Carnaubal; Lagoa do Caroá; Lagoa da Casa Velha; Lagoa do Cavalo; Riacho dos Cavalos; Lagoa do Cercado; Lagoa da Chapada; Riacho dos Cocos; Riacho do Coqueiro; Riacho da Coruja; Lagoa das Covas; Lagoa da Cruz; Riacho da Cruz; Lagoa do Curreal; Lagoa da Entrada; Lagoa do Entroncamento; Lagoa do Espinheiro; Riacho do Espinho; Lagoa da Estribeira; Lagoa da Estribeirinha; Riacho do Fervedouro; Lagoa da Flor de Seda; Brejo da Forquilha; Lagoa do Gado Bravo; Lagoa da Garça; Lagoa do Gato; Riacho do Gericó; Riacho dos Golfos; Lagoa do Grajaú; Lagoa da Ibiraba; Lagoa da Ilha; Lagoa da Imburana; Lagoa do Jacaré; Lagoa do Jatobá; Lagoa do Jenipapeiro; Lagoa do Juá; Lagoa do Junco; Lagoa da Jurema; Brejo da Lagoa; Riacho da Lagoa; Riacho da Lagoa do Mato; Riacho do Lajeiro; Riacho da Lapa; Lagoa do Largo; Riacho da Lavra; Riacho do Limoeiro; Riacho da Malícia; Riacho da Malhada Grande; Riacho da Mamoneira; Lagoa do Mandacaru; Riacho do Manguari; Lagoa da Marreca; Lagoa da Mata da Caraibinha; Lagoa do Mato; Lagoa dos Matões; Lagoa do Mel; Riacho do Melado; Brejo do Miroró; Riacho do Morcego; Lagoa do Morro Velho; Lagoa dos Morros; Riacho do Muquém; Riacho da Olaria; Riacho do Olho d'água; Lagoa da Onça; Brejo do Ouro; Lagoa do Padre; Lagoa do Pajeú; Lagoa da Palmeirinha; Lagoa do Parnaguá; Lagoa dos Pássaros; Lagoa dos Patos; Lagoa do Paturi; Lagoa do Pau d'arco; Riacho do Pau-Ferro; Brejo dos Paus; Lagoa do Pé de Buriti; Lagoa do Pé-de-Ema; Lagoa do Pé-de-Serra; Lagoa da Pedra; Lagoa da Pedra Bonita; Lagoinha da Pedra Bonita; Lagoa da Pedra Branca; Riacho da Pedra Furada; Lagoa das Pedras; Lagoa das Pedreiras; Lagoa das Pedrinhas; Lagoa do Peixe; Riacho do Pequi; Lagoa da Piaçava; Córrego da Pindaíba; Riacho da Pintada; Lagoa da Pintada; Lagoa do Piripiri; Riacho do Poço Comprido; Lagoa do Podói; Córrego das Pombas; Lagoa do Porco; Lagoa dos Porcos; Lagoa da Porta; Lagoa da Porta dos Golfos; Lagoa das Porteiras; Riacho do Pote; Brejo da Prata; Riacho da Prata; Lagoa da Quixaba; Riacho da Rancharia; Lagoa do Rancho; Lagoa do Rapador; Lagoa do Recanto; Riacho do Retiro; Lagoa do Riacho do Meio; Brejo do Saco; Lagoa do Saco; Riacho do Saco; Riacho do Salgueiro; Lagoa da Salina; Riacho da Salina; Lagoa do Salobro; Brejo da Sambaíba; Riacho do Saquinho; Riacho da Serra; Lago do Sítio; Riacho do Sítio; Riacho do Sítio do Mocambinho; Lagoa da Taboca; Riacho da Taboca; Riacho do Tabocal; Riacho das Tabocas; Lagoa da Tábuia; Riacho da Tábuia; Lagoa do Tanque; Riacho da Tataíra;

Lagoa do Teiú; Riacho do Timbó; Lagoa dos Torrões; Riacho do Touro; Brejo da Ursa; Lagoa do Urubu; Lagoa da Vaca Preta; Lagoa da Vargem da Pedra; Córrego da Varginha; Lagoa da Várzea Grande; Lagoa dos Veados; Riacho da Vereda.

C) Lagoa de Baixo; Lagoa do Canto; Riacho do Canto; Lagoa do Canto do Angico; Lagoa de Cima; Lagoa da Extrema; Lagoa de Fora; Lagoa do Fundo da Vargem; Brejo do Meio; Lagoa do Meio; Riacho do Meio; Lagoa de Trás-da-Serra.

D) Lagoa do Aleixo; Lagoa do Candinho; Riacho do Cordeiro; Lagoa do Cesário; Riacho da Conceição; Brejo do Damásio; Lagoa do Damásio; Lagoa do Diolino; Lagoa do Dionisinho; Lagoa do Felipe; Lagoa do Figueirão; Lagoa do Gabriel; Lagoa do Germano; Lagoa do Isidoro; Lagoa do João Canabrava; Lagoa do João Mãozinha; Lagoa do Manezinho; Lagoa do Joaquim Manoel; Lagoa do Leandro; Lagoa do Machado; Riacho das Mocinhas; Riacho dos Negros; Lagoa do Padre; Riacho dos Pastores; Lagoa do Paulinho; Lagoa do Paulino; Riacho do Ramalho; Lagoa do Rego; Riacho do Rodrigues; Riacho do Rução; Lagoa de Santana; Lagoa da Senhorinha; Lagoa do Simões; Lagoa do Tassiano; Riacho do Teixeira; Lagoa do Teófilo; Brejo do Tomaz; Lagoa da Velhaca; Lagoa do Valentim; Lagoa do Zé do Mel; Lagoa do Zuza.

Dos 418 elementos geográficos catalogados, 273, ou **65,3%**, apresentam estrutura sintagmática com preposição **DE**. A distribuição percentual por grupo é a seguinte: grupo **A** (34 ocorrências, ou **12,5%**); grupo **B** (186 ocorrências, ou **68,1%**); grupo **C** (12 ocorrências, ou **4,4%**) e grupo **D** (41 ocorrências, ou **15%**).

5.5.2.5 Microrregião de Floriano

Do total geral de 236 (duzentos e trinta e seis) elementos geográficos catalogados, seguem-se as ocorrências dos sintagmas toponímicos com preposição **DE**, as quais estão separadas de acordo com os quatro grupos propostos:

A) Lagoa do Aprazível; Riacho do Alegre; Riacho da Boa Vista; Lagoa da Boa Vista; Riacho do Corrente; Riacho da Corrente; Lagoa do Exú; Riacho do Engano; Riacho do Engongo; Riacho do Escondido; Lagoa do Estropiado; Riacho da Fome; Lagoa da Maravilha; Lagoa de Nazaré; Riacho do Socorro; Lagoa do Vasco.

B) Lagoa da Água Doce; Riacho da Aldeia; Lagoa do Algodão; Riacho do Angico; Riacho da Areia; Riacho do Atalho; Riacho da Baixa; Lagoa da Bandeira; Lagoa de

Barro; Riacho do Barro Preto; Lagoa do Bichinho; Lagoa do Bicho; Lagoa do Boi; Riacho do Boi; Riacho dos Bois; Riacho do Boqueirão; Riacho do Brejinho; Riacho do Buriti; Riacho do Buritizinho; Riacho da Cabeceira; Brejo dos Cágados; Lagoa do Cajazeiro; Riacho do Cajueiro; Riacho do Caldeirão; Lagoa do Calumbi; Riacho da Canavieira; Riacho do Capim Grosso; Lagoa da Capivara; Riacho da Capivara; Lagoa das Caraíbas; Lagoa das Carnaíbas; Riacho das Carreiras; Lagoa do Carro; Lagoa do Castelo; Lagoa dos Cavalos; Lagoa da Chapada; Riacho do Cocal; Riacho do Côco; Riacho dos Cocos; Riacho do Coqueiro; Riacho do Croata; Riacho da Cruz; Riacho do Currealinho; Riacho da Enseada; Riacho do Facão; Lagoa da Feitoria; Riacho da Forquilha; Riacho das Galinhas; Riacho das Gamelas; Lagoa do Gato; Riacho do Grilo; Riacho da Grotta Funda; Riacho do Grotão; Riacho do Inhame; Lagoa do Inhuma; Riacho do Jacaré; Lagoa do Jacaré; Lagoa do Juá; Riacho do Junco; Lagoa do Junco; Riacho das Lajes; Riacho da Lança; Lagoa do Limão; Riacho dos Macacos; Riacho do Mandacaru; Riacho do Mato; Lagoa do Mato; Riacho do Mel; Riacho da Melancia; Riacho das Melancias; Lagoa da Mirindiba; Lagoa do Mocambo; Riacho dos Morrinhos; Lagoa dos Morros; Riacho do Mosquito; Riacho do Mucaítá; Lagoa do Muquém; Lagoa da Mutuca; Lagoa dos Patos; Lagoa da Pedra; Lagoa do Peixe; Lagoa do Periquito; Lagoa do Pípirizinho; Lagoa do Píripiri; Riacho dos Porcos; Lagoa da Porta; Riacho da Prata; Riacho do Rancho; Riacho da Rapadura; Riacho do Recanto; Lagoa do Riacho; Riacho do Roncador; Lagoa do Sal; Lagoa da Salina; Lagoa da Sambaíba; Riacho do Saquinho; Lagoa da Serra; Riacho da Taboca; Riacho do Tabocado; Lagoa do Tabuleiro; Lagoa dos Talos; Riacho do Tamboril; Lagoa do Tamboril; Riacho da Tapera; Lagoa da Tapera; Lagoa do Teiú; Riacho do Teiú; Riacho do Tigre; Riacho dos Tinguís; Riacho da Trovoada; Lagoa da Uíca; Riacho do Vaquejador; Lagoa da Várzea Grande; Lagoa dos Veados; Lagoa do Vento; Riacho da Vereda; Riacho da Volta; Lagoa da Volta.

C) Lagoa do Canto; Lagoa de Cima; Lago de Dentro; Riacho da Extrema; Riacho do Meio; Lagoa do Meio; Riachão do Meio.

D) Riacho do Cardoso; Riacho do Damião; Riacho dos Fortes; Lagoa da Conceição; Lagoa do Jordão; Riacho da Lavandeira; Lagoa do Macário; Riacho do Mendes; Riacho do Moreira; Riacho do Pinto; Riacho do Pires; Riacho da Nega; Riacho do Surdo; Riacho do Tapuio; Lagoa da Velha; Lagoa do Velho Raimundo.

Dos 236 elementos geográficos catalogados, 157, ou **66,5%**, apresentam estrutura sintagmática com preposição **DE**. A distribuição percentual por grupo é a seguinte: grupo **A** (16 ocorrências, ou **10,2%**); grupo **B** (118 ocorrências, ou **75,2%**); grupo **C** (07 ocorrências, ou **4,5%**) e grupo **D** (16 ocorrências, ou **10,2%**).

5.5.2.6 Microrregião de São Raimundo Nonato

Do total geral de 397 (trezentos e noventa e sete) elementos geográficos catalogados, seguem-se as ocorrências dos sintagmas toponímicos com preposição **DE**, as quais estão separadas de acordo com os quatro grupos propostos:

- A)** Riacho do Alegre; Riacho das Almas; Riacho do Amolar; Riacho da Boa Vista; Riacho do Belmonte; Lagoa da Bonita; Riacho do Bonito; Lagoa do Bonsucesso; Riacho do Cabelo de Cuia; Lagoa do Certo; Riacho do Corrente; Lagoa do Encanto; Riacho do Engongo; Riacho da Espaduada; Lagoa do Espírito Santo; Lagoa da Firmeza; Lagoa da Formosa; Riacho do Mansinho; Lagoa da Merela; Lagoa da Mira; Lago do Mundo Novo; Lagoa do Odro; Lagoa do Pelado; Lagoa do Porroto; Lagoa dos Prazeres; Lagoa das Queimadas; Lagoa de Santo Antônio; Lagoa do São Bento; Riacho do Sossego; Lagoa da Tarde; Lagoa da Tintinha.
- B)** Riacho do Algodão; Riacho das Antas; Riacho do Araçá; Riacho da Arara; Riachinho da Areia; Riacho da Areia; Lagoa do Arroz; Lagoa da Baixa; Riacho da Baixa Funda; Riacho da Baixa Verde; Lagoa do Baixão; Riacho do Baixão; Riacho da Baraúna; Lagoa da Barra; Riacho da Barragem; Lagoa das Barras; Lagoa Barreiro; Riacho da Barriguda; Lagoa da Barrinha; Lagoa do Barro; Lagoa do Besouro; Lagoa da Bezerra; Lagoa do Bode; Lagoa do Boi; Lagoa dos Bois; Riacho dos Bois; Riacho do Boqueirão; Riacho do Brejinho; Riacho do Brejo; Lago do Brejo; Lagoa do Buraco; Riacho do Buriti; Riacho da Cabana; Lagoa das Cabras; Lagoa da Cabrita; Lagoa da Cachorra; Lagoa do Cachorro; Riacho das Cacimbas; Lagoa da Caiçara; Lagoinha dos Cajus; Riacho do Calango; Lagoa do Caldeirão; Lagoa dos Caldeirões; Lagoa do Calumbi; Lagoa do Camaleãozinho; Lagoa do Caminho Salgado; Lagoa do Campo; Lagoa do Campo Largo; Riacho do Canas; Lagoa da Canoa; Lagoa dos Canudos; Lagoa do Capim; Lagoa da Capivara; Lagoa das Capoeiras; Lagoa do Capote; Lagoa do Caracol; Lagoa da Caraíba; Lagoa do Caraíba; Lagoa das Caraíbas;

Riacho das Caraúbas; Lagoa da Carnaúba; Riacho da Carnaúba; Lagoa da Carnaúba; Lagoa do Caroá; Riacho dos Carrapichos; Lagoa da Casca; Lagoa das Cascas; Riacho do Castelo; Lagoa dos Cavalos; Lagoa da Cerca; Riacho do Cercadinho; Lagoa da Chapada; Lagoa do Chapéu; Lagoa do Cipó; Lagoa da Cobra; Riacho dos Cocos; Lagoa da Cruz; Lagoa do Cubículo; Lagoa das Cuias; Lagoa do Cumbe; Lagoa dos Cupins; Lagoa dos Currais; Riacho do Deserto; Lagoa da Ema; Lagoa do Espinheiro; Lagoa da Estrada; Riacho do Feijão; Lagoa das Flores; Riacho da Floresta; Lagoa do Fogo; Lagoa do Gambá; Riacho das Gamelas; Lagoa da Gameleira; Riacho da Gameleira; Lagoa da Gangorra; Lagoas das Garapas; Lagoa do Gato; Riacho do Grotão; Lagoa do Guariba; Riacho da Imburana; Lagoa da Ipueira; Riacho do Jirau; Lagoa do Juá; Riacho do Juazeiro; Lagoa da Jurema; Riacho da Lagoa Falsa; Riacho da Lagoinha; Lagoa das Lajes; Riacho das Lajes; Lagoa da Lama; Lagoa do Laranja; Lagoa do Leite; Riacho da Lima; Riacho do Limoeiro; Riacho dos Macacos; Lagoa dos Macacos; Riacho da Malhada; Lagoa do Mandacaru; Lagoa do Marmeleiro; Lagoa das Marrecas; Riacho das Marrecas; Lagoa do Mato; Lagoinha do Mato; Lagoa do Mel; Lagoa das Melancias; Riacho do Minador; Lagoa do Mocambo; Lagoa do Mocó; Lagoa dos Mocós; Lagoa do Morro do Chapéu; Riacho do Morro do Zabumba; Riacho do Mulungu; Lagoa do Nambí; Riacho do Oiteiro; Riacho do Olho d'Água; Lagoa da Onça; Riacho da Onça; Riacho do Ouricuri; Lagoa de Outra Banda; Lagoa da Patola; Lagoa dos Patos; Lagoa do Paturi; Riacho do Pau Seco; Lagoa do Peba; Lagoa da Pedra; Lagoa da Pedra Vermelha; Lagoa das Pedras; Lagoinha das Pedras; Riacho do Pedregulho; Lagoa da Pedrinha; Lagoa do Peixe; Riacho dos Pilões; Lagoa do Pique; Riacho do Poço; Riacho do Poço; Riacho do Poço da Pedra; Riacho do Poço do Canto; Lagoa das Pombas; Lagoa do Porco; Lagoa dos Porcos; Lagoa da Porta; Lagoa da Porteira; Riacho da Porteira; Lagoa das Porteiras; Riacho do Retiro; Lagoa do Riacho; Riacho da Roça; Riacho do Roncador; Lagoa do Sabiá; Riachinho da Salgada; Lagoa da Salina; Riacho da Sariema; Lagoa da Serra; Riacho da Serra; Lagoa do Serrote; Riacho do Sítio; Riacho do Sumidouro; Lagoa da Sussuapara; Riacho da Sussuarana; Lagoa da Sussurana; Lagoa do Tabão; Lagoa da Taboa; Riacho das Tabocas; Riacho da Tabua; Lagoa do Tabuleiro; Lagoa do Tamanduá; Lagoa do Tamboril; Riacho do Tanque; Lagoa da Tapagem; Lagoa dos Torrões; Riacho das Traíras; Lagoa da Tranqueira; Riacho da Tranqueira; Lagoa do Travessão; Riacho dos Três Tanques; Riacho do Umbuzeiro; Lagoa da Vaca; Lagoa das Vacas; Lagoa das Vacas dos Assis; Lagoa do Vaquejador; Lagoa da Vargem; Lagoa da Várzea; Riacho da

Várzea; Lagoa dos Veados; Lagoa do Vento; Riacho da Vereda; Lagoa da Volta; Riacho da Volta.

C) Lagoa do Alto; Riacho do Cantinho; Lagoa do Canto; Riacho do Canto Alegre; Lagoa de Cima; Lagoa de Cima da Serra; Lagoa de Dentro; Lagoa das Extremas; Lagoa de Fora; Riacho do Meio; Lagoa do Meio dos Balduínos; Lagoa do Meio dos Batistas; Riacho da Ponta da Serra.

D) Lagoa do Amaro; Lagoa da Anadia; Lagoa do Antoninho; Riacho do Apolinário; Lagoa do Artur; Lagoa do Batista; Lagoa do Berto; Lagoa do Brás; Lagoa do Caboclo; Lagoa do Chico Félix; Riacho da Conceição; Lagoa do Domingo; Lagoa do Ferreira; Lagoa do Germano; Riacho da Graça; Lagoa do Inácio; Lagoa da Isabel; Lagoa do Jerônimo; Lagoa do João; Riacho do João Soares; Lagoa do Joãozinho; Lagoa do Joaquim; Lagoinha do Joaquim Gomes; Lagoa do Leandro; Lagoa dos Lopes; Lagoa do Luís; Lagoinha dos Macários; Lagoa dos Magalhães; Lagoa do Manoel; Lagoa do Manoelzinho; Riacho do Macário; Lagoa dos Martins; Lagoa dos Meninos; Lagoa do Monteiro; Riacho do Moreira; Riacho do Mundico; Lagoa do Nascimento; Lagoinha do Nascimento; Lagoa do Ne; Lagoa do Neco; Lagoa dos Negros; Lagoa do Pompílio; Lagoa do Raimundo; Riacho do Rodrigues; Riacho de Santana; Lagoa da Silvéria; Lagoa do Silvério; Lagoa do Sinhozinho; Lagoa do Soares; Lagoa do Tapuio; Lagoa do Teodoro; Riacho da Trindade; Lagoa do Velho; Lagoa da Venância; Lagoa do Zezinho.

Dos 397 elementos geográficos catalogados, 307, ou **77,3%**, apresentam estrutura sintagmática com preposição *DE*. A distribuição percentual por grupo é a seguinte: grupo **A** (31 ocorrências, ou **10,1%**); grupo **B** (208 ocorrências, ou **67,8%**); grupo **C** (13 ocorrências, ou **4,2%**) e grupo **D** (55 ocorrências, ou **18%**).

5.5.3 Considerações sobre o Sintagma preposicionado

No que toca à Análise dos dados antigos, observe-se que os percentuais variam de **0%** (nenhuma ocorrência) a **17,9%** (07 ocorrências), passando por percentuais intermediários de **8,8%** (03 ocorrências), de **4,8%** (01 ocorrência) e de **10,6%** (05 ocorrências). Estas ocorrências, sem regularidade na distribuição pelos grupos, apresentam, em comum, apenas a

presença, em todas as fontes antigas, do grupo **B**, o dos nomes indicadores de ‘**denominação**’ e de uma possível ‘**presencialidade/existencialidade**’ do Topônimo.

Os dados contemporâneos, com relação ao total geral de Topônimos catalogados, apresentam, se comparados aos dados pretéritos, alta frequência da estrutura preposicionada (prep. **DE**), o que, *per se*, justifica a discussão dessa estrutura, como já se disse. Tal frequência se materializa em percentuais que variam do mínimo de **56,3%** ao máximo de **77,3%**, números bastante elevados, mormente se se leva em conta que o maior percentual das fontes antigas é de **17,9%**.

Ainda sobre os dados contemporâneos, há que se mencionar os percentuais por meso e microrregiões, o que se faz a seguir.

Na mesorregião Sudeste, com as microrregiões de **Picos**, de **Pio IX** e do **Alto Médio Canindé**, os percentuais para cada uma destas, por grupo, são, respectivamente: grupo **A** (11,9%; 12% e 12,5%); grupo **B** (73,4%; 73,6% e 72,5%); grupo **C** (5,5%; 3,3% e 4,6%) e grupo **D** (9,2%; 12% e 10,6%). Tais percentuais são, como se vê, muito próximos por grupos, ou ainda, as variações de um grupo ao outro não permitem que se chegue a nenhuma conclusão mais pontual sobre os dados dessas microrregiões entre si, a não ser a uma de caráter mais geral, a de que predomina o grupo **B**, fato que se manterá em todas as outras microrregiões das duas mesorregiões. Tem-se, assim, pois, uma predominância em ordem decrescente do grupo **B, A, D** e **C**.

Na mesorregião Sudoeste, com as microrregiões do **Alto Médio Gurgueia**, do **Alto Parnaíba Piauiense**; de **Bertolândia**; das **Chapadas do extremo sul piauiense**; de **Floriano** e de **São Raimundo Nonato**, os percentuais para cada uma destas, por grupo, são, respectivamente: grupo **A** (18,9%; 10,2%; 12,9%; 12,5%, 10,2% e 10,1%); grupo **B** (63%; 76%; 75%; 68,1%, 75,2% e 67,8%); grupo **C** (4%; 1,7%; 4,8%; 4,4%, 4,5% e 4,2%); e grupo **D** (14,2%; 12%; 7,3%; 15%, 10,2% e 18%); Tais percentuais apresentam maior variação entre si e uma ordem de prevalência diferente daquela encontrada para as microrregiões da mesorregião Sudeste. Tem-se, assim, pois, uma predominância em ordem decrescente do grupo **B, D, A** e **C**.

Quanto ao grupo **A** da microrregião do Alto Médio Gurgueia, chama atenção o percentual de 18,9% para os Topônimos em que se evidenciam o simples ato de nomeação, donde sobressai o papel semântico de ‘**denominação**’.

Sobre o grupo **B**, é possível perceber dois grupos de percentuais próximos entre si (63%; 68,1%, e 67,8%) e (76%; 75%; 75,2%). O primeiro grupo compreende, respectivamente, as microrregiões de do **Alto Médio Gurgueia**; das **Chapadas do extremo**

sul piauiense e de **São Raimundo Nonato**. Interessante observar que estas três microrregiões são as que se encontram na porção mais sudoeste da mesorregião Sudoeste piauiense, o que parece indicar, como constatação global, um padrão geral descritivo-objetivo, que, dentre todos os outros, apresenta os menores percentuais. O segundo grupo, por sua vez, compreende as microrregiões do **Alto Parnaíba Piauiense**; de **Bertolândia** e de **Floriano**, as quais se localizam na parte mais noroeste da mesorregião Sudoeste piauiense, o que também pode indicar o mesmo padrão geral, um pouco mais descritivo-objetivo do que o primeiro, assim como nas três microrregiões da mesorregião Sudeste (ambos os casos com percentual acima de **70%**). Não se pode ignorar, pois, sobre estes dois grupos percentuais, nos quais um é marcadamente menos descritivo-objetivo (o primeiro), que, neste mesmo grupo, sobressai, especificamente para a microrregião do **Alto Médio Gurgueia**, o percentual de 18,9% para o grupo **A**, que é justamente o grupo em que se evidencia o traço semântico + *subjetividade*.

Sobre o grupo **C**, no qual sobressaem os papéis semânticos de ‘**denominação**’ e ‘**espacialidade**’, percebe-se que este recurso denominativo é o menos frequente em todas as microrregiões das duas mesorregiões pesquisadas.

Sobre o grupo **D**, no qual sobressaem os papéis semânticos de ‘**denominação**’ e ‘**posse**’, cumpre discutir algumas ocorrências da mesorregião Sudoeste, pois é nesta em que se encontram os maiores percentuais, mormente nas microrregiões do **Alto Médio Gurgueia**; das **Chapadas do extremo sul piauiense** e de **São Raimundo Nonato**. Mais uma vez, têm-se microrregiões próximas entre si (na porção mais sudoeste da mesorregião Sudoeste piauiense), o que pode indicar outro possível padrão, agora com a indicação de ‘**posse**’. Sobre isto, parece oportuno mencionar a observação que Machado (2002, p. 17) faz acerca dos conflitos agrários a partir do século XX:

A partir da sexta década do século XX, **a ocorrência de conflitos agrários disseminou-se em todo o território piauiense** em decorrência do confronto de interesses entre trabalhadores rurais e sem terra e latifundiários ou grupos empresariais, que se apresentam, atualmente, como proprietários de imóveis rurais de origens legítimas. No entanto, a verdade é que, na maioria das vezes, tais imóveis rurais, por ele adquiridos, não passam de extensas áreas de **terras públicas devolutas**, integrantes do patrimônio imobiliário estadual, incorporadas aos seus patrimônios privados por meio de fraudes e falsificações de documentos, **principalmente quando o espaço dos conflitos agrários são os dos municípios das regiões Sul, Sudeste e Sudoeste do Estado do Piauí**. (grifos no original)

Interessante destacar, antes de mais nada, que tais conflitos agrários são conflitos que visam, em última análise, à posse de fato da terra e, porque não dizer, dos cursos d'águas que margeiam essas terras. Assim sendo, e, levando-se em conta que, nas fontes pretéritas (a última fonte antiga é de 1913), rareiam as estruturas preposicionadas em geral e aquelas indicadoras de posse em particular, talvez seja pertinente levar em consideração a menção feita por Machado ao tempo (sexta década do século XX) e ao espaço (dos municípios das regiões Sul, Sudeste e Sudoeste do Estado do Piauí), pois, no caso do aspecto temporal, talvez seja lícito conjecturar que a preferência pela estrutura preposicionada, dado o baixo percentual nas fontes pretéritas, tenha se dado no lapso de tempo que vai da década de vinte do século passado a década de 60, esta, segundo Machado, a década em que tais conflitos se intensificaram. O aspecto espacial parece corroborar essa preferência pelos sintagmas preposicionados nos quais há indicação de posse, sobretudo porque as três microrregiões com maiores percentuais estão compreendidas no que Machado chama de “regiões Sul, Sudeste e Sudoeste do Estado do Piauí”. Ainda sobre isto, não se deve olvidar que a posse da terra, mormente, nesta parte do Estado, é a posse de poucos, porque o lugar dos grandes latifúndios estaduais, e isso talvez explique o fato de o grupo **D** não ser nunca o de maior ocorrência entre os quatro grupos propostos.

Por fim, e como constatação geral, em relação aos quatro grupos propostos, há uma destruição irregular por eles, de modo que no **B** está o maior número de ocorrência em todas as microrregiões e no **C**, o menor número de ocorrências. Em outras palavras, no grupo **B**, dos nomes indicadores de ‘denominação’ e de uma possível ‘presencialidade/existencialidade’, os percentuais variam do mínimo de **63%** ao máximo de **76%**, o que indica que a denominação, feita a partir da estrutura preposicionada, tende a sugerir uma possível presença ou existência (ainda atestada ou não) de elementos físicos (plantas, animais, relevo etc.) ou antrópicos (construções, objetos da cultura material etc.), os quais são expressos nos nomes de lugares (nos Hidrônimos).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa, trabalhou-se com um *corpus* total de 2881 Hidrônimos, os quais foram divididos em dois tipos de fontes, as pretéritas (de 1697 a 1913) com 176 Hidrônimos; e as contemporâneas (2007) com 2705 Hidrônimos.

De posse desse *corpus*, passou-se, com base em Dick (1992a e 2004), a classificar, em Fichas Toponímicas, tais Hidrônimos, de modo a se buscar um possível painel onomástico para as fontes antigas e as do presente.

A fim de direcionar esse objetivo geral, foram estabelecidos outros específicos, dentre os quais, o de verificar a possível correspondência entre áreas fitogeográficas e áreas toponímicas, a partir da ocorrência de alguns Topônimos que pudessem evidenciar biomas e tipos climáticos específicos; o de levantar, com base na cartografia estadual do presente e do passado, formas linguísticas constantes nestas cartas e mapas para, posteriormente, verificar, por exemplo, os casos de variação ortográfica, de mudança fonética, de desaparecimento parcial ou total do Topônimo e, por fim, propor ampliação da classificação da taxa dos hidrotopônimos e a revisão da taxa dos numerotopônimos e dos cronotopônimos. Além disso, dada a alta frequência de sintagmas toponímicos com preposição *DE*, nos dados contemporâneos, buscou-se discutir tais estruturas em correlação com a atribuição de papéis semânticos, o que, por sua vez, permitiu alguns diálogos com a história social.

No que toca ao objetivo geral, foi possível constatar que, no caso das fontes pretéritas, as taxas de Natureza Física mais recorrentes, foram a **Zoo** e **Hidro**, o que sugere um padrão zoológico e hidrológico para estas primeiras fontes. Na primeira e na segunda fonte do passado, mas já com decréscimo na segunda, foi possível constatar, no caso das taxas de Natureza Antropocultural, a frequência significativa da taxa **Hagio**. No caso das fontes contemporâneas, predominou, no caso das taxas de Natureza Física, para todas as microrregiões das suas mesorregiões, a taxa **Fito**, donde já se vê uma mudança de um padrão zoológico e hidrológico das fontes pretéritas para um padrão fitológico das fontes atuais. Ainda sobre as fontes atuais, o comportamento quanto à ocorrência da taxa **Hidro**, por exemplo, deu-se de modo diverso nas duas mesorregiões e também na mesma mesorregião (Sudoeste). Nesta mesorregião, parece haver dois grupos que se diferem, principalmente quanto à ocorrência da taxa **Hidro**, ou seja, nas microrregiões mais austrais (Alto Médio Gurgueia, Alto Parnaíba e Chapadas do Extremo Sul), ou ainda, naquelas em que tanto a presença dos grandes cursos d'água é sentida de modo mais marcante, mormente na primeira

e na segunda, quanto o regime climático predominante é diverso daquele encontrado na mesorregião Sudeste, a ocorrência da taxa **Hidro** figura sempre como a segunda mais frequente. Já nas outras três microrregiões da mesorregião Sudoeste (Floriano, Bertolândia e São Raimundo Nonato), a ocorrência da taxa **Hidro** se assemelha muito mais ao que fora encontrado para as três microrregiões da mesorregião Sudeste (Picos, Pio IX e Alto Médio Canindé), de modo que as microrregiões de Floriano, Bertolândia e São Raimundo Nonato parecem estar em um *continuum* onomástico, no qual elas estariam como que na transição, entre a mesorregião Sudeste, inserida, predominantemente, no regime do semiárido e no bioma caatinga, e a mesorregião Sudoeste, sobejamente, sob o regime tropical e no bioma cerrado.

A ideia de *continuum* parece ser corroborada ao se tentar a correlação entre área toponímica e área geográfica, o que pôde ser feito justamente pela diversidade de tipos climáticos e biomas das duas mesorregiões. Neste sentido, observou-se a frequência do Topônimo Buriti nas duas mesorregiões estudadas. A observação levou a concluir que, na mesorregião Sudeste, a frequência do Topônimo Buriti é bem menor do que na Sudoeste, na qual, por sua vez, a ocorrência se deu de modo desigual, porque com menor ocorrência nas microrregiões de Floriano, Bertolândia e São Raimundo Nonato (mais próximas geograficamente e toponicamente das três microrregiões da mesorregião Sudeste) do que das microrregiões do Alto Médio Gurgueia, Alto Parnaíba e Chapadas do Extremo Sul, nas quais se encontraram o maior de número de Topônimos com a palavra Buriti.

Quanto às formas linguísticas, principalmente as indígenas, que puderam servir de mote para a observação de possíveis variações ortográficas, de mudanças fonéticas, de desaparecimento parcial ou total do Topônimo, fez-se uma separação em quatro grupos, aqui de novo reproduzidos:

- 1) Boroty; Corimataim; Goriba; Peauhy; Itahim; Parahim; Piauhi; Piracuruça; Urussuhi; Parnahyba; Sorobim (variação ortográfica)
- 2) Itagoera; Inhinha; Maratanhaim; Murataham; Pernagoa; Gorogueia; Gorguea; Sambito; (mudança fonética)
- 3) Itaim Asu; Itaim Merim; Urussuhymirim; Urussuhyaçu de Farinha; (desaparecimento parcial)
- 4) Mocaitã; Jacarihi; Pacoty; Paranamirim; Inhuçú; Taquarussú (desaparecimento total)

Quanto à proposta de ampliação da taxa dos Hidrotopônimos, buscou-se uma subdivisão em subtaxes que permitisse abarcar os casos em que figura, como Topônimo, um adjetivo qualificador, o qual, para ser enquadrado nas subtaxes propostas, deveria indicar, como qualificadores da água, elementos como cromaticidade, salinidade, termalidade, aspectualidade, volume excessivo, volume reduzido, de modo que, assim, foram propostas as seis subtaxes seguintes: 1) **Hidro-cromo-topônimo**; 2) **Hidro-hiper-topônimo**; 3) **Hidro-hipo-topônimo** ; 4) **Hidro-termo-topônimo**; 5) **Hidro-halo-topônimo**; 6) **Hidro-aspecto-topônimo**. Além desta ampliação, propôs-se a revisão das taxas numerotopônimo e cronotopônimo. Adverte-se, no entanto, que tal ampliação e tal revisão são ainda incipientes, o que significa dizer que há a necessidade de se buscar, tanto quanto possível, por meio das pesquisas vindouras, um desejado refinamento classificatório, a fim de que se possa ter um instrumento de classificação sempre o mais confiável possível, o que só se conseguirá, obviamente, a partir de imperativo da revisão e da proposição. Por fim, podem-se mencionar, ainda como proposição desta pesquisa, que se deu a partir da alta frequência do sintagma toponímico preposicionado (*DE*), os quatro grupos sugeridos para a classificação, com base na atribuição de papéis semânticos, dessas estruturas. Eis os grupos: **grupo A** (papel semântico de ‘denominação’); **grupo B** (papéis semânticos de ‘denominação’ e de ‘presencialidade’/ ‘existencialidade’); **grupo C** (papéis semânticos de ‘denominação’ e de ‘espacialidade’); **grupo D** (papéis semânticos de ‘denominação’ de ‘posse’). A partir desta proposição, foi possível, por exemplo, conjecturar que a alta frequência de sintagmas toponímicos indicadores de ‘posse’, sobretudo nas microrregiões do Alto Médio Gurgueia; das Chapadas do extremo sul piauiense e de São Raimundo Nonato, talvez tenha correlação com o fato histórico de disputas pela posse das terras, mormente na parte sul do Estado do Piauí, o que, por sua vez, denuncia aspectos ideológicos inerentes a tal disputa e posse.

Levando-se em conta as considerações advindas da Análise, tanto dos dados pretéritos quanto dos contemporâneos, faz-se necessário reiterar a importância dos estudos toponímicos para a recuperação e manutenção do *modus vivendi* de povos que gravaram, nos acidentes físicos e humanos, sua peculiar mundividência/cosmovisão. Tal cosmovisão, sobretudo a partir da Análise de cartas/mapa antigos e mapas contemporâneos, pode ser percebida pela distribuição das taxas de Natureza Física e Antropocultural, as quais podem configurar determinados padrões motivacionais em determinada época, e estes, à luz da História Social, podem sobrelevar aspectos históricos e ideológicos importantes, quando da nomeação dos lugares. Além disso, reitera-se a relevância de estudos regionais como este para o futuro

mapeamento onomástico-toponímico do território brasileiro, em suas diversas manifestações regionais e locais.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Capistrano de. *Caminhos antigos e povoamento do Brasil*. 2. ed. Rio de Janeiro: Ed. Sociedade Capistrano de Abreu / Liv. Briguet, 1960.
- AGUILERA, Vanderci de Andrade (org.). *A geolinguística no Brasil: caminhos e perspectivas*. Londrina: UEL, 1998.
- ALINEI, Mario. *Lingua e dialetti: struttura, storia e geografia*. Bologna: Ed. Il Mulino, 1984, pp. 13-21.
- ALVES, Ieda Maria (org.). *A constituição da normalização terminológica no Brasil*. São Paulo: USP, 1996.
- ALVES, Ieda Maria. *Neologismo: criação lexical*. São Paulo: Ática, 1994.
- ALVES, Ieda Maria. Questões Epistemológicas e Metodológicas em Terminologia. In: *Anais do 1º Encontro Nacional do GT de Lexicologia, Lexicografia e Terminologia da ANPOLL*: Recife, 1998.
- AMARAL, Amadeu. *O dialeto caipira*. São Paulo: Hucitec, 1976.
- ANDRADE, Karylleila dos Santos. *Atlas toponímico de origem indígena do estado do Tocantis – Projeto ATITO*. Tese de Doutorado. USP, 2006.
- ANJOS, Marcelo Alessandro Limeira dos. *A homonímia e a polissemia no dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Dissertação de Mestrado. UFPI, 2006.
- ANJOS, Marcelo Alessandro Limeira dos. A hidronímia da região sudeste piauiense: primeiras impressões. In: *Pelos caminhos da linguagem: diálogos possíveis*. Brasília: Ícone Gráfica e Editora, 2010.
- ANJOS, Marcelo Alessandro Limeira dos e SÁ, Samarina Soares de. *As primeiras fazendas de gado do Piauí: um retrato onomástico-toponímico*. Disponível em: http://www.revistaicarayh.uff.br/revista/html/numeros/5/dlingua/MARCELO_E_SAMIRA.pdf. Acesso em 19 de janeiro de 2012.
- ARAGÃO, Maria do Socorro S. A situação da Geografia Lingüística no Brasil. In: *Pesquisas lingüísticas em Portugal e no Brasil*. Eberhard Gärtner (ed.). Frankfurt am Main: Vervuert; Madrid: Ibero americana, 1997.
- ARAÚJO, José Luis Lopes et alii. *Atlas escolar do Piauí: geo-histórico e cultural*. João Pessoa, PB: Editora Grafset, 2006.
- ARAÚJO, Joseph Ildefonso de. *Atlas lingüístico rural da zona da mata de Minas Gerais-Brasil: nomes de doenças agropecuárias e hortaliças*. Disponível em: [http://www.filologia.org.br/revista/artigo/4\(10\)9-21.html](http://www.filologia.org.br/revista/artigo/4(10)9-21.html). Acesso em: 15 jan. 2008.
- ARNAULD, Antoine e LANCELOT, Claude. *Gramática de Port-Royal*. Tradução Bruno Fregni Basseto e Henrique Graciano Murachco. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- BALDINGER, K. Semasiologia e Onomasiologia, in *Alfa*, 9, FFCL de Marília, 1966, p. 7-36.
- BALDINGER, K. *Teoria Semântica*. Madrid, 1970.
- BAPTISTA, João Gabriel. *Geografia física do Piauí*. Teresina: CODEPI, 1981.
- BAPTISTA, João Gabriel. *Mapas geohistóricos*. Teresina: Projeto Petrônio Portela, 1986.
- BAPTISTA, João Gabriel. *Etnohistória indígena piauiense*. Teresina: EDUFPI; APL, 1994.
- BARBOSA, Maria Aparecida. Lexicologia, lexicografia, terminologia, terminografia: objeto, método, campos de atuação e cooperação. In: *Anais do XXXIX Seminário do GEL*. Franca, UNIFRAN, p. 182-189, 1991.
- BARBOSA, Maria Aparecida. Relações de significação nas unidades lexicais. In: *Anais do 1º Encontro Nacional do GT de Lexicologia, Lexicografia e Terminologia da ANPOLL*. Recife: UFPE, 1998.
- BASSETO, Bruno Fregni. *Elementos de filologia românica: história externa das línguas*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

- BENISTE, José. *Dicionário Yorubá-Português*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.
- BENVENISTE, Émile. *Problemas de lingüística geral I*. São Paulo: Pontes, 2005.
- BEZERRA, Maria Auxiliadora. *A constituição do léxico como objeto de conhecimento*. Revista do Gelne, Piauí, v. 11, n. 1, 2009.
- BÍBLIA SAGRADA. Contendo o Velho e o Novo testamento. Traduzida em português por João Ferreira de Almeida. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1995.
- BIDERMAN, M.T.C. A Estrutura Mental do Léxico. In: *Estudos de Filologia e Lingüística*. São Paulo: EDUSP, 1981.
- BIDERMAN, M.T.C. Dimensões da palavra. In: *Filologia e lingüística LP*. N. 2, São Paulo: Humanitas, FFLCH/USP, 1998.
- BIDERMAN, M.T.C. *Teoria Lingüística: teoria lexical e lingüística computacional*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- BIZZOCCHI, Aldo. *Léxico e ideologia na Europa Ocidental*. São Paulo: Annablume, 1997.
- BLIKSTEIN, Izidoro. *Kaspar Hauser ou a fabricação da realidade*. 9 ed. São Paulo: Cultrix, 2003.
- BLOOMFIELD, L. A set of postulates for the science of language. In: *Language*. Nova York: Ronehart and Winston, 1961. 2, 1926, 153-154.
- BRANDÃO, Tanya Maria Pires. *A elite colonial piauiense: família e poder*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1995.
- BRANDÃO, Wilson. Formação Social. In: *Piauí: Formação, Desenvolvimento, Perspectivas*. Teresina – PI: Editora FUNDAPI, 1998.
- BRÉAL, Michel. *Ensaio de semântica: ciência das significações*. Tradução de Aída Ferras, Eduardo Guimarães, Eleni Jacques Martins e Pedro de Souza. São Paulo: EDUC/Pontes, 1992.
- BYNON, Theodora. *Historical Linguistics*. London: CUP, 1977.
- BYNON, Theodora. Can there Ever be a Prehistorical Linguistics? In: *Cambridge Archaeological Journal* 5:2. London, 1995, pp.261-265.
- CABRÉ, M. Tereza. *La Terminologia – teoría, metodología y aplicaciones*. Barcelona: Editorial Antártida / Empúries, 1993..
- CALMON, Pedro. *História da civilização brasileira*. Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional, 1940.
- CALMON, Pedro. *História do Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1959.
- CAMARA, J. Mattoso. *História e estrutura da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão, 1976.
- CAMARA, J. Mattoso. *Dicionário de lingüística e gramática*. Petrópolis: Vozes, 1985.
- CAMARA, J. Mattoso. *Estrutura da língua portuguesa*. 37ª ed. Petrópolis: Vozes, 2005.
- CARDOSO, Armando Levy. *Toponímia brasileira*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editôra, 1961.
- CARDOSO, S. M. A dialectologia no Brasil: perspectivas. In: *Lingüística, ALFAL*. São Paulo, UNICAMP, 1999. p.251-272.
- CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. *O atlas lingüístico do Brasil: uma questão política*. Disponível em: http://www.ufpa.br/alipa/atlas_brasil.htm. Acesso em: 10 fev. 2008.
- CARNEIRO, João Paulo Jeannine Andrade. *A morada dos Wapixana: atlas toponímico da região indígena da Serra da Lua – RR*. Dissertação de Mestrado. USP, 2007.
- CARVALHINHOS, Patrícia de Jesus. *Onomástica e lexicologia: o léxico toponímico como catalisador e fundo de memória. Estudo de caso: os sociotopônimos de Aveiro (Portugal)*. REVISTA USP, São Paulo, n. 56, p. 172-179, dezembro/fevereiro 2002-2003.
- CARVALHINHOS, P. J. *Caminho das águas: os hidrotopônimos em Portugal*. Revista Estudos Linguísticos XXXII, CC66, 2003. ISSN 14130939. CD ROM.

- CARVALHINHOS, Patrícia de Jesus. *Arcaísmos morfológicos na toponímia de Portugal*. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/xicnlf/4/03.htm>. Acesso em 20 de maio de 2009.
- CARVALHINHOS, Patrícia de Jesus. *Estudos de onomástica em língua portuguesa no Brasil: perspectivas para inserção mundial*. Disponível em: <http://www.fflch.usp.br/dlcvlport/pdf/slp14/01.pdf>. Acesso em 20 de abril de 2011.
- CARVALHO, Amadeu Ferraz de. Da actual feição da antroponímia portuguesa. In: *Biblos: Revista da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1927*.
- CARVALHO, João Renôr F. de. *Resistência indígena no Piauí colonial (1718-1774)*. Imperatriz: Ética, 2005.
- CARVALHO, Maria Aparecida de. *Contribuição para o atlas toponímico do estado de Mato Grosso – Mesorregião Sudeste Mato-grossense*. Dissertação de Mestrado. USP, 2010.
- CARVALHO, Mônica Emmanuelle Ferreira de. *Língua e cultura do norte de Minas: a toponímia do município de Montes Claros*. Dissertação de Mestrado. FALE/UFMG, 2010.
- CARVALHO, Mônica Emmanuelle Ferreira de. *Língua e cultura no norte de Minas: a toponímia do município de Montes Claros*. Dissertação de Mestrado. UFMG, 2010.
- CARVALHO, Pe. Miguel de. *Descrição do sertão piauiense*. Teresina: APL; FUNDAC; DETRAN, 2009.
- CASARES, Julio. *Introducción a la lexicografía moderna*. Madri: 1969.
- CASTILHO, Ataliba T. de (coordenação geral); ILARI, Rodolfo e NEVES, Maria Helena de Moura (organizadores). *Gramática do português culto falado no Brasil*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2008.
- CASTRO, Antônio Alberto Jorge Farias. *Comparação florístico-geográfica (Brasil) e fitossociológica (Piauí-São Paulo) de amostras de cerrado*. Tese de Doutorado. UFPI, 1994.
- CHAVES, Joaquim Raimundo Ferreira. *O índio no solo piauiense*. 3ª ed. F.C.M.C, 1995.
- COHEN, Maria Antonieta A. Mendonça. A língua do século XVII e a língua contemporânea. In: *Anais do XI Encontro Internacional da ALFAL*. Las Palmas (Gran Canária): 1996.
- COHEN, Maria Antonieta A. M. et alii. Filologia Bandeirante. In: *Filologia e Linguística portuguesa*. São Paulo: Humanitas Publicações - FFLCH/USP, 1997, p.79-94.
- COHEN, M. Antonieta A. M., SEABRA, M.C.T.C., MENDES, S.T.P. BTLH – Banco de textos para pesquisa em linguística história – dados de Barra Longa - MG. In: *Filologia Bandeirante*. São Paulo: Humanitas Publicações - FFLCH/USP, 1998, p.119-142.
- COHEN, M. Antonieta A. M. A língua portuguesa no território mineiro: variação linguística. In: *Português: Língua pátria, fator de identidade e resistência*. Coleção Lições de Minas. Vol. VIII, Belo Horizonte: Secretaria de Educação de Minas Gerais, 2000. p.45-51.
- COROMINAS, J. *Diccionario crítico etimológico de la lengua castellana*. V.II. Madrid: Editorial Gredos, 1990.
- COSERIU, Eugenio. *Tradición y novedad en la ciencia del lenguaje: estudios de historia de la lingüística*. Madri: Gredos, 1977.
- COSERIU, Eugenio. O plural dos nomes próprios. In: *Teoria da Linguagem e Linguística Geral: cinco estudos*. Rio de Janeiro: Presença, 1979. p.193-208.
- COSERIU, Eugenio. *El Hombre y su Lenguaje*. Madrid: Editorial Gredos, 1991.
- COSERIU, Eugenio. *Competencia Lingüística*. Madrid: Editorial Gredos, 1998.
- COSERIU, Eugenio. *Lições de Linguística Geral*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 2004.
- CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário histórico das palavras portuguesas de origem Tupi*. São Paulo: Melhoramentos, 1999.
- CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico nova fronteira da língua portuguesa*. 2ª. ed. 14ª impressão Rio de Janeiro: 2001.
- CUNHA, Celso F. *Língua portuguesa e realidade brasileira*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1976.
- DAUZAT, A. *La géographie linguistique*. Paris: Flammarion, 1922.

- DAUZAT, A. *La toponymie française*. Paris: Payot, 1939.
- DAUZAT, A. *Les noms de lieux*. Paris: Delagrave, 1939.
- DAUZAT, A. *Dictionnaire Étymologique des noms de famille et prénoms de France*. Paris: Larousse, 1951.
- DIAS, Claudete Maria Miranda Dias. Povoamento e despovoamento (da Pré-História à Sociedade Escravista colonial). In: *História e Historiografia*. Recife – PE: Editora Bagaço, 2006.
- DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. Aspectos genéricos da toponímia indígena Brasileira e sua Distribuição Lingüística. In.: *Boletim Bibliográfico da Biblioteca Mário de Andrade*. São Paulo: v.42, p.45-58, 1981.
- DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. Origens históricas da toponímia brasileira. Os Nomes Transplantados. In.: *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*. São Paulo: v.24, p.75-96, 1982.
- DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. A Litotoponímia no Brasil. In.: *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*. São Paulo: v. 26, p.65-72, 1986.
- DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. Toponímia e Cultura. In.: *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*. São Paulo: 1987.
- DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. Toponímia e Imigração no Brasil. In.: *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*. São Paulo: v.29, p.83-92, 1988.
- DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. *A Motivação Toponímica e a Realidade Brasileira*. São Paulo: Governo do Estado de São Paulo. Edições Arquivo do Estado, 1990a.
- DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. *A Motivação Toponímica: Princípios teóricos e Modelos Taxionômicos*. São Paulo: FFLCH/USP, 1990b.
- DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. A morfologia do signo toponímico. In.: *XLIII Reunião Anual da SBPC*, Rio de Janeiro: p. 370-371, 1991.
- DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. *Toponímia e Antroponímia no Brasil: coletânea de Estudos*. 2. ed. São Paulo: FFLCH/USP, 1992a.
- DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. A Documentação em Toponímia. In.: *Grupo de Estudos Lingüísticos, Anais dos Seminários do GEL*. Jaú: v.1, p.44-51, 1992b.
- DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. Memória Paulistana: os Antropônimos Quinhentistas na Vila de São Paulo do Campo. In.: *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, São Paulo: USP, v.33, p.112-113, 1992c.
- DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. O Léxico Toponímico: Marcadores e Recorrências Lingüísticas. Um Estudo de Caso: a Toponímia do Maranhão. In.: *Revista Brasileira de Lingüística*, 8/1, p.59-67, 1995.
- DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. Atlas Toponímico: Um Estudo de Caso. In: *Acta Semiótica et Linguística*. SBPL-SP: Editora Plêiade, v.6, p.27-43, 1996a.
- DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. *A Dinâmica dos Nomes na Cidade de São Paulo: 1554-1897*. São Paulo: Annablume, 1996b.
- DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. A Projeção Léxico-Cultural na Onomástica Brasileira. In.: *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, São Paulo: p. 161-173, 1996c.
- DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. A Construção do Texto Onomástico: Escritura e Oralidade. São Paulo. In.: *Anais da XLVIII Reunião Anual da SBPC*, p.158-159, 1997.
- DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. Significação Hiperonímica e Hiponímica nas Práticas Onomásticas. In.: *Anais do I Encontro Nacional do GT de Lexicologia, Lexicografia e Terminologia da ANPOLL*. Recife, Faculdade de Letras, UFPE, p. 41-61, 1998a.
- DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. O Sistema Onomástico: Bases Lexicais e Terminológicas, Produção e Frequência. In: *As Ciências do Léxico: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia*. Campo Grande: Ed. UFMS, p.77-88, 1998b.

- DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. Atlas Toponímico: um Estudo Dialetológico. In.: *Revista Philologus*. Rio de Janeiro: v.10, p.61-69, 1998c.
- DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. Os Nomes como Marcadores Ideológicos. In: *Acta Semiótica et Lingvistica*. SBPL-SP, Editora Plêiade, v.7, p.97-122, 1998d.
- DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. Métodos e Questões Terminológicas na Onomástica. Estudo de caso: O Atlas Toponímico do Estado de São Paulo. In: *Investigações Lingüísticas e Teoria Literária*. Recife, UFPE: v.9, p.119-148, 1999.
- DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. Interrelação Léxico e Cultura na América Indígena: Estudo de Caso. In.: *Acta Semiótica et Lingüística* (SBPL). São Paulo, v. 8, Ed. Plêiade, p.295-309, 2000a.
- DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. A Investigação Lingüística na Onomástica Brasileira. In.: *Estudos de Gramática portuguesa III*. Frankfurt am Main, v. III, p.217-239, 2000b.
- DICK, Maria Vicentina de P. A., SEABRA, Maria Cândida T. C. Caminho das Águas, Povos dos Rios: Uma Visão Etnolingüística da Toponímia Brasileira. In: *Anais do V Congresso Nacional de Lingüística e Filologia*. Rio de Janeiro: v.5, UERJ, p.64-91, 2002.
- DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. Rede de conhecimento e campo lexical: Hidrônimos e Hidrotopônimos na onomástica brasileira. In: *As Ciências do Léxico: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia*. Campo Grande: Ed. UFMS, p.121-130, 2004.
- DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. *Aspectos de etnolingüística: a toponímia carioca e paulistana contrastes e confrontos*. Disponível em: http://www.filologia.org.br/anais/anais%20iv/civ10_123-141.html. Acesso em: 10 fev. 2008a.
- DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. *Atlas toponímico do Brasil: teoria e prática II*. Paraná, 2007. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/trama/article/view/965>. Acesso em: 10 fev. 2008b.
- DIEGUES JÚNIOR, Manuel. *Regiões Culturais do Brasil*. Rio de Janeiro: Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais, 1960.
- DRUMOND, Carlos. *Contribuição do bororo à toponímia brasílica*. São Paulo: 1965.
- DUBOIS, J. et alii. *Dicionário de Lingüística*. São Paulo. 10^a. ed. Trad. Frederico Pessoa de Barros, Gesuína Domenica Ferretti, Dr. John Robert Schmitz, Dra. Scliar Cabral, Maria Elizabeth Leuba Salum, Valter Khedi. 1998.
- DURANTI, Alessandro. *Antropología Lingüística*. Madrid: Cambridge University Press, 2000.
- ECO, Umberto. *Obra aberta*. São Paulo: Perspectiva, 1968.
- ECO, Umberto. *A busca da língua perfeita*. São Paulo: EDUSC, 2002.
- ELIA, Sílvio. *A unidade lingüística no Brasil*. Rio de Janeiro: Padrão, 1979.
- FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. São Paulo: EDUSP, 2000.
- FAZZIO, Gisela Felix de. *Estudo toponímico do município de Promissão (SP): a cidade e as ruas*. Dissertação de Mestrado. USP: 2008.
- FERNANDES, Xavier. *Topónimos e gentílicos*. Primeiro Volume. Porto: EDITÔRA EDUCAÇÃO NACIONAL, L.^{DA}, 1941.
- FERREIRA, A. B. de H. *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*, Versão 5.0, Curitiba: Editora Positivo, 2004.
- FERREIRA, Carlota et alii. *Diversidade do português do Brasil: estudos de dialectologia rural e outros*. Salvador: CED da UFBA, 1988.
- FERRONHA, António Luís (org.). *Atlas da Língua portuguesa na história e no mundo*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1992.
- FRANCHETTO, Bruna e LEITE, Yonne. *Origens da linguagem*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

FRANCISQUINI, I. de A. *O nome e o lugar: uma proposta de estudos toponímicos da microrregião de Paranaval*. Londrina, 1998. Dissertação (Mestrado) - UEL.

FRANCO, Francisco de Assis Carvalho. *Dicionário de bandeirantes e sertanistas do Brasil*. São Paulo: Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo, 1953.

FREIRE, Laudelino. *Grande e novíssimo dicionário da língua portuguesa*. Porto Alegre: Livraria José Olympio Editora, 1954.

FUNDAÇÃO MUSEU DO HOMEM AMERICANO. Disponível em: <http://www.fumdham.org.br/parque.asp>. Acesso em: 05 de maio de 2011.

FURTADO, Celso. *Formação econômica do Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2004.

GARMADI, Juliette. *Introdução à socio-lingüística*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1983.

GECKELER, Horst. *Semántica Estructural y Teoría del Campo Léxico*. Madrid, Editorial Gredos, 1994.

GONÇALVES, Rodrigo Tadeu e CONTO, de Luana. *Prisciano e a história da gramática: considerações acerca da sintaxe e da morfologia*. REVISTA ELETRÔNICA ANTIGUIDADE ISSN 1983 7614 – Nº 005/Semestre I/ 2010/pp. 85-99.

GOVERNO DO ESTADO DO PIAUÍ. SECRETARIA DE PLANEJAMENTO. FUNDAÇÃO CENTRO DE PESQUISAS ECONÔMICAS E SOCIAIS DO PIAUÍ (CEPRO). *Piauí visão sumária*. 5ª edição, Teresina, 1992.

GREGÓRIO, José. *Contribuição indígena do Brasil: lendas e tradições – usos e costumes – fauna e flora – língua – raízes – toponímia – vocabulário*. Vol. I. Belo Horizonte: UNIÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO E ENSINO: s/d.

GREGÓRIO, José. *Contribuição indígena do Brasil: lendas e tradições – usos e costumes – fauna e flora – língua – raízes – toponímia – vocabulário*. Vol. II. Belo Horizonte: UNIÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO E ENSINO: s/d.

GREGÓRIO, José. *Contribuição indígena do Brasil: lendas e tradições – usos e costumes – fauna e flora – língua – raízes – toponímia – vocabulário*. Vol. III. Belo Horizonte: UNIÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO E ENSINO: s/d.

GUÉRIOS, Rosário Farâni Mansur. *Dicionário etimológico de nomes e sobrenomes*. São Paulo: EDITORA AVE MARIA LTDA, 1981.

GUERRA, Antônio Teixeira e GUERRA, Antônio José Teixeira. *Novo dicionário geológico-geomorfológico*. - 9ª ed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

GUIRAUD, Pierre. *A semântica*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1972.

HENRIQUES, Claudio Cezar e PEREIRA, Maria Teresa Gonçalves (orgs.). *Língua e transdisciplinaridade: rumos, conexões, sentidos*. São Paulo: Contexto, 2002.

HESÍODO. *Teogonia: a origem dos deuses*. Estudo e Tradução de Jaa Torrano. 3ª edição. Biblioteca Pólen, 1995.

HEYWOOD, Linda M (org.). *Diáspora negra no Brasil*. São Paulo: Contexto: 2008.

HJELMSLEV, Louis. *Prolegômenos a uma teoria da linguagem*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1975.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *História Geral da Civilização Brasileira*. 7. ed. São Paulo: Difel, 1985.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 26. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995a.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Caminhos e Fronteiras*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995b.

HOLANDA FERREIRA, Aurélio Buarque. *Novo Dicionário*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.

HOUAISS, Antônio. *O português no Brasil*. Rio de Janeiro: Revan, 1992.

- HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles e MELLO, Francisco Manoel de. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2002.
- HYMES, Dell. *Language in Culture and Society. A Reader in Linguistics and Anthropology*. New York: Harper and Row, 1964.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/>. Acesso em: 20 de janeiro de 2010.
- IORDAN, Iorgu. *Introdução à lingüística românica*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1982.
- ISQUERDO, Aparecida Negri. *O fato lingüístico como recorte da realidade sócio-cultural*. São Paulo: 1996. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual Paulista.
- ISQUERDO, Aparecida Negri e KRIEGER, Maria da Graça (org.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Volume II. Campo Grande (MS): Ed. UFMS: 2004.
- ISQUERDO, Aparecida Negri e ALVES, Ieda Maria (org.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Volume III. Campo Grande (MS): Ed. UFMS; São Paulo: Humanitas, 2007.
- ISQUERDO, Aparecida Negri. *Estudos gelinguísticos e dialetais sobre o português: Brasil-Portugal*. Campo Grande (MS): Ed. UFMS, 2008.
- ISQUERDO, Aparecida Negri e FINATTO, Maria José Bocorny (org.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Volume IV. Campo Grande (MS): Ed. UFMS; Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2010.
- ISQUERDO, APARECIDA NEGRI e SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de. Apontamentos sobre hidronímia e hidrotponímia na fronteira entre os estados de Mato Grosso do Sul e Minas Gerais. In: Aparecida Negri Isquerdo; Lídia Almeida Barros. (Orgs.). *As Ciências do Léxico: lexicologia, Lexicografia e Terminologia*. 1 ed. Campo Grande - MS: EDUFMS, 2010, v. V, p. 79-99.
- LAPLANTINE, François. *Aprender Antropologia*. São Paulo: Brasiliense, 2000.
- LARAIA, Roque de Barros. *Cultura: um conceito antropológico*. 24 ed., [reimpr.]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.
- LEITE DE VASCONCELLOS, J. *Antroponímia portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1928b.
- LEITE DE VASCONCELLOS, J. *Estudos de Philologia Mirandesa*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1901.
- LEITE DE VASCONCELLOS, J. *Opúsculos*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1928a.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. *Structural Anthropology*. Nova York: Basic Books, 1963.
- LEVY CARDOSO, Armando. *Toponímia brasileira*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1961.
- LILLO, Mario Bernal. *Em busca de los nombres: toponímia indígena e hispánica*. Temuco: Ediciones Universidad de la Frontera, 2002.
- LIMA, I. A. de. A motivação religiosa dos topônimos paranaenses. In: *Estudos linguísticos – XLV Seminário do GEL*. Campinas: UNICAMP, 1997.
- LIMA, Edilene Coffaci de. *A onomástica katukina é pano?*. *Rev. Antropol.* [online]. 1997, vol.40, n.2, pp. 07-30. ISSN 0034-7701. doi: 10.1590/S0034-77011997000200001.
- LOPES, Divenia Maria. *São João Batista do Glória: estudo dos topônimos das regiões, microrregiões e da zona rural*. Dissertação de Mestrado. USP: 2008.
- LOPES, Edward. *Fundamentos da lingüística contemporânea*. São Paulo: Cultrix, 1975.
- LORENZI, Harri. *Árvores brasileiras: manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas do Brasil*. Vol. 1. 5. Ed. São Paulo: Instituto Plantarum, 2008.
- LYONS, J. *Semântica*. Lisboa: Editorial Presença/ Martins Fontes, 1977.
- LYONS, John. *Introdução à lingüística teórica*. São Paulo: EDUSP, 1979.
- LYONS, John. *Língua(gem) e lingüística: uma introdução*. Rio de Janeiro: LTC, 1987.

MACHADO Paulo Henrique Couto. *As trilhas da morte: extermínio e espoliação das nações indígenas na região da bacia hidrográfica parnaibana piauiense*. Teresina: Corisco, 2002.

MAGALHÃES, Basílio de. *Expansão geográfica do Brasil colonial*. São Paulo: CNL, 1935.

MAPAS DOS MUNICÍPIOS PIAUIENSES. Disponível em: <ftp://geoftp.ibge.gov.br/MME2007/PI/>. Acesso em 15 de maio de 2010.

MARTINET, A. *Elementos de linguística geral*. Lisboa: Sá da Costa, 1963.

MARTINS, Agenor de Sousa. *Piauí: evolução, realidade e desenvolvimento*. Teresina: Fundação CEPRO, 2002.

MATORÉ, G. *La méthode en lexicologie. Domaine français*. Paris: Didier, 1953.

MATTOS, Regiane Augusto de. *História e cultura afro-brasileira*. São Paulo: Contexto, 2007.

MENDES, Letícia Rodrigues Guimarães. *Hidronímia da região do Rio das Velhas: de Ouro Preto ao Sumidouro*. Dissertação de Mestrado. FALE/UFMG, 2009.

MENEZES, Joara Maria de Campos. *O léxico toponímico nos domínios de Dona Joaquina de Pompéu*. Dissertação de Mestrado. FALE/UFMG, 2009.

MOREIRA, Hélio Costa. *A toponímia paranaense na rota dos tropeiros: caminho das missões e estrada de Palmas*. Dissertação de Mestrado. UEL, 2006.

MOTT, Luiz. *Piauí Colonial: população, economia e sociedade*. Teresina: FUNDAC - Coleção Grandes Textos, 2010.

MOUNIN, Georges. *Historia de la lingüística: desde los orígenes al siglo XX*. Madri: Editorial Gredos, 1968.

NEVES, Maria Helena de Moura. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

NOLL, Volker e DIETRICH, Wolf (orgs.). *O português e o tupi no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2010.

NOLL, Volker. *O português brasileiro: formação e contrastes*. Tradução de Mário Eduardo Viaro. São Paulo: Globo, 2008.

NUNES, Célis Portella e ABREU, Irlane Gonçalves de. In.: *Piauí: Formação, Desenvolvimento, Perspectivas*. Teresina – PI: Editora FUNDAPI, 1998.

NUNES, Odilon. *Pesquisas para a história do Piauí*. Volume I. Teresina: FUNDAPI, Fund. Mons. Chaves, 2007.

O ATLAS DAS LÍNGUAS : a origem e a evolução das Línguas no Mundo. Lisboa : Editorial Estampa, 2002.

OLIVEIRA, A. M. P. P. e ISQUERDO, Aparecida Negri. (org.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. 2 ed. Campo Grande (MS): Ed. UFMS, 2001.

OLIVEIRA, Carlos Eduardo de. *Iconicidade toponímica na Chapada Diamantina: estudo de caso*. Dissertação de Mestrado. USP, 2008.

OLIVEIRA, Fernão de. *Gramática da Lingoagem portuguesa (1536)*. Lisboa: Academia de Ciências Humanas, 2000.

PENA, S.D.J. (org.) *Homo Brasilis: aspectos genéticos, lingüísticos, históricos e socioantropológicos da formação do povo brasileiro*. São Paulo: FUNPEC, 2002.

PEREIRA, Maria Teresa G. (org.). *Língua e linguagem em questão*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1997.

PEREIRA, Renato Rodrigues. *A toponímia de Goiás: em busca da descrição de nomes de lugares de municípios do sul goiano*. Dissertação de Mestrado. UFMS, 2009.

PESSOA DE CASTRO, Y. *Falares africanos na Bahia: um vocabulário afro-brasileiro*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2001.

PETTER, Margarida. Linguagem, língua e linguística. In: FIORIN, José Luiz (org.). *Introdução à linguística teórica – I. objetos teóricos*. 5 ed. São Paulo: Contexto, 2006, pp. 11-24.

- PIQUÉ, Jorge Ferro. *Linguagem e realidade: uma análise do Crátilo de Platão*. Revista Letras, nº 46, 1996. p. 171 – 182.
- PLATÃO. *Crátilo*. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Belém: Editora da Universidade Federal do Pará, 1988.
- PLATÃO. *Crátilo*. Tradução de Maria José Figueiredo. Lisboa: INSTITUTO PIAGET, 2001.
- RAIMUNDO, Jacques. *Influência do tupi no português*. Rio de Janeiro: MENDONÇA, MACHADO & C. Editores: 1926.
- RAIMUNDO, Jacques. *O elemento afro-negro na língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Renascença Editora: 1933.
- RAMOS, Jânia Martins e ALKMIM, Mônica A. (orgs.). *Para a história do português brasileiro*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2007. Vol. V..
- RIBEIRO, Berta. *O índio na história do Brasil*. São Paulo: Global, 2009.
- RIBEIRO, Gisele Aparecida. *O vocabulário rural de Passos/MG: um estudo linguístico nos Sertões do Jacuhy*. Dissertação de Mestrado. FALE/UFMG, 2010.
- ROBINS, R.H. *Pequena história da lingüística*. Rio de Janeiro: Ao livro técnico, 1983.
- RODRIGUES, Aryon Dall'igna. *Línguas brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas*. São Paulo: Edições Loyola, 2002.
- RODRIGUES, Joselina Lima Pereira. *Geografia e história do Piauí: estudos regionais*. Editora: Halley, 2007.
- SAID ALI, M. *Gramática histórica da língua portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos, 2001.
- SAMPAIO, Teodoro. *O tupi na geografia nacional*. 5. ed. São Paulo, 1987.
- SANTOS NETO, Antônio Fonseca dos. *A organização universitária e suas interfaces com as estruturas de poder no Piauí*. Dissertação de Mestrado. UFPI, 1998.
- SANTOS, Florisvaldo Fernandes dos. *Estudo toponímico do município de Barra das Garças, microrregião do Médio Araguaia, Mato Grosso: contribuição para o atlas toponímico de Mato Grosso*. Dissertação de Mestrado. USP, 2005.
- SAPIR, E. *Língua e ambiente*. Trad. J. Mattoso Camara Jr. *Linguística como ciência: ensaios*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1969.
- SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de lingüística geral*. 12. ed. São Paulo: Cultrix, 1972.
- SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de. *A língua portuguesa em território mineiro: contribuição do clero*. In: *XII Congresso Internacional da ALFAL*. Santiago (Chile): 1999.
- SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de. *A rota das bandeiras no Estado de Minas Gerais: a região do Carmo*. In: *Filologia Bandeirante. Estudos 1*. São Paulo, Humanitas, 2000a, p.107-112.
- SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de. *Arquivos culturais: a importância do mundo da escrita*. In: *Caderno de Resumos do I Simpósio de Língua e Literatura da UFV*. Viçosa, 2000b, p.32.
- SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de, GUIMARÃES, M. Nazaré S. S. *Léxico e subjetividade: uma análise da linguagem jornalística*. In: *Livro de Resumos do VI Congresso Brasileiro de Lingüística Aplicada*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2001, p.195.
- SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de. *Filologia Bandeirante em Minas Gerais: Questões sócio-históricas da região de Barra Longa*. In: *Livro de Resumos, II Congresso Internacional da ABRALIN*. Fortaleza: UFC, 2001. p.333.
- SEABRA, Maria Cândida T. C. de. *A formação e a fixação da língua portuguesa em Minas Gerais: a Toponímia da Região do Carmo*. Tese de Doutorado. FALE/UFMG, 2004.
- SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de. (org.). *Estudos do léxico*. FALE/UFMG, 2006, v.1.64.
- SEVERINO, Antônio Joaquim. *Metodologia do trabalho científico*. São Paulo: Cortez, 2001.
- SILVEIRA BUENO, F. *Vocabulário Tupi-Guarani Português*. São Paulo: Brasilivros, 1984.

- SOUSA, Alexandre Melo de. *Projeto atlas toponímico da amazônia ocidental brasileira: notícias*. Disponível em: <http://www.scribd.com/doc/464462/PROJETO-ATLAS-TOPONIMICO-DA-AMAZONIA-OCIDENTAL-BRASILEIRA-NOTICIAS>. Acesso em: 25 de fev. 2008.
- SOUZA, Álvaro José de. *Geografia Lingüística: dominação e liberdade*. São Paulo: Contexto, 1991.
- SOUZA, Bernardino José de Souza. *Dicionário da terra e da gente do Brasil*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 2004.
- SOUZA, Vander Lúcio de. *Caminho do boi, caminho do homem: o léxico de águas vermelhas – Norte de Minas*. Dissertação de Mestrado. FALE/UFMG, 2008.
- SPINA, S. *História da língua portuguesa. Segunda metade do séc. XVI e séc. XVII*. São Paulo: Ática, 1987.
- SPINA, Segismundo (org.). *História da língua portuguesa*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2008.
- TAVARES, Marineide Cassuci. *Estudo toponímico da região centro-norte de Mato Grosso do Sul: o desvendar de uma história*. Dissertação de Mestrado. UFMS, 2005.
- TIZIO, Iberê Luiz de. *Santo André. A causa toponímica na denominação dos seus bairros*. Tese de Doutorado. USP, 2009.
- ULLMANN, Stephen. *Semântica: uma introdução à ciência do significado*. Tradução de J.A. Osório Mateus. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1964.
- VASCONCELOS, José Leite de. *Antroponímia Portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1928.
- VIARO, Mário Eduardo. *Etimologia*. São Paulo: Contexto, 2011.
- VIDOS, B.E. *Manual de lingüística românica*. Rio de Janeiro: Eduerj, 1996.
- VIEIRA, Zara Peixoto. *O reflexo da memória social na toponímia: o espontâneo e o popular*. Disponível em: http://www.filologia.org.br/vcnlf/anais%20v/civ2_13.htm. Acesso em: 25 de fev. 2008.
- VILELA, Mário. *Estudos de lexicologia do português*. Coimbra: Almedina, 1994.
- WARTBURG, Walther Von. *Problemas e métodos da lingüística*. Tradução de Maria Elisa Mascarenhas da versão francesa de Pierre Maillard. São Paulo: DIFEL, 1975.
- WEHLING, Arno e WEHLING, Maria José C.M. *Formação do Brasil colonial*. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- WEINREICH, Uriel; LABOV, William e HERZOG, Marvin I. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Tradução Marcos Bagno; revisão técnica Carlos Alberto Faraco. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.
- ZAMARIANO, Márcia. *Estudo toponímico no espaço geográfico das mesorregiões paranaenses: metropolitana de Curitiba, centro-oriental e norte pioneiro*. Tese de Doutorado. UEL, 2010.
- ZANOTTO, Normelio. *Estrutura mórfica da língua portuguesa*. 5. ed. rev. Rio de Janeiro: Lucerna; Caxias do Sul: Educus, 2006.

ÍNDICE DE NOMES

A

Alinei (1984) pp. 54/55/56

Araújo *et alii* (2006) pp. 83/84/94/95

Arnauld e Lancelot (2001) p. 58

B

Baptista (1981) pp.

92/129/144/145/146/147/149/150/151/152/165/171/173/180/181/184/187/188/192/196/200/201/202/207/215/231/237

Baptista (1986) pp. 124/125/126/127/129

Baptista (1994) pp. 107/108/109/110/152/257

Basseto (2001) p. 43

Beniste (2011) p. 117

Benveniste (2005) p. 49

Bezerra (2009) p. 71

Biderman (1981) p. 74

Biderman (1998) p. 54/73

Biderman (2001) pp. 41/72/73

Blikstein (2003) pp. 51/52/53

Bloomfield (1961) p. 72

Brandão (1995) p. 97

Brandão (1998) pp. 96/98/100

Bréal (1992) p. 37/58

C

Camara Júnior (2005) p. 72

Cardoso (1961) p. 47/117/151/231

Carvalhinhos (2002/2003) pp. 41/42

Carvalhinhos (2011) p. 44

Carvalho (2009) p. 29/109

Casares (1969) p. 70

Castro (1994) p. 215

Chaves (1995) pp. 81/105/106

Coseriu (2004) p. 36

Cunha (1999) pp. 116/117

Cunha (2001) pp. 39/43/91

D

Dauzat (1939) pp. 44/62/95/96

Dick (1990a) pp. 56/65/67

Dick (1992a) pp. 28/29/31/47/60/61/63/64/68/69/70/91/112/113/312

Dick (1998d) p. 122

Dick (1999) p. 40

Dick (2004) pp. 31/91/115/312

Dick (2007) p. 67

Dick (2008b) p. 112

Dick e Seabra (2002) p. 57

Diegues Júnior (1960) pp. 70/75/76/77/257

Drumond (1965) p. 47/117

Dubois *et alii* (1998) p. 40

Duranti (2000) pp. 70/74

E

Eco (2002) p. 34

F

Fernandes (1941) pp. 45/46/91

Ferreira (2004) p. 91

Fiorin (2006) p. 50

Francheto e Leite (2004) p. 34

Francisquini (1998) p. 64

Franco (1953) p. 105

Furtado (2004) p. 96

G

Gonçalves e Conto (2010) p. 58

Guiraud (1972) pp. 50/51/54

H

Hesíodo (1995) p. 33

Hjelmslev (1975) pp. 49/50

Holanda (1995a) p. 103

Houaiss (1992) p. 104/116

J

Iordan (1982) p. 38

Isquierdo (1996) p. 64

Isquierdo e Seabra (2010) p. 92

J

Jacques Raimundo (1926) p. 117/140

Jacques Raimundo (1933) p. 117/185

L

Lillo (2002) p. 46

Lima (1997) p. 38/64

Lopes (1975) p. 71

Lorenzi (2008) pp. 152/159/215

M

Machado (2002) pp. 99/101/107/310

Martinet (1963) p. 72

Martins (2002) p. 97

Matoré (1953)pp. 70/74

Mott (2010) p. 97

Mounin (1968) pp. 35/36

N

Neves (2000) p. 61

Nunes e Abreu (1998) p. 97

P

Petter (2006) p. 35

Platão (1988/2001) pp. 35/36

R

Ribeiro (2009) pp. 102/106

Robins (1983) p. 37

Rodrigues (2002) p. 118

S

Sampaio (1987) pp. 47/103/129/130/132/137/156/159/162/173/176/179/180/190/201/237

Santos Neto (1998) pp. 98/100

Sapir (1969) p. 73

Saussure (1972) p. 49

Seabra (2004) pp. 39/40/72/187

Silveira Bueno (1984) pp. 79/102/117/129/138/145/201

Souza (2004) pp.
132/137/140/141/142/143/146/147/151/154/157/158/161/167/168/175/176/185/194/197/204/
210/216/231/235/241

U

Ullmann (1964) p. 58

V

Vasconcelos (1928) p. 45

Viaro (2011) p. 127

W

Wehling e Wehling (1999) p. 103

Z

Zamariano (2010) pp. 57/58

Zanotto (2006) p. 119